

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

SARAH J. MAAS



TOWER
OF
DAWN

A *Throne of Glass* NOVEL

BLOOMSBURY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Parte Um - A Cidade-Deus

Capítulo 1

Chaol Westfall, antigo capitão da guarda real e agora mão do recém-coroadado Rei de Adarlan, descobrira que odiava um som acima de todos os outros.

Rodas.

Especificamente, o som de rodas sobre as tábuas as quais passara as últimas três semanas navegando pelas águas revoltas de tempestade. E agora o chacoalhar e o barulho sobre os brilhantes pisos de mármore verde e intrincados mosaicos que cobriam o palácio brilhante do Khagan do Continente do Sul em Antica.

Sem nada para fazer além de ficar sentado na cadeira de rodas que ele considerava tanto a sua prisão quanto o seu único meio de ver o mundo, Chaol absorveu os detalhes do palácio empoleirado em uma das incontáveis colinas da capital. Cada peça ali tinha sido levada e construída em homenagem ao poderoso império khagan:

Aqueles pisos verdes polidos em que sua cadeira agora rolava sobre foram talhados de pedreiras no sudoeste do continente. Os pilares vermelhos moldados como poderosas árvores, seus ramos superiores se estendendo através dos tetos abobadados encimando tudo, fazendo parte de um salão de entrada infinito, haviam sido transportados dos desertos ardentes a nordeste.

Os mosaicos que interrompiam o mármore verde foram montados por artesãos de Tigana, outra das cidades prezadas do khagan no extremo sul montanhoso do continente. Cada um retratava uma cena do passado rico, brutal e glorioso do khaganato: os séculos passados com os cavaleiros nômades nas estepes gramadas das terras orientais do continente; o surgimento do primeiro khagan, um senhor da guerra que unificou as tribos dispersas em uma força conquistadora que tomou o continente parte por parte, empunhando astúcia e estratégias brilhantes para forjar um vasto império; e depois as representações dos três séculos seguintes – os vários khagans que expandiram o império, distribuindo a riqueza de uma centena de territórios em todas as terras, construindo inúmeras pontes e estradas para conectá-los, governando o vasto continente com precisão e clareza.

Talvez os mosaicos forneçam uma visão do que Adarlan poderia ter sido, pensou Chaol enquanto os murmúrios da corte reunida flutuavam

entre os pilares esculpidos e as cúpulas douradas à frente. Ou seja, se Adarlan não tivesse sido governado por um homem controlado por um rei demoníaco inclinado a transformar este mundo em uma festa por suas hordas.

Chaol virou a cabeça para olhar para Nesryn, e viu o rosto como pedra atrás dele enquanto empurrava sua cadeira. Somente seus olhos escuros, passando por cada rosto, janela e coluna, revelaram qualquer tipo de interesse na casa do khagan.

Eles tinham guardado o melhor conjunto de roupas para aquele encontro, e o recém-nomeado Capitão da Guarda estava realmente resplandecente em seu uniforme carmesim e dourado. De onde Dorian desenterrara um dos uniformes que Chaol um dia usara com tanto orgulho, ele não tinha ideia.

Ele inicialmente queria vestir preto, simplesmente porque cores... Ele nunca se sentiu confortável com cores, exceto o vermelho e o dourado de seu reino. Mas preto tornara-se a cor dos guardas tomados por valg de Erawan. Eles usavam aqueles uniformes pretos sobre preto e aterrorizaram Forte da fenda. Enquanto circulavam, torturavam e depois matavam seus homens.

Então os fincavam ao longo dos portões do palácio para balançar ao vento.

Ele mal conseguiu olhar para os guardas de Antica por que passavam no caminho para lá, tanto os das ruas quanto os do palácio – orgulhosos e alertas, espadas presas às costas e adagas nas cinturas. Mesmo agora, ele resistiu ao desejo de olhar para onde sabia que eles estariam parados no corredor, exatamente onde ele teria posicionado seus próprios homens. Onde ele mesmo, sem dúvida, estaria de pé, monitorando tudo, enquanto os emissários de um reino estrangeiro chegavam.

Nesryn encontrou seu olhar, os olhos de ébano frios e sem piscar, os cabelos negros na altura dos ombros balançando a cada passo. Nenhum rastro de nervosismo escapava pelo rosto lindo e solene. Sem indícios de que eles estavam prestes a encontrar um dos homens mais poderosos do mundo – um homem que poderia alterar o destino de seu próprio continente na guerra que certamente agora atravessava Adarlan e Terrasen.

Chaol voltou a olhar para frente sem dizer uma palavra. As paredes, pilares e portas arqueadas tinham ouvidos, olhos e bocas, ela o avisara.

Foi apenas esse pensamento que impediu Chaol de se mexer dentro das roupas pelas quais ele havia finalmente decidido: calças marrom

claras, botas de cor castanha até o joelho, uma camisa branca da seda mais fina sobreposta por uma casaca verde petróleo. A casaca era simples o suficiente, seu custo apenas revelado pelas finas fivelas de bronze na frente e pelo vislumbre de um delicado fio de ouro bordado no colarinho e nos punhos. Nenhuma espada pendia do cinto de couro – a ausência desse peso reconfortante era como um membro fantasma.

Ou pernas fantasmas.

Duas tarefas. Ele tinha duas tarefas enquanto estivesse ali, e ainda não tinha certeza de qual seria a mais impossível: convencer o khagan e os seus seis futuros herdeiros a emprestar seus consideráveis exércitos para a guerra contra Erawan... ou encontrar um curandeiro em Torre Cesme que pudesse descobrir uma maneira de fazê-lo andar de novo.

Para – ele pensou com uma pequena onda de desgosto – consertá-lo.

Ele odiava aquela palavra. Quase tanto quanto o ruído das rodas. *Consertar*. Mesmo que fosse o que ele suplicaria aos lendários curandeiros que fizessem por ele, a palavra fez seu estômago revirar.

Ele empurrara a palavra e o pensamento para longe de sua mente enquanto Nesryn seguiu o grupo quase silencioso de criados que os levaram das docas, através das ruas serpenteantes e empoeiradas de Antica, por todo o caminho pela avenida inclinada até os domos e os trinta e seis minaretes do próprio palácio.

Tiras de pano branco – de seda a feltro a linho – estavam pendurados em inúmeras janelas, lanternas e portas. Provavelmente devido a algum oficial ou membro distante da realeza que morrera recentemente, Nesryn murmurara. Os rituais de morte eram variados e, muitas vezes, misturavam-se nos inúmeros reinos e territórios agora governados pelo khaganato, mas o tecido branco era um antigo remanescente dos séculos em que o povo do khagan percorria as estepes e pousava seus mortos para descansar sob o vigilante céu aberto.

A cidade ainda não estava escura enquanto eles passavam por ela, as pessoas ainda se apressavam em roupas de vários estilos, os vendedores ainda gritavam seus produtos, acólitos estavam em templos de madeira ou pedra – todo deus tinha uma casa em Antica, Nesryn explicara – ainda acenavam para aqueles que estavam na rua. Tudo isso, mesmo o palácio, vigiado pela torre brilhante e pálida acima de uma das suas colinas do sul.

A Torre. A torre que abrigava os melhores curandeiros mortais do mundo. Chaol tentou não olhar muito tempo para ela através das

janelas da carruagem, mesmo que a enorme torre pudesse ser vista de quase todas as ruas e esquinas de Antica. Nenhum dos criados a mencionou ou apontou a presença dominante que parecia rivalizar até mesmo com o palácio do khagan.

Não, os criados não haviam dito muito sobre a caminhada até ali, nem mesmo no que dizia respeito às bandeiras de luto que balançavam ao vento seco. Cada um deles permaneceu em silêncio, homens e mulheres, seus cabelos escuros lisos e brilhantes, cada um vestindo calças largas e blusas fluidas cor de cobalto com ouro pálido. Criados domésticos – mas descendentes dos escravos que já haviam pertencido à linhagem do khagan. Até o khagan anterior, um visionário e um ativista, proibiu a escravidão há uma geração como uma de suas inúmeras melhorias para o império. O khagan libertou seus escravos, mas os manteve como criados remunerados – assim como a seus filhos. E agora os filhos de seus filhos.

Nenhum deles parecia subnutrido ou pouco remunerado, e nenhum deles demonstrara um lampejo de medo enquanto escoltavam Chaol e Nesryn do navio para o palácio. O atual khagan, ao que parecia, tratava seus criados bem. Esperançosamente, seu herdeiro não escolhido faria o mesmo.

Ao contrário de Adarlan ou Terrasen, o herdeiro do império era decidido pelo khagan – não por ordem de nascimento ou gênero. Ter tantas crianças quanto possível para oferecer uma ampla gama de escolha era um tanto pretensioso. E a rivalidade entre os filhos da realeza... Era praticamente um esporte sangrento. Tudo destinado a provar aos pais que eram os mais fortes, os mais sábios, os mais adequados para governar.

O khagan era obrigado por lei a ter um documento selado junto a um tesouro escondido e não revelado. Tal documento nomeava o seu herdeiro, caso a morte alcançasse o governante antes que seu sucessor pudesse ser formalmente anunciado. Poderia ser alterado a qualquer momento, mas a lei fora projetada para evitar a única coisa que o khaganato temia desde que o primeiro khagan havia reparado os reinos e territórios deste continente: o colapso. Não por forças externas, mas por conflitos interiores.

O primeiro khagan de muito tempo atrás fora bastante sábio. Nenhuma vez, durante os trezentos anos do khaganato, ocorreu uma guerra civil.

E quando Nesryn o empurrou para além das medidas graciosas dos criados e parou entre duas enormes colunas, a sala de trono se

mostrando exuberante e ornamentada e se abrindo diante deles com suas dezenas de pessoas reunidas ao redor do estrado dourado reluzindo ao sol do meio-dia, Chaol perguntou-se qual das cinco figuras de pé diante do homem sentado no trono seria escolhida um dia para governar este império.

Os únicos sons vinham das roupas das quatro dezenas de pessoas – ele contou no decorrer de poucas piscadas casuais – reunidas ao longo de cada lado daquele estrado reluzente, formando uma parede de seda e carne e joias, uma verdadeira avenida através da qual Nesryn o levou.

Farfalhar de roupas – e o rangido das rodas. Ela as lubrificara esta manhã, mas semanas no mar tinham desgastado o metal. Cada giro e raspagem era como unhas arranhando pedra.

Mas ele manteve a cabeça erguida.

Nesryn parou a uma distância saudável do estrado – da parede de cinco filhos reais, todos em seu auge, homens e mulheres, parados entre eles e seu pai.

A defesa de seu imperador: o primeiro dever do príncipe ou da princesa. A maneira mais fácil de provar sua lealdade, para ser herdeiro. E os cinco diante deles...

Chaol manteve seu rosto neutro enquanto contava novamente. Apenas cinco. Não os seis que Nesryn havia descrito.

Mas ele não examinou o corredor para procurar o irmão real desaparecido enquanto se curvava na cintura. Ele praticara e praticara o movimento na última semana no mar, enquanto o clima ficava mais quente, o ar se tornando seco e abafado de sol. Fazer isso sentado na cadeira ainda parecia antinatural, mas Chaol inclinou-se para baixo – até que estivesse encarando suas pernas que não respondiam e suas botas marrons e os pés que ele não podia sentir, não podia mover.

Pelo farfalhar de roupas à sua esquerda, ele sabia que Nesryn viera ao seu lado e também curvava-se profundamente.

Eles se curvaram durante o tempo de três respirações que Nesryn afirmou serem necessárias.

Chaol usou essas três respirações para se tranquilizar, expulsar o peso do que estava sobre eles. Ele já fora habilidoso em manter uma compostura inabalável. Servira o pai de Dorian por anos, os homens seguiam suas ordens sem piscar. E antes disso, suportou seu próprio pai, cujas palavras tinham sido tão cortantes quanto seus punhos. O verdadeiro e atual Lorde de Anielle.

O *Lorde* agora antecedendo o nome de Chaol era uma zombaria. Uma zombaria e uma mentira que Dorian se recusara a abandonar

apesar dos protestos de Chaol.

Lorde Chaol Westfall, Mão do Rei.

Ele odiava isso. Mais do que o som das rodas. Mais do que o corpo que ele agora não conseguia sentir abaixo dos seus quadris, o corpo cujo silêncio ainda o surpreendia, mesmo após todas essas semanas.

Ele não era senhor de nada. Senhor dos quebradores de juramento. Senhor das mentiras.

E quando Chaol ergueu o tronco e encontrou os olhos curvados para cima do homem de cabelos brancos naquele trono, a pele morena do khagan enrugou em um pequeno sorriso astuto. Chaol se perguntou se o khagan sabia disso também.

Capítulo 2

Havia dois lados dela, pensou Nesryn.

O lado que agora era a Capitã da Guarda Real de Adarlan, e que tinha feito um voto a seu rei para ver o homem na cadeira de rodas ao lado dela ser curado – e reunir um exército do homem sentado no trono diante dela. Aquela parte de Nesryn manteve a cabeça erguida, ombros para trás e as mãos a uma distância não-ameaçadora da espada ornamentada em seu quadril.

Depois, havia o outro lado.

O lado que vislumbrou as torres, minaretes e cúpulas da cidade-deus que atravessaram o horizonte quando eles navegavam, o pilar brilhante da torre orgulhosamente acima de tudo isso, e teve que engolir as lágrimas. O lado que sentiu o cheiro de páprica esfumaçada e um sabor de gengibre crocante e vislumbrou o cominho logo quando desceu nas docas e soube, em seus ossos, que estava em seu *lar*. Sim, ela vivia, servia e morreria por Adarlan, pela família ainda ali, mas esse lugar, onde seu pai já vivera e onde até a mãe nascida em Adarlan se sentia mais à vontade... Este era o povo dela.

As peles em tons variados de marrom e bronz. A abundância daquele cabelo preto brilhante – o cabelo *dela*. Os olhos que variavam de caídos a largos, de redondos a estreitos, em tons de ébano e castanho e até mesmo o avelã e verde. Seu povo. Uma mistura de reinos e territórios, sim, mas... Aqui não havia insultos sibilados nas ruas. Aqui não haveria pedras atiradas por crianças. Aqui os filhos de sua irmã não se sentiriam diferentes. Indesejados.

E aquela parte dela... Apesar de seus ombros estarem eretos e o queixo estar erguido, seus joelhos de fato tremiam para quem – e *o quê* – estava diante dela.

Nesryn não se atreveu a contar a pai aonde e o que ia fazer. Apenas que ela viajara em uma missão solicitada pelo rei de Adarlan e não voltaria por algum tempo.

Seu pai não acreditaria. Nem mesmo Nesryn acreditava direito.

O khagan tinha sido uma história sussurrada diante da lareira nas noites de inverno, as lendas sobre seus descendentes contadas enquanto seu pai sovava grandes massas de pão para a manhã seguinte. As histórias sobre os antigos khagans eram contadas antes de dormir para acalmá-la em um doce sono ou mantê-la acordada a noite toda em um terror profundo.

O khagan era um mito vivo. Tanto de uma divindade quanto os trinta e seis deuses que governaram esta cidade e seu império.

Havia tantos templos para aqueles deuses em Antica como havia tributos para os vários khagans. *Mais* até.

Chamavam o lugar de cidade-deus por isso – e pelo deus vivo sentado no trono de marfim em cima daquele estrado dourado.

Era realmente ouro puro, assim como as lendas sussurradas de seu pai diziam.

E os seis filhos do khagan... Nesryn poderia nomeá-los todos sem a apresentação.

Após a meticulosa pesquisa que Chaol fizera durante a viagem de navio, ela não tinha dúvidas de que ele poderia, também.

Mas não era assim que esse encontro correria.

Ela ensinara ao antigo capitão sobre sua terra natal durante as últimas semanas, e ele instruíra Nesryn sobre o protocolo da corte. Ele raramente estava diretamente envolvido, sim, mas testemunhara o suficiente enquanto servia ao rei.

Um observador do jogo que agora deveria ser um jogador principal. Com as apostas insuportavelmente altas.

Eles aguardaram em silêncio que o khagan falasse.

Ela tentou não admirar enquanto atravessava o palácio. Nunca colocara o pé dentro dele durante suas poucas visitas à Antica ao longo dos anos. Nem o pai, nem o avô, nem nenhum de seus antepassados. Em uma cidade-deus, este era o mais sagrado dos templos. E mais mortal dos labirintos.

O khagan não se moveu em seu trono de marfim.

Um trono mais novo e mais largo, que datava de cem anos atrás – quando o sétimo khagan arrancara o antigo porque seu grande quadril não cabia nele. Ele comera e bebera até a morte, a história afirmava, mas pelo menos teve o bom senso de nomear seu herdeiro antes de agarrar seu peito um dia e cair morto... naquele trono.

Urus, o atual khagan, não tinha mais de sessenta anos, e parecia em condições muito melhores. Embora os cabelos escuros fossem tão brancos quanto seu trono esculpido, embora cicatrizes salpicassem sua pele enrugada como um lembrete de tudo contra o que ele havia lutado por esse trono nos últimos dias da vida de sua mãe... Seus olhos de ônix, delgados e descontrolados, eram brilhantes como estrelas. Cientes e viam tudo.

No topo de sua cabeça nevada não havia coroa. Pois os deuses entre mortais não precisavam de símbolos de sua soberania divina. Atrás dele, faixas de seda branca presas às janelas abertas flutuavam na brisa quente. Enviando os pensamentos do khagan e de sua família para onde a alma do falecido – quem quer que fosse, alguém importante, sem dúvida – já havia se juntado ao eterno céu azul e à terra adormecida que o khagan e todos os seus antepassados ainda honraram em vez do panteão de trinta e seis deuses que seus cidadãos permaneceram livres para adorar.

Ou qualquer outro deus fora dele, se seus territórios fossem recentes o suficiente para não terem incorporado seus deuses no pacote. Tinha que haver vários desses já que, durante as três décadas

de governo, o homem sentado diante deles havia adicionado um punhado de reinos às suas fronteiras.

Um reino para cada anel adornando seus dedos cobertos de cicatrizes, com pedras preciosas brilhando entre eles.

Um guerreiro enfeitado em elegância. Essas mãos deslizaram dos braços de seu trono de marfim – feitos a partir das presas dos poderosos animais que percorriam as pastagens centrais – e se acomodaram no colo, escondidas sob camadas de seda azul bordadas em ouro. Anil, a tintura das terras fumegantes e exuberantes no oeste. De Balruhn, onde os parentes da própria Nesryn se originaram antes que curiosidade e ambição levassem seu bisavô a arrastar sua família por sobre montanhas, pastagens e desertos até a cidade-deus no norte árido.

Os Faliqs haviam sido comerciantes, e de nada particularmente bom. Tecidos simples e bons, especiarias domésticas. Seu tio ainda negociava tais produtos e, através de vários investimentos lucrativos, se tornara um homem moderadamente rico, a família agora morava em uma bela casa nessa mesma cidade. Um degrau de distância de um padeiro – o caminho que seu pai havia escolhido ao deixar essas costas.

— Não é todo o dia que um novo rei envia alguém tão importante para nossas costas — o khagan falou finalmente, usando o idioma deles e não halha, a língua do continente do sul. — Suponho que devemos julgá-lo uma honra.

Seu sotaque era tão parecido com o de seu pai, mas o tom necessitava do calor, do humor. Um homem que fora obedecido durante toda a sua vida e lutou para ganhar sua coroa. E executou dois dos irmãos que se provaram ser perdedores. Os três sobreviventes... um tinha ido para o exílio, e os outros dois juraram fidelidade ao irmão. Ao fazer com que os curandeiros da Torre os tornassem inférteis.

Chaol inclinou a cabeça.

— A honra é minha, Grande khagan.

Não *Majestade* – isto era para reis ou rainhas. Não havia nenhum termo alto ou grande o suficiente para o homem diante deles. Somente o título que o primeiro de seus antepassados carregou: o Grande khagan.

— De vocês. — Disse o Khagan, aqueles olhos escuros agora deslizando para Nesryn. — E quanto a sua companheira?

Nesryn lutou contra o desejo de se curvar novamente. Dorian Havilliard era o oposto desse homem, percebeu. Aelin Galathynius, no entanto... Nesryn se perguntou se a jovem rainha teria mais em comum

com o khagan do que com o rei Havilliard. Ou poderia ter, se Aelin sobrevivesse o bastante. Se ela alcançasse seu trono.

Nesryn empurrou esses pensamentos para baixo quando Chaol olhou para ela, tensionando os ombros. Não pelas palavras, não pela companhia, simplesmente porque sabia que o mero ato de ter que olhar para *cima*, enfrentar este poderoso rei guerreiro naquela cadeira... aquele seria um dia difícil para ele.

Nesryn inclinou ligeiramente a cabeça.

— Eu sou Nesryn Faliq, Capitã da Guarda Real de Adarlan. Como Lorde Westfall já foi antes de o rei Dorian nomeá-lo como sua mão no início deste verão. — Ela agradeceu que os anos passados vivendo em Forte da Fenda tivessem lhe ensinado a não sorrir, não se encolher ou mostrar medo, grata por ter aprendido a manter a voz calma e constante mesmo enquanto seus joelhos tremiam. Nesryn continuou: — Minha família vem daqui, Grande Khagan. Antiga ainda possui uma parte da minha alma. — Ela colocou uma mão sobre seu coração, os finos fios de seu uniforme de ouro e carmesim, as cores do império que faziam sua família muitas vezes se sentir caçada e indesejada. — A honra de estar em seu palácio é a maior da minha vida.

Era, talvez, verdade.

Se ela encontrasse tempo para visitar sua família no silencioso e cheio de jardins bairro Runni – um lar principalmente para comerciantes como seu tio – eles certamente considerariam isso.

O khagan apenas sorriu um pouco.

— Então, permita-me acolhê-la em seu verdadeiro lar, capitã.

Nesryn sentiu, mais do que viu, o cintilar de irritação de Chaol. Ela não estava inteiramente certa sobre o que o desencadeou: a reivindicação em sua terra natal, ou o título oficial que agora passou para ela.

Nesryn inclinou a cabeça novamente em agradecimento.

O khagan voltou novamente a atenção para Chaol.

— Assumirei que esteja aqui para me convencer a me juntar a essa sua guerra.

Chaol respondeu com a mesma tonalidade:

— Estamos aqui a pedido do meu rei. — Uma nota de orgulho veio com essa palavra. — Para começar o que esperamos que seja uma nova era de comércio próspero e paz.

Um dos filhos do khagan – uma jovem com cabelos como noite em movimento e olhos como fogo escuro – trocou um olhar irado com o irmão à esquerda, um homem talvez três anos mais velho.

Hasar e Sartaq, então. Terceira e segundo filhos, respectivamente. Cada um usava calças folgadas semelhantes e túnicas bordadas, com botas de couro finas erguendo-se até os joelhos. Hasar não era uma grande beleza, mas aqueles olhos... A chama que dançava neles enquanto olhava para o irmão mais velho compensava.

E Sartaq – comandante dos cavaleiros ruk de seu pai. Os Rukhin.

A cavalaria aérea do norte de seu povo havia habitado há muito tempo as altas Montanhas Tavan com seus ruks: enormes pássaros em forma de águia, grandes o suficiente para levar gado e cavalos. Sem o peso absoluto e destrutivo das serpentes aladas das bruxas Dentes de Ferro, mais rápidos, ágeis e inteligentes como raposas. As montarias perfeitas para os lendários arqueiros que os levavam para a batalha.

O rosto de Sartaq era solene, seus ombros largos esticados para trás. Um homem talvez tão à vontade em suas roupas finas como Chaol. Ela se perguntou se o seu ruk, Kadara, estava empoleirado em um dos trinta e seis minaretes do palácio, olhando os criados e guardas que se encolhiam, esperando impaciente o retorno de seu mestre.

Se Sartaq estava aqui... Eles deveriam saber, então. Com bastante antecedência. Que ela e Chaol estavam vindo.

O olhar cúmplice que passou entre Sartaq e Hasar contou bastante a Nesryn: eles, pelo menos, haviam discutido as possibilidades dessa visita.

O olhar de Sartaq deslizou de sua irmã para Nesryn.

Ela piscou os olhos. Sua pele morena era mais escura do que a dos outros – talvez por todo o tempo passado no céu e sob a luz do sol – e seus olhos eram de um ébano sólido. Profundos e ilegíveis. Seu cabelo preto permanecia solto, exceto por uma pequena trança que se curvava sobre o arco da orelha. O resto de seus cabelos caía sobre seu peito musculoso, e balançou ligeiramente quando ele deu o que Nesryn julgava ser uma inclinação zombeteira de sua cabeça.

Ralé, um par humilhado. Era o que Adarlan tinha enviado. O antigo capitão ferido, e a atual capitã. Talvez as palavras iniciais do khagan sobre *honra* tivessem sido uma menção velada ao que ele percebeu como insulto.

Nesryn arrastou sua atenção para longe do príncipe, mesmo sentindo o olhar penetrante de Sartaq persistindo como um toque fantasmagórico.

— Nós viemos com presentes de Sua Majestade, o Rei de Adarlan — disse Chaol, e se retorceu em sua cadeira para fazer os criados atrás deles avançarem.

A rainha Georgina e sua corte praticamente assaltaram os cofres reais antes de fugirem para as suas casas nas montanhas na primavera. E o antigo rei havia contrabandeado muito do que restava nos últimos meses. Mas antes de navegarem para cá, Dorian aventurara-se nos muitos cofres abaixo do castelo. Nesryn ainda podia ouvir seu praguejar ecoado, mais sujo do que nunca o ouvira falar, pois eles encontraram pouco mais do que algumas moedas de ouro lá dentro. Aelin, como de costume, tinha um plano.

Nesryn estava parada ao lado de seu novo rei quando Aelin abriu dois baús em suas câmaras. Joias para uma rainha – para uma Rainha dos Assassinos – brilharam lá dentro.

— Tenho fundos suficientes por enquanto — Aelin apenas dissera a Dorian quando ele começou a se opor. — Dê ao khagan um pouco do melhor de Adarlan.

Nas semanas seguintes, Nesryn se perguntou se Aelin estava feliz por se livrar do que comprara com o dinheiro do sangue. As joias de Adarlan, ao que parecia, não iriam para Terrasen.

E agora, enquanto os criados traziam os quatro baús menores – divididos dos dois originais para que parecesse mais, sugeriu Aelin – quando abriram as tampas, a corte silenciosa se aprumou para ver.

Um murmúrio passou por eles ao verem as brilhantes gemas, o ouro e a prata.

— Um presente — declarou Chaol, quando até mesmo o próprio khagan inclinou-se para examinar as pedras. — Do rei Dorian Havilliard de Adarlan, e Aelin Galathynius, Rainha de Terrasen.

Os olhos da princesa Hasar responderam a Chaol à menção do segundo nome.

O príncipe Sartaq apenas olhou de volta para o pai. O filho mais velho, Arghun, franziu a testa para as joias.

Arghun – o político entre eles, amado pelos comerciantes e corretores de poder do continente. Esbelto e alto, era um erudito que não negociava com moedas e *finesse*, mas com conhecimento.

Príncipe dos espiões, era como chamavam Arghun. Enquanto seus dois irmãos se tornaram os melhores guerreiros, Arghun tinha usado sua mente, e agora supervisionava os trinta e seis vizires de seu pai. Então, franziu a testa para o tesouro...

Colares de diamante e rubi. Braceletes de ouro e esmeralda. Brincos – verdadeiros pequenos lustres – de safira e ametista. Anéis exageradamente forjados, alguns coroados com joias tão grandes

quanto o ovo de uma andorinha. Pentes e grampos e broches. Adquiridos com sangue, comprados pelo sangue.

A mais jovem das filhas reais reunidas, uma mulher bem arrumada e alegre, inclinou-se para o baú mais próximo. Um grosso anel de prata com uma safira de tamanho quase obscuro adornava sua mão esbelta, pressionada delicadamente contra a considerável curva de sua barriga.

Talvez seis meses, embora as roupas largas – ela favorecia o roxo e o rosa – e sua leve construção pudessem enganar. Certamente, seu primeiro filho, resultado de seu casamento arranjado com um príncipe de um território ultramarino para o Extremo Oriente, um reino ao sul de Doranelle que ouvira os rumores de sua vizinha rainha feérica e queria garantir a proteção do Império do Sul através do oceano.

Talvez Nesryn e os outros se perguntassem o que fez o khaganato querer expandir seu próprio continente considerável. Ela não se deixou olhar demais para a vida que crescia sob aquela mão adornada.

Pois se um dos irmãos de Duva fosse coroado khagan, a primeira tarefa do novo governante – depois que sua prole fosse suficiente produzida – seria eliminar novos desafiantes para o trono. Começando com os filhos de seus irmãos, se eles desafiassem seu direito de governar.

Ela se perguntou como Duva conseguia suportar. Se ela amava o bebê crescendo em seu ventre, ou se era sábia o suficiente para não permitir tal sentimento. Se o pai desse bebê faria tudo o que pudesse para garantir a segurança dessa criança, se isso acontecesse.

O khagan finalmente recostou em seu trono. Seus filhos se apuraram novamente, a mão de Duva caindo de lado.

— Joias — explicou Chaol — produzidas pelos melhores artesãos adarlanianos.

O khagan tocou um anel citrino com sua própria mão.

— Se vieram de Aelin Galathynius, não tenho dúvidas de que tenham sido.

Um instante de silêncio entre Nesryn e Chaol. Eles sabiam – anteciparam – que o khagan tinha espiões em cada terra, em todos os mares. Que o passado de Aelin poderia ser um pouco difícil de contornar.

— Pois você não é apenas a mão de Adarlan — prosseguiu o khagan — mas também o embaixador de Terrasen, não é?

— De fato, sou — disse Chaol simplesmente.

O khagan levantou-se e seus filhos imediatamente se afastaram para abrir caminho para ele no estrado dourado.

O mais alto deles – forte e talvez com menos controle do que a intensidade silenciosa de Sartaq – observou a multidão como se avaliasse qualquer ameaça. Kashin. O quarto filho.

Se Sartaq comandava os ruks nos céus do norte e centro, Kashin controlava os exércitos em terra. Os soldados da infantaria e os senhores dos cavalos, principalmente. Arghun domina os vizires e Hasar dizia o rumor, fazia com que os exércitos se curvassem para ele. No entanto, havia algo menos polido sobre Kashin, com seu cabelo escuro trançado de volta do rosto amplo. Bonito, sim, mas era como se a vida entre suas tropas o houvesse mudado, e não necessariamente de maneira ruim.

O khagan desceu o estrado, suas vestes de cobalto sussurrando ao longo do chão. E a cada passo sobre o mármore verde, Nesryn percebeu que esse homem realmente havia comandado não apenas os ruks no céu, mas também os cavaleiros, e balançava os exércitos para se juntar a ele. E então, Urus e seu irmão mais velho tinham ido de mãos dadas em combate por ordem de sua mãe, enquanto ela morria de uma doença desconhecida que até a Torre não podia curar. O filho que saísse da batalha se tornaria khagan.

A antiga khagan tinha uma inclinação para o espetáculo. E para essa luta final entre os dois descendentes selecionados, ela os colocou no grande anfiteatro no coração da cidade, as portas se abriram para qualquer um que pudesse entrar e encontrar um assento. As pessoas sentaram-se sobre os arcos e degraus, com milhares amontoados nas ruas que fluíam para a construção de pedra branca. Ruks e seus cavaleiros estavam empoleirados nos pilares que coroavam o nível mais alto, mais rukhin circulando nos céus acima.

Os dois possíveis herdeiros haviam lutado por seis horas.

Não apenas um contra o outro, mas também contra os horrores que sua mãe desencadeara para testá-los: grandes felinos brotaram de gaiolas escondidas sob o chão arenoso; charretes com espinhos de ferro e lançadores de arpão surgiam das profundezas do túnel de entrada e corriam sobre eles.

O pai de Nesryn estava entre a multidão frenética nas ruas, ouvindo os relatórios gritados por aqueles que estavam pendurados nas colunas.

O golpe final não foi um ato de brutalidade ou ódio.

O irmão mais velho do agora khagan, Orda, tinha uma lança cravada em sua lateral graças àquelas charretes. Depois de seis horas de sangrenta batalha e sobrevivência, o golpe o atingira.

E Urus afastara sua espada. O silêncio absoluto havia caído na arena. Silêncio enquanto Urus estendia uma mão ensanguentada ao seu irmão caído – para ajudá-lo.

Orda atacou com uma adaga escondida direto no coração de Urus. Ele errou por centímetros.

E Urus rasgou arrancou aquela adaga, gritou e a mergulhou de volta em seu irmão.

Urus não errou como seu irmão.

Nesryn se perguntou se uma cicatriz ainda marcava o peito do khagan enquanto ele agora caminhava para ela e Chaol e as joias exibidas. Se a khagan anterior chorou em privado por seu filho caído, sabendo que seria morto por aquele que levaria sua coroa em questão de dias. Ou se ela nunca se permitiu amar seus filhos, sabendo o que deveria acontecer com eles.

Urus, khagan do continente do sul, parou diante de Nesryn e Chaol. Ele se elevou sobre Nesryn com os ombros ainda largos, a espinha ainda reta.

Ele se inclinou com apenas um toque de rigidez concedida pela idade para arrancar um colar de diamante e safira do peito. Ele brilhava como um rio vivo em suas mãos adornadas de cicatrizes.

— Meu mais velho, Arghun — falou o khagan, fazendo um movimento com o queixo para o príncipe que acompanhava tudo — recentemente me informou sobre alguns fatos fascinantes sobre a rainha Aelin Ashryver Galathynius.

Nesryn esperou pelo golpe. Chaol apenas manteve o olhar de Urus.

Mas os olhos escuros de khagan – os olhos de Sartaq, ela percebeu – dançaram enquanto dizia a Chaol:

— Uma rainha aos dezenove poderia ser preocupante. Dorian Havilliard ao menos, foi treinado desde o nascimento para suportar sua coroa, para controlar uma corte e um reino. Mas Aelin Galathynius...

O khagan bateu o colar no peito. O golpe foi tão alto como aço sobre pedra.

— Suponho que alguns achem que treinar durante dez anos a tenha tornado uma assassina experiente — disse ele.

Murmúrios voltaram a atravessar a sala do trono. Os olhos incandescentes de Hasar praticamente brilhavam. O rosto de Sartaq não mudou. Talvez uma habilidade aprendida com seu irmão mais velho – cujos espiões tinham que ser habilidosos se tivessem aprendido sobre o passado de Aelin. O próprio Arghun parecia lutar para não abrir um sorriso presunçoso nos lábios.

— Nós podemos estar separados pelo Mar estreito — o khagan falou a Chaol, cujos traços não alteraram muito — mas até mesmo nós ouvimos falar de Celaena Sardothien. Você me traz joias, sem dúvida de sua própria coleção. Joias para *mim*, quando minha filha Duva — um olhar para sua filha grávida e linda, de pé ao lado de Hasar — ainda não recebeu qualquer tipo de presente de casamento de seu novo rei ou rainha retornada, enquanto outros governantes enviaram quase meio ano atrás.

Nesryn escondeu seu estremecimento. Um descuido que poderia ser explicado por tantas verdades — mas não por aquelas que eles ousariam falar, não aqui. Chaol não ofereceu nenhum conforto enquanto permanecia em silêncio.

— Mas — prosseguiu o khagan — independente das joias que agora atira aos meus pés como sacos de grãos, eu preferiria ter a verdade. Especialmente depois que Aelin Galathynius quebrou seu castelo de vidro e assassinou seu antigo rei, além de tomar sua capital.

— Se o príncipe Arghun tem a informação — Chaol falou finalmente com uma frieza implacável — talvez o senhor não precise de mim.

Nesryn sufocou seu descrédito ao desafio, ao tom...

— Talvez não — concordou o khagan, mesmo quando os olhos de Arghun se estreitaram ligeiramente. — Mas penso que *você* gostaria de ter alguma verdade de mim.

Chaol não perguntou. Não pareceu remotamente interessado além do seu:

— É?

Kashin endureceu. O defensor mais feroz de seu pai, então. Arghun apenas trocou olhares com um vizir e sorriu para Chaol como uma víbora pronta para atacar.

— Aqui está porque penso que veio, Lorde Westfall, Mão do Rei.

Somente as gaivotas que se movimentavam acima da cúpula da sala do trono se atreveram a fazer barulho.

O khagan fechou tampa após tampa dos baús.

— Penso que você veio convencer-me a participar da sua guerra. Adarlan foi partida, Terrasen está destituída e, sem dúvida, terá problemas em convencer seus senhores sobreviventes a lutar por uma rainha que não foi posta à prova e durante dez anos se divertiu em Forte da Fenda, comprando joias com dinheiro de sangue. Sua lista de aliados é curta e frágil. As forças de Duque Perrington são qualquer coisa menos isso. Os outros reinos do seu continente estão destruídos e

separados dos seus territórios do norte pelos exércitos de Perrington. Então você chegou aqui, rápido como só os oito ventos podem trazer, e veio me implorar para enviar meus exércitos às suas costas. Para me convencer de derramar nosso sangue em uma causa perdida.

— Alguns podem considerar uma causa nobre — respondeu Chaol.

— Ainda não terminei — disse o khagan, erguendo a mão.

Chaol se irritou, mas não falou novamente. O coração de Nesryn trovejou.

— Muitos argumentariam — disse o khagan, agitando aquela mão levantada em direção a alguns vizires, em direção a Arghun e Hasar — para ficarmos fora dela. Ou, melhor ainda, que nos aliemos com a força que com certeza sairá vitoriosa, com quem o comércio foi lucrativo para nós esses dez anos.

Um movimento dessa mão em direção a outros homens e mulheres nas vestes douradas dos vizires. Em direção a Sartaq, Kashin e Duva.

— Alguns diriam que arriscamos a aliança com Perrington apenas para enfrentar seus exércitos em nossos portos um dia. Que os reinos quebrados de Eyllwe e Charco Lavrado podem voltar a ser ricos sob uma nova ordem, e encher nossos cofres com um bom comércio. Não tenho dúvidas de que você me prometerá que será assim. Você me oferecerá ofertas comerciais exclusivas, provavelmente em sua própria desvantagem. Mas está desesperado, e não há nada que você possua, que eu já não tenha. Que eu não possa tomar se quiser.

Chaol manteve a boca fechada, felizmente. Mesmo que seus olhos castanhos tenham começado a ferver em ameaça silenciosa.

O khagan olhou para o quarto e último baú com pentes e escovas, garrafas ornamentais de perfume feitas pelos melhores artesões de vidro de Adarlan. Os mesmos que construíram o castelo que Aelin quebrara.

— Então, você veio convencer-me a me juntar à sua causa. E que considere a proposta enquanto fica aqui. Veio, sem dúvida, também para outro propósito.

Um movimento daquela mão com cicatrizes e joias em direção à cadeira. A cor manchou as bochechas de bronze de Chaol, mas ele não se encolheu. Nesryn se forçou a fazer o mesmo.

— Arghun me informou que suas lesões são recentes – que aconteceram quando o castelo de vidro explodiu. Parece que a Rainha de Terrasen não foi tão cuidadosa em proteger seus aliados.

Chaol trincou o maxilar ao ver que todos, de príncipes a criados, olhavam para ele com pena.

— Porque suas relações com Doranelle agora são tensas, também graças a Aelin Galathynius, suponho que o único caminho para a cura que continue aberto para você esteja aqui. Na Torre Cesme.

O khagan deu de ombros, o único sinal da irreverente juventude guerreira pela qual passara.

— Minha amada esposa ficará profundamente chateada se eu negasse a um homem ferido uma chance de cura — a imperatriz não estava em nenhum lugar nesta sala, Nesryn percebeu com um sobressalto. — Eu também, é claro, lhe concedo permissão para entrar na Torre. Se os seus curandeiros concordarão em trabalhar com você, será com eles. Mesmo eu não controlo a vontade da Torre.

A Torre. Dominava a fronteira sul de Antica, aninhada no topo da sua colina mais alta com uma visão da cidade que se inclinava em direção ao mar verde. Domínio de seus famosos curandeiros e tributo a Silba, a deusa da cura que os abençoou. Dos trinta e seis deuses que este império recebeu ao longo dos séculos, de religiões próximas e distantes, nesta cidade-deus... Silba reinava incontestavelmente.

Chaol parecia engolir brasas, mas conseguiu curvar sua cabeça.

— Agradeço pela sua generosidade, Grande Khagan.

— Mais tarde, vou informá-los de que você estará pronto amanhã de manhã. Como não pode ir para eles, alguém será enviado para você. Se eles concordarem.

Os dedos de Chaol se deslocaram em seu colo, mas ele não os apertou. Nesryn ainda prendia a respiração.

— Estou à disposição deles — disse-lhe com força.

O khagan fechou o último baú de joias.

— Pode ficar com seus presentes, mão do rei, embaixador de Aelin Galathynius. Não tenho utilidade para eles, e não tenho interesse.

A cabeça de Chaol moveu-se como se alguma coisa no tom de khagan o tivesse esmurrado.

— Por quê?

Nesryn quase não escondeu seu encolhimento. Era mais uma demanda do que qualquer um ousara, a julgar pela raiva surpresa nos olhos de khagan, nos olhares trocados entre seus filhos.

Mas Nesryn pegou a cintilação de outra coisa dentro dos olhos de khagan. Um cansaço.

Algo oleoso deslizou em seu intestino enquanto observava as bandeiras brancas que tremulavam nas janelas por toda a cidade. Quando olhou para os seis herdeiros e contou novamente.

Não seis.

Cinco. Apenas cinco estavam aqui.

Faixas de morte na casa real. Em toda a cidade.

Eles não eram pessoas de luto – não da maneira como estariam em Adarlan, vestindo-se de preto e lamentando-se por meses. Mesmo entre a família real do khagan, a vida se recuperava e prosseguia, seus mortos não eram colocados em catacumbas ou caixões de pedra, mas envoltos em branco e colocados sob os céus abertos de sua reserva sagrada selada nas estepes distantes.

Nesryn olhou a linha de cinco herdeiros, contando. Os cinco mais velhos estavam presentes. E assim que ela percebeu que Tumelun, a mais jovem – quase dezessete anos – não estava lá, o khagan disse a Chaol:

— Seus espiões são de fato inúteis se você não ouviu falar.

Com isso, ele caminhou para o seu trono, deixando Sartaq dar um passo à frente, os olhos sem profundidade do príncipe mais velho, velados de tristeza. Sartaq deu a Nesryn um aceno silencioso. Sim. Sim, suas suspeitas estavam corretas.

A voz sólida e agradável de Sartaq encheu a câmara.

— Nossa amada irmã, Tumelun, morreu inesperadamente há três semanas.

Oh, deuses. Tantas palavras e rituais passados; meramente ir até ali exigir o auxílio na guerra era ruim, desagradável...

Chaol falou no silêncio, encontrando os olhares de cada príncipe e princesa de rosto tenso, e finalmente o próprio khagan de olhos cansados.

— Apresento as minhas mais profundas condolências.

— Que o vento do norte a leve para planícies mais justas — Nesryn desejou.

Apenas Sartaq se preocupou em agradecer, enquanto os outros agora se tornaram frios e duros.

Nesryn lançou a Chaol um olhar silencioso e alerta para não perguntar sobre a morte. Ele leu a expressão em seu rosto e assentiu.

O khagan tocou numa mancha em seu trono de marfim, o silêncio tão pesado quanto um dos casacos que os senhores dos cavalos ainda usavam contra aquele amargo vento do norte sobre as estepes e suas implacáveis selas de madeira.

— Estivemos no mar por três semanas — Chaol tentou oferecer, sua voz mais suave agora.

O khagan não se incomodou em entender.

— Isso também explicaria por que você não conhece as outras notícias, e por que estas joias frias podem ser mais úteis para você. — Os lábios do khagan se abriram em um sorriso sem humor. — Os contatos de Arghun também trouxeram a palavra de um navio esta manhã. Os seus cofres reais em Forte da Fenda não estão mais acessíveis. Duque Perrington e sua série de monstros voadores derrubaram Forte da Fenda.

Silêncio, pulsante e vazio, varreu Nesryn. Ela não tinha certeza se Chaol respirava.

— Não temos notícias da localização do Rei Dorian, mas ele estava lá. Fugiu na mesma noite, se o rumor for verdadeiro. A cidade caiu. Tudo ao sul de Forte da Fenda pertence a Perrington e suas bruxas agora.

Nesryn viu os rostos de suas sobrinhas e sobrinhos primeiro. Então o rosto de sua irmã. Então, seu pai. Viu sua cozinha, a padaria. As tortas de peras todas frias na longa mesa de madeira.

Dorian os deixara. Deixou todos eles para... fazer o quê? Encontrar ajuda? Sobreviver? Correr para Aelin?

A Guarda Real continuou a lutar? Alguém lutou para salvar os inocentes na cidade?

Suas mãos tremiam. Ela não se importava. Não se importava se essas pessoas vestidas com riquezas rissem.

As crianças de sua irmã, as grandes alegrias de sua vida...

Chaol olhava para ela. Nada em seu rosto. Sem devastação, sem choque.

Aquele uniforme carmesim e dourado tornou-se sufocante. Estrangulador.

Bruxas e serpentes aladas. Em sua cidade. Com aqueles dentes e unhas de ferro. Destruindo e sangrando e atormentando. Sua família – sua *família*...

— Pai.

Sartaq avançou mais uma vez. Aqueles olhos de ônix deslizaram entre Nesryn e o khagan.

— Foi uma longa jornada para os nossos hóspedes. Deixemos política de lado — ele falou, lançando um olhar desaprovador para Arghun, que parecia se divertir com a notícia. Ele que a trouxera, deixou o piso de mármore verde se movendo sob suas botas — ainda somos uma nação de hospitalidade. Deixe-os descansar por algumas horas. E então, juntem-se a nós para o jantar.

Hasar chegou ao lado de Sartaq, franzindo o cenho para Arghun enquanto o fazia. Talvez não como reprimenda a seu irmão, mas simplesmente porque Arghun não lhe contara as novidades.

— Não permita que nenhum hóspede passe pela nossa casa e fique sem conforto. — As palavras eram acolhedoras, porém o tom de Hasar era qualquer coisa menos isso.

O seu pai deu um olhar atônito.

— De fato. — Urus acenou uma mão em direção aos criados pelos pilares distantes. — Acompanhe-os até seus quartos. E despache uma mensagem para a Torre para enviar sua melhor... Hafiza, ela virá.

Nesryn quase não ouviu o resto. Se as bruxas tomaram a cidade, então os valq que a infestavam no início deste verão... Não haveria ninguém para lutar contra eles. Ninguém para proteger sua família.

Se tivessem sobrevivido.

Ela não podia respirar. Não podia pensar.

Ela não deveria ter deixado Forte da Fenda. Não deveria ter aceitado esta missão.

Podem estar mortos ou sofrendo. Mortos. Mortos.

Ela não percebeu a criada que veio empurrar a cadeira de Chaol. Mal notou a mão que Chaol esticou para envolver a dela.

Nesryn não se curvou tanto para o khagan enquanto eles saíam.

Não conseguiu parar de ver seus rostos.

As crianças. As crianças sorridentes de sua irmã.

Ela não deveria ter vindo.

Capítulo 3

Nesryn entrara em choque.

E Chaol não podia ir até ela, não conseguia pegá-la em seus braços e mantê-la junto de si.

Não quando ela andara, silenciosa e à deriva como um fantasma para um quarto da generosa suíte aonde tinham sido levados no primeiro andar do palácio e fechou a porta atrás dela. Como se tivesse esquecido que qualquer outra pessoa no mundo existia.

Ele não a culpava.

Chaol deixou a criada, uma jovem de ossos finos e cabelos castanhos que caíam em cachos pesados em sua cintura estreita, o levar para o segundo quarto. A suíte se debruçava sobre um jardim de pomares e fontes borbulhantes, cascatas de flores rosas e roxas que pendiam de plantas ancoradas em vasos na varanda acima. Eles forneciam cortinas vivas em suas portas e janelas do quarto, ele percebeu.

A criada murmurou algo sobre banho, em um sotaque pesado de seu próprio idioma, comparado com a habilidade do khagan e seus filhos. Não era algo que ele pudesse julgar: era apenas fluente em idiomas dentro de seu próprio continente.

Ela deslizou atrás de uma tela de madeira esculpida que, sem dúvida, conduzia a sua câmara de banho, e Chaol olhou através de sua porta do quarto ainda aberta, em frente ao vestíbulo de mármore pálido, até as portas fechadas do quarto de Nesryn.

Eles não deveriam ter deixado Forte da Fenda.

Ele não poderia ter feito nada, mas... Ele sabia o que a falta de notícias faria a Nesryn. O que já estava fazendo com ele.

Dorian não estava morto, disse a si mesmo. Ele tinha fugido. Se tivesse sido capturado por Perrington – Erawan – eles saberiam. Príncipe Arghun teria sabido.

Sua cidade, saqueada pelas bruxas. Ele se perguntou se Manon Bico Negro liderara o ataque.

Chaol tentou e falhou em contar onde as dívidas estavam empilhadas entre eles. Aelin poupou a vida de Manon no templo de Temis, mas Manon lhes havia dado informações vitais sobre Dorian sob a escravidão valg. Isso pagava sua dívida de vida? Ou as tornava aliadas hesitantes?

Era um desperdício esperar que Manon se voltasse contra Morath. Mas ele enviou uma oração silenciosa para qualquer deus que pudesse estar ouvindo para proteger Dorian, guiar seu rei a portos mais amigáveis.

Dorian conseguiria. Ele era muito inteligente, muito talentoso, não pararia. Não havia outra alternativa – nenhuma – que Chaol aceitasse. Dorian estava vivo e seguro. Ou a caminho da segurança. E quando Chaol tivesse um momento, espremeria a informação do príncipe mais velho. De luto ou não. Tudo o que Arghun sabia, ele saberia. E então ele pediria a essa criada que passasse por todos os navios mercantes para conseguir informações sobre o ataque.

Nenhuma palavra – não havia nenhuma palavra sobre Aelin. Onde ela estava agora, o que estava fazendo. Aelin, que poderia muito bem ser o que lhe custou essa aliança. Ele ainda rangia os dentes quando as portas da suíte se abriram e um homem alto e de ombros largos entrou como se fosse dono do lugar.

Chaol supôs que fosse. O príncipe Kashin estava sozinho e desarmado, embora se movesse com a facilidade de uma pessoa confiante na força incansável de seu corpo.

Como, pensou Chaol, ele mesmo já havia andado sobre o palácio em Forte da Fenda.

Chaol abaixou a cabeça em saudação quando o príncipe fechou a porta do corredor e examinou-o. Era uma avaliação do guerreiro, franca e completa. Quando seus olhos castanhos finalmente encaravam os de Chaol, o príncipe disse na língua de Adarlan:

— Ferimentos como o seu não são incomuns aqui, e eu vi muitos deles, especialmente entre as tribos de cavaleiros. O povo da minha família.

Chaol não sentia vontade de discutir seus ferimentos com o príncipe, nem com ninguém, então apenas assentiu.

— Tenho certeza de que viu.

Kashin inclinou a cabeça, examinando Chaol novamente, sua trança escura escorregando por sobre o ombro musculoso. Lendo, talvez, o desejo de Chaol de não começar esta conversa em particular.

— Meu pai certamente deseja que vocês dois se juntem a nós no jantar. E mais do que isso, juntem-se a nós todas as noites seguintes enquanto estiverem aqui. E sentem-se na nossa mesa.

Esse era um pedido estranho de um dignitário visitante, e certamente era uma honra sentar-se na própria mesa do khagan, mas enviar seu filho para fazê-lo... Chaol considerou suas próximas palavras cuidadosamente, então simplesmente escolheu as mais óbvias.

— Por quê?

Certamente, a família desejava manter-se próxima após perder o membro mais novo. Convidar estranhos para se juntar a eles...

O maxilar do príncipe apertou. Não era um homem que costumava esconder suas emoções, como faziam seus três irmãos mais velhos.

— Arghun diz que nosso palácio está seguro de espiões das forças de Duque Perrington, que seus agentes ainda não chegaram. Não faço parte desta crença... E Sartaq... — o príncipe parou, como se não desejasse trazer para a conversa seu irmão ou aliado potencial. Kashin fez uma careta. — Há uma razão pela qual escolhi viver entre soldados. As conversas de dupla interpretação nesta corte...

Chaol estava tentado a dizer que ele entendia. Tinha se sentido assim durante a maior parte de sua vida. Mas ele perguntou:

— Você acha que as forças de Perrington se infiltraram nesta corte?

Quanto sabia Kashin ou Arghun sobre as forças de Perrington – conheciam a verdade sobre o rei valg que usava a pele de Perrington? Ou os exércitos que ele criou, ou era pior do que qualquer imaginação poderia conjurar? Mas essa informação... Ele a manteria para si. Veria se

poderia de alguma forma ser usada, se Arghun e o khagan não soubessem dela.

Kashin esfregou o pescoço.

— Eu não sei se foi Perrington, ou alguém de Terrasen, ou Melisande, ou Wendlyn. Tudo o que sei é que minha irmã está agora morta.

O coração de Chaol tropeçou uma batida. Mas ele ousou perguntar:

— Como aconteceu?

A dor cintilou nos olhos de Kashin.

— Tumelun sempre foi um pouco selvagem, imprudente. Cheia de humor. Um dia, feliz e rindo; no seguinte, distante e sem esperança. Eles... — ele engoliu em seco. — Eles dizem que ela saltou de sua varanda por causa disso. Duva e seu marido a encontraram mais tarde naquela noite.

Qualquer morte em uma família era devastadora, mas um suicídio...

— Sinto muito — Chaol ofereceu em voz baixa.

Kashin sacudiu a cabeça, a luz do sol do jardim dançando em seus cabelos pretos.

— Eu não acredito. Minha Tumelun não teria saltado.

Minha Tumelun. As palavras contavam o suficiente sobre a proximidade do príncipe com a irmã mais nova.

— Você suspeita que foi armado?

— Tudo o que sei é que não importava o humor de Tumelun... Eu a conhecia. Como conheço o meu próprio coração. — Ele colocou uma mão sobre o peito. — Ela não teria saltado.

Chaol considerou suas palavras com atenção mais uma vez.

— Realmente sinto pela perda, mas há algum motivo para suspeitar por que um reino estrangeiro poderia ter feito isso?

Kashin passou alguns passos.

— Ninguém em *nossas* terras seria estúpido o suficiente.

— Bem, ninguém em Terrasen ou Adarlan jamais faria tal coisa — mesmo para manipulá-los nesta guerra.

Kashin o estudou por um batimento cardíaco.

— Mesmo uma rainha que já foi uma assassina?

Chaol não deixou escapar um fio de emoção.

— Assassina ela pode ter sido, mas Aelin tinha limites que não se permitia cruzar. Um deles era ferir crianças.

Kashin parou diante da cômoda recostada contra a parede do jardim, ajustando uma caixa dourada na superfície polida da madeira escura.

— Eu sei. Também li isso nos relatórios do meu irmão. Dei uma olhada em suas mortes. — Chaol poderia jurar que o príncipe estremeceu antes de acrescentar: — Eu acredito em você.

Sem dúvidas por que o príncipe estava tendo essa conversa com ele.

— O que não deixa muitas outras potências estrangeiras que poderiam fazê-lo — Kashin prosseguiu. — E Perrington está no topo da lista.

— Mas porque o alvo seria sua irmã? — perguntou Chaol.

— Eu não sei. — Kashin deu alguns passos. — Ela era jovem e inocente - cavalgava comigo entre os Darghans, o clã de nossa mãe. Ainda não tinha seu próprio *sulde*.

Chaol estreitou as sobrancelhas, o príncipe esclareceu:

— É uma lança que todos os guerreiros Darghan carregam. Nós ligamos fios da crina do nosso cavalo favorecido no cabo, sob a lâmina. Nossos ancestrais acreditavam que, onde esses fios acenavam no vento, nossos destinos nos esperavam. Alguns de nós ainda acreditam nessas coisas, mas mesmo aqueles que pensam que são simples tradições... nós as levamos para todos os lugares. Há um pátio neste palácio onde meu *sulde* e os dos meus irmãos estão plantados para sentir o vento enquanto permanecemos no palácio do nosso pai, ao lado do dele. Mas na morte... — Mais uma vez, aquela sombra de tristeza. — Na morte, eles são o único objeto que nós mantemos. Eles carregam a alma de um guerreiro Darghan para a eternidade, e são plantados no topo de uma estepe em nosso reino sagrado. — O príncipe fechou os olhos. — Agora, sua alma vagará com o vento.

Como Nesryn havia dito antes. Chaol apenas repetiu:

— Eu sinto muito.

Kashin abriu os olhos.

— Alguns dos meus irmãos não acreditam em mim quanto a Tumelun. Alguns sim. Nosso pai... ele permanece indeciso. Nossa mãe nem deixa seu quarto em sua tristeza, e mencionar minhas suspeitas pode... não posso mencioná-las para ela. — Ele esfregou o maxilar forte. — Então convenci meu pai a aceitá-lo em nossas refeições todas as noites, como um gesto de diplomacia. Mas eu gostaria que você assistisse com seus olhos de fora. Para perceber qualquer coisa errada. Talvez você veja algo que não vimos.

Ajudá-los... e talvez receber ajuda em troca.

— Se confia em mim o suficiente para esta tarefa, para me contar tudo isso, então por que não concorda em se juntar a nós nesta guerra?

— Chaol perguntou.

— Não sou eu quem dito ou comando. — Um soldado treinado. Kashin examinou a suíte como se avaliando qualquer inimigo em potencial à espera. — Eu apenas faço quando meu pai dá a ordem.

Se as forças de Perrington já estivessem aqui, se Morath estivesse realmente por trás do assassinato da princesa... Seria muito fácil. Muito fácil convencer o khagan a se aliar com Dorian e Aelin. Perrington – Erawan – era muito mais esperto do que isso.

Mas se o próprio Chaol ganhasse o comandante dos exércitos terrestres de khagan para a causa deles...

— Eu não jogo esses jogos, Lorde Westfall — disse Kashin, lendo tudo o que provocou nos olhos de Chaol. — Meus outros irmãos são aqueles que você deve convencer.

Chaol bateu um dedo no braço da cadeira.

— Algum conselho?

Kashin bufou, sorrindo fracamente.

— Outros vieram antes de você – de reinos muito mais ricos do que os seus. Alguns conseguiram, outros não. — Um olhar para as pernas de Chaol, um lampejo de pena entrando nos olhos do príncipe. Chaol apertou os braços da cadeira com essa pena, de um homem que reconheceu um colega guerreiro. — Desejar boa sorte é tudo o que posso lhe oferecer.

Então o príncipe estava saindo pelas portas, suas pernas longas levando-o para longe.

— Se Perrington tem um espião aqui — Chaol falou quando Kashin chegou às portas da suíte — então você já percebeu que todos neste palácio estão em grave perigo. Deve agir.

Kashin fez uma pausa com a mão na maçaneta esculpida, olhando por cima do ombro.

— Por que acha que pedi assistência a um lorde estrangeiro?

Então o príncipe foi embora, suas palavras suspensas no ar doce e perfumado. O tom não era cruel, não era insultante, mas a franqueza do guerreiro...

Chaol lutou para dominar sua respiração, mesmo quando seus pensamentos giraram. Ele não tinha visto anéis ou colares negros, mas também não estava procurando por eles. Nunca considerara que a sombra de Morath já estivesse tão distante.

Chaol esfregou o peito. Cuidado. Ele precisaria ter cuidado nessa corte. Com o que dissesse publicamente – com o que dissesse também neste quarto.

Chaol ainda olhava para a porta fechada, refletindo sobre tudo o que Kashin deixou implícito, quando a criada surgiu, sua túnica e calças substituídas por um robe da mais fina e mais pura seda amarrada na cintura. Não deixava nada para a imaginação.

Ele reprimiu o desejo de gritar para que Nesryn o ajudasse no lugar dela.

— Apenas lave-me — ele ordenou, com a maior clareza e firmeza possível.

Ela não mostrou nervosismo, nem tremor de hesitação. E ele soube que ela tinha feito isso antes, inúmeras vezes, quando ela apenas perguntou:

— Não sou do seu agrado?

Foi uma pergunta sincera. Ela era bem paga por seus serviços – todos os criados eram. Ela escolheu estar aqui, e outra poderia ser facilmente encontrada sem risco para o status dela.

— É — disse Chaol, apenas meia mentira, recusando-se a deixar seu olhar descer abaixo de seus olhos. — Muito agradável — ele esclareceu. — Mas eu só quero um banho. — Ele acrescentou, apenas para ter certeza: — Nada mais de você.

Ele esperava sua gratidão, mas a criada apenas assentiu com a cabeça, imperturbável. Mesmo com ela, ele precisaria ter cuidado com o que falasse. O que ele e Nesryn poderiam discutir nesses quartos.

Não houve um som ou um movimento atrás das portas fechadas do quarto de Nesryn. E certamente não haveria agora.

Então ele fez um gesto para permitir que a criada empurrasse a cadeira para a câmara de banho, nuvens de vapor ondulando pelo cômodo de azulejos brancos e azuis.

A cadeira deslizou sobre tapete e azulejo, fazendo curvas entre a mobília com pouco esforço. A própria Nesryn encontrara a cadeira nas catacumbas dos curandeiros agora vagas do castelo de Forte da Fenda antes de navegarem para cá. Um dos poucos itens que os curandeiros que fugiram deixaram para trás.

Mais leve e mais elegante que o que ele esperava, as grandes rodas que flanqueavam o assento giravam facilmente, mesmo quando ele usava os pequenos aros para guiá-la sozinho. Ao contrário das muitas cadeiras que ele vira, esta era equipada com duas pequenas rodas dianteiras de cada lado dos apoios de madeira para os pés, cada uma capaz de girar em qualquer direção que ele escolhesse. E agora elas viravam suavemente através do vapor da câmara de banho.

Uma grande piscina escavada preenchia a maior parte da sala de banho, óleos brilhantes na superfície, com pétalas dispersas à deriva. Uma pequena janela, no alto da parede, deixava a mostra a vegetação do jardim, e velas douravam o vapor.

Luxo. Tanto luxo, enquanto sua cidade sofria. Enquanto eles pediam por ajuda que não havia chegado. Dorian teria preferido ficar. Somente a derrota absoluta, nenhuma chance de sobrevivência, o levaria a partir. Chaol imaginou se a magia dele tinha desempenhado qualquer papel. Ajudado qualquer um deles.

Dorian encontraria seu caminho para a segurança, para os aliados. Ele sabia disso em seus ossos, embora seu estômago continuasse a se apertar. Não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar seu rei aqui, salvo por forjar esta aliança. Mesmo que todo instinto gritasse para ele voltar para Adarlan, para encontrar Dorian, ele ficaria em Antica.

Chaol mal percebeu a criada removendo suas botas em puxões eficientes. E embora ele pudesse ter feito isso sozinho, quase não observou quando ela tirou a jaqueta, depois a camisa abaixo. Mas ele finalmente se arrastou de seus pensamentos quando ela começou a remover suas calças – quando ele se inclinou para ajudar, apertando os dentes enquanto trabalhavam juntos em silêncio. Foi só quando ela alcançou sua cueca para retirá-la que ele agarrou seu pulso.

Ele e Nesryn ainda não haviam se tocado. Além de um maldito ataque no navio há três dias, ele não transmitira qualquer tipo de desejo de dar esse passo mais uma vez. Ele queria, porém. Acordou dolorido na maioria das manhãs, especialmente quando compartilharam aquela cama na cabine. Mas o pensamento de ser tão propenso, de não ser capaz de tomá-la do jeito que fizera uma vez. Isso encobria qualquer luxúria. Mesmo que agradecesse que certas partes dele ainda funcionassem indubitavelmente.

— Eu posso entrar sozinho — disse Chaol, e antes que a criada pudesse se mover, ele reuniu força em seus braços e costas e começou a sair da cadeira. Era um processo sem cerimônias, um que ele descobriu durante os longos dias no mar.

Primeiro ele acionou o mecanismo de bloqueio nas rodas, o clique ecoando na pedra e na água. Com alguns movimentos, manobrou-se até a borda da cadeira, depois tirou os pés das placas de madeira e as colocou no chão, inclinando as pernas para a esquerda enquanto fazia isso. Com a mão direita, agarrou a borda do assento enquanto fechava a mão esquerda em um punho e se inclinou para apoiá-la sobre os azulejos frios e molhados de água condensada. Escorregadio...

A criada apenas colocou um pano branco e espesso diante dele, e recuou. Ele lhe deu um sorriso grato, com os lábios cerrados, enquanto apoiava o punho esquerdo no chão, em cima do pano fofo, distribuindo seu peso em todo o braço. Com uma respiração inalada, sua mão direita ainda agarrando a borda de sua cadeira, ele cuidadosamente se abaixou no chão, balançando o traseiro para longe da cadeira enquanto seus joelhos se curvavam sem querer.

Ele pousou com um baque, mas estava no chão, pelo menos – não tinha derrubado a cadeira, como fizera na primeira meia dúzia de vezes que tentou no navio.

Com cuidado, ele se arrastou para a borda da escada da piscina até que pudesse colocar os pés na água morna, logo no segundo degrau. A criada entrou na água um batimento de um coração mais tarde, graciosa como uma garça, seu robe delicado tornando-se tão material quanto orvalho, enquanto a água subia pelo seu comprimento. Suas mãos eram gentis, mas firmes, enquanto ela o segurava pelo braço e o ajudava a sentar-se no próximo degrau da piscina, ficando alto. Então ela o guiava para o próximo e o próximo, até que ele estava sentado com água em seus ombros. Seus olhos se ergueram para os seios cheios erguidos a sua frente.

Ela não pareceu notar. E ele imediatamente desviou o olhar para a janela enquanto ela alcançava a pequena bandeja de suprimentos que deixara perto da borda da piscina. Óleos, escovas e panos de aparência suave. Chaol tirou a cueca quando ela se virou, atirando-a com um som alto e úmido na beira da piscina.

Nesryn ainda não emergira de seu quarto.

Então, Chaol fechou os olhos, submetendo-se aos cuidados da criada e perguntou-se o que diabos ele faria.

Capítulo 4

De todas as salas de Torre Cesme, Yrene Towers amava este melhor.

Talvez fosse porque a sala, localizada no topo da torre de pedra pálida e seu complexo espalhando-se abaixo, tivesse uma vista incomparável do pôr-do-sol sobre Antica.

Talvez fosse porque este fosse o lugar onde sentira o primeiro fragmento de segurança em quase dez anos. O lugar em que ela examinara pela primeira vez a velha mulher agora sentada na mesa com papéis e livros espalhados, e ouviu as palavras que mudaram tudo: *Você é bem-vinda aqui, Yrene Towers.*

Passaram-se mais de dois anos desde então.

Dois anos trabalhando aqui, vivendo aqui, nesta torre e nesta cidade de tantos povos, de tantos alimentos e tanto conhecimento.

Tinha sido tudo o que ela sonhara, e ela havia aproveitado todas as oportunidades, todos os desafios, com ambas as mãos. Estudou e ouviu e praticou e salvou vidas, mudou-as, até que subiu ao topo de sua classe. Até onde uma filha de curandeiro desconhecida de Charco Lavrado era abordada por curandeiros velhos e jovens, que haviam treinado suas vidas inteiras, em busca de seus conselhos e assistência.

A magia ajudou. Magia gloriosa e encantadora que poderia deixá-la sem fôlego ou tão cansada que não conseguia sair da cama por dias. A magia exigia um custo para ambos, curandeiro e paciente. Mas Yrene estava disposta a pagar. Ela nunca se importou com as consequências de uma cura brutal.

Se isso significasse salvar uma vida... Silba lhe concedera um dom – e uma jovem estranha deu-lhe outro presente, aquela última noite em Innish há dois anos. Yrene não tinha planos de esbanjá-lo também.

Ela esperou em silêncio enquanto a mulher esbelta a sua frente terminava de ler algumas mensagens em sua mesa cronicamente bagunçada. Apesar dos melhores esforços dos criados, a antiga mesa de jacarandá era sempre caótica, coberta com fórmulas, feitiços ou frascos com um pouco de tônico.

Havia dois desses frascos na mesa agora, orbes claras sobre pés de prata no formato de pernas de íbis. Sendo purificado pelo sol interminável dentro da torre.

Hafiza, curandeira no alto da Torre Cesme, arrancou um dos frascos, girou seu conteúdo azul pálido, franziu a testa e colocou-o na mesa.

— A maldita coisa sempre demora duas vezes mais do que eu prevejo. — Ela perguntou casualmente, usando o próprio idioma de Yrene: — Por que você acha que é assim?

Yrene inclinou-se para frente na poltrona desgastada ao lado da mesa para estudar o tônico. Cada reunião, cada encontro com Hafiza, era uma lição – uma chance de aprender. Ser desafiada. Yrene levantou o frasco de seu suporte, segurando-o contra a luz dourada do pôr-do-sol enquanto examinava o espesso líquido azul ali dentro.

— Uso?

— Uma garota de dez anos de idade desenvolveu uma tosse seca há seis semanas. Viu o médico, que aconselhou chá com mel, repouso e ar fresco. Ficou melhor por um tempo, mas voltou há uma semana com uma recaída ainda mais forte — disse ela.

Os curandeiros de Torre Cesme eram os melhores do mundo, distinguindo-se apenas dos curandeiros da Torre pelo fato de que eles

não possuíam magia. Eles eram a primeira linha de inspeção para os curandeiros na torre, seus quartéis ocupando o complexo em torno de sua base.

A magia era preciosa, suas demandas dispendiosas o suficiente para que um Alto Curandeiro há alguns séculos tivesse decretado que, se um paciente viesse, o médico deveria inspecionar a pessoa primeiro. Talvez tivesse sido uma manobra política – um osso lançado aos médicos, muitas vezes ignorados por um povo que clamava por todas as curas da magia.

No entanto, magia não podia curar todas as coisas. Não podia deter a morte, nem trazer alguém de volta dela. Ela aprendeu isso constantemente nos últimos dois anos, e mais cedo. E mesmo com os protocolos com os médicos, Yrene ainda – como sempre fazia – encontrava-se caminhando em direção ao som de tosse nas ruas estreitas e inclinadas de Antica.

Yrene inclinou o frasco.

— O tônico pode reagir ao calor. Tem estado quente, mesmo para nós.

Com o final do verão finalmente perto, mesmo depois de dois anos, Yrene ainda não estava completamente acostumada com o calor implacável e seco da cidade-deus. Felizmente, algum engenheiro há muito tempo inventara uma engenhoca – uma espécie de torre captadora de vento colocada no alto dos edifícios que trazia ar fresco para as salas abaixo, alguns trabalhando em paralelo com os poucos canais subterrâneos que serpenteavam sob Antica para transformar o vento quente em brisas frescas. A cidade era salpicada com as pequenas torres, como mil lanças subindo em direção ao céu, desde as pequenas casas feitas de tijolos de barro até as grandes residências abobadadas cheias de pátios sombreados e piscinas de águas transparentes.

Infelizmente, a Torre precedera essa tacada brilhante e, embora os níveis superiores possuíssem uma ventilação inteligente que esfriava as câmaras abaixo, havia muitos dias em que ela desejava que algum arquiteto inteligente apropriasse a Torre com os últimos avanços. Na verdade, com o aumento do calor e os vários incêndios que ocorriam em toda a torre, a sala de Hafiza estava quase sufocante. O que levou Yrene a acrescentar:

— Você poderia colocá-lo em uma câmara inferior – onde é mais frio.

— Mas e se ele precisa de luz solar? — perguntou Hafiza.

Yrene considerou.

— Traga espelhos. Reflita a luz solar através da janela e concentre-a sobre o frasco. Ajuste-os algumas vezes ao dia para combinar com o caminho do sol. A temperatura mais fria e a luz solar mais concentrada podem fazer o tônico ficar pronto mais cedo.

Assentiu, satisfeita. Yrene passara a apreciar aqueles assentimentos, a luz naqueles olhos castanhos.

— Pensamento rápido salva vidas mais frequentemente do que a magia — foi a única resposta de Hafiza.

Ela dissera isso mil vezes antes, geralmente onde Yrene estava envolvida – para seu orgulho eterno – mas Yrene inclinou a cabeça em agradecimento e colocou o frasco de volta em sua posição.

— Então — Hafiza falou, dobrando as mãos sobre a mesa quase reluzente de jacarandá — Eretia me informa que ela acredita que você está pronta para nos deixar.

Yrene se endireitou no assento, a mesma cadeira em que sentara no primeiro dia que escalara os mil degraus até o topo da torre e implorou a admissão. A mendicância tinha sido a menor das suas humilhações naquela reunião, o outro momento foi quando ela atirou a bolsa de ouro na mesa de Hafiza, mostrando que ela não se importava com o custo e que tomasse tudo. Sem perceber que Hafiza não aceitava dinheiro de seus alunos. Não, eles pagavam por sua educação de outras maneiras. Yrene sofreu infinitas indignidades e degradações durante o ano que trabalhou no Porco Branco, mas nunca esteve mais mortificada do que no momento em que Hafiza ordenou que ela devolvesse o dinheiro para aquela bolsa marrom. Agarrando o ouro da mesa como um jogador de cartas lutando para recolher seus ganhos, Yrene havia debatido se pulava ou não das janelas em arco atrás da mesa de Hafiza.

Muito havia mudado desde então. Lá se foram os vestidos simples, o corpo muito magro. Embora Yrene supusesse que as infinitas escadas da Torre houvessem mantido o peso que ganhara com uma alimentação constante e saudável, graças às enormes cozinhas da Torre, os inúmeros mercados repletos de comida, e os restaurantes em cada rua movimentada e sinuosa.

Yrene engoliu uma vez, tentando e não encolher-se diante do rosto da curandeira. Hafiza tinha sido a única pessoa aqui a quem Yrene nunca conseguia ler, nunca antecipava. Ela nunca demonstrou mau temperamento – algo que não podia ser dito sobre muitos dos instrutores aqui, especialmente Eretia – e nunca levantara a voz. Hafiza tinha apenas três expressões: satisfeita, neutra e desapontada. Yrene morria de terror com as duas últimas.

Não por algum castigo. Não havia tal coisa aqui. Sem diminuição da ração, sem dor ameaçando-os. Não como no Porco Branco, onde Nolan teria diminuído seu salário se ela saísse da linha ou se não satisfizesse os clientes, ou se tentasse despejar todas as noites os restos de comida para os ouriços meio selvagens que rondavam as ruas imundas de Innish.

Ela chegou ali pensando que seria mais do mesmo: pessoas que levariam seu dinheiro, que tornariam mais difícil sair. Ela passou um ano trabalhando no Porco Branco devido aos aumentos de Nolan em seu aluguel, à diminuição em seu salário, o corte de suas pequenas gorjetas e o conhecimento de que a maioria das mulheres de Innish trabalhava nas ruas, e seu estabelecimento, nojento como era, era uma alternativa muito melhor.

Ela nunca mais falou consigo mesma – não desde que chegou aqui. Desde que atirara aquele ouro na mesa de Hafiza e estava pronta para fazer tudo, até vender-se, apenas por uma chance de aprender.

Hafiza nem sequer considerou a possibilidade. Seu trabalho estava em oposição direta às pessoas que o faziam, pessoas como Nolan. Yrene ainda lembrava da primeira vez que ouviu Hafiza falar com aquele seu sotaque forte e adorável, quase as mesmas palavras que a mãe de Yrene lhe falava constantemente: eles não cobravam, de estudantes ou pacientes, porque que Silba, a Deusa de Cura, os abençoou de graça.

Em uma terra com tantos deuses que Yrene ainda lutava para mantê-los todos em mente, pelo menos Silba permanecia a mesma.

Mais uma coisa inteligente que o khaganato fizera ao reparar os reinos e territórios durante seus anos de conquista: manter e adaptar os deuses de todos. Incluindo Silba, cujo domínio sobre os curandeiros havia sido estabelecido nestas terras há muito tempo. A história era escrita pelos vencedores, aparentemente. Ou como, Eretia, tutora direta de Yrene, já havia dito a ela. Mesmo os deuses não eram mais imunes à história do que meros mortais.

Mas isso não impediu Yrene de oferecer uma oração a Silba e quaisquer deuses que pudessem estar ouvindo, quando finalmente respondeu:

— Estou pronta, sim.

— Para nos deixar. — Tais palavras simples, oferecidas com esse rosto neutro – tranquilas e pacientes. — Ou você considerou a outra opção que lhe apresentei?

Yrene considerara. Ela pensou nisso sem parar nas duas semanas desde que Hafiza a convocara para este escritório e falou a única

palavra que apertou um punho em torno de seu coração: *fique*.

Fique e aprenda mais – fique e veja o que essa vida incipiente que ela construíra aqui poderia crescer.

Yrene esfregou seu peito como se ainda pudesse sentir aquele aperto semelhante a um torno.

— A guerra está voltando para minha terra novamente – o continente do norte — era assim que eles a chamavam aqui. Yrene engoliu em seco. — Eu quero estar lá para ajudar aqueles que lutam contra o controle do império.

Por fim, depois de tantos anos, uma força estava se recuperando. A própria Adarlan havia sido dividida, se os rumores fossem verdade, por Dorian Havilliard – o filho do rei morto – no norte, e pelo duque Perrington, no sul. Dorian era apoiado por Aelin Galathynius, a rainha há muito perdida agora crescida e com poder e fome vorazes de vingança, a julgar pelo que fizera no castelo de vidro e seu rei. E Perrington, segundo o boato, era apoiado por horrores que surgiram de algum pesadelo sombrio.

Mas se essa fosse a única chance de liberdade para Charco Lavrado...

Yrene estaria lá para ajudar, da maneira que pudesse. Ela ainda podia sentir o cheiro da fumaça tarde da noite ou quando era drenada depois de uma cura difícil. Fumaça daquele fogo que os soldados adarlanianos haviam começado e que queimara sua mãe. Ela ainda ouvia os gritos dela e sentia a textura daquele tronco de árvore sob suas mãos enquanto se escondia na borda da Floresta Carvalho. Enquanto assistia queimarem sua mãe viva. Depois que sua mãe matou aquele soldado para ganhar tempo para Yrene para correr.

Já fazia dez anos. Quase onze. E embora ela tivesse atravessado montanhas e oceanos... havia alguns dias em que Yrene sentiu como se ainda estivesse de pé em Charco Lavrado, sentindo o cheiro daquela fumaça, farpas entrando em suas mãos, assistindo enquanto soldados tiravam suas tochas e queimavam sua casa também.

O chalé que abrigou gerações de curandeiros Towers.

Yrene supôs que fosse apropriado, de alguma forma, ela acabar em uma torre. Com apenas o anel na mão esquerda como prova de que uma vez, durante centenas de anos, existiu uma linhagem de curandeiras prodigamente talentosas no sul de Charco Lavrado. Um anel com que ela agora brincava, a última prova de que a mãe, a mãe de sua mãe e todas as mães antes deles viveram e curaram em paz. Era o primeiro de

apenas dois objetos que Yrene não venderia – mesmo antes de se vender.

Hafiza não respondeu, e então Yrene prosseguiu, o sol afundando mais nas águas cor de jade do porto em toda a cidade:

— Mesmo com a magia agora de volta ao continente do norte, muitos dos curandeiros talvez não tenham o treinamento, se algum tiver sobrevivido em absoluto. Eu poderia salvar muitas vidas.

— A guerra também poderia reivindicar a *sua* vida.

Ela sabia disso. Yrene levantou o queixo.

— Estou ciente dos riscos.

Os olhos escuros de Hafiza suavizaram.

— Sim, sim, você está.

Ela havia saído mortificada daquele primeiro encontro com Curandeira.

Yrene não tinha chorado por anos – não desde aquele dia em que sua mãe se tornara cinzas no vento – e no momento em que Hafiza perguntara sobre os pais de Yrene... ela enterrou o rosto nas mãos e chorou. Hafiza tinha saído daquela mesa e abraçado-a, esfregando suas costas em círculos reconfortantes.

Hafiza costumava fazer isso. Não apenas para Yrene, mas para todos os seus curandeiros, quando as horas eram longas e as costas doloridas e a magia tirava tudo e ainda não era suficiente. Uma presença silenciosa e estável que os suportava, acalmava-os.

Hafiza era o mais perto de uma mãe para Yrene do que qualquer uma já foi durante esses onze anos. E agora a semanas de distância de seus vinte e dois anos, ela duvidava que encontrasse outra como ela.

— Eu fiz os testes — disse Yrene, mesmo que Hafiza soubesse disso. Ela os entregara a Yrene, supervisionando a esmerada semana de testes de conhecimento, habilidade e real prática humana. Yrene tinha certeza de que recebera a nota mais alta de sua classe. Tão perto de uma pontuação perfeita como alguém já conseguira ali. — Estou pronta.

— Realmente, está. E eu ainda me pergunto o quanto você pode aprender em cinco anos, dez anos, se já aprendeu tanto em dois.

Yrene fora habilidosa demais para começar com os acólitos nos níveis mais baixos da Torre. Ela seguia sua mãe desde que tinha idade suficiente para andar e conversar, aprendendo lentamente, ao longo dos anos, como todos os curandeiros da família fizeram. Aos onze anos, Yrene havia aprendido mais do que a maioria em décadas. E mesmo durante o período de anos que se seguiram, onde fingiu ser uma garota comum ao trabalhar na fazenda da prima de sua mãe – a família não

tinha certeza do que realmente fazer com ela, não querendo que soubessem dela quando a guerra e Adarlan podiam destruir tudo o que ela silenciosamente havia praticado.

Mas não muito, não visivelmente. Durante esses anos, vizinhos vendiam vizinhos até mesmo por um sussurro de magia. E mesmo que a magia tivesse desaparecido, levando o dom de Silba com ela, Yrene tivera o cuidado de não parecer mais do que uma parente de fazendeiro simples, cuja avó talvez tivesse lhe ensinado alguns remédios naturais para febres ou dor de parto ou membros torcidos e quebrados.

Em Innish, ela fora capaz de fazer mais, usando dinheiro de seu bolso para comprar ervas, pomadas. Mas muitas vezes não se atrevia, nem com Nolan e Jessa, que a observavam durante dia e noite. Assim, nos dois últimos anos, ela queria aprender o máximo que pudesse. Mas também foi libertador. De anos de sufocamento, de mentiras e de se esconder.

E naquele dia, quando ela se afastou do barco e sentiu sua magia se revolver, sentiu que alcançava um homem que coxeava pela rua... Ela caiu em um estado de choque que não terminou até que ela acabou chorando na mesma cadeira três horas mais tarde.

Yrene suspirou pelo nariz.

— Eu poderia voltar aqui um dia para continuar meus estudos. Mas – com todo o devido respeito, eu *sou* uma curandeira completa agora. — E ela poderia se aventurar aonde seu presente a chamasse.

As sobancelhas brancas de Hafiza ergueram-se contra sua pele morena.

— E quanto ao Príncipe Kashin?

Yrene se mexeu em seu assento.

— O que tem ele?

— Vocês já foram bons amigos uma vez. Ele continua gostando de você, e isso não é algo pequeno para se ignorar.

Yrene lançou um olhar que poucos se atreveriam a dirigir à Alta Curandeira.

— Será que ele interferirá com meus planos de ir embora?

— Ele é um príncipe, e não foi-lhe negado nada, exceto a coroa que cobiça. Ele pode pensar que sua saída não é algo que ele tolere.

O medo chegou através dela, começando em sua coluna vertebral e terminando enrolado profundamente em seu intestino.

— Eu não lhe dei nenhum encorajamento. Deixei meus pensamentos sobre esse assunto perfeitamente claros no ano passado.

Tinha sido um desastre. Ela repassara as coisas que havia dito várias e várias vezes, os momentos entre eles, tudo o que levara àquela terrível conversa naquela grande barraca Darghan em cima das estepes varridas pelo vento.

Começou alguns meses depois de ela ter chegado à Antica, quando um dos criados favoritos de Kashin ficara doente. Para sua surpresa, o próprio príncipe estava na cabeceira do homem, e durante as longas horas em que Yrene curava, a conversa fluía, e ela se encontrou... sorrindo. Ela curou o criado e, ao ir embora naquela noite, foi escoltada pelo próprio Kashin até os portões da Torre. E nos meses que se seguiram, a amizade surgiu entre eles.

Talvez mais livre, mais leve com a amizade que fizera, ela também acabou se aproximando de Hasar, que gostara de Yrene depois de precisar de alguma cura própria. E enquanto Yrene lutara para encontrar companheiros dentro da Torre graças aos horários conflitantes dela e de seus colegas, o príncipe e a princesa se tornaram amigos de fato. Assim como a amante de Hasar, Renia, de rosto doce, tão adorável dentro como por fora.

Eles formavam um grupo estranho, mas... Yrene aproveitava sua companhia, gostava dos jantares para as quais Kashin e Hasar a convidavam, quando Yrene sabia que realmente não tinha motivos para estar lá. Kashin muitas vezes conseguia encontrar uma maneira de sentar ao lado dela, ou perto o suficiente para envolvê-la na conversa. Durante meses, as coisas iam bem, melhor do que bem. E então, Hafiza levou Yrene para as estepes, o lar originário da família khagan, para supervisionar uma cura extenuante. Com Kashin como acompanhante e guia.

A Alta Curandeira examinou Yrene, franzindo a testa um pouco.

— Talvez sua falta de encorajamento o tenha deixado mais ansioso.

Yrene esfregou as sobrancelhas com o polegar e o indicador.

— Nós mal nos falamos desde então. — Era verdade. Embora principalmente devido à recusa de Yrene de ir aos jantares para os quais Hasar e Renia ainda a convidavam.

— O príncipe não parece um homem facilmente dissuadido – certamente não em questões de coração.

Ela sabia disso. Gostou daquilo de Kashin. Até que ele quis algo que ela não podia lhe dar.

Yrene gemeu.

— Eu terei que ir embora como um ladrão na noite, então?

Hasar nunca a perdoaria, embora ela não tivesse dúvidas de que Renia tentaria acalmá-lo e a fazê-lo pensar. Se Hasar era pura chama, então Renia era água corrente.

— Se decidir permanecer, não terá que se preocupar com tais coisas.

Yrene endireitou-se.

— Realmente usaria Kashin como uma maneira de me manter aqui?

Hafiza riu, um pouco de calor surgindo.

— Não. Mas perdoe uma velha por tentar usar quaisquer meios necessários para convencê-la.

Orgulho e culpa brotaram em seu peito. Mas Yrene não disse nada – não tinha resposta.

Voltar ao continente do norte... Ela sabia que não havia ninguém e nem nada para ela.

Nada além de guerra implacável, e aqueles que precisariam de sua ajuda.

Ela nem sabia para onde ir, para onde navegar, como encontrar aqueles exércitos e seus feridos. Ela tinha viajado muito antes, fugira dos inimigos inclinados a matá-la, e pensar em fazer tudo de novo... Ela sabia que alguns a chamariam de louca. Hafiza colocara uma grande oferta diante dela. Ela pensara nessas coisas por muito tempo.

No entanto, nenhum dia se passou sem que Yrene olhasse para o mar ao pé da cidade – olhando para o norte.

A atenção de Yrene, de fato, deslizou da Alta Curandeira para as janelas atrás dela, até o horizonte distante e escurecendo, como se fosse um castelo.

Hafiza disse, um tom mais suave:

— Não há pressa para decidir. As guerras duram muito.

— Mas eu precisarei...

— Há uma tarefa que preciso que você faça primeiro, Yrene.

Yrene se calou naquele tom, à sugestão de comando nela.

Ela olhou para a carta que Hafiza lia quando perguntou:

— Qual?

— Há um convidado no palácio – um convidado especial do khagan. Eu lhe pediria para tratá-lo. Antes de decidir se agora é o momento certo para sair dessas costas, ou se é melhor permanecer.

Yrene inclinou a cabeça. Era raro – muito raro para Hafiza passar um pedido do khagan para outra pessoa.

— Qual é a sua doença? — Palavras comuns, comuns para curandeiros que recebem casos.

— Ele é um homem jovem, com vinte e três anos. Saudável em todos os aspectos, em boas condições físicas. Mas sofreu uma lesão grave na espinha no início deste verão que o deixou paralisado dos quadris para baixo. Ele não consegue sentir nem mover as pernas, e usa uma cadeira de rodas. Estou ignorando o exame inicial dos médicos para apelar diretamente a você.

A mente de Yrene agitou-se. Era um processo complexo e longo curar esse tipo de ferimento. A espinha era quase tão difícil quanto o cérebro. Conectada a ele de perto. Nesse tipo de cura, não era uma questão de deixar sua mágica agir sobre o corpo – não era assim que funcionava. Ele deveria encontrar os lugares e canais certos, descobrir a quantidade correta de magia para exercer. Fazer com que o cérebro voltasse a enviar sinais para a coluna vertebral, descer por aqueles caminhos quebrados; substituir os núcleos danificados. E depois disso... aprender a caminhar novamente. Levaria semanas. Meses, talvez.

— Ele é um jovem ativo — continuou Hafiza. — A lesão é semelhante ao guerreiro que você ajudou no inverno passado, nas estepes.

Ela já havia adivinhado – provavelmente por isso fora chamada. Dois meses para curar o lorde cavaleiro que caiu de sua montaria e feriu a coluna vertebral. Não era uma ferida incomum entre os Darghan, alguns dos quais cavalgavam cavalos e outros que montavam ruks, e eles confiavam há muito tempo nos curandeiros da Torre. Trabalhar no guerreiro tinha sido a primeira vez em que aplicara as lições sobre o assunto, precisamente por que Hafiza a acompanhara até as estepes. Yrene estava bastante confiante de que poderia fazer outra cura por conta própria desta vez, mas foi a maneira como Hafiza olhou para a ela – apenas uma vez – que fez Yrene parar. Fez-lhe perguntar:

— Quem é ele?

— Lorde Chaol Westfall. — Não é um nome do khaganato. Hafiza acrescentou, segurando o olhar de Yrene: — Ele era Capitão da Guarda Real e agora é Mão do novo Rei de Adarlan.

Silêncio.

Yrene ficou em silêncio, em sua cabeça, seu coração. Somente o grito das gaiotas voando acima da Torre e as vozes dos vendedores indo para casa nas ruas escurecendo além das altas paredes do complexo que preenchiam a sala da torre.

— Não.

A palavra saiu de Yrene em uma respiração.

A boca fina de Hafiza apertou.

— Não — disse Yrene novamente. — Eu não vou curá-lo.

Não havia suavidade, nada maternal no rosto de Hafiza, quando ela respondeu:

— Você fez um juramento ao entrar nessas salas.

— Não. — Era tudo em que ela podia pensar para dizer.

— Estou bem ciente do quão difícil pode ser para você...

Suas mãos começaram a tremer.

— Não.

— Por quê?

— A senhora sabe por quê. — As palavras eram um sussurro estrangulado. — A s-s-senhora sabe.

— Se você vir soldados de Adarlan sofrendo nesses campos de batalha, passará por cima deles? — Era a primeira vez que Hafiza era cruel com ela.

Yrene esfregou o anel em seu dedo.

— Se ele foi o Capitão da Guarda do último rei, ele... ele trabalhou para o homem que ... — As palavras caíram e tropeçaram. — Ele recebeu *ordens* dele.

— E agora serve a Dorian Havilliard.

— Que se entregou às riquezas de seu pai – a riqueza do meu povo. Mesmo que Dorian Havilliard não participasse, o fato de ele se *afastar* enquanto aconteceu... — As paredes de pedra pálida a pressionaram, mesmo a torre sólida debaixo delas parecia pesar. — Você sabe o que os homens do rei *fizeram* nesses anos? O que seus exércitos, seus soldados, seus guardas fizeram? E me pede para curar um homem que deu ordens a eles?

— É uma realidade de quem você é – de quem somos. Uma escolha que todos os curandeiros devem fazer.

— E você fez isso muitas vezes? Em seu reino pacífico? — perguntou Yrene.

O rosto de Hafiza escureceu. Não com ira, mas com memória.

— Uma vez eu fui convidada para curar um homem que se feriu quando evitava a captura. Depois de ter cometido um crime tão indescritível... Os guardas me contaram o que ele fez antes de eu entrar na cela. Eles o queriam remendar para poder viver e ser julgado. Sem dúvida, ele seria executado – eles tinham vítimas dispostas a testemunhar e provas em abundância. A própria Eretia viu a última vítima. Sua última. Reuniu todas as provas de que precisava e ficou

naquele tribunal e condenou-o com o que tinha visto. — A garganta de Hafiza balançou. — Eles o acorrentaram naquela cela, e ele estava ferido o suficiente para que eu soubesse... Eu sabia que poderia usar minha magia para piorar o sangramento interno. Eles nunca saberiam. Ele estaria morto de manhã, e ninguém se atreveria a me questionar. — Ela estudou o frasco de tônico azul. — Foi o mais próximo que já estive de matar. Eu queria matá-lo pelo que tinha feito. O mundo seria melhor. Eu estava com as mãos em seu peito – estava pronta para fazer isso. Mas eu lembrei. Lembrei-me do juramento que fiz, e lembrei-me de que me pediram para curá-lo para que ele vivesse, para que a justiça fosse encontrada para as vítimas. E suas famílias. — Ela olhou nos olhos de Yrene. — Não era minha morte para tomar.

— O que aconteceu? — As palavras saíram tremidas.

— Ele tentou se declarar inocente. Mesmo com o que Eretia apresentou, com o que a vítima estava disposta a falar. Era um monstro por completo. Eles o condenaram, e ele foi executado no nascer do sol no dia seguinte.

— A senhora assistiu?

— Não. Voltei para cá. Mas Eretia assistiu. Ela ficou na frente da multidão e esperou até levarem seu cadáver para um carrinho. Ficou pelas vítimas que não puderam assistir. Então voltou para cá, e nós choramos por um longo, longo tempo.

Yrene ficou quieta por alguns segundos, o suficiente para que suas mãos se estabilizassem.

— Então eu devo curar esse homem, assim ele poderá encontrar justiça em outro lugar?

— Você não conhece a história dele, Yrene. Sugiro ouvi-la antes de contemplar tais coisas.

Yrene balançou a cabeça.

— Não haverá justiça para ele – não se ele serviu o rei antigo e ao novo. Não se ele é suficientemente esperto para permanecer no poder. Eu sei como Adarlan funciona.

Hafiza a observou por um longo momento.

— No dia em que você entrou nesta sala, tão terrivelmente magra e coberta com a poeira de uma centena de estradas... Eu nunca tinha sentido tal dom. Olhei para aqueles seus belos olhos, e quase engasguei com o poder que sentia em você.

Desapontamento. Ela sentiu uma nota de decepção na voz da Alta Curandeira.

— Eu pensei em mim mesma — Hafiza prosseguiu. — *Onde essa jovem estava escondida? Que deus cuidou dela, a guiou até a minha porta?* Seu vestido estava em farrapos ao redor de seus tornozelos e, no entanto, você entrou ereta como qualquer senhora nobre. Como se fosse a herdeira da própria Kamala.

Até que Yrene atirara o dinheiro na mesa e desabou momentos depois. Ela duvidava que a Alta Curandeira já tivesse feito tal coisa.

— Até o seu nome de família: Towers. Uma dica sobre a associação de seus ancestrais com a Torre, talvez. Perguntei-me naquele momento se eu finalmente tinha encontrado minha herdeira – minha substituta.

Yrene sentiu as palavras como um golpe no intestino. Hafiza nunca insinuara...

Fique, a Alta Curandeira oferecera. Para não apenas continuar o treinamento, mas também assumir o manto agora colocado diante dela.

Mas nunca tinha sido a ambição de Yrene reivindicar esta sala como sua. Não quando seus olhos sempre iam parar no Mar Estreito. E mesmo agora... era uma honra além das palavras, sim. Mas uma que soava vazia.

— Eu perguntei o que você queria fazer com o conhecimento que eu lhe daria — Hafiza prosseguiu. — Lembra-se do que me respondeu?

Yrene lembrava. Ela não se esqueceu nem por um momento.

— Eu respondi que queria usá-lo para fazer algo de bom para o mundo. Para fazer algo com minha vida inútil e desperdiçada.

As palavras a guiaram nesses anos – juntamente com o bilhete que ela carregava todos os dias, mudando-o de bolso para bolso, nos seus vestidos. Palavras de uma estranha misteriosa, talvez um deus que tivesse usado a pele de uma jovem maltratada, cujo presente de ouro a tinha levado até aqui. A salvado.

— E assim você deve fazer, Yrene — falou Hafiza. — Um dia voltará para casa, e fará o bem, fará maravilhas. Mas antes, peço isso a você. Ajude esse jovem. Você já fez a cura antes – pode fazê-la novamente agora.

— Por que não você?

Ela nunca pareceu tão mal-humorada, então... ingrata.

Hafiza lhe deu um sorriso pequeno e triste.

— Não é minha própria cura que é necessária.

Yrene sabia que a Alta Curandeira também não falava do homem ferido, tampouco. Ela engoliu a secura em sua garganta.

— É uma ferida da alma, Yrene. E deixá-la supurando esses anos... Não posso culpá-la. Mas eu vou responsabilizá-la se você se deixar

entrar em algo pior. E vou chorar por você.

Os lábios de Yrene tremeram, mas ela os pressionou, piscando para afastar a queimação em seus olhos.

— Você passou nos restes, melhor do que qualquer um que tenha galgado esta torre — disse Hafiza suavemente. — Mas permita este ser meu teste pessoal para você. O final. Então, quando decidir ir, poderei despedir-me, mandá-la para a guerra e saber... — Hafiza colocou a mão em seu próprio peito. — Saber que, onde quer que a estrada a leve, por mais escuro que esteja, você estará bem.

Yrene engoliu o pequeno som que tentou sair dela e, em vez disso, olhou para a cidade, suas pedras pálidas resplandecentes com a última luz do pôr-do-sol. Através das janelas abertas atrás da Alta Curandeira, uma brisa noturna com cheiro de lavanda entrou, esfriando o rosto e arruinando a nuvem de cabelos brancos de Hafiza.

Yrene colocou a mão no bolso de seu vestido azul pálido, seus dedos tocando a suavidade familiar do pedaço de pergaminho dobrado. Ela o segurou como costumava fazer quando navegava até aqui durante aquelas primeiras semanas de incerteza, mesmo depois que Hafiza a admitiu, durante as longas horas e dias e momentos difíceis que quase a quebraram enquanto ela treinava.

Um bilhete escrito por uma estranha que salvou sua vida e concedeu sua liberdade em questão de horas. Yrene nunca soubera seu nome, aquela jovem que vestia suas cicatrizes como algumas senhoras vestiam suas melhores joias. A jovem que era uma assassina treinada, mas tinha comprado a educação de um curandeira.

Tantas coisas, tantas coisas boas vieram daquela noite. Yrene às vezes se perguntava se realmente aconteceu – poderia ter acreditado ser um sonho se não fosse pelo bilhete em seu bolso, e o segundo objeto que Yrene nunca vendera, mesmo quando o ouro diminuiu.

O broche ornamentado de ouro e rubi, que valia mais que quarteirões inteiros de Antica.

As cores de Adarlan. Yrene nunca soube de onde a jovem viera, de onde vieram os socos que haviam deixado hematomas persistentes em seu rosto bonito, mas ela falava de Adarlan como Yrene. Como todas as crianças que perderam tudo para Adarlan falavam – aquelas crianças com seus reinos deixados em cinza, sangue e ruína.

Yrene passou o polegar sobre o bilhete, sobre as palavras ali assinadas:

Para onde precisar ir – e mais um pouco. O mundo precisa de mais curandeiros.

Yrene respirou aquela primeira brisa da noite, sentiu o cheiro das especiarias e do sal entrando na Torre.

Ela finalmente olhou de volta para Hafiza, a Alta Curandeira esperava. Paciente.

Yrene se arrependeria se recusasse. Hafiza cederia, mas Yrene sabia que se deixasse para lá, se de alguma forma decidisse permanecer, ela... se arrependeria. Pensaria nisso. Imaginaria se reembolsara a extraordinária bondade que tinha recebido de forma tão má. Imaginaria o que sua mãe teria dito sobre isso.

E mesmo que esse homem tivesse vindo de Adarlan, mesmo que ele estivesse atado àquele massacre...

— Eu vou encontrá-lo. Avaliá-lo — falou Yrene. Sua voz apenas temia ligeiramente. Ela apertou aquele pedaço de papel no bolso. — E depois decidirei se vou curá-lo.

Hafiza considerou.

— É justo o suficiente, garota — ela disse calmamente. — Justo o suficiente.

Yrene soltou um suspiro.

— Quando o vejo?

— Amanhã — Hafiza respondeu, e Yrene estremeceu. — O khagan pediu que vá à câmara de Lorde Westfall amanhã.

Capítulo 5

Chaol mal dormiu. Parcialmente devido ao calor implacável, em parte devido ao fato de que eles estavam numa casa cheia de potenciais aliados, espiões e perigos desconhecidos – talvez da própria Morath – e parcialmente devido ao que aconteceu em Forte da Fenda e tudo o que ele considerava querido.

E parte devido à reunião que ele estava agora a minutos de ter.

Nesryn caminhava com uma agitação pouco característica através da sala de estar que devia ser sua sala de tratamento. Sofás baixos e almofadas enchiam o espaço, o assoalho brilhava, interrompido apenas por tapetes dos tecidos mais espessos e trabalhados – das mãos experientes dos artesãos no oeste, segundo Nesryn. Arte e tesouros do outro lado do império khagan adornavam o espaço, intercalados com

palmeiras em vasos se abrindo no calor, e a luz do sol escorrendo através das janelas e portas do jardim.

Às dez de manhã, a filha mais velha do khagan declarara no jantar da noite passada. Princesa Hasar dos olhos ferozes. Uma linda jovem se sentava ao seu lado, a única pessoa a quem Hasar sorriu. Sua amante ou esposa, a julgar pelos longos e frequente toques.

Havia dureza o suficiente no sorriso perverso de Hasar quando ela transmitiu a Chaol o horário em que a curandeira chegaria que o fez perguntar-se quem, precisamente, eles estavam enviando.

Ele ainda não sabia o que fazer com essas pessoas, esse lugar. Esta cidade de alto ensino, essa mistura de tantas culturas e história, habitando pacificamente. Não eram como os espíritos raivosos e quebrados que habitavam na sombra de Adarlan, vivendo em terror, desconfiando uns dos outros, suportando seus piores crimes.

Eles lhe perguntaram sobre o massacre dos escravos em Calaculla e Endovier no jantar.

Ou especificamente, Arghun perguntou. Se o príncipe estivesse entre os novos recrutas de Chaol para a Guarda Real, teria conseguido facilmente fazê-lo entrar na linha com algumas mostras de habilidade e pura dominação. Mas aqui, ele não tinha autoridade para levar o príncipe conivente e altivo ao chão.

Nem quando Arghun quis saber por que o antigo rei de Adarlan julgara necessário escravizar seu povo. E, em seguida, tratá-los como animais. Por que o homem não olhou para o continente do sul e para a educação acima dos horrores e da mancha da escravidão – e evitara instaurá-la.

Chaol oferecera respostas curtas que se aproximavam da verdade. Sartaq, o único deles além de Kashin a quem Chaol estava inclinado a gostar, finalmente cansou do questionamento de seu irmão mais velho e dirigiu a conversa para longe. Para o que, Chaol não tinha ideia. Ele estava ocupado demais lutando contra o rugido em seus ouvidos sobre as informações afiadas da Arghun. E então muito ocupado monitorando cada rosto – real, vizir ou criado – que fez uma aparição no grande salão do khagan. Sem sinais de anéis ou colares negros; nenhum comportamento estranho para comentar.

Ele havia dado a Kashin um aceno sutil de cabeça em certo momento para transmitir-lhe isso. O príncipe fingiu não ver, mas a advertência acendeu em seus olhos: *continue procurando*.

Então Chaol procurara, prestando somente meia atenção à refeição que se desdobrava diante dele, monitorando cada palavra, olhar e

respiração daqueles ao seu redor.

Apesar da morte da irmã mais nova, os príncipes tornavam a refeição viva, a conversa fluía, principalmente em línguas que Chaol não reconhecia. Tal riqueza de reinos naquele salão, representada por vizires, criados e companheiros – a mais nova e jovem princesa, Duva, se casara com um príncipe de cabelos escuros e olhos tristes de uma terra distante, se mantinha perto de sua esposa grávida e falava pouco com qualquer um ao seu redor. Mas quando Duva sorria suavemente para ele... Chaol não achava que a luz que preenchia o rosto do príncipe fosse fingida. E se perguntou se o silêncio do homem não fosse de reticência, mas que talvez ainda não conhecesse o idioma da esposa para continuar.

Nesryn, no entanto, não tinha tal desculpa. Ela ficou em silêncio e assombrada no jantar. Ele só percebeu que ela se banhara antes disso, graças aos gritos e batidas em seu quarto, seguido de um criado ferido que se mostrava saindo de seus aposentos. O homem não voltou, nem um substituto chegou.

Kadja, a criada designada para Chaol, ajudou-o a se vestir para o jantar, depois se despir para a cama e trouxe café da manhã esta manhã imediatamente após seu despertar.

O khagan certamente sabia como comer bem.

Carnes estranhamente temperadas, tão tenras que soltavam do osso; arroz de várias cores; pães enrolados cobertos em manteiga e alho; vinhos ricos e licores das vinhas e destilarias de todo o seu império. Chaol dispensara esse último, aceitando apenas a taça cerimonial oferecida antes que o khagan fizesse um brinde aos seus novos convidados. Para um pai aflito, foi mais caloroso do que Chaol esperava.

Nesryn, no entanto, tomou um gole de sua bebida, comeu apenas um pouco de sua refeição e esperou um minuto até pedir para retornarem à sua suíte. Ele concordou, claro, mas quando eles fecharam as portas da suíte e perguntou se ela queria conversar, ela havia dito que não. Ela queria dormir e o veria de manhã.

Ele teve a coragem de perguntar a Nesryn se queria compartilhar seu quarto ou o dela.

A porta batendo com força foi ênfase suficiente.

Então, Kadja o ajudou a deitar cama, onde ele se virava e revirava, suando e desejando poder chutar os lençóis em vez de ter que puxá-los com as mãos. Até mesmo a brisa fresca que flutuava através do sistema de ventilação inteligentemente trabalhado – o ar trazido por torres

captadoras de vento entre as cúpulas e construções para resfriar por canais sob o palácio, depois espalhado entre os quartos e salões – não oferecia nenhum alívio.

Ele e Nesryn nunca tinham sido bons em falar. Eles tentaram, geralmente com resultados desastrosos.

Eles fizeram tudo fora de ordem, e Chaol se amaldiçoou uma e outra vez por não estar bem com ela. Por não tentar *ser* melhor.

Ela mal olhou para ele nos últimos dez minutos em que esperavam que a curandeira chegasse. Seu rosto estava abatido, seu cabelo bagunçado sobre os ombros, e não vestiu o uniforme de capitã, voltando a usar sua habitual túnica azul meia-noite e calça preta. Como se não pudesse vestir as cores de Adarlan.

Kadja vestiu-o de novo com a casaca verde petróleo, chegando até a esticar as fivelas pela frente. Havia um orgulho silencioso em seu trabalho, não como a timidez e o medo de tantos criados do castelo em Forte da Fenda.

— Ela está atrasada — murmurou Nesryn. De fato, o relógio de madeira ornamentado no canto anunciava que a curandeira tinha dez minutos de atraso. — Devemos chamar alguém para descobrir se ela vem?

— Dê tempo a ela.

Nesryn parou diante dele, franzindo a testa.

— Precisamos começar imediatamente. Não há tempo a perder.

Chaol respirou fundo.

— Entendo que você queira voltar para casa, para sua família...

— Eu não vou apressá-lo. Mas mesmo um dia faz a diferença.

Ele notou as linhas de tensão que encurvavam sua boca. Forçando-se a parar de contemplar e temer onde Dorian pudesse estar agora tinha sido um esforço de vontade pura nesta manhã.

— Depois que a curandeira chegar, por que você não procura seus parentes na cidade? Talvez tenham ouvido falar da sua família em Forte da Fenda.

Um movimento cortante de sua mão esbelta.

— Eu posso esperar até que você termine.

Chaol levantou as sobrancelhas.

— E andar de um lado para o outro o tempo todo?

Nesryn afundou no sofá mais próximo, a seda dourada suspirando sob seu leve peso.

— Eu vim aqui para ajudá-lo – com isso, e com a nossa causa. Não vou fugir para suprir minhas próprias necessidades.

— E se eu lhe der uma ordem?

Ela apenas balançou a cabeça, sua cortina de cabelo escuro balançando com o movimento.

E antes que ele pudesse dar essa ordem exata, uma batida rápida ecoou na pesada porta de madeira.

Nesryn gritou uma palavra que ele assumiu significasse “entre” em halha, e ele ouviu os passos quando se aproximaram. Silenciosos e leves.

A porta da sala de estar abriu-se sob a pressão de uma mão de cor de mel.

Foi o olhar dela que Chaol percebeu primeiro.

Ela provavelmente parava as pessoas na rua com esses olhos, um marrom dourado vibrante que parecia iluminado de dentro. Seu cabelo castanho com mechas dourado-escuras caía pesadamente, ondulando ligeiramente até sua cintura estreita.

Ela se movia com uma graça ágil, seus pés vestidos com práticos sapatos de tecido preto – rápidos e flexíveis ao atravessar a sala, não percebendo ou não se importando com o mobiliário ornamentado.

Jovem, talvez um ano ou dois a mais que os vinte.

Mas aqueles olhos... eles eram muito mais velhos do que isso.

Ela parou da cadeira de madeira esculpida em frente ao sofá dourado, Nesryn se levantando. A curandeira – pois não havia mais ninguém que pudesse ser, com aquela graça calma, aqueles olhos claros, e aquele vestido de musselina simples e azul pálido – olhou entre eles dois. Ela era um pouco mais baixa do que Nesryn, construída com delicadeza semelhante, apesar de sua estrutura delgada... Ele não olhou longamente para as outras características com as quais a curandeira tinha sido generosamente abençoada.

— Você é de Torre Cesme? — perguntou Nesryn na própria língua de Chaol.

A curandeira apenas olhou para ele. Algo como surpresa e raiva iluminando esses olhos notáveis.

Ela colocou uma mão no bolso do vestido e ele esperou que ela retirasse algo, mas ela permaneceu lá. Como se estivesse agarrando um objeto ali dentro. Não uma fêmea pronta para ser atropelada, mas um veado, que pesa as opções de lutar ou fugir, colocar-se no chão, abaixar a cabeça e atacar.

Chaol manteve seu olhar. Ele treinou muitos jovens durante os anos como capitão – e os tinha levado todos a seguirem-no.

Nesryn perguntou algo em halha, sem dúvida uma repetição de sua pergunta.

Uma cicatriz fina cortava a garganta da curandeira. Talvez três centímetros de comprimento.

Ele sabia que tipo de arma fizera aquela cicatriz. Todas as possibilidades que explodiram em sua cabeça para o que poderia ter acontecido não foram agradáveis.

Nesryn ficou em silêncio, observando-os.

A curandeira apenas se virou, caminhou até a mesa perto das janelas, sentou-se e puxou um pergaminho para ela da pilha arrumada na mesa.

Quem quer que fossem esses curandeiros, o khagan estava certo: eles certamente não responderam ao seu trono. Ou eram concentrados em si mesmos para serem impressionados por qualquer tipo de nobreza e poder.

Ela abriu uma gaveta, encontrou uma caneta de vidro e segurou-a sobre o papel.

— Nome.

Ela não tinha sotaque – ou, ao contrário, o sotaque dessas terras.

— Chaol Westfall.

— Idade.

O sotaque. Era de...

— Charco Lavrado.

Sua caneta estancou.

— Idade.

— Você é de Charco Lavrado?

O que está fazendo aqui, tão longe de casa?

Ela desviou um olhar nada impressionado para ele.

Ele engoliu em seco e respondeu:

— Vinte e três.

Ela rabiscou algo.

— Descreva onde a lesão começa. — Cada palavra era cortante, sua voz, baixa.

Teria sido um insulto ser atribuída ao seu caso? Teria outras coisas a fazer quando fora convocada para cá? Ele pensou novamente no sorriso perverso de Hasar na noite anterior. Talvez a princesa soubesse que essa mulher não era louvada por suas maneiras.

— Qual é o seu nome?

A pergunta veio de Nesryn, cujo rosto estava começando a apertar.

A curandeira acalmou-se enquanto observava Nesryn, piscando como se realmente não a tivesse notado.

— Você... é daqui?

— Meu pai era — respondeu Nesryn. — Ele se mudou para Adarlan, casou com minha mãe, e agora tenho família lá e aqui. — Ela impressionantemente escondeu qualquer vestígio de medo à menção deles quando acrescentou: — Meu nome é Nesryn Faliq. Eu sou o Capitã da Guarda Real de Adarlan.

A surpresa nos olhos da curandeira ficou cautelosa. Mas ela novamente olhou para ele.

Ela sabia quem ele era. O olhar transmitiu – a análise. Ela sabia que já tinha ocupado esse título, e agora era outra coisa. Então, o nome, a idade... as perguntas eram besteira. Ou algum absurdo burocrático. Ele duvidava que fosse o último.

Uma mulher de Charco Lavrado, reunida com dois membros da corte de Adarlan...

Não demorou muito para lê-la. O que viu. De onde a marca em sua garganta poderia ter vindo.

— Se você não quer estar aqui — Chaol falou grosseiramente — então envie outra pessoa.

Nesryn girou para ele.

A curandeira apenas manteve seu olhar fixo.

— Não há mais ninguém para fazer isso.

As palavras não ditas disseram o resto: *Eles enviaram o seu melhor.*

Com essa postura firme e auto-assegurada, ele não duvidou disso. Ela voltou a inclinar a caneta.

— Descreva onde a lesão começa.

Uma batida forte na porta da sala de estar cortou o silêncio. Ele virou, amaldiçoando-se por não ter ouvido a abordagem.

Mas era a princesa Hasar, vestida de verde e dourado e sorrindo como um gato.

— Bom dia, Lorde Westfall. Capitã Faliq. — Com seu cabelo trançado balançando a cada passo, Hasar dirigiu-se à curandeira, que a olhou com uma expressão que Chaol se atreveu a chamar de exasperação e inclinou-se para beijá-la na bochecha. — Você geralmente não é tão mal-humorada, Yrene.

Ali – um nome.

— Eu esqueci meu *kahve* esta manhã. — A bebida grosseira, temperada e amarga com que Chaol engasgara no café da manhã. Um

gosto adquirido, Nesryn dissera quando perguntada sobre isso mais tarde.

A princesa sentou na borda da mesa.

— Você não veio jantar noite passada. Kashin estava mal-humorado sobre isso.

Os ombros de Yrene se tensionaram.

— Eu tive que me preparar.

— Yrene Towers trancando-se na Torre para trabalhar? Eu posso morrer de choque.

Pelo tom da princesa, ele preencheu o suficiente. A melhor curandeira de Torre Cesme tornou-se assim graças a tal ética de trabalho extenuante.

Hasar o olhou.

— Ainda na cadeira?

— A cura leva tempo — Yrene falou suavemente à princesa. Não sem um toque de subserviência ou respeito no tom. — Nós estávamos apenas começando.

— Então você concordou em fazer isso?

Yrene cortou a princesa um brilho afiado.

— Estávamos avaliando as necessidades do lorde — ela fez um movimento com o queixo para as portas. — Devo encontrá-la quando eu terminar?

Nesryn lançou a Chaol um olhar impressionado e cauteloso. Uma curandeira dispensando uma princesa do império mais poderoso do mundo.

Hasar inclinou-se para enrolar os cabelos castanhos dourados de Yrene no dedo.

— Se você não fosse abençoada pela deusa, eu também arrancaria sua língua. — As palavras eram veneno com mel. Yrene apenas ofereceu um sorriso fraco e perplexo antes que Hasar pulasse da mesa e lhe desse uma inclinação zombeteira da cabeça. — Não se preocupe, Lorde Westfall. Yrene curou lesões semelhantes e muito piores do que as suas. Ela é capaz de fazê-lo voltar a caminhar para seu mestre novamente em algum momento.

Com esse amável tiro de despedida, que deixou Nesryn com os olhos arregalados, a princesa desapareceu.

Eles esperaram alguns momentos para se certificar de que ouviram a porta exterior sendo fechada.

— Yrene Towers — foi tudo o que Chaol disse.

— E daí.

Lá se fora a fraca diversão. Bem.

— A falta de movimento começa nos meus quadris.

Os olhos de Yrene se dirigiram para eles, dançando sobre ele.

— Você é capaz de usar sua masculinidade?

Ele tentou não hesitar. Mesmo Nesryn piscou à franca questão.

— Sim — ele disse com força, lutando contra o calor em suas bochechas.

Ela olhou entre eles, avaliando.

— E foi até o fim?

Chaol travou o queixo.

— Como isso é relevante? — E como ela havia descoberto o que estava entre eles?

Yrene apenas escreveu algo.

— O que você está escrevendo? — Ele exigiu, amaldiçoando a condenada cadeira por impedi-lo de ir rapidamente até ela e arrancar o papel de suas mãos.

— Estou escrevendo um gigante *não*.

A qual ela sublinhou então.

Ele rosnou:

— Suponho que você vai perguntar sobre meus hábitos no banheiro agora?

— É o próximo tópico na minha lista.

— Eles são inalterados — ele cuspiu. — A menos que você precise que Nesryn confirme.

Yrene simplesmente se voltou para Nesryn, imperturbável.

— Você o viu lutar com isso?

— *Não* responda — ele grunhiu para Nesryn.

Nesryn teve o bom senso de afundar-se em uma cadeira e permanecer quieta.

Yrene levantou-se, pousou a caneta e deu a volta na mesa. A luz do sol da manhã pegou em seus cabelos, rodeando sua cabeça como uma coroa.

Ela se ajoelhou aos seus pés.

— Você removerá suas botas ou devo fazer isso?

— Eu vou fazer.

Ela se sentou sobre os calcanhares e assistiu-o se mover. Outro teste. Para discernir quão móvel e ágil ele era. O peso de suas pernas, ter que ajustar sua posição constantemente... Chaol apertou os dentes enquanto segurava o joelho, tirando o pé da plataforma de madeira e

inclinando-se para remover a bota em alguns puxões fortes. Quando terminou de tirar a outra, ele perguntou:

— Calças também?

Chaol sabia que ele deveria ser gentil, deveria suplicar para que ela o ajudasse, e ainda assim...

— Depois de uma bebida ou duas, eu acho — disse Yrene. Então olhou por cima do ombro para uma Nesryn perplexa. — Desculpe — ela acrescentou, e soou apenas um pouco menosafiada.

— Por que está se desculpando com ela?

— Suponho que ela tenha o infortúnio de compartilhar sua cama hoje em dia.

Ele se segurou para não pegar os ombros dela e apertá-los com força.

— Já fiz algo para você?

Isso pareceu dar-lhe uma pausa. Yrene apenas arrancou as meias, atirando-as em cima de onde ele descartara as botas.

— Não.

Uma mentira. Ele cheirou e provou.

Mas isso a concentrou, e Chaol observou enquanto Yrene pegava seu pé nas mãos magras. Observou, já que ele não sentiu além do movimento em seus músculos abdominais. Ele não podia dizer se ela estava apertando ou segurando levemente, se suas unhas estavam cravando; não sem olhar. Então olhou.

Um anel adornava seu quarto dedo – uma aliança de casamento.

— Seu marido é daqui? — Ou esposa, ele supôs.

— Eu não sou... — ela piscou, franzindo o cenho para ele. Ela não terminou a frase.

Não era casada, então. O anel de prata era simples, a granada não mais do que uma gota. Provavelmente desgastado para evitar que os homens a incomodassem, como havia visto muitas mulheres nas ruas de Forte da Fenda.

— Consegue sentir isso? — perguntou Yrene. Ela tocava cada dedo.

— Não.

Ela o fez no outro pé.

— E isso?

— Não.

Ele passara por esses exames antes – no castelo, e com Rowan.

— Sua lesão inicial — Nesryn falou, enquanto também se lembrava do príncipe — era por toda a coluna vertebral. Um amigo que tem

algum conhecimento de cura reparou o melhor que podia. Recuperou o movimento na parte superior do corpo, mas não abaixo dos quadris.

— Como foi conseguida – a lesão?

Suas mãos se moviam sobre o pé e o tornozelo, tocando e testando. Como se ela realmente tivesse feito isso antes, como a princesa Hasar comentara.

Chaol não respondeu imediatamente, lembrando daqueles momentos de terror, dor e raiva.

Nesryn abriu a boca, mas ele a interrompeu.

— Eu levei um golpe nas costas enquanto lutava, um golpe mágico.

Os dedos de Yrene estavam levantando as pernas, acariciando e apertando. Ele não sentiu nada disso. Suas sobranceiras concentraram-se.

— Seu amigo deve ter sido um curandeiro dotado se você recuperou tanto movimento.

— Ele fez o que pôde. Então me disse para vir aqui.

Suas mãos empurraram e pressionaram as coxas, e ele observou com um pequeno horror crescente enquanto ela as deslizava cada vez mais alto. Ele estava prestes a perguntar se ela ia ter certeza por si mesma do funcionamento de sua *masculinidade*, mas Yrene levantou a cabeça e encontrou seu olhar.

Por fim, seus olhos eram uma chama dourada. Não como o metal frio de Manon Bico Negro, refletindo um século de violência e instintos predatórios, mas... como uma longa chama na noite de inverno.

— Eu preciso ver suas costas — Yrene falou. Então ela se afastou. — Deite-se na cama mais próxima.

Antes que Chaol pudesse lembrá-la de que não era tão fácil fazer isso, Nesryn se moveu instantaneamente, empurrando-o para o quarto dele. Kadja já havia feito a cama e deixou um buquê de laranjeiras na mesa ao lado. Yrene cheirou o ar – como se fosse desagradável. Ele se absteve de perguntar.

Ele dispensou a ajuda de Nesryn para subir na cama com um aceno de mão. Era baixa o suficiente para ele conseguir sozinho.

Yrene estava na entrada, observando enquanto ele apoiava uma mão no colchão, outra no braço da cadeira, e com um poderoso impulso, colocou-se numa posição sentada na cama. Ele desabotoou cada um dos botões recém-polidos de sua casaca e depois tirou-a para fora. Juntamente com a camisa branca abaixo.

— De barriga para baixo, suponho?

Yrene deu um rápido aceno.

Agarrando os joelhos, fazendo força com o abdômen, puxou as pernas para o colchão enquanto se deitava de costas. Por alguns batimentos cardíacos, sacudiu as pernas. Movimento não controlado, ele percebeu depois da primeira vez que aconteceu semanas atrás. Ele ainda podia sentir aquele peso esmagador no peito depois de ter entendido.

Era um efeito da lesão – que geralmente acontecia se ele se movia por conta própria.

— Espasmos nas pernas são comuns em lesões assim — forneceu o Yrene, observando-os desaparecerem na quietude mais uma vez. — Isso pode acalmar com o tempo. — Ela acenou com uma mão para ele em uma lembrança silenciosa para virar de barriga para baixo.

Chaol não disse nada quando se sentou para colocar um tornozelo sobre o outro, deitar de novo sobre as costas e depois se virou, as pernas seguindo o exemplo.

Se ela estava impressionada com o fato de ele ter recuperado as manobras com tanta rapidez, ela não deixou transparecer.

Nem levantou uma sobrancelha.

Dobrando as mãos sob o queixo, ele olhou por cima do ombro e a observou se aproximar, observou o movimento de Nesryn ao sentar-se quando a mulher começou a andar novamente.

Ele examinou Yrene em busca de qualquer tipo de magia cintilante. Como seria, ele não tinha a mínima ideia. Dorian era gelo e vento e luz; Aelin era uma furiosa chama de fogo, mas cura mágica... Era algo externo, algo tangível? Ou algo que apenas seus ossos e sangue pudessem testemunhar?

Ele já se recusara esse tipo de perguntas – talvez uma vez tivesse se recusado à ideia de permitir que a magia o tocasse. Mas o homem que tinha feito essas coisas, temia essas coisas... Ele estava feliz em deixá-lo na ruína quebrada do castelo de vidro.

Yrene ficou sobre ele por um momento, examinando suas costas.

Suas mãos eram tão quentes quanto o sol da manhã, quando colocou as palmas na pele entre os ombros.

— Você foi atingido aqui — ela observou calmamente.

Havia uma marca. Uma palidez fraca e salpicada em sua pele onde o golpe do rei o atingira. Dorian havia lhe mostrado usando um truque com dois espelhos de mão antes de partir.

— Sim.

Suas mãos seguiram pelo sulco da coluna vertebral.

— Ele rasgou-o aqui, triturando e cortando. — As palavras não eram para ele, mas como se ela estivesse falando sozinha, perdida em transe.

Ele lutou contra a memória dessa dor, o entorpecimento e o esquecimento que convocou.

— Você pode dizer isso? — perguntou Nesryn.

— A minha magia me diz. — A mão de Yrene ficou paralisada no meio de suas costas, empurrando e cutucando. — Foi um poder terrível – o que o atingiu.

— Sim — foi tudo o que ele disse.

Suas mãos foram descendo mais e mais, até que empurraram a cintura de suas calças alguns centímetros para baixo. Ele sibilou através de seus dentes e olhou por cima de seu ombro nu.

— Um pequeno aviso.

Yrene o ignorou e tocou a parte mais baixa de suas costas. Ele não sentiu isso. Ela passou os dedos por sua espinha como se contasse as vértebras.

— Aqui?

— Posso senti-la — disse Chaol.

Ela recuou.

— Aqui?

Nada.

Seu rosto ficou sério, como se ela estivesse fazendo uma nota mental da localização. Ela começou nas bordas externas de suas costas, rastejando, perguntando onde ele parava de sentir seu toque. Ela pegou o pescoço e a cabeça dele em suas mãos, torcendo-os de um lado para o outro, testando e avaliando.

Finalmente, ordenou que ele se movesse. Não se levantar, mas virar-se para cima.

Chaol olhou para o teto arqueado e pintado enquanto Yrene mexia e cutucava seu peito, os músculos do abdômen, e ao longo de suas costelas. Ela alcançou o feixe dos músculos que levavam sob suas calças, continuou a descer e ele exigiu:

— Sério?

Yrene lançou-lhe um olhar incrédulo.

— Há algo que esteja particularmente envergonhado que eu veja?

Oh, ela certamente teria uma briga, esta Yrene Towers de Charco Lavrado. Chaol manteve seu olhar fixo, o desafio nele.

Yrene apenas bufou.

— Eu tinha esquecido que os homens do continente do norte são tão corretos e comedidos.

— E aqui não são?

— Não. Os corpos são celebrados, sem vergonha para esconder, homens e mulheres, ambos.

Isso explicaria a criada que não tinha pudores sobre tais coisas.

— Eles pareciam muito vestidos para o jantar.

— Espere até as festas — respondeu Yrene friamente. Mas ela levantou as mãos da cintura já baixa de suas calças. — Se não notou nenhum problema externa ou internamente com sua masculinidade, então não preciso olhar.

Ele empurrou para longe a sensação de que ele tinha cerca de treze anos e tentava falar com uma garota bonita pela primeira vez e terminou:

— Tudo bem.

Yrene deu um passo para trás e entregou-lhe a camisa. Ele sentou-se, braços e músculos abdominais esticando-se, e vestiu-a.

— E? — perguntou Nesryn, seguindo-os.

Yrene brincou com uma onda pesada e solta de seus cabelos.

— Eu preciso pensar, falar com minha superior.

— Pensei que você fosse a melhor — Nesryn falou cuidadosamente.

— Eu sou uma dos muitos que são habilidosos — admitiu Yrene. — Mas a Alta Curandeira me atribuiu a este caso. Eu gostaria de falar com ela primeiro.

— É ruim? — Nesryn exigiu. Ele estava agradecido por ela ter feito isso - ele não tinha coragem.

Yrene apenas olhou para ele, seu olhar franco e sem medo.

— Você sabe que é ruim.

— Mas você pode ajudá-lo? — Nesryn insistiu, com mais força desta vez.

— Eu curei essas feridas antes, mas isso... isso precisa ser visto — disse Yrene, encontrando seu olhar agora.

— Quando - quando você saberá? — perguntou Nesryn.

— Quando eu tiver tempo de pensar.

Para decidir, Chaol percebeu. Ela queria decidir se o ajudaria.

Ele segurou o olhar de Yrene novamente, deixando-a ver que ele, pelo menos, entendeu. Ele estava contente por Nesryn não ter entendido a ideia. Tinha a sensação de que Yrene se veria com o rosto pressionado contra a parede se ela percebesse.

Mas para Nesryn... os curandeiros eram irrepreensíveis. Sagrados como um dos deuses aqui. Sua ética inquestionável.

— Quando você voltará? — perguntou Nesryn.

Nunca, ele quase respondeu.

Yrene passou as mãos nos bolsos.

— Eu avisarei — foi tudo o que ela disse, e saiu.

Nesryn olhou para ela e esfregou o rosto.

Chaol não disse nada.

Mas Nesryn endireitou-se e depois correu para a sala de estar. Pegou um papel e então...

Nesryn parou na entrada de seu quarto, com as sobrancelhas cruzadas, o papel de Yrene nas mãos. Ela entregou para ele.

— O que isso sequer significa?

Havia quatro nomes escritos no papel, sua escrita em bagunça.

Olgia.

Marte.

Rosana.

Josefin.

Era o nome final que havia sido escrito várias vezes.

O nome final que tinha sido sublinhado, uma e outra vez.

Josefin. Josefin. Josefin.

— Talvez eles sejam outros curandeiros na Torre que possam ajudar — ele mentiu. — Talvez ela temesse que os espiões ouvissem a sugestão de outra pessoa.

A boca de Nesryn se curvou para o lado.

— Vamos ver o que ela diz — quando retornar. Pelo menos sabemos que Hasar pode rastreá-la, se necessário. — Ou Kashin, cujo nome tinha feito a curandeira hesitar. Não que ele fosse obrigar Yrene a trabalhar com ele, mas... era uma informação útil.

Chaol estudou o papel novamente. O fervoroso sublinhado desse último nome.

Como se houvesse necessidade de se lembrar enquanto estava aqui. Na presença dele. Como se ela precisasse que seja lá quem fossem, eles soubessem que ela se lembrava deles.

Ele conhecera outra talentosa jovem curandeira de Charco Lavrado. Seu rei a amava o suficiente para considerar fugir com ela, buscar uma vida melhor para eles. Chaol sabia o que acontecera em Charco Lavrado

durante a sua juventude. Sabia o que Sorscha suportara lá – e o que havia sofrido em Forte da Fenda.

Ele atravessou as pastagens cicatrizadas de Charco Lavrado ao longo dos anos. Tinha visto as cinzas e casas de pedra abandonadas, seus telhados de colmo há muito tempo desaparecidos. Proprietários escravizados, mortos ou fugitivos em outro lugar. Distantes.

Chaol percebeu enquanto segurava aquele pedaço de papel, que Yrene Towers não voltaria.

Capítulo 6

Ela sabia sua idade, mas Yrene não esperava que o ex-capitão fosse assim... jovem.

Ela não tinha feito as contas até que entrou naquele quarto e viu seu rosto bonito, uma mistura de cautela e esperança escrita em todos os músculos endurecidos e grandes.

Foi essa esperança que a fez ficar vermelha. Tinha feito grande esforço para não dar-lhe uma cicatriz correspondente àquela que cortava sua bochecha.

Ela não foi profissional no sentido mais horrível. Jamais fora tão grosseira e cruel com alguns de seus pacientes.

Felizmente, Hasar chegou, esfriando ligeiramente a cabeça. Mas tocar o homem, pensar em maneiras de ajudá-lo...

Ela não pretendia escrever a lista das últimas quatro gerações de mulheres das Towers. Não pretendia escrever o nome da mãe repetidamente ao pretender gravar suas informações. Não ajudou com o esmagador rugido em sua cabeça.

Suando e empoeirada, Yrene explodiu no escritório de Hafiza quase uma hora depois, a caminhada do palácio através das ruas estreitas, depois a subida pelos intermináveis degraus até ali levando uma eternidade.

Ela tinha chegado atrasada – esse tinha sido o primeiro momento verdadeiramente não profissional. Ela nunca chegara atrasada para uma consulta. No entanto, às dez horas, ela se encontrou em uma alcova do corredor do lado de fora do quarto, esfregando o rosto, lutando para respirar.

Ele não era o bruto que ela esperava.

Ele falava bem, mais senhor do que soldado. Embora seu corpo tenha certamente pertencido ao último. Ela tinha remendado e curado guerreiros favoritos do khagan o suficiente para conhecer a sensação de músculo debaixo de seus dedos. As cicatrizes que cobriam a pele bronzeada de Lorde Westfall falavam muito sobre como os músculos haviam sido ganhos da maneira mais difícil. E agora o ajudavam a manobrar o mundo com a cadeira.

E a lesão na espinha...

Quando Yrene parou no limiar do escritório da Alta Curandeira, Hafiza ergueu os olhos de onde sentava ao lado de um acólito.

— Preciso trocar algumas palavras — Yrene disse com força, uma das mãos segurando o batente da porta.

— Você terá um momento quando terminarmos — Hafiza simplesmente respondeu, entregando um lenço à menina.

Alguns curandeiros homens existiam, mas a maioria dos que recebiam o dom de Silba eram do sexo feminino. E essa menina, provavelmente com não mais do que catorze anos... Yrene trabalhava na fazenda de seu primo naquela idade. Sonhando em estar aqui. Certamente não chorando com ninguém sobre o seu peso demais na vida.

Mas Yrene saiu, fechando a porta atrás dela e esperando contra a parede no corredor estreito. Havia duas outras portas aqui: uma fechada que levava à oficina pessoal de Hafiza e a porta que levava ao quarto da Alta Curandeira; a primeira porta esculpido com uma coruja pronta para voar, a última com uma coruja em repouso. O símbolo de Silba. Estava em toda parte na torre – corujas esculpidas e gravadas em pedra e madeira, às vezes em lugares inesperados e com pequenas expressões tolas, como se algum acólito lá há muito tempo as tivesse gravado como uma piada secreta. Mas a coruja na oficina particular da Alta Curandeira...

Embora estivesse empoleirada em um ramo de ferro enrugado atravessando a própria porta, suas asas abaixadas enquanto se preparava para pular nos céus, ela parecia... alerta. Consciente de todos aqueles que atravessaram essa porta, aqueles que encaravam a porta da oficina por tempo demais. Ninguém além de Hafiza possuía a chave, transmitida por seu antecessor. Conhecimento e dispositivos antigos, meio esquecidos ou conhecidos, os acólitos sussurraram – coisas antinaturais que estavam melhor trancadas do que soltas no mundo.

Yrene sempre riu de suas palavras sussurradas, mas não lhes disse que ela e outros poucos selecionados tiveram o prazer de se juntar a Hafiza naquela oficina, que, apesar da grande idade de algumas ferramentas e móveis, não valia a pena fofocar sobre. Mas o mistério da oficina da Alta Curandeira persistia, como provavelmente havia feito por séculos – ainda outro mito bem-amado da Torre, passado de acólito para acólito.

Yrene abanou o rosto, sem ar pela subida e pelo calor. Ela inclinou a cabeça para trás contra a pedra fresca, e novamente sentiu o pedaço de papel no bolso. Ela se perguntou se o lorde notara quantas vezes ela pegara o bilhete daquela estranha. Se ele pensava que ela buscava uma arma. Ele tinha visto tudo, estava ciente de cada respiração dela.

Um homem treinado para isso. Tinha que ser, se servira ao rei morto. Assim como Nesryn Faliq, uma filha deste continente, agora servindo o rei de um território que não tratara bem os estrangeiros.

Yrene não conseguia entender isso. Havia algum vínculo romântico, sabia tanto pela tensão quanto pelo conforto entre eles. Mas até que ponto... Não importava. Salvo pela cura emocional que o lorde também precisaria. Um homem não costumava expressar seus sentimentos, seus medos e esperanças e dores – alguns sendo óbvios.

A porta do escritório de Hafiza se abriu finalmente e a acólita surgiu, sorrindo com desculpas para Yrene, com nariz vermelho e olhos vidrados.

Yrene suspirou pelo nariz e ofereceu um sorriso de volta. Ela não era a pessoa que acabara de entrar no escritório. Não, até ocupada como estava, Yrene sempre separava tempo para os acólitos, principalmente os que tinham saudades de casa.

Ninguém se sentou ao lado dela no salão durante aqueles primeiros dias.

Yrene ainda lembrava daquelas refeições solitárias. Lembrou-se que tinha chorado depois de dois dias e começou a levar sua comida para a vasta biblioteca de curandeiros no subterrâneo, escondendo-se

dos bibliotecários rígidos que proibiam tais coisas, com apenas uma ocasional coruja esculpida como companhia.

Yrene retornara ao salão e tinha conhecimento suficiente para ter a perspectiva de encontrar o lugar menos assustador, rostos familiares e sorridentes dando-lhe coragem suficiente para deixar a biblioteca e seus gatos enigmáticos atrás de qualquer coisa além de pesquisa.

Yrene tocou a menina no ombro e sussurrou:

— Cook fez biscoitos de amêndoa esta manhã. Senti o cheiro deles quando passei pelo corredor. Diga a ela que quero seis, mas pegue quatro deles para você. — Ela piscou para a garota. — Deixe os outros dois para mim no meu quarto.

A menina sorriu, concordando a cabeça. Cook foi talvez a primeira amiga de Yrene na Torre. Ela vira Yrene comendo sozinha e começara a colocar doces extras em sua bandeja. Deixando-os em seu quarto. Mesmo em seu local secreto favorito na biblioteca. Yrene pagara Cook no ano anterior, ao salvar sua neta de uma doença insidiosa do pulmão que se arrastara sobre ela. Cook ainda ficava chorosa sempre que elas se encontravam, e Yrene fazia questão de passar pela casa da menina ao menos uma vez por mês para verificá-la.

Quando fosse embora, ela teria que pedir a alguém para cuidar da garota. Separar-se da vida que construiu... seria uma tarefa difícil. E vinha com uma pequena quantidade de culpa.

Yrene observou a menina descer pela escadaria em espiral, depois respirou profundamente e entrou no escritório de Hafiza.

— O jovem lorde caminhará novamente? — Hafiza perguntou como saudação, sobranceiras brancas altas na testa.

Yrene deslizou para sua poltrona habitual, o assento ainda quente da garota que acabava de desocupá-lo.

— Sim. A lesão é quase gêmea a que curei no inverno passado, mas será complicado.

— Em relação à cura ou a você?

Yrene corou.

— Eu me comportei mal...

— Isso era de se esperar.

Yrene limpou o suor de sua testa.

— Estou com vergonha de dizer quão mal.

— Então não diga. Melhore na próxima vez, e consideraremos esta outra lição.

Yrene se recostou na poltrona, esticando as pernas doloridas no tapete desgastado. Não importava como os empregados de Hafiza

implorassem, ela se recusava a mudar o tapete vermelho e verde. Ele tinha sido bom o suficiente para os últimos cinco de seus predecessores, e ela era boa o suficiente para ele.

Yrene inclinou a cabeça contra o encosto macio da poltrona, olhando o dia sem nuvens além das janelas abertas.

— Acho que posso curá-lo — ela falou, mais para si mesma do que Hafiza. — Se ele cooperar, eu poderia fazê-lo andar novamente.

— E ele cooperará?

— Eu não fui a única que se comportou mal — disse ela. — Embora ele seja de Adarlan – pode ser de sua natureza.

Hafiza deu uma risada.

— Quando você voltará a encontrá-lo?

Yrene hesitou.

— Você vai voltar, não vai? — Hafiza pressionou.

Yrene mexeu nos fios do braço da poltrona.

— Foi difícil olhar para ele, ouvir seu sotaque e... — Ela acalmou sua mão. — Mas você está certa. Eu terei que... tentar. Se assim for, Adarlan nunca poderá contra mim.

— Você espera que eles...?

— Ele tem amigos poderosos que podem lembrar. Sua companheira é a nova Capitã da Guarda. A família dela vem daqui, mas ela os serve.

— E o que isso te diz?

Sempre uma lição, sempre um teste.

— Isso me diz... — Yrene soltou uma respiração. — Isso me diz que não sei o quanto eu estou assumindo. — Ela se endireitou. — Mas também não os perdoa de seus pecados.

No entanto, ela conhecera muitas pessoas ruins em sua vida. Viveu entre eles, serviu-os, em Innish. Ela viu os olhos castanhos de Lorde Westfall e soube, no fundo, que ele não era um deles. Nem sua companheira.

E com sua idade... Ele era um garoto quando tantas dessas atrocidades haviam sido cometidas. Ele ainda teria atuado em algumas partes, e muitas outras foram cometidas nos últimos anos – o suficiente para deixá-la doente, mas...

— A lesão na coluna vertebral — falou Yrene. — Ele afirma que alguma magia a causou. — Sua magia tinha recuado contra a marca salpicada. Curvado para longe.

— Oh?

Ela estremeceu.

— Eu nunca senti *nada* assim. Como se estivesse apodrecido, ainda vazio. Fria como a mais longa noite de inverno.

— Terei que aceitar sua palavra sobre isso.

Yrene resmungou, grata pelo humor seco. De fato, Hafiza nunca viu muita neve. Com o clima quente durante todo o ano em Antica, o mais próximo que chegaram do inverno nesses dois anos talvez fosse uma crosta de geada brilhando sobre a lavanda e os limoeiros uma manhã.

— Foi... — Yrene afastou a lembrança do eco ainda dentro daquela cicatriz. — Não era nenhuma ferida mágica que eu já tivesse encontrado antes.

— Isso afetará a cicatrização da coluna vertebral?

— Eu não sei. Não tentei examinar com meu poder ainda, mas... eu a avisarei.

— Estou à sua disposição.

— Mesmo que este seja o meu teste final?

— Um bom curandeiro — Hafiza respondeu com um sorriso — sabe quando pedir ajuda.

Yrene assentiu distraidamente. E quando ela voltasse para casa, para a guerra e o derramamento de sangue, para quem ela pediria ajuda?

— Eu voltarei — Yrene falou finalmente. — Amanhã. Quero estudar sobre lesões na coluna vertebral e a paralisia na biblioteca esta noite.

— Deixarei Cook saber onde encontrá-la.

Yrene deu a Hafiza um sorriso irônico.

— Nada te escapa, não é?

O olhar conhecido de Hafiza não foi reconfortante.

A curandeira não retornou naquele dia. Nesryn esperou por mais uma hora, depois duas, Chaol preenchendo o tempo com a leitura na sala de estar, antes de finalmente declarar que veria a sua família.

Passaram-se anos desde que viu os tios e seus filhos. Ela rezou para que eles ainda estivessem na casa onde ela havia visitado pela última vez.

Ela mal dormiu. Mal conseguiu pensar ou sentir coisas como fome ou exaustão graças aos pensamentos que causavam estragos dentro dela.

A curandeira com a falta de respostas não a acalmou.

E com um encontro formal agendado com o khagan e seus filhos mais tarde...

— Eu posso me entreter sozinho, sabe — Chaol falou, baixando o livro sobre o colo quando olhou Nesryn mais uma vez para a porta da suíte. — Eu me juntaria a você, se pudesse.

— Você será capaz — ela prometeu. A curandeira parecia bastante habilidosa, mesmo que se recusasse a dar-lhes um pingote de esperança.

Se a mulher não pudesse ajudá-los, então Nesryn encontraria outro. E outro. Mesmo que ela tivesse que implorar a Alta Curandeira para ajudar.

— Vá, Nesryn — ordenou Chaol. — Você não terá paz até lá.

Ela esfregou o pescoço, depois se levantou de seu lugar no sofá dourado e caminhou até ele. Colocou as mãos em ambos os braços da cadeira, atualmente posicionada próxima às portas abertas do jardim. Ela aproximou seu rosto do dele, mais perto do que tinha estado nos últimos dias. Seus próprios olhos pareciam... mais brilhantes, de alguma forma. Melhor do que o dia anterior.

— Eu voltarei assim que puder.

Ele deu um sorriso calmo.

— Tome seu tempo. Veja sua família. — Ele não via sua mãe ou irmão há anos, dissera a ela. Seu pai... Chaol não falava sobre o pai.

— Talvez — ela falou calmamente — possamos conseguir uma resposta para a curandeira.

Ele apenas piscou.

Ela murmurou:

— Sobre ir até o fim.

Tão rápido, a luz piscou para fora de seus olhos.

Ela se afastou rapidamente. Ele a parara com o braço, no navio, quando ela praticamente saltara sobre ele. E vê-lo sem a camisa antes, aqueles músculos ondulando em suas costas, na barriga... Ela quase implorara à curandeira para deixá-la fazer o exame.

Patético. Embora ela nunca tivesse sido particularmente boa em evitar seus desejos. Começou a dormir com ele naquele verão porque não via motivo em resistir para onde seu interesse a atraía. Mesmo que ela não gostasse especialmente dele, não como agora.

Nesryn passou uma mão pelo cabelo.

— Eu voltarei para o jantar.

Chaol acenou, e já estava lendo seu livro novamente quando ela saiu da sala.

Eles não fizeram nenhum voto, ela lembrou a si mesma. Ela sabia que suas tendências o levavam a querer fazer exatamente isso por ela, para honrá-la, e neste verão, quando aquele castelo entrara em colapso e ela pensou que ele estivesse morto... Ela nunca conheceu tal medo. Nunca tinha rezado como rezara naqueles momentos – até que a chama de Aelin a poupou da morte, e Nesryn tinha rezado para que ela o tivesse poupado também.

Nesryn afastou os pensamentos daqueles dias enquanto atravessava os salões do palácio, lembrando vagamente onde encontrar os portões para a cidade propriamente dita. O que ela pensava querer, o que era mais importante – ou tinha sido. Até que o khagan deu a notícia.

Ela tinha deixado sua família. Ela deveria estar lá. Para proteger as crianças, proteger seu pai envelhecido, sua irmã feroz e risonha.

— Capitã Faliq.

Nesryn parou à voz agradável, ao título a que ela ainda não estava acostumada a responder. Ela estava de pé em uma encruzilhada do palácio, o caminho a seguir para levá-la aos portões da frente se ela continuasse indo em frente. Ela marcara todas as saídas pela qual passaram no caminho.

E no final do corredor, quem a chamou, estava Sartaq.

As roupas finas do dia anterior se foram. O príncipe agora usava couros ajustados, os ombros cobertos com uma armadura simples mas resistente, reforçada nos pulsos, joelhos e canelas. Assim como o peitoral. Seus longos cabelos pretos haviam sido trançados para trás, presos com uma fina tira de couro.

Ela se curvou profundamente. Mais baixo do que teria se curvado para os outros filhos do khagan. Mas, para um herdeiro notável, que poderia ser um dia o aliado de Adarlan...

Se eles sobrevivessem.

— Você está com pressa — comentou Sartaq, observando pelo corredor de onde ela viera.

— Eu... eu tenho família na cidade. Estava indo vê-los. — Ela acrescentou com tristeza: — A menos que Sua Alteza precise de mim.

Um sorriso irônico agraciou seu rosto. E ela percebeu que ela havia respondido em sua própria língua. A língua deles.

— Eu vou para um passeio em Kadara. Meu ruk — ele esclareceu, falando em seu idioma também.

— Eu sei — disse ela. — Ouvi as histórias.

— Mesmo em Adarlan? — Ele levantou uma sobrancelha. Um guerreiro e um encantador. Uma combinação perigosa, embora não

pudesse se lembrar de nenhuma menção de um cônjuge. De fato, nenhum anel marcava seu dedo.

— Mesmo em Adarlan — concordou Nesryn, embora não tenha mencionado que a pessoas na rua talvez não conhecessem tais história. Mas em sua casa... Ah, sim. O Príncipe Alado, eles o chamavam.

— Posso acompanhá-la? As ruas são um labirinto, mesmo para mim.

Era uma oferta generosa, uma honra.

— Eu não o afastaria dos céus. — Se apenas porque ela não sabia como conversar com esses homens – nascidos e criados no poder, acostumados a mulheres finas e políticos intrigantes. Embora seus cavaleiros ruk, segundo a lenda, pudessem vir de qualquer lugar.

— Kadara está acostumada a esperar — disse Sartaq. — Pelo menos permita-me levá-la aos portões. Há uma nova guarda hoje, e vou dizer-lhes para marcar o seu rosto para que você possa voltar.

Porque com suas roupas, seus cabelos não adornados... De fato, os guardas poderim não permitir sua passagem. O que teria sido... mortificante.

— Obrigada — disse ela, e os dois começaram a andar lado a lado.

Eles ficaram em silêncio quando passaram pelas faixas brancas saindo de uma das janelas abertas. Chaol lhe contara no dia anterior sobre a preocupação de Kashin de que a morte de sua irmã mais nova pudesse ser algo armado – um dos agentes de Perrington poderia ser responsável. Foi o suficiente para plantar uma semente de medo nela. Para fazê-la marcar cada rosto que encontrou, olhar para todas as sombras.

Mantendo um ritmo suave ao lado dele, Nesryn olhou para Sartaq enquanto as faixas tremulavam. O príncipe, no entanto, assentia com a cabeça para alguns homens e mulheres curiosos com as vestes douradas dos vizires.

Nesryn encontrou-se perguntando:

— Há realmente trinta e seis deles?

— Nós temos um fascínio com o número, então sim. — Ele resmungou, o som não mais principesco. — Meu pai debatia dividi-los pela metade, mas teme a ira dos deuses mais do que as repercussões políticas.

Parecia um sopro de ar fresco para o outono, ouvi-lo falar sua língua original. O idioma sendo o comum, e não visto de maneira torta. Ela sempre sentia isso quando vinha para cá.

— Lorde Westfall encontrou a curandeira?

Não havia mal em contar a verdade, ela decidiu, então Nesryn respondeu:

— Sim. Yrene Towers.

— Ah. A famosa dama dourada.

— Oh?

— Ela é impressionante, não?

Nesryn sorriu ligeiramente.

— O senhor a favorece, vejo.

Sartaq riu.

— Oh, eu não me atreveria. Meu irmão Kashin não ficaria satisfeito.

— Eles têm um relacionamento? — Hasar insinuara algo nessa via.

— Eles são amigos ou foram. Não os vi falar em meses, mas quem sabe o que aconteceu? Embora eu suponha que eu não seja o melhor dos bisbilhoteiros da corte para te contar.

— Ainda é útil saber, se estamos trabalhando com ela.

— Sua avaliação de Lorde Westfall foi positiva?

Nesryn deu de ombros.

— Ela estava hesitante em confirmar.

— Muitos curandeiros farão isso. Eles não gostam de dar esperança e tirá-la. — Ele jogou sua trança sobre o ombro. — Embora eu também diga que a própria Yrene curou um dos montadores Darghan de Kashin no último inverno de uma lesão muito similar. E os curandeiros há muito reparam tais feridas entre as tribos dos cavaleiros do nosso povo e meu próprio rukhin. Eles saberão o que fazer.

Nesryn engoliu a esperança que floresceu quando o brilho das portas abertas para o pátio principal e os portões do palácio surgiu.

— Há quanto tempo é um cavaleiro ruk, príncipe?

— Pensei que tivesse ouvido as histórias. — O humor dançou em seu rosto.

— Apenas fofocas. Eu prefiro a verdade.

Os olhos escuros de Sartaq se estabeleceram sobre ela, seu foco inabalável o suficiente para deixá-la feliz por não recebê-los com muita frequência. Não por medo, mas... era inquietante ter o peso desse olhar inteiramente sobre si. Era um olhar de águia – o olhar de um ruk. Afiado e penetrante.

— Eu tinha doze anos quando meu pai nos levou para a montanha. E quando eu me esgueirei e subi no próprio ruk do capitão, subindo no céu e exigindo que eles me perseguissem... Meu pai me disse que se eu tivesse me estatelado nas pedras, teria merecido morrer por minha estupidez. Como punição, ele ordenou que eu vivesse entre os rukhins

até que eu pudesse provar que eu não era um tolo completo – por uma vida inteira, ele sugeriu.

Nesryn riu baixinho e piscou contra a luz do sol quando emergiram no grande pátio. Arcos ornamentados e pilares foram esculpidos com flora e fauna, o palácio erguendo-se atrás deles como um leviatã.

— Felizmente, não morri de estupidez e, em vez disso, adorei a montaria, o estilo de vida deles. Eles me deram um inferno porque eu era um príncipe, mas eu provei o meu conhecimento logo. Kadara surgiu quando eu tinha quinze anos, e eu a criei sozinho. Não tive nenhum outro desde então. — Orgulho e carinho iluminaram os olhos de ônix.

E, no entanto, Nesryn e Chaol pediram-lhe para levar aquela amada montaria para a batalha contra as serpentes aladas muitas vezes mais pesadas e com força infinitamente mais bruta. Com veneno nas caudas. Seu estômago revolveu.

Alcançaram os portões principais, onde uma pequena porta cortada nas enormes lajes de bronze estampado estava deixada aberta para permitir o acesso a pessoas a pé correndo com recados para o palácio. Nesryn permaneceu parada enquanto Sartaq a apresentava aos guardas fortemente armados de plantão, ordenando-lhes que concedessem seu acesso irrestrito. O sol brilhou sobre as pestanas das espadas cruzadas sobre suas costas enquanto os guardas inclinavam sua aquiescência, cada um com um punho sobre seu coração.

Ela vira como Chaol mal podia olhar para eles – os guardas do palácio e aqueles nas docas.

Sartaq a conduziu pela pequena porta, o portão de bronze com quase trinta centímetros de espessura, e pela ampla avenida de pedra que levava ao labirinto das ruas da cidade. Casas chiques e mais guardas se alinhavam nas ruas circundantes, residências dos ricos que desejavam habitar à sombra do palácio. Mas a própria rua estava cheia de pessoas em seus negócios ou lazer, mesmo alguns viajantes que subiram todo o caminho até aqui para admirar o palácio e agora tentavam enxergar através da pequena porta através da qual Nesryn e Sartaq saíram, buscando um vislumbre do pátio além. Nenhum parecia reconhecer o príncipe ao lado dela – embora conhecesse os guardas na rua e parassem nas portas monitoradas a cada respiração e palavra.

Um olhar para Sartaq, e ela não tinha dúvida de que o príncipe também estava bem ciente de seus arredores enquanto estava além dos portões, como se ele fosse um homem comum. Ela estudou as ruas lotadas à frente, ouviu o clamor. Levaria uma hora para chegar à casa de

sua família caminhando pela cidade, mas ainda mais que uma hora se de carruagem ou a cavalo graças ao tráfego entupido.

— Você tem certeza de que não precisa de uma escolta?

Um meio sorriso puxou a boca de Nesryn enquanto achava que ele a observava de soslaio.

— Posso cuidar de mim mesma, príncipe, mas agradeço-lhe a honra.

Sartaq a examinou, uma avaliação de um guerreiro rápido. Na verdade, ele era um homem que tinha pouco a temer quando pisava além das paredes do palácio.

— Se tiver tempo ou interesse, você deve vir para montar. O ar lá em cima é aberto – sem a poeira e a salmoura aqui de baixo.

Aberto o suficiente para que os ouvidos não pudessem escutá-los.

Nesryn inclinou-se profundamente.

— Eu gostaria bastante.

Ela sentiu o príncipe ainda observando-a enquanto caminhava pela avenida ensolarada, esquivando-se de carrinhos e carroças lutando para passar. Mas ela não ousou olhar para trás. Não estava inteiramente certa do porquê.

Capítulo 7

Chaol esperou até que Nesryn estivesse fora por uns bons trinta minutos antes de convocar Kadja. Ela esteve esperando no corredor exterior e escorregou para dentro de sua suíte alguns momentos depois que ele chamou seu nome. Prolongando-se na sala, ele observou a criada se aproximar, seus passos limpos e rápidos, seus olhos baixos enquanto aguardava sua ordem.

— Eu tenho um favor para lhe pedir — ele falou devagar e claramente, amaldiçoando-se por não ter aprendido halha nos anos em que Dorian estudou.

Ela abaixou o queixo como única resposta.

— Preciso que vá até as docas, no local aonde as informações chegam, para ver se há alguma notícia sobre o ataque à Forte da Fenda — Kadja estivera na sala do trono no dia anterior e ela certamente ouvira falar do assunto. E ele debatera pedir a Nesryn que fizesse alguma busca enquanto estivesse fora, mas se a notícia fosse sombria... ele não queria que ela recebesse as palavras sozinha. Trazê-las sozinha, todo o caminho de volta ao palácio. — Acha que poderia fazer isso?

Kadja levantou os olhos por fim, embora tenha mantido a cabeça baixa.

— Sim — ela disse simplesmente.

Ele sabia que ela provavelmente respondia a um dos membros da realeza ou conselheiros deste palácio. Mas sua busca por mais informações, embora fosse certamente um detalhe relevante, não era uma ameaça à sua causa. E se eles achassem que era fraco ou estúpido preocupar-se com seu país, podiam ir para o inferno.

— Bom — Chaol disse, a cadeira embaixo dele fazendo barulho quando ele se movimentou um pouco para a frente e tentou não se encolher com o som, com seu corpo silencioso. — E há outro favor que eu gostaria de pedir a você.

Só porque Nesryn estava ocupada com sua família, não queria dizer que ele tinha que ficar ocioso.

Mas enquanto Kadja o levava para os cômodos de Arghun, ele se perguntou se deveria ter esperado o retorno de Nesryn para ter esse encontro.

A entrada da suíte do príncipe mais velho era tão grande quanto a suíte inteira de Chaol. Era um espaço longo e oval, a extremidade

distante abrindo-se para um pátio adornado com uma fonte cintilante e patrulhado por um par de pavões brancos. Ele os observou passar, o conjunto de suas plumagens arrastando-se sobre o chão de ardósia, suas delicadas coroas balançando a cada passo.

— Eles são lindos, não são?

Um conjunto de portas esculpidas foi aberto à sua esquerda, revelando o príncipe de rosto fino e olhos frios, sua atenção nos pássaros.

— Esplêndidos — Chaol admitiu, odiando o jeito como tinha que erguer sua cabeça para olhar o homem nos olhos. Se ele estivesse de pé, seria uns bons dez centímetros mais alto, capaz de utilizar sua altura como uma vantagem neste encontro. Se estivesse de pé...

Ele não se permitiu continuar por esse caminho. Não agora.

— Eles são meu par premiado — Arghun disse, o uso da língua materna de Chaol completamente fluente. — Minha casa de campo está cheia de seus filhotes.

Chaol procurou uma resposta, algo que Dorian ou Aelin poderiam ter respondido facilmente, mas não encontrou nada. Absolutamente *nada* que não soasse fútil e insincero. Então ele disse:

— Tenho certeza de que são lindos.

A boca de Arghun repuxou para cima.

— Se você ignorar seus gritos em certos pontos do ano.

Chaol apertou o queixo. Seu povo estava *morrendo* em Forte da Fenda, se não já estava morto e, no entanto, trocar palavras sobre pássaros que gritavam e limpavam suas penas... *isto* era o que ele deveria fazer?

Ele debateu sobre isso, se continuaria esquivando-se ou se chegaria ao ponto, mas Arghun disse:

— Suponho que esteja aqui para perguntar o que sei a respeito de sua cidade. — O olhar frio do príncipe finalmente pousou sobre ele, e Chaol segurou o olhar. Isso – a disputa de encarar um ao outro – era algo que ele poderia fazer. Ele já havia feito muito disso, com guardas e cortesãos rebeldes.

— Você forneceu ao seu pai a informação. Quero saber quem lhe deu os detalhes do ataque.

Diversão iluminou os olhos castanhos escuros do príncipe.

— Um homem franco.

— Meu povo está sofrendo. Eu gostaria de saber o quanto puder.

— Bem — Arghun falou, retirando um fiapo preso ao bordado dourado ao longo de sua túnica esmeralda — com o espírito de

honestidade, não posso lhe contar absolutamente nada.

Chaol piscou – uma vez e lentamente.

Arghun continuou, estendendo uma mão em direção às portas exteriores:

— Há muitos olhos observando, Lorde Westfall, e ser visto com você envia uma mensagem, para pior ou para melhor, independentemente do que discutirmos. Então embora eu aprecie sua visita, pedirei que vá embora.

Os criados que esperavam na porta deram um passo à frente, presumivelmente para tirá-lo dali.

E a visão de um deles estendendo as mãos em direção à parte de trás de sua cadeira...

Chaol mostrou os dentes para o criado em sinal de irritação, fazendo-o parar.

— Não. — Se o homem não falava sua língua, ele entendeu claramente a expressão em seu rosto. Chaol voltou-se para o príncipe. — Quer realmente jogar este jogo?

— Não é um jogo — Arghun disse simplesmente, caminhando em direção ao escritório de onde havia saído. — A informação está correta. Meus espões não inventam histórias para entreter. Tenha um bom dia.

E então as portas duplas para o escritório do príncipe foram seladas.

Chaol debateu se deveria bater nessas mesmas portas até Arghun começar a falar, talvez bater o punho no rosto do príncipe também, mas... os dois criados atrás dele esperavam. Observavam.

Ele havia conhecido cortesãos suficientes em Forte da Fenda para sentir quando alguém estava mentindo. Mesmo que esses sentidos tivessem falhado espetacularmente nos últimos meses. Com Aelin. Com os outros. Com... tudo.

Mas ele não achava que Arghun estivesse mentindo. Sobre nada daquilo.

Forte da Fenda havia sido saqueada. Dorian permanecia desaparecido. O destino de seu povo, desconhecido.

Ele não lutou novamente contra o criado quando o homem se aproximou para acompanhá-lo de volta ao seu quarto. E isso talvez o tenha enfurecido mais do que qualquer coisa.

Nesryn não voltou para o jantar.

Chaol não deixou que o khagan, seus filhos ou os trinta e seis conselheiros com olhos de gavião percebessem a preocupação que o inundava a cada minuto em que ela não emergia de um dos corredores para juntar-se a eles no grande salão. Ela estivera fora por horas sem dar notícias.

Até Kadja retornara uma hora antes do jantar, e um olhar em seu rosto cuidadosamente calmo lhe disse tudo: ela também não havia descoberto nenhuma novidade nas docas sobre o ataque à Forte da Fenda. Ela só confirmou o que Arghun dissera: os capitães e comerciantes haviam falado com fontes confiáveis que ou navegaram perto de Forte da Fenda e a deixaram para trás ou mal conseguiram escapar. O ataque havia de fato acontecido, sem números precisos das vidas perdidas ou das condições da cidade. Todo o comércio da área sul do continente foi interrompido – pelo menos para Forte da Fenda e para qualquer lugar ao norte que exigia passar perto da cidade. Nenhuma palavra veio do destino de Dorian.

Esse fato o pressionou, pesando sobre ele cada vez mais, mas logo se tornou secundário uma vez que ele terminou de se vestir para o jantar e descobriu que Nesryn não tinha voltado. Ele finalmente cedeu e permitiu que Kadja o levasse ao banquete no grande salão do khagan, mas quando longos minutos passaram e Nesryn ainda não havia retornado, foi um esforço manter-se com a expressão inalterada.

Qualquer coisa poderia ter acontecido com ela. Qualquer coisa. Especialmente se a teoria de Kashin em relação a sua falecida irmã estivesse correta. Se os agentes de Morath já estivessem aqui, ele não tinha dúvida de que, assim que soubessem da chegada dele e de Nesryn, começariam a caçá-los.

Ele deveria ter considerado isso antes de ela ter saído hoje. Deveria ter pensado além de seus próprios malditos problemas. Mas exigir que um guarda fosse enviado para procurá-la só mostraria a quaisquer potenciais inimigos o que ele mais valorizava. Onde atacar.

Então Chaol lutou para engolir a comida, meramente prestando atenção à conversa das pessoas ao lado. À sua direita: Duva, grávida e serena, perguntando sobre a música e dança agora favorecidas em suas terras; à sua esquerda: Arghun, que não mencionou sua visita naquela tarde, e ao invés disso o irritou com conversas sobre antigas rotas comerciais e propostas. Chaol inventou metade de suas respostas, e o príncipe sorriu – como se estivesse bem ciente disso.

Ainda assim, Nesryn não apareceu.

Embora Yrene sim.

No meio da refeição ela entrou, com um vestido de ametista ligeiramente mais fino e mesmo assim simples que deixava sua pele dourada brilhando. Hasar e sua amante se levantaram para cumprimentar a curandeira, apertando as mãos de Yrene e beijando suas bochechas, e a princesa expulsou o conselheiro sentado à sua esquerda para abrir espaço para ela.

Yrene fez uma mesura para o khagan, que a dispensou sem mais que um olhar, depois para a realeza reunida. Arghun não se incomodou em reconhecer sua existência; Duva sorriu para Yrene e seu marido silencioso ofereceu um sorriso mais discreto. Sartaq apenas inclinou a cabeça, enquanto o último irmão, Kashin, ofereceu-lhe um sorriso de lábios fechados que não chegou até seus olhos.

Mas o olhar de Kashin se demorou nela enquanto Yrene se sentava ao lado de Hasar, e Chaol lembrou-se sobre como a princesa provocara Yrene no início deste dia.

Yrene, porém, não retribuiu o sorriso do príncipe, apenas oferecendo um aceno de cabeça distante, e reivindicou o assento que Hasar conquistara para ela. Ela caiu em conversa com Hasar e Renia, aceitando a carne que Renia empilhara em seu prato, a amante da princesa se queixando de que Yrene parecia muito cansada, muito magra, muito pálida. Yrene aceitou cada bocado oferecido com um sorriso confuso e um aceno de agradecimento. Deliberadamente sem olhar para qualquer lugar perto de Kashin. Ou de Chaol, aliás.

— Ouvi — uma voz masculina do lado direito de Chaol disse em seu próprio idioma — que Yrene foi designada para o senhor, Lorde Westfall.

Ele não estava nem um pouco surpreso ao descobrir que Kashin se inclinara para falar com ele.

E não se surpreendeu ao ver o aviso mal disfarçado no olhar do homem. Chaol já vira o suficiente disso: *território marcado*.

Quer Yrene concordasse ou não.

Chaol supôs que fosse um indício a seu favor que ela não parecesse prestar muita atenção no príncipe. Embora ele só pudesse se perguntar o porquê. Kashin era o mais bonito dos irmãos, e Chaol testemunhara mulheres literalmente brigando pela atenção de Dorian durante aqueles anos no castelo. Kashin tinha um olhar de auto-satisfação que ele vira com frequência no rosto de Dorian.

Uma vez – há muito tempo. Uma vida diferente. Antes de uma assassina e de um colar e de tudo.

Os guardas posicionados ao longo do grande salão de alguma forma pareceram se agigantar, como se fossem chamas acesas que agora se prendiam ao seu olhar. Ele se recusou a sequer olhar para o mais próximo, parado a seis metros de distância da mesa. Bem no lugar onde ele já estivera uma vez, diante de outro rei, em outra corte.

— Ela foi — foi tudo o que Chaol conseguiu dizer.

— Yrene é nossa curandeira mais experiente – a não ser pela Alta Curandeira — Kashin continuou, olhando para a mulher que ainda não lhe dava nenhuma atenção e, de fato, parecia se aprofundar na conversa com Renia como se quisesse enfatizar isso.

— Foi o que ouvi dizer. — *Certamente a pessoa com a língua mais afiada.*

— Ela recebeu as notas mais altas que alguém já conseguiu em seus exames regulares — continuou Kashin enquanto Yrene o ignorava, algo como uma ferida cintilando pelo rosto do príncipe.

— Veja como ele tropeça em si mesmo — Arghun murmurou para Duva, para o marido dela e pelo que Chaol ver, para Sartaq.

Duva bateu no braço de Arghun, ralhando com ele por interromper o caminho do garfo até sua boca.

Kashin não pareceu ouvir nem se importar com a desaprovação de seu irmão mais velho. E, para o seu crédito, Sartaq também não se importou, preferindo virar-se para um conselheiro vestido com um traje cor de ouro enquanto Kashin disse a Chaol:

— Notas inéditas para qualquer um, ainda mais para uma curandeira que esteve aqui por pouco mais de dois anos.

Outra pequena informação. Yrene não passara muito tempo em Antica, afinal.

Chaol encontrou Yrene observando-o sob as sobrancelhas baixas. Um aviso para não arrastá-la para a conversa.

Ele pesava os méritos das opções: a pequena vingança por sua provocação mais cedo, ou...

Ela o estava ajudando. Ou estava debatendo sobre isso, pelo menos. Ele seria estúpido em se indispor ainda mais com ela. Então disse a Kashin:

— Eu soube que você habitualmente reside em Balruhn e cuida dos exércitos terrestres.

Kashin endireitou-se.

— Cuido. Durante a maior parte do ano, fixo residência lá e supervisiono o treinamento de nossas tropas. Se não estou lá, então saio para as planícies com os cavaleiros.

— Graças aos deuses — Hasar murmurou do outro lado da mesa, ganhando um olhar de advertência de Sartaq. Hasar apenas revirou os olhos e sussurrou algo no ouvido da amante, o que fez Renia rir, um som brilhante e prateado.

Contudo, Yrene ainda o observava, com um ardor em seu rosto que ele poderia jurar ser de aborrecimento – como se a mera presença de Chaol nesta mesa fosse suficiente para fazê-la apertar as mandíbulas – enquanto Kashin começou a explicar suas várias rotinas em sua cidade na costa sudoeste e a vida contrastante entre as tribos dos cavalos nas planícies.

Chaol devolveu a Yrene um olhar igualmente aborrecido no momento em que Kashin fez uma pausa para saborear seu vinho e, em seguida, lançou pergunta após pergunta ao príncipe a respeito de sua vida. Informações úteis, ele percebeu, sobre o exército deles.

Ele não foi o único que percebeu isso. Arghun cortou a conversa enquanto seu irmão estava no meio de uma frase sobre as forjas que eles construíram perto de suas terras do norte:

— Não vamos discutir negócios no jantar, irmão.

Kashin fechou a boca, sempre o soldado treinado.

E de alguma forma Chaol soube – rápido assim – que Kashin não estava sendo considerado para o trono. Não quando obedecia a seu irmão mais velho como qualquer guerreiro comum. Ele parecia decente, no entanto. Uma alternativa melhor do que o sarcástico, indiferente Arghun, ou a ávida Hasar.

O que não explicava completamente a necessidade de Yrene de se distanciar de Kashin. Não que fosse da sua conta, ou de qualquer interesse para ele. Certamente não quando a boca de Yrene se apertava se ela sequer virasse a cabeça na direção de Chaol.

Ele poderia ter chamado sua atenção a respeito disso, poderia exigir saber se isso significava que ela havia decidido não ajudá-lo.

Mas se Kashin a favorecia, com as sutis rejeições de Yrene ou não, certamente não seria um movimento sábio entrar neste assunto na mesa.

Passos soaram atrás dele, mas era apenas o marido de uma vizir, que veio murmurar algo em seu ouvido antes de desaparecer.

Não era Nesryn.

Chaol estudou os pratos espalhados sobre a mesa, calculando quantos faltavam. Com o banquete, a refeição da noite passada durara muito tempo. Nenhuma sobremesa havia sido trazida ainda.

Ele olhou novamente para as saídas, ignorando os guardas parados lá, procurando por ela.

Ao voltar a atenção para a mesa, Chaol viu Yrene observando-o. O descontentamento ainda escurecia seus olhos dourados, mas... um aviso também.

Ela sabia quem ele procurava. Alguém cuja ausência o consumia.

Para seu choque, ela meneou sutilmente a cabeça. *Não revele*, ela parecia dizer. *Não peça que a procurem*.

Ele já sabia disso, mas deu a Yrene um aceno em resposta e continuou em frente.

Kashin tentou envolver Yrene na conversa, mas a cada tentativa ele era pronta e educadamente rejeitado com respostas simples.

Talvez o desdém da curandeira em relação a Chaol naquela manhã fosse simplesmente da sua natureza, e não o ódio nascido da conquista de Adarlan. Ou talvez ela simplesmente odiasse homens. Era difícil não olhar para a fraca cicatriz que ia de lado a lado em sua garganta.

Chaol conseguiu aguardar até chegada da sobremesa antes de fingir exaustão e deixar a mesa. Kadja já estava lá, esperando perto dos pilares mais distantes do corredor com os outros criados, e não disse nada quando afastou a cadeira, cada som fazendo com que ele apertasse os dentes.

Yrene não disse uma palavra de despedida ou ofereceu uma promessa de retorno no dia seguinte. Ela nem sequer olhara em sua direção.

Mas Nesryn não estava no quarto quando ele retornou. E se ele a procurasse, se chamasse a atenção para a ameaça, para a proximidade entre eles e como qualquer inimigo poderia utilizar isso contra eles...

Então ele esperou. Ouviu a fonte do jardim, o canto do rouxinol empoleirado em uma figueira, escutou a batida constante do relógio sobre a lareira da sala de estar.

Onze. Doze. Ele disse a Kadja para ir dormir – que ele mesmo se acomodaria na cama. Ela não partiu, apenas ocupou um lugar contra a parede pintada da suíte para aguardar.

Era quase uma hora quando a porta se abriu.

Nesryn esgueirou-se para dentro. Ele sabia disso simplesmente porque aprendeu os sons de seus movimentos.

Ela viu as velas na sala de estar e entrou.

Nem uma marca nela. Somente... luz. Suas bochechas estavam coradas, seus olhos mais brilhantes do que naquela manhã.

— Sinto por ter perdido o jantar — foi tudo o que ela disse.

A resposta dele foi baixa, gutural.

— Tem alguma ideia de como estive preocupado?

Ela parou, seu cabelo balançando com o movimento.

— Eu não sabia que deveria dar notícias das minhas idas e vindas. Você me disse para ir.

— Você entrou em uma cidade estrangeira e não retornou quando disse que retornaria. — Cada palavra machucava, cortava.

— Não é uma cidade estrangeira... não para mim.

Ele bateu a palma de sua mão no braço da cadeira.

— Uma das princesas foi assassinada há algumas semanas. Uma *princesa*. Em seu próprio palácio... o lugar onde fica o império mais poderoso do mundo.

Ela cruzou os braços.

— Nós não sabemos se foi assassinato. Kashin parece ser o único que pensa assim.

A conversa estava totalmente fora de rumo. Mesmo que ele mal houvesse se lembrado de estudar seus companheiros de jantar esta noite em busca de qualquer sinal de presença valg. Ele falou calmamente:

— Eu nem pude procurar por você. Eu não *ousei* dizer-lhes que você estava desaparecida.

Ela piscou, lentamente e por muito tempo.

— Minha família ficou feliz em me ver, caso você estivesse se perguntando. E eles receberam uma carta curta de meu pai ontem. Eles saíram. — Ela começou a desabotoar sua jaqueta. — Eles podem estar em qualquer lugar.

— Estou feliz em ouvir isso — Chaol respondeu. Embora ele soubesse que *nã*osaber onde sua família estava a consumiria tanto quanto o terror do último dia sem saber se eles sobreviveram. Ele falou o mais tranquilizadamente possível: — Esta coisa entre nós não funciona se você não me disser onde está, ou se seus planos mudarem.

— Eu estava na casa deles, jantando. Perdi a noção do tempo. Eles me imploraram para ficar.

— Você é inteligente para não saber que deveria ter enviado alguma notícia. Ainda mais depois da merda que passamos.

— Não tenho nada a temer nesta cidade... neste lugar.

la disse isso com raiva suficiente para que ele soubesse que em Forte da Fenda... em Forte da Fenda ela sentia medo.

Ele odiava que ela se sentisse assim. Odiava isso e disse:

— Não é por isso que lutamos? Para que nossas próprias terras possam ser tão seguras um dia?

Seu rosto se fechou.

— Sim.

Ela terminou de desabotoar a jaqueta, tirando-a para revelar a camisa por baixo, e a jogou sobre o ombro.

— Eu vou para a cama. Vejo você pela manhã.

Ela não esperou por sua despedida antes de entrar em seu quarto e fechar a porta.

Chaol sentou-se por longos minutos na sala de estar, esperando que ela aparecesse. E quando finalmente deixou que Kadja o levasse para o quarto e o ajudasse a vestir sua roupa de dormir, depois que ela apagou as velas e saiu com pés silenciosos, ele esperou que sua porta se abrisse.

Mas Nesryn não entrou. E ele não podia ir até ela – não sem arrastar a pobre Kadja de onde ela dormia, atenta a qualquer som de que ela pudesse ser necessária.

Ele ainda estava à espera de Nesryn quando o sono o reclamou.

Capítulo 8

Yrene se certificou de chegar na hora certa na manhã seguinte. Ela não enviara uma mensagem avisando, mas estava disposta a apostar que Lorde Westfall e a nova capitã estariam esperando às dez. Apesar de que, pelos olhares que ele lançou para ela na noite anterior, ela se perguntava se ele duvidava que ela retornasse.

Que ele pense o que quiser.

Ela debateu se deveria esperar até as onze, já que Hasar e Renia a tinham arrastado para beber – ou melhor, Yrene os tinha observado beber, enquanto bebericava sua própria taça de vinho – e ela não se arrastou para dentro de seu quarto na Torre até perto das duas. Hasar ofereceu-lhe uma suíte no palácio para passar a noite, mas dado o fato de elas terem escapado por pouco de Kashin ter se juntado a elas no silencioso, elegante e movimentado Bairro Rosa, Yrene não estava inclinada a arriscar encontrar com ele novamente.

Honestamente, quando o khagan ordenasse que seus filhos retornassem a seus vários postos, já iriam tarde. Eles se demoraram após a morte de Tumelun – que Hasar ainda se recusava a mencionar. Yrene mal conhecia a princesa mais nova, a menina tendo passado a maior parte de seu tempo com Kashin entre os Darghan nas planícies e nas cidades muradas dispersas ao redor deles. Mas naqueles primeiros dias após o corpo de Tumelun ter sido encontrado, depois de a própria Hafiza ter confirmado que a menina tinha pulado da varanda, Yrene teve o desejo de procurar Kashin. Para oferecer suas condolências, sim, mas também para ver como ele estava.

Yrene o conhecia o suficiente para entender que, apesar da conduta simples e serena que ele apresentava ao mundo, o soldado disciplinado que obedecia às ordens de seu pai e comandava destemidamente seus

exércitos terrestres... sob aquele rosto sorridente encontrava-se um mar agitado de pesar. Perguntando-se o que ele poderia ter feito diferente.

As coisas haviam se tornado de fato embaraçosas e terríveis entre Yrene e Kashin, mas... ela ainda se importava. No entanto, ela não havia procurado por ele. Não queria abrir aquela porta que tinha passado meses tentando fechar.

Ela se odiava por isso, pensava no assunto pelo menos uma vez ao dia. Especialmente quando via as bandeiras brancas balançando por toda a cidade, por todo o palácio. No jantar da noite anterior, ela fez o melhor para não se contorcer de vergonha quando o ignorou, sofrendo com seus elogios, o orgulho ainda em suas palavras quando ele falou sobre ela.

Tola, Eretia a chamara mais de uma vez, depois de Yrene ter confessado durante um trabalho particularmente intenso de cura o que havia acontecido nas estepes no inverno passado. Yrene sabia que era verdade, mas... bem, ela tinha outros planos para si. Sonhos que ela não iria, não poderia, adiar ou ceder inteiramente. Então, uma vez que Kashin, e os outros membros da realeza, retornassem a seus postos... seria mais fácil novamente. Melhor.

Ela só desejava que o próprio retorno de Lorde Westfall a seu odioso reino não dependesse tão fortemente de sua assistência.

Reprimindo uma carranca, Yrene endireitou seus ombros e bateu nas portas da suíte, a criada de rosto encantador abrindo-as antes que o som terminasse de ecoar no corredor.

Havia tantos deles no palácio que Yrene aprendera os nomes de apenas alguns, mas ela tinha visto essa antes, havia marcado sua beleza. O suficiente para que Yrene assentisse e entrasse.

Os criados eram generosamente pagos e tratados bem o suficiente para que a concorrência fosse feroz para conseguir um lugar no palácio – especialmente quando os cargos tendiam a permanecer dentro das famílias, e todas as vagas iam para aqueles dentro dessas famílias. O khagan e sua corte tratavam seus criados como pessoas, com direitos e leis para protegê-los.

Ao contrário de Adarlan, onde tantos moravam e morriam em grilhões. Ao contrário dos escravizados em Calaculla e Endovier, sem permissão para ver o sol ou respirar ar fresco, famílias inteiras dilaceradas.

Ela tinha ouvido falar dos massacres nas minas durante esta primavera. Os massacres. Foi o suficiente para que qualquer expressão

neutra desaparecesse de seu rosto quando ela alcançou a generosa sala de estar. Ela não sabia quais eram os negócios deles com o khagan, mas ele certamente cuidava de seus convidados.

Lorde Westfall e a jovem capitã estavam sentados exatamente onde estiveram na manhã anterior. Nenhum dos dois parecia feliz.

Na verdade, eles não estavam nem se olhando.

Bem, pelo menos nenhum deles se incomodaria em fingir ser agradável hoje.

O lorde já avaliava Yrene, sem dúvida notando o mesmo vestido azul da visita anterior, os mesmos sapatos.

Yrene tinha quatro vestidos, o roxo que ela usara no jantar da noite passada sendo o melhor. Hasar sempre prometia adquirir roupas mais finas para ela, mas a princesa nunca se lembrava no dia seguinte. Não que Yrene se importasse particularmente. Se ela recebesse as roupas, se sentiria obrigada a visitar o palácio mais do que já visitava, e... Sim, havia algumas noites solitárias quando ela se perguntava em que diabos estava pensando ao afastar Kashin, quando se lembrava de que a maioria das meninas do mundo matariam e brigariam para ter um convite aberto ao palácio, mas ela não ficaria aqui por muito mais tempo. Não havia motivo.

— Bom-dia — disse a nova capitã, Nesryn Faliq.

A mulher parecia mais focada. Decidida. E, no entanto, essa nova tensão entre ela e Lorde Westfall...

Não era de sua conta. Somente se interferisse em seu trabalho.

— Eu conversei com a minha superior. — Uma mentira, embora ela tecnicamente tenha falado com Hafiza.

— E?

Nenhuma palavra do lorde até agora. Sombras borravam a parte de baixo de seus olhos castanhos, sua pele bronzeada mais pálida do que ontem. Se ele estava surpreso que ela tivesse voltado, não revelou nada.

Yrene pegou a parte superior de seu cabelo e o prendeu com um pequeno pente de madeira, deixando a metade inferior solta. Seu penteado preferido para trabalhar.

— E eu gostaria de fazê-lo andar novamente, Lorde Westfall.

Nenhuma emoção cintilou nos olhos do lorde. Nesryn, no entanto, soltou uma respiração trêmula e recostou-se contra as almofadas macias do sofá dourado.

— Quão provável é que você tenha sucesso?

— Eu curei lesões da coluna vertebral antes. Embora fosse de um cavaleiro que teve uma queda feia de seu cavalo... não uma ferida em

batalha. Certamente, não um ferimento de magia. Eu farei o meu melhor, mas não dou nenhuma garantia.

Lorde Westfall não disse nada, nem se mexeu em sua cadeira.

Diga algo, ela exigiu, encontrando seu olhar frio e cansado.

Seus olhos deslizaram para sua garganta, para a cicatriz que ela não deixou Eretia curar quando ela havia oferecido no ano anterior.

— Você trabalhará com ele todos os dias durante horas? — as palavras de Nesryn eram firmes, quase baixas, e ainda assim... A mulher não era uma criatura que se dava bem em uma jaula. Mesmo uma dourada como esta.

— Eu recomendaria — Yrene disse a Nesryn por sobre um ombro — que se você tiver outros deveres ou tarefas para cumprir, capitã, estas horas seriam um bom momento para isso. Eu avisarei se você for necessária.

— E quanto a locomovê-lo por aí?

Os olhos do lorde flamejaram com isso.

E embora Yrene estivesse disposta a deixá-los se resolverem sozinhos, ela notou a indignação fervente do lorde e a aversão às palavras e se pegou dizendo:

— Posso lidar com a maior parte disso, mas acredito que Lorde Westfall é mais do que capaz de se mover sozinho.

Algo parecido com gratidão cautelosa apareceu no rosto dele. Mas ele apenas disse a Nesryn:

— E eu posso fazer minhas próprias malditas perguntas.

Culpa atravessou o rosto de Nesryn, mesmo quando ela se endureceu. Ela assentiu, mordendo o lábio, antes de murmurar para Chaol:

— Recebi alguns convites ontem. — Entendimento acendeu nos olhos dele. — Eu planejo aceitá-los.

Esperta - não falando claramente sobre seus movimentos.

Chaol assentiu solenemente.

— Envie uma mensagem desta vez.

Yrene havia notado sua preocupação no jantar da noite passada quando a capitã não aparecera. Um homem que não estava acostumado a não ter as pessoas que ele gostava longe de sua vista, e agora estava limitado em como poderia procurá-las ele mesmo. Ela guardou a informação para mais tarde.

Nesryn fez suas despedidas, talvez de maneira mais sucinta para o lorde, e então se foi.

Yrene esperou até ouvir a porta fechar.

— Ela é sábia por não falar em voz alta sobre seus planos.

— Por quê?

Suas primeiras palavras para Yrene até agora.

Ela ergueu o queixo na direção das portas abertas da sala de estar.

— As paredes têm ouvidos e bocas. E todos os criados são pagos pelos filhos do Khagan. Ou pelos vizires.

— Pensei que o khagan pagasse todos.

— Ah, ele paga — Yrene disse, indo até a pequena sacola que ela havia deixado perto da porta. — Mas seus filhos e vizires compram a lealdade dos criados através de outros meios. Favores, confortos e status em troca de informações. Eu tomaria cuidado com quem foi designado para você.

Mesmo sendo tão doce quanto a criada que havia deixado Yrene entrar parecia ser, ela sabia que até mesmo as menores cobras podiam conter o veneno mais letal.

— Você sabe a quem... eles pertencem? — Ele disse a palavra “pertencem” como se tivesse um gosto ruim.

— Não. — Yrene disse simplesmente. Ela revirou a bolsa, retirando frascos duplos de líquido âmbar, um toco de giz branco e algumas toalhas. Ele seguiu cada movimento com os olhos. — Você possui algum escravo em Adarlan? — ela manteve a pergunta leve, desinteressada. Conversa ociosa enquanto se preparava.

— Não. Nunca.

Ela colocou um diário de couro preto sobre a mesa antes de levantar uma sobancelha.

— Nenhum?

— Eu acredito em pagar as pessoas por seu trabalho, como fazem aqui. E acredito que o ser humano tem direito intrínseco à liberdade.

— Estou surpresa em ver que seu rei permite que você viva se pensa dessa maneira.

— Eu guardo essas opiniões para mim mesmo.

— Uma atitude sábia. Melhor esconder o que se pensa do que falar por milhares de escravos.

Ele ficou imóvel diante disso.

— Os campos de trabalho e o tráfico de escravos foram fechados. Foi um dos primeiros decretos de meu rei. Eu estava lá com ele quando assinou o documento.

— Novos decretos para uma nova era, suponho? — As palavras eram mais afiadas do que o conjunto de lâminas que ela carregava consigo: para cirurgia, para raspar a carne apodrecida.

Ele manteve o olhar firme.

— Dorian Havilliard não é o pai dele. Foi a ele que servi nestes anos.

— E, no entanto, você era o antigo Capitão da Guarda Real. Estou surpresa que os filhos do khagan não estejam clamando para ouvir os segredos sobre como você trabalhou com os dois tão bem.

Suas mãos apertaram os braços da cadeira.

— Há escolhas em meu passado — ele falou firmemente — das quais eu me arrependo. Mas só posso seguir em frente e tentar consertá-las. Lutar para me certificar de que elas não voltem a acontecer. — Ele ergueu o queixo em direção aos suprimentos que ela havia retirado. — O que eu não posso fazer enquanto estiver nesta cadeira.

— Você certamente poderia fazer tais coisas dessa cadeira — ela disse com dureza. Ele não respondeu. Ótimo. Se ele não queria falar sobre isso... ela certamente também não queria. Yrene ergueu o *seu* queixo em direção ao sofá dourado longo e macio.

— Deite-se ali. Tire a camisa e fique de barriga para baixo.

— Por que não na cama?

— A capitã Faliq estava aqui ontem. Eu não entraria em seu quarto sem sua presença.

— Ela não é minha... — ele parou. — Não seria um problema.

— E, no entanto, você viu na noite passada como poderia apresentar um problema para mim.

— Com...

— Sim. — Ela o cortou com um olhar afiado na direção da porta. — O sofá servirá.

Ela vira o olhar que Kashin lançara no jantar. Ela queria deslizar da cadeira e se esconder debaixo da mesa.

— Você não tem interesse em relação a isso? — ele perguntou, indo para o sofá a poucos centímetros de distância, e então desabotoando a jaqueta.

— Não tenho planos de buscar tal vida para mim. — Não quando os riscos eram tão altos.

A sua própria execução, de seu marido e seus filhos se Kashin desafiasse o novo khagan, se ele fizesse uma reivindicação pelo trono. Tornar-se infértil pelas mãos de Hafiza na melhor das hipóteses – uma

vez que o novo khagan produzisse herdeiros suficientes para garantir a continuação da linhagem.

Kashin havia afugentado tais preocupações naquela noite nas estepes, recusou-se a entender a parede intransponível que eles sempre apresentariam.

Mas Chaol assentiu, provavelmente bem ciente dos custos do casamento na linhagem se seu cônjuge não fosse o herdeiro escolhido. Como Kashin nunca seria – não com Sartaq, Arghun ou Hasar propensos a serem escolhidos.

Yrene acrescentou antes de Chaol poder indagar mais:

— E não é da sua conta.

Ele a examinou lentamente. Não da maneira como os homens às vezes faziam, que Kashin fazia, mas... como se avaliasse um adversário.

Yrene cruzou os braços, distribuindo seu peso uniformemente entre seus pés, assim como havia sido ensinada e agora instruíra outros a fazerem. Uma posição firme e defensiva. Pronta para enfrentar qualquer um.

Até mesmo lordes de Adarlan. Ele pareceu notar essa posição, e sua mandíbula apertou.

— Camisa — ela repetiu.

Com um olhar fulminante, ele ergueu os braços sobre a cabeça e tirou a camisa, colocando-a cuidadosamente sobre o lugar onde dobrara a jaqueta sobre o braço do sofá. Então tirou as botas e as meias com rápidos e brutos movimentos.

— Calças desta vez — ela disse a ele. — Deixe a roupa de baixo.

Suas mãos foram ao cinto, e hesitaram.

Ele não conseguiria remover as calças sem algum grau de ajuda – pelo menos na cadeira.

Ela não deixou um lampejo de piedade aparecer em seu rosto enquanto agitava uma mão em direção ao sofá.

— Continue, e eu vou tirá-la para você.

Ele hesitou novamente. Yrene colocou as mãos nos quadris.

— Enquanto eu gostaria de poder dizer que você é meu único paciente hoje — ela mentiu — eu *tenho* outros compromissos para manter. O sofá, se você puder.

Ele enrijeceu a mandíbula, mas apoiou uma mão no sofá, outra na borda da cadeira e ergueu-se.

A força no movimento solo era digna de alguma admiração.

Tão facilmente, os músculos dos braços, das costas e do peito o ergueram para cima e em frente. Como se ele tivesse feito isso sua vida

inteira.

— Você manteve se exercitando desde... há quanto tempo ocorreu a lesão?

— Aconteceu no solstício de verão. — Sua voz era baixa, rasa enquanto ele erguia suas pernas no sofá, grunhindo com o peso. — E sim. Eu não era ocioso antes disso, e eu não vejo motivo para ser agora.

Este homem era uma rocha. A lesão o havia abalado um pouco, mas não o derrubara. Ela se perguntou se ele sabia disso.

— Bom — ela falou simplesmente. — Exercitar tanto a parte superior do corpo quanto as pernas será uma parte vital da cura.

Ele olhou para suas pernas enquanto aqueles fracos espasmos as balançavam.

— Exercitar minhas pernas?

— Explicarei em um momento — disse ela, fazendo um gesto para ele virar.

Ele obedeceu com outro olhar de reprovação, mas ficou de braços.

Yrene inspirou algumas vezes para examinar o comprimento dele. Ele era grande o suficiente para tomar toda a extensão do sofá. Mais de um metro e oitenta. Se ele voltasse a ficar de pé, seria bem mais alto do que ela.

Ela se levantou e puxou para baixo as calças dele em puxões leves e superficiais. Sua roupa de baixo escondia o suficiente, embora ela certamente pudesse ver o formato de suas nádegas firmes através do material fino. Mas suas coxas... Ela havia sentido o músculo ainda nelas ontem, mas estudando-as agora...

Elas estavam começando a atrofiar. Já não possuíam a vitalidade saudável do resto de seu corpo, o músculo ondulando debaixo daquela pele bronzeada parecia mais frouxo – fino.

Ela colocou uma mão na parte de trás de uma das coxas, sentindo o músculo sob os pelos ondulados.

Sua magia passou de sua pele para a dele, procurando e limpando através de sangue e osso.

Sim – o desuso estava começando a se apropriar dele.

Yrene retirou sua mão e o encontrou observando-a, com a mão apoiada sobre o travesseiro que ele puxara sob seu queixo.

— Elas estão se deteriorando, não estão?

Ela manteve o rosto em uma máscara de pedra.

— Membros atrofiados podem recuperar sua força total. Mas sim. Devemos nos concentrar em maneiras de mantê-los tão fortes quanto possível, exercitá-los durante todo este processo, de modo que quando

— você estiver de pé — ela se certificou de que ele tivesse ouvido a ligeira ênfase no *quando* — terá o máximo de apoio possível nas pernas.

— Então, não será somente a cura, mas também exercício.

— Você disse que gosta de se manter ativo. Há muitos exercícios que podemos fazer com uma lesão vertebral que farão com que sangue e força fluam para suas pernas, o que ajudará no processo de cura. Eu irei supervisioná-lo.

Ela evitou a palavra alternativa – *ajudá-lo*.

Lorde Chaol Westfall não era um homem que desejava *ajuda* das pessoas. De qualquer um.

Ela deu alguns passos ao longo de seu corpo, para analisar a coluna vertebral. Analisar aquela marca pálida e estranha logo abaixo da sua nuca. Naquela primeira proeminência da coluna vertebral.

Mesmo agora, o poder invisível que rodopiava nas palmas das mãos parecia recuar para dentro dela.

— Que tipo de magia causou isso?

— Isso importa?

Yrene passou a mão sobre a coluna dele, mas não deixou que sua mágica se espalhasse. Ela apertou os dentes.

— Me ajudaria a saber que dano ela poderia ter causado em seus nervos e ossos.

Ele não respondeu. Típica arrogância adarlaniana.

Yrene pressionou:

— Foi fogo...?

— Não foi fogo.

Uma lesão causada por magia. Tinha que ter acontecido... No solstício de verão, ele havia dito. Os rumores do dia alegaram que a magia havia retornado ao continente do norte. Que foi libertada por Aelin Galathynius.

— Você estava lutando contra os detentores de magia que retornaram naquele dia?

— Eu não estava. — Palavras bruscas e afiadas.

E ela olhou em seus olhos – seu olhar duro. Realmente olhou.

Tudo o que aconteceu, foi horrível. O suficiente para deixar tais sombras e reticências.

Ela já havia curado pessoas que suportaram horrores. Quem não conseguiam responder às perguntas que ela fazia. E ele poderia ter servido àquele açougueiro, mas... Yrene tentou não deixar transparecer quando percebeu o que estava por vir, o que Hafiza provavelmente havia adivinhado antes de incumbi-la dele: os curandeiros muitas vezes

não apenas reparavam feridas, mas também o trauma que os acompanhava. Não através da magia, mas... conversando. Caminhando ao lado do paciente enquanto eles percorriam esses caminhos difíceis, escuros.

E para fazer isso com *ele*... Yrene deixou o pensamento de lado. Mais tarde. Ela pensaria nisso mais tarde.

Fechando os olhos, Yrene liberou sua magia em um fio suave para sondar, e colocou uma palma naquela estrela salpicada no topo da coluna vertebral.

O frio a acertou, farpas disparando através de seu sangue e ossos.

Yrene recuou como se tivesse sofrido um golpe físico.

Frio e escuridão e raiva e agonia...

Ela apertou o queixo, lutando contra esse eco nos ossos, enviando a sonda fina do poder um pouco mais fundo.

A dor deveria ter sido insuportável quando o atingiu.

Yrene lutou contra o frio – o frio, a ausência e a imprecisão oleosa e *errada* daquilo.

Nenhuma magia deste mundo, alguma parte dela sussurrou. Nada que fosse natural ou bom. Nada que ela conhecesse, nada com que ela houvesse lidado.

Sua magia gritou para retirar essa sonda, afastar-se...

— Yrene. — As palavras dele pareciam estar longe enquanto o vento, a escuridão e o vazio daquilo rugiam ao redor dela...

E então aquele eco do nada... pareceu despertar.

O frio encheu-a, queimou ao longo de seus membros, rastejando mais, cercando.

Yrene lançou sua magia em uma chama cega, a luz pura como a espuma do mar.

A escuridão recuou, uma aranha escorregando em um canto sombrio. Apenas o suficiente – apenas o suficiente para que ela retirasse sua mão, *se* retirasse para trás e encontrasse Chaol boquiaberto para ela.

Suas mãos tremiam enquanto olhava para elas. Enquanto olhava aquela mancha pálida na pele bronzeada dele. Aquela *presença*... Ela enrolou sua magia profundamente dentro de si mesma, desejando aquecer seus próprios ossos e sangue, para se estabilizar. Mesmo enquanto se recuperava, também algo parecido com uma mão interna e invisível acariciava seu poder, acalmando-o.

— Diga-me o que é isso. — Porque ela não vira, sentira, nem aprendera *nada* como aquilo.

— Está dentro de mim? — era medo – medo genuíno em seus olhos.

Oh, ele sabia. Sabia que tipo de poder havia feito essa ferida, o que poderia estar se escondendo dentro dela. Sabia o suficiente para ter medo. Se um poder como esse existia em Adarlan...

Yrene engoliu em seco.

— Eu acho... acho que é somente... somente o eco de algo maior. Como uma tatuagem ou uma marca. Não é algo vivo, e mesmo assim... — ela flexionou os dedos. Se uma mera sondagem da escuridão com sua magia desencadeara uma resposta dessas, então uma investida completa... — Diga-me o que é isso. Se eu vou lidar com... com *isso*, preciso saber. Tudo o que você puder me dizer.

— Eu não posso.

Yrene abriu a boca. Mas o lorde dirigiu o olhar para a porta aberta. Seu aviso para ele ecoou silenciosamente.

— Então, devemos tentar contorná-lo — ela declarou. — Sente-se. Eu quero inspecionar seu pescoço.

Ele obedeceu, e ela o observou enquanto seu abdômen fortemente musculoso o erguia gentilmente, então ele cuidadosamente colocou os pés e as pernas no chão. Bom. Que ele não tivesse apenas essa mobilidade, mas a paciência estável e a calma para trabalhar com o corpo... bom.

Yrene manteve esse pensamento para si mesma enquanto caminhava, com os joelhos ainda bambos, para a mesa onde ela deixara os frascos de fluidos âmbar – óleos de massagem prensados a partir de alecrim e lavanda que cresciam logo além das muralhas de Antica, e eucaliptos do extremo sul.

Ela escolheu o eucalipto, o cheiro fresco e sufocante enrolando-se em torno dela enquanto retirava a rolha do frasco e ocupava um lugar ao lado dele no sofá. Calmante, esse cheiro. Para ambos.

Sentados juntos naquele sofá, ele de fato era maior do que ela – a massa muscular dele o suficiente para fazê-la entender por que ele tinha sido tão experiente em sua posição. Estar empoleirada ao lado dele era diferente, de alguma forma, do que ficar acima dele, tocando-o. Sentada ao lado de um lorde de Adarlan...

Yrene não deixou o pensamento se acomodar quando colocou uma pequena quantidade de óleo na palma da mão e esfregou as mãos para aquecê-lo. Ele inalou profundamente, como se estivesse tomando o aroma em seus pulmões, e Yrene não se incomodou em falar enquanto pousava as mãos sobre a nuca dele.

Movimentos amplos e largos ao redor e ao longo de seu pescoço musculoso. Sobre seus ombros.

Ele soltou um gemido profundo enquanto ela passava por um nó entre o pescoço e o ombro, o som reverberando nas palmas de suas mãos, e então se enrijeceu.

— Desculpe.

Ela ignorou as desculpas, cravando os polegares na área. Outro ruído ressoou para fora dele. Talvez tivesse sido crueldade sua não comentar o leve embaraço dele, ao invés de ignorá-lo. Mas Yrene simplesmente se inclinou, deslizando as palmas das mãos pelas suas costas, dando uma volta enorme naquela marca horrível.

Ela controlou sua magia com força, não deixando seu poder resvalar contra aquilo de novo.

— Conte-me o que você sabe — ela murmurou em sua orelha, sua bochecha perto o suficiente para raspar na barba curta que cobria sua mandíbula. — Agora.

Ele esperou um momento, ouvindo se havia alguém por perto. E enquanto as mãos de Yrene deslizavam por seu pescoço, massageando músculos que estavam cheios de nós o suficiente para fazê-la se encolher, Lorde Westfall começou a sussurrar.

Para o crédito de Yrene Towers, suas mãos não falharam nenhuma vez enquanto Chaol murmurava em seu ouvido sobre horrores que nem mesmo um deus da escuridão poderia conjurar.

Portões de Wyrd, pedras de Wyrd e cães de caça de Wyrd. Os valg, Erawan e seus príncipes e os colares. Mesmo para ele, não soava mais do que uma historinha para dormir, algo que sua mãe poderia ter contado durante aquelas longas noites de inverno em Anielle, os ventos selvagens uivando ao redor da muralha.

Ele não contou a ela sobre as chaves. Do rei que havia sido escravizado por duas décadas. Da própria escravidão de Dorian. Ele não contou a ela quem o havia atacado, ou a verdadeira identidade de Perrington. Somente o poder que os valg exerciam, a ameaça que representavam. Que eles ficaram ao lado de Perrington.

— Então esse... o agente desses... demônios. Foi esse o poder que o atingiu aqui — refletiu Yrene em um sussurro próximo, com a mão pairando sobre o ponto da coluna vertebral. Ela não se atrevia a tocá-lo,

tendo evitado essa área completamente enquanto o massageava, como se temesse entrar em contato com aquele eco escuro novamente. Ela agora, de fato, moveu a mão para seu ombro esquerdo e retomou sua massagem gloriosa. Ele mal conseguiu segurar seu gemido pela tensão que ela aliviava de suas costas e ombros doloridos, dos braços, do pescoço e da parte baixa de sua cabeça.

Ele não sabia o quanto seus músculos estavam rígidos, o quão duro ele tinha trabalhado em seu treinamento.

— Sim — ele disse finalmente, sua voz ainda baixa. — Aquilo queria me matar, mas... Eu fui poupado.

— Pelo quê? — O medo havia desaparecido há muito tempo de sua voz; nenhum tremor permanecia em suas mãos. Um pouco de calor o substituíra.

Chaol inclinou a cabeça, deixando-a trabalhar com um músculo tão resistente que o fez trincar os dentes.

— Um talismã que me protegeu contra tal maldade – e um golpe de sorte. — De misericórdia, de um rei que tentou desferir aquele golpe final. Não apenas como uma gentileza para ele, mas para Dorian.

As mãos milagrosas de Yrene se acalmaram. Ela se afastou, procurando o rosto dele.

— Aelin Galathynius destruiu o castelo de vidro. Foi por isso que ela fez isso – por isso tomou Forte da Fenda também. Para afastá-los?

E onde você estava?, era a sua exigência não dita.

— Sim. — E ele se encontrou acrescentando em seu ouvido, suas palavras um pouco mais do que um sussurro: — Ela, Nesryn, e eu trabalhamos juntos. Com muitos outros.

De quem ele não tinha ouvido mais falar, não tinha ideia de onde estavam. Lá fora lutando, pelejando para salvar suas terras, seu futuro, enquanto ele estava aqui. Incapaz até mesmo de conseguir uma audiência privada com um príncipe, muito menos com o khagan.

Yrene refletiu.

— Esses são os horrores se aliando a Perrington — ela falou suavemente. — O que os exércitos enfrentarão.

O medo voltou a assombrar seu rosto, mas ele ofereceu a verdade que podia:

— Sim.

— E você... lutará contra eles?

Ele deu um sorriso amargo.

— Se você e eu pudermos resolver isso. — *Se você puder fazer o impossível.*

Mas ela não respondeu. Yrene apenas recuou no sofá, avaliando-o, cautelosa e distante. Por um momento, ele pensou que ela fosse dizer algo, perguntar-lhe alguma coisa, mas ela apenas balançou a cabeça.

— Eu tenho muito para investigar. Antes de me atrever a ir mais longe. — Ela gesticulou para suas costas, e ele percebeu que ainda estava sentado com suas roupas de baixo.

Ele engoliu o desejo de buscar suas roupas.

— Existe um risco... para você?

Se houvesse...

— Eu não sei. Eu... Eu realmente nunca havia encontrado nada assim antes. Gostaria de analisar melhor, antes de começar a tratá-lo e compor um regime de exercícios. Preciso fazer algumas pesquisas na biblioteca da Torre esta noite.

— É claro. — Se essa maldita lesão machucasse a ambos no processo, ele se recusaria. Ele não sabia o que diabos faria, mas se recusaria a deixá-la tocá-lo. E pelo risco, o esforço...

— Você nunca mencionou seu preço. Por sua ajuda.

Tinha que ser exorbitante. Se eles haviam enviado o melhor deles, se ela tivesse tanta habilidade...

As sobrancelhas de Yrene franziram.

— Se está tão inclinado a pagar, qualquer doação pode ser feita para ajudar na manutenção da Torre e de seus funcionários, mas não há preço, nenhuma expectativa.

— Por quê?

Sua mão deslizou para o bolso enquanto ela se levantava.

— Este dom me foi dado por Silba. Não é correto cobrar pelo que me foi concedido gratuitamente.

Silba – a Deusa da Cura.

Ele havia conhecido outra jovem que foi abençoada por deuses. Não era de se admirar que ambas possuíssem um fogo tão incansável nos olhos.

Yrene pegou o frasco daquele óleo agradável e cheiroso e começou a arrumar a bolsa.

— Por que decidiu voltar para me ajudar?

Yrene fez uma pausa, seu corpo magro ficando rígido. Então ela se virou para ele.

Um vento entrou no cômodo, vindo do jardim, soprando os fios do seu cabelo, ainda meio preso, sobre o peito e ombros.

— Pensei que você e a capitã Faliq usariam minha recusa contra mim um dia.

— Nós não planejamos viver aqui para sempre. — Não importa o que mais ela tivesse sugerido.

Yrene deu de ombros.

— Nem eu.

Ela empacotou o resto das coisas e dirigiu-se para a porta.

Ele a deteve com sua próxima pergunta.

— Você pretende retornar? — *Para Charco Lavrado? Para o inferno?*

Yrene olhou para a porta, para os criados ouvindo, esperando, no vestíbulo além.

— Sim.

Ela não queria apenas voltar para Charco Lavrado, mas também para ajudar na *guerra*. Pois, nesta guerra, os curandeiros seriam necessários. Desesperadamente. Não era de se admirar que ela tivesse empalidecido com os horrores que ele havia sussurrado em seu ouvido. Não só pelo o que eles enfrentariam, mas também o que poderia matá-la.

E, embora seu rosto permanecesse abatido, ao notar as sobrelanceiras levantadas dele, ela acrescentou:

— É a coisa certa a fazer. Com tudo o que me fui concedido – toda a bondade colocada em meu caminho.

Ele debatia sobre se deveria alertá-la para ficar, permanecer aqui, segura e protegida. Mas notou a cautela em seus olhos enquanto aguardava sua resposta. Outros, ele percebeu, provavelmente já a advertiram sobre ir embora. Talvez tivessem feito com que ela duvidasse de si mesma, apenas um pouco.

Então, ao invés disso, Chaol falou:

— A capitã Faliq e eu não somos do tipo de pessoas que guardariam rancor contra você – que tentaríamos puni-la por isso.

— Você serviu um homem que fez tais coisas. — *E provavelmente agiu em seu nome.*

— Você acreditaria em mim se eu lhe dissesse que ele deixava seu trabalho sujo para outros além do meu comando, e muitas vezes eu não era informado?

Sua expressão lhe dizia o suficiente. Ela pegou a maçaneta da porta.

— Eu sabia — ele falou calmamente — que ele havia feito e fazia coisas indescritíveis. Sabia que forças haviam tentado lutar contra ele quando eu era menino, e que ele os tinha esmagado. Eu... para me tornar capitão, tive que me render a certos... privilégios. Vantagens. Fiz isso de bom grado, porque meu foco era proteger o futuro. Proteger

Dorian. Mesmo quando meninos, eu sabia que ele não era o filho de seu pai. Sabia que um futuro melhor viria com ele, se eu pudesse me certificar de que Dorian vivesse o suficiente. Se ele não somente vivesse, mas também sobrevivesse - emocionalmente. Se ele tivesse um aliado, um verdadeiro amigo, naquela corte de víboras. Nenhum de nós era velho o bastante, forte o bastante para desafiar seu pai. Vimos o que aconteceu com aqueles que sussurravam sobre rebelião. Eu sabia que se eu, se *ele* colocasse um pé fora de linha, seu pai o mataria, herdeiro ou não. Então eu almejei a estabilidade, a segurança do status *quo*.

O rosto de Yrene não havia se alterado, nem suavizado ou endurecido.

— O que aconteceu?

Ele finalmente pegou sua camisa. Com curiosidade, pensou que havia deixado uma parte de si mesmo nua enquanto estava sentado aqui.

— Nós conhecemos alguém. Que nos colocou em um caminho contra o qual lutei até que custou muito a mim e a outros. Demais. Então você pode me olhar com ressentimento, Yrene Towers, e eu não a culparei por isso. Mas acredite em mim quando digo que não há ninguém em Erilea que me enoje mais do que eu mesmo.

— Por causa do caminho no qual se encontrou forçado a seguir?

Ele vestiu sua camisa e pegou suas calças.

— Por lutar contra esse caminho em primeiro lugar... pelos erros que cometi ao fazer isso.

— E em qual caminho você anda agora? Como a Mão de Adarlan vê o seu futuro?

Ninguém havia lhe perguntado. Nem mesmo Dorian.

— Eu ainda estou aprendendo... ainda... decidindo — ele admitiu.

— Mas começa varrendo Perrington e os valg da nossa terra natal.

Ela pegou a palavra - *nossa*. Ela mastigou o lábio, como se a saboreasse em sua boca.

— O que aconteceu no solstício de verão, exatamente?

Ele tinha sido vago. Não falara sobre o ataque, os dias e os meses que levaram àquele dia, às consequências.

Aquela sala brilhou em sua mente - uma cabeça rolando sobre o mármore, Dorian gritando. Misturando-se com outro momento, de Dorian ao lado de seu pai, o rosto frio como a morte e mais cruel do que qualquer outro no reino de Hella.

— Eu contei o que aconteceu — ele respondeu simplesmente.

Yrene o estudou, brincando com a alça de sua pesada bolsa de couro.

— Enfrentar as consequências emocionais da sua lesão será parte deste processo.

— Eu não preciso enfrentar nada. Eu sei o que aconteceu antes, durante e depois.

Yrene ficou perfeitamente imóvel, aqueles olhos muito antigos completamente imperturbáveis.

— Veremos.

O desafio pairou no ar entre eles, o medo se agrupando em seu estômago, as palavras talhadas na boca de Chaol enquanto ela girava nos calcanhares e saía.

Capítulo 9

Duas horas depois, com a cabeça encostada na borda da banheira esculpida no chão de pedra da enorme caverna sob a Torre, Yrene olhou

para a escuridão que espreitava acima.

O Útero estava quase vazio no meio da tarde. Sua única companhia eram os fios de águas naturais que fluíam através da dúzia de banheiras embutidas no chão da caverna, e o gotejar de água de estalactites caindo sobre os inúmeros sinos amarrados em correntes entre os pilares de pedra pálida que se erguiam das rochas antigas.

As velas haviam sido introduzidas em alcovas naturais, ou colocadas em cada extremidade de cada banheira, dourando o vapor sulfuroso e deixando as corujas esculpidas em cada parede e pilar com um relevo cintilante.

Com um pano macio suavizando o contato de sua cabeça contra a borda de pedra implacável da banheira, Yrene respirou o ar denso do Útero, observando-o subir e desaparecer na escuridão forte e dura lá em cima. Ao redor dela ecoava um som agudo e doce, ocasionalmente interrompido por notas isoladas e claras.

Ninguém na Torre sabia quem havia trazido primeiro os vários sinos de prata, vidro e bronze para a câmara aberta do Útero de Silba. Alguns sinos estavam ali fazia tanto tempo que estavam cobertos de depósitos minerais, fazendo com que o som dos pingos de água que caíam das estalactites não passasse de um baixo *plunc*. Mas era uma tradição – uma que a própria Yrene participou – que cada nova ajudante trouxesse um sino de sua escolha. Com seu nome e data de admissão na Torre gravados, e então encontrasse um lugar para o sino – mas antes mergulhando nas águas borbulhantes do chão do Útero. O sino para ser pendurado para a eternidade, oferecendo música e orientação a todas as curandeiras que chegassem depois; as vozes de suas amadas irmãs para sempre cantando para eles.

E considerar quantas curandeiras haviam passado pelos corredores da Torre, considerando o número de sinos, grandes e pequenos, que agora pendiam por todo o espaço... A câmara inteira, quase do tamanho do grande salão do khagan, estava cheia dos ecos dos sinos. Um zumbido constante que enchia a cabeça de Yrene, seus ossos, enquanto mergulhava no calor delicioso.

Algum arquiteto antigo descobrira as fontes termais logo abaixo da Torre e construía uma rede de banheiras no chão para que a água fluísse entre elas, um constante fluxo de calor e movimento. Yrene colocou a mão contra uma das aberturas na lateral da banheira, deixando que a água passasse através de seus dedos em seu caminho para o respiradouro na outra extremidade, para retornar à corrente em si e para dentro do coração adormecido da terra.

Yrene respirou fundo outra vez, jogando para trás o cabelo úmido que estava em sua frente. Ela se lavara antes de entrar na banheira, como todas tinham que fazer em uma das antecâmaras pequenas fora do Útero, para limpar o pó, o sangue e as manchas do mundo acima. Uma ajudante estivera esperando com um roupão cor de lavanda – a cor de Silba – para que Yrene a usasse no Útero propriamente dito, onde ela então a descartou perto da banheira e entrou, nua a não ser pelo anel de sua mãe.

No vapor inconstante, Yrene levantou sua mão e estudou o anel, o modo como a luz refletia sobre o ouro e brilhava na granada. Por todo lado, os sinos tocavam, zumbiam e cantavam, misturando-se com o som a água pingando até que ela estivesse à deriva em uma corrente de som vivo.

Água – o elemento de Silba. Banhar-se nas águas sagradas daqui, intocadas pelo mundo acima, era entrar no sangue de Silba. Yrene sabia que ela não era a única curandeira a entrar nas águas e sentir como se estivesse realmente aninhada no calor do ventre de Silba. Como se esse espaço tivesse sido feito somente para elas.

E a escuridão acima... era diferente do que ela havia espionado no corpo de Lorde Westfall. O oposto daquela escuridão. A escuridão acima dela era da criação, do descanso, do pensamento não formado.

Yrene encarou a escuridão, encarou o ventre da própria Silba. E ela poderia jurar sentir algo encarando-a de volta. Escutando, enquanto ela pensava em tudo o que Lorde Westfall lhe havia dito.

Coisas saídas de pesadelos antigos. Coisas de outro reino. Demônios. Magias da escuridão. Venenos libertados sobre sua terra natal. Mesmo nas águas quentes e reconfortantes, o sangue de Yrene gelou.

Nesses campos de batalha longínquos, no extremo norte, ela esperava tratar feridas de flechas, espadas e ossos quebrados. Esperava tratar qualquer uma das doenças que surgiam nos campos de batalha, especialmente durante os meses mais frios.

Não as feridas de criaturas que destruíram tanto a alma quanto o corpo. Que usavam garras, dentes e venenos. O poder maligno enrolado em torno da lesão da medula espinhal... Não era um osso fraturado ou nervos emaranhados. Bem, tecnicamente *era*, mas magia estava ligada a ela. Vinculada a ela.

Ela ainda não conseguia afastar a sensação oleosa, a sensação de que algo havia se agitado. Despertado.

Os sons dos sinos fluíam e diminuíam, acalentando sua mente para descansar, para abrir-se.

Ela tinha que ir para a biblioteca esta noite. Ver se havia alguma informação sobre tudo o que o lorde tinha falado, se talvez alguém antes dela tivesse pensamentos sobre lesões causadas por magia.

No entanto, não seria uma lesão que dependesse dela para curar.

Ela havia sugerido antes de partir. Mas lutar contra aquela coisa dentro dele... *Como?*

Yrene disse a palavra em voz alta para o vapor e a escuridão, para a calmaria de sinos e água borbulhante.

Ela ainda podia ver sua sonda de magia recuando, ainda sentia sua repulsa por aquele poder demoníaco. O oposto do que ela era, do que era sua magia. Na escuridão que pairava sobre sua cabeça, ela podia ver tudo. Na escuridão muito acima, escondida no útero terrestre de Silba... a visão acenava.

Como se dissesse, vá onde você teme pisar.

Yrene engoliu em seco. Mergulhar naquele poço de poder em que se tinha agarrado nas costas do lorde...

Você deve ir, a doce escuridão sussurrou, a água cantando junto com ela enquanto fluía e passava por ela. Como se estivesse nadando nas veias de Silba.

Você deve ir, murmurou novamente, a escuridão acima parecendo se espalhar, chegar mais perto.

Yrene permitiu. E se deixou olhar mais fundo, avançar mais fundo, naquela escuridão.

Combater aquela força furiosa dentro do lorde, se arriscar por algum teste de Hafiza, arriscar-se por um filho de Adarlan quando seu próprio povo estava sendo atacado ou lutando naquela guerra distante e todos os dias a atrasaram... *Eu não posso.*

Você não quer, a escuridão adorável a desafiou.

Yrene recuou. Ela havia prometido a Hafiza que permaneceria, que o curaria, mas o que ela sentira hoje... Poderia demorar uma quantidade incalculável de tempo. Se ela pudesse pelo menos encontrar uma maneira de ajudá-lo. Ela prometeu curá-lo, e embora algumas lesões exigissem que a curandeira trilhasse a estrada com seu paciente, essa lesão dele...

A escuridão parecia diminuir.

Não posso, Yrene insistiu.

A escuridão não respondeu novamente. Distante, como se ela estivesse agora longe, um sino tocou, claro e límpido.

Yrene piscou com o som, o mundo entrando em foco. Seus membros e respiração voltando, como se ela estivesse pairando por cima deles.

Ela olhou para a escuridão – encontrando apenas o escuro normal e suave. Oco e vazio, como se tivesse se deslocado. Estado lá, e ido embora. Como se ela o tivesse repellido, decepcionado.

A cabeça de Yrene girou ligeiramente enquanto se sentava, esticando membros que haviam ficado um pouco rígidos, mesmo na água rica em minerais. Por quanto tempo ela havia ficado ali?

Ela esfregou seus braços escorregadios, o coração trovejando enquanto vasculhava a escuridão, como se ainda pudesse ter outra resposta para o que ela deveria fazer, o que estava diante dela. Uma alternativa.

Nenhuma veio.

Um som ecoou pela caverna, distintamente não era um sino ou o gotejar de água. Um inalar silencioso e trêmulo.

Yrene virou-se, a água escorrendo pelos fios bagunçados de cabelo que haviam escapado do nó em cima de sua cabeça e viu que outra curandeira havia entrado no Útero em algum momento, reivindicando uma banheira na extremidade oposta das fileiras paralelas flanqueando ambos os lados da câmara. Com os vapores à deriva, era quase impossível identificá-la, embora Yrene certamente não soubesse o nome de cada curandeira na Torre.

O som ecoou no Útero novamente, e Yrene sentou-se mais adiante, as mãos apoiadas no chão frio e escuro enquanto ela saía da água. O vapor enrolava-se em sua pele enquanto ela alcançava o roupão fino e o amarrava na cintura, o tecido agarrando-se ao seu corpo encharcado.

O protocolo do Útero estava bem estabelecido. Era um lugar para solidão, para silêncio. Curandeiras entravam nas águas para se reconectar com Silba, para se centrarem. Algumas procuravam orientação; outros procuravam absolvição. Algumas procuravam aliviar as emoções de um dia árduo de trabalho que elas não poderiam demonstrar na frente dos pacientes, talvez na frente de ninguém.

E embora Yrene soubesse que a curandeira do outro lado do Útero tivesse direito a seu espaço, embora estivesse preparada para sair e conceder privacidade à curandeira para prantear..

Os ombros da mulher tremeram. Outro soluço abafado.

Em pés quase silenciosos, Yrene aproximou-se da curandeira na banheira. Viu o riacho correndo por seu rosto jovem – sua pele morena clara e seu cabelo beijado de ouro quase idêntico ao da própria Yrene.

Viu a desolação nos olhos castanhos da mulher enquanto ela olhava para a escuridão acima, lágrimas escorrendo por seu maxilar delgado e para a água ondulante.

Havia algumas feridas que não podiam ser curadas. Algumas doenças que até mesmo o poder das curandeiras não podia parar, se estivessem profundamente enraizadas. Se tivessem chegado tarde demais. Se não marcassem os sinais corretos.

A curandeira não a olhou quando Yrene sentava-se silenciosamente ao lado da banheira, curvando os joelhos no peito antes de pegar a mão da curandeira e entrelaçar seus dedos.

Então, Yrene ficou sentada ali, segurando a mão da curandeira enquanto ela chorava em silêncio, o vapor à deriva cheio do toque claro e doce dos sinos.

Depois de incontáveis minutos, a mulher na banheira murmurou:

— Ela tinha três anos. — Yrene apertou a mão úmida da curandeira. Não havia palavras para confortar, para acalmar. — Eu queria... — A voz da mulher quebrou, seu corpo inteiro tremendo, a luz das velas refletindo em sua pele. — Às vezes eu queria que este dom nunca tivesse sido dado a mim.

Yrene refletiu sobre as palavras.

A mulher finalmente virou a cabeça, vendo o rosto de Yrene, um lampejo de reconhecimento em seus olhos.

— Você já se sentiu assim? — Uma pergunta crua, desprotegida.

Não. Não tinha. Nenhuma vez. Nem mesmo quando a fumaça do sacrifício de sua mãe fez seus olhos lacrimejarem e ela sabia que não podia fazer nada para salvá-la. Ela nunca detestara o dom que lhe fora dado, porque em todos esses anos, nunca estivera sozinha graças a ele. Mesmo com a magia desaparecida de sua terra natal, Yrene ainda havia se sentido assim, como uma mão quente que segurava seu ombro. Uma lembrança de quem ela era, de onde viera, uma corrente viva para inúmeras gerações de mulheres Towers que caminharam por esse caminho antes dela.

A curandeira procurou nos olhos de Yrene a resposta que ela queria. A resposta que Yrene não podia dar. Então Yrene apenas apertou a mão da mulher novamente e olhou para a escuridão.

Vá onde você teme pisar.

Yrene sabia o que tinha que fazer. E desejou que não soubesse.

— E então? Yrene já o curou?

Sentado à mesa no grande salão do khagan, Chaol virou-se para onde a princesa Hasar estava sentada vários assentos ao lado. Uma brisa refrescante que cheirava a chuva se aproximando fluía pelas janelas abertas para balançar as faixas brancas de luto penduradas em suas molduras no alto.

Kashin e Sartaq olharam para eles – o último lançando à irmã um olhar de desaprovação.

— Talentosa como Yrene deve ser — Chaol falou cuidadosamente, ciente de que muitos ouviam, mesmo sem demonstrar — estamos apenas nas fases iniciais do que provavelmente será um longo processo. Ela deixou-me esta tarde para fazer algumas pesquisas na biblioteca da Torre.

Os lábios de Hasar se enrolaram em um sorriso venenoso.

— Quão afortunado você, que teremos o prazer de sua companhia por um tempo ainda.

Como se ele ficasse de bom grado por um momento mais.

Mas Nesryn respondeu, ainda resplandecendo pelas horas passadas novamente com sua família naquela tarde:

— Qualquer chance para as nossas duas terras constituírem laços é afortunada.

— De fato — disse Hasar, e voltou a espetar o tomate e o quiabo gelados de seu prato. Sua amante não estava à vista, mas Yrene também não. O medo da curandeira mais cedo... ele quase fora capaz de senti-lo no ar. Mas pura vontade a havia estabilizado; vontade e temperamento, pensou Chaol. Ele se perguntou qual ganharia no final.

De fato, uma pequena parte dele esperava que Yrene ficasse longe, apenas para evitar o que ela havia sugerido fortemente que eles também fizessem: *conversar*. Discutir coisas. Sobre ele.

Ele deixaria claro para ela amanhã que poderia curar-se perfeitamente sem isso.

Durante longos minutos, Chaol ficou em silêncio, observando aqueles à mesa, os criados passando por ali. Os guardas nas janelas e arcadas.

O cordeiro picado tornou-se pesado em seu estômago à vista de seus uniformes, de como eles ficavam parados tão altos e orgulhosos. Por quantas refeições ele próprio tinha se posicionado nas portas, ou no pátio, monitorando seu rei? Quantas vezes ele havia dado broncas

em seus homens por ficarem parados em posição desleixada, ou por conversarem entre si, e os havia colocado em tarefas inferiores?

Um dos guardas de khagan notou seu olhar e deu um rápido aceno de cabeça.

Chaol desviou o olhar rapidamente, com as palmas das mãos pegajosas. Mas ele se forçou a continuar observando os rostos ao seu redor, o que eles vestiam e como eles se moviam e sorriam.

Nenhum sinal – nenhum – de qualquer força perversa, fosse despachada de Morath ou de outro lugar. Nenhum sinal além das faixas brancas para honrar a sua princesa caída.

Aelin afirmara que os valg tinham um pacto com eles, e ele viu o sangue deles escorrer preto de suas veias mortais mais vezes do que ele conseguia contar, mas não podia exigir que todos neste saguão cortassem suas mãos...

Na verdade, não era uma má ideia – se ele pudesse conseguir uma audiência com o khagan para convencê-lo a dar essa ordem.

Para marcar quem fugisse ou desse desculpas.

Uma audiência com o khagan para convencê-lo do perigo, e talvez fazer *algum* progresso com essa aliança. Para que os príncipes e as princesas que estavam ao seu redor nunca precisassem usar um colar valg. Seus amados não soubessem o que era olhar em seus rostos e não ver nada além de crueldade antiga sorrindo de volta.

Chaol respirou fundo e se inclinou para frente, para onde o khagan jantava alguns assentos para o lado, imerso em uma conversa com um vizir e com a princesa Duva.

A filha do khagan, que agora era a mais nova, parecia observar mais do que participar, e embora seu rosto bonito estivesse suavizado com um sorriso doce, seus olhos não perdiam nada. Foi só quando o vizir fez uma pausa para um gole de vinho e Duva virou-se para o marido em silêncio à sua esquerda que Chaol limpou a garganta e disse ao khagan:

— Agradeço-lhe novamente, Grande Khagan, por oferecer os serviços de suas curandeiras.

O khagan virou seus olhos rígidos, cansados, em sua direção.

— Elas não são mais minhas curandeiras do que são suas, Lorde Westfall. — Ele voltou-se para o vizir, que franziu a testa para Chaol por interromper.

Mas Chaol continuou:

— Eu esperava ter talvez a honra de uma reunião com o senhor em particular.

Nesryn tocou seu cotovelo com o dele em alerta enquanto o silêncio preenchia a mesa. Chaol se recusou a olhar para qualquer lugar, exceto para o homem a sua frente.

O khagan simplesmente disse:

— Você pode discutir esses assuntos com o meu Vizir Chefe, que mantém minha agenda. — Ele fez um movimento com o queixo em direção a um homem de olhos perscrutadores, que monitorava a conversa de seu lugar à mesa. Um olhar para o sorriso fino do Vizir Chefe disse a Chaol que a reunião não aconteceria. — Meu foco permanece em ajudar minha esposa através do seu luto. — O brilho de tristeza nos olhos do khagan não foi fingido. De fato, não havia nenhum sinal da esposa do khagan na mesa, nem mesmo um lugar reservado para ela.

Um trovão distante ressoou no silêncio que se seguiu. Não era a hora nem o lugar para insistir. Um homem sofrendo por uma criança perdida... Ele seria um tolo em insistir. E grosseiro além da medida.

Chaol abaixou seu queixo.

— Perdoe-me por me intrometer neste momento difícil. — Ele ignorou o sorriso torto no rosto de Arghun enquanto o príncipe observava ao lado de seu pai. Duva, pelo menos, ofereceu-lhe um sorriso simpático, como se dissesse, *Você não é o primeiro a ser dispensado. Dê-lhe tempo.*

Chaol deu à princesa um aceno superficial antes de retornar ao seu prato. Se o khagan estava decidido a ignorá-lo, de luto ou não... talvez existissem outros meios para conseguir informações.

Outras formas de obter apoio.

Ele olhou para Nesryn. Ela o informou quando voltara antes do jantar que não teve sorte procurando Sartaq esta manhã. E agora, com o príncipe sentado em frente a eles, bebendo seu vinho, Chaol viu-se casualmente perguntando:

— Ouvi dizer que sua lendária ruk, Kadara, está aqui, príncipe.

— Besta horrível — murmurou Hasar para seu quiabo, recebendo um meio sorriso de Sartaq.

— Hasar ainda está magoada porque Kadara tentou comê-la quando se conheceram — confidenciou Sartaq.

Hasar revirou os olhos, embora um brilho de diversão brilhasse lá.

Kashin falou de alguns assentos ao lado:

— Você poderia ouvi-la guinchar do porto.

Para a surpresa de Chaol, Nesryn perguntou:

— A princesa ou a besta?

Sartaq riu, um som sobressaltado e alto iluminando seus olhos. Hasar apenas deu a Nesryn um olhar de advertência antes de se virar para o vizir ao lado dela.

Kashin sorriu para Nesryn e sussurrou:

— Ambas.

Uma risada escapou da garganta de Chaol, embora ele a tenha retido sob o olhar de Hasar. Nesryn sorriu, inclinando-se para dirigir uma boa desculpa à princesa.

Contudo, Sartaq observava-os atentamente sobre a borda de seu cálice dourado. Chaol perguntou:

— Você é capaz de voar bastante em Kadara enquanto está aqui?

Sartaq não perdeu um segundo enquanto assentia.

— Quantas vezes quanto posso, geralmente perto do amanhecer. Eu estava no céu logo após o café da manhã, e voltei a tempo do jantar, felizmente.

Hasar murmurou para Nesryn sem quebrar o olhar com o vizir que exigia sua atenção:

— Ele nunca perdeu uma refeição em sua vida.

Kashin emitiu uma risada que fez até o khagan olhar em sua direção, Arghun franzindo o cenho em desaprovação. Quando a realeza riu desde a morte da irmã? Pelo rosto firme do khagan, talvez um tempo.

Mas Sartaq jogou sua longa trança sobre um ombro antes de acariciar o estômago plano e firme sob suas finas roupas.

— Por que você acha que eu volto para casa com tanta frequência, irmã, se não pela boa comida?

— Para conspirar e fazer intrigas? — Hasar perguntou docemente.

O sorriso de Sartaq se reprimiu.

— Como se eu tivesse tempo para essas coisas.

Uma sombra pareceu passar sobre o rosto de Sartaq – e Chaol observou para onde o olhar do príncipe se dirigiu... Os estandartes brancos ainda fluíam pelas janelas altas nas paredes do corredor, agora tremulando no que era certamente o vento de uma tempestade. Um homem que talvez desejasse possuir mais tempo para as partes importantes de sua vida.

— O senhor voa todos os dias, então, príncipe? — Nesryn perguntou com um toque suave.

Sartaq arrastou o olhar dos estandartes de morte de sua irmã mais nova para avaliar Nesryn. Mais guerreiro do que cortesão, contudo, ele assentiu – em resposta a um pedido não dito.

— Voo, Capitã.

Quando Sartaq se virou para responder a uma pergunta de Duva, Chaol trocou um olhar com Nesryn – tudo que ele precisava para transmitir seu pedido.

Esteja no ninho da besta ao amanhecer. Descubra onde ele está nesta guerra.

Capítulo 10

Uma tempestade de verão chegou do Mar Estreito logo antes da meia-noite.

Mesmo escondida na biblioteca que tomava a base da Torre, Yrene sentiu cada tremor de trovão. Clarões ocasionais de relâmpagos cortavam os corredores estreitos, perseguidos por um vento que atravessava as rachaduras na pedra pálida, apagando as velas à sua volta. A maioria estava protegida em lanternas de vidro, os livros e rolos muito preciosos para arriscar com chamas. Mas o vento os encontrou ali também – e deixou as lanternas de vidro penduradas nos tetos arqueados balançando e gemendo.

Sentada em uma mesa de carvalho construída em uma alcova longe das luzes mais brilhantes e das áreas mais movimentadas da biblioteca, Yrene observou o lampião metálico pendurado no arco acima dela balançar naquele vento de tempestade. Estrelas e luas crescentes haviam sido cortadas dos lados e estavam cheias de vidro colorido que lançavam manchas de azul, vermelho e verde na parede de pedra diante dela. As manchas balançavam e mergulhavam, um mar vivo de cores.

Um trovão rebentou, tão alto que ela se encolheu, a cadeira antiga sob seu pés rangendo em objeção.

Alguns gritos femininos soaram, e então risos abafados.

Acólitos – estudando tarde para seus exames na próxima semana.

Yrene soltou uma risada, mais para si mesma, e balançou a cabeça enquanto voltava a se concentrar nos textos que Nousha havia achado para ela horas atrás.

Yrene e a bibliotecária-chefe nunca foram próximas, e Yrene certamente não estava inclinada a ir atrás da mulher caso a visse no refeitório, mas... Nousha era fluente em quinze idiomas, alguns deles extintos, e havia treinado na famosa Biblioteca Parvani na costa ocidental, aninhada entre as terras exuberantes e ricas em especiarias, nas cercanias de Balruhn.

A Cidade das Bibliotecas, eles chamavam Balruhn. Se Torre Cesme era o domínio dos curandeiros, Parvani era o domínio do conhecimento. Mesmo a grande estrada que ligava Balruhn à poderosa Estrada-Irmã, a principal artéria do continente que fluía de Antica até Tigana, tinha sido nomeada por causa dela: a Estrada dos Estudiosos.

Yrene não sabia o que trouxera Nousha até aqui todas essas décadas atrás, ou o que a Torre lhe oferecera para ficar, mas ela era um recurso inestimável. E por toda a sua natureza insensível, Nousha sempre encontrava para Yrene a informação que ela precisava, não importava quão estranho fosse o pedido.

Esta noite, a mulher não pareceu satisfeita quando Yrene se aproximou dela no refeitório, desculpas irrompendo de seus lábios por interromper a refeição da bibliotecária. Yrene podia ter esperado até de manhã, mas ela tinha lições no dia seguinte, e Lorde Westfall depois disso.

Nousha havia encontrado Yrene ali depois de terminar a refeição, e ouvira, com seus longos dedos dobrados na frente de suas roupas cinzentas, a história de Yrene – e suas necessidades:

Informação. Qualquer uma que pudesse encontrar.

Feridas causadas por demônios. Feridas de magia negra. Feridas de recursos não naturais. Feridas que deixavam ecos, mas não pareciam continuar a causar estragos na vítima. Feridas que deixavam marcas, mas não cicatrizes.

Nousha havia encontrado. Pilha após pilha de livros e rolos de pergaminhos. Ela os empilhara na mesa em silêncio. Alguns estavam em halha. Alguns na própria língua de Yrene. Alguns em Eyllwe. Alguns estavam...

Yrene coçou a cabeça para o pergaminho que ela manteve aberto com pedras de ônix lisas vindo de garrafas que ficavam em cada mesa da biblioteca.

Mesmo Nousha admitiu não reconhecer as estranhas marcas – runas de algum tipo. De onde, ela também não tinha a mínima ideia, somente que os pergaminhos haviam sido colocados ao lado dos volumes de Eyllwe em um nível da biblioteca tão profundo sob a terra que Yrene nunca se arriscara a ir lá.

Yrene passou o dedo sobre a marca diante dela, tracejando suas linhas retas e arcos curvos.

O pergaminho tinha idade suficiente para que Nousha ameaçasse esfolar Yrene viva se ela derrubasse comida, água ou bebida sobre ele. Quando Yrene perguntou quantos anos o pergaminho tinha, Nousha sacudira a cabeça.

Cem anos? Yrene perguntara.

Nousha deu de ombros e disse que, a julgar pela localização, o tipo de pergaminho e o pigmento de tinta, estava mais para dez vezes isso.

Yrene se encolheu ante o papel que ela tocava tão flagrantemente, e aliviou as pedras que faziam peso nos cantos. Nenhum dos livros em sua própria língua tinha produzido nada valioso – eram mais advertências de velhas esposas sobre os mal-intencionados e espíritos de vento e podridão.

Nada como o que Lorde Westfall descrevera.

Um clique distante ecoou das trevas à sua direita, e Yrene ergueu a cabeça, olhando para escuridão, pronta para pular em sua cadeira ao primeiro sinal de um rato correndo.

Parecia que até os amados Gatos de Bastet da biblioteca – trinta e seis fêmeas, não mais, nem menos – não conseguiam evitar todos os, apesar de terem esse nome em homenagem à deusa guerreira.

Yrene novamente observou a escuridão à sua direita, encolhendo-se, desejando que ela pudesse convocar um dos gatos de olhos berilos para caçar.

Mas ninguém convocava um gato de Bastet. Ninguém. Eles apareciam quando e onde queriam, e não um momento antes.

Os gatos de Bastet moravam na biblioteca da Torre desde que ela existia, mas ninguém sabia de onde eles tinham vindo, ou como eram substituídos quando a idade os reivindicava. Cada um era tão diferente quanto qualquer humano, exceto por aqueles olhos cor de berilo que enfastiavam a todos, e o fato de que todos estavam tão propensos a se enrolar em algum colo como de se esquivar de companhia. Algumas das curandeiras, velhas e jovens, juravam que os gatos podiam pisar em piscinas de sombra e aparecer em outro nível da biblioteca; algumas juravam que os gatos foram pegos virando as páginas dos livros abertos com suas patas – *lendo*.

Bem, certamente seria útil se eles se importassem em ler menos e caçar *mais*. Mas os gatos não respondiam a ninguém e a nada, exceto talvez a sua deusa homônima, ou qualquer outro deus que tivesse encontrado um lar tranquilo na biblioteca, dentro da sombra de Silba. Ofender um gato de Bastet seria insultá-los a todos, e embora Yrene amasse a maioria dos animais – com exceção de alguns insetos – ela havia se certificado de tratar os gatos gentilmente, ocasionalmente deixando pedaços de comida ou esfregando suas barrigas e orelhas sempre que eles permitiam.

Mas não havia nenhum sinal desses olhos verdes brilhando no escuro, ou de um rato correndo, então Yrene soltou a respiração e colocou o pergaminho antigo cuidadosamente na borda da mesa antes de puxar um volume de Eyllwe em sua direção.

O livro estava encadernado em couro preto, pesado como um batente de porta. Ela conhecia um pouco da língua de Eyllwe por viver tão perto de sua fronteira e graças a uma mãe que a falava fluentemente – certamente não do pai que havia ido embora de lá.

Nenhuma das mulheres Towers havia se casado, preferindo os amantes que as deixavam com um presente que chegava nove meses

depois ou que talvez ficassem um ano ou dois antes de seguir em frente. Yrene nunca havia conhecido seu pai, nunca soube quem ele era além de um viajante que parou na cabana de sua mãe durante a noite, buscando abrigo de uma tempestade selvagem que varreu a planície gramada.

Yrene passou os dedos sobre o título dourado, enunciando as palavras na língua que ela não havia falado ou ouvido em anos.

— A... A... — Ela tocou o título. Ela deveria ter perguntado a Nousha. A bibliotecária já havia prometido traduzir alguns outros textos que chamaram sua atenção, mas... Yrene suspirou novamente. — A... — Melodia. Ode. Poema. — *Canção* — ela suspirou. — *A Canção do...* — Começo. Início. — *Princípio*.

A Canção do Princípio.

Os demônios – os valg – eram antigos, Lorde Westfall havia dito. Eles esperaram uma eternidade para atacar. Parte de mitos quase esquecidos; pouco mais do que histórias para dormir.

Yrene abriu a capa e se encolheu diante da escrita desconhecida no índice. O padrão em si era antigo, o livro nem mesmo era impresso. Manuscrito. Com algumas variações de palavras que há muito haviam desaparecido.

Relâmpago reluziu novamente, e Yrene esfregou a têmpora enquanto passava as páginas mofadas e amareladas.

Um livro de história. Isso era tudo.

Seu olho passou por uma página, e ela parou, voltando até a ilustração reaparecer. Havia sido feito em cores escassas: preto, branco, vermelho e um amarelo ocasional.

Tudo pintado à mão por um mestre, sem dúvida uma ilustração do que estava escrito embaixo. A ilustração mostrava um rochedo estéril, um exército de soldados de armadura negra, ajoelhando-se diante dele. Ajoelhados perante o que estava no *topo* do penhasco.

Um portão imponente. Nenhum muro flanqueando-o, nada por trás dele. Como se alguém tivesse construído o portão de pedras negras a partir do nada.

Não havia nenhuma porta dentro do arco. Somente um turbilhão negro de *nada*. Pedços dessa escuridão eram lançados, uma desagradável decomposição do sol, caindo sobre os soldados ajoelhados diante dele.

Ela piscou para as figuras em primeiro plano. Seus corpos eram humanos, mas as mãos que seguravam as espadas. Feridas. Retorcidas.

— Valg — Yrene sussurrou.

Um trovão retumbou em resposta. Yrene franziu o cenho para o lampião que balançava enquanto as reverberações do trovão ecoavam sob seus pés, subindo por suas pernas.

Ela folheou as páginas até que a próxima ilustração apareceu. Três figuras estavam paradas diante do mesmo portão, o desenho muito distante para reconhecer algo além de seus corpos masculinos, altos e poderosos. Ela correu um dedo pela legenda abaixo e traduzida:

Orcus. Mantyx. Erawan.

Três Reis Valg.

Os detentores das Chaves.

Yrene mastigou o lábio inferior. Lorde Westfall não havia mencionado tais coisas. Mas se houvesse um portão... então precisaria de uma chave para abrir. Ou várias.

Se o livro estivesse correto.

A meia-noite soou no grande relógio do átrio principal da biblioteca.

Yrene vasculhou as páginas, em busca da próxima ilustração. Estava dividida em três quadros.

Tudo o que o lorde havia dito – ela havia acreditado nele, é claro, mas... era verdade. Se a ferida não fosse prova suficiente, esses textos não ofereciam outra alternativa.

Porque no primeiro quadro, amarrado sobre um altar de pedra escura... um jovem desesperado esforçava-se para se libertar da aproximação de uma figura escura coroada. Algo girava em torno da mão da figura – uma víbora de névoa negra e pensamento perverso. Não era uma criatura real.

O segundo quadro... Yrene se encolheu.

Pois havia aquele jovem, com os olhos arregalados em súplica e terror, a boca forçada a permanecer aberta enquanto aquela criatura de névoa negra deslizava por sua garganta.

Mas foi o último quadro que fez seu sangue gelar. Um relâmpago reluziu novamente, iluminando a ilustração final.

O rosto do jovem ficou imóvel. Insensível. Seus olhos... Yrene olhou para os desenhos anteriores e o último. Seus olhos eram prata nos dois primeiros.

No último... eles ficaram pretos. Aceitáveis como olhos humanos, mas a cor prata tinha sido apagada e substituída por obsidiana profana.

Não estava morto. Pois na imagem ele se erua, as correntes removidas. Não era uma ameaça.

Não – seja lá o que colocaram dentro dele...

Trovão ressoou novamente, e seguiram-se mais gritos e risadinhas. Juntamente com o barulho dos acólitos que saíam para dormir.

Yrene examinou o livro diante dela, as outras pilhas que Nousha trouxera.

Lorde Westfall havia descrito colares e anéis para manter demônios valg dentro de um hospedeiro humano. Mas mesmo depois de serem removidos, ele disse, eles poderiam permanecer. Eram apenas dispositivos de implantação, e se eles permanecessem por muito tempo, alimentando-se de seu hospedeiro...

Yrene balançou a cabeça. O homem no desenho não tinha sido escravizado – ele havia sido infestado. A magia veio de alguém *com* esse tipo de poder. Poder demoníaco.

Um choque de relâmpagos, então o trovão imediatamente nos seus calcanhares.

E então outro clique soou – fraco e oco – das pilhas escuras à sua direita. Mais perto agora do que antes.

Yrene voltou a olhar para a escuridão, os pelos em seus braços se eriçando.

Nenhum movimento de um rato. Ou mesmo o arranhar de garras felinas em pedra ou estante de livros.

Ela nunca havia temido por sua segurança, não desde o momento em que colocara o pé dentro dessas paredes, mas Yrene encontrou-se imóvel enquanto olhava para aquela escuridão à sua direita. Então, lentamente, olhou por cima do ombro.

O corredor cheio de estantes era um caminho direto em direção a um corredor maior, que a levaria, a três minutos de caminhada, de volta ao átrio principal brilhante e constantemente monitorado. Cinco minutos no máximo.

Somente sombras, couro e poeira a cercavam, a luz tremendo e inclinando-se com os lampiões balançantes.

A magia de cura não oferecia defesa. Ela descobriu da maneira mais difícil.

Mas durante aquele ano na Porco Branco, ela havia aprendido a ouvir. Aprendeu a ler uma sala, a *sentir* quando o ar mudava. Homens também podiam desencadear tempestades.

O barulho do trovão desapareceu, e apenas o silêncio permaneceu no lugar. O silêncio e o rangido dos antigos lampiões ao vento. Nenhum outro clique emitido. Tola – tola por ler essas coisas tão tarde. E durante uma tempestade.

Yrene engoliu em seco. Os bibliotecários preferiam que os livros permanecessem dentro da biblioteca, mas...

Ela fechou *A Canção do Princípio*, empurrando-o para dentro de sua bolsa. A maioria dos livros ela já julgara inúteis, mas talvez houvesse ainda mais seis, uma mistura de Eyllwe e outras línguas. Yrene empurrou aqueles em sua bolsa, também. E gentilmente colocou os pergaminhos nos bolsos de seu manto, fora de vista.

Todo o tempo mantendo um olho sobre o ombro – no corredor atrás dela, nas pilhas à direita.

Não teria dívida alguma se usasse um pouco de bom senso. A jovem estranha havia falado aquilo para ela naquela noite fatídica – depois de ter salvado a vida de Yrene. As palavras haviam demorado, mordendo profundamente. Como as outras lições que ela tinha aprendido com aquela garota.

E embora Yrene soubesse que riria de si mesma pela manhã, embora talvez *fosse* um dos gatos de Bastet perseguindo algo nas sombras, Yrene decidiu escutar aquele puxão de medo, aquele frio na espinha.

Embora ela pudesse cortar caminho por corredores escuros para alcançar o corredor principal mais rápido, ela se manteve na luz, seus ombros para trás e a cabeça erguida. Assim como a garota lhe havia dito. *Faça parecer como se fosse boa de briga – aparente dar mais trabalho do que na verdade dá.*

Seu coração pulsava com tanta força que podia senti-lo em seus braços, sua garganta. Mas Yrene fez de sua boca uma linha rígida, seus olhos brilhantes e frios. Aparentando estar tão furiosa quanto nunca, seu ritmo cortado e rápido. Como se tivesse esquecido algo ou alguém não havia conseguido encontrar um livro para ela.

Cada vez mais perto, ela se aproximou do cruzamento desse corredor largo e principal. Para onde as ajudantes estariam caminhando em direção a cama em seu acolhedor dormitório.

Ela limpou a garganta, preparando-se para gritar.

Nada de estupro, roubo, nada do que os covardes prefeririam se esconder, a estranha instruiu-a. *Uma ameaça para todos. Se você for atacada, grite sobre um incêndio.*

Yrene havia repetido as instruções tantas vezes nos últimos dois anos e meio. Para tantas mulheres. Assim como a estranha lhe ordenara. Yrene pensou que nunca mais precisaria recitá-las para si mesma.

Yrene acelerou os passos, com a mandíbula inclinada. Ela não tinha armas, exceto por uma faca pequena que usava para limpar feridas ou cortar ataduras – atualmente no fundo de sua bolsa.

Mas essa bolsa, carregada de livros... Ela envolveu as tiras de couro em torno de seu pulso, conseguindo uma boa pegada.

Uma bolsada bem colocada derrubaria alguém.

Mais perto e mais perto da segurança do corredor...

Pelo canto do olho, ela viu. Percebeu.

Alguém no próximo acervo. Andando paralelamente a ela.

Ela não ousou olhar. Reconhecer sua presença.

Os olhos de Yrene queimaram, mesmo quando ela lutou contra o terror que escalava seu corpo.

Vislumbres de sombras e escuridão. Perseguindo-a. Caçando-a.

Acelerando o ritmo para agarrá-la – pegá-la naquele corredor e puxá-la para o escuro.

Senso comum. Senso comum.

Se corresse, ele saberia. Aquilo saberia que ela estava ciente. Poderia atacar. Seja lá o que fosse.

Senso comum.

Faltavam trinta metros até o corredor, sombras se juntavam entre as luzes dos lampiões, as luzes agora ilhas preciosas num mar de escuridão.

Ela poderia jurar que dedos ondulavam levemente sobre os livros do outro lado da prateleira.

Então Yrene ergueu mais o queixo e sorriu, rindo alegremente enquanto olhava para o corredor.

— Maddy! O que está fazendo aqui tão tarde?

Ela acelerou seu ritmo, especialmente porque seja lá quem fosse diminuiu em surpresa. Hesitação.

O pé de Yrene bateu em algo macio – macio e rígido ao mesmo tempo – e ela engoliu seu grito – ela não havia visto a curandeira caída ao seu lado nas sombras ao longo da prateleira.

Yrene curvou-se, mãos buscando os braços finos da mulher, seu corpo esguio o suficiente para que ela o virasse...

Os passos começaram mais uma vez, enquanto ela virava a curandeira. Enquanto ela engolia o grito que tentava sair dela.

Bochechas moreno-claras se transformaram em pele escavada, os olhos manchados de roxo por baixo, os lábios pálidos e rachados. Um simples vestido de curandeira que provavelmente servia nela naquela

manhã agora pendia solto, sua forma esbelta agora emaciada, como se algo tivesse sugado a vida dela...

Ela conhecia aquele rosto, magro como estava. Conhecia o cabelo dourado, quase o gêmeo de seu próprio. A curandeira do Útero, aquela que ela havia confortado apenas algumas horas antes...

Os dedos de Yrene tremiam enquanto ela tentava pegar um pulso, a pele coriácea e seca.

Nada. E sua magia... Não havia vida através da qual se mover. Nenhuma vida.

Os passos do outro lado do acervo se aproximaram. Yrene ergueu-se com os joelhos tremendo, respirando com força enquanto se forçava a andar de novo. Forçou-se a deixar aquela curandeira morta no escuro. Forçou-se a levantar sua bolsa como se nada tivesse acontecido, como se estivesse mostrando a bolsa para alguém à frente.

Mas com o ângulo das pilhas – aquilo não sabia disso.

— Apenas terminando minha leitura da noite — ela falou para sua salvação invisível à frente. Ela enviou uma oração silenciosa de agradecimento a Silba por sua voz se manter firme e alegre. — Cook está me esperando para uma última xícara de chá. Quer se juntar a nós?

Fazer parecer com que alguém estava esperando por ela: outro truque que ela aprendera.

Yrene deu mais cinco passos antes de perceber que seja lá o que fosse havia parado de novo. Caindo em sua artimanha.

Yrene percorreu os últimos passos do corredor, avistou um grupo de acólitas que emergia de um novo corredor de pilhas e se precipitou em direção a elas.

Seus olhos se arregalaram com a aproximação de Yrene, e tudo o que ela sussurrou foi:

— *Vão.*

As três garotas, com mais ou menos catorze anos, avistaram as lágrimas de terror em seus olhos, a provável palidez de seu rosto, e não olharam para trás de Yrene. Elas não desobedeceram.

Elas estavam na sua classe. Ela as treinava há meses agora.

Elas viram as tiras de sua bolsa enroladas em torno de seu punho e fecharam as fileiras ao redor dela. Sorriram amplamente, como se nada estivesse errado.

— Venham até a Cook para tomar chá — disse Yrene, lutando para evitar que seu grito saísse dela. Morta. Uma curandeira estava morta. — Ela está me esperando.

E soará o alarme se eu não chegar.

Para crédito delas, aquelas garotas não tremeram, não demonstraram um pingo de medo enquanto caminhavam pelo salão principal. Enquanto se aproximavam do átrio, com seu fogo ardente e trinta e seis candelabros e trinta e seis sofás e cadeiras.

Uma gata preta de Bastet descansava em uma dessas cadeiras bordadas junto ao fogo. E quando se aproximaram, ela saltou, sibilando tão ferozmente quanto sua homônima felina homenageada. Não para Yrene ou às meninas... Não, aqueles olhos de cor berilo estavam estreitados para a biblioteca *atrás* delas.

Uma das garotas apertou o braço de Yrene. Mas nenhuma delas saiu do lado de Yrene enquanto ela se aproximava da enorme mesa da bibliotecária-chefe. *Atrás* delas, a gata de Bastet manteve-se no chão, enquanto a bibliotecária substituta, de plantão para a noite, olhou por cima de seu livro por causa da agitação.

Yrene murmurou para a mulher de meia-idade com túnica cinza:

— Uma curandeira foi gravemente atacada nos acervos do corredor principal. Retire todas daqui e chame a guarda real. *Agora*.

A mulher não fez perguntas. Não hesitou nem se agitou. Ela apenas acenou com a cabeça antes de alcançar o sino na borda da mesa.

A bibliotecária o tocou três vezes. Para um estranho, não era mais do que uma última chamada.

Mas para aquelas que moravam aqui, que sabiam que a biblioteca estava aberta dia e noite...

Primeiro toque: *Ouçã*.

Segundo: *Ouçã agora*.

A bibliotecária substituta tocou pela terceira vez, alto e claro, o barulho ecoando pela biblioteca, em todos os cantos e corredores escuros.

Terceiro toque: *Saia*.

Yrene perguntara uma vez, quando Eretia explicara sobre o alarme no primeiro dia aqui, depois de ter feito um voto de nunca repetir o significado para um estranho. Todas tiveram que fazer isso. E Yrene perguntara por que era necessário, quem o havia instalado.

Há muito tempo, antes que o khaganato tivessem conquistado Antica, esta cidade havia passado de mão em mão, vítima de uma dúzia de conquistadores e governantes. Alguns exércitos invasores foram gentis. Outros não.

Túneis ainda existiam sob a biblioteca – utilizados para fugas – desde muito tempo já fechados.

Mas a campainha de alerta para aquelas que estavam dentro permaneceu. E por mil anos, a Torre a manteve. Ocasionalmente tinha exercícios com ele. Apenas para o caso de ele soar.

O terceiro toque ecoou por pedra, couro e madeira. E Yrene poderia ter jurado que ouviu o som de inúmeras cabeças virando na direção de onde elas estavam. Ouviu o som de cadeiras sendo empurradas para trás e livros caindo.

Corram, ela implorou. Mantenham-se nas luzes.

Mas Yrene e as outras ficaram em silêncio, contando os segundos. Os minutos. A gata de Bastet acalmou o silvo e monitorou o corredor além do átrio, a cauda negra batendo na almofada da cadeira. Uma das garotas ao lado de Yrene correu para os guardas junto aos portões da Torre. Que provavelmente ouviram o sino e já estavam correndo em direção a elas.

Yrene tremia quando passos rápidos e roupas farfalhando se aproximaram. Ela e a bibliotecária substituta marcaram cada face que surgiu – cada rosto de olhos arregalados que saía da biblioteca.

Acólitas, curandeiras, bibliotecárias. Ninguém fora do lugar. A gata de Bastet parecia também verificá-las todas – os olhos de berilo que talvez vissem coisas além da compreensão de Yrene.

Passos fortes e decididos, e Yrene liberou o alívio em forma de lágrimas à aproximação de meia dúzia de guardas da Torre que agora seguiam pelas portas abertas da biblioteca, as acólitas em seus calcanhares.

A acólita e suas duas companheiras permaneceram com Yrene enquanto ela explicava. Enquanto os guardas pediam reforços, enquanto a bibliotecária substituta convocava Nousha, Eretia e Hafiza. As três garotas permaneceram, duas segurando as mãos trêmulas de Yrene.

Elas não a soltaram.

Capítulo 11

Yrene estava atrasada.

Chaol tinha chegado ao consenso de esperá-la às dez, embora ela não tivesse dado nenhuma indicação de quando poderia chegar. Nesryn havia saído bem antes de ele ter acordado para procurar Sartaq e seu ruk, deixando-o aqui para tomar banho e... esperar.

E esperar.

Uma hora depois, Chaol começou a fazer os exercícios que ele conseguia realizar sozinho, incapaz de suportar o silêncio, o calor pesado, o fluxo interminável de água da fonte lá fora. Os pensamentos que continuavam deslizando de volta a Dorian, perguntando-se para onde seu rei estaria indo agora.

Ela havia mencionado exercícios – alguns envolvendo suas pernas, seja lá como foi que ela chegou a essa conclusão – mas se Yrene não se incomodara em chegar a tempo, então ele certamente não se incomodaria em esperar por ela.

Seus braços tremiam no momento em que o relógio na cômoda soava meio-dia, pequenos sinos de prata sobre a parte de madeira esculpida enchendo o espaço com um toque claro e brilhante. Suor escorria por seu peito, costas e rosto enquanto ele tentava se arrastar para a cadeira, os braços tremendo com o esforço. Ele estava prestes a chamar Kadja para lhe trazer uma jarra de água e uma roupa fresca quando Yrene apareceu.

Na sala de estar, ele escutou quando ela entrou pela porta principal, depois parou.

Ela disse a Kadja, esperando no vestíbulo:

— Tenho uma questão de descrição que preciso que você supervisione pessoalmente.

Silêncio obediente.

— Lorde Westfall precisa um tônico para uma erupção cutânea em suas pernas. Provavelmente por algum óleo que você despejou em seu banho. — As palavras eram calmas, mas mesmo assim afiadas. Ele franziu o cenho para suas pernas. Ele não viu nada disso esta manhã, mas certamente não podia sentir uma coceira ou queimação. — Preciso de casca de salgueiro, mel e hortelã. As cozinhas as terão. Não conte a ninguém o motivo. Eu não quero que fofuquem sobre isso.

Silêncio novamente – depois uma porta se fechando.

Ele observou as portas abertas para a sala de estar, ouvindo-a escutar Kadja sair. Então seu suspiro pesado. Yrene surgiu um momento depois.

Ela parecia com o inferno.

— O que há de errado?

As palavras saíram antes que ele pudesse considerar o fato de ele não ter o direito de perguntar tais coisas. Mas o rosto dourado de Yrene estava cinzento, os olhos manchados de púrpura, os cabelos sem brilho. Ela apenas disse:

— Você se exercitou.

Chaol olhou para sua camisa encharcada de suor.

— Parecia uma boa maneira de passar o tempo como qualquer outra coisa. — Cada um dos passos que ela dava em direção à mesa era lento... pesado. Ele repetiu: — O que há de errado?

Mas ela alcançou a mesa e manteve-se de costas para ele. Ele apertou os dentes, debatendo se deveria levar sua cadeira de rodas até lá, apenas para que pudesse ver o rosto dela, como uma vez poderia ter feito intempestivamente – forçar-se para dentro de seu espaço até ela lhe contar o que diabos havia acontecido.

Yrene apenas colocou sua bolsa na mesa com um baque.

— Se deseja exercitar-se, talvez um lugar melhor para isso seria o quartel. — Um olhar torto para o carpete. — Ao invés de transpirar por todos os tapetes inestimáveis do khagan.

As mãos dele se apertaram.

— Não — foi tudo o que ele disse. Tudo o que ele *poderia* dizer.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Você era o capitão da Guarda, não era? Talvez treinar com a guarda do palácio seja benéfico para...

— Não.

Ela olhou por cima do ombro, aqueles olhos dourados o dimensionando. Ele não balbuciou, mesmo quando a coisa ainda triturada em seu peito parecia torcer e rasgar-se ainda mais.

Ele não tinha dúvidas de que ela havia percebido, sem dúvida que ela tinha descoberto esse pedaço de informação. Uma pequena parte dele a odiava por isso, odiava-se por revelar essa ferida através de sua obstinação, mas Yrene apenas se virou da mesa e caminhou em sua direção, encarando-o com o rosto ilegível.

— Peço desculpas se o rumor agora for de que você tem uma infeliz erupção nas pernas. — Aquela graça usual e segura havia sido substituída por pés arrastados. — Se Kadja é tão inteligente quanto penso que é, ela se preocupará que a erupção cutânea, sendo resultado de seus cuidados, lhe causará problemas e não contará a ninguém. Ou, pelo menos, perceberá que se o rumor começar, saberemos que *ela* era a única que sabia disso.

Tudo bem. Ela ainda não queria responder a sua pergunta. Então, ao invés disso, ele perguntou:

— Por que você queria que Kadja sáísse?

Yrene caiu no sofá dourado e esfregou as têmporas.

— Porque alguém matou uma curandeira na biblioteca ontem à noite – e depois me perseguiu também.

Chaol ficou quieto.

— O quê?

Ele olhou para as janelas, as portas abertas do jardim, as saídas. Nada além do calor e da água da fonte e do canto dos pássaros.

— Eu estava lendo – sobre o que você me contou — disse Yrene, as sardas em seu rosto tão rígidas contra sua pele magra. — E senti alguém se aproximando.

— Quem?

— Eu não sei. Não vi. A curandeira... eu a encontrei enquanto fugia. — Sua garganta se fechou. — Nós vasculhamos a biblioteca de cima a baixo uma vez que ela foi... recuperada, mas não encontramos ninguém.

Ela balançou a cabeça, a mandíbula apertada.

— Eu sinto muito — ele disse, falando a verdade. Não apenas pela perda de uma vida, mas também pelo que parecia ser a perda de uma paz e serenidade prolongadas. Mas ele perguntou, porque não

conseguia mais se impedir de obter respostas, de avaliar os riscos, do que ele poderia parar a sua própria respiração: — Que tipo de lesões?

Metade dele não queria saber.

Yrene recostou-se contra as almofadas do sofá, o enchimento suspirando enquanto olhava para o teto dourado.

— Eu a tinha visto antes de passagem. Ela era jovem, um pouco mais velha do que eu. E quando a encontrei no chão, ela parecia um cadáver há muito dessecado. Sem sangue, sem sinal de lesão. Apenas... vazia.

Seu coração tropeçou com a descrição muito familiar. Valg. Ele apostaria tudo o que ainda tinha, apostaria tudo nisso.

— E quem fez isso apenas deixou o corpo lá?

Um aceno de cabeça. Suas mãos tremiam enquanto as arrastou pelo cabelo, fechando os olhos.

— Eu acho que eles perceberam que atacaram a pessoa errada... e se afastaram rapidamente.

— Por quê?

Ela virou a cabeça, abrindo os olhos. Havia exaustão ali. E medo absoluto.

— Ela parece... *parecia* comigo — Yrene falou. — Nosso porte físico, nossa cor. Quem quer que fosse... acho que eles estavam procurando *por mim*.

— Por quê? — ele perguntou novamente, lutando para captar tudo o que ela havia dito.

— Porque o que eu estava lendo ontem à noite sobre a potencial fonte do poder que o feriu... deixei alguns livros sobre isso na mesa. E quando os guardas vasculharam a área, os livros haviam desaparecido. — Ela engoliu novamente. — Quem sabia que você estava vindo para cá?

O sangue de Chaol ficou frio apesar do calor.

— Nós não mantivemos em segredo. — Foi instintivo descansar sua mão em uma espada que não estava lá - uma espada que ele havia jogado no Avery meses atrás. — Não foi anunciado, mas qualquer um poderia ter sabido disso. Muito antes de colocarmos o pé aqui.

Estava acontecendo novamente. Aqui. Um demônio valg havia chegado a Antica - um subalterno na melhor das hipóteses, um príncipe na pior. Poderia ser qualquer um dos dois.

O ataque que Yrene descreveu se encaixava no relatório de Aelin sobre os restos que ela e Rowan haviam encontrado nas vítimas do

príncipe valg em Wendlyn. Pessoas repletas de vida se transformaram em cascas como se o valg tivesse bebido de suas próprias almas.

Ele encontrou-se dizendo calmamente:

— O príncipe Kashin suspeita que Tumelun foi assassinada.

Yrene sentou-se, qualquer cor que havia em seu rosto se esvaindo.

— O corpo de Tumelun não foi drenado. Hafiza – a Alta Curandeira – declarou ter sido suicídio.

Havia, é claro, uma chance de que as duas mortes não estivessem conectadas, uma chance de que Kashin estivesse errado sobre Tumelun. Parte de Chaol rezou para que assim fosse. Mas mesmo que não estivessem relacionados, o que havia acontecido ontem à noite...

— Você precisa alertar o khagan — disse Yrene, parecendo ler sua mente.

Ele assentiu.

— Claro. Claro que sim. — Maldita como toda a situação era... Talvez fosse a chance que ele estivera esperando para falar com o khagan. Mas ele estudou o rosto abatido dela, o medo presente ali. — Eu sinto muito... por tê-la arrastado para isso. A segurança foi aumentada em torno da Torre?

— Sim. — Um som de suspiro. Ela esfregou o rosto. — E você? Veio aqui com a guarda?

Ela fez uma careta.

— Em plena luz do dia? No meio da cidade?

Chaol cruzou os braços.

— Eu não subestimaria os valg.

Ela acenou com a mão.

— Eu não irei sozinha para nenhum corredor escuro tão cedo. Nenhuma de nós na Torre irá. Os guardas foram chamados e posicionados em cada corredor, a cada poucos metros dentro da biblioteca. Eu nem sei de onde Hafiza os convocou.

Os subordinados valg poderiam pegar corpos de qualquer um que desejassem, mas seus príncipes eram suficientemente vaidosos para que Chaol duvidasse que eles se incomodassem em assumir a forma de um simples guarda. Não quando eles preferiam jovens bonitos.

Um colar e uma morte, um sorriso frio brilhou diante de seus olhos.

Chaol soltou uma respiração.

— Realmente sinto muito pela curandeira. — Especialmente se o fato de ele estar aqui tivesse desencadeado de algum modo esse ataque,

se eles perseguiram Yrene só porque ela o estava ajudando. Ele acrescentou: — Você deveria estar com guardas. Constantemente.

Ela ignorou o aviso e observou a sala, os tapetes e as palmeiras exuberantes.

— As meninas – as jovens ajudantes... Elas estão assustadas.

E você?

Antes, ele teria se oferecido para vigiar, proteger sua porta, organizar os soldados porque *sabia* como funcionavam essas coisas. Mas ele não era um capitão, e duvidava que o khagan ou seus homens estivessem dispostos a ouvir um lorde estrangeiro, de qualquer maneira.

Mas ele não conseguiu se deter, deter aquela parte dele, enquanto perguntava:

— O que posso fazer para ajudar?

Os olhos de Yrene se moveram em direção a ele, avaliando. Mensurando. Não a ele, mas ele tinha a sensação de que era algo dentro de si mesma. Então ele permaneceu imóvel, manteve o olhar firme, enquanto ela olhava para dentro de si mesma. Quando finalmente respirou e disse:

— Eu dou uma aula. Uma vez por semana. Depois da noite passada, elas estavam muito cansadas, então as deixei dormirem em vez disso. Hoje à noite, temos uma vigília para a curandeira que... que morreu. Mas amanhã... — Ela mordeu o lábio, novamente debatendo pelo tempo de um batimento cardíaco antes de acrescentar: — Eu gostaria que você viesse.

— Que tipo de aula?

Yrene brincou com um cacho pesado.

— Não há cobrança para estudantes aqui, mas nós pagamos de outras maneiras. Alguns ajudam na cozinha, com as roupa, na limpeza. Mas quando eu vim, Hafiza... eu disse a ela que era boa em todas essas coisas. Eu as fiz durante um tempo. Ela me perguntou o que mais eu sabia além da cura, e eu disse a ela... — Ela mordeu o lábio. — Alguém uma vez me ensinou autodefesa. O que fazer contra agressores. Geralmente do tipo masculino.

Foi um esforço não olhar para a cicatriz em sua garganta. Não se perguntar se ela tinha aprendido depois – ou se mesmo isso não foi o suficiente.

Yrene suspirou pelo nariz.

— Eu disse a Hafiza que eu sabia um pouco sobre isso, e que... eu havia feito uma promessa a alguém, à pessoa que *me* ensinou, para

mostrar e ensinar a tantas mulheres quanto possível. Então eu tenho feito isso. Uma vez por semana, eu ensino às acólitas, assim como a estudantes mais velhas, curandeiras, criadas ou bibliotecárias que gostariam de aprender.

Esta mulher delicada, de mãos suaves... Ele supôs que havia aprendido que a força poderia estar escondida sob os rostos mais improváveis.

— As meninas estão profundamente abaladas. Não houve um intruso na Torre por um bom tempo. Eu acho que seria muito útil se você se juntasse a mim amanhã... para ensinar o que sabe.

Durante um longo momento, ele olhou para ela. Piscou.

— Você percebe que estou nesta cadeira.

— E? Sua boca ainda funciona. — Palavras afiadas e ácidas.

Ele piscou de novo.

— Elas podem não me achar o instrutor mais reconfortante.

— Não, elas provavelmente estarão desmaiando e suspirando tanto por você que *esquecerão* de ter medo.

Seu terceiro e último piscar de olhos a fez sorrir um pouco. Sombriamente. Ele se perguntou como seria esse sorriso se ela realmente estivesse divertida – feliz.

— A cicatriz acrescenta um toque de mistério — comentou ela, cortando-o antes que ele pudesse se lembrar do corte na bochecha.

Ele a estudou quando ela se levantou do sofá para caminhar de volta para a mesa e abrir sua bolsa.

— Você realmente gostaria que eu estivesse lá amanhã?

— Nós teremos que descobrir como *levá-lo* até lá, mas não deve ser tão difícil.

— Colocar-me em uma carruagem estará bom.

Ela se endureceu, olhando por cima do ombro.

— Guarde essa raiva para o nosso treinamento, Lorde Westfall. — Ela puxou um frasco de óleo e colocou-o sobre a mesa. — E você não vai pegar uma carruagem.

— Uma liteira carregada por criados, então? — Ele rastejaria antes.

— Um cavalo. Já ouviu falar?

Ele apertou os braços de sua cadeira.

— Você precisa de pernas para montar.

— Então é bom que você ainda tenha as duas. — Ela voltou a estudar os frascos que estavam naquela bolsa. — Eu falei com a minha superior esta manhã. Ela viu pessoas com ferimentos parecidos virem

montando para se encontrar conosco... com tiras e aparelhos especiais. Eles estão confeccionando-os para você nas oficinas enquanto conversamos.

Ele deixou aquelas palavras serem absorvidas.

— Então você presumiu que eu iria com você amanhã.

Yrene virou-se finalmente, a bolsa agora em sua mão.

— Eu presumi que você gostaria de montar independentemente da situação.

Ele só podia olhar enquanto ela se aproximava, frasco na mão. Apenas um pouco de irritação no rosto. Melhor do que o medo absoluto. Ele perguntou, voz um pouco rouca:

— Você acha que tal coisa é possível?

— Acho. Eu chegarei ao amanhecer, então teremos tempo suficiente para descobrirmos se realmente é possível. A aula começa às nove.

Montar, mesmo que ele não pudesse caminhar, mas *montar*...

— Por favor, não me dê essa esperança e a deixe se desfazer — ele falou com voz rouca.

Yrene colocou a bolsa e o frasco na mesa baixa na frente do sofá e fez sinal para ele se aproximar.

— Boas curandeiras não fazem essas coisas, Lorde Westfall.

Ele não tinha se incomodado em vestir uma jaqueta hoje, e deixara seu cinto no quarto. Deslizando sua camisa encharcada de suor por sobre a cabeça, ele fez um rápido trabalho de desabotoar a parte superior de suas calças.

— É Chaol. — Ele falou depois de um momento. — Meu nome... é Chaol. Não Lorde Westfall. — Ele grunhiu enquanto se içava da cadeira para o sofá. — Lorde Westfall é meu pai.

— Bem, você também é um lorde.

— Apenas Chaol.

— Lorde Chaol.

Ele deu uma olhada para ela quando posicionava suas pernas. Ela não fez menção de ajudar, de arrumá-lo.

— Aqui estava eu, pensando que você ainda se ressentia de mim.

— Se você ajudar minhas meninas amanhã, eu vou reconsiderar.

Pelo brilho daqueles olhos dourados, ele duvidava muito disso, mas um meio sorriso apareceu em sua boca.

— Outra massagem hoje? — *Por favor*, ele quase acrescentou. Seus músculos já doíam de seu exercício, e se mover tanto entre cama, sofá, cadeira e banho...

— Não. — Yrene gesticulou para que ele se deitasse com o rosto virado para baixo no sofá. — Eu começarei hoje.

— Você encontrou informações sobre isso?

— Não — ela repetiu, puxando suas calças com aquela eficiência fria e rápida. — Mas depois da noite passada... eu não quero retardar sua cura.

— Eu vou... eu posso... — Ele apertou os dentes. — Nós encontraremos uma maneira de protegê-la enquanto você pesquisa. — Ele odiava as palavras, sentiu-as se enrolarem como um leite rançoso na língua, ao longo da garganta.

— Penso que eles sabem disso — ela falou calmamente, e espalhou pingos de óleo ao longo de sua coluna vertebral. — Eu não tenho certeza se é a informação, no entanto. Que eles querem me impedir de encontrar.

Seu intestino se apertou, mesmo quando ela correu as mãos suaves pelas suas costas. Elas ficaram perto daquela mancha no seu vértice.

— O que você acha que eles querem, então?

Ele já suspeitava, mas queria ouvi-la dizer isso – queria saber se ela pensava o mesmo, entendia os riscos tanto quanto ele.

— Eu me pergunto — ela falou finalmente — se não era apenas o que eu estava pesquisando, mas também porque eu o estou curando.

Ele ergueu a cabeça para olhar para ela enquanto as palavras se estabeleciam entre eles. Ela apenas olhou para aquela marca em sua coluna, seu rosto cansado retorcido. Ele duvidava que ela tivesse dormido.

— Se estiver cansada demais...

— Eu não estou.

Ele apertou o queixo.

— Você pode tirar um cochilo aqui. Eu cuidarei de você. — Inútil como seria. — Então trabalhe em mim mais tarde...

— Eu trabalharei em você agora. Não deixarei que eles me assustem. — Sua voz não tremia ou vacilava. Ela acrescentou, mais baixo, mas não menos ferozmente: — Uma vez vivi com medo de outras pessoas. Deixei outras pessoas pisarem em mim só porque tinha muito medo das consequências por recusar. Eu não sabia *como* recusar. — A mão dela empurrou sua coluna como uma ordem silenciosa para abaixar a cabeça novamente. — No dia em que cheguei a estas costas, deixei aquela garota de lado. E maldita seja eu se deixá-la ressurgir. Ou deixar alguém *me* dizer o que fazer com a minha vida, minhas escolhas novamente.

Os pelos em seus braços ergueram-se frente à ira em sua voz. Uma mulher feita de aço e brasas crepitantes. Calor de fato acendeu-se sob a palma da sua mão enquanto ela a deslizava por sua coluna vertebral, em direção àquela mancha branca.

— Veja se gosta de ser forçado para variar — ela respirou.

Yrene colocou a mão diretamente sobre a cicatriz. Chaol abriu a boca para falar...

Mas foi um grito que saiu no lugar.

Capítulo 12

Dor ardente cortou suas costas em garras brutais. Chaol arqueou-se, gritando em agonia.

A mão de Yrene desapareceu instantaneamente e um barulho soou.

Chaol ofegou enquanto ele se erguia nos cotovelos para encontrar Yrene sentada na mesa baixa, seu frasco de óleo virado e vazando pela madeira. Ela encarou surpresa as suas costas, onde a mão estivera.

Ele não tinha palavras, nada além da dor ecoada.

Yrene ergueu as mãos diante de seu rosto como se nunca as tivesse visto antes. Ela as virou de um lado para o outro.

— Não apenas não gosta de minha magia — ela respirou.

Seus braços se curvaram, então ele se deitou de novo nas almofadas, segurando seu olhar enquanto Yrene declarava:

— *Odeia* minha magia.

— Você disse que era um eco – não conectado à lesão.

— Talvez eu estivesse errada.

— Rowan me curou sem nenhum desses problemas.

Suas sobrancelhas anotaram o nome e ele silenciosamente se amaldiçoou por revelar esse pedaço de sua história neste palácio de ouvidos e bocas.

— Você estava consciente?

Ele considerou.

— Não. Eu estava quase morto.

Ela notou o óleo derramado então e amaldiçoou levemente – de maneira suave, em comparação com algumas outras bocas sujas que ele tivera o prazer de estar ao redor.

Yrene pulou para a bolsa, mas ele se moveu mais rápido, agarrando sua camisa úmida de suor de onde o deixara no braço do sofá e colocando-a sobre a poça de óleo antes que pudesse escorrer sobre o tapete certamente inestimável.

Yrene estudou a camisa, depois o braço estendido, agora quase em sua cintura.

— Ou a sua falta de consciência durante aquela cura inicial impediu que você sentisse esse tipo de dor, ou talvez seja que seja lá o que for isso não tivesse... se estabelecido.

Sua garganta se fechou.

— Você acha que estou... possuído? — por aquela coisa que havia morado dentro do rei, que tinha feito coisas tão indescritíveis...

— Não. Mas a dor pode parecer *viva*. Talvez isso não seja diferente. E talvez isso não a queira deixar ir.

— A minha coluna ainda está ferida? — ele mal conseguiu fazer a pergunta.

— Está — ela disse e uma parte de seu peito afundou. — Percebi os pedaços quebrados, os nervos emaranhados e partidos. Mas para curar essas coisas, para que elas se comuniquem com seu cérebro novamente... preciso superar esse eco. Ou ganhar sua submissão o suficiente para ter espaço para trabalhar em você — seus lábios pressionaram-se em uma linha sombria. — Essa sombra, essa coisa que te assombra, seu corpo. Ele vai lutar a cada passo, lutar para convencê-lo a me dizer para parar. Através da dor. — Seus olhos eram claros. — Você entende o que estou lhe dizendo?

Sua voz era baixa, áspera.

— Que, se você tiver sucesso, terei que suportar esse tipo de dor. Repetidamente.

— Tenho ervas que podem fazê-lo dormir, mas com uma lesão como essa... não acho que serei a única que terá que lutar contra isso. E

com você inconsciente... temo o que isso pode tentar fazer se estiver preso lá. Na sua paisagem de sonhos, sua psique — seu rosto parecia ainda mais pálido.

Chaol deslizou a mão de onde ainda descansava no topo de sua camisa e apertou em um punho.

— Faça o que precisar.

— Doerá. Constantemente. Pior, provavelmente. Terei que trabalhar meu caminho para baixo, vértebra por vértebra, antes mesmo de chegar à base da coluna vertebral. Lutando e curando você ao mesmo tempo.

Sua mão apertou a dela, tão pequena em comparação com a dele.

— Faça o que precisar — ele repetiu.

— E você — ela falou calmamente. — Você terá que lutar também.

Ele acalmou com isso.

Yrene prosseguiu:

— Se essas coisas se alimentam de nós por natureza... se eles se alimentam e ainda assim você está saudável... — ela gesticulou para seu corpo. — Então deve estar se alimentando de outra coisa. Algo dentro de você.

— Não sinto nada.

Ela estudou as mãos unidas, então deslizou os dedos para longe. Não tão violento como deixar cair a mão, mas a retirada foi argumento o suficiente.

— Talvez devêssemos discutir isso.

— Discutir o quê?

Ela passou o cabelo sobre um ombro.

— O que aconteceu, seja lá o que for, com que você alimenta essa coisa.

Suor cobriu as palmas das mãos.

— Não há nada a discutir.

Yrene olhou para ele por um longo momento. Tudo o que ele podia fazer era não diminuir sob aquele olhar franco.

— Por tudo o que tenho observado, há mais do que o suficiente para discutir sobre os últimos meses. Parece que foi uma época tumultuada para você recentemente. Você mesmo disse ontem que não há quem o odeie mais do que você.

Para dizer o mínimo.

— E você está de repente tão ansiosa para ouvir sobre isso?

Ela não desceu tanto.

— Se for o necessário para você se curar e se livrar disto.

Suas sobrelanceiras se ergueram.

— Bem então. Ele finalmente sairá.

O rosto de Yrene era uma máscara ilegível.

— Suponho que você não deseje ficar aqui para sempre, com a guerra se alastrando em *nossa* terra natal, como você chamou.

— Não é nossa terra natal?

Silenciosamente, Yrene levantou-se para pegar sua bolsa.

— Não tenho interesse em compartilhar nada com Adarlan.

Ele entendia. Realmente entendia. Talvez fosse por isso que ainda não contara a ela a quem, exatamente, aquela persistente escuridão pertencia.

— E você... — prosseguiu Yrene — ... está evitando o tópico em questão. — Ela remexeu em sua bolsa. — Você terá que falar sobre o que aconteceu cedo ou tarde.

— Com todo o devido respeito, não é da sua conta.

Seus olhos se dirigiram para ele a essa resposta.

— Você ficaria surpreso com a proximidade da cura de feridas físicas com as emocionais.

— Eu enfrentei o que aconteceu.

— Então, do que essa coisa na sua espinha se alimenta?

— Eu não sei. — Ele não se importava.

Ela finalmente tirou algo da sacola, e quando caminhou de volta para ele, seu estômago apertou com o que ela segurava.

Um mordedor. Fabricado a partir de couro escuro e fresco. Não utilizado.

Ela ofereceu-lhe sem hesitação. Quantas vezes ela entregou um para pacientes, para curar lesões muito piores do que a dele?

— Agora seria a hora para me dizer para parar — disse Yrene, com uma expressão sombria. — Para o caso de você preferir discutir o que aconteceu nos últimos meses.

Chaol apenas deitou sobre o estômago e deslizou o pedaço de couro para a boca.

Nesryn assistiu o nascer do sol no céu.

Ela encontrou o príncipe Sartaq esperando com sua montaria uma hora antes do amanhecer. O minarete estava aberto aos elementos em

seu nível mais alto e atrás do príncipe coberto de couro... Nesryn apoiara uma mão no arco da escada, ainda sem fôlego da subida.

Kadara era linda.

Cada uma das penas douradas da ruk brilhava como metal queimado, o branco de seu peito brilhante como neve fresca. E seus olhos de ouro mediram Nesryn imediatamente. Antes de Sartaq virar-se de onde estava, colocando a sela em suas costas largas.

— Capitã Faliq — declarou o príncipe em saudação. — Você acordou cedo. — Palavras ocasionais para os ouvidos que estivessem escutando.

— A tempestade na noite passada me impediu de dormir. Espero não estar incomodando-o.

— Pelo contrário. — Na luz fraca, sua boca se curvou em um sorriso. — Eu estava prestes a dar uma volta, para deixar essa porca gorda caçar seu café da manhã de uma vez.

Kadara soprou suas penas em indignação, clicando em seu enorme bico, totalmente capaz de arrancar a cabeça de um homem com uma bicada.

— Não é de admirar que a princesa Hasar tenha cuidado com o pássaro.

Sartaq riu, acariciando suas penas.

— Quer se juntar a mim?

Com essas palavras, Nesryn de repente teve a sensação de quão, quão alto, era o minarete. E como Kadara provavelmente voaria acima dele. Sem nada para afastá-la da morte além do cavaleiro e da sela agora instalados.

Mas montar um ruk...

Ainda melhor, montar um ruk com um príncipe que poderia ter informações para eles...

— Eu não sou particularmente experiente em alturas, mas seria uma honra, príncipe.

Foi uma questão de alguns minutos. Sartaq ordenou que ela mudasse de sua túnica azul meia-noite para a jaqueta de couro sobressalente dobrada em uma cômoda empurrada contra a parede distante. Ele educadamente virou as costas quando ela trocou as calças também. Uma vez que seu cabelo descia apenas até seus ombros, ela teve dificuldade em puxá-los para trás, mas o príncipe procurara em seus próprios bolsos e lhe fornecera uma tira de couro para prendê-lo em um nó.

Sempre carregue um sobressalente, ele disse a ela. Ou então ela pentearia seu cabelo por semanas.

Ele montou a ruk de olhos afiados primeiro, Kadara se abaixando como uma galinha de grande tamanho no chão. Ele subiu pela sua lateral em dois movimentos fluidos, depois esticou a mão para Nesryn. Ela colocou sua palma suavemente sobre as costelas de Kadara, maravilhando-se com as lindas penas suaves como a mais fina seda.

Nesryn esperou que a ruk se movesse e se encolhesse enquanto Sartaq a puxava para a sela na sua frente, mas a montaria do príncipe permanecia dócil. Paciente.

Sartaq se curvou e prendeu os dois na sela, verificando três vezes as tiras de couro. Então ele estalou sua língua uma vez, e...

Nesryn sabia que não era educado espremer os braços de um príncipe com tanta força que o osso provavelmente quebraria. Mas, assim mesmo, Kadara abriu as brilhantes asas douradas e pulou.

Saltou para *baixo*.

Seu estômago disparou diretamente para a garganta. Seus olhos lacrimejaram e sua vista ficou borrada.

Vento a assolou, tentando arrancá-la daquela sela, e ela apertou as coxas com tanta força que elas doeram, enquanto ela segurava os braços de Sartaq, que empunhavam as rédeas, com tanta força que ele riu em sua orelha.

Mas os pálidos edifícios de Antica surgiram, perto do azul no início da madrugada, correndo para encontrá-los enquanto Kadara mergulhava e mergulhava, uma estrela caindo dos céus.

Então ela abriu as asas e eles dispararam para cima.

Nesryn ficou feliz por ter pulado o café da manhã. Com certeza, teria chegado até boca com o que o movimento que fez seu estômago.

No espaço de alguns batimentos, Kadara inclinou-se para a direita, em direção ao horizonte que começava a ficar rosa.

Antica se espalhava diante deles, cada vez menor, quando eles subiam aos céus. Até que não fosse mais do que uma estrada de paralelepípedos debaixo deles, seguindo-se em todas as direções. Até que ela pudesse espiar os olivais e os campos de trigo do lado de fora da cidade. As propriedades do país e as pequenas cidades que o salpicavam. As dunas ondulantes do deserto do norte à esquerda. A faixa cintilante e serpenteante do rio se tornando dourado no sol nascente que crescia sobre as montanhas à direita.

Sartaq não falou. Não apontou pontos de referência. Nem mesmo a linha pálida da Estrada-Irmã que corria em direção ao horizonte no sul.

Não, na luz crescente, ele deixou Kadara liderar. A ruk levou-os a flutuar ainda mais, o ar girando frio, o céu azul do despertar brilhante a cada poderoso movimento de suas asas.

Aberto. Tão aberto.

Não era como o mar infinito, as ondas tediosas e o navio apertado. Isso era... era uma *respiração*. Era...

Ela não podia olhar rápido o suficiente, ver tudo. Quão pequeno era tudo, quão adorável e remoto. Uma terra reivindicada por uma nação conquistadora, ainda amada e nutrida.

Sua terra. Sua casa.

O sol e as pastagens ondulantes que acenavam na distância. As selvas exuberantes e os campos de arroz para o oeste; as dunas de areia pálidas do deserto ao nordeste. Mais do que ela podia ver em uma vida, mais longe do que Kadara poderia voar em um único dia. Um mundo inteiro, essa terra. O mundo inteiro contido aqui.

Ela não conseguia entender por que o pai tinha ido embora.

Por que ele havia ficado quando tal escuridão penetrara em Adarlan. Por que ele os havia mantido naquela cidade onde ela raramente olhava para o céu, ou sentia uma brisa que não viesse do sal do Avery ou do lixo que apodrecia nas ruas.

— Você está quieta — comentou o príncipe, e foi mais uma pergunta do que uma declaração.

Nesryn admitiu em halha:

— Não tenho palavras para descrevê-lo.

Sentiu Sartaq sorrir perto de seu ombro.

— Foi o que senti, em meu primeiro voo. E todos os voos desde então.

— Entendo por que você ficou no acampamento anos atrás. Por que está ansioso para retornar.

Uma batimento de silêncio.

— Eu sou tão fácil de ler?

— Como você não poderia querer retornar?

— Alguns consideram o palácio de meu pai como o melhor do mundo.

— E é.

Seu silêncio era uma pergunta suficiente.

— O palácio de Forte da Fenda não era nada tão bom, tão adorável e parte da terra.

Sartaq murmurou, o som reverberando nas costas dele. Então ele disse calmamente:

— A morte da minha irmã tem sido difícil para minha mãe. É por ela que eu permaneço.

Nesryn estremeceu um pouco.

— Sinto muito.

Apenas o vento zumbindo falou por um tempo.

Então Sartaq disse:

— Você disse *era*. Em relação ao palácio real de Forte da Fenda. Por quê?

— Você ouviu o que aconteceu, o vidro estilhaçando.

— Ah — outro momento de silêncio. — Quebrado pela Rainha de Terrasen. Sua... aliada.

— Minha amiga.

Ele ergueu seu corpo em torno dela para olhar seu rosto.

— De verdade?

— Ela é uma boa mulher — Nesryn falou, e quis dizer isso. — Difícil, sim, mas... alguns podem dizer o mesmo de qualquer realeza.

— Aparentemente, ela achou o antigo rei de Adarlan tão difícil que o matou. — Palavras cuidadosas.

— O homem era um monstro e uma ameaça para todos. Seu tenente, Perrington, continua assim. Ela fez um favor a Erilea.

Sartaq segurou as rédeas quando Kadara começou uma descida lenta e constante em direção a um vale de rio cintilante.

— Ela é realmente tão poderosa?

Nesryn debateu os méritos de dizer a verdade ou minimizar o poder de Aelin.

— Ela e Dorian possuem uma magia considerável. Mas eu diria que sua inteligência é a arma mais forte. O poder bruto é inútil sem ela.

— É perigoso sem ela.

— Sim — Nesryn concordou, engolindo. — Há... — ela não tinha sido treinada na maneira de falar na corte. — Existe uma ameaça dentro de sua corte que nos justifique a necessidade de falar nos céus?

Ele poderia muito bem ser a ameaça representada, lembrou a si mesma.

— Você jantou com meus irmãos. Vê como eles estão. Marcar um encontro com vocês enviaria uma mensagem para eles. Que eu estou disposto a ouvir seu termo, talvez pressionar o nosso pai. Eles considerariam os riscos e os benefícios de me mitigar. Ou se pareceria melhor tentar juntar-se ao meu lado.

— E você? Quer nos ouvir?

Sartaq não respondeu por um longo momento, apenas o vento gritando enchendo o silêncio.

— Eu escutaria. Você e Lorde Westfall. Ouviria o que você sabem, o que aconteceu com vocês dois. Eu não mantenho tanto poder com meu pai como os outros, mas ele sabe que os cavaleiros ruk são leais a mim.

— Eu pensei...

— Que eu fosse seu favorito? — uma risada baixa e amarga. — Talvez eu tenha uma chance de ser nomeado herdeiro, mas o khagan não seleciona seu herdeiro com base em quem ele mais ama. Mesmo assim, essa honra particular vai para Duva e Kashin.

Duva de rosto doce, ela podia entender, mas...

— Kashin?

— Ele é leal ao meu pai, sem falhas. Nunca planejou, nunca traiu. Eu fiz isso, conspirando e manobrando contra todos eles para obter o que quero. Mas Kashin... Ele pode comandar os exércitos da terra e os senhores dos cavalos, pode ser brutal quando necessário, mas com meu pai, ele é inocente. Nunca houve um filho mais amoroso ou leal. Quando nosso pai morrer... eu me preocupo. O que os outros farão com Kashin se ele não se submeter, ou pior: o que sua morte fará ao próprio Kashin.

Ela ousou perguntar:

— O que você faria com ele? — *Destruí-lo, se ele não jurar lealdade?*

— Resta saber qual tipo de ameaça ou aliança ele poderia representar. Somente Duva e Arghun são casados, e Arghun ainda não tem filhos. Embora Kashin, se tiver a chance, provavelmente traria aquela jovem curandeira para seus braços. Yrene.

— Estranho que ela não tenha interesse nele.

— Um ponto a seu favor. Não é fácil amar os descendentes de um khagan.

A grama verde, ainda úmida sob o sol fresco, ondulou quando Kadara desceu em direção a um rio que se movia rapidamente. Com suas enormes garras, ela poderia facilmente pegar grandes peixes.

Mas não era a presa que Kadara procurava enquanto voava sobre o rio, procurando algo.

— Alguém entrou na biblioteca da Torre na noite passada — disse Sartaq enquanto monitorava a caçada da ruk sobre as águas azul-escuras. A névoa da superfície beijou o rosto de Nesryn, mas o frio das palavras dele foi muito mais profundo. — Mataram uma curandeira, através de um vil poder que a deixou como uma casca. Nós nunca vimos isso em Antica.

O estômago de Nesryn revirou-se com essa descrição.

— Quem? Por quê?

— Yrene Towers soou o alarme. Nós procuramos por horas e não encontramos vestígios, além de livros desaparecidos onde ela estudava, e onde ele a perseguiu. Yrene estava abalada, mas bem.

Pesquisando sobre o que Chaol a informara – na noite anterior, Yrene planejava fazer alguma pesquisa sobre feridas mágicas, sobre demônios.

— Você sabe o que Yrene poderia ter investigado, que representava um interesse tão ruim e roubo de seus livros? — Sartaq perguntou casualmente.

Nesryn considerou. Poderia ser um truque, revelar algo pessoal de sua família, sua vida, para acalmá-la para lhe contar segredos. Nesryn e Chaol não revelaram nenhuma informação sobre as chaves, os valg ou Erawan para o khagan ou seus filhos. Eles estavam esperando para fazer isso, para avaliar quem confiar. Pois, se seus inimigos ouvissem que estavam buscando as chaves para selar o portão de Wyrd...

— Não — ela mentiu. — Mas talvez sejam inimigos não anunciados dos nossos que desejam assustá-la e a outros curandeiros que ajudem o capitão. Quero dizer, Lorde Westfall.

Silêncio. Ela pensou que ele a pressionaria sobre isso, esperava por Kadara voar mais perto da superfície do rio, como se estivesse se aproximando de alguma presa.

— Deve ser estranho ter um novo título, com o antigo proprietário ao seu lado.

— Eu fui capitã por apenas algumas semanas antes de sairmos. Suponho que terei que aprender quando eu retornar.

— Se Yrene tiver sucesso. Entre outras possíveis vitórias.

Como levar esse exército com eles.

— Sim — foi tudo o que conseguiu dizer.

Kadara mergulhou, uma movimentação rápida que fez Sartaq apertar seus braços ao redor dela, apoiando suas coxas.

Ela o deixou guiá-la, mantendo-os na sela enquanto Kadara mergulhava na água, agarrava e atirava algo com violência no banco do rio. Um batimento cardíaco mais tarde, ela estava sobre aquilo, garras e bico atacando e cortando. A criatura sob ela lutava, torcendo e girando...

Um estalo. Então, silêncio.

A ruk se acalmou, penas eriçadas, depois alisando o sangue que agora salpicava seu peito e pescoço. Um pouco também respingara nas botas de Nesryn.

— Tenha cuidado, capitã Faliq — disse Sartaq enquanto Nesryn olhava bem a criatura com que a ruk já se divertia.

Era enorme, quase cinco metros, coberto de grossas escamas como uma armadura. Como as bestas dos pântanos de Eyllwe, porém mais gorda que o gado que, sem dúvida, estivera arrastando para dentro da água ao longo desses rios.

— Há beleza nas terras do meu pai — continuou o príncipe, enquanto Kadara percorreu aquela carcaça monstruosa — mas também há muito à espreita sob a superfície.

Capítulo 13

Yrene ofegou, suas pernas esparramadas diante dela no tapete, as costas apoiadas contra o sofá em que Lorde Chaol agora ofegava também.

Sua boca estava seca como areia, seus membros tremiam com tanta violência que mal conseguia manter suas mãos inertes sobre o colo.

Um som cuspidado e um pequeno baque lhe disseram que ele havia se livrado do couro.

Ele rugira apesar do couro. Seus gritos eram quase tão ruins quanto a própria magia.

Era um vazio. Era um inferno novo e escuro.

Sua magia era uma estrela pulsante que se acendia contra o muro que a escuridão criara entre o alto da coluna e o restante. Ela sabia, sabia sem testar que, se ela ignorasse o ferimento e pulasse diretamente para a base da espinha... também o encontraria lá.

Mas ela forçou. Forçou e forçou, até que estava lutando para respirar. Ainda assim, aquele muro não se moveu.

Parecia apenas rir, silenciosa e sibilantemente, o som atado a frio antigo e malícia.

Ela lançou sua magia contra a parede, deixando seu enxame de luzes brancas ardentes atacarem em onda após uma onda, mas nada.

E só no final, quando sua magia não encontrou nenhuma rachadura, nenhuma fenda para deslizar... apenas quando ela estava pronta para recusar, aquela parede escura pareceu se mover.

Se transformar em algo... outra coisa.

A magia de Yrene tinha ficado frágil antes disso. Qualquer chama de desafio despertada pela morte da curandeira tinha esfriado. E ela não podia ver, não se atrevia a olhar para o que sentia que se juntava, o que enchia a escuridão de vozes, como se estivessem ecoando por um longo salão.

Mas tinha surgido, e ela deslizara um olhar por cima do ombro.

A parede escura estava viva. Nadando com imagens, uma após a outra. Como se estivesse olhando pelos olhos de alguém. Ela sabia por instinto que não pertenciam a Lorde Chaol.

Uma fortaleza de pedra escura se erguia em meio a montanhas arenosas e escarpadas, suas torres afiadas como lanças, bordas e parapeitos duros e cortantes. Além dela, cobrindo os vales e as planícies em meio às montanhas, um exército se afastava à distância, mais fogueiras do que podia contar.

E ela conhecia o nome para este lugar, o anfitrião dali. Ouviu o nome no trovejar em sua mente como se fosse a batida de um martelo na bigorna.

Morath.

Ela se puxou para fora. Puxou-se de volta à luz e ao calor.

Morath, se era alguma lembrança verdadeira, deixada por qualquer que fosse o poder que o atingira; se era algo que a escuridão evocava de

seus próprios terrores mais sombrios...

Não era real. Pelo menos não nesta sala, com a luz do sol e a fonte vibrando no jardim além. Mas se fosse de fato um verdadeiro retrato dos exércitos que Lorde Chaol mencionara no dia anterior...

Era o que ela enfrentaria. As vítimas desse hospedeiro, possivelmente até os soldados dentro dele, estariam muito mal.

Era o que a esperava em casa.

Não agora, ela não pensaria nisso agora, com ele aqui. Preocupar-se com isso, lembrar-lhe do que ele deveria enfrentar, o que poderia varrer seus amigos enquanto estavam sentados aqui... nada disso seria útil. Para qualquer um deles.

Então Yrene sentou-se no tapete, forçando seus estremecimentos a diminuírem a cada respiração profunda que ela tomou pelo nariz e soltou pela boca, deixando sua magia se acalmar e reabastecer dentro dela enquanto acalmava sua mente. Deixou Lorde Chaol arquejar no sofá atrás dela, nenhum deles dizendo uma palavra.

Não, esta não seria uma cura usual.

Mas talvez atrasar seu retorno, permanecer aqui para curá-lo pelo tempo que demorasse... poderia haver outros como ele nos campos de batalha, sofrendo ferimentos semelhantes. Aprender a enfrentar tudo agora, por mais angustiante que fosse... sim, esse atraso poderia tornar-se frutífero. Se ela tivesse estômago, se pudesse suportar aquela escuridão de novo. Encontrar algum jeito de destruí-la.

Vá onde você teme pisar.

De fato.

Seus olhos se fecharam. Em algum momento, a criada retornara com os ingredientes que Yrene inventara. Deu um olhar para eles e desapareceu.

Já fazia horas. Dias.

A fome era um nó apertado em sua barriga, um sentimento estranhamente mortal em comparação com as horas passadas atacando aquela escuridão, apenas meio consciente da mão que colocara nas costas dele, dos gritos que vieram dele cada vez que sua magia forçava a parede.

Ele não pediu uma vez para parar. Não implorou por indulto.

Dedos trêmulos roçaram seu ombro.

— Você... está... — cada uma de suas palavras arranhava para sair. Ela teria que trazer chá de menta com mel. Deveria chamar a criada, se apenas pudesse se lembrar de como falar. Usar a própria voz — ... bem?

Yrene abriu as pálpebras quando a mão se acomodou no ombro dela. Não por qualquer carinho ou preocupação, mas porque a exaustão era tão forte que ele não conseguiria movê-la novamente. E ela estava drenada o suficiente para não conseguir reunir forças para afastar esse toque, como fizera mais cedo.

— *Eu* deveria perguntar se *você* está bem — ela conseguiu dizer, a voz rouca. — Alguma coisa?

— Não. — A falta de emoção por trás da palavra disse a ela o suficiente de seus pensamentos, sua decepção. Ele fez uma pausa por alguns batimentos cardíacos antes de repetir: — Não.

Ela fechou os olhos novamente. Poderia levar semanas. Meses. Especialmente se ela não encontrasse alguma maneira de afastar a parede da escuridão.

Ela tentou e não conseguiu mover as pernas.

— Eu deveria pegar para você...

— Descanse.

A mão apertou em seu ombro.

— Descanse — ele disse novamente.

— Terminamos por hoje — disse ela. — Sem exercício adicional...

— Eu quero dizer... você. Descanse. — Cada palavra lutava para sair.

Yrene arrastou o olhar para o grande relógio na lareira. Piscou uma vez. Duas vezes.

Cinco.

Eles estavam aqui fazia cinco horas.

Ele suportou todo esse tempo. Cinco horas de agonia.

Apenas o pensamento a fez mover as pernas. Gemendo enquanto apoiava uma mão na mesa baixa e recuperava as forças, levantando-se até que estivesse de pé. Oscilando, mas mantendo-se de pé.

Os braços dele deslizaram para baixo do corpo, os músculos de suas costas tremendo enquanto ele tentava se erguer.

— Não — ela disse.

Ele o fez mesmo assim. Os músculos consideráveis em seus braços e peito não falharam enquanto ele se empurrava para cima, até que estava sentado. Olhando para ela, os olhos vidrados.

Yrene respondeu:

— Você precisa de chá.

— Kadja.

O nome foi pouco mais que um suspiro. A criada apareceu imediatamente. Rápido demais.

Yrene a estudou de perto quando a garota entrou. Ela estava ouvindo. Esperando. Yrene não se incomodou em sorrir enquanto dizia:

— Chá de menta. Muito mel.

Chaol acrescentou:

— Duras xícaras.

Yrene lhe lançou um olhar, mas afundou no sofá ao seu lado. As almofadas estavam ligeiramente úmidas – de suor, ela percebeu quando viu gotículas brilhando nos contornos do peito bronzeado dele.

Ela fechou os olhos apenas por um momento.

Não percebeu quanto tempo passou até que Kadja estava colocando duas xícaras delicadas diante deles, uma pequena chaleira de ferro ardente no centro da mesa. A mulher forneceu quantidades generosas de mel para os dois e a boca de Yrene estava seca demais, com a língua muito pesada, para incomodar-se em dizer-lhe para parar ou ela os deixaria enjoados com tanto doce.

A criada misturou ambos em silêncio, depois entregou a primeira xícara a Chaol. Ele simplesmente a passou para Yrene.

Ela estava cansada demais para objetar enquanto envolvia suas mãos em torno da xícara, tentando reunir forças para erguê-la até a boca.

Ele pareceu perceber.

Pediu a Kadja que deixasse sua xícara na mesa. Dispensou-a.

Yrene assistiu através de uma janela distante enquanto Chaol pegava a xícara de suas mãos e a levava até os lábios dela.

Ela debateu tirar a mão do rosto dela.

Sim, ela trabalharia com ele; não, ele não era o monstro que ela inicialmente suspeitava que fosse, não da maneira como vira homens serem; mas deixá-lo se aproximar dessa maneira, deixá-lo *cuidar* dela assim...

— Você pode beber — ele falou, sua voz um grunhido baixo — ou podemos ficar sentados aqui durante as próximas horas.

Ela deslizou os olhos para ele. Encontrou seu olhar fixo, apesar do esgotamento. Ela não disse nada.

— Então, essa é a divisão — murmurou Chaol, mais para si mesmo do que para ela. — Você pode esvair-se me ajudando, mas não posso devolver o favor. Ou não posso fazer nada que vá além da sua ideia do que... de quem eu sou.

Ele era mais astuto do que a maioria das pessoas provavelmente lhe dera crédito.

Tinha a sensação de que a dureza em seus ricos olhos castanhos estava espelhada nos dela.

— Beba. — Puro comando inundou sua voz, um homem que costumava ser obedecido, a dar ordens. — Ressinta-se de mim por tudo o que quiser, mas beba o maldito chá.

E o leve cintilar de preocupação em seus olhos...

Um homem que costumava ser obedecido, sim, mas um homem também inclinado a cuidar dos outros. Olhar por eles. Levado a fazer isso por uma compulsão que não conseguia abandonar, não podia se ver livre. Não poderia ser arrancado dele.

Yrene abriu os lábios, um rendimento silencioso.

Com suavidade, ele colocou a xícara de porcelana contra sua boca e inclinou-a. Ela sorveu uma vez. Ele murmurou em encorajamento. Ela sorveu novamente.

Tão cansada. Ela nunca se vira tão cansada em sua *vida*...

Chaol entornou o copo contra sua boca pela terceira vez, e ela tomou um gole grande.

Bastava. Ele precisava mais do que ela...

Ele sentiu que era provável que ela rosnasse, então afastou a xícara de sua boca e simplesmente bebeu dela. Um gole. Dois.

Ele acabou e pegou a outra, oferecendo-lhe novamente os primeiros goles antes de engolir todo o resto.

Homem insuportável.

Yrene deve ter dito em voz alta, porque um meio sorriso surgiu de um lado do rosto dele.

— Você não é a primeira a me chamar assim — ele comentou, sua voz mais suave. Menos rouca.

— E não serei a última, tenho certeza — ela murmurou.

Chaol simplesmente deu a ela aquele meio sorriso novamente e esticou o braço para encher as duas xícaras. Ele mesmo acrescentou o mel – menos do que Kadja. A quantidade certa. Então misturou, suas mãos firmes.

— Eu posso fazer isso — Yrene tentou dizer.

— Assim como eu — foi tudo o que ele disse.

Ela conseguiu segurar a xícara desta vez. Ele se certificou de que ela conseguia se virar bem com sua xícara antes de levar a dele para seus lábios.

— Eu deveria ir. — O pensamento de sair do palácio, caminhar até a Torre, então subir a escada para seu quarto...

— Descanse. Coma... você deve estar morrendo de fome.

Ela olhou para ele.

— E você não?

Ele tinha se exercitado pesadamente antes de sua chegada; ele deveria estar faminto.

— Estou. Mas não acho que consiga aguardar o jantar. Você poderia se juntar a mim — ele acrescentou.

Uma coisa era curá-lo, trabalhar com ele, deixá-lo servir seu chá. Mas jantar com ele, o homem que serviu aquele açougueiro, o homem que trabalhara para ele enquanto aquele exército sombrio massacrava em Morath... Ali estava. Aquele cheiro de fumaça em seu nariz, o crepitar de chama e gritos.

Yrene inclinou-se para frente para colocar a xícara sobre a mesa. Então parou. Todo movimento era rígido, dolorido.

— Eu preciso voltar para a Torre — ela falou, os joelhos tremendo. — A vigília começa ao pôr-do-sol. — Ainda faltava uma boa hora a partir de agora, felizmente.

Ele notou que ela se tremia e tentou alcançá-la, mas ela desviou.

— Eu deixarei os suprimentos. — Porque o pensamento de levar aquela sacola de volta...

— Deixe-me pedir uma carruagem para você.

— Posso pedir no portão da frente — disse ela. Se alguém a estava caçando, ela optaria pela segurança de uma carruagem. Ela teve que segurar nos móveis enquanto se levantava. A distância até a porta parecia infinita.

— Yrene.

Ela mal se aguentava de pé na porta, mas fez uma pausa para olhar para trás.

— A lição amanhã. — O foco já havia retornado naqueles olhos castanhos. — Onde quer que eu a encontre?

Ela debateu dispensá-lo. Perguntou-se o que estava pensando, pedindo a ele, de todas as pessoas, que viesse.

Mas... cinco horas. Cinco horas de agonia, e ele não quebrou.

Talvez fosse só por isso que ela tivesse recusado o jantar. Se ele não tinha quebrado, então ela também não o faria, não pararia de vê-lo como qualquer coisa além do que ele era. O que ele servira.

— Eu o encontrarei no pátio principal no nascer do sol.

Juntar forças para andar foi difícil, mas ela fez isso. Colocou um pé na frente do outro. Deixou-o sozinho naquela sala, ainda olhando para ela.

Cinco horas de agonia, e ela sabia que não era tudo físico.

Ela sentiu, empurrando contra a parede, que a escuridão também lhe mostrava coisas do outro lado.

Às vezes sentia tremores por ela. Nada que pudesse entender, mas pareciam... pareciam lembranças. Pesadelos. Talvez ambos.

No entanto, ele não pediu que ela parasse.

E uma parte de Yrene se perguntou, enquanto atravessava o palácio, se Lorde Chaol não pediu que parasse não apenas porque aprendera a suportar a dor, mas também porque sentia que a merecia.

Tudo doía.

Chaol não se deixou pensar sobre o que tinha visto. O que tinha passado por sua mente à medida que a dor o dominara, queimara, esfolara e quebrara. O que... e quem ele tinha visto. O corpo na cama. O colar na garganta. A cabeça que havia rolado.

Ele não podia escapar deles. Não enquanto Yrene tinha trabalhava.

Então a dor o atravessava, aí ele via as imagens repetidamente.

Então ele rugia, gritava e berrava.

Ela parou apenas quando deslizou para o chão.

Ele tinha ficado vazio. Drenado.

Ela ainda não queria passar mais do que o tempo necessário com ele.

Ele não a culpava.

Isso não importava. Embora tenha lembrado a si mesmo que ela pedira sua ajuda no dia seguinte.

Da maneira como pudesse.

Chaol fez sua refeição no mesmo lugar em que Yrene o deixara, ainda vestindo somente suas cuecas. Kadja não pareceu notar ou se importar, e ele estava cansado demais para incomodar-se com modéstia.

Aelin provavelmente teria rido ao vê-lo. O homem que se afastou do quarto depois de ela ter declarado que seu ciclo havia chegado agora estava sentado nesta sala fina, na maior parte desnudo.

Nesryn voltou antes do pôr-do-sol, o rosto corado e o cabelo soprado pelo vento. Um olhar para o sorriso tentador lhe disse o suficiente. Pelo menos, ela tivera um pouco de sucesso com Sartaq. Talvez ela conseguisse fazer o que parecia que ele próprio falhava: convencer um de seus anfitriões a voltar com eles para casa.

Ele queria falar com o khagan naquele mesmo dia – sobre a ameaça que o ataque da noite anterior representava. O que significava, e, no entanto, já estava atrasado o bastante para impedir a organização de tal reunião.

Ele mal escutou Nesryn enquanto ela sussurrava sobre a possível simpatia de Sartaq. Sobre o passeio em seu ruk magnífico. A exaustão pesava nele com tanta força que dificilmente conseguia manter os olhos abertos, mesmo que imaginasse os ruks estraçalhando as bruxas Dente de Ferro e suas serpentes aladas, mesmo enquanto debatia quem poderia sobreviver a tais batalhas.

Mas ele conseguiu dar a ordem que se enrolava em sua língua: *Vá à caça, Nesryn.*

Se um dos valg menores de Erawan realmente tivesse ido para Antica, o tempo não estava do lado deles. Cada passo, cada requisição poderia ser relatado a Erawan. E se eles estivessem perseguindo Yrene, quer por ler sobre valg, quer por curar a Mão do Rei de Adarlan... Ele não confiava em ninguém aqui o suficiente para pedir-lhes para fazer isso. Qualquer um que não fosse Nesryn.

Nesryn assentiu com a cabeça a seu pedido. Tinha entendido por que ele quase não conseguiu falar. Deixá-la enfrentar o perigo, *caçar* esse tipo de perigo...

Mas ela já havia feito isso em Forte da Fenda. Ela o lembrou disso... gentilmente. O sono acenou, tornando o corpo estranho e pesado, mas conseguiu fazer o seu pedido final: *Tenha cuidado.*

Chaol não resistiu quando ela o ajudou a subir na cadeira e depois o levou para o quarto. Ele tentou e não conseguiu içar-se para a cama, e estava apenas vagamente consciente dela e Kadja transportando-o como um pedaço de carne.

Yrene, ela nunca fazia isso. Nunca o rodeava quando ele conseguia sozinho. Dizia-lhe constantemente para onde se mover em vez disso.

Ele se perguntou por quê. Estava muito cansado de se perguntar por que.

Nesryn falou que apresentaria suas desculpas no jantar e foi se arrumar. Ele se perguntou se os criados ouviram o gemido das lâminas contra a pedra do lado de fora.

Ele estava dormindo antes que ela partisse, o relógio na sala de estar batendo as horas ao longe.

Ninguém percebeu Nesryn muito atenta no jantar naquela noite. E ninguém lhe prestou mais atenção depois, quando pegou as facas e a espada, arco e aljava e entrou nas ruas da cidade.

Nem mesmo a esposa do khagan.

Quando Nesryn passou por um grande jardim de pedra ao sair do palácio, um brilho branco chamou sua atenção e a fez se esconder atrás de um dos pilares que flanqueavam o pátio.

Em um instante, ela tirou a mão da longa lâmina em seu quadril.

Revestida de seda branca, a longa cortina de cabelos escuros soltos, a grande imperatriz caminhava, silenciosa e grave como um fantasma, descendo uma passarela atravessando as formações rochosas do jardim. Somente o luar encheu o espaço, luz do luar e sombra, enquanto a imperatriz caminhava só e despercebida, seu vestido simples fluindo atrás dela como se fosse um vento fantasma.

Branco para o sofrimento, para a morte.

O rosto da grande imperatriz não possuía adornos, sua coloração muito mais pálida do que a de seus filhos. Nenhuma alegria iluminava seus traços; nenhuma vida. Não havia sentimento nenhum.

Nesryn se demorou nas sombras do pilar, observando a mulher se afastar cada vez mais, como se estivesse vagando pelos caminhos de uma paisagem de sonhos. Ou talvez algum inferno vazio e estéril.

Nesryn perguntou-se se era algo semelhante ao que ela mesma tinha caminhado durante os primeiros meses após a morte de sua mãe. Perguntou-se se os dias também sangraram juntos para a grande imperatriz, se a comida era como cinza na língua e o sono era ansioso e evasivo.

Somente quando a esposa do khagan foi para trás de uma grande rocha, desaparecendo da vista, que Nesryn continuou, seus passos um pouco mais pesados.

Antiga sob a lua cheia era um mar de azul e prata, interrompida pelo brilho dourado de lanternas penduradas em restaurantes públicos e nos carrinhos de vendedores de *kahve* e guloseimas. Alguns artistas tocavam melodias em alaúdes e tambores, alguns talentosos o suficiente para fazer Nesryn desejar parar para ouvir, mas sigilo e velocidade eram seus aliados esta noite.

Ela atravessou as sombras, categorizando os sons da cidade.

Vários templos estavam intercalados entre as vias principais: alguns feitos de pilares de mármore, outros embaixo de telhados de madeira e colunas pintadas, uns meros pátios preenchidos com fontes,

jardins de rocha ou animais adormecidos. Trinta e seis deuses vigiavam esta cidade, e havia três vezes mais templos espalhados por ela.

E a cada um que Nesryn passava, ela se perguntava se aqueles deuses espiavam pelos pilares ou atrás das rochas esculpidas; se eles observavam dos beirais do telhado inclinado, ou por trás dos olhos do gato malhado semiadormecido nos degraus do templo.

Ela rezou a todos eles para que seus pés fossem rápidos e silenciosos, para guiá-la aonde ela precisava ir enquanto fazia sua ronda pelas ruas.

Se um agente valg tivesse vindo para este continente – ou pior, um possível príncipe valg... Nesryn examinou os telhados e o pilar gigantesco da Torre. O branco como osso brilhava à luz da lua, um farol vigiando esta cidade, com os curandeiros dentro.

Chaol e Yrene não haviam feito nenhum progresso nesse dia, mas... tudo bem. Nesryn lembrava-se, uma e outra vez, de que estava tudo bem. Essas coisas levavam tempo, mesmo que Yrene... Era claro que ela tinha algumas reservas pessoais quanto à herança de Chaol. Seu antigo papel no império.

Nesryn fez uma pausa perto da entrada de um beco enquanto um grupo de jovens foliões cambaleava, cantando canções sujas que certamente fariam com que sua tia lhes desse uma bronca. E mais tarde, murmurasse consigo mesma.

Ao monitorar o beco, os telhados fronteiros e planos, a atenção de Nesryn se fixou em um entalhe áspero na parede de tijolos de barro. Uma coruja em repouso, suas asas fechadas, aqueles grandes olhos largos e eternamente sem piscar. Talvez não mais do que vandalismo, mas ela roçou uma mão enluvada sobre a ave, seguindo as linhas gravadas na parede do prédio.

Corujas de Antica. Estavam em toda parte nesta cidade, uma homenagem a talvez a deusa mais adorada do que qualquer outro dos trinta e seis. Nenhum deus principal governava o continente do sul, mas Silba... Nesryn novamente estudou a poderosa torre, mais brilhante do que o palácio no extremo oposto da cidade. Silba reinava incontestada aqui. Para qualquer um entrar na Torre, matar uma das curandeiras... eles tinham que estar desesperados. Ou totalmente insanos.

Ou ser um demônio valg, sem medo dos deuses, apenas da ira de seu mestre caso falhasse. Mas se ela fosse um valg nesta cidade, onde se esconder? Onde espreitar?

Canais corriam abaixo de algumas casas, mas não era como a vasta rede de esgoto de Forte da Fenda. Mas, talvez, se ela estudasse as

paredes da Torre...

Nesryn se virou para a construção brilhante, a Torre se aproximando a cada passo. Ela parou nas sombras ao lado de uma das casas do outro lado da rua da parede sólida que encerrava todo o complexo da Torre.

Tochas queimavam ao longo de suportes na parede pálida, guardas estacionados a cada poucos metros. E acima dela. Guardas reais, a julgar pelas suas cores, e guardas da Torre em seu azul e amarelo-milho, muitos para que alguém conseguisse passar sem ser visto. Nesryn estudou os portões de ferro, agora selados pela noite.

— Eles foram abertos ontem à noite, é a resposta que nenhum guarda quer dar.

Nesryn girou, sua faca em prontidão.

O príncipe Sartaq estava inclinado contra a parede do prédio a poucos metros dela, olhando para a Torre em ascensão. Espadas gêmeas despontavam acima de seus ombros largos, e longas facas pendiam do cinto. Ele havia mudado das roupas do jantar de volta para seus couros de voar, novamente reforçados com aço nos ombros, manoplas de prata em seus pulsos e um lenço preto no pescoço. Não, não lenço, mas um pano para cobrir sua boca e nariz quando o pesado capuz de sua capa estivesse erguido. Para permanecer anônimo, sem ser notado.

Ela embainhou sua faca.

— Você estava me seguindo?

O príncipe lançou seus olhos escuros e calmos para ela.

— Você não tentou ser discreta quando saiu pelo portão da frente, armada até os dentes.

Nesryn virou-se para as paredes da Torre.

— Não tenho motivos para esconder o que estou fazendo.

— Você acha que quem atacou os curandeiros vai simplesmente uma volta? — suas botas eram quase um sussurro contra as pedras antigas quando ele se aproximou ao seu lado.

— Pensei em investigar como eles poderiam ter entrado. Obter uma melhor visão e onde provavelmente achariam atraente se esconder.

Uma pausa.

— Você soa como se conhecesse sua presa de perto. — *E não pensou em mencionar isso para mim durante nosso passeio hoje de manhã*, era o que estava subentendido.

Nesryn olhou de soslaio para Sartaq.

— Eu gostaria de poder dizer o contrário, mas sim. Se o ataque foi feito por quem suspeitamos... passei grande parte desta primavera e verão caçando seu tipo em Forte da Fenda.

Sartaq observou a parede por um longo minuto. Ele perguntou calmamente:

— Quão ruim foi?

Nesryn engoliu enquanto as imagens tremeluziam: os corpos, os esgotos e o castelo de vidro explodindo, uma parede de morte voando sobre ela.

— Capitã Faliq.

Um chamado suave. Um tom mais suave do que se esperaria de um príncipe guerreiro.

— O que seus espiões lhe disseram?

O maxilar de Sartaq se apertou, sombras cruzando o rosto antes de dizer:

— Eles relataram que Forte da Fenda estava cheio de terrores. Pessoas que não eram pessoas. Besta dos sonhos mais sombrios de Vanth.

Vanth... Deusa dos Mortos. Sua presença nessa cidade antecedia até mesmo os curandeiros de Silba, seus seguidores uma seita secreta que até mesmo o khagan e seus predecessores temiam e respeitavam, apesar de seus rituais serem completamente diferentes do Céu Eterno ao qual o khagan e o Darghan acreditavam que voltariam um dia.

Nesryn passou rapidamente pelo templo de pedras escuras de Vanth, a entrada marcada apenas por um conjunto de degraus de ônix descendo para uma câmara subterrânea iluminada com velas brancas.

— Posso ver que nada disso lhe parece estranho — disse Sartaq.

— Um ano atrás, poderia ter sido.

O olhar de Sartaq varreu suas armas.

— Então você realmente enfrentou tais horrores.

— Sim — admitiu Nesryn. — Por qualquer bem que tenha feito, considerando que a cidade está infestado deles. — As palavras saíram tão amargas quanto ela sentia.

Sartaq considerou.

— A maioria teria fugido, ao invés de encará-los.

Ela não sabia como confirmar ou negar tal afirmação, sem dúvida, dita para consolá-la. Um esforço amável de um homem que não precisava fazer isso. Ela se viu dizendo:

— Eu... eu vi sua mãe mais cedo. Andando sozinha através de um jardim.

Os olhos de Sartaq se fecharam.

— É? — uma pergunta cuidadosa.

Nesryn perguntou-se se talvez devesse ter contido a língua, mas continuou:

— Eu só mencionei, caso... caso seja algo que você possa precisar, possa querer saber.

— Havia um guarda? Uma criada com ela?

— Não que eu tenha visto.

Ali havia preocupação tensionando seu rosto enquanto ele encostava as costas contra o edifício.

— Agradeço por avisar.

Não tinha por que contar sobre isso para ninguém, e certamente não para a família mais poderosa do mundo. Mas Nesryn disse calmamente:

— Minha mãe morreu quando eu tinha treze anos. — Ela olhou para a torre quase incandescente. — O antigo rei... você sabe o que ele fez com aqueles que usavam magia. Com os curandeiros dotados com ela. Então, não havia ninguém que pudesse salvar minha mãe da doença que a tomou. O curandeiro que conseguimos encontrar admitiu que era provável que a doença estivesse crescendo dentro do peito de minha mãe. Que ele poderia ter sido capaz de curá-la se a magia não tivesse desaparecido. Antes de ser proibida.

Ela nunca contara esta história a ninguém fora de sua família. Não tinha certeza de por que realmente estava contando para ele agora, mas continuou:

— Meu pai queria levá-la para um barco e navegar até aqui. Estava desesperado. Mas a guerra explodiu de uma ponta a outra em nossas terras. Os navios foram recrutados por Adarlan, e ela estava fraca demais para arriscar uma viagem por terra por todo o caminho até Eyllwe para tentar navegar de lá. Meu pai procurou em todos os mapas, todas as rotas comerciais. Quando encontrou um comerciante que navegaria com eles, apenas os dois, para a Antica... Minha mãe estava tão doente que não podia ser movido. Ela não teria conseguido isso aqui, mesmo que tivessem conseguido pegar o barco.

Sartaq a observava, o rosto ilegível, enquanto ela falava.

Nesryn colocou as mãos nos bolsos.

— Então ela ficou. E estávamos todos lá quando ela... quando acabou. — Aquela velha dor envolveu-a, fazendo seus olhos queimarem.

— Levou alguns anos para eu me sentir bem novamente — ela falou após um momento. — Dois anos atrás, comecei a perceber coisas como

o sol no meu rosto, ou o gosto da comida, comecei a me divertir novamente. Meu pai... ele nos manteve unidos. Minha irmã e eu. Se ele lamentou, não nos deixou ver. Encheu nossa casa de tanta alegria quanto podia.

Ela ficou em silêncio, sem saber como explicar o que queria dizer ao iniciar esta conversa.

— Onde eles estão agora? Depois do ataque a Forte da Fenda? — Sartaq perguntou finalmente.

— Eu não sei — ela sussurrou, soltando o ar. — Eles fugiram, mas... eu não sei para onde, ou se conseguiram chegar aqui com tantos horrores enchendo o mundo.

Sartaq ficou em silêncio por um longo minuto, e Nesryn passou cada segundo desejando que ela tivesse mantido a boca fechada. Então o príncipe falou:

— Enviarei a palavra com discrição. — Ele afastou-se da parede. — Para que meus espiões fiquem atentos à família Faliq e que a ajude a seguir seu caminho da forma que puderem para portos mais seguros.

Seu peito apertou o ponto de doer, mas ela conseguiu responder.

— Obrigada. — Era uma oferta generosa. Mais do que generosa.

— Sinto muito por sua perda — Sartaq acrescentou. — Tão antiga quanto é. Eu... Como guerreiro, cresci caminhando de mãos dadas com a morte. E ainda esta... tem sido mais difícil de suportar do que as outras. E o sofrimento da minha mãe talvez seja ainda mais difícil de enfrentar do que o meu. — Ele balançou a cabeça, o luar dançando em seu cabelo preto e disse com leveza forçada: — Por que acha que eu estava tão ansioso para segui-la esta noite?

Nesryn, apesar de si mesma, ofereceu-lhe um leve sorriso em troca.

Sartaq levantou uma sobrancelha.

— Embora ajudasse saber o que, exatamente, eu deveria estar procurando.

Nesryn debatia o que dizer a ele... debatia a própria presença dele aqui.

Ele deu uma risada baixa e macia quando sua hesitação foi um momento mais longo.

— Pensa que fui eu quem atacou aquela curandeira? Depois de te contar sobre o ocorrido esta manhã?

Nesryn inclinou a cabeça.

— Não quero ser desrespeitosa — mesmo que ela tivesse visto outro príncipe escravizado nesta primavera, e tivesse disparado uma flecha contra uma rainha para mantê-lo vivo. — Seus espiões estavam

certos. Forte da Fenda estava... eu não gostaria de ver Antica sofrer por qualquer mal semelhante.

— E está convencida de que o ataque na Torre foi apenas o começo?

— Estou aqui fora, não?

Silêncio.

— Se alguém, familiar ou estrangeiro, oferecer-lhe um anel ou colar negro, se vir alguém com algo parecido... não hesite — Nesryn acrescentou. — Nem por um segundo. Seja rápido e sucinto. A decapitação é a única coisa que os mantém mortos. A pessoa dentro deles se foi. Não tente salvá-los, ou será você quem acabará sendo escravizado.

A atenção de Sartaq se dirigiu para a espada em sua cintura, o arco e a aljava presos às costas.

— Conte-me tudo o que você sabe — ele disse calmamente.

— Eu não posso.

A recusa por si só poderia acabar com sua vida, mas Sartaq assentiu pensativo.

— Conte-me o que pode, então.

Então, ela contou. De pé nas sombras além dos muros da Torre, ela explicou tudo o que pôde, menos sobre as chaves e os portões, a escravidão de Dorian, bem como a do antigo rei.

Quando terminou, o rosto de Sartaq não mudou, embora ele tenha esfregado o maxilar.

— Quando planejavam contar isso a meu pai?

— Assim que ele nos concedesse uma reunião privada.

Sartaq praguejou baixo.

— Com a morte da minha irmã... ficou mais difícil para ele do que ele admitirá voltar ao nosso ritmo habitual. Ele não aceitará o meu conselho. Nem de ninguém mais.

Foi a preocupação com o tom e a tristeza do príncipe que fez Nesryn dizer:

— Sinto muito.

Sartaq balançou a cabeça.

— Eu devo refletir sobre o que você falou. Há lugares dentro deste continente, perto da pátria do meu povo... — ele esfregou seu pescoço. — Quando eu era menino, contavam histórias de horrores semelhantes — ele disse, mais para si mesmo do que para ela. — Talvez seja hora de eu visitar minha mãe. Ouvir suas histórias novamente. E como essa

antiga ameaça foi tratada, há muito tempo. Especialmente se agora ela está se movendo mais uma vez.

Um registro de valg... aqui? A família dela nunca lhe contou histórias, mas eles tinham saído de um ponto distante do continente. Se os cavaleiros ruk de alguma forma conhecessem os valg ou até mesmo os tivessem enfrentado...

Passos soaram na rua, e eles pressionaram as costas na parede do beco, as mãos sobre as espadas. Mas era apenas um bêbado tropeçando para casa pela noite, saudando os guardas da Torre ao longo dos muros enquanto passava, ganhando risos em troca.

— Existem canais aqui embaixo – esgotos próximos que podem se conectar à Torre? — sua pergunta era pouco mais que um murmúrio.

— Eu não sei — admitiu Sartaq no mesmo tom. Ele sorriu com dureza quando ele apontou para uma grade antiga no chão do beco. — Mas seria uma honra acompanhá-la para descobrir.

Capítulo 14

Yrene não se importava se alguém a matasse durante o sono.

Depois que a vigília solene e à luz de velas no pátio da Torre terminou, depois que Yrene rastejou até seu quarto perto do topo da Torre, duas acólitas apoiando-a entre elas depois que ela desabara na base da escada. Não se importava com nada.

Cook levou o jantar na cama. Yrene conseguiu dar uma mordida antes de desmaiar.

Ela acordou depois da meia-noite, com o garfo sobre o peito e galinha cozida em seu vestido azul favorito.

Ela gemeu, mas sentiu-se um pouco mais viva. O suficiente para sentar-se na quase escuridão do quarto da torre e levantar-se apenas para cuidar de suas necessidades e arrastar sua pequena mesa para frente da porta. Ela empilhou livros e quaisquer objetos pesados que

conseguiu encontrar em cima dela, verificou as trancas duas vezes e tropeçou de volta na cama, ainda completamente vestida.

Ela acordou ao nascer do sol.

Precisamente quando falou que encontraria Lorde Chaol.

Amaldiçoando, Yrene arrastou a mesa, os livros, desfez as trancas e desceu correndo pelas escadas da torre.

Ela ordenou que o cavalo dele fosse levado diretamente para o pátio do castelo, e como tinha deixado seus suprimentos no quarto dele no dia anterior, não havia nada para levar além de seu próprio eu frenético enquanto se precipitava pela espiral sem fim da Torre, franzindo o cenho contra as corujas esculpidas que a julgavam silenciosamente enquanto ela voava por portas agora começando a se abrir para revelar curandeiros e acólitos sonolentos piscando com força para ela.

Yrene agradeceu a Silba pelos poderes restauradores de um sono profundo e sem sonhos enquanto passava pelos terrenos do complexo, corria pelas trilhas alinhadas com lavanda, através dos portões abertos.

Antica estava despertando, as ruas misericordiosamente silenciosas enquanto ela corria para o palácio empoleirado do outro lado. Chegou ao pátio trinta minutos atrasada, respirando com força, suando em todas as dobras possíveis de seu corpo.

Lorde Westfall começara sem ela.

Recuperando o ar, Yrene demorou-se entre os altos portões de bronze, as sombras ainda perdurando com o sol baixo no horizonte, e assistiu a cena que se desdobrava.

Como ela havia especificado, o ruão de aparência paciente estava no lado mais baixo, a altura perfeita para ele alcançar o pito de sela com uma mão erguida. O que ele fazia no momento, observou Yrene com pouco grau de satisfação. Mas o resto...

Bem, parecia que ele decidira não usar a rampa de madeira que ela também havia encomendado em vez de um bloco para montar em pé. A rampa estava agora assentada nas sombras da parede oriental do pátio, ao lado das baias, como se ele tivesse se recusado a aproximar-se dela e mandado trazer apenas o cavalo. Para montá-lo por conta própria.

Não a surpreendia nem um pouco.

Chaol não olhou para nenhum dos guardas agrupados ao seu redor, pelo menos, não mais do que o necessário. De costas para ela, ela só podia identificar um ou dois pelo nome, mas...

Um se aproximou em silêncio para permitir que Chaol apoiasse a outra mão em seu ombro coberto por uma armadura quando o lorde

forçou seu peso para cima. A montaria manteve-se pacientemente enquanto a mão direita segurava o pito da sela para se equilibrar..

Ela deu um passo a frente quando Lorde Westfall soltou do ombro do guarda e subiu na sela, o guarda mantendo-se próximo enquanto isso. Ele terminou sentado de lado na sela, e Chaol não agradeceu o guarda com nada além de um aceno firme.

Em vez disso, ele estudou silenciosamente a sela diante dele, avaliando como deveria levar uma perna para o outro lado do cavalo. Cor manchava suas bochechas, sua mandíbula era uma linha apertada. Os guardas se demoraram, e ele ficou rígido, mais e mais tenso.

Então moveu-se novamente, recostando-se na sela e passando a perna direita sobre o pito. O guarda que o ajudara se precipitou para segurar as costas dele, outro do outro lado se movendo para evitar que ele caísse, mas o tronco de Chaol permaneceu no lugar. Sem oscilar.

Seu controle muscular era extraordinário. Um homem que tinha treinado o corpo para obedecê-lo, não importa o que, mesmo agora.

E ele estava na sela.

Chaol murmurou algo para os guardas que os fizeram retroceder enquanto se inclinava para ambos os lados para passar as alças da cinta em torno de suas pernas. Elas estavam posicionadas na sela – no comprimento perfeito com base nas estimativas que ela dera à mulher na oficina, projetadas para estabilizar as pernas, substituindo o local onde suas coxas teriam apertado para mantê-lo firme. Apenas até se acostumar a cavalgar. Ele poderia muito bem não precisar delas, mas... era melhor estar seguro neste primeiro dia.

Yrene limpou sua testa suada e aproximou-se, oferecendo uma palavra de agradecimento aos guardas, que agora dispersaram-se de volta para seus postos. Aquele que ajudou Lorde Westfall diretamente virou-se para ela, e Yrene lhe deu um amplo sorriso quando disse em halha:

— Bom dia, Shen.

O jovem guarda devolveu o sorriso enquanto continuava a seguir em direção aos pequenos estábulos nas sombras distantes do pátio, piscando para ela enquanto passava.

— Bom dia, Yrene.

Ela encontrou Chaol sentado na sela quando deu outro passo para frente, aquela postura rígida e o maxilar apertado desaparecendo ao vê-la se aproximar.

Yrene alisou o vestido, percebendo exatamente no momento em que chegou até ele que ainda vestia as roupas do dia anterior. Agora

com uma enorme mancha vermelha no peito.

Chaol reparou na mancha, depois no cabelo dela... oh, deuses, seus cabelos, e apenas disse:

— Bom dia.

Yrene engoliu seco, ainda ofegante de sua corrida.

— Me desculpe, estou atrasada. — Mesmo de perto, o suporte se misturava o suficiente para que a maioria das pessoas não percebesse. Especialmente com a maneira como ele se comportava. Sentava-se alto e orgulhoso naquele cavalo, ombros eretos, cabelos ainda molhados do banho da manhã. Yrene engoliu em seco novamente e inclinou a cabeça para a rampa para montar não utilizada no pátio. — Aquilo também era para seu uso, sabe.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Duvido que haja um prontamente disponível em um campo de batalha — ele disse, com a boca torcida para o lado. — Eu também poderia muito bem aprender a montar sozinho.

De fato. Mas, mesmo com o amanhecer dourado e claro ao redor deles, o que ela vislumbrara dentro de sua lesão, o exército que ambos poderiam enfrentar, brilhou diante dela, estendendo as longas sombras...

Um movimento chamou sua atenção, fazendo Yrene virar-se, alerta, enquanto Shen trazia uma pequena égua branca daquelas mesmas sombras. Selada e pronta para ela. Ela franziu a testa para o vestido.

— Se eu vou cavalgar — Chaol falou simplesmente — você também irá. — Talvez fosse o que ele havia murmurado para os guardas antes de se dispersarem.

— Eu não sei, faz um tempo desde que montei — Yrene respondeu.

— Se eu posso deixar quatro homens me ajudarem a montar este maldito cavalo — ele falou, a cor ainda em suas bochechas. — Então você também pode deixar um ajudá-la.

Pelo tom, ela sabia que deveria ter sido embaraçoso. Ela já tinha visto aquela expressão em seu rosto. Mas ele fizera. Cerrou os dentes e montara.

E com os guardas ajudando-o... ela sabia que havia várias razões pelas quais ele mal podia olhar para eles. Que não era apenas o lembrete do que ele um dia fora que o deixava tenso em sua presença, o fazia recusar a sequer pensar em treinar com eles.

Mas essa não era uma conversa a ser tida agora, não aqui, e não com a luz começando a voltar aos olhos dele.

Então Yrene guardou seu resmungo e deixou Shen ajudá-la a subir no cavalo.

As saias de seu vestido subiram o suficiente para revelar a maior parte de suas pernas, mas ela já tinha visto muito mais ser revelado aqui. Neste mesmo pátio. Nem Shen nem nenhum outro guarda lançaram um olhar para ela. Ela se virou para Chaol para ordená-lo que seguisse em frente, mas encontrou seus olhos nela.

Na pele exposta de seu tornozelo, mais pálida do que o resto de sua pele dourada. Ela se queimava facilmente no sol, mas fazia meses desde que tinha ido nadar e se bronzear na luz do sol.

Chaol percebeu sua atenção e voltou os olhos para os dela.

— Você tem uma boa postura — ele disse a ela, tão clinicamente quanto suas observações quando ela analisava os corpos de seus pacientes.

Yrene lançou-lhe um olhar exasperado antes de acenar com a cabeça em agradecimento a Shen e cutucar seu cavalo para uma marcha. Chaol segurou as rédeas e fez o mesmo.

Ela manteve um olho nele enquanto iam em direção aos portões do pátio. O suporte aguentou. A sela funcionou.

Ele estava olhando para o equipamento, então para os portões, para a cidade despertando além deles, para a torre subindo acima de tudo como se fosse uma mão erguida em boas-vindas.

A luz do sol atravessou a arcada aberta, iluminando os dois, mas Yrene poderia ter jurado que era muito mais do que o amanhecer que brilhava nos olhos castanhos do capitão enquanto eles cavalgavam para a cidade.

Não estava caminhando novamente, mas era melhor do que a cadeira. Mais do que melhor.

O suporte era pesado, indo contra todos os seus instintos de cavaleiro, mas... o mantinha firme. Permitiu-lhe orientar Yrene através dos portões, a curandeira agarrando a parte da frente da sela de vez em quando, esquecendo-se completamente das rédeas.

Bem, ele encontrara uma coisa na qual ela não estava tão segura.

O pensamento trouxe um pequeno sorriso para seus lábios. Especialmente quando ela arrumava continuamente suas saias. Por

tudo com que ralhara com ele sobre sua modéstia, vislumbres de suas pernas a fariam pensar melhor.

Homens nas ruas – trabalhadores, vendedores ambulantes e guardas da cidade – olhavam duas vezes. E pareciam querer continuar olhando.

Até perceberem-no encarando e desviarem o olhar.

E Chaol se certificou de que desviassem.

Assim como se certificou de que os guardas no pátio mantivessem sua atenção educada no momento em que ela entrou, respirando pesadamente, beijada de sol e corada. Mesmo com a mancha em suas roupas, mesmo usando o vestido do dia anterior e coberta com um leve brilho de suor.

Tinha sido mortificante ser ajudado a subir na sela como um leigo indisciplinado depois de ter recusado a rampa – foi mortificante ver aqueles guardas em seus uniformes imaculados, a armadura em seus corpos e as suas espadas brilhando na luz do sol da manhã, observando-o. Mas ele lidara com isso. E então se viu esquecendo-se inteiramente disso aos ver os olhares apreciadores que os guardas lançaram a ela. Nenhuma senhora, linda ou comum, jovem ou velha, merecia ser olhada daquela maneira. E Yrene...

Chaol manteve sua montaria perto da dela. Encontrava o olhar de qualquer homem que olhasse para eles enquanto seguiam na direção da Torre, as pedras pálidas como creme na luz da manhã. Todo homem facilmente encontrava algum outro lugar para ver. Alguns até pareciam querer desculpar-se.

Se Yrene percebeu, ele não fazia ideia. Ela estava ocupada demais segurando o pito a sela em quaisquer movimentos inesperados do cavalo, ocupada demais estremeando quando a égua aumentava o ritmo em uma rua particularmente íngreme, fazendo com que ela se balanceasse e deslizesse para trás em sua sela.

— Incline-se para frente — ele instruiu-a. — Equilibre seu peso. — Ele fez o que instruíra, tanto quanto o suporte permitia.

Suas montarias enfrentavam lentamente as ruas, as cabeças balançando enquanto andavam. Yrene lançou-lhe um olhar afiado.

— Eu *sei* disso.

Ele levantou as sobrancelhas com um olhar que dizia: *Poderia ter me enganado.*

Ela franziu o cenho, mas olhou para frente. Inclinou-se como ele a instruíra.

Chaol dormia como um morto quando Nesryn retornara tarde da noite, mas ela o acordou para dizer que não descobrira nada em relação ao potencial valg na cidade. Nenhuma rede de esgoto se conectava à Torre, e com a pesada guarda nos muros, ninguém entraria por ali. Ele conseguiu manter a consciência por tempo suficiente para agradecer e ouvir sua promessa de continuar caçando nesta noite.

Mas este dia sem nuvens e claro... definitivamente não era a escuridão preferida dos valg. Aelin havia dito a ele como os príncipes valg podiam convocar a escuridão consigo, escuridão que atingia qualquer criatura viva em seu caminho, drenando-as, deixando-as secas. Mas mesmo um valg nesta cidade, independentemente de ser um príncipe ou um valg comum...

Chaol empurrou o pensamento de sua mente, franzindo o cenho para a estrutura cor de marfim que crescia mais imponente a cada rua que atravessavam.

— Towers — refletiu ele, olhando para Yrene. — É coincidência você ter esse nome, ou seus antepassados vieram da Torre?

Seus dedos estavam brancos quando ela agarrou a frente da sela, como se olhar para fosse fazê-la cair.

— Eu não sei. — Ela admitiu. — Minha... é algo que nunca soube.

Ele considerou as palavras, o jeito como ela apertou os olhos para o pilar brilhante da torre à frente, em vez de encontrar seu olhar. Uma criança de Charco Lavrado. Ele não se atreveu a perguntar por que ela talvez não conhecesse a resposta. Onde a família dela estava.

Em vez disso, apontou com o queixo para o anel em seu dedo.

— O falso anel de casamento realmente funciona?

Ela examinou o anel antigo e arranhado.

— Eu gostaria de dizer o contrário, mas sim.

— Você encontra esse comportamento aqui? — *Nesta cidade maravilhosa?*

— Muito, muito raramente — ela torceu os dedos antes de colocá-los ao redor do alto da sela novamente. — Mas é um velho hábito de casa.

Por um segundo, ele se lembrou de uma assassina com um vestido branco cheio de sangue, entrando em colapso na entrada do quartel. Relembrou a lâmina envenenada com a qual o homem a cortara e usara em inúmeros outros.

— Fico feliz — disse ele depois de um momento — que não precise temer essas coisas aqui. — Mesmo os guardas, apesar dos olhares,

foram respeitosos. Ela até se dirigiu a um pelo nome, e o calor na resposta soara genuíno.

Yrene apertou o pito da sela novamente.

— O khagan responsabiliza todas as pessoas pela manutenção da lei, quer sejam criados ou príncipes.

Não deveria ser um conceito tão utópico, porém ainda assim...

Chaol piscou.

— Verdadeiramente?

Yrene deu de ombros.

— Tanto quanto ouvi e observei. Os lordes não podem comprar escapatória por crimes cometidos, nem confiar em seus nomes de família para poupá-los. E os possíveis criminosos nas ruas veem a mão exigente da justiça e raramente se atrevem a tentá-la. — Uma pausa. — Você...

Ele sabia o que ela desejava perguntar.

— Foi-me pedido para libertar ou olhar para o outro lado da nobreza que cometeu crimes. Pelo menos, aqueles que eram valorosos na corte e nos exércitos do rei.

Ela estudou a frente da sela antes de perguntar:

— E seu novo rei?

— Ele é diferente.

Se ele estivesse vivo. Se tivesse conseguido sair de Forte da Fenda.

— Dorian por muito tempo estudou e admirou o khaganato — Chaol se forçou a acrescentar. — Talvez implemente algumas de suas políticas.

Um olhar longo de avaliação agora.

— Acha que o khagan se aliará a vocês?

Ele não conversara a respeito com ela, mas era bastante óbvio o motivo pela qual viera, supôs.

— Eu só posso esperar que sim.

— Suas forças fariam muita diferença contra... os poderes que você mencionou?

— Eu só posso esperar que sim — Chaol repetiu. Ele não conseguiu expressar a verdade, que seus exércitos eram poucos e dispersos, se existissem. Comparado com o reunido em Morath...

— O que aconteceu nesses meses? — uma pergunta tranquila e cuidadosa.

— Tentando me envolver para falar?

— Eu quero saber.

— Não vale a pena contar. — Sua história não valia a pena. Nenhuma parte dela.

Ela ficou em silêncio, a batida dos cascos de suas montarias o único som por um quarteirão. Então:

— Você precisará falar sobre isso. Em alguma hora. Eu... tive vislumbres dentro de você ontem.

— Não foi o suficiente? — A questão era afiada como a adaga embainhada em sua cintura.

— Não, se é do que a criatura dentro de você se alimenta. Não, se reivindicar o seu domínio puder ajudar.

— E está tão certa disso? — Ele deveria controlar sua língua, sabia disso, mas...

Yrene se endireitou em sua sela.

— O trauma de qualquer lesão requer alguma reflexão interna para a cura o que vem depois.

— Eu não quero isso. Não preciso disso. Só quero ficar de pé para caminhar novamente.

Ela balançou a cabeça.

— E você, então? — ele atirou. — Que tal nós fazermos um acordo: você me conta todos os seus segredos profundos e sombrios, Yrene Towers, e eu te contarei os meus.

A indignação iluminou aqueles olhos notáveis enquanto ela o encarava. Ele encarou de volta. Finalmente, Yrene resmungou, sorrindo fracamente.

— Você é tão teimoso quanto um burro.

— Já fui chamado de coisa pior — ele respondeu, o começo de um sorriso repuxando sua boca.

— Não estou surpresa.

Chaol riu, captando o vislumbre de um sorriso antes de ela abaixar a cabeça para escondê-lo. Como se compartilhar uma piada com um filho de Adarlan fosse um crime.

Ainda assim, ele a observou por um longo momento, o humor persistente em seu rosto, o cabelo pesado e suavemente ondulado que ocasionalmente era erguido pela brisa matinal do mar. E encontrou-se ainda sorrindo enquanto algo apertado em seu peito começava a afrouxar.

Eles seguiram o resto do caminho para a Torre em silêncio, e Chaol inclinou a cabeça para trás quando eles se aproximaram, passando por uma ampla e ensolarada avenida que se inclinava para o complexo da colina.

A Torre era ainda mais dominante.

Era grande, mais uma fortaleza do que qualquer coisa, mas ainda arredondada. Edifícios flanqueavam suas laterais, conectados em níveis mais baixos. Todos fechados por paredes brancas imponentes, os portões de ferro – forjados para parecer uma coruja abrindo suas asas – abertos para revelar plantações de lavanda e canteiros de flores que ladeavam os caminhos de cascalho de areia. Não canteiros de flores, mas camas de ervas.

Os cheiros erguendo-se para o sol da manhã encheram o nariz: manjerição, hortelã, sálvia e mais daquela lavanda. Até seus cavalos, os cascos batendo nas passagens, pareciam suspirar enquanto se aproximavam.

Os guardas no que ele assumiu seres as cores da Torre – azul-centáurea e amarelo – lhes permitiram a entrada sem questionar, e Yrene inclinou a cabeça em agradecimento. Eles não olharam para as pernas dela. Não se atreveram ou não tinham a inclinação para o desrespeito. Chaol desviou o olhar antes de encontrar aqueles olhos indagadores.

Yrene assumiu a liderança, orientando-os através de uma arcada e no complexo pátio. A janela do prédio de três andares erguido em torno do pátio brilhava com a luz do sol nascente, mas dentro do próprio pátio...

Além do murmúrio do despertar de Antica do lado de fora do complexo, além dos cascos de seus cavalos no cascalho claro, havia apenas o gorgolejo de fontes gêmeas posicionadas em paredes paralelas do pátio, esculpidas na forma de corujas guinchando, água saindo de seus bicos e caindo em bacias profundas logo abaixo. Flores rosas e roxas pálidas alinhavam-se nas paredes entre limoeiros, os arbustos organizados, mas livres para crescer para onde quisessem.

Era um dos lugares mais serenos em que ele já estivera. E observando-os aproximarem-se... duas dúzias de mulheres em vestidos de todas as cores, embora a maioria usando os modelos simples que Yrene favorecia.

Elas estavam em fileiras limpas no cascalho, algumas pouco mais do que crianças, outras em seu auge. Algumas idosas.

Incluindo uma mulher de pele escura e cabelos brancos, que caminhou para a frente das fileiras e sorriu amplamente para Yrene. Não era um rosto que já teve alguma beleza, mas havia uma luz nos olhos da mulher, uma gentileza e serenidade que fazia com que Chaol piscasse de admiração.

Todas as outras a observavam como se ela fosse o eixo em torno do qual eram ordenados. Até Yrene, que sorriu para a mulher quando desmontou, parecendo grata por estar fora da sela. Um dos guardas se aproximou para recuperar o cavalo, mas hesitou quando Chaol permaneceu a cavalo.

Chaol ignorou o homem quando Yrene penteou o cabelo emaranhado e falou com a mulher na língua dele.

— Imagino que a boa multidão esta manhã seja graças a você? — palavras claras, talvez uma tentativa de normalidade, considerando o que aconteceu na biblioteca.

A velha sorriu, tanto calor. Ela era mais brilhante do que o sol espreitando acima das paredes compostas.

— As meninas ouviram um rumor sobre um belo cavalheiro vindo para ensinar. Fui praticamente pisoteada na debandada pela escada.

Ela lançou um sorriso irônico para três garotas de rosto vermelho, com cerca de quinze anos, que encaravam os sapatos com culpa. E, em seguida, atiraram olhares para ele sob os cílios.

Chaol sufocou uma risada.

Yrene virou-se para ele, avaliando as correias e a sela, quando o barulho de rodas que se aproximavam no cascalho encheu o pátio.

A diversão desapareceu. Desmontar na frente dessas mulheres...

Basta.

A voz soou através dele.

Se ele não pudesse suportar diante de um grupo das melhores curandeiras do mundo, então ele mereceria sofrer. Ele havia oferecido ajuda. Lidaria com isso.

De fato, havia algumas garotas mais novas nos fundos que estavam pálidas. Arrastando os pés. Nervosas. Este santuário, este lindo lugar... uma sombra baixara sobre ele.

Ele faria o que pudesse para empurrá-la de volta.

— Lorde Chaol Westfall — disse-lhe Yrene, gesticulando para a mulher idosa: — Permita-me apresentar-lhe Hafiza, Alta Curandeira de Torre Cesme.

Uma das meninas coradas suspirou ao som de seu nome.

Os olhos de Yrene dançaram. Mas Chaol apenas inclinou a cabeça para a velha quando ela estendeu as mãos para ele. A pele era coriácea, tão quente quanto o seu sorriso. Apertou os dedos dele com força.

— É tão bonito quanto Yrene falou.

— Eu não falei nada assim — Yrene sibilou.

Uma das meninas riu.

Yrene deu-lhe um olhar de advertência, e Chaol levantou as sobrancelhas antes de dizer a Hafiza:

— É uma honra e um prazer, minha senhora.

— Tão atraente — murmurou uma das meninas atrás dele.

Espere até me ver desmontar, ele quase disse.

Hafiza apertou as mãos mais uma vez e as deixou cair. Ela se virou para Yrene. Esperando.

Yrene apenas bateu as mãos juntas e disse às meninas reunidas:

— Lorde Westfall sofreu uma lesão grave na parte inferior da coluna e enfrenta dificuldades para caminhar. Ontem, Sindra da oficina elaborou isso para ele, com base nos desenhos das tribos dos cavaleiros das estepes, que há muito lidam com lesões semelhantes de seus cavaleiros. — Ela fez um movimento de mão para indicar suas pernas, as correias.

A cada palavra, seus ombros se enrijeceram. Mais e mais.

— Quando se é confrontado com um paciente em uma situação similar — prosseguiu Yrene — a liberdade de montar pode ser uma

alternativa agradável a uma carruagem ou liteira. Especialmente se ele estiver acostumado a certo nível de independência de antemão... — ela acrescentou em consideração: — Ou mesmo que tenham enfrentado dificuldades de mobilidade suas vidas inteiras, pode oferecer uma opção positiva enquanto você o cura.

Pouco mais do que um experimento. Mesmo as meninas coradas perderam seus sorrisos enquanto estudavam o equipamento. Suas pernas.

— Quem gostaria de ajudar Lorde Westfall a descer de sua montaria para a cadeira? — Yrene perguntou-lhes.

Uma dúzia de mãos se ergueu.

Ele tentou sorrir. Tentou e falhou.

Yrene apontou para algumas, que se aproximaram. Nenhuma olhou para ele acima da cintura, ou até mesmo lhe deu um bom dia.

Yrene ergueu a voz quando as garotas se aglomeraram ao redor dela, certificando-se de que aquelas reunidas no pátio também pudessem ouvir.

— Para pacientes completamente imobilizados, esta pode não ser uma opção, mas Lorde Westfall mantém a capacidade de se mover da cintura para cima e pode conduzir o cavalo com as rédeas. O equilíbrio e a segurança, é claro, continuam sendo preocupações, mas outro ponto é que ele retém o uso e a sensação de sua masculinidade, que também apresenta alguns soluços quanto ao conforto do equipamento utilizado.

Uma das garotas mais jovens soltou uma risadinha, mas a maioria só assentiu, olhando diretamente para a área indicada, como se ele não vestisse nenhuma roupa. O rosto aquecendo, Chaol resistiu ao desejo de se cobrir.

Duas jovens curandeiras começaram a soltar as correias, algumas examinando as fivelas e as hastes. Ainda não o olhavam nos olhos. Como se ele fosse um brinquedo novo — uma nova lição. Alguma excentricidade.

— Lembrem-se de não balançarem demais quando trabalharem. *Cuidado* — Yrene simplesmente prosseguiu.

Ele lutou para manter suas feições distantes, encontrou-se fitando os guardas do palácio. Yrene deu às garotas conselhos firmes e sólidos enquanto o tiravam da sela.

Ele não tentou ajudar as acólitas, ou lutar contra elas, quando puxaram seus braços, sentindo alguém estabilizar sua cintura, o mundo se inclinando enquanto o levavam para baixo. Mas o peso de seu corpo

era grande demais, e ele sentiu-se deslizar mais longe da sela, aproximando-se do chão, o sol iluminando sua pele.

As meninas grunhiram, alguém indo para o outro lado para ajudar a mover sua perna para cima e por sobre o cavalo, ou ele imaginava que sim. Ele só sabia disso porque viu a cabeça de cachos espreitando do outro lado do cavalo. Ela empurrou a perna para cima, e ele ficou ali, pendendo entre três garotas rangendo os dentes enquanto tentavam abaixá-lo, as outras observando em silêncio...

Uma das garotas soltou um “Ahhh” e perdeu o aperto em seu ombro. O mundo mergulhou...

Mãos fortes e infalíveis o pegaram, seu nariz apenas quinze centímetros do cascalho claro, enquanto as outras garotas resmungavam e grunhiam, tentando erguê-lo novamente. Ele estava livre do cavalo, mas suas pernas agora se esparramavam debaixo dele, tão distantes quanto o topo da Torre, muito acima.

Rugido encheu a cabeça.

Uma espécie de desolação crepitava sobre ele. Era pior que ficar de cuecas por horas. Pior do que o banho com a criada.

Yrene, segurando seu ombro de onde apenas o pegara a tempo, disse às curandeiras:

— Isso poderia ter sido melhor, garotas. Muito melhor, por várias razões. — Um suspiro. — Podemos discutir o que deu errado depois, mas por agora, levem-no para a cadeira.

Ele mal conseguia ouvi-la enquanto pendia entre aquelas garotas, a maioria das quais deveria pesar a metade dele. Yrene se afastou para deixar a garota que o deixara cair voltar, respirando bruscamente.

Rodas sibilavam em cascalho de nas proximidades. Ele não se incomodou em olhar a cadeira de rodas com que uma acólita se aproximava. Não se incomodou em falar enquanto o acomodavam nela, a cadeira estremecendo sob seu peso.

— Cuidado — Yrene avisou novamente.

As garotas se demoraram, o restante do pátio ainda assistindo. Foram segundos ou minutos desde que essa provação começou? Ele apertou os braços da cadeira enquanto Yrene dava algumas direções e fazia observações. Apertou os braços com mais força quando uma das garotas se curvou para tocar seus pés calçados com botas para arrumá-los para ele.

As palavras acumularam-se em sua garganta, e ele sabia que elas explodiriam, sabia que poderia fazer pouco para impedi-las de sair

enquanto os dedos da acólita se aproximavam do couro preto empoeirado...

Mãos morenas enrugadas pousaram no pulso da menina, parando-a a poucos centímetros de distância.

— Permita-me — Hafiza disse calmamente.

A menina recuou enquanto Hafiza se inclinava para ajudá-lo.

— Prepare as meninas, Yrene — Hafiza falou por sobre um ombro magro, e Yrene obedeceu, levando-as de volta às suas fileiras.

As mãos da velha mulher se demoraram em suas botas, seus pés, atualmente apontando em direções opostas.

— Devo, senhor, ou preferiria fazê-lo sozinho?

As palavras falhavam, e ele não estava certo de poder usar as mãos sem que elas tremessem, então ele deu um aceno à mulher.

Hafiza endireitou um pé, esperando até que Yrene tivesse dado alguns poucos passos para o outro lado e tivesse começado a dar instruções de alongamento às moças.

— Este é um lugar para aprender — murmurou Hafiza. — Os alunos mais velhos ensinam os mais novos. — Mesmo com seu sotaque, ele a entendeu perfeitamente. — Foi instinto de Yrene, Lorde Westfall, mostrar às garotas o que fez com o equipamento, deixá-las aprender por si mesmas o que é ter um paciente com dificuldades semelhantes. Para receber este treinamento, a própria Yrene teve que se aventurar nas estepes. Muitas dessas garotas talvez não tenham essa oportunidade. Pelo menos não por vários anos.

Chaol encontrou finalmente os olhos de Hafiza, achando a compreensão neles mais condenatória do que ser baixado de um cavalo por um grupo de garotas com metade do seu peso.

— Ela quer fazer o bem, a minha Yrene.

Ele não respondeu. Ele não tinha certeza de que tivesse palavras.

Hafiza endireitou o outro pé.

— Há muitas outras cicatrizes, meu senhor. Além da que está no pescoço dela. — Ele queria dizer à velha que sabia muito bem.

Mas abaixou aquela desolação, aquele rugido queimando em sua cabeça. Ele havia feito a essas mulheres uma promessa de ensiná-las, ajudá-las.

Hafiza pareceu ler isso, sentir. Ela passou a mão em seu ombro antes de se erguer a toda a sua altura, gemendo um pouco, e voltar para o lugar que restava para ela na fila.

Yrene se virou para ele, alongamento feito, e estudou-o. Como se a presença persistente de Hafiza tivesse indicado algo que ela havia

perdido.

Seus olhos encontraram os dele, sobrancelhas estreitando. *O que está errado?*

Ele ignorou a questão dentro de seu olhar, ignorou o pouco de preocupação. Ignorou tudo o que sentia profundamente e girou a cadeira em sua direção. Centímetro por centímetro. O cascalho não era ideal, mas ele apertou os dentes. Ele havia dado a essas moças sua palavra. Não fugiria disso.

— Onde paramos a última lição? — perguntou Yrene a uma garota na frente.

— Arranca-olho — ela respondeu com um sorriso largo.

Chaol quase engasgou.

— Certo — disse Yrene, esfregando as mãos. — Alguém demonstre para mim.

Ele observou em silêncio enquanto mãos se erguiam, e Yrene selecionou uma, uma menina de ossos pequenos. Yrene assumiu a posição de atacante, atacando a garota com uma intensidade surpreendente.

Mas as mãos magras da menina foram direto para o rosto de Yrene, os polegares nos cantos dos olhos. Chaol partiu de sua cadeira – ou teria, se a garota não tivesse se afastado.

— E depois? — Yrene simplesmente perguntou.

— Mover os polegares assim... — a menina fez o movimento no ar para que todos pudessem ver — ... e *pop*.

Algumas garotas riram em silêncio com o *pop* que a menina fez com a boca. Aelin teria ficado fora de si com satisfação.

— Bom — disse Yrene, e a garota voltou para o seu lugar na fila. Yrene virou-se para ele, a preocupação novamente aparecendo enquanto contemplava o que estava em seus olhos e disse: — Esta é a nossa terceira lição desse trimestre. Nós apenas cobrimos os ataques pela frente. Costumo ter os guardas entrando como vítimas voluntárias. — Alguns risos. — Mas hoje eu gostaria que você nos dissesse o que acha que estas senhoras, jovens e velhas, fortes e frágeis, poderiam fazer contra qualquer tipo de ataque. Sua lista de principais manobras e dicas, por gentileza.

Ele treinou homens jovens prontos para derramar sangue – não para curar pessoas.

Mas a defesa foi a primeira lição que ele aprendeu, e que era ensinada os jovens guardas.

Antes que eles terminassem pendurados nos portões do castelo.

O rosto maltratado de Ress apareceu em sua mente.
Que bem fizera quando importava?

Nenhum. Nenhum para os principais grupos em quem confiava e treinava, com quem trabalhou durante anos... nenhum sobrevivente. Brullo, seu mentor e antecessor, ensinou-lhe tudo o que sabia, e o que resultara? Qualquer um que ele encontrou, que ele tocou... sofreu. As vidas que jurou proteger...

A luz do sol desbotou, o gargarejo das fontes gêmeas, uma melodia distante. Que bem fez para sua cidade, seu povo, quando ela foi saqueada?

Ele olhou para cima e encontrou as fileiras de mulheres que o observavam, curiosidade em seus rostos.

Esperando.

Houve um momento, quando ele atirou sua espada no Avery. Quando não conseguiu suportar aquele peso em seu quadril, em sua mão, e atirara a ela e tudo o que o Capitão da Guarda tinha sido, tinha significado, nas águas escuras e revoltantes.

Ele já estava afundando e se afogando desde então. Muito antes da coluna vertebral.

Não estava certo se até mesmo tentara nadar. Não desde que a espada tinha entrado no rio. Não desde que ele deixou Dorian naquele quarto com seu pai e disse a seu amigo, seu irmão, que o amava e sabia que era um adeus. Ele... o deixou. Em todos os sentidos da palavra.

Chaol se forçou a respirar. A tentar.

Yrene se aproximou ao seu lado enquanto seu silêncio se esticava, novamente parecendo tão intrigada e preocupada. Como se não conseguisse descobrir por que – *por que* ele teria o menor...

Ele afastou o pensamento. E os outros. Empurrou-os para o fundo da mente, do Avery, onde aquela espada com pomo de águia agora estava deitada, esquecida e enferrujada.

Chaol ergueu o queixo, olhando cada garota e mulher e idosa no rosto. Curandeiras, criadas, bibliotecárias e cozinheiras, e Yrene.

— Quando um atacante vem até você — ele falou finalmente — provavelmente tentará leva-las para outro lugar. Nunca deixe que façam isso. Se deixarem, aonde quer que a levem, será o último lugar que você verá. — Ele estivera em locais suficientes de assassinato em Forte da Fenda, lido e visto casos suficientes, para saber a verdade nisso. — Se tentarem movê-la de sua localização atual, você faz dele seu campo de batalha.

— Nós sabemos disso. — Disse uma das meninas coradas. — Essa foi a primeira lição de Yrene.

Yrene assentiu com gravidade para ele. Ele novamente não se deixou olhar seu pescoço.

— Pisão no peito do pé? — Ele mal conseguia trocar uma palavra com Yrene.

— Primeira lição também — respondeu a mesma garota em vez de Yrene.

— E quão debilitante é receber um golpe na virilha?

Assentimento ao redor. Yrene certamente conhecia sua justa parcela de manobras.

Chaol sorriu severamente.

— E quanto a maneiras derrubar de costas um homem do meu tamanho ou maior em menos de dois movimentos?

Algumas garotas sorriram quando balançaram a cabeça. Não foi reconfortante.

Capítulo 15

Yrene sentiu a raiva irradiando de Chaol como se fosse calor irradiando de uma chaleira.

Não pelas meninas e mulheres. Elas o adoraram. Sorriram e riam, mesmo enquanto concentravam-se em sua lição completa e precisa, mesmo que os eventos da biblioteca se assomassem sobre elas, sobre a Torre, como uma mortalha cinzenta.

Houvera muitas lágrimas na vigília da noite anterior, e alguns olhos vermelhos ainda nos salões esta manhã quando ela passara.

Felizmente, não houve nenhum sinal disso quando Lorde Chaol convocou três guardas voluntários. Os corpos necessários para que as meninas atirassem no cascalho. De novo e de novo.

Os homens concordaram, talvez porque soubessem que qualquer ferimento seria remendado pelas maiores curandeiras fora de Doranelle.

Chaol até retornou seus sorrisos para elas e, para seu choque, para os guardas.

Mas Yrene... ela não recebeu nenhum deles. Nenhum.

O rosto de Chaol era apenas rigidez, olhos brilhando como geada, sempre que ela dava um passo para fazer uma pergunta ou observar os movimentos de uma acólita. Ele estava comandando, seu foco implacável não deixando passar nada, e se estivessem com um pé na posição errada, ele via antes de moverem um centímetro.

A lição de uma hora terminou com cada uma delas atirando um guarda de costas no chão. Os pobres homens coxeavam e sorriam

amplamente. Principalmente porque Hafiza prometeu-lhes um barril de cerveja para cada – e seu tônico mais forte. O que era melhor do que qualquer álcool.

As mulheres se dispersaram quando os sinos tocaram às dez horas, algumas para aulas, outras para tarefas domésticas, umas para pacientes.

Algumas das garotas mais tolas se demoraram, batendo as pestanas em direção a Lorde Westfall, uma delas parecendo inclinada a cair em seu colo antes que Hafiza cuidadosamente a lembrasse de que havia uma pilha de roupas esperando-a.

Antes que a Alta Curandeira fosse atrás da acólita, Hafiza lançou a Yrene o que ela poderia jurar ser um olhar de aviso de quem sabia das coisas.

— Bem — disse Yrene a Chaol quando eles estavam novamente sozinhos, apesar do grupo de garotas olhando das janelas da Torre. Elas notaram o olhar de Yrene e viraram a cabeça, fechando a janela com risadinhas.

Silba a salvasse das adolescentes.

Ela nunca tinha sido uma, não assim. Não tão despreocupada. Ela nem sequer tinha beijado um homem até o último outono.

Certamente nunca dera risadinhas por causa de um. Ela desejou que tivesse; desejava muitas coisas que tinham terminado com aquela pira e aquelas tochas.

— Foi melhor do que o esperado — Yrene disse a Chaol, que estudava a Torre acima. — Tenho de certeza que elas me implorarão para que você retorne na próxima semana. Se estiver interessado, é claro.

Ele não disse nada.

Ela engoliu em seco.

— Eu gostaria de tentar novamente hoje, se estiver preparado para isso. Você preferiria encontrar um quarto aqui ou devemos voltar para o palácio?

Ele olhou para seus olhos então. Seus olhos estavam escuros.

— O palácio.

Seu estômago torceu ao tom gelado.

— Tudo bem. — Foi tudo o que ela conseguiu dizer, e saiu à procura dos guardas e suas montarias.

Eles voltaram em silêncio, ficaram calados durante as partes do trajeto, mas dessa vez era... proposital. Pesado.

Yrene procurou em sua memória o que ela poderia ter dito durante a lição, o que poderia ter esquecido. Talvez ver os guardas tão ativos lembrasse o que ele não tinha atualmente.

Talvez fosse simplesmente ver os próprios guardas sendo derrubados.

Ela refletiu sobre isso quando eles voltaram para o palácio, enquanto ele era ajudado por Shen e outro guarda a descer para sua cadeira, que aguardava. Ele ofereceu apenas um sorriso apertado em agradecimento.

Lorde Chaol olhou para ela por sobre um ombro, o calor da manhã aumentando o suficiente para tornar o pátio sufocante.

— Você vai empurrá-la, ou devo fazer isso?

Yrene piscou.

— Você pode se mover bem sozinho — ela respondeu, seus saltos metafóricos batendo no chão.

— Talvez você deva pedir a uma de suas acólitas para fazê-lo. Ou cinco delas. Ou qualquer número que você considere apto para lidar com um lorde de Adarlan.

Ela piscou de novo. Lentamente. E não lhe deu nenhuma resposta enquanto se afastava através de um arco. Não se incomodando em esperar para ver se ele a seguia, ou a velocidade que ele alcançava.

As colunas e salões e jardins do palácio passaram em um borrão. Yrene estava tão decidida em alcançar os aposentos dele que mal notou que alguém chamou seu nome.

Não até que repetiram uma segunda vez e ela reconheceu a voz, e se encolheu.

Quando ela se virou, Kashin – vestido de armadura e suando o suficiente para revelar que ele provavelmente estava se exercitando com os guardas do palácio – chegou ao seu lado.

— Eu estava procurando por você — ele falou, seus olhos castanhos imediatamente indo para o peito dela. Para a mancha ainda em seu vestido. As sobrancelhas de Kashin ergueram-se. — Se quiser mandar sua roupa para a lavanderia, tenho certeza de que Hasar pode emprestar-lhe alguma roupa enquanto estiver lavando.

Ela tinha se esquecido de que ainda usava aquele vestido manchado e amasado. Na verdade, não tinha sentido que estava uma droga até agora. Não tinha se sentido como um animal do curral.

— Obrigado pela oferta, mas darei um jeito.

Ela deu um passo para longe, mas Kashin disse:

— Ouvi sobre o ataque na biblioteca. Arranjei guardas adicionais para irem à Torre após o pôr-do-sol todas as noites e ficar até o amanhecer. Ninguém entrará sem nossa permissão.

Era generoso. Como ele sempre foi com ela.

— Obrigada.

Seu rosto permaneceu sério quando ele engoliu. Yrene se preparou para as palavras que ele expressaria, mas Kashin apenas disse:

— Tenha cuidado. Eu sei que você deixou seus pensamentos claros, mas...

— Kashin.

— ... isso não muda o fato de que somos, ou fomos, amigos, Yrene.

Yrene obrigou-se a encontrar os olhos dele. Forçou-se a dizer:

— Lorde Westfall mencionou seus... pensamentos sobre Tumelun.

Por um momento, Kashin olhou para as bandeiras brancas que tremulavam na janela próxima. Ela abriu a boca, talvez para finalmente lhe oferecer suas condolências, tentar consertar aquilo que tinha quebrado entre eles, mas o príncipe falou antes.

— Então você entende quão cruel essa ameaça pode ser.

Ela assentiu.

— Sim. E terei cuidado.

— Bom — ele disse simplesmente. Seu rosto se transformou em um sorriso fácil, e, por um segundo, Yrene desejou que ela conseguisse sentir algo além da mera amizade. Mas nunca tinha sido assim com ele, pelo menos da parte dela.

— Como está a cura de Lorde Westfall? Você fez progresso?

— Alguns — ela respondeu. Insultar um príncipe, mesmo aquele que já fora um amigo, ao ir embora não seria sábio, mas quanto mais essa conversa continuava... ela respirou fundo. — Eu gostaria de ficar e conversar...

— Então fique. — Seu sorriso se ampliou.

Bonito... Kashin era realmente um homem bonito. Se ele fosse qualquer outra pessoa, tivesse qualquer outro título...

Ela balançou a cabeça, oferecendo um sorriso apertado.

— Lorde Westfall está me esperando.

— Ouvi que você cavalgou com ele esta manhã para a Torre. Ele não voltou com você?

Ela tentou manter a expressão suplicante fora de seu rosto quando se curvou.

— Eu tenho que ir. Obrigada novamente pela preocupação e pelos guardas, príncipe.

O título pesou entre eles, como um sino tinindo.

Mas Yrene caminhou, sentindo o olhar de Kashin até dobrar uma esquina.

Ela apoiou-se contra a parede, fechando os olhos e exalando profundamente. Idiota. Muitos outros a chamariam de tola e ainda mais.

— Eu quase me sinto mal pelo homem.

Ela abriu os olhos para encontrar Chaol, sem fôlego e com os olhos ainda ardendo, dobrando a mesma esquina.

— Claro — ele continuou — eu estava muito atrás, o suficiente para não ouvir o que conversaram, mas certamente vi o rosto dele quando foi embora.

— Você não sabe do que está falando — disse Yrene suavemente, e continuou caminhando em direção à suíte. Mais devagar.

— Não diminua seu ritmo por minha causa. Você fez um tempo impressionante.

— Eu fiz algo para ofendê-lo hoje? — ela o cortou.

Seu olhar não revelava nada, seus braços poderosos continuavam trabalhando nas rodas da cadeira enquanto ele se empurrava para frente.

— Então?

— Por que você afasta o príncipe? Parece que vocês dois já foram próximos.

Não era a hora ou o local para essa conversa.

— Isso não é da sua conta.

— Conceda-me.

— Não.

Ele acompanhou-a facilmente enquanto ela aumentava sua velocidade. Durante todo o caminho para as portas da suíte dele.

Kadja estava de pé e Yrene lhe lançou uma ordem na lata:

— Eu preciso de tomilho seco, limão e alho. — O que poderia ter sido uma das antigas receitas de sua mãe para temperar truta fresca.

A criada desapareceu com uma reverência, e Yrene abriu as portas da suíte, segurando-as para ele passar.

— Apenas para que você saiba — Yrene assobiou quando fechou as portas com força atrás dele — sua atitude de merda não ajuda a ninguém e em nada.

Chaol parou com tudo a cadeira no meio do vestíbulo e ela estremeceu com o que esse movimento deveria ter feito com as mãos dele. Ele abriu a boca, mas a fechou.

Logo em seguida a porta do outro quarto se abriu e Nesryn surgiu, os cabelos molhados e brilhantes.

— Eu estava me perguntando para onde você tinha ido — ela disse para ele, então deu a Yrene um aceno de saudação. — Hoje cedo.

Demorou alguns segundos para Yrene reordenar o espaço, a dinâmica com Nesryn agora ali. Yrene não era a pessoa principal... ela era a ajuda, a secundária, o que quer que fosse.

Chaol de fato sacudiu as mãos, marcas vermelhas nas palmas, mas disse a Nesryn:

— Eu fui à Torre para ajudar as garotas com uma lição de defesa.

Nesryn olhou para a cadeira.

— A cavalo — disse ele.

Os olhos de Nesryn agora voaram para Yrene, brilhantes e largos.

— Você... como?

— Um suporte — explicou Yrene. — Estávamos prestes a retomar nossa segunda tentativa de cura.

— E você pode realmente montar?

Yrene sentiu o recuar interno de Chaol, principalmente porque ela também se encolheu. À descrença.

— Nós não experimentamos nada mais do que uma marcha rápida, mas sim — ele respondeu calmamente. Uniformemente. Como se esperasse tais perguntas de Nesryn. Tinha se acostumado com isso. — Talvez amanhã eu tente trotar.

Embora sem a alavancagem de suas pernas, o salto... Yrene passou por seus arquivos mentais sobre lesões na virilha. Mas ela ficou em silêncio.

— Eu irei com você — disse Nesryn, seus olhos escuros iluminando-se. — Posso mostrar-lhe a cidade, talvez a casa do meu tio

— Eu gostaria disso — Chaol respondeu antes que Nesryn desse um beijo na bochecha dele.

— Estou indo vê-los agora, por uma hora ou duas — Nesryn falou. — Depois encontrarei com... você sabe. Eu voltarei esta tarde. E retomarei meus... deveres depois.

Palavras cuidadosas. Yrene não a culpava. Não com as armas empilhadas na mesa de Nesryn, na parte visível do quarto através da porta entreaberta. Facas, espadas, arco e muitas flechas... A capitã tinha um pequeno arsenal em seus aposentos.

Chaol apenas grunhiu sua aprovação, sorrindo levemente quando Nesryn caminhou pelas portas da suíte. A capitã parou no limiar, o sorriso mais largo do que Yrene tinha visto antes.

Esperança. Cheio de esperança.

Nesryn fechou a porta com um clique.

Sozinhos no silêncio novamente, ainda se sentindo a intrusa, Yrene cruzou os braços.

— Posso arrumar tudo antes de começarmos?

Ele apenas avançou para dentro de seu quarto.

— Eu preferiria a sala de estar — ela falou, pegando sua bolsa de suprimentos de onde Kadja colocara na mesa do vestíbulo. E provavelmente vasculhara dentro dela.

— Eu preferiria estar na cama enquanto estiver agonizando — ele acrescentou por cima de seu ombro largo. — E espero que você não desmorone no chão desta vez.

Ele se moveu facilmente da cadeira para a cama e começou a desabotoar a jaqueta.

— Diga-me. — Pediu Yrene, permanecendo na entrada da porta. — Diga-me o que fiz para chateá-lo.

Ele tirou o casaco.

— Você quer dizer além de me expor como uma boneca quebrada na frente de suas alunas e mandando-as me tirar do cavalo como um peixe molenga?

Ela endureceu, pegando o mordedor de couro antes de largar a bolsa no chão.

— Muitas pessoas o ajudam aqui no palácio.

— Não tanto quanto você pensa.

— A Torre é um lugar de aprendizado, e pessoas com sua lesão muitas vezes não conseguem ir até lá. Eu estava mostrando aos acólitos coisas que poderiam ajudar com incontáveis pacientes no futuro.

— Sim, seu precioso e destruído cavalo. Olhe quão quebrado eu sou para você. Quão dócil.

— Eu não quis dizer isso, e você sabe.

Ele arrancou a camisa, quase rasgando-a nas costuras enquanto a puxava por sobre a cabeça.

— Foi algum tipo de punição? Por servir o rei? Por ser de Adarlan?

— *Não*. — Se ele acreditava que ela podia ser tão cruel, tão pouco-profissional... — Foi precisamente o que acabei de dizer: eu queria *mostrar* para elas...

— *Eu* não queria que você me mostrasse!

Yrene endireitou-se.

Chaol ofegou seus dentes cerrados.

— Eu não queria que você me fizesse desfilar. Permitir que elas lidassem comigo. — Seu peito subia e descia, os pulmões debaixo dos músculos trabalhando como um fole. — Você tem alguma ideia de como é? Deixar de ser *assim*... — ele acenou uma mão para ela, seu corpo, suas pernas, sua espinha — ... para *isso*?

Yrene tinha a sensação de que o chão saía de baixo dela.

— Eu sei que é difícil...

— É difícil. Mas você tornou ainda mais hoje. Me fez ficar praticamente nu neste quarto, e ainda assim, eu nunca me senti mais nu do que esta manhã — ele piscou como se estivesse surpreso por ter falado isso — por ter admitido.

— Eu... me desculpe — era tudo o que ela conseguia pensar em dizer.

A garganta dele tremeu.

— Tudo o que pensei, tudo o que planejei e desejei. Se foi. Tudo o que tenho é o meu rei, e essa ridícula e pequena chance de sobreviver a esta guerra e encontrar uma maneira de *fazer* algo disso.

— Disso o quê?

— De *tudo* que desmoronou em minhas mãos. *Tudo*.

Sua voz quebrou.

Os olhos dela arderam. De vergonha ou tristeza, Yrene não sabia.

E ela não queria saber... o que era, ou o que tinha acontecido com ele. O que trouxe aquela dor em seus olhos. Ela sabia, sabia que deveria enfrentar, tinha que falar sobre, mas...

— Me desculpe — ela repetiu e acrescentou com rigidez: — Eu deveria ter considerado seus sentimentos sobre o assunto.

Ele a observou por um longo momento, depois tirou o cinto. Então tirou as botas. Meias.

— Você pode deixar a calça, se... se quiser.

Ele a removeu. Então esperou.

Ainda cheio de raiva. Ainda olhando para ela com tanto ressentimento em seus olhos.

Yrene engoliu uma vez. Duas vezes. Talvez ela devesse ter ido tomar café da manhã.

Mas dar as costas, mesmo a isso... Yrene sentiu algo, um sentimento que não podia descrever. De que se ela se afastasse dele, e ele a visse ir embora...

Curandeiros e seus pacientes precisavam de confiança. Um vínculo de confiança.

Se ela virasse as costas para ele e partisse, ela não achava que o buraco pudesse ser fechado.

Então fez um gesto para que ele se movesse para o centro da cama e se virasse para baixo enquanto ela tomava um assento na borda.

Yrene passou a mão sobre sua espinha, o sulco musculoso atravessando-o profundamente.

Ela não tinha considerado... seus sentimentos. Que ele pudesse tê-los. As coisas que o assombravam...

A respiração dele era rasa, rápida. Então ele disse:

— Apenas para ser claro: seu rancor é contra mim, ou Adarlan em geral?

Ele fitava a parede distante, a entrada da sala de banho bloqueada por aquela tela de madeira esculpida.

Yrene manteve sua mão firme sobre as costas dele, mesmo que a vergonha se esticasse através dela.

Não, ela não estava em sua melhor forma nos últimos dias. Nem mesmo perto.

Essa cicatriz em cima de sua espinha era rígida em meio a luz, a sombra de sua mão sobre a pele como uma marca irmã.

A coisa esperando na cicatriz... sua magia novamente recuou em sua proximidade. Ela também estivera cansada na noite anterior e ocupada demais esta manhã para pensar em enfrentá-la novamente. Contemplar o que ela poderia ver, poderia combater... o que poderia suportar, também.

Mas ele fora fiel a sua palavra, instruíra as meninas apesar dos erros insensatos e insensíveis dela. Ela supôs que só poderia devolver o favor fazendo o que prometeu também.

Yrene respirou firmemente. Não havia preparação para isso, sabia. Não havia exercício de respiração suficientes para tornar menos dolorido. Para qualquer um deles.

Yrene ofereceu silenciosamente a Chaol o pedaço de couro.

Ele deslizou através de seus dentes e apertou levemente.

Ela olhou para ele, seu corpo forjado por dor, o rosto ilegível enquanto ele o virava para a porta.

— Soldados de Adarlan queimaram minha mãe viva quando eu tinha onze anos — ela falou em voz baixa.

E antes que Chaol pudesse responder, colocou a mão na marca no topo da coluna vertebral.

Capítulo 16

Havia apenas escuridão, e dor.

Ele rugiu contra ela, distantemente ciente do pedaço de couro em sua boca, a crueza em sua garganta.

Queimada viva queimada viva queimada viva.

O vazio mostrou-lhe fogo. Uma mulher com cabelo dourado e pele da mesma cor gritando em agonia para os céus.

Lhe mostrou um corpo quebrado em uma cama sangrenta. Uma cabeça caída no chão de mármore.

Você fez isso você fez isso você fez isso.

Mostrou uma mulher com olhos de chamas azuis e cabelos de ouro puro parada acima dele, punhal erguido e pronto para mergulhar em seu coração.

Ele desejou. Ele às vezes desejava que ela não tivesse sido interrompida.

A cicatriz em seu rosto – das unhas que ela cravara quando o atingiu pela primeira vez... Era nesse ódio que ele pensava quando se olhava no espelho. O corpo na cama, aquela sala fria e aquele grito. O colar em uma garganta bronzeada e um sorriso que não pertencia a um rosto amado. O coração que ele tinha oferecido e deixado cair nas tábuas de madeira das docas do rio. Uma assassina que navegou e uma rainha que retornou. Uma fileira de homens pendurados nos portões do castelo.

Todos mantidos dentro dessa cicatriz fina. O que ele não podia perdoar ou esquecer.

O vazio mostrou a ele, uma e outra vez.

Ele açoitou seu corpo com chicotadas vermelhas e ardentes. E mostrou-lhe essas cenas, de novo e de novo.

Lhe mostrou sua mãe. E seu irmão. E seu pai.

Tudo o que ele tinha deixado. Com o que ele falhara. O que ele odiava e o que ele se tornara.

As linhas entre os dois últimos haviam borrado.

E ele tentara. Tentara por semanas, por meses.

O vazio não queria ouvir.

O fogo negro correu por seu sangue, suas veias, tentando abafar esses pensamentos.

A rosa ardente deixada em uma mesa de cabeceira. O abraço final de seu rei.

Ele tentou. Tentara ter *esperança* e, no entanto...

Mulheres pouco mais do que crianças tirando-o de um cavalo. Puxando e irritando-o.

A dor atingiu, baixa e profunda em sua coluna vertebral, e ele não conseguiu respirar ao redor, não podia enxergar.

Uma luz branca acendeu.

Um redemoinho. Ao longe e à distância.

Não era dourada, nem o vermelho ou o azul da chama. Mas branca como a luz do sol, limpa e clara.

Uma cintilação através do escuro, um arco como relâmpago surgindo na noite...

E então a dor voltou a convergir.

Os olhos de seu pai, os olhos furiosos de seu pai quando ele anunciou que se juntaria à Guarda Real. Os punhos. A súplica de sua mãe. A angústia em seu rosto na última vez que a viu, quando se afastou de Anielle. A última vez que viu sua cidade, sua casa. Seu irmão, pequeno e encolhido perto de seu pai, à sua sombra.

Um irmão que trocou por outro. Um irmão que ele havia deixado para trás.

A escuridão espremeu, esmagando os ossos em pó.

Isso o mataria.

Isso o mataria, essa dor, isto... esse poço interminável e agitado de *nada*.

Talvez fosse uma misericórdia. Ele não estava inteiramente certo de sua presença, uma presença que faria *alguma* diferença. Não era suficiente para justificar a tentativa. Voltar para tudo.

A escuridão gostava disso. Parecia prosperar com isso.

Mesmo quando apertou em torno de seus ossos. Mesmo enquanto o sangue fervia em suas veias. Ele berrou e berrou...

Luz branca o atingiu. Ofuscando-o.

Preenchendo esse vazio.

A escuridão gritou, recuando, depois se elevando como uma onda ao redor dele...

Só para saltar uma concha daquela luz branca, enrolada ao redor dele, uma pedra contra a qual a escuridão quebrou.

Uma luz no abismo.

Era quente, silenciosa e gentil. Não se rendeu à escuridão.

Como se tivesse habitado em tal escuridão por tanto tempo que entendia como ela funcionava.

Chaol abriu os olhos.

A mão de Yrene tinha escorregado de suas costas.

Ela já estava se afastando dele, pegando sua camisa descartada no tapete do quarto.

Ele viu o sangue antes que ela pudesse esconder.

Cuspindo o couro, ele segurou seu pulso, o ofegar alto em seus próprios ouvidos.

— Você está ferida.

Yrene limpou o nariz, a boca e o queixo antes de encará-lo.

Não escondeu as manchas em seu peito, mergulhando no decote do vestido.

Chaol ergueu-se.

— Pelos deuses, Yrene...

— Eu estou bem.

As palavras eram abafadas, entortadas com o sangue ainda escorrendo por seu nariz.

— Isso é... normal? — ele encheu seus pulmões de ar para pedir que alguém buscasse outra curandeira.

— Sim.

— Mentirosa. — Ele ouviu a mentira em sua pausa. Viu em sua recusa em encontrar seu olhar. Chaol abriu a boca, mas ela colocou a mão em seu braço, abaixando a camisa ensanguentada.

— Eu estou bem. Só preciso... descansar.

Ela parecia bem, exceto pelo sangue manchando e escorrendo por seu queixo e boca.

Yrene apertou a camisa dele novamente contra o nariz enquanto o sangue escorria novamente.

— Pelo menos — ela falou apesar do tecido e sangue — a mancha de mais cedo agora combina com o meu vestido.

Uma triste tentativa de humor, mas ele lhe ofereceu um sorriso sombrio.

— Pensei que fosse parte do estilo.

Ela lhe lançou um olhar exausto mas confuso.

— Dê-me cinco minutos e posso voltar e...

— Deite-se. Agora. — Ele deslizou um pouco para o lado no colchão para dar ênfase.

Yrene examinou os travesseiros, a cama grande o suficiente para que quatro dormissem sem se tocar um ao lado do outro.

Com um gemido, ela pressionou a camisa contra o rosto e caiu sobre os travesseiros, chutando os chinelos e dobrando as pernas para cima. Ela inclinou a cabeça para cima para parar o sangramento.

— O que eu posso fazer... — ele começou, observando-a encarar fixamente o teto.

Ela fizera isso – fizera para ajudá-lo, provavelmente por causa de qualquer humor de merda em que ele estava antes...

Yrene apenas balançou a cabeça.

Em silêncio, ele a viu pressionando a camisa no nariz. O sangue observado floresceu através do tecido de novo e de novo.

Até que finalmente abrandou. Até que parou.

O nariz, a boca e o queixo estavam vermelhos com os traços, seus olhos embebidos com dor ou exaustão. Talvez ambos.

— Como? — ele se viu perguntando.

Ela sabia o que ele queria dizer. Yrene limpou o sangue no peito.

— Eu fui lá, para o lugar da cicatriz, e era o mesmo de antes. Uma parede que nenhuma parte da minha magia conseguia atacar. Acho que me mostrou... — seus dedos apertaram a camisa enquanto ela a pressionava contra o sangue que sujava seu colo.

— O quê?

— Morath — ela sussurrou, e ele poderia jurar que até o canto dos pássaros falhou no jardim. — Me mostrou alguma memória, deixada para trás em você. Me mostrou uma grande fortaleza negra cheia de horrores. Um exército aguardando nas montanhas ao redor.

Seu sangue gelou quando ele percebeu a quem pertencia a memória.

— Era real ou... alguma manipulação contra você? — do modo como suas próprias memórias eram exercidas.

— Eu não sei. — Admitiu Yrene. — Mas então ouvi os seus gritos. Não aqui, mas... lá. — Ela enxugou o nariz novamente. — E percebi que atacar aquele muro sólido era... eu acho que era uma distração. Um desvio. Então segui os sons dos seus gritos. Até você. — Até aquele lugar no fundo dele. — Aquilo estava tão focado em quebrá-lo que não

me viu chegando — ela estremeceu. — Eu não sei se isso aconteceu ou qualquer coisa assim, mas... eu não pude encarar. Assistir e ouvir. Eu o assustei quando entrei, mas não sei se estará esperando na próxima vez. Se vai lembrar. Há uma... senciência nele. Não é uma coisa viva, mas como se uma memória tivesse sido liberada no mundo.

Chaol assentiu e o silêncio caiu entre eles. Ela limpou o nariz novamente, a camisa agora encharcada de sangue, então colocou o tecido sobre a mesa ao lado da cama.

Por minutos não contados, a luz do sol atravessou o chão, o vento balançou as palmeiras.

— Sinto muito por sua mãe — Chaol falou então.

Pensando na linha do tempo... provavelmente aconteceu no intervalo de alguns meses do próprio terror e perda de Aelin.

Tantas delas – as crianças em que Adarlan deixara cicatrizes tão profundas. Se Adarlan os tivesse deixadas vivas, ao menos.

— Ela era tudo de bom no mundo — disse Yrene, dobrando-se lado para olhar para as janelas que davam para o jardim. — Ela... eu saí porque ela... — Yrene não terminou.

— Ela fez o que qualquer mãe faria — ele terminou por ela.

Um aceno de cabeça.

Como curandeiras, elas foram algumas das primeiras vítimas. E continuaram a ser executadas muito depois de a magia ter desaparecido. Adarlan sempre perseguiu implacavelmente os curandeiros magicamente talentosos. Os seus próprios vizinhos poderiam tê-las vendido para Adarlan em troca de moeda rápida e barata.

Chaol engoliu em seco. Depois de um segundo, ele disse:

— Eu assisti o rei de Adarlan matar a mulher que Dorian amava na minha frente, e não pude fazer nada para detê-lo. Para salvá-la. E quando o rei se virou para me matar por eu estar conspirando para derrubá-lo... Dorian entrou no meio. Ele segurou seu pai e me deu tempo para correr. E eu fugi, fugi porque... não havia mais ninguém para continuar a rebelião. Para levar a notícia a quem precisava. Eu o deixei assumir as consequências e enfrentar o pai, e *fugi*.

Ela o observou em silêncio.

— Ele está bem agora, no entanto.

— Eu não sei. Ele está livre e está vivo. Mas bem? Ele sofreu. Muito. De maneiras que não posso começar a... — sua garganta apertou o ponto de doer. — Deveria ter sido eu. Eu sempre planejei que fosse eu em vez dele...

Uma lágrima deslizou pela ponte do nariz dela. Chaol a pegou com o dedo antes que pudesse deslizar para o outro lado.

Yrene manteve o olhar fixo por um longo momento, as lágrimas deixando seus olhos tão brilhantes como o sol. Ele não soube quanto tempo passou. Quanto tempo demorou para ela mesma tentar escapar dessa escuridão, apenas um pouco.

A porta da suíte se abriu e fechou com um ruído mínimo, ele sabia que era Kadja. O olhar de Yrene desviou dele. Sem isso, havia uma sensação de frio. Uma quietude e um frio.

Chaol apertou o punho, aquela lágrima penetrando em sua pele, para não esticar a mão e virar o rosto dela de volta.

Para ler os seus olhos.

Mas ela voltou a cabeça tão rápido que quase acertou seu nariz.

O dourado nos olhos de Yrene brilhava.

— Chaol — ela suspirou, e ele pensou que poderia ter sido a primeira vez que ela o chamou assim.

Mas ela olhou para baixo, arrastando seu olhar.

Por seu torso nu, suas pernas nuas.

Para os seus dedos dos pés.

Para os dedos dos pés, lentamente ondulando e desenrolando. Como tentassem lembrar como se mover.

Capítulo 17

Os primos de Nesryn estavam fora na escola quando ela bateu na porta externa da adorável casa dos tios no bairro Runni. Da rua empoeirada, a única visão da casa além dos muros altos e grossos era o portão de carvalho esculpido, reforçado com ferro trabalhado.

Mas quando este se abriu sob as mãos de dois guardas que acenaram na mesma hora, revelou um grande pátio sombreado de pedra pálida, flanqueado por pilares cobertos por buganvílias magentas e uma fonte alegre embutida com vidro marinho em seu centro.

A casa era típica de Antica e do povo Balruhni de quem Nesryn e sua família descendiam. Há muito ajustado aos climas do deserto, todo o edifício tinha sido erguido em torno do sol e do vento: as janelas externas nunca expostas do calor vindo do sul, as torres estreitas que captavam o vento no topo da construção voltadas para o oriente arenoso para manter os cômodos abaixo sempre ventilados. Sua família não tinha a sorte de ter um canal correndo abaixo da casa, como muitos dos mais ricos de Antica, mas com as plantas altas e os toldos de madeira esculpidos, a sombra mantida nos níveis públicos mais baixos ao redor do pátio era o suficiente durante o dia.

De fato, Nesryn respirou profundamente enquanto atravessava o lindo pátio, sua tia cumprimentando-a.

— Você já comeu?

Ela tinha comido, mas Nesryn respondeu:

— Me guardei para sua mesa, tia. — Era uma saudação comum halha entre a família - *ninguém* visitava uma casa, especialmente na família Faliq, sem comer. Pelo menos uma vez.

Sua tia - ainda uma mulher bonita, cujo nascimento de quatro filhos não diminuiu sua beleza nem um pouco - assentiu com a aprovação.

— Eu disse a Brahim ainda esta manhã que o nosso cozinheiro é melhor que os que estão no palácio.

Um bufo de diversão um andar acima, da janela com tela de madeira com vista para o pátio. O escritório de seu tio. Uma das poucas salas comuns no segundo nível, geralmente privado.

— Cuidado, Zahida, ou o khagan pode ouvi-la e levar nosso velho cozinheiro para seu palácio.

Sua tia revirou os olhos para a figura vagamente visível através da tela de madeira ornamentada e passou o braço pelo de Nesryn.

— Bisbilhoteiro. Sempre espiando nossas conversas aqui embaixo. Seu tio riu, mas não fez mais comentários.

Nesryn sorriu, deixando sua tia levá-la para o interior espaçoso da casa, passando pela estátua curvilínea de Inna, Deusa das Famílias Pacíficas e do povo Balruhni, com os braços levantados em recepção e defesa.

— Talvez o cozinheiro do palácio seja o motivo pelo qual os membros da realeza estão tão magros

Sua tia expirou, acariciando a barriga.

— E não duvide por que ganhei tantas camadas esses anos — ela deu uma piscadela a Nesryn. — Talvez eu devesse me livrar do velho cozinheiro, afinal.

Nesryn beijou a bochecha suave de pétala da tia.

— Você está mais bonita agora do que quando eu era criança. — E ela realmente pensava isso.

Sua tia acenou em dispensa, mas ainda sorria quando entraram no interior fresco da casa própria. As colunas seguiam pelo teto alto ao longo do corredor, as vigas de madeira e os móveis esculpidos e moldados com as exuberantes flora e fauna de sua terra distante, há muito tempo. Sua tia a conduziu mais profundamente pela casa do que a maioria dos hóspedes jamais veria, até o segundo pátio menor na parte de trás. O da família, na maior parte ocupado por uma mesa comprida e cadeiras logo abaixo da sombra de um toldo. A esta hora, o sol estava do lado oposto da casa, precisamente por isso que a tia escolhera o local.

Sua tia a guiou para um assento adjacente à cabeceira da mesa, o lugar de honra, e apressou-se a informar o cozinheiro para trazer refrescos.

No silêncio, Nesryn ouviu o vento sussurrando através do jasmim serpeando na parede para a varanda acima. Era a casa mais serena que ela já tinha visto, especialmente em comparação com o caos da casa de sua família em Forte da Fenda.

Uma dor apertou seu peito, e Nesryn esfregou-o. Estavam vivos; eles tinham saído.

Mas não saia onde estavam agora. Ou o que eles poderiam enfrentar nesse continente cheio de tantos terrores.

— Seu pai fica com o mesmo olhar quando pensa demais — comentou seu tio por trás dela.

Nesryn girou em sua cadeira, sorrindo levemente quando Brahim Faliq entrou no pátio. Seu tio era mais baixo do que seu pai, mais magro, principalmente graças a *não* assar sobremesas para seu sustento. Não, seu tio ainda era atraente para um homem da sua idade, o cabelo escuro salpicado de prata, ambos talvez devido à vida mercante que o mantinha tão ativo.

Mas o rosto de Brahim... era o rosto de Sayed Faliq. O rosto de seu pai. Com menos de dois anos separando-os, alguns pensavam que eles

gêmeos quando cresciam. E foi a visão desses traços, o rosto ainda bonito que fez a garganta de Nesryn se apertar.

— Um dos poucos traços que herdei dele, parece.

De fato, onde Nesryn era silenciosa e propensa à contemplação, o riso crescente de seu pai tinha sido tão constante em sua casa quanto o alegre canto e riso de sua irmã.

Ela sentiu seu tio estudando-a enquanto pegava um lugar do outro lado, deixando o cabeceira da mesa para Zahida. Os homens e as mulheres governavam a família em conjunto, sua regra conjunta tratada como lei por seus filhos. Nesryn certamente tinha caído da linha, embora sua irmã... ela ainda podia ouvir as discussões entre sua irmã e seu pai enquanto Delara crescia e ansiava por independência.

— Para a Capitã da Guarda Real — refletiu seu tio — estou surpreso que tenha tempo de nos visitar tantas vezes.

Sua tia bamboleou para perto, trazendo uma bandeja de chá de menta gelado.

— Calado. Não reclame, Brahim, ou ela parará de vir.

Nesryn sorriu, olhando entre eles enquanto sua tia lhes servia um copo de chá, colocava a bandeja na mesa entre eles e reclamava o assento na cabeceira da mesa.

— Pensei em vir agora, enquanto as crianças estão na escola.

Outro dos muitos decretos maravilhosos do khaganato: cada criança, não importava quão pobre ou rica, tinha o direito de frequentar a escola. De graça. Como resultado, quase todos no império eram alfabetizados, muito mais do que Nesryn poderia dizer de Adarlan.

— E aqui estava eu — disse seu tio, sorrindo com ironia — esperando que você voltasse a cantar para nós. Desde que nos deixou no outro dia, as crianças estão cantando suas canções como gatos de rua. Eu não tenho coração para dizer-lhes que suas vozes não são tão afinadas quanto a de sua estimada prima.

Nesryn riu, mesmo quando seu rosto se aqueceu. Ela cantava para poucos – apenas para a família. Nunca havia cantado para Chaol ou alguém, ou mesmo mencionara que a voz dela era... mais do que boa. Não era algo que poderia ser facilmente abordado em conversa, e os deuses sabiam que os últimos meses não foram favoráveis ao canto. Mas ela se viu cantando para seus primos na outra noite, uma das músicas que seu pai lhe ensinara. Uma canção de ninar de Antica. No final, os tios haviam se abraçado, um olhando nos olhos do outro... bem, agora não havia como voltar atrás, havia?

Provavelmente seria provocada por isso até que não abrisse mais a boca.

Quem dera ela tivesse ido ali só para cantar. Ela suspirou, preparando-se.

No silêncio, seus tios trocaram olhares. Sua tia perguntou calmamente:

— O que foi?

Nesryn tomou um gole do chá, considerando suas palavras. Eles, pelo menos, lhe deram o presente de esperar que ela falasse. Sua irmã já estaria sacudindo seus ombros, exigindo uma resposta.

— Houve um ataque na Torre na outra noite. Uma jovem curandeira foi morta por um intruso. O assassino ainda não foi encontrado.

Não importava que ela e Sartaq houvessem vasculhado os poucos esgotos e canais abaixo de Antica na noite anterior, não encontraram um único caminho para a Torre; nem qualquer sinal de um ninho de valg. Tudo o que eles descobriram foram o típico cheiro horrível e ratos correndo sob os pés.

Seu tio preejou, atraindo um olhar de sua tia. Mas até mesmo ela esfregou o peito antes de perguntar:

— Nós ouvimos os rumores, mas... você veio nos alertar?

Nesryn assentiu.

— O ataque se alinha com as técnicas dos inimigos em Adarlan. Se eles estiverem aqui, nesta cidade, temo que tenha conexão com a minha chegada.

Ela não ousou contar demais para eles. Não por falta de confiança, mas por medo de quem pudesse estar ouvindo. Desse modo, eles não saberiam sobre os valg, ou Erawan, ou as chaves.

Eles sabiam de sua missão de criar um exército, pois não era segredo, mas... ela não arriscava em contar-lhes sobre Sartaq. Que ele e seu rukhin poderiam ser o caminho para ganhar o apoio do khagan, que seu povo poderia saber algo sobre os valg, saber como lidar com eles. Ela nem se arriscou a lhes dizer que montou a ruk do príncipe. Não que eles realmente fossem acreditar. Bem de vida como sua família poderia ser, havia riqueza, e então havia realeza.

— Eles mirarão em nossa família para chegar até você? — seu tio perguntou.

Nesryn engoliu.

— Eu não acredito nisso, mas não colocaria limite neles. Ainda desconheço se esse ataque tem relação a minha chegada ou se estamos

tirando conclusões precipitadas, mas com a menor chance de que seja verdade... venho avisá-los para contratar mais guardas se puderem — ela olhou entre eles, colocando as mãos sobre a mesa. — Lamento ter trazido isso para sua casa.

Outro olhar trocado entre eles, e cada um a pegou pela mão.

— Não há nada para se desculpar — disse a tia. Assim como seu tio acrescentou:

— Sua chegada tão inesperada foi uma benção além da medida.

Sua garganta se fechou. Isso... era o que Erawan estava se preparando para destruir.

Ela encontraria uma maneira de erguer esse exército. Resgatar sua família da guerra, ou impedir que ele atingisse essas costas.

— Contrataremos mais guardas, uma escolta para as crianças irem para a escola — sua tia declarou, acenado para o marido. — E para qualquer lugar que formos nesta cidade.

— E você? — o tio de Nesryn perguntou. — Andando pela cidade sozinha.

Nesryn acenou com a mão, embora sua preocupação a enternecesse. Ela se absteve de dizer-lhes que tinha caçado valg nos esgotos de Forte da Fenda durante semanas, que os procurara nos esgotos de Antica na noite anterior. E certamente se absteve de dizer a eles quão envolvida estava na destruição do castelo de vidro. Ela não desejava ver seu tio tombar na cadeira, ou assistir os cabelos grossos e lindos da tia ficarem brancos.

— Eu posso cuidar de mim mesma.

Eles não pareceram tão convencidos, mas concordaram com a cabeça. Então o cozinheiro surgiu, sorrindo amplamente para Nesryn, pequenos pratos de saladas frias entre suas mãos molhadas.

Durante longos momentos, Nesryn comeu tudo o que a tia e o tio empilharam no prato dela, que era realmente tão bom quanto qualquer comida no palácio. No momento em que ela estava cheia ao ponto de explodir, quando drenou seu chá até o fim, sua tia disse com astúcia para ela:

— Eu esperava que você trouxesse um convidado.

Nesryn murmurou, tirando o cabelo do rosto.

— Lorde Westfall está bastante ocupado, tia. — Mas se Yrene o tinha levado a cavalo esta manhã... talvez ela conseguisse trazê-lo aqui no dia seguinte. Apresentá-lo à sua família, aos quatro filhos que encheram esta casa de caos e alegria.

Sua tia sorriu delicadamente por cima do copo.

— Oh, eu não quis dizer ele — um sorriso malicioso entre Zahida e Brahim. — Eu quis dizer o príncipe Sartaq.

Nesryn estava feliz por ter terminado o chá.

— Por que ele?

Aquele sorriso malicioso não desapareceu.

— Rumores dizem que *alguém* — um olhar apontado para Nesryn — foi vista montando com o príncipe no amanhecer de ontem. Em cima de seu ruk.

Nesryn manteve-se reprimida.

— Era... eu. — Ela rezou para que ninguém a tivesse visto com ele na noite passada - a notícia sem dúvida alcançaria os ouvidos do agente valg, de que eles estavam sendo caçados.

Seu tio riu.

— E você planejou nos contar quando? As crianças estavam fora de si com entusiasmo de que sua amada prima montou na própria Kadara.

— Eu não queria me gabar. — Uma desculpa patética.

— Hmm. — Foi tudo o que o tio dela respondeu, travessura dançando em seu olhar.

Mas a tia de Nesryn lhe deu um olhar conhecedor, aço em seus olhos castanhos, como se também não tivesse se esquecido por um momento da família que permanecia em Adarlan e talvez agora tentasse fugir para essas costas.

— Os ruks não temerão as serpentes aladas — a tia simplesmente falou.

Capítulo 18

O coração de Yrene trovejava quando ela se ajoelhou ao lado de Chaol na cama e observou seus dedos se moverem.

— Você consegue sentir?

Chaol ainda parecia não acreditar.

— Eu... — as palavras pararam em sua garganta.

— Você consegue controlar o movimento?

Ele pareceu se concentrar. Então seus dedos do pé pararam.

— Bom. — Disse ela, sentando-se para ver mais de perto. — Agora mova-os.

Ele novamente pareceu se concentrar, e então... dois dedos do pé dobraram. Então, três no outro pé. Yrene sorriu amplamente. Permaneceu sorridente ao virar a cabeça para ele.

Ele apenas olhou para ela. O sorriso dela. Uma espécie de intensidade focalizada tomando seus traços que a fazia ficar um pouco desconcertada.

— Como? — ele perguntou.

— O... talvez quando eu o alcancei, quando minha magia explodiu a escuridão um pouco... — tinha sido terrível. Encontrá-lo dentro de tudo tão escuro. O vazio, o frio, a dor gritante e o horror.

Ela se recusou a reconhecer o que aquilo tentou mostrar naquela parede, de novo e de novo: aquela terrível fortaleza, o destino que a aguardava quando voltasse. Ela recusou-se a reconhecê-la quando atingiu a parede, sua magia implorando-lhe para parar, para se afastar.

Até... até que o ouviu. Longe e no fundo.

Ela disparou cegamente, um ataque lançado em direção ao som. E lá estava ele, ou o que quer que a coisa tivesse feito *dele*. Como se fosse o núcleo da ligação entre o homem e a lesão, não a parede contra os nervos, muito acima.

Ela se envolveu em torno dele, apertando forte mesmo quando a escuridão bateu de novo e de novo. E, em resposta, ela enviou a magia dela, uma foice de luz no escuro. Uma tocha que queimou apenas uma fração.

Foi o suficiente, era o que parecia.

— Isso é bom. — Declarou Yrene – talvez inutilmente. — Isso é maravilhoso.

Chaol ainda olhava para ela quando disse:

— É.

Ela percebeu o sangue em seu corpo e o próprio estado.

— Vamos começar com isso — ela falou. — Faça alguns exercícios antes de terminar o dia.

O que ela admitiu sobre sua mãe... ela havia contado apenas a Hafiza ao ser admitida na Torre. Ninguém mais. Ela não contou a ninguém mais, desde que cambaleou para a fazenda da prima da mãe e implorou por santuário e abrigo. Ela se perguntou por quanto tempo sua própria história estivera trancada em um baú.

— Deixe-me pedir comida primeiro — decidiu Yrene. Ela olhou para a tela de madeira protegendo a sala de banho da vista, depois para seu peito e o vestido de sangue. — Enquanto esperamos... eu poderia

implorar para usar seu banheiro. E para emprestar-me um conjunto de suas roupas.

Chaol ainda a observava com aquela expressão focada e calma. Uma diferente de qualquer uma que vira nele antes. Como se estivesse raspando aquela escuridão, revelando essa faceta abaixo.

Este homem que ela ainda não conhecia.

Ela não tinha certeza do que fazer com isso. Com ele.

— Pegue o que quiser — disse Chaol, sua voz baixa.

Yrene estava com a cabeça leve quando se arrastou da cama, pegou a camisa arruinada e apressou-se para a câmara de banho. Da perda de sangue, ela disse a si mesma.

Mesmo quando ela sorria ao longo de seu banho.

— Eu não posso evitar, mas me sinto negligenciada, sabe — disse Hasar enquanto examinava mapas das quais Yrene não se atrevia a perguntar. Do outro lado da bela sala de recepção da princesa, ela não podia vê-los direito e só podia assistir enquanto Hasar movia várias figuras de marfim aqui e ali, suas sobancelhas escuras se juntando em concentração. — Renia, é claro... — Hasar prosseguiu, deslizando uma figura de dois centímetros para a direita e franzindo a testa — ... diz que eu não deveria tomar muito do seu tempo, mas talvez eu tenha ficado mal acostumada nesses dois anos.

Yrene sorveu seu chá de menta e não comentou de uma maneira ou de outra. Hasar a convocara para cá ao saber que Yrene passara o dia inteiro curando Lorde Westfall, enviando um criado para levá-la até os aposentos da princesa com a promessa de alguns refrescos tão necessários. E, de fato, os biscoitos de alfarroba e o chá haviam feito recuar uma fração da maré de exaustão.

Sua amizade com a princesa fora puramente acidental. Em uma das primeiras lições de Yrene fora da Torre, Hafiza a levava para cuidar da princesa, que havia retornado do palácio à beira-mar no nordeste para ser tratada de uma dor estomacal implacável. Eram ambas da mesma idade, e durante as horas em que Hafiza trabalhava para remover uma verdadeira tênia dos intestinos da princesa, Hasar havia ordenado que Yrene conversasse.

Então, Yrene o fez, discutindo sobre suas aulas, mencionando ocasionalmente os momentos mais nojentos de seu ano trabalhando no Porco Branco. A princesa gostava particularmente de suas histórias de brigas de bar. A sua história favorita, que ela ordenara que Yrene

contasse três vezes durante os dias que Hafiza levava para extrair o verme magicamente abatido através da boca – seria por um orifício ou pelo outro, a Alta Curandeira dissera para a princesa – era a da jovem estranha que salvou a vida de Yrene, ensinou-a a se defender e deixou uma pequena fortuna em ouro e joias.

Yrene julgara a conversa ociosa, sem esperar que a princesa se lembrasse de seu nome uma vez que Hafiza retirara os últimos centímetros da tênia de seu corpo. Mas dois dias depois ela fora chamada para o quarto da princesa, onde Hasar estava ocupada enchendo a boca com toda a sorte de iguarias para compensar o peso que ela havia perdido.

Magra demais, ela falara a Yrene como saudação. Ela precisava de um traseiro maior para a amante agarrar a noite.

Yrene explodira em risadas, a primeira em um longo, longo tempo.

Hasar apenas sorriu, ofereceu a Yrene alguns peixes defumados das planícies ricas em rios e foi isso. Talvez não uma amizade de iguais, mas Hasar parecia desfrutar de sua companhia, e Yrene não estava em posição de negar a ela.

Então, a princesa fez questão de convocar Yrene sempre que estava em Antica e finalmente trouxe Renia para o palácio, tanto para conhecer seu pai quanto para conhecer Yrene. Renia, se Yrene fosse sincera, era muito preferível à exigente e ágil princesa, mas Hasar era propensa ao ciúme e ao territorialismo, e muitas vezes se certificava de que Renia se mantivesse bem longe da corte e aspirantes à sua afeição.

Não que Renia jamais tivesse dado motivo para tal. Não, a mulher, mais velha que Yrene por um mês, só tinha olhos para a princesa. Amava-a com devoção implacável.

Hasar a chamava de lady, concedera a Renia terras de seu próprio território. No entanto, Yrene tinha ouvido alguns dos outros curandeiros sussurrarem que, quando Renia entrou na órbita de Hasar, Hafiza fora discretamente convidada a curá-la de... coisas desagradáveis de sua vida anterior. Profissão anterior, aparentemente. Yrene nunca perguntou a Hasar dos detalhes, mas, considerando quão leal Renia era à princesa, ela sempre se perguntara se a razão pela qual Hasar gostava de ouvir a história de Yrene sobre sua misteriosa salvadora era porque ela também havia visto uma mulher sofrendo e estendeu a mão para ajudar. E depois mantê-la.

— Você está sorrindo mais hoje também — disse Hasar, pousando a caneta de vidro. — Apesar dessas roupas hediondas.

— As minhas foram sacrificadas pela causa da cura de Lorde Westfall — disse Yrene, esfregando a palpitação maçante em suas têmporas, que nem mesmo os biscoitos de alfarroba e o chá não podiam aliviar. — Ele foi gentil o bastante para me emprestar uma de suas próprias.

Hasar sorriu.

— Alguns podem vê-la e assumir que você perdeu suas roupas para uma razão muito mais prazerosa.

O rosto de Yrene aqueceu.

— Espero que eles se lembrem que eu sou uma curandeira profissional da Torre.

— Isso daria uma fofoca ainda mais valiosa.

— Eu pensaria que eles teriam coisas melhores a fazer do que fofocar sobre uma curandeira ninguém.

— Você é a herdeira não oficial de Hafiza. Isso a torna um pouco mais interessante.

Yrene não ficou insultada pelas francas palavras. Ela não explicara a Hasar que provavelmente iria embora e Hafiza teria que encontrar outra pessoa. Ela duvidava que a princesa aprovasse e não estava absolutamente certa de que Hasar a deixaria partir. Estava preocupada com Kashin há tanto tempo, e ainda havia Hasar..

— Bem, independentemente, não tenho nenhum interesse em Lorde Westfall.

— Você deveria. Ele é divertido, de certa forma. Até eu estou tentada.

— Sério?

Hasar riu.

— De modo algum. Mas posso ver por que você poderia estar.

— Ele e a capitã Faliq estão envolvidos.

— E se eles não estivessem?

Yrene tirou um longo gole do chá.

— Ele é meu paciente, e eu sou sua curandeira. Há muitos outros homens bonitos.

— Como Kashin.

Yrene franziu a testa para a princesa sobre o aro preto e dourado de sua xícara de chá.

— Você continua empurrando seu irmão para mim. Está encorajando-o?

Hasar colocou uma mão no próprio peito, suas unhas manicuradas brilhando no sol do final da tarde.

— Kashin não teve problemas com mulheres desde que você chegou. Vocês dois já eram amigos tão próximos. Por que não devo desejar que minha querida amiga e meu irmão formem um laço mais profundo?

— Porque se você for nomeada khagan, pode nos matar se ele não for leal.

— Sim, possivelmente, se ele não se curvar. E se você provar não estar carregando um filho, posso deixá-la responsável pela limpeza uma vez que minha própria linhagem esteja estabelecida e manter sua riqueza.

Tais palavras macias e casuais. De métodos tão horríveis que significavam evitar que este império maravilhoso e arrebatador fosse frustrado. Ela queria que Kashin estivesse aqui para ouvir, para entender.

— E o que você faria... para produzir descendentes? — Yrene perguntou.

Com Renia como a possível futura cônjuge, Hasar precisaria encontrar alguma forma de produzir um herdeiro de sangue.

Hasar começou a empurrar suas figuras ao redor do mapa novamente.

— Eu já disse a meu pai, e isso não interessa a você.

Certo. Pois se ela tivesse selecionado algum homem para fazer o trabalho... conhecimento perigoso. Seus irmãos poderiam muito bem tentar destruir alguém que Hasar e Renia confiavam o suficiente para ajudar dessa maneira. Ou pagariam generosamente para saber que Hasar e Renia estavam mesmo *considerando* a prole neste momento.

— Ouvi dizer que o assassino na biblioteca a perseguiu. — Hasar disse então, o rosto inabalável. — Por que você não veio para mim primeiro? — antes que Yrene pudesse responder, Hasar prosseguiu com misericórdia: — Eles disseram que foi uma morte estranha, não típica.

Yrene tentou e não conseguiu bloquear a memória do rosto magro e coriáceo.

— Verdade.

Hasar sorveu seu chá.

— Não me importo se o ataque fosse um movimento deliberado em sua vida ou se foi apenas uma pobre coincidência. — Ela baixou o copo com delicada precisão. — Quando eu encontrar quem quer que seja o responsável, eu mesma o decapitarei.

A princesa tocou na lâmina embainhada descartada em cima de sua mesa de carvalho. Yrene não duvidou dela.

— Foi-me dito que o perigo é... considerável.

— Eu não permitirei que meus amigos sejam caçados como bestas — não a voz de uma princesa, mas uma rainha-guerreira. — Não permitirei que os curandeiros da Torre sejam mortos e aterrorizados.

Hasar era muitas coisas, mas era leal. Em seu coração. A poucos, poucos a quem ela favorecia. Isso sempre tocou Yrene. Ter alguém que realmente queria dizer o que falava. Hasar decapitaria o assassino se ele infeliz o suficiente para encontrá-la. Ela também não fazia perguntas.

Yrene considerou tudo o que sabia sobre o potencial assassino e lutou para se abster de dizer à princesa que a decapitação era, de fato, a maneira correta de lidar com um demônio valg.

A menos que você estivesse de frente para os resquícios dele dentro de alguém. Nesse caso... apesar de tão horrível, tão cansativo a sessão de hoje com Lorde Westfall fora, ela já havia catalogado e guardado os pequenos fragmentos de informação que havia conseguido. Não apenas por causa da cura, mas caso voltasse a enfrentá-los nos campos de batalha. Mesmo se a perspectiva de ver aqueles demônios valg em carne e osso...

Tomando um gole de seu chá, Yrene perguntou:

— Não a preocupa de que talvez não seja coincidência que a guerra esteja no continente do norte, e agora tenhamos inimigos em nosso meio? — ela não se atreveu a mencionar a morte de Tumelun.

— Talvez Lorde Westfall e a capitã Faliq tenham trazido seus próprios espiões para persegui-la.

— Isso não é possível.

— Você tem certeza? Eles estão desesperados. E o desespero torna as pessoas dispostas a fazerem qualquer coisa para conseguirem o que precisam.

— E o que eles precisariam de mim além do que já estou dando?

Hasar chamou Yrene com um movimento de seus dedos. Yrene pousou a xícara de chá e atravessou o tapete azul profundo até a mesa diante das janelas. Os aposentos de Hasar tinham uma vista da baía, os navios e as gaivotas e a expansão esbranquiçada do Mar Estreito além.

Hasar gesticulou para o mapa na frente dela.

— O que você vê aqui?

A garganta de Yrene se apertou quando reconheceu a massa terrestre. O continente do norte, sua própria casa. E todas as figuras

nele, em vermelho, verde e preto...

— São os exércitos?

— Esta é a força de duque Perrington — disse Hasar, apontando para a linha de figuras negras que se estendiam como uma parede no meio do continente. Outros grupos se espalhavam para o sul.

E para o norte: um pequeno grupo verde. E uma figura vermelha solitária, além das margens de Forte da Fenda.

— O que são os outros?

— Há um pequeno exército em Terrasen. — Hasar respondeu. Ela riu com as figuras verdes agrupadas em torno de Orynth.

— E em Adarlan?

Hasar pegou a figurinha vermelha, girando entre os dois exércitos.

— Nenhum exército. Dorian Havilliard permanece desaparecido. Ele vai para o norte ou para o sul? Ou talvez corra para o interior... embora certamente não haja nada além das montanhas, exceto para as tribos semi-selvagens.

— O que é essa figura? — perguntou Yrene, notando um peão dourado que Hasar deixara inteiramente fora do mapa. Hasar o pegou também.

— É Aelin Galathynius. *Também* não contabilizada.

— Ela não está em Terrasen? Com seu exército?

— Não. — Hasar acariciou os documentos que ela fazia referência ao ajustar seus próprios mapas. Relatórios, Yrene percebeu. — As últimas notícias indicam que a Rainha de Terrasen está longe de ser encontrada em seu próprio reino. Ou em qualquer outro. — Um sorriso leve. — Talvez você devesse perguntar ao seu lorde isso.

— Duvido que ele me diga. — Ela se absteve de dizer que ele não era o lorde dela.

— Então talvez você devesse fazê-lo dizer.

— Por quê? — Yrene perguntou com cuidado.

— Porque eu gostaria de saber.

Yrene leu entre as palavras. Hasar queria a informação... antes de seu pai ou irmãos.

— Para qual finalidade?

— Quando um poder de interesse desaparece, não é motivo de celebração. Especialmente um que destrói palácios e toma cidades por capricho.

Medo. Bem escondido, mas Hasar no mínimo considerava a possibilidade de que Aelin Galathynius pudesse visar algo além de suas próprias terras. Mas para servir de espiã para Hasar...

— Você acha que o ataque da biblioteca tem algo a ver com isso?

— Eu acho que talvez Lorde Westfall e a capitã Faliq estejam cientes de como jogar o jogo. E se eles fizessem parecer como se uma ameaça de Perrington estivesse em nosso meio, por que não consideraríamos aliar-nos com eles?

Yrene não achava que eles jogassem esse tipo de jogos.

— Você acha que eles estão fazendo isso para ajudar Aelin Galathynius? Ou porque ela está desaparecida e eles temem perder um aliado poderoso?

— Isso é o que eu gostaria de saber. Junto com a localização da rainha. Ou seus melhores palpites.

Yrene forçou-se a manter o olhar da princesa.

— E por que eu deveria ajudá-la?

O sorriso de um gato de Bastet.

— Além do fato de sermos boas queridas? Não há nada que eu pudesse oferecer-lhe para adoçar a oferta, adorável Yrene?

— Eu tenho tudo de que preciso.

— Sim, mas pelo que lembro, os exércitos são meus. O Mar Estreito é meu. E atravessá-lo pode ser muito, muito difícil para aqueles que se esquecem disso.

Yrene não se atreveu a baixar o olhar. Não ousou desviar do olhar escuro da princesa.

Hasar sabia. Sabia, ou adivinhava, que Yrene queria ir embora. E se ela não ajudasse a princesa... Yrene não tinha dúvidas de que tão ferozmente como Hasar amava, também, ela poderia precisar de retribuição. O suficiente para garantir que Yrene nunca deixasse estas costas.

— Verei o que eu posso fazer — disse Yrene, recusando-se a suavizar sua voz.

— Bom — declarou Hasar, e limpou as figurinhas do mapa com um movimento da mão, trazendo-as para dentro de uma gaveta e fechando-as lá dentro. — Para começar, por que não se junta a mim na festa de Tehome, na noite depois de amanhã? Posso manter Kashin ocupado, se isso abrir o caminho para você.

Seu estômago se revirou. Ela havia se esquecido de que o feriado da deusa do mar seria em dois dias. Francamente, havia festejos quase todas as semanas e Yrene participava quando podia, mas esta... com sua frota, com o Mar Estreito e vários outros sob sua jurisdição, Hasar certamente honraria Tehome. E o khaganato certamente não deixaria

de honrar a Senhora das Grandes Profundidades, não quando os oceanos haviam sido bons para eles nesses séculos.

Então Yrene não se atreveu a objetar. Não se deixou hesitar muito diante dos olhos penetrantes de Hasar.

— Se não se importar de eu usar o mesmo vestido da outra noite — ela disse tão casualmente quanto podia, puxando sua camisa de tamanho maior que o dela.

— Não há necessidade — respondeu Hasar, sorrindo amplamente.
— Eu tenho algo já selecionado.

Capítulo 19

Chaol continuou movendo seus dedos dos pés um longo tempo depois de Yrene ter saído. Ele os mexia por dentro das botas, não exatamente os *sentindo*, mas era suficiente saber que eles estavam se movendo.

Seja lá como Yrene tivesse conseguido...

Ele não contou a Nesryn quando ela voltou antes do jantar, sem sinal de Valg para reportar. E ele apenas explicou baixinho que estava fazendo progresso com Yrene, assim, gostaria de adiar a visita à família dela para outro dia.

Ela pareceu um pouco abatida, mas concordou, aquela máscara fria deslizando sobre seu rosto em alguns piscares de olhos.

Ele a beijou quando ela caminhou para se vestir para o jantar. Segurou-a pelo pulso e a puxou para baixo, beijando-a uma vez. Breve – mas carinhosamente.

Ela ficou surpresa o bastante para que quando ele a puxou, ela não fez mais que deixar-se levar.

— Vá se aprontar — ele disse a ela, dando-lhe um empurrãozinho na direção de seu quarto.

Com um olhar por cima do ombro para ele, um sorriso nos lábios, Nesryn obedeceu.

Chaol encarou sua saída por alguns minutos, mexendo seus dedos dentro das botas.

Não havia calor ali – no beijo. Não um sentimento real.

Ele esperava isso. Praticamente a enxotara nessas últimas semanas. Ele não a culpava pelo ar de surpresa.

Ainda estava flexionando seus dedos quando chegaram ao jantar. Esta noite, ele pediria ao khagan por uma audiência. Novamente. De luto ou não, com protocolos ou não. E então alertaria o homem das coisas que sabia.

Ele faria a requisição para antes da sessão com Yrene – caso eles perdessem a hora. O que parecia ser uma ocorrência. Eles levaram três horas hoje. Três.

Sua garganta estava seca, a despeito do chá com mel que Yrene o fez beber até que ele estivesse quase enjoado. Então o fez se exercitar, muitos dos movimentos com sua assistência: rotacionar os quadris, rolar cada perna de um lado para o outro, girar os tornozelos e os pés em círculos. Tudo designado a manter o sangue seguindo para os músculos começando a atrofiar, designados a recriar as ligações entre sua espinha e seu cérebro, segundo ela.

Ela repetiu tais exercícios várias vezes, até que quase uma hora havia se passado. Até que estava cambaleando sobre seus pés, e aquele olhar embaçado estivesse de volta em seus olhos.

Exaustão. Porque enquanto girava as pernas dele, ordenando que ele movesse os dedos de vez em quando, ela mandava vibrações de sua magia através de suas pernas, ultrapassando sua coluna inteiramente. Pequenas pontadas em seus dedos dos pés – como um enxame de vagalumes passando por ele. Era tudo o que ele sentia, mesmo que ela estivesse remendando os pedaços em seu corpo. O pouco que ela conseguia fazer agora, com o pequeno progresso que fizera horas atrás.

Mas toda essa magia... Quando Yrene oscilou após a última repetição, ele chamou Kadja. Ordenou que uma carruagem armada fosse aprontada para a curandeira.

Yrene, para sua surpresa, não objetou. Ele supôs que isso seria difícil, quando ela estava próxima de dormir de pé na hora em que saía, com Kadja apoiando-a. Yrene apenas murmurou algo sobre montar seu cavalo novamente depois do café da manhã, e se foi.

Mas talvez a sorte que ele teve naquela tarde tenha sido a última.

Horas depois, o khagan não estava no jantar. Ele estava jantando privadamente com sua amada esposa, disseram. O restante não dito estava fácil de entender: o luto estava tomando o seu curso natural, e política poderia esperar. Chaol tentou parecer tão compreensivo quanto possível.

Ao menos Nesryn parecia estar fazendo algum progresso com Sartaq, mesmo que os outros príncipes parecessem aborrecidos com a presença deles.

Então ele jantou, continuando a mexer os dedos dos pés dentro das botas, e não falou com ninguém, mesmo Nesryn, até depois que eles voltaram para sua suíte e desmoronou na cama.

Ele despertou ao amanhecer, encontrando-se... ansioso por um banho e para se vestir. Encontrou-se tomando o café da manhã tão rápido quanto podia, enquanto Nesryn apenas ergueu as sobrancelhas.

Mas ela, também, sairia cedo para encontrar Sartaq no topo de um dos trinta e seis minaretes do palácio.

Haveria algum feriado no dia seguinte, em honra a um dos trinta e seis deuses cujos minaretes representavam. Sua deusa do mar, Tehome. Haveria uma cerimônia ao nascer do sol nas docas, com todos os integrantes da realeza, até o khagan, comparecendo para depositar coroa de flores na água. Presentes para a Senhora das Grandes

Profundidades, Nesryn havia dito. Então um grande festejo no palácio quando o sol se pusesse.

Ele era indiferente aos seus próprios feriados em Adarlan, achando-os ritos ultrapassados para honrar forças e elementos que seus ancestrais não podiam explicar, e ainda assim o zumbido de atividades, as coroas de flores e conchas do mar sendo levados para o palácio para substituírem as faixas brancas, o cheiro de mariscos cozidos na manteiga e especiarias... isso o intrigava. O fazia ver um pouco mais límpido, mais brilhante, enquanto ele rodava através do palácio ocupado até o pátio.

O pátio em si era uma confusão de vendedores chegando e partindo, gente cuidando da comida, decoração e o que pareciam ser artistas. Tudo para suplicar à sua deusa do mar por clemência enquanto o final do verão dava lugar às violentas tempestades anuais que poderiam partir os navios e cidades inteiras no litoral.

Chaol olhou em volta do pátio em busca de Yrene, flexionando seus dedos dos pés. Ele viu seu cavalo e a égua dela ao lado das baias no muro leste, mas... sem sinal dela.

Ela chegara atrasada no dia anterior, então ele esperou até uma pausa nas entregas antes de fazer um gesto para que mãos estáveis o ajudassem a montar. Mas foi o guarda do dia anterior – aquele que mais o ajudou – que se apresentou quando o cavalo foi trazido. Shen, foi como Yrene o chamara; ela cumprimentou o guarda como se o conhecesse bem.

Shen não disse nada, embora Chaol soubesse que todo guarda neste palácio falasse um sortimento de línguas além de halha, apenas oferecendo um aceno como cumprimento. Que Chaol encontrou-se respondendo antes de montar em silêncio, seus braços se esforçando para puxar-se para cima. Ele conseguiu, talvez mais facilmente do que no dia anterior, ganhando o que ele poderia ter jurado ser uma piscadela de aprovação de Shen antes de o guarda voltar para o seu posto.

Expulsando o que havia em seu peito, Chaol apertou as tiras em seu suporte e examinou o pátio caótico e os seus portões abertos. Os guardas inspecionavam cada carroça, cada documento que confirmava que um pedido da realeza fora feito pelos itens trazidos.

Bom. Apesar de ele não ter falado pessoalmente com o khagan, pelo menos alguém avisara os guardas para terem cuidado – talvez Kashin.

O sol se ergueu, trazendo o calor consigo. Yrena ainda não tinha chegado.

As horas bateram dentro do palácio. Uma hora atrasada.

O cavalo pateou, impaciente sob ele, e deu tapinhas em seu pescoço suado e largo, murmurando.

Outros quinze minutos passaram. Chaol estudou os portões, a rua além.

Nenhum alarme viera da Torre, mas esperar ali, simplesmente esperar ali...

Ele se encontrou batendo as rédeas, dando um tapa no traseiro do cavalo para incitá-lo a caminhar.

Ele marcara alguns pontos do caminho que fizera com Yrene no dia anterior. Talvez pudesse encontrá-la enquanto ela vinha para cá.

Antiga estava barulhenta com vendedores e o povo fazendo os preparativos para o feriado do dia seguinte. E aqueles que já brindavam à Senhora das Grandes Profundidades enchiam tavernas e comiam em restaurantes que ladeavam as ruas, músicos tocando em cada um deles.

Levou quase duas vezes mais tempo para chegar aos portões adornados com corujas da Torre, embora parte dessa lentidão fosse devida ao seu exame de cada rua abarrotada e beco em busca de Yrene. Mas ele não encontrou nenhum sinal da curandeira.

Ele e seu cavalo suavam quando chegaram aos portões da Torre, os guardas sorrindo para ele – rostos que ele havia decorado a partir da lição do dia anterior.

Quantas vezes ele vira tal saudação em Adarlan? Tomara por garantida?

Ele sempre entrara pelos portões de ferro negro do palácio de vidro sem hesitação, sem realmente fazer mais do que notar quem estava parado ali e quem não estava no padrão. Ele treinara com aqueles homens, aprendera sobre suas famílias e suas vidas.

Seus homens. Eles foram os homens *dele*.

Então Chaol respondeu-os com um sorriso largo, e não pôde encarar seus olhos brilhantes por mais que alguns segundos enquanto entrava no pátio da Torre, o cheiro de lavanda envolvendo-o.

Ele parou a alguns metros para dentro, girou sua montaria e perguntou para o guarda mais perto:

— Yrene Towers saiu hoje?

Assim como aqueles do palácio do khagan, cada guarda da Torre era fluente em pelo menos três línguas: halha, o idioma do continente do norte e também a das terras do leste. Com visitantes de toda a Erilea, aqueles da Torre *tinham* que ser fluentes nas três línguas mais comuns.

O guarda diante dele balançou a cabeça, suor escorrendo por sua pele escura em resposta ao calor.

— Não ainda, Lorde Westfall.

Talvez fosse rude procurá-la quando ela estava tão ocupada com outras coisas que não pôde ir até ele no horário. Ela mencionara outros pacientes, afinal.

Com um aceno de agradecimento, ele novamente virou o ruão para a Torre, e estava prestes a adentrar no pátio a sua esquerda quando uma voz anciã disse abaixo dele:

— Lorde Westfall. Que bom vê-lo fora e por perto.

Hafiza. A Alta Curandeira estava a poucos metros, uma cesta drapeada pendurada em seu braço fino e duas moças flanqueando-a. Os guardas fizeram uma reverência, e Chaol inclinou a cabeça.

— Eu estava procurando por Yrene — ele falou como cumprimento.

As sobrelhas alvas de Hafiza se ergueram.

— Ela não foi encontrá-lo esta manhã?

Inquietação endureceu sua garganta.

— Não, embora talvez tenhamos nos desencontrado...

Uma das curandeiras de Hafiza se aproximou dela e murmurou para a Alta Curandeira:

— Ela ainda está deitada, minha senhora.

Hafiza agora erguia as sobrelhas para a mulher.

— Ainda?

Um balançar de cabeça.

— Drenada. Eretia a checkou uma hora atrás – ela estava dormindo.

A boca de Hafiza apertou, enquanto Chaol tinha a sensação de que sabia o que ela diria. Sentiu culpa antes que ela falasse.

— Nossos poderes podem fazer grandes coisas, Lorde Westfall, mas também demandam um grande custo. Yrene estava... — ela buscou as palavras, mesmo não usando sua própria língua para dissipar a culpa dele — estava adormecida na carruagem quando chegou noite passada. Ele teve que ser carregada até seu quarto.

Ele se encolheu.

Hafiza deu uma batidinha na bota dele, e Chaol pôde jurar sentir o movimento em seus dedos.

— Não há com o que se preocupar, meu senhor. Um dia de sono, e ela estará de volta ao palácio amanhã de manhã.

— Se amanhã é feriado — ele sugeriu — ela deveria tirar o dia de folga.

Hafiza riu.

— O senhor não conhece Yrene muito bem se pensa que ela considera esse feriado como *folga* — ela apontou para ele. — Embora se *você* quiser uma folga, certamente deveria dizer a ela, porque sem dúvida ela estará batendo em sua porta ao nascer do sol.

Chaol sorriu, mesmo enquanto observava a torre elevando-se acima de sua cabeça.

— É um sono restaurador — Hafiza adicionou. — Completamente natural. Não deixe isso preocupá-lo.

Com um último olhar para o alto da torre pálida, ele acenou e virou seu cavalo de volta para os portões.

— Eu poderia escoltá-la para algum lugar?

O sorriso de Hafiza era mais brilhante que o sol do meio-dia.

— Certamente pode, Lorde Westfall.

A Alta Curandeira era parada em cada quarteirão por aqueles que desejavam meramente tocar sua mão, ou serem tocados por *elas*.

Sagrada. Santa. Amada.

Eles levaram trinta minutos para percorrer doze quarteirões desde a Torre. E embora ele tivesse oferecido esperar enquanto Hafiza e suas companheiras entravam em uma casa modesta numa rua calma, elas o dispensaram.

As suas estavam entupidas o suficiente para impedi-lo de explorar, então Chaol logo seguiu seu caminho para o palácio.

Mas mesmo enquanto conduzia seu cavalo por entre a multidão, ele se pegava olhando para a torre pálida agigantando-se no horizonte. Para a curandeira dormindo dentro dela.

Yrene dormiu por um dia e meio.

Ela não queria fazê-lo. Apenas conseguiu despertar o tempo suficiente para cuidar de suas necessidades e afastar Eretia quando ela passou a irritá-la, para certificar-se de que ela ainda estava viva.

A cura de ontem — de dois dias atrás, ela percebeu enquanto se vestia com a luz cinzenta antes do amanhecer — a dizimara. Esse pequeno progresso, a hemorragia nasal depois, tomaram seu preço.

Mas os dedos dos pés se moveram. E os caminhos pelos quais ela enviou sua magia flutuando, pontos de luz atravessando-o... Danificados, sim, mas se ela pudesse começar a substituir lentamente aqueles pequenos comunicadores fraturados dentro dele... Seria longo, e difícil, ainda...

Yrene sabia que não era apenas culpa que a fez levantar-se tão cedo no dia de Tehome.

Ele era de Adarlan — ela duvidava que ele fosse tirar o dia de folga.

O amanhecer mal havia começado na hora que Yrene saiu para o pátio e parou.

O sol começava a bater nas muralhas, espalhando algumas manchas de luz dourada nas sombras arroxeadas.

E em uma dessas manchas de luz do sol, os finos fios de ouro em seu cabelo castanho brilhando...

— Ela desperta — Lorde Chaol falou.

Yrene caminhou até ele, cascalho crepitando alto no amanhecer lânguido.

— Você veio até aqui?

— Sozinho.

Ela apenas arqueou uma sobrancelha para a égua branca ao lado dele.

— E trouxe o outro cavalo?

— Um completo cavalheiro.

Ela cruzou os braços, franzindo o cenho até onde ele se estava montado.

— Qualquer outro movimento?

O sol da manhã iluminou seus olhos, transformando o castanho em quase ouro.

— Como você está se sentindo? — ele devolveu.

— Responda a minha pergunta, por favor.

— Responda a minha.

Ela ficou um pouco boquiaberta. Debateu fazer uma careta.

— Estou bem — disse ela, acenando. — Mas você sentiu mais alguma coisa?

— Obteve o descanso da qual precisava?

Yrene ficou boquiaberta com ele verdadeiramente desta vez.

— *Sim.* — Ela franziu o cenho agora, também. — E não é da sua conta...

— Certamente é.

Ele disse isso com tanta *calma*. Com tal direito *masculino*.

— Sei que em Adarlan as mulheres se abaixam a cabeça para qualquer coisa que os homens dizem, mas aqui, se eu disser que não é da sua conta, então *não é*.

Chaol lhe deu um meio sorriso.

— Então estamos de volta à animosidade hoje.

Ela reprimiu seu grito crescente.

— Não estamos de volta a nada. Eu sou sua curandeira, e você é meu paciente, e eu perguntei sobre o estado do seu...

— Se não estiver descansada — ele falou, como se fosse a coisa mais racional do mundo — então eu não deixarei você se aproximar de mim.

Yrene abriu e fechou a boca.

— E *como* você vai decidir isso?

Lentamente, seus olhos a estudaram. Cada centímetro.

O coração dela trovejou pelo longo olhar. Pelo foco implacável.

— Boa cor — comentou ele. — Boa postura. Certamente a rudeza está de volta.

— Eu não sou um cavalo premiado, como *você* disse ontem.

— Dois dias atrás.

Ela cruzou os braços, apoiando as mãos nos bíceps.

— Eu estou bem. Agora, e quanto a você? — cada palavra era cortante.

Os olhos de Chaol dançaram.

— Eu estou me sentindo bastante bem, Yrene. Obrigado por perguntar.

Yrene. Se ela não estivesse inclinada a subir naquele cavalo e estrangulá-lo, poderia ter contemplado como a maneira que ele falou o seu nome fez seus dedos dos pés se enrolarem.

— Não tome minha gentileza por estupidez. Se você teve algum progresso, ou regresso, eu *descobrirei* — ela apenas assobiou.

— Se esta é a sua gentileza, então eu odiaria ver seu lado ruim.

Ela sabia que as palavras foram brincadeira, e mesmo assim... suas costas ficaram rígidas.

Ele pareceu perceber, e se abaixou em sua sela.

— Foi uma piada, Yrene. Você tem sido mais do que generosa com... foi uma piada.

Ela deu de ombros, indo para o cavalo branco.

— Como as outras curandeiras estão indo... depois do ataque? — ele perguntou, talvez como uma tentativa de levar a conversa para algo mais neutro.

Um arrepio subiu por sua espinha enquanto ela pegava as rédeas da égua, mas não fazia nenhum movimento para montar. Yrene se oferecera para ajudar com o enterro, mas Hafiza recusou-se, dizendo-lhe para guardar suas forças para Lorde Westfall. Mas não a impediu de visitar a câmara da morte sob a Torre há dois dias – de ver o corpo dissecado posto na laje de pedra no centro da câmara de pedra, o rosto coriáceo e drenado, os ossos que pareciam despontar da pele fina como papel. Ela havia oferecido uma oração a Silba antes de ir embora, e não estava acordada ontem quando a enterraram nas catacumbas muito abaixo da torre.

Yrene agora franziu a testa para a torre que se avultava, sua presença sempre com tanto conforto e ainda...

Desde aquela noite na biblioteca, apesar dos melhores esforços de Hafiza e Eretia, havia um silêncio nos corredores, na própria torre. Como se a luz que preenchia este lugar tivesse enfraquecido.

— Estão lutando para manter uma sensação de normalidade — Yrene respondeu finalmente. — Penso que em desafio contra... contra quem quer que tenha feito isso. Hafiza e Eretia lideraram pelo exemplo, mantendo-se calmas, focalizadas e sorridentes quando podem. Acho que ajuda as outras garotas a não ficarem tão petrificadas.

— Se quiser que eu ajude com outra lição — ele ofereceu — meus serviços estão à sua disposição.

Ela assentiu distraidamente, passando o polegar sobre o freio.

Silêncio caiu por um longo momento, sendo preenchido pelo cheiro de lavanda e das árvores carregadas de limão. Então:

— Você estava realmente planejando bater em minha porta ao amanhecer?

Yrene se virou da paciente égua branca.

— Você não parece do tipo que fica deitado até tarde. — Ela ergueu as sobancelhas. — Embora, se você e a capitã Faliq estiverem engajados em...

— Você pode vir ao amanhecer, se quiser.

Ela assentiu. Mesmo que normalmente ela *amasse* dormir.

— Eu estava indo checar um paciente antes de visitá-lo. Desde que nós tendemos a... gastar bastante tempo. — Ele não respondeu, então

foi em frente: — Eu posso encontrá-lo no palácio em duas horas, se você...

— Eu vou com você. Não me importo.

Ela soltou as rédeas. Observou-o. Suas pernas.

— Antes de irmos, eu gostaria de fazer alguns exercícios com você.

— Sobre o cavalo?

Yrene foi na direção dele, cascalho assobiando sob seus sapatos.

— Na verdade é uma forma de tratamento bem-sucedida para muitos – não apenas para aqueles com lesões na espinha. Os movimentos de montar a cavalo podem melhorar o processamento sensorial, entre outros benefícios. — Ela desatou o suporte e deslizou o pé dele do estribo. — Quando eu estava nas estepes no inverno passado, curei um jovem guerreiro que havia caído de seu cavalo em uma caçada – a lesão era quase a mesma que a sua. Sua tribo desenvolveu o suporte para ele antes de eu chegar lá, já que ele estava menos inclinado a ficar dentro de casa do que você.

Chaol bufou, passando uma mão pelos cabelos.

Yrene ergueu o pé e começou a girá-lo, lembrando o cavalo em que ele estava sentado.

— Levá-lo a fazer qualquer exercício – a terapia – foi uma provação. Ele odiava estar preso em seu *gir*, e queria sentir o ar fresco em seu rosto. Então, apenas para me dar um momento de paz, deixei-o subir na sela, andar um pouco e então fazíamos os exercícios enquanto ele estava montado. Apenas em troca de *mais* exercícios abrangentes na tenda. Mas ele fez tamanho progresso enquanto montava que se tornou uma parte principal do nosso tratamento.

Yrene inclinou-se suavemente e endireitou a perna.

— Eu sei que você não pode sentir muito além dos dedos dos pés...

— Nada.

— ... mas quero que você se concentre em movê-los. *O quanto você conseguir*. Juntamente com o resto de sua perna, mas concentre-se em seus pés enquanto faço isso.

Ele ficou em silêncio, e ela não se importou em olhar para cima enquanto movia a sua perna, fazendo os exercícios que podia com o cavalo sob ele. O peso sólido da perna era o suficiente para fazê-la suar, mas ela continuou, esticando e dobrando, girando e torcendo. E em suas botas, o couro fino e preto se movia... seus dedos se moviam por baixo.

— Bom — Yrene disse a ele. — Mantenha-se assim.

Os dedos esticaram o couro novamente.

— As estepes – é onde o povo do khagan foi originado.

Ela seguiu para outro conjunto completo de exercícios, certificando-se de que os dedos dele se moviam o tempo todo, antes de responder. Colocou a perna de volta no estribo e prendeu-a, deu uma volta enorme pela frente do cavalo, soltou a outra perna, e respondeu:

— Sim. Uma terra bonita e prístina. As colinas gramadas continuam para sempre, interrompidas apenas por florestas de pinheiros esparsas e algumas montanhas lisas. — Yrene grunhiu contra o peso da perna quando começou o mesmo conjunto de exercícios. — Você sabia que o primeiro khagan conquistou o continente com apenas cem mil homens? E que ele fez isso em quatro anos? — ela observou a cidade despertando em torno deles, maravilhando-se. — Eu sabia sobre a história de seu povo, sobre o Darghan, mas quando fui às estepes, Kashin me disse... — ela ficou em silêncio, desejando que pudesse recuperar o último pedaço.

— O príncipe foi com você? — Uma pergunta calma e casual. Ela deu um tapinha em seu pé numa ordem silenciosa para manter os dedos em movimento. Chaol obedeceu com um riso.

— Kashin e Hafiza vieram comigo. Nós ficamos lá por um mês — Yrene flexionou o pé, para cima e para baixo, trabalhando através dos movimentos repetitivos com cuidado lento e deliberado. A magia ajudava na cura, sim, mas o elemento físico desempenhava um papel igualmente importante. — Está movendo os dedos dos pés tanto quanto consegue?

Um resmungo.

— Sim senhora.

Ela escondeu o sorriso, esticando a perna até onde o quadril permitia e girando em pequenos círculos.

— Suponho que na viagem às estepes foi quando o príncipe Kashin abriu seu coração.

Yrene quase deixou a perna cair, mas em vez disso olhou para ele, encontrando aqueles ricos olhos castanhos cheios de humor seco.

— Não é da sua conta.

— Você ama dizer isso, para alguém que parece tão decidida em exigir que eu conte tudo.

Ela revirou os olhos e voltou a dobrar a perna na altura do joelho, alongando-se e relaxando.

— Kashin foi um dos primeiros amigos que fiz aqui — disse ela depois de um longo momento. — Um dos meus primeiros amigos em qualquer lugar.

— Ah. — Uma pausa. — E quando ele quis mais do que amizade...

Yrene baixou a perna de Chaol finalmente, baixando-a de volta no suporte e limpando o pó das botas de suas mãos. Ela colocou as mãos nos quadris enquanto o encarava, apertando os olhos contra a luz crescente.

— Eu não queria mais do que isso. Eu disse tanto a ele. E é isso.

Os lábios de Chaol se contraíram em direção a um sorriso, e Yrene finalmente se aproximou de sua égua à espera, subindo na sela. Quando se esticou, arrumando as saias de seu vestido sobre as pernas, ela disse:

— Meu objetivo é voltar para Charco Lavrado, para ajudar onde mais sou necessária. Não senti nada forte o suficiente por Kashin para me impedir de seguir esse sonho.

O entendimento encheu seus olhos, e ele abriu a boca – como se pudesse dizer algo sobre isso. Mas ele apenas acenou com a cabeça, sorriu de novo e disse:

— Fico feliz que não tenha feito — ela levantou uma sobrancelha em uma pergunta e seu sorriso cresceu. — Onde eu estaria sem você aqui para me latir ordens?

Yrene franziu o cenho, pegando as rédeas e dirigindo o cavalo em direção aos portões quando disse bruscamente:

— Deixe-me saber se você começar a sentir algum desconforto ou formigamento nessa sela – e tente manter seus dedos mexendo o mais rápido possível.

Para o seu crédito, ele não se opôs. Apenas disse com aquele meio sorriso:

— Conduza o caminho, Yrene Towers.

E embora ela se dissesse a si mesma que não... um pequeno sorriso puxou a boca de Yrene enquanto eles cavalgavam para a cidade que despertava.

Capítulo 20

Com a maior parte da cidade nas docas para a cerimônia do nascer do sol para homenagear Tehome, as ruas estavam silenciosas.

Chaol supôs que apenas os mais doentes ficariam abatidos hoje, e por isso, quando se aproximaram de uma casa delgada em uma rua ensolarada e empoeirada, ele não estava surpreso por ser saudado por uma tosse violenta antes de chegarem até a porta.

Bem, antes que Yrene chegasse até a porta. Sem a cadeira, ele continuaria no topo do cavalo, mas Yrene não comentou nada quando desmontou, amarrou sua égua ao posto de engate da rua, e caminhou para a casa. Ele continuava movendo os dedos dos pés de vez em quando – tanto quanto conseguia dentro das botas. O movimento por si só, ele sabia, era um presente, mas exigia mais concentração do que ele esperava; mais energia, também.

Chaol ainda estava flexionando-os quando uma mulher idosa abriu a porta da casa, suspirando ao ver Yrene e falando em um halha muito lento. Para Yrene entender, aparentemente, porque a curandeira respondeu no idioma enquanto entrava na casa e deixava a porta

entreaberta, seu uso das palavras difícil e tateante. Melhor do que o dele.

Da rua, ele podia ver através das janelas abertas da casa e da porta, a cama pequena enfiada logo abaixo do peitoril pintado, como que para manter o paciente no ar fresco.

Era ocupada por um homem velho – a fonte da tosse.

Yrene falou com a mulher antes de caminhar para o velho, puxando um banquinho de três pernas.

Chaol acariciou o pescoço de seu cavalo, retorcendo os dedos dos pés novamente, enquanto Yrene pegava a mão murcha do homem e apertava a outra em sua testa.

Cada movimento era gentil, calmo. E seu rosto... Havia um sorriso suave sobre ele. Um que ele nunca tinha visto antes.

Yrene falou algo que ele não pôde ouvir que fez a velha retorcer as mãos atrás deles, então puxar o fino cobertor que cobria o homem.

Chaol se encolheu à vista das lesões cobrindo-lhe o peito e o estômago. Até mesmo a velha fez o mesmo.

Mas Yrene nem piscou, seu semblante sereno nunca mudando enquanto erguia uma mão diante ela. Luz branca acendeu os dedos e a palma da mão.

O velho, embora inconsciente, respirou fundo enquanto ela colocava a mão em seu peito. Direto sobre a pior das feridas.

Por longos minutos, ela apenas ficou com a mão lá, as sobranceiras franzidas, a luz fluindo de sua palma para o peito do homem. E quando ela retirou a mão... a velha chorou. Beijou as mãos de Yrene, uma após a outra. Yrene apenas sorriu, beijando a bochecha flácida da mulher e despediu-se, dando o que deveriam ser firmes instruções para o cuidado contínuo do homem.

Só depois de Yrene fechar a porta atrás dela, o sorriso bonito desapareceu. Ela estudou o chão de pedra poeirento e sua boca apertou-se. Como se tivesse se esquecido de que ele estava lá.

Seu cavalo relinchou, e a cabeça dela disparou para cima.

— Você está bem? — Ele perguntou.

Ela apenas despreendeu o cavalo e montou, mordendo o lábio inferior quando começaram a andar lentamente.

— Ele tem uma doença que não é fácil. Nós estamos lutando faz cinco meses agora. Mas ela voltou tão ruim dessa vez... — Ela sacudiu a cabeça, desapontada. Consigo mesma.

— Não tem cura?

— Foi vencida em outros pacientes, mas às vezes o hospedeiro... Ele é muito velho. E mesmo quando penso que a purguei dele, ela volta.
— Ela suspirou. — Neste ponto, sinto como se eu estivesse apenas comprando tempo, não lhe dando uma solução.

Ele estudou o aperto em sua mandíbula. Alguém que exigia a excelência de si mesma – enquanto talvez não esperasse o mesmo dos outros. Ou nem mesmo tivesse esperança disso.

Chaol encontrou-se dizendo:

— Existem outros pacientes que você precisa visitar?

Ela franziu a testa para suas pernas. Em direção ao dedão que ele empurrava contra o topo da bota, o couro se movendo com o movimento.

— Nós podemos voltar ao palácio.

— Eu gosto de estar fora — ele falou. — As ruas estão vazias. Deixe-me... — Ele não conseguiu terminar.

Yrene parecia ter entendido, no entanto.

— Há uma jovem mãe aqui na cidade... Ela está se recuperando de um trabalho de parto árduo há duas semanas. Eu gostaria de visitá-la.

Chaol tentou não parecer muito aliviado.

— Então vamos.

Assim, eles foram. As ruas permaneciam vazias, a cerimônia, disse-lhe Yrene, durando até meio da manhã. Embora os deuses do império tivessem sido reunidos, a maioria das pessoas participava de suas festividades.

A tolerância religiosa, ela dissera, era algo que o primeiro khagan havia defendido – e também todos os que vieram depois dele. Oprimir várias crenças apenas traria a discórdia para dentro de seu império, então ele absorveu todos eles. Alguns literalmente, torcendo deuses múltiplos em um. Mas sempre permitindo que aqueles que desejassem praticar a liberdade a fizessem sem medo.

Chaol, por sua vez, contou a Yrene sobre algo que aprendeu ao ler a história da lei khagan: em outros reinos, onde as minorias religiosas eram maltratadas, ele encontrou *muitos* espiões dispostos.

Ela já sabia disso – e perguntou-lhe se ele já usara espiões para a sua própria... posição.

Ele respondeu que não. Embora não tenha revelado que já teve homens que trabalharam secretamente, mas não eram como os espiões que Aedion e Ren Allsbrook tinham empregado. Que ele próprio tinha

trabalhado em Forte da Fenda desse modo. Na primavera e no verão. Mas falar sobre seus antigos guardas... Ele ficou em silêncio.

Ela ficou quieta depois disso, como se sentisse que seu silêncio não era por falta de conversa.

Ela o levou para um bairro da cidade que estava cheio de pequenos jardins e parques, com casas modestas ainda bem conservadas. Firmemente de classe média. O lembrou um pouco de Forte da Fenda e ainda... mais limpo. Mais brilhante. Até com as ruas tão calmas nesta manhã, estava cheia de vida.

Especialmente na casinha elegante onde pararam, onde uma jovem de olhos alegres olhou pela janela, um nível acima. Ela gritou para Yrene em halha, depois desapareceu por dentro.

— Bem, isso responde minha pergunta — murmurou Yrene, assim que a porta da frente se abriu e aquela mulher apareceu, uma criança gorda em seus braços.

A mãe fez uma pausa ao ver Chaol, mas ele ofereceu um cumprimento com a voz educada e um aceno de cabeça.

A mulher sorriu gentilmente para ele, mas o sorriso tornou-se tortuoso quando encarou Yrene e estreitou sobrancelhas para ela.

Yrene riu e o som... Belo como o som era, não era nada como o sorriso em seu rosto. O deleite. Ele nunca tinha visto um rosto tão adorável.

Não quando Yrene desmontou e pegou o bebê carnudo – o retrato da saúde do recém-nascido – dos braços estendidos da mãe.

— Oh, ela é linda — ela murmurou, roçando um dedo sobre uma bochecha redonda.

A mãe sorriu.

— Gorda como uma leitoazinha. — Ela falou na língua de Chaol, fosse porque Yrene usou essa língua com ela, ou por perceber os traços dele, tão diferentes das várias feições aqui de Antica. — Tem a fome de um porco, também.

Yrene concordou e balançou o bebê, brincando com a garota.

— A alimentação está indo bem?

— Ela estaria no meu peito dia e noite, se eu a deixasse — respondeu a mãe, de modo algum envergonhada de estar discutindo essas coisas com ele presente.

Yrene riu, seu sorriso crescendo enquanto ela deixava uma mãozinha envolver seu dedo.

— Ela parece tão saudável como deve ser — observou. Então olhou a mãe. — E você?

— Tenho acompanhado o regime que você me passou – os banhos ajudaram.

— Não há sangramento?

Um balançar de cabeça. Então ela pareceu notá-lo, porque ela disse um pouco mais baixo, e Chaol de repente achou os edifícios da rua bastante interessantes.

— Quanto tempo até eu poder... você sabe? Com meu marido.

— Espere mais sete semanas — Yrene murmurou.

A mulher soltou um grito de indignação.

— Mas você me *curou*.

— E você quase se esvaiu em sangue antes que eu pudesse fazer isso. — Palavras que não provocaram nenhuma respota. — Dê tempo ao seu corpo para descansar. Outros curandeiros lhe dariam mais oito semanas no mínimo, mas... tente as sete. Se houver algum desconforto...

— Eu sei, eu sei — disse a mulher, acenando. — É só que... faz um tempo.

Yrene soltou outra risada, e Chaol encontrou-se olhando para ela enquanto a curandeira dizia:

— Bem, você pode aguardar um pouco mais a essa altura.

A mulher deu a Yrene um sorriso irônico enquanto retomava seu bebê.

— Certamente espero que você mesma aproveite, já que eu não posso.

Chaol percebeu o olhar significativo em sua direção antes que Yrene percebesse.

E a satisfação não foi pouca ao assistir Yrene piscar, então endurecer e depois ficar vermelha.

— O que... ah. Ah *não*.

Do jeito como ela cuspiu aquele não... Ele não conseguiu nenhum satisfação *nisso*.

A mulher apenas riu, levantando o bebê um pouco mais enquanto se dirigia para a encantadora casa.

— Eu certamente aproveitaria.

A porta se fechou.

Ainda vermelha, Yrene se virou para ele, distintamente sem encontrar seus olhos.

— Ela é voluntariosa.

Chaol riu.

— Eu não tinha percebido que eu era um firme *não*.

Ela olhou para ele, montando em sua égua.

— Eu não compartilho a cama com pacientes. E você está com a capitã Faliq — ela acrescentou rapidamente. — *E* você está...

— fora de forma para curtir uma mulher?

Ela ficou chocada com o que ele falou. Mas novamente, ficou meio presunçoso ao ver seus olhos flamejarem.

— Não — disse Yrene, de alguma forma ficando mais vermelha. — Certamente não é isso. Mas você é... você.

— Estou tentando não ser insultado.

Ela acenou com a mão, olhando para todos os lados, menos para ele.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Que ele era um homem de Adarlan, que tinha servido ao rei? Certamente sim. Mas ele continuou, decidindo ter piedade dela:

— Eu estava brincando, Yrene. Eu... estou com Nesryn.

Ela engoliu em seco, ainda corando loucamente.

— Onde ela está hoje?

— Foi assistir à cerimônia com sua família. — Nesryn não o convidara, e ele afirmou que queria adiar o seu próprio passeio pela cidade. No entanto, aqui estava ele agora.

Yrene assentiu distantemente.

— Você vai à festa hoje à noite, no palácio?

— Sim. Você vai?

Outro aceno de cabeça. Silêncio. Então ela disse:

— Estou com receio de trabalhar com você hoje – apenas no caso de perdermos a hora para a festa.

— Seria tão ruim se perdêssemos?

Ela olhou para ele enquanto eles viravam uma esquina.

— Ofenderia alguns deles. Se não ofender a Senhora das Grandes Profundidades. Não tenho certeza do que me assusta mais. — Ele riu novamente enquanto Yrene continuava: — Hasar me emprestou um vestido, então eu tenho que ir. Ou arriscarei sua ira.

Alguma sombra passou por seu rosto. E ele estava prestes a perguntar sobre isso quando ela adicionou:

— Quer fazer um tour?

Ele olhou para ela, para a oferta que ela atirara entre eles.

— Admito que não sei muito sobre a história, mas meu trabalho me levou para cada bairro, então posso pelo menos evitar de nos perdemos.

— Sim — ele respirou. — Sim.

O sorriso de Yrene era tentador. Quietamente.

Ela o conduziu para frente, as ruas começando a encher quando as cerimônias terminaram e as comemorações começavam.

À medida que pessoas rindo atravessavam a avenida e as vielas, a música se espalhava de todo lado, o cheiro de alimentos e especiarias envolvendo-o.

Ele se esqueceu do calor, do sol, esqueceu-se de continuar movendo os dedos dos pés de vez em quando enquanto percorriam os entornos sinuosos da cidade, quando ele se maravilhou com os templos abobadados e bibliotecas de livre acesso, enquanto Yrene mostrou-lhe o papel-moeda que eles usavam – casca de ameixa seca sobre seda – em vez de moedas pesadas.

Ela lhe comprou seus doces favoritos, um bolo feito de alfarroba, e ofereceu sorrisos a quem encontrava no caminho. Raramente para ele, no entanto.

Não havia nenhuma rua em que se recusasse a passar, nenhum bairro ou beco que ela parecesse temer. A cidade-deus, sim – e também uma cidade de aprendizagem, de luz, conforto e riqueza.

Quando o sol atingiu o seu ponto máximo, eles foram para um jardim público exuberante, suas árvores e vinhas pendentes bloqueando os raios brutais. Cavalgaram pelo labirinto de passarelas, o jardim quase vazio graças a todos que participavam a refeição do meio-dia.

Canteiros transbordavam de flores, samambaias penduradas balançavam na brisa fresca do mar, pássaros cantavam da cobertura das frondes caídas sobre suas cabeças.

— Você acha... — Yrene começou depois de longos minutos de silêncio — que um dia... — ela mordeu o lábio — poderemos ter um lugar como esse?

— Em Adarlan?

— Em qualquer lugar — disse ela. — Mas sim, em Adarlan, em Charco Lavrado. Ouvi que as cidades de Eyllwe foram uma vez como... bem como isso, antes...

Antes da sombra entre eles. Antes da sombra em seu coração.

— Elas eram — disse Chaol, selando o pensamento da princesa que morava naquelas cidades, que as amava. Mesmo a cicatriz em seu rosto pareceu pulsar. Mas ele considerou sua pergunta. E daquelas sombras de sua memória, ele ouviu a voz de Aedion Ashryver. *O que acha que as pessoas nos outros continentes, do outro lado de todos aqueles mares, pensam de nós? Acha que nos odeiam ou têm pena de nós pelo que fazemos uns contra os outros? Talvez seja tão ruim lá quanto é aqui.*

Talvez seja pior. Mas para fazer o que preciso, para enfrentar isso... preciso acreditar que seja melhor. Em algum lugar, é melhor que isto.

Ele se perguntou se conseguiria dizer a Aedion que ele havia encontrado esse lugar. Talvez dissesse a Dorian o que tinha visto aqui. Ajudar a reconstruir as ruínas de Forte da Fenda, de seu reino, em algo assim.

Ele percebeu que não tinha terminado. Que Yrene ainda esperava, enquanto tirava uma erva daninha do meio de pequenas flores roxas.

— Sim — ele disse, finalmente, com a cautela escondendo aquela minúscula fagulha ardente de esperança em seus olhos. — Eu acredito que podemos construir isso para nós um dia. Se sobrevivermos a esta guerra. — Ele acrescentou. Se pudesse sair dali com um exército atrás dele para desafiar Erawan.

O tempo o pressionava, sufocando-o. Mais rápido. Ele tinha que se mover *mais rápido* com tudo.

Yrene observou seu rosto no forte calor do jardim.

— Você ama muito a sua gente.

Chaol assentiu, incapaz de encontrar as palavras.

Ela abriu a boca como se para dizer alguma coisa, mas a fechou. Então disse:

— Mesmo as pessoas de Charco Lavrado não foram irrepreensíveis com suas ações na última década.

Chaol tentou não olhar a leve cicatriz em sua garganta. Fora um dos seus compatriotas quem...

Ela suspirou, estudando o jardim de rosas murchando no calor intenso.

— Devemos voltar para o palácio. Antes que as multidões fiquem impossíveis de se atravessar.

Ele se perguntou o que ela pensou em dizer um momento atrás, mas decidiu esquecer. O que causou a sombra espreitando em seus olhos.

Mas Chaol apenas a seguiu, todas aquelas palavras pesando entre eles.

Eles se separaram no palácio, os corredores cheios de criados preparando-se para as festas da noite.

Yrene foi direto encontrar Hasar e o vestido – e o banho – que lhe foi prometido, e Chaol voltou para a própria suíte, para lavar a poeira e suor e encontrar algo adequado para vestir.

Nenhum sinal de Nesryn até que ela voltou no meio do seu banho, gritou que ela mesma tomaria um, e fechou a porta de sua suíte.

Ele optou por sua casaca verde petróleo e esperou na sala de estar pela chegada de Nesryn. Quando ela apareceu, ele piscou para o casaco e as calças ametista bem cortados. Ele não tinha visto um sinal do uniforme de capitã por dias. E não estava prestes a perguntar quando disse:

— Você está linda.

Nesryn sorriu, seus cabelos brilhantes ainda úmidos do banho.

— Você não parece tão mal. — Ela pareceu notar a cor em seu rosto e perguntou: — Você esteve no sol hoje? — Seu leve sotaque se aprofundou, adicionando mais sonoridade em certas sílabas.

— Ajudei Yrene com alguns pacientes em torno da cidade.

Nesryn sorriu quando eles entraram no corredor.

— Fico feliz em ouvir isso. — Nenhuma palavra sobre o passeio e a visita que ele desmarcou com ela – ele se perguntou se ela até se lembrava.

Ele ainda não tinha contado sobre os dedos dos pés. Mas quando chegaram ao grande salão do palácio... mais tarde. Eles discutiriam tudo mais tarde.

O grande salão do palácio estava uma maravilha.

Essa era a única palavra para descrever.

A comemoração não era tão grande quanto ele teria assumido, apenas mais algumas pessoas do que a reunião habitual dos vizires e da realeza, mas nenhuma despesa havia sido poupada nas decorações. A festa.

Ele boquiabriu-se um pouco, Nesryn fazendo o mesmo, enquanto eles eram conduzidos a seus lugares na mesa alta – uma honra que eles estavam surpresos em receber. O khagan e sua esposa não se juntariam a eles, ele foi informado por Duva. Sua mãe não estava bem nos últimos dias e queria celebrar com seu marido em particular.

Sem dúvida, ver aquelas bandeiras de luto serem baixadas deve ter sido difícil. E esta noite provavelmente não era hora de pressionar o khagan sobre sua aliança, de qualquer maneira.

Alguns convidados chegaram, junto com Hasar e Renia, que estavam de braços dados com Yrene.

Quando Yrene o deixara na encruzilhada de um dos salões principais do palácio, ela estava brilhando com suor e poeira, suas bochechas rosadas, os cabelos ondulando ligeiramente ao redor das orelhas. Seu vestido, também, tinha ficado enrugado depois de um dia

montando, a bainha revestida de pó. Certamente, não era como o que ela usava agora.

Ele sentiu a atenção de metade dos homens na mesa deslizar para Hasar – para Yrene – quando elas entraram, seguidas por duas criadas da princesa. Hasar estava sorrindo, Renia era absolutamente impressionante em vermelho rubi, mas Yrene...

Para uma bela mulher vestida com as melhores roupas e joias que um império poderia comprar, havia alguma coisa diferente nela. Sim, os ombros estavam para trás, a coluna ereta, mas o sorriso que o atingiu em cheio no estômago mais cedo se gora.

Hasar vestiu Yrene em azul cobalto que dava vivacidade a pele e deixou o cabelo castanho brilhando como se na verdade fosse dourado. A princesa até salpicara cosméticos no rosto de Yrene – ou talvez a insinuação de cor nas bochechas com sardas viesse do fato de que o vestido era cortado baixo o suficiente para revelar a luxúria da figura dela. Corte baixo e apertado através do corpete.

Os vestidos de Yrene certamente não escondiam seu corpo, mas esse... Ele não tinha percebido exatamente como a cintura era delgada, como seus quadris alargavam-se debaixo dela. Como seus outros atrativos cresciam acima. Ele não foi o único a dar uma segunda olhada. Sartaq e Arghun se inclinaram para frente em seus assentos quando sua irmã levou Yrene para a mesa alta. Os cabelos de Yrene haviam sido penteados para baixo, apenas os lados puxados para trás e fixados com pentes de ouro e rubi. Brincos combinando roçavam a coluna delgada da garganta.

— Ela parece ser da realeza — murmurou Nesryn.

Yrene, de fato, parecia uma princesa – embora uma seguindo para a força pela solenidade em seu rosto quando chegaram à mesa. Fosse qual fosse a alegria que ela possuía quando eles se separaram, desapareceu nas duas horas em que ela passou com Hasar.

Os príncipes levantaram-se para cumprimentar Yrene desta vez, Kashin erguendo-se primeiro.

A herdeira não declarada da Alta Curandeira; uma mulher que provavelmente exercerá um poder considerável nesse reino. Eles pareceram perceber a profundidade dessa implicação. Arghun especialmente, pelo olhar perspicaz que deu à Yrene. Uma mulher de considerável poder e beleza.

Ele viu a palavra nos olhos de Arghun: *prêmio*.

O maxilar de Chaol apertou. Yrene certamente não queria as atenções do mais bonito dos príncipes – ele não podia imaginar que ela

desejasse a afeição dos outros dois.

Arghun abriu a boca para falar com Hasar, mas a princesa caminhou diretamente para Chaol e Nesryn e murmurou na orelha de Nesryn:

— Mova-se.

Capítulo 21

Nesryn piscou para Hasar.

A princesa sorriu, fria como uma cobra e esclareceu:

— Não é educado sentar-se com seu companheiro. Deveríamos separar os dois desde agora.

Nesryn olhou para ele. Todos observavam. Chaol não fazia ideia – absolutamente nenhuma – do que dizer. Yrene parecia inclinada a derreter no chão de mármore verde.

Sartaq limpou a garganta:

— Junte-se a mim aqui, capitã Faliq.

Nesryn ficou de pé rapidamente, e Hasar passou por ela. A princesa bateu na parte de trás do assento que Nesryn desocupou e cantarolou para Yrene, a poucos metros de distância:

— Você se senta aqui. Caso seja necessária.

Yrene disparou para Chaol um olhar que poderia ter sido considerado suplicante, mas ele manteve o rosto neutro e ofereceu um sorriso de lábios fechados.

Nesryn encontrou seu lugar ao lado de Sartaq, que pediu a um vizir que se movesse pela mesa, e Hasar, convencida de que os ajustes estavam a seu gosto, considerou que seus próprios assentos habituais não eram para ela, e expulsou dois vizires próximos de Arghun. O segundo lugar era para Renia, a amante, que deu a ela a um olhar levemente desaprovador, mas sorriu para si mesma – como se fosse típico.

A refeição foi retomada, e Chaol deslocou sua atenção para Yrene. O vizir do outro lado não lhe deu atenção. Os pratos foram trazidos por criados, comida e bebida servidos. Chaol murmurou sob a respiração:

— Devo querer saber?

Yrene cortou o cordeiro assado com açafrão em seu prato dourado.

— Não.

Ele estava disposto a apostar que o significado das sombras em seus olhos no início do dia, a coisa que ela se impediu de dizer a ele... tinha a ver com o que estava acontecendo aqui.

Ele olhou para a mesa, onde Nesryn os assistia, meio ouvindo Sartaq enquanto o príncipe falava sobre algo que Chaol não podia ouvir por sobre o barulho de prata e as vozes.

Ele lançou-lhe um olhar de desculpas. Nesryn lançou-lhe um aviso em resposta – apontando para Hasar. *Seja cuidadoso.*

— Como estão os dedos dos pés? — perguntou Yrene, pegando pequenas porções de comida. Ele a vira devorar a caixa de doces que comprara para eles em cima de seus cavalos. O delicadeza aqui para comer era parte do show.

— Funcionando — ele disse com um meio sorriso. Não importava que tivessem passado apenas duas horas desde que tinham se visto pela última vez.

— Sensação?

— Um formigamento.

— Bom. — Sua garganta balançou, aquela cicatriz se ondulando.

Ele sabia que eles estavam sendo observados. Ouvidos. Ela também.

Os nós dos dedos de Yrene estavam brancos enquanto ela apertava seus talheres, as costas em uma linha reta e rígida. Sem sorriso. Pequena luz em seus olhos revestidos de kohl.

A princesa os manobrou para se sentarem juntos e conversarem, ou para manipular Kashin em algum tipo de ação? O príncipe estava de fato observando, mesmo enquanto envolvia dois vizires vestidos de dourado em uma conversa.

— O papel de peão não lhe convém — Chaol murmurou para Yrene. Aqueles olhos castanho-dourados tremeluziram.

— Eu não sei do que você está falando.

Mas ela sabia. As palavras não eram para ele.

Ele lutou por tópicos para levá-los através da refeição.

— Quando se encontrará com as mulheres para a próxima lição?

Uma parte da tensão foi drenada dos ombros de Yrene quando ela respondeu:

— Duas semanas. Normalmente seria na próxima semana, mas muitas delas têm seus exames, então estarão focadas em estudar.

— Alguns exercícios e ar fresco podem ser úteis.

— Eu diria isso, mas para elas, esses testes são vida e morte. Certamente foram para mim.

— Você já os fez?

Ela balançou a cabeça, seus brincos de joias refletindo a luz.

— Eu completei o meu último duas semanas atrás. Sou uma curandeira oficial da Torre. — Um pouco de um humor apagado dançou em seus olhos.

Ele levantou sua taça para ela.

— Parabéns.

Um dar de ombros, mas ela concordou com a cabeça:

— Embora Hafiza pense em me testar uma última vez.

Ah.

— Então eu sou realmente uma experiência.

Uma tentativa pobre de fazer luz à sua discussão de dias atrás, da crueza que havia rasgado um buraco através dele.

— Não — disse Yrene calmamente, rapidamente. — Você tem muito pouco a ver com isso. Este último teste não oficial... é sobre mim.

Ele queria perguntar, mas havia muitos olhos sobre eles.

— Então eu lhe desejo sorte — ele disse formalmente. Tão diferente da forma como eles conversaram enquanto viajavam pela cidade.

A refeição passou devagar e, no entanto, rapidamente, sua conversa aos trancos e infrequentes.

Foi só quando as sobremesas e os *kahve* foram servidos que Arghun bateu as mãos e pediu entretenimento.

— Com nosso pai em seus aposentos — Chaol ouviu Sartaq confiar a Nesryn — nós tendemos a ter mais... celebrações informais.

De fato, uma trupe de músicos elegantes, com instrumentos tanto familiares quanto estrangeiros, surgiu no espaço entre os pilares além da mesa. Batidas de tambores, flautas e chifres anunciaram chegada do evento principal: dançarinos.

Um círculo de oito dançarinos, masculinos e femininos – um número sagrado, Sartaq explicou, sorrindo para Nesryn – surgiu das cortinas ao lado dos pilares.

Chaol tentou não engasgar.

Eles estavam pintados de dourado, adornados com joias e gaze, túnicas finas de seda, mas por baixo disso... nada. Seus corpos eram magros e jovens, no pico da juventude e da virilidade. Os quadris reboavam, costas arqueavam-se, as mãos eram torcidas no ar acima deles quando começaram a se entrelaçar em círculos e fileiras.

— Eu lhe disse — foi tudo o que Yrene murmurou para ele.

— Eu acho que Dorian gostaria disso — ele murmurou de volta, e ficou surpreso ao encontrar os cantos de sua própria boca erguendo-se ao pensamento.

Yrene lançou-lhe um olhar perplexo, alguma luz nos olhos. As pessoas haviam se movido em seus assentos para assistir melhor os dançarinos, seus corpos esculpido e ágeis, os pés descalços.

Movimentos perfeitos e precisos, seus corpos apenas instrumentos da música. Beleza etérea e ainda... tangível. Aelin, ele percebeu, também teria gostado disso. Bastante.

Enquanto os dançarinos se apresentavam, os criados levavam poltronas e sofás, organizando almofadas e mesinhas.

Tigelas esfumaçantes de ervas foram colocados sobre elas, o cheiro doce e enjoativo.

— Não fique próximo dela se quiser seus sentidos intactos — advertiu Yrene, enquanto um criado carregava uma das tigelas de metal em direção a uma mesa de madeira esculpida. — É um opiáceo suave.

— Eles realmente deixam a máscara cair quando os pais estão ausentes.

Alguns dos vizires estavam saindo, mas muitos deixaram a mesa para acomodar-se em assentos almofadados, a totalidade do salão refeita em questão de momentos para acomodar e relaxar, com criados emergindo das cortinas, bem-cuidados e também vestidos de seda pesada e rica. Homens e mulheres, todos lindos, encontraram caminho para colos e braços, alguns curvando-se aos pés dos vizires ou da nobreza. Ele tinha visto festas bastante liberais no castelo de vidro, mas ainda havia certa rigidez. Uma formalidade e a noção de que tais coisas estavam escondidas atrás de portas fechadas. Dorian certamente salvava isso para o seu próprio quarto. Ou o de outra pessoa. Ou ele simplesmente arrastava Chaol para Forte da Fenda, ou para baixo para Bellhaven, onde a nobreza mantinha festas muito mais desinibidas do que as da rainha Georgina.

Sartaq permaneceu na mesa ao lado de Nesryn, que assistia os habilidosos dançarinos de olhos arregalados, admirada, mas os outros filhos reais... Duva, uma mão sobre a barriga, despediu-se dela, o marido ao seu lado, silencioso como sempre. A fumaça não era boa para o bebê no ventre, afirmou Duva, e Yrene assentiu com a cabeça, embora ninguém tenha olhado para ela.

Arghun reivindicou um sofá para si em torno da dança, reclinando e respirando a ondulação de fumaça das brasas nas pequenas tigelas de metal ao lado. Cortesões e vizires lutaram pelos assentos mais próximos do príncipe mais velho.

Hasar e sua amante tomaram um pequeno sofá para si, as mãos da princesa logo se enroscando nela, no cabelo preto e grosso da amante. Sua boca encontrou um ponto no pescoço da mulher um momento depois. Resposta de Renia foi o sorriso lento e largo – seus olhos se fecharam quando Hasar sussurrou algo contra sua pele.

Kashin pareceu aguardar minutos enquanto Yrene e Chaol observavam a decadência se desdobrando da mesa do banquete que se esvaziava. Esperando que Yrene, sem dúvida, levantasse.

Cor manchou suas bochechas enquanto ela mantinha seus olhos firmemente no seu *kahve*, vapor saindo de seu copo.

— Você viu isso antes? — perguntou Chaol.

— Dê uma hora ou duas, e todos escaparão para seus quartos – não só, é claro.

O príncipe Kashin parecia ter arrastado a conversa com o vizir ao seu lado durante o tempo que pôde aguentar. Ele abriu a boca, olhando

diretamente para Yrene, e Chaol leu o convite em seus olhos antes que o homem pudesse falar.

Chaol teve talvez um batimento cardíaco para decidir. Para ver que Sartaq convidou Nesryn para se sentar com ele – não em uma das mesinhas, nem em um dos sofás, mas em um par de cadeiras num dos extremos da sala, onde não havia fumaça e as janelas estavam abertas, e ainda assim eles podiam assistir. Ela deu a Chaol um aceno reconfortante, mantendo um ritmo sem pressa enquanto caminhava com o príncipe.

Então, quando Kashin se inclinou para convidar Yrene para se juntar a ele em um sofá, Chaol voltou-se para a curandeira e disse:

— Eu gostaria de me sentar com você.

Seus olhos estavam um pouco arregalados:

— Onde?

Kashin fechou a boca e Chaol teve a sensação de que havia um alvo em seu peito.

Mas ele manteve o olhar de Yrene e disse:

— Onde for mais silencioso.

Havia apenas alguns sofás deixados livres – todos perto da fumaça e da dança. Mas havia um meio escondido na sombra de uma alcova do outro lado da sala, um pequeno braseiro daquelas ervas ardendo sob a mesa baixa.

— Se quisermos ser vistos juntos esta noite — ele disse tão baixo que apenas Yrene poderia ouvir — então, permanecer aqui por um tempo seria melhor do que sairmos juntos. — Que mensagem enviariam, dada a mudança na atmosfera, se eles partissem. — E eu não gostaria que você caminhasse sozinha.

Yrene se levantou silenciosamente, sorrindo sombriamente.

— Então vamos relaxar, Lorde Westfall. — Ela gesticulou em direção ao sofá posicionado além da borda da luz.

Ela deixou que ele levasse sua cadeira até lá. Mantinha o queixo alto, as saias de seu vestido arrastando atrás dela enquanto se dirigia para a alcova. A parte de trás do vestido era principalmente lisa, revelando a pele maculada e o sulco fino da coluna vertebral. Ele mergulhava baixo o suficiente para ele distinguir as depressões gêmeas na parte inferior de suas costas, como se algum deus tivesse pressionado seus polegares ali.

Ele sentiu muitos olhos sobre eles enquanto ela se acomodava no sofá, a barra de seu vestido torcendo-se ao longo do chão, abaixo de

seus tornozelos, erguendo um dos braços e o colocando sobre as almofadas de pelúcia.

Chaol continuou com os olhos nos dela quando chegou no sofá, e mais rápido do que os criados puderam se aproximar, passou da cadeira para as almofadas. Em alguns movimentos ele se virou para ela – e acenou com a cabeça em agradecimento ao criado que afastou sua cadeira. Deste ponto, eles tinham uma visão desobstruída dos dançarinos, das áreas de estar, dos criados e da nobreza que agora começava a correr as mãos e as bocas sobre a pele e tecido, mesmo enquanto assistiam ao entretenimento incomparável.

Algo torceu – não desagradavelmente – em seu intestino à visão.

— Eles não forçam criados aqui — disse Yrene calmamente. — Foi a primeira coisa que perguntei em minhas primeiras festas. Os criados estão ansiosos para elevar suas posições, e os que estão aqui sabem que privilégios podem conseguir se saírem com alguém esta noite.

— Mas se eles são pagos — ele respondeu — se eles se preocupam por suas posições caso se recusem, então como pode ser um verdadeiro consentimento?

— Não é. Não quando você coloca assim. Mas o khaganato assegurou-se de que outros limites sejam mantidos. Restrições de idade. Consentimento verbalizado. Castigos para aqueles – até mesmo da realeza – que quebram essas regras. — Assim com ela dissera tantos dias atrás.

Uma moça e um rapaz estavam de cada lado de Arghun, um mordiscando seu pescoço enquanto o outro fazia círculos ao longo das coxas do príncipe. Durante todo o tempo, o príncipe continuava conversando com um vizir sentado numa cadeira à esquerda, imperturbável.

— Pensei que ele tivesse uma esposa — observou Chaol.

Yrene seguiu seu olhar.

— Ele tem. Ela está na propriedade dele. E os criados não são considerados romances. As necessidades que eles esperam suprir.. Poderia muito bem ser como dar um banho. — Seus olhos dançaram enquanto acrescentava: — Tenho certeza que você descobriu no seu primeiro dia.

Seu rosto aqueceu.

— Fiquei... surpreso com a atenção aos detalhes. E envolvimento.

— Kadja provavelmente foi selecionada para agradá-lo.

— Não estou inclinado a me perder. Mesmo com uma criada disposta.

Yrene olhou para Nesryn, que conversava profundamente com Sartaq.

— Ela tem sorte por ter um companheiro tão leal, então.

Ele esperou um repuxar de ciúmes ao ver o sorriso de Nesryn para o príncipe, cujo corpo era a representação do relaxamento, o braço esticado no encosto atrás dela, um tornozelo sobre o joelho.

Talvez ele simplesmente confiasse em Nesryn, mas nada se moveu dentro dele à visão.

Chaol encontrou Yrene observando-o, seus olhos como topázio nas sombras e fumaça.

— Eu me encontrei com minha amiga outra noite — ela falou, suas pestanas vibrando. Não mais do que uma mulher bajuladora pelos opiáceos ardentes. Até sua própria cabeça estava começando a ficar confusa. Seu corpo estava quente. Cozinhando. — E novamente esta noite antes do jantar.

Hasar.

— E? — Ele encontrou-se estudando a leve ondulação dos longos cabelos de Yrene. Encontrou os dedos se movendo, como se imaginando a sensação entre eles.

Yrene esperou até que um criado com uma bandeja de frutas confeitadas passasse.

— Ela me disse que o *seu* amigo ainda continua desaparecido. E uma rede foi esticada no centro do tabuleiro.

Ele piscou, vendo através da fumaça e das palavras.

Exércitos. Os exércitos de Perrington estavam esticados pelo continente. Não era de se admirar que ela não tivesse discutido mais cedo nas ruas; não era de admirar que isso trouxesse tais sombras aos olhos dela.

— Onde?

— Das montanhas até... seu lugar habitual.

Ele imaginou um mapa mental do continente. Do Desfiladeiro de Ferian até Forte da Fenda. Santos deuses.

— Você tem certeza disso?

Um aceno de cabeça.

Ele sentiu os olhos escorregando para eles de vez em quando.

Yrene também. Ele tentou não parar a mão que ela apoiou em seu braço. Enquanto olhava para ele sob cílios rebaixados, olhos semicerrados – convidativos.

— Eu fui perguntada no outro dia, e novamente hoje, de uma maneira que não posso recusar.

Ela estava sendo ameaçada. Ele trincou o queixo.

— Eu preciso de um lugar. Uma direção — murmurou ela. — Para onde sua outra amiga poderia ir.

Aelin.

— Ela está... onde ela está?

— Eles não sabem.

Aelin estava desaparecida. Desaparecida até mesmo para os espiões do khaganato.

— Não está em sua casa?

O balançar de cabeça dela fez o coração de Chaol começar a bater de forma selvagem. Aelin e Dorian – ambos desaparecidos. Ausentes. Se Perrington atacasse...

— Eu não sei para onde ela iria. O que ela planejava fazer. — Ele colocou a mão sobre a dela. Bloqueou a suavidade de sua pele. — Seu plano era retornar para casa. Reunir pessoas.

— Ela não está lá. E não duvido da clareza dos olhos daqui. E de lá. Espiões de Hasar. E dos outros.

Aelin não estava em Terrasen. Nunca chegara a Orynth.

— Limpe esse olhar do rosto. — Yrene ronronou, e embora sua mão acariciasse seu braço, seus olhos estavam duros.

Ele lutou para fazê-lo, mas conseguiu dar-lhe um sorriso sonolento:

— A sua amigo pensa que eles caíram nas mãos de outra pessoa?

— Ela não sabe. — Yrene arrastou os dedos para cima, leve e sem pressa. Aquele anel simples ainda estava em sua mão. — Ela quer que eu lhe pergunte. Bisbilhote com você.

— Ah. — Sua mão esbelta e linda deslizou ao longo do braço dele. — Daí o novo arranjo de assentos. — E por que Yrene tantas vezes parecia estar à beira de falar naquela manhã e depois optava pelo silêncio.

— Ela tornará a vida muito difícil se eu não aparentar uma tentativa de torná-lo caloroso comigo.

Ele interrompeu a mão dela em seu bíceps, encontrando seus dedos tremendo ligeiramente. Talvez fosse o cheiro doce e enjoativo da fumaça curvando-se ao redor deles, talvez fosse a música e os dançarinos de pele nua e as joias, mas Chaol comentou:

— Eu pensaria que você já fez isso, Yrene Towers.

Ele observou a cor florescer em seu rosto. Observou como fez o ouro em seus olhos iluminar.

Com perigo. Perigo e estupidez e...

Ele sabia que outros estavam assistindo. Sabia que Nesryn estava sentada com o príncipe. Ela entenderia que era para o show. A presença de Nesryn com Sartaq era apenas mais uma parte disso. Outra exibição.

Ele disse isso a si mesmo, enquanto continuava a segurar o olhar de Yrene, continuava segurando a mão dela contra seu bíceps. Continuava a assistir a cor manchar suas bochechas. A ponta de sua língua pulou para umedecer os lábios. Ele também observou isso.

Um calor pesado e calmante se instalou profundamente nele.

— Eu preciso de um lugar. Qualquer lugar.

Levou alguns batimentos cardíacos para descobrir o que ela estava perguntando. A ameaça que a princesa implicava em não obter informações dele.

— Por que mentir? Eu teria lhe dito a verdade. — Sua própria boca parecia distante.

— Depois da lição com as meninas — ela murmurou — eu lhe devia algo.

E quanto ao que revelava sobre os interesses de Hasar...

— Seria ela influenciada por nossa causa?

Yrene estudou a sala, e Chaol encontrou sua mão se afastando da dela. Deslizando por seu ombro nu, para descansar em seu pescoço. Sua pele era macia como o veludo aquecido pelo sol. Seu polegar acariciou o lado de sua garganta, tão perto daquela cicatriz fina, e ela cortou os olhos para ele.

Havia aviso ali – advertência e ainda... Ele sabia que o aviso não era dirigido a ele. Mas a si mesma.

— Ela... — Yrene respirou. Ele não conseguiu resistir um segundo movimento de seu polegar na lateral do pescoço dela. Sua garganta roçou sua mão quando ela engoliu novamente. — Ela está preocupada com a ameaça de fogo.

E o medo poderia ser uma motivação que ajudaria ou destruiria qualquer chance de aliança.

— Ela pensa... pensa que você está potencialmente por trás do ataque na biblioteca. Como uma manipulação.

Ele resmungou, mas seu polegar acalmou-se, ao longo de sua pulsação vibrante.

— Ela nos dá mais crédito do que nos é devido. — Mas era alarme agora queimando a vida nos olhos de Yrene. — Em que você acredita, Yrene Towers?

Ela colocou a mão sobre a dele, mas não fez nenhum movimento para afastá-lo de seu pescoço.

— Eu acho que sua presença pode ter desencadeado outras forças a agir, mas não acredito que você seja o tipo de homem que joga esse tipo de jogo.

Mesmo que sua posição atual dissesse o contrário.

— Você vai atrás do que quer — prosseguiu Yrene — e persegue diretamente. Honestamente.

— Eu costumava ser esse tipo de homem. — respondeu Chaol. Ele não podia desviar a atenção dela.

— E agora? — Suas palavras estavam sem fôlego, sua pulsação martelando sob sua palma.

— E agora — disse Chaol, aproximando a cabeça dela, perto o suficiente para que a respiração dela roçasse sua boca — eu me pergunto se eu deveria ter ouvido meu pai quando ele tentou me ensinar.

Os olhos de Yrene desceram para sua boca, e cada instinto, cada tipo de foco, estreitou-se nesse movimento. Cada parte dele cobiçando atenção.

E a sensação disso, enquanto ele ajustava casualmente sua casaca sobre o colo, era melhor do que um banho de gelo.

A fumaça – os opiáceos. Era algum tipo de afrodisíaco, um abafador de senso comum.

Yrene ainda observava sua boca como se fosse um pedaço de fruta, sua respiração desigual elevando aqueles exuberantes seios altos dentro dos limites de seu vestido.

Ele se forçou a tirar a mão do pescoço dela. Forçou-se a recostar-se.

Nesryn tinha que estar assistindo. Tinha que se perguntar o que diabos ele estava fazendo.

Ele devia ser melhor do que isso. Devia a Yrene coisa melhor do que acabara de fazer, qualquer loucura...

— Baía da Caveira — ele atirou. — Diga-lhe que o fogo pode ser encontrado em Baía da Caveira.

Era talvez o único lugar em que Aelin nunca iria – até o domínio do Lorde Pirata. Ele ouvirá a história dela, uma vez, de sua “desavença” com Rolfe. Como se destruir sua cidade e seus valiosos navios fosse apenas um pouco de diversão. Ir para lá seria a última coisa que Aelin faria, com a promessa do Lorde Pirata de matá-la à primeira vista.

Yrene piscou, como se lembrasse de si mesma, da situação que os trouxera aqui, para este sofá, para ficar joelho-a-joelho e quase nariz-a-nariz.

— Sim — ela disse, afastando-se, piscando furiosamente novamente. Ela franziu a testa para as brasas fumegantes dentro da tigela de metal sobre a mesa. — Direi.

Ela abanou um rolo de fumaça que tentava subir entre eles.

— Eu devo ir.

Um pânico selvagem e afiado brilhava em seus olhos. Como se ela também tivesse percebido, tivesse sentido.

Ela levantou-se, alisando as saias de seu vestido. Foi a mulher sensual e segura que se pavoneava até este sofá. Aqui, aqui estava a menina de vinte e dois, sozinha em uma cidade estrangeira, presa aos caprichos de seus filhos reais.

— Espero... — disse ela, olhando para Nesryn. Vergonha. Era vergonha e culpa agora pesando em seus ombros. — Espero que você nunca aprenda a jogar esse tipo de jogo.

Nesryn permanecia em profunda conversa com Sartaq, não mostrando sinais de angústia, de saber... de saber o que aconteceu aqui.

Ele era um bastardo. Um bastardo amaldiçoado pelos deuses.

— Eu a verei amanhã — foi tudo o que ele poderia pensar em dizer a Yrene. Mas ele deixou escapar quando ela se afastou: — Deixe-me arrumar-lhe uma escolta.

Porque Kashin estava observando-os do outro lado da sala, uma criada no colo correndo a mão através do seu cabelo. E ali estava... ah, havia uma violência fria no rosto de Kashin quando ele notou a atenção de Chaol.

Outros poderiam pensar que o que acabara de acontecer entre ele e Yrene era uma atuação, mas Kashin... O homem não era tão estupidamente fiel quanto os outros pensavam. Não, ele estava bem ciente daqueles ao seu redor. Podia ler os homens. Avaliá-los.

E não foi a excitação que o príncipe percebeu que era genuína. Mas a culpa, Chaol percebeu tarde demais, a culpa que ele e Yrene se permitiram mostrar.

— Eu pedirei a Hasar — disse Yrene, e dirigiu-se para onde a princesa e a amante estavam sentadas em seu sofá, bocas unidas com uma atenção sem complicações aos detalhes.

Ele permaneceu no sofá, monitorando enquanto Yrene se aproximava das mulheres. Hasar piscou com força para ela.

Mas a luxúria tomando o rosto da princesa aclarou-se com o rápido gesto que Yrene deu. Missão cumprida.

Yrene se inclinou e sussurrou na orelha de Hasar enquanto ela beijava suas bochechas em despedida. Chaol leu o movimento de seus

lábios mesmo do outro lado da sala. *Baía da Caveira*.

Hasar sorriu lentamente, depois ergueu os dedos para um guarda à espera. O homem imediatamente caminhou até elas. Ele a observou dar ordens ao homem, observou-a, sem dúvida, ameaçá-lo com a morte e coisa pior se Yrene não voltasse à Torre e segurança.

Yrene apenas deu à princesa um sorriso exasperado antes de despedir-se dela e de Renia e seguir o guarda. Ela olhou para trás quando chegou ao arco.

Mesmo através dos quase trinta metros de mármore polido e pilares altos que os separava, o espaço entre eles ficou tenso.

Como se aquela luz branca que ele tinha visto dentro de si há dois dias fosse uma corda viva. Como se ela tivesse de alguma forma se plantado nele naquela tarde.

Yrene não fez mais do que acenar com a cabeça antes de partir, as saias girando ao redor dela.

Quando Chaol olhou para Nesryn novamente, encontrou sua atenção sobre ele. Encontrou seu rosto em branco – tão cuidadosamente em branco – enquanto ela lhe dava um pequeno aceno com o que ele assumira. Compreensão. A partida terminara por esta noite. Ela estava esperando para ouvir a pontuação final.

A fumaça ainda estava agarrada às narinas de Chaol, ao cabelo, ao casaco quando ele e Nesryn entraram em sua suíte uma hora depois. Ele juntou-se a ela e a Sartaq e observou outros entrarem em suas câmaras próprias ou de outra pessoa. Sim, Dorian certamente teria amado esta corte.

Sartaq escoltou-os para o quarto deles e desejou-lhes um boa-noite um pouco rígido. Mais restrito do que suas palavras e sorrisos anteriores. Chaol não o culpava. Havia provavelmente olhos em todos os lugares.

Mesmo que os do próprio príncipe estivessem presos em Nesryn enquanto se despediam de Sartaq, e ela e Chaol entravam na suíte.

A suíte estava principalmente escura, exceto por uma lanterna de vidro colorida que Kadja tinha deixado queimando na mesa do vestíbulo.

As portas do seu quarto surgiam como bocas da caverna.

A pausa na sala escura continuou por um longo tempo.

Nesryn silenciosamente caminhou em direção ao seu quarto.

Chaol agarrou sua mão antes que ela pudesse ir.

Lentamente, ela olhou por cima do ombro, o cabelo escuro balançando como a seda da meia-noite.

Mesmo na penumbra, ele sabia que Nesryn lia o que estava em seus olhos. Sua pele apertou em torno de seus ossos, seu coração uma batida trovejante, mas ele esperou.

Ela disse finalmente:

— Acho que sou necessária em outro lugar que esse palácio no momento.

Ele manteve seu aperto em sua mão:

— Não devemos discutir isso aqui na sala.

A garganta de Nesryn tremeu, mas ela assentiu uma vez. Ela se moveu para empurrar a cadeira, mas ele se moveu antes dela, dirigindo-se para o quarto dele. Deixando-a segui-lo. Deixando-a fechar a porta atrás deles.

O luar entrava pelas janelas do jardim, derramando sobre a cama. Kadja não acendera as velas, antecipando o uso deste cômodo após a festa para outros fins do que dormir, ou que ele poderia não voltar. Mas no escuro, no zumbido das cigarras nas árvores de jardim...

— Eu preciso de você aqui. — disse Chaol.

— Precisa? — Uma pergunta sincera.

Ele deu a Nesryn o respeito de considerar sua pergunta.

— Eu... Nós deveríamos fazer isso juntos. Tudo isso.

Ela balançou a cabeça, passando a mão pelo cabelo curto.

— Caminhos mudam. Você sabe disso tanto quanto qualquer um.

Ele sabia. Ele realmente sabia. Mas ainda assim...

— Para onde você quer ir?

— Sartaq mencionou que deseja procurar respostas entre seu povo, se os valq vieram antes a esse continente. Eu... Estou tentada a ir com ele, se ele me permitir. Para ver se existem de fato respostas a serem encontradas e, se eu puder convencê-lo, talvez ele vá contra as ordens do pai. Ou ao menos fale em nosso nome.

— Ir com ele para onde, no entanto? Para os montadores de ruk no sul?

— Possivelmente. Ele mencionou na festa que ele vai embora em alguns dias. Mas você e eu temos pouco de tempo. Talvez eu possa melhorar nossas chances com o príncipe, encontrar informações de valor entre os rukhin. Se um dos agentes de Erawan estiver em Antica... Confio na guarda do khagan para proteger este palácio e a Torre, mas você e eu devemos reunir as forças que pudermos antes que Erawan possa enviar mais contra nós. — Ela fez uma pausa. — E você... você está fazendo um bom progresso. Eu não interferiria com isso.

As palavras não pronúncias corriam abaixo de sua oferta.

Chaol esfregou o rosto. Para ela sair, simplesmente aceitar esta encruzilhada no caminho diante deles...

Ele respirou fundo.

— Aguarde até a manhã antes de decidir qualquer coisa. Nenhum bem vem de escolhas feitas tarde da noite.

Nesryn ficou em silêncio, e ele passou para o colchão antes de remover o casaco e as botas.

— Você se senta comigo? Conte-me sobre sua família – sobre a celebração de hoje com eles. — Ele tinha apenas recebido o menor dos detalhes, e talvez fosse culpa que agora o alimentava, mas...

Seus olhos se encontraram no escuro, o canto de um rouxinol atravessando as portas fechadas. Ele poderia ter jurado ver um brilho compreensivo em seu rosto, depois concordância, uma pedra caindo em uma piscina.

Nesryn aproximou-se da cama em passos silenciosos, desabotoando a jaqueta e arremessando-a sobre uma cadeira, arrancando as botas. Ela subiu no colchão, um travesseiro suspirando enquanto se inclinava contra ele.

Eu vi, ele poderia jurar ler em seus olhos. *Eu sei*.

Mas Nesryn falou sobre a cerimônia do cais, como seus quatro primos tinham jogado coroas de flores no mar e depois correram e gritaram para as gaivotas que os rodearam para roubar os bolos de amendoim de suas mãos. Ela contou-lhe sobre seu tio, Brahim, e sua tia, Zahida, e sua bela casa, com seus vários pátios e flores em profusão e divisórias de madeira trançada.

Com cada olhar, aquelas palavras não ditas ainda ecoavam. *Eu sei. Eu sei.*

Chaol deixou Nesryn falar, ouviu até que sua voz o embalou para o sno, porque ele também sabia.

Capítulo 22

Yrene debateu não aparecer no dia seguinte.

O que aconteceu no sofá na última noite...

Ela voltou para seu quarto superaquecida e frenética, incapaz de se instalar. Descartando o vestido de Hasar e as joias, ela o dobrou perfeitamente na cadeira com as mãos trêmulas. Então empurrou seu baú para a frente da porta, para o caso de o demônio assassino ter captado sua inalação de quantidades ímpias daquela fumaça e pensasse em pegá-la fora de seu juízo.

Porque ela estivera. Totalmente fora de seu juízo. Tudo o que sabia era o calor e o cheiro e tamanho reconfortante dele – o arranhar de seus calos contra sua pele e como ela queria senti-los em outro lugar. Como continuou olhando sua boca e era tudo o que podia fazer para não traçá-la com seus dedos. Com seus lábios.

Ela odiava essas festas. A fumaça que fazia qualquer um abandonar todo tipo de senso comum. Inibições. Precisamente por que a nobreza e os ricos adoraram usá-la, mas...

Yrene tinha andado de um lado para o outro no seu quarto da torre, passando as mãos pelo rosto até borrar os cosméticos que Hasar tinha aplicado pessoalmente.

Ela lavou seu rosto três vezes. Deslizou em sua camisola mais leve e depois se jogou e se revirou na cama. O tecido grudava e irritava sua pele suada e ardente.

Contando as horas, os minutos, até que o aperto da fumaça diminuísse. Fosse eliminada.

Não se foi facilmente. E foi só durante as horas mais silenciosas e negras da noite que Yrene deu importância às suas próprias mãos.

Uma dose mais forte do que a habitual foi permitida esta noite. Ele se arrastou por toda parte, dedos correndo ao longo de sua pele. E o rosto que convocou, as mãos que ela imaginava tocarem sua pele.

A libertação a deixou insatisfeita.

Alvorecer chegou, e Yrene franziu o cenho para seu reflexo abatido no espelho de prata acima do lavatório.

A influência do opiáceo desapareceu com as poucas horas de sono que conseguiu roubar, mas... Algo torceu em sua barriga.

Ela lavou e vestiu, e embalou o vestido e as joias de Hasar em uma bolsa. Era melhor acabar logo com isso. Ela devolveria as roupas e as joias da princesa depois. Hasar estivera presunçosa como um gato de Bastet com a informação que Yrene lhe dera, a mentira com que Chaol alimentara a mão da princesa.

Ela pensara em não lhe dizer, mas mesmo antes da fumaça, antes daquela loucura... Quando ele ofereceu sentar-se com ela para evitar recusar Kashin, depois de um dia vagando pela cidade com facilidade, ela tinha decidido. Confiar nele. E então perdeu sua mente inteiramente.

Yrene mal podia olhar os guardas, os criados, os vizires e a nobreza no rosto quando entrou no palácio e abriu caminho para os aposentos de Lorde Westfall. Não havia dúvida de que a tinham espiado no sofá com ele. Alguns não – embora pudessem ter ouvido sobre.

Ela nunca mostrara esse comportamento no palácio. Ela deveria contar a Hafiza. Deixar a Alta Curandeira ouvir sobre seu descaramento antes que chegasse à Torre por outros lábios. Não que Hafiza a repreendesse, mas... Yrene não conseguiu escapar da sensação de que precisava se confessar. Corrigir algo. Ela manteria a conversa breve na sessão de hoje. Tão breve quanto pudesse, quando perdesse toda sensação de tempo e lugar naquele inferno escuro e furioso a lesão. Profissionalmente.

Yrene entrou na suíte, dizendo a Kadja:

— Gengibre, açafrão e limão — antes de caminhar até o quarto de Chaol.

Kadja parecia inclinada a objetar, mas Yrene a ignorou e abriu a porta do quarto.

Yrene parou tão rápido que quase tropeçou.

Foram o lençol e os travesseiros amarfanhados que ela notou primeiro. Então o peito nu dele, seus quadris mal cobertos por uma faixa de seda branca.

Então uma cabeça escura, com a face voltada para o travesseiro ao lado dele. Ainda dormindo. Exausta.

Os olhos de Chaol se abriram instantaneamente, e Yrene soltou um baixo:

— Oh.

Choque – e outra coisa queimava em seu olhar, e a boca dele se abriu.

Nesryn se agitou ao lado dele, cenho franzindo, a camisa amassada.

Chaol agarrou partes do lençol, os músculos de seu peito e abdômen se contraindo quando ele se apoiava em seus cotovelos...

Yrene simplesmente saiu.

Ela esperou no sofá dourado na sala de estar, o joelho saltando enquanto observava o jardim, as flores apenas começando a abrir-se ao longo dos pilares do lado de fora das portas de vidro. Mesmo com a fonte borbulhante, não bloqueou os sons de Nesryn murmurando enquanto acordava – então o barulho de pés suaves indo de um quarto para o outro, seguido pelo fechamento de sua porta.

Um momento depois, as rodas gemeram, e lá estava ele. Vestindo camisa e calça. Cabelo ainda desgrenhado. Até parecia que ele passara a mão nele. Ou Nesryn. Repetidamente.

Yrene envolveu os braços em torno de si mesma, a sala de alguma forma tão grande. O espaço entre eles muito aberto. Ela deveria ter tomado café da manhã. Deveria ter feito algo para evitar essa leveza. Este poço oco no estômago.

— Eu não percebi que você estaria aqui tão cedo — ele falou suavemente. Ela poderia jurar que culpa tomava seu tom.

— Você disse que eu poderia vir ao amanhecer — ela respondeu com igual intensidade, mas odiava a nota de acusação em sua voz e rapidamente acrescentou: — Eu deveria ter avisado.

— Não. Eu...

— Posso voltar mais tarde — disse ela, levantando-se. — Deixá-lo tomar o café da manhã.

Juntos. Sozinho.

— Não — ele disse bruscamente, parando sua aproximação de seu sofá habitual. — Agora está bom.

Ela não podia olhar para ele. Não podia encontrar seus olhos. Ou explicar por quê.

— Yrene.

Ela ignorou o comando em seu nome e foi até a mesa, sentando-se atrás dela, grata pela mesa de madeira esculpida entre eles. Pela estabilidade sob a palma de sua mão quando ela abriu sua bolsa de onde deixara na borda e começou a desembalar as coisas com uma precisão cuidadosa. Frascos de óleos. Diários.

Livros – os que tirou da biblioteca. *A Canção do Princípio*. Juntamente com aqueles pergaminhos antigos e preciosos. Ela não conseguiu pensar em um lugar mais seguro para eles além dali. Além dele.

— Eu posso fazer um tônico — Yrene falou calmamente. — Para ela. Se tal coisa for necessária. Não desejado, quero dizer.

Uma criança, ela não conseguiu dizer. Como o bebê gordo a quem ela o espiou sorrindo tão amplamente ontem. Como se fosse uma benção, uma alegria que um dia desejaria...

— E posso fazer um diário para você — ela acrescentou, cada palavra tropeçando fora de sua boca.

— Ela já tem um — disse ele. — Desde que tinha quatorze anos.

Provavelmente desde que começou a sangrar. Para uma mulher em uma cidade como Forte da Fenda, era sábio. Especialmente se ela planejava se divertir também.

— Bom — tudo que Yrene poderia pensar para dizer, ainda empilhando seus livros. — Inteligente.

Ele se aproximou da mesa até que seus joelhos alcançaram a outra extremidade.

— Yrene.

Ela tirou um livro depois do outro.

— Por favor.

A palavra fez com que ela levantasse o olhar. Encontrasse seu olhar – o solo aquecido pelo sol de seus olhos.

E foi a formação dessas duas palavras que ela viu misturando em seu olhar – *Me desculpe*.

E ela disparou da mesa de novo. Percorreu a sala. Abriu as portas do jardim.

Não havia nada para se desculpar. Nada. Eles eram amantes, e ela...

Yrene permaneceu nas portas do jardim até a porta do quarto de Nesryn se abrir e fechar. Até que ela ouviu Nesryn colocar a cabeça para a sala de estar, murmurar uma despedida para Chaol e sair.

Yrene tentou se forçar a olhar por sobre o ombro para a capitã Faliq, oferecer um sorriso educado, mas fingiu não ouvir a breve despedida. Fingia estar muito ocupada examinando as flores púrpuras pálidas se abrindo à luz solar da manhã.

Ela recuou contra o vazio. Ela não se sentira tão pequena, tão... insignificante por um longo, longo tempo.

Você é a aparente herdeira de Hafiza, a Alta Curandeira. Você não é nada para este homem e ele não é nada para você. Mantenha o curso. Lembre-se de Charco Lavrado – sua casa. Lembre-se dos que estão lá – dos que precisam de sua ajuda.

Lembre-se de tudo o que prometeu fazer.

Sua mão deslizou para o bolso, segurando o bilhete ali dentro.

O mundo precisa de mais curandeiros.

— Não é o que você pensa — disse Chaol atrás dela.

Yrene fechou os olhos por um batimento cardíaco.

Lute – lute por sua vida miserável, inútil e desperdiçada.

Ela virou, forçando um sorriso educado em seu rosto.

— É uma coisa natural. Uma coisa saudável. Fico feliz por você estar se sentindo... a altura da tarefa.

Da ira que ondulou em seus olhos, o aperto de sua mandíbula, Chaol talvez não sentisse.

O mundo precisa de mais curandeiros. O mundo precisa de mais curandeiros. O mundo precisa de mais curandeiros.

Terminar com ele, curá-lo, e ela poderia deixar Hafiza, sair da Torre, com a cabeça erguida. Ela poderia voltar para casa, para guerra e derramamento de sangue, e cumprir sua promessa. Fazer o bem com o presente de liberdade daquela estranha na noite em Innish.

— Podemos começar?

Eles fariam aqui na sala hoje. Porque a perspectiva de se sentar naquela cama amarrotada que provavelmente ainda cheirava a eles...

Havia um aperto em sua garganta, sua voz, que ela não podia deixar tremer, não importava quantas respirações tomasse.

Chaol a estudou. Pesando seu tom. Suas palavras. Sua expressão.

Ele viu, ouviu. Esse aperto, essa fragilidade.

Eu não esperava nada, ela queria dizer. Eu... eu não sou nada.

Por favor, não pergunte. Por favor, não force. Por favor.

Chaol também pareceu ler isso. Ele disse calmamente:

— Não a levei para a cama.

Ela se absteve de mencionar que a evidência parecia se empilhar contra ele.

— Conversamos longamente na noite passada e nós dormimos — Chaol prosseguiu. — Nada aconteceu.

Yrene ignorou a maneira como seu peito se esvaziou e preencheu com as palavras. Não confiava em si mesma para falar à medida que as informações eram processadas.

Como se sentisse sua necessidade de respirar, Chaol começou a se virar para o sofá, mas a atenção dele se voltou para os livros que ela empilhara sobre a mesa. Para os pergaminhos.

A cor sumiu de seu rosto.

— O que é isso? — ele rosnou.

Yrene caminhou até a mesa, pegando o pergaminho e desenrolando-o cuidadosamente para exibir os estranhos símbolos.

— Nousha, a bibliotecária-chefe, achou isso para mim naquela noite, quando pedi informações sobre... o que o feriu. Com toda a agitação, eu esqueci. Foi arquivado perto dos livros de Eyllwe, então eu os guardei, apenas para o caso. Acho que é antigo. Pelo menos oitocentos anos. — Ela estava balbuciando, mas não conseguia parar, grata por qualquer assunto, menos por aquele que ele estava tão perto de falar. — Acho que eles são runas, mas não vi nenhuma como essas. Nem Nousha conhece.

— Não são runas — disse Chaol com a voz rouca. — São marcas de Wyrđ.

E pelo o que ele havia contado, Yrene sabia que havia muito mais. Muito mais que ele não havia divulgado.

Ela acariciou a capa escura de *A Canção do Princípio*.

— Este livro... Ele mencionou um portão. E chaves. E três reis para empunhá-las.

Ela não tinha certeza de que ele estava respirando. Então, Chaol disse, voz baixa:

— Você leu isso. Nesse livro.

Yrene abriu as páginas, mostrando a ilustração das três figuras diante daquele portão do outro mundo.

Aproximando, ela manteve o livro aberto para ele ver.

— Eu não consegui ler muito disso, está em uma forma antiga de Eyllwe, mas... — ela virou para a outra ilustração, do jovem infestado por esse poder sombrio no altar. — É isso... é o que eles realmente fazem?

Suas mãos baixaram nos lados de sua cadeira enquanto olhava fixamente e encarava o painel com o jovem de olhos frios e escuros.

— Sim.

A palavra guardava mais dor e medo do que ela esperava.

Ela abriu a boca, mas ele cortou um olhar de advertência para ela, dominando-se.

— Esconda-os, Yrene. Oculte tudo isso. Agora.

Seu coração trovejou em seu peito, seus membros, mas ela pegou os livros. Os pergaminhos. Ele observou as portas, as janelas, enquanto ela os colocava debaixo de almofadas e dentro de alguns vasos maiores.

Mas o pergaminho... era muito precioso. Muito antigo para tratar assim. Mesmo colocar algo por cima poderia prejudicar a integridade do papel, a tinta. Ele a notou olhando impotente, o pergaminho nas mãos.

— Minhas botas, se você puder, Yrene — ele disse de forma casual.

— Tenho um segundo par que prefiro usar hoje.

Certo. Certo.

Yrene correu da sala de estar para o quarto dele, estremeando ao ver os lençóis na cama, o que ela teria tão estupidamente assumido e parecia um engano tão imenso.

Ela entrou no pequeno reservado, viu suas botas e deslizou o pergaminho pelo cano de uma. Então pegou o par e empurrou-o em uma gaveta, cobrindo-o com uma pilha de toalhas de linho.

Ela voltou a entrar na sala de estar um momento depois.

— Eu não consegui encontrá-las. Talvez Kadja as tenha mandado para limpeza.

— Tanto faz — ele disse de forma casual, suas próprias botas agora removidas. Junto com sua camisa.

Seu coração ainda batia furiosamente enquanto ele se transferia para o sofá dourado, mas não se deitava.

— Você sabe como ler? — ela perguntou, ajoelhando-se diante dele e tomando o pé nu nas mãos. *As marcas de Wyrd?*

— Não. — Seus dedos dos pés se moveram quando ela começou rotações cuidadosas do tornozelo. — Mas conheço alguém que faz isso para mim quando é importante. — Palavras cuidadosas e veladas para quem poderia estar ouvindo.

Yrene passou a exercitar as pernas, esticando e dobrando, os movimentos repetidos enquanto ele movia os dedos dos pés o máximo que podia.

— Eu deveria mostrar-lhe a biblioteca em algum momento — ela ofereceu. — Você pode encontrar algo que surpreenda seu leitor para ler para você.

— Vocês tem muitos textos igualmente interessantes?

Ela baixou a perna esquerda e começou com a outra.

— Eu poderia perguntar, Nousha sabe tudo.

— Quando terminarmos. Depois do seu descanso. Faz um tempo desde que peguei um livro que... me intrigasse.

— Seria minha honra escoltá-lo, meu lorde.

Ele fez uma careta ao título formal, mas Yrene trabalhou na perna, passando pelos mesmos movimentos, antes de pedir que ele se deitasse no sofá. Eles trabalharam em silêncio enquanto ela girava os quadris, instando-o a tentar movê-los sozinho, enquanto curvava e estendia a maior parte de sua perna como podia.

Depois de um momento, ela falou sua voz mal audível:

— Você só fala sobre Erawan. — Os olhos dele brilharam em aviso ao nome. — Mas e Orcus e Mantyx?

— Quem?

Yrene começou outro conjunto de exercícios em suas pernas e quadris e costas.

— Os outros dois reis. Eles são nomeados nesse livro.

Chaol parou de mexer os dedos dos pés; ela o lembrou disso. O ar dele sumiu quando ele retomou:

— Eles foram derrotados na primeira guerra. Enviados de volta ao seu reino ou mortos, não consigo me lembrar.

Yrene considerou enquanto abaixava a perna para o sofá, cutucando-o para virar-se de barriga para baixo.

— Tenho certeza de que você e seus companheiros são adeptos de toda essa coisa de salvar o mundo — refletiu ela, ganhando um resmungo dele — mas eu me certificaria de saber com certeza. Qual das duas opções.

Ela tomou um lugar no pequeno pedaço de almofada do sofá dourado que seu corpo não cobriu.

Chaol girou a cabeça na direção dela, os músculos nas costas torcendo.

— Por quê?

— Porque se eles foram simplesmente banidos de seu reino, quem diz que ainda não estão esperando para voltar ao nosso mundo?

Capítulo 23

Os olhos de Chaol ficaram vagos quando a pergunta de Yrene perdurou entre eles, a cor novamente fugindo de seu rosto.

— Merda — ele murmurou. — *Merda*.

— Você não pode lembrar o que aconteceu com os outros dois reis?

— Não, não, eu assumi que eles foram destruídos, mas... por que há menção deles aqui, de todos os lugares?

Ela balançou a cabeça.

— Podemos procurar, pesquisar mais sobre isso.

Um músculo endureceu em sua mandíbula, e ele soltou um longo suspiro.

— Pesquisaremos.

Ele esticou uma mão em direção a ela em demanda silenciosa. Para o mordedor de couro, ela percebeu.

Yrene estudou o queixo e a bochecha de novo, a raiva e o medo. Não era um bom estado para começar uma sessão de cura. Então, ela tentou:

— Quem te deu essa cicatriz?

Pergunta errada.

Suas costas se endureceram, seus dedos cravaram no travesseiro sob o queixo:

— Alguém que merecia me dar.

Não uma resposta.

— O que aconteceu?

Ele apenas estendeu a mão novamente esperando pelo couro.

— Eu não vou dar a você — ela disse, seu rosto uma máscara imobilizante enquanto ele olhava com fúria. — E não começarei esta sessão com raiva.

— Quando eu estiver com raiva, Yrene, você saberá.

Ela revirou os olhos.

— Me diga o que está errado.

— O que há de errado é que eu mal posso mover meus dedos dos pés e talvez eu não tenha um rei valg para enfrentar, mas três. Se falharmos, se não conseguirmos... — Ele se parou antes que ele pudesse expressar o resto. O plano que Yrene sem dúvida sabia ser tão secreto que ele praticamente não ousava pensar sobre isso. — Eles destroem tudo - e todos - que encontram — terminou Chaol, olhando o braço do sofá.

— Eles lhe deram essa cicatriz? — Ela apertou os dedos em um punho para não tocá-la.

— Não.

Mas ela se inclinou para frente, em vez disso passando um dedo por uma pequena cicatriz mal escondida por seus cabelos.

— E isto? Quem te deu isso?

Seu rosto ficou duro e distante. Mas a raiva, a energia impaciente e frenética... acalmou-se. Era frio e distante, mas centrou-o. Seja qual fosse a velha raiva, isso o estabilizou novamente.

— Meu pai me deu essa cicatriz — disse Chaol calmamente. — Quando eu era um menino.

O horror a atravessou, mas era uma resposta. Uma admissão.

Ela não pressionou mais. Não exigiu mais. Não, Yrene disse:

— Quando eu entrar na ferida... — A garganta tremeu enquanto estudava as costas. — Vou tentar encontrá-lo novamente. Se aquilo estiver esperando por mim, talvez eu encontre outra maneira de chegar até você. — Ela considerou. — E talvez tenhamos que encontrar algum outro plano de ataque do que uma emboscada. Mas veremos, suponho.

E mesmo que o canto de sua boca repuxasse no que ele sabia que era um sorriso reconfortante de curandeira, ela sabia que ele notou a aceleração de sua respiração.

— Tenha cuidado — foi tudo o que ele falou.

Yrene apenas ofereceu-lhe o mordedor afinal, levando-lhe aos lábios.

Sua boca roçou os dedos quando ela deslizou entre os dentes.

Por alguns batimentos cardíacos, ele examinou o rosto dela.

— Você está pronto? — ela murmurou à perspectiva de enfrentar aquela escuridão insidiosa novamente.

Ele ergueu a mão para apertar-lhe os dedos em resposta silenciosa. Mas Yrene tirou os dedos dele, deixando o seu próprio para cair de volta às almofadas.

Ele ainda a estudava, vendo a maneira como ela respirou fundo, enquanto colocava a mão sobre a marca nas suas costas.

Nevava no dia em que ele disse ao pai que deveria deixar Anielle. Que abdicaria de seu título como herdeiro e se juntaria à guarda do castelo em Forte da Fenda.

Seu pai o atirou para fora.

Atirou-o pela escada da frente da fortaleza.

Ele abriu a têmpora na pedra cinzenta, os dentes rasgando o lábio. Sua mãe suplicando, gritos que surgiam da rocha enquanto ele deslizava ao longo do gelo ao atingir o chão. Ele não sentiu a dor na cabeça. Apenas a dureza afiada do gelo contra suas palmas nuas, cortando suas calças e rasgando os joelhos.

Havia apenas a súplica de sua mãe, e o grito do vento que nunca parava, mesmo no verão, ao redor do topo da montanha que guardava o Lago Prata.

Esse vento agora o rasgava, puxando seus cabelos – mais longo do que ele mantinha desde então. Atirava flocos de neve em seu rosto do céu cinza acima. Os lançava para a sombria cidade abaixo que fluía para os bancos do lago, alastrando-se e curvando-se em torno de suas margens. Para o oeste, para as grandes quedas. Ou o fantasma delas. A barragem há muito tempo as silenciara, juntamente com o rio que fluía diretamente das montanhas Caninos Brancos, que terminava em sua porta.

Estava sempre frio em Anielle. Mesmo no verão. Sempre frio nesta montanha construída na encosta curva.

— Patético — seu pai cuspiu, e nenhum dos guardas de pedra ousava ajudá-lo a se levantar.

Sua cabeça girava e girava, latejando. O sangue quente escorreu e congelou pelo rosto.

— Encontre seu próprio caminho para Forte da Fenda, então.

— Por favor — sua mãe sussurrou. — Por favor.

A última coisa que Chaol viu dela foi o braço de seu pai segurando-a acima do cotovelo e arrastando-a para dentro. A madeira e pedra pintadas. Seu rosto pálido e angustiado, seus olhos – os olhos dele – revestidos de prata como o lago brilhante muito abaixo. Seus pais passaram por uma pequena sombra à espreita na porta aberta em sua própria vigília.

Terrin.

Seu irmão mais novo deu um passo em direção a ele. Arriscar naqueles degraus perigosamente congelados e ajudá-lo.

Uma palavra afiada e barrada de seu pai dentro da escuridão do corredor interrompeu Terrin.

Chaol limpou o sangue da boca e silenciosamente balançou a cabeça para o irmão. E era terror – terror não diluído – no rosto de Terrin quando Chaol se levantou. Se ele sabia que o título acabava de passar para ele...

Ele não podia suportar. Aquele medo no rosto redondo e jovem de Terrin.

Então, Chaol virou-se, apertando o queixo contra a dor no joelho, já inchado e rígido. Sangue e o gelo se fundiram, escorrendo de suas palmas. Ele conseguiu se mexer. Descer as escadas.

Um dos guardas lá embaixo entregou-lhe o manto de lã cinza. Uma espada e uma faca. Outro deu-lhe um cavalo selado. Um terceiro deu-lhe um pacote de suprimentos que incluía comida e uma tenda, bandagens e uma pomada.

Eles não disseram uma palavra. Não o pararam mais do que o necessário. Ele não conhecia seus nomes. E soube, anos e anos depois, que seu pai assistia de uma das três torres de guarda. Tinha visto. Seu próprio pai contou a Chaol anos depois o que aconteceu com aqueles três homens que o ajudaram.

Eles foram mandados embora. No meio do inverno. Banidos para as Caninos Brancos com suas famílias. Três famílias enviadas para a selva. Apenas dois ainda foram vistos no verão.

Prova. Tinha sido uma prova, ele percebeu depois de se convencer a não matar seu pai. Prova que o reino dele estava cheio de corrupção, com homens maus punindo pessoas boas por uma decência comum. Prova que ele tinha razão para deixar Anielle.

Para ficar com Dorian – para manter Dorian seguro. Para proteger, proteger a promessa de um futuro melhor.

Ele ainda enviou um mensageiro, o mais discreto, para encontrar as famílias que foram deixadas. Ele não se importava por quanto anos

tivessem passado. Enviou o homem com ouro. O mensageiro nunca os encontrou, e voltou para Forte da Fenda, com o ouro intacto, meses depois.

Ele havia escolhido, e isso custou a eles. Ele escolheu e enfrentaria as consequências.

Um corpo em uma cama. Uma adaga colocada acima de seu coração. Uma cabeça rolando sobre a pedra. Um colar em volta de um pescoço. Uma espada afundando no Avery. A dor em seu corpo era secundária.

Inútil. Sem utilidade. Qualquer um que ele tentou ajudar... ficou pior.

O corpo na cama... Nehemia.

Ela havia perdido a vida. E talvez ela própria tivesse orquestrado, mas... Ele não disse a Celaena – Aelin – para ficar alerta. Não havia avisado os guardas de Nehemia sobre a atenção do rei. Ele podia muito bem tê-la matado. Aelin poderia tê-lo perdoado, aceitado que ele não era o culpado, mas ele sabia. Podia ter feito mais. Sido melhor. Visto melhor.

E quando Nehemia morreu, aqueles escravos se levantaram em desafio. Um grito de união quando a Luz de Eyllwe foi extinta. O rei também os extinguiu. Calaculla. Endovier. Mulheres e homens e crianças.

E quando ele agiu, quando ele escolheu o seu lado...

Sangue e pedra negra e magia gritando.

Você sabia, você sabia, você sabia

Você nunca será meu amigo, meu amigo, meu amigo

A escuridão forçou por sua garganta, sufocando-o, estrangulando-o. Ele deixou.

Sentiu-se abrir os maxilares para deixá-la ir mais longe.

Pegue, ele disse a escuridão.

Sim, ronronou para ele. *Sim*.

Mostrou-lhe Morath em seus horrores incomparáveis; mostrou-lhe aquele calabouço embaixo do castelo de vidro, onde os rostos que ele conhecia pediram misericórdia que nunca viria; mostrou-lhe as jovens mãos douradas que tinham aplicado essas agonias, como se tivessem ficado lado a lado para fazê-lo...

Ele sabia. Adivinhava quem foi forçado a torturar seus homens, a matá-los. Ambos sabiam.

Ele sentiu a escuridão inchar, preparando-se para atacar. Para fazê-lo realmente gritar.

Mas então ela se foi.

Campos dourados esticados sob um céu azul sem nuvens. Pequenos riachos brilhantes através dele, ondulando ao redor do carvalho ocasional. Se afastando do verde emaranhado e iminente de Carvalhal. A floresta à sua direita.

Atrás dele, uma cabana de telhado de palha, suas pedras cinzentas cobertas de líquen verde e laranja. Um poço antigo, assentado a poucos metros de distância, um balde equilibrando-se precariamente na borda de pedra. Além dele, anexado à casa em si, um pequeno cercado com galinhas errantes, gordas e focadas na sujeira diante delas.

E depois delas...

Um jardim.

Não é um arranjo formal, belo. Mas um jardim atrás de uma parede de pedra baixa, seu portão de madeira aberto.

Duas figuras estavam agachadas entre as fileiras cuidadosamente planejadas de verde. Ele se dirigiu para elas.

Ele a conhecia pelo cabelo dourado, muito mais leve no sol de verão. Sua pele escurecera num maravilhoso moreno profundo e seus olhos...

Era um rosto de criança, iluminado de alegria, que olhava para a mulher ajoelhada na sujeira, apontando para uma planta verde pálida com cones finos e roxos de flores balançando na brisa quente. A mulher perguntou:

— E aquela?

— Sálvia — a criança, não mais de nove, respondeu.

— E o que ela faz?

A menina sorriu, o queixo subindo enquanto ela recitava:

— É boa para melhorar a memória, o estado de alerta, o humor. Além disso, auxilia com fertilidade, digestão e, em uma pomada, pode ajudar a deixar a pele dormente.

— Excelente.

O sorriso largo da menina revelou três dentes faltando.

A mulher – sua mãe – pegou o rosto redondo da menina nas mãos. Sua pele era mais escura que a da filha, o cabelo mais grosso, mais flexível. Mas seus traços... eram os traços da mulher que a menina teria um dia. As sardas que ela herdaria. O nariz e a boca.

— Você estudou, minha sábia filha.

A mulher beijou sua filha na testa suada. Ele sentiu o beijo – o amor nele – mesmo como um fantasma no portão. Pois era o amor que cobria a totalidade do mundo aqui, dourado. Amor e alegria. Felicidade.

O tipo que ele não conhecia de sua própria família. Ou de qualquer outra pessoa.

A menina tinha sido amada. Profundamente. Incondicionalmente.

Esta era uma lembrança feliz – uma de poucas.

— E qual é aquele arbusto, lá no muro? — perguntou a mulher à menina.

Sua testa franziu em concentração.

— Groselha?

— Sim. E o que fazemos com groselhas?

A menina apoiou as mãos nos quadris, o vestido simples soprando na brisa seca e quente.

— Nós... — Ela bateu no pé com impaciência, buscando em sua própria mente por não se lembrar. A mesma irritação que ele tinha visto fora da casa da velha em Antica.

Sua mãe se levantou atrás dela, varrendo a menina em seus braços e beijando sua bochecha:

— Fazemos torta de groselha.

O grito de prazer da menina ecoou através do matagal cor de âmbar e córregos claros, até mesmo emaranhados, no antigo coração de Carvalhal. Talvez mesmo até os próprios Caninos Brancos, e a cidade fria aninhada aos seus pés.

Ele abriu os olhos.

E encontrou o seu pé pressionando as almofadas do sofá. Sentiu a seda e o bordado que faziam cócegas no arco nu do pé. Os dedos dos pés.

Ele sentiu.

Ele se ergueu, sem encontrar Yrene ao seu lado.

Em nenhum lugar por perto.

Ele deu engasgo a seus pés. Abaixo do tornozelo... Ele se moveu e girou o pé. *Sentiu* os músculos.

Palavras estancaram em sua garganta. Seu coração trovejou.

— Yrene — ele chamou, procurando por ela.

Ela não estava na sala, mas...

A luz do sol em marrom e dourado chamou sua atenção. No jardim.

Ela estava sentada lá fora. Sozinha. Silenciosamente.

Ele não se importava de estar meio vestido. Chaol passou para a cadeira, maravilhando-se com a sensação dos suportes lisos da madeira

sob seus pés. Ele poderia jurar que mesmo suas pernas... um formigamento fantasma.

Ele se dirigiu para o jardim pequeno e quadrado, sem fôlego e de olhos arregalados. Ela consertara outra fração, outra...

Ela se instalara em uma pequena cadeira ornamentada diante da piscina circular de meditação, a cabeça apoiada pelo punho.

No começo, ele pensou que ela estivesse dormindo ao sol.

Mas ele se aproximou e percebeu o brilho da luz em seu rosto. Na umidade presente ali. Não sangue, mas lágrimas.

Estremecendo silenciosamente, sem querer, enquanto olhava para aquela piscina de meditação, os lírios cor de rosa e as folhas cor de esmeralda cobrindo a maior parte.

Ela parecia não vê-lo ali. Não o ouvia.

— Yrene.

Outra lágrima rolou pelo rosto dela, pingando no pálido vestido roxo. E mais outra.

— Você está ferida? — disse Chaol com voz rouca, sua cadeira crucificando sobre o cascalho branco pálido do jardim.

— Eu tinha esquecido — ela sussurrou, os lábios tremendo quando ela fitou e fitou a piscina sem desviar o olhar. — Como ela se parecia. O cheiro. Eu tinha esquecido sua voz.

O peito dele apertou quando o rosto dela enrugou. Ele levou sua cadeira ao lado dela, mas não a tocou.

— Fazemos juramentos, para nunca tirar uma vida — Yrene falou calmamente. — Ela quebrou esse juramento no dia em que os soldados vieram. Escondeu uma adaga no vestido. Ela viu o soldado me agarrar, e ela... ela saltou sobre ele.

Ela fechou os olhos.

— Ela o matou. Para me comprar tempo para correr. E eu o fiz. Eu a deixei. Corri, e a deixei, e assisti... eu assisti da floresta enquanto eles começavam aquele fogo. E eu podia ouvi-la gritar e gritar.

Seu corpo tremia.

— Ela era boa — murmurou Yrene. — Ela era boa e gentil e me amava. — Ela ainda não tinha limpado suas lágrimas. — E eles a levaram para longe.

O homem que ele serviu... *ele* a levaria.

— Onde você foi depois disso? — Chaol perguntou suavemente.

Seu tremor diminuiu. Ela enxugou o nariz.

— Minha mãe tinha um primo no norte de Charco Lavrado. Eu corri para lá. Demorou duas semanas, mas consegui.

Com onze anos. Charco Lavrado estava no meio da conquista, e ela tinha conseguido – *com onze anos*.

— Eles tinham uma fazenda, e eu trabalhei lá por seis anos. Preferi ser normal. Mantive minha cabeça baixa. Curava com ervas quando não provocava suspeitas. Mas não foi o suficiente. Havia... Havia um buraco. Em mim. Eu estava inacabada.

— Então você veio para cá?

— Eu fui embora. Queria vir para cá. Eu atravesssei Charco Lavrado. Através de Carvalhal. Então, sobre... sobre montanhas... — Sua voz diminuiu para um sussurro. — Me levou seis meses, mas eu consegui, cheguei no porto de Innish.

Ele nunca tinha ouvido falar de Innish. Provavelmente ficava em Melisande, se ela tivesse atravessado. Ela atravessou montanhas.

Esta delicada mulher ao lado dele... Ela atravessou montanhas para estar aqui. Sozinha.

— Fiquei sem dinheiro para cruzar o mar. Então eu fiquei. Encontrei trabalho.

Ele evitou o desejo de olhar para a cicatriz em sua garganta. Perguntar que tipo de trabalho.

— A maioria das meninas estava nas ruas. Innish era... não era um bom lugar. Mas encontrei uma pousada pelas docas e o proprietário me contratou. Trabalhei como garçõnete e criada e... fiquei. Eu queria trabalhar apenas por um mês, mas fiquei por um ano. Deixei que pegasse meu dinheiro, minhas gorjetas. Aumentasse meu aluguel. Colocou-me em um quarto abaixo das escadas. Eu não tinha dinheiro para cruzar, e pensei... pensei que teria que pagar minha educação aqui. Eu não queria vir sem fundos para a taxa de matrícula, então... fiquei.

Ele estudou as mãos, agora apertando-as firmemente no colo. Imaginou-a com um balde e com trapos e pratos sujos. Imaginou-as em feridas e doloridas. Imaginou a pousada imunda e seus habitantes, o que eles devem ter visto e cobiçado quando a viram.

— Como conseguiu chegar aqui?

A boca de Yrene se apertou, suas lágrimas desaparecendo. Ela soltou uma respiração.

— É uma longa história.

— Eu tenho tempo para ouvir.

Mas ela balançou a cabeça novamente e, finalmente, olhou para ele. Havia uma... clareza em seu rosto. Naqueles olhos.

E sua voz não falhou enquanto dizia:

— Eu sei quem te deu essa ferida.

Chaol ficou completamente imóvel.

O homem que tirou a mãe que tão profundamente amava; o homem que a enviou fugindo do mundo.

Ele conseguiu assentir.

— O antigo rei — Yrene respirou, estudando a piscina novamente. — Ele estava... ele também estava possuído?

As palavras eram quase um sussurro, mal audíveis até para ele.

— Sim — ele conseguiu dizer. — Por décadas. Eu... desculpe por não ter contado. Nós consideramos a informação... sensível.

— Para o que isso possa significar sobre a adequação do seu novo rei.

— Sim, e abre a porta para perguntas que são melhores se permanecerem esquecidas.

Yrene esfregou o peito, seu rosto assombrado.

— Não é de se admirar que minha magia retroceda assim.

— Me desculpe — ele disse novamente. Era tudo o que ele podia pensar em oferecer.

Aqueles olhos se deslizaram para ele, qualquer névoa que os nublava sumindo.

— Isso me dá mais motivos para lutar. Para limpar a última mancha dele – *disso* para sempre. Dessa vez, estava esperando por mim. Rindo de mim novamente. Eu consegui chegar até você, mas a escuridão ao seu redor era muito espessa. Tinha feito um... escudo. Eu podia vê-lo – tudo o que lhe mostrava. Suas memórias e as dele. — Ela esfregou o rosto. — Eu soube então. Quem foi que o feriu. E vi o que estava fazendo com você, e tudo em que pude pensar para parar e dar um basta... — Ela apertou os lábios, como se eles pudessem começar a tremer de novo.

— Um pouco de bondade — ele terminou por ela. — Uma memória de luz e de bondade. — Ele não tinha as palavras para agradecer por isso, pelo que deve ter sido oferecer a memória dessa mãe contra o demônio que a havia destruído.

Yrene pareceu ler seus pensamentos e disse:

— Fico feliz que tenha sido uma lembrança dela que derrotou a escuridão de volta um pouco mais.

Sua garganta apertou, e ele engoliu em seco.

— Eu vi sua memória — disse Yrene calmamente. — O homem. Seu pai.

— Ele é um bastardo do melhor calibre.

— Não foi culpa sua. Nada daquilo.

Ele se absteve de comentar o contrário.

— Você teve sorte de não ter quebrado seu crânio — disse ela, examinando sua testa. A cicatriz apenas mal visível, coberta por seus cabelos.

— Tenho certeza de que meu pai considera isso de outra forma.

A escuridão piscou nos olhos dela.

— Você merece coisa melhor — Yrene disse apenas.

As palavras atingiram algo dolorido – algo que ele havia trancado e não examinava há muito tempo, muito tempo.

— Obrigado — ele conseguiu dizer.

Ficaram em silêncio por longos minutos.

— Que horas são? — Ele perguntou depois de um tempo.

— Três — disse ela.

Chaol parou.

Mas os olhos de Yrene foram direto para as suas pernas. Para os pés dele. Como eles se moveram com ele.

A boca dela se abriu silenciosamente.

— Outro progresso — disse ele.

Ela sorriu, subjugada, mas... verdadeiramente. Não como o que ela colocou no rosto horas e horas atrás. Quando ela entrou em seu quarto e encontrou-o lá com Nesryn, e ele sentiu o mundo deslizando balançando pela expressão no rosto dela. E quando ela se recusou a encontrar seu olhar, quando envolveu seus braços em torno de si mesma...

Ele desejou conseguir andar. Então ela poderia vê-lo rastejar de joelhos na direção dela.

Ele não sabia por quê. Por que se sentia como o mais baixo na escala de baixeza. Por que mal conseguiu olhar para Nesryn. Embora soubesse que Nesryn era observadora demais para não estar ciente. Tinha sido o acordo não dito entre eles na noite anterior – silêncio sobre o assunto. E essa razão por si só...

Yrene tocou em seu pé nu.

— Você sente isso?

Chaol enrolou os dedos dos pés.

— Sim.

Ela franziu a testa.

— Estou empurrando suavemente ou com força?

Ela abaixou o dedo.

— Com força — ele grunhiu.

Seu dedo subiu e desceu novamente.

— E agora?

— Suavemente.

Ela repetiu o teste no outro pé. Tocou cada um dos dedos dos pés.

— Eu acho — ela observou — que empurrei aquilo para baixo em algum lugar no meio de suas costas. A marca ainda é a mesma, mas parece que... — Ela balançou a cabeça. — Não consigo explicar.

— Você não precisa.

Tinha sido a alegria dela – a alegria não diluída daquela lembrança – que o fez ganhar aquele movimento, o que ela compartilhou, deu, para afastar a mancha do ferimento.

— Estou morrendo de fome — disse Chaol, cutucando-a com um cotovelo. — Você vai comer comigo?

E para sua surpresa, ela disse que sim.

Capítulo 24

Nesryn sabia.

Ela sabia que não tinha sido um mero interesse que levara Chaol a pedir-lhe que conversasse com ele ontem à noite, mas culpa.

Ela estava bem com isso, disse a si mesma. Não substituiu nem uma, mas duas das mulheres na vida dele. Uma terceira... Ela estava bem com isso, repetiu para si quando voltou para as ruas de Antica – nenhum sussurro de valg para ser encontrado – e entrou no palácio.

Nesryn se preparou enquanto olhava para o palácio, não estava pronta para voltar para a suíte, para aguardar o calor brutal da tarde.

Uma figura maciça em cima de um minarete chamou sua atenção, e ela sorriu severamente.

Ela estava sem fôlego quando alcançou o ninho, mas misericordiosamente, Kadara era a única presente para testemunhar isso.

A ruk clicou seu bico em saudação para Nesryn e voltou a rasgar o que parecia ser uma peça inteira de carne bovina. Com costelas e tudo.

— Ouvi dizer que você estava vindo para cá — Sartaq falou das escadas atrás dela.

Nesryn girou.

— Eu... como?

O príncipe deu a ela um sorriso de quem sabia e entrou. Kadara ergueu suas penas com excitação e voltou a sua refeição, como se estivesse ansiosa para terminar e ir para o céu.

— Este palácio está transbordando de espiões. Alguns deles são meus. Há alguma coisa que deseje?

Ele a examinou - vendo o rosto que os tios se queixaram no dia anterior que parecia cansado. Acabado. Infeliz. Eles a encheram de comida, então insistiram que ela levasse seus quatro filhos de volta as docas para selecionar peixe para a refeição da noite, depois empurraram-lhe mais comida pela garganta antes de retornar para o palácio, para a festa. *Ainda magra, Zahida falou. Seus olhos estão pesados.*

— Eu... — Nesryn examinou a vista além, a cidade brilhando no calor da tarde. — Eu só queria um pouco de paz.

— Então eu a deixarei em paz — disse Sartaq, e virou-se para o arco aberto na escada.

— Não — ela explodiu, aproximando-se dele. Ela parou a mão dela, deixando-a cair imediatamente assim que estava para tocar sua jaqueta de couro. Ninguém segurava um príncipe. Ninguém. — Eu não quis dizer que você devia sair. Eu... não me importo com a sua presença. — Ela acrescentou rapidamente: — Sua Alteza.

A boca de Sartaq se curvou:

— Está um pouco atrasada para usar meu título extravagante, não é?

Ela lançou-lhe um olhar suplicante. Mas ela quis dizer o que ela disse.

Na noite passada, conversar com ele na festa, mesmo falar com ele no beco perto da Torre algumas noites antes disso... Ela não se sentia calada, desinteressada ou estranha. Não se sentia fria ou distante. Ele

fizera uma honra em dar-lhe essa atenção e, ao acompanhar ela e Chaol de volta aos seus quartos. Ela não era uma companhia para conversas inteligentes – silenciosa como podia, gostava de estar em torno dos outros. Mas às vezes...

— Ontem passei a maior parte do dia com minha família. Eles podem ser... cansativos. Exigentes.

— Sei como você se sente — disse o príncipe com cuidado.

Um sorriso repuxou os lábios dela.

— Suponho que saiba.

— Vocês os ama, no entanto.

— E você não? — Uma pergunta ousada e impetuosa.

Sartaq deu de ombros.

— Kadara é minha família. Os rukhin, eles são minha família. Meus irmãos, no entanto... é difícil nos amarmos, quando um dia nos enfrentaremos. O amor não pode existir sem confiança.

Ele sorriu para a ruk.

— Eu confio em Kadara com minha vida. Eu morreria por ela, e ela por mim. Posso dizer o mesmo dos meus irmãos? Meus próprios pais?

— É uma pena — admitiu Nesryn.

— Pelo menos eu a tenho — disse ele sobre a ruk. — E meus cavaleiros. Tenho compaixão de meus irmãos, que não têm nenhuma dessas bênçãos.

Ele era um bom homem. O príncipe... era um bom homem.

Ela caminhou para os arcos abertos com vista para a queda mortal para a cidade, muito abaixo.

— Partirei em breve para as montanhas do rukhin — disse Sartaq suavemente. — Para buscar as respostas que você e eu discutimos a outra noite na cidade.

Nesryn olhou por cima do ombro para ele, tentando reunir as palavras certas.

Seu rosto permaneceu neutro, mesmo quando ele acrescentou:

— Tenho certeza de que sua família querará minha cabeça para oferecer, mas... gostaria de me acompanhar?

Sim, ela queria responder. Mas se forçou a perguntar:

— Por quanto tempo?

Pois o tempo não estava do seu lado. E buscar respostas enquanto tantas ameaças se juntavam...

— Algumas semanas. Não mais do que três. Eu gosto de manter os cavaleiros na linha, e se eu me ausentar por muito tempo, eles puxam a coleira. Então, a viagem servirá para dois propósitos, suponho.

— Eu... eu precisaria discutir. Com Lorde Westfall. — Ela prometeu-lhe tanto na noite passada. Que eles teriam que considerar esse caminho, pesando armadilhas e benefícios. Eles ainda eram um time nesse sentido, ainda assim servindo sob a mesma bandeira.

Sartaq assentiu solenemente, como se pudesse ler tudo em seu rosto.

— É claro. Embora eu vá embora em breve.

Ela então ouviu – o grunhido dos criados subindo as escadas da escada. Trazendo suprimentos.

— Você vai *agora* — esclareceu Nesryn ao notar a lança inclinada contra a parede mais próxima das prateleiras. Seu *sulde*. A crina de cabelos castanhos amarrada sob a lâmina flutuava no vento soprando através do minarete, o muro da madeira escura polido e suave.

Os olhos de ônix de Sartaq pareciam escurecer-se ainda mais enquanto caminhava para o *sulde*, pesando a bandeira espiritual em suas mãos antes de segurá-lo ao seu lado o cabo de madeira no chão de pedra.

— Eu... — era a primeira que ela o viu tropeçar nas palavras.

— Você não ia se despedir?

Ela não tinha o direito de fazer tais demandas, esperar tais coisas, aliados hesitantes ou não.

Mas Sartaq inclinou o *sulde* contra a parede novamente e começou a prender seus cabelos pretos.

— Após a festa da última noite, pensei que você estaria... ocupada.

Com Chaol. Suas sobrancelhas se ergueram.

— O dia todo?

O príncipe deu-lhe um sorriso maroto, terminando sua longa trança e pegando sua lança mais uma vez.

— Eu certamente levaria o dia todo.

Com a misericórdia de algum deus, Nesryn foi salva de responder pelos criados que apareceram, ofegantes e vermelhos pelo pacotes que carregavam entre eles. Armas brilharam de alguns deles, juntamente com alimentos e cobertores.

— Quão longe fica?

— Algumas horas antes do anoitecer, o dia todo amanhã, depois outro meio dia de viagem para chegar ao primeiro dos ninhos nas Montanhas Tavan — disse Sartaq enquanto entregava seu *sulde* a um criado que passava, e Kadara pacientemente permitiu que a carregassem com vários pacotes.

— Você não voa à noite?

— Eu me canso. Kadara não. Cavaleiros tolos fizeram esse erro – e caíram nas nuvens de seus sonhos.

Ela mordeu o lábio.

— Quando você parte?

— Em uma hora.

Uma hora para pensar...

Ela não contou a Chaol. Que viu seus dedos dos pés se moverem na noite anterior. Ela os viu enrolar e flexionar no seu sono.

Ela chorou, lágrimas silenciosas de alegria deslizando no travesseiro. Ela não tinha dito a ele. E quando ele acordou...

Vamos ter uma aventura, Nesryn Faliq, ele prometeu-lhe em Forte da Fenda. Ela também chorara.

Mas talvez... talvez nenhum deles tivesse visto. O caminho à frente. As suas ramificações. Ela podia ver claramente um caminho.

Honra e lealdade, ainda intactos. Mesmo que isso o abalasse. A sufocasse. E ela... ela não queria ser um prêmio de consolação. Por piedade ou ser uma distração.

Mas esse outro caminho, o caminho que havia aparecido, se ramificando pelas pastagens, selvas, rios e montanhas... Esse caminho para respostas que poderiam ajudá-los, pode significar nada, poderia mudar o curso desta guerra, sendo carregados nas asas douradas de um ruk...

Ela teria uma aventura. Por si mesma. Esta única vez. Ela veria sua terra natal, sentiria o cheiro dela e respiraria. Veria de cima, correria tão rápido quanto o vento.

Ela se devia tanto. E também devia a Chaol.

Talvez ela e este príncipe de olhos escuros pudessem encontrar algum pedaço de salvação contra Morath. E talvez ela pudesse trazer um exército de volta consigo.

Sartaq ainda olhava, seu rosto cuidadosamente neutro quando o último dos criados fez uma reverência e desapareceu.

Seu *sulde* fora preso logo abaixo da sela, um lugar de fácil acesso caso se o príncipe precisasse, seus fios avermelhados balançando ao vento. Sendo puxado para o sul. Para aquela terra distante e selvagem das Montanhas Tavan. Acenando, como fizeram todas as bandeiras espirituais, em direção a um horizonte desconhecido. Acenando para reivindicar o que esperava lá.

— Sim. — Nesryn disse calmamente.

O príncipe pestanejou.

— Eu irei com você — ela esclareceu.

Um pequeno sorriso re puxou sua boca.

— Bom. — Sartaq empurrou o queixo para o arco através do qual os criados desapareceram no minarete. — Leve uma bolsa pequena, porém, Kadara já está perto de seu limite.

Nesryn balançou a cabeça, observando o arco e a aljava com as setas já em cima de Kadara.

— Eu não tenho nada para levar comigo.

Sartaq a observou por um longo momento.

— Certamente você gostaria de dizer adeus...

— Não tenho nada — ela repetiu. Os olhos dele cintilaram nisso, mas ela acrescentou: — Eu... deixarei um recado.

O príncipe assentiu solenemente.

— Eu posso vesti-la com roupas quando chegamos. Há papel e tinta no armário da parede mais distante. Deixe a carta na caixa próxima à escada, e um dos mensageiros virá para verificar ao anoitecer.

Suas mãos tremiam levemente enquanto ela obedecia. Não por medo, mas... liberdade.

Ela escreveu dois bilhetes. O primeiro, para seus tios, estava cheio de amor e advertência e bons desejos. O segundo... foi rápido e direto ao ponto:

Eu fui com Sartaq para ver o rukhin. Estarei longe por três semanas. Não aceitei promessas suas. E não aceitarei promessas a não ser as minhas.

Nesryn guardou os dois bilhetes na caixa, sem dúvida verificada muitas vezes por mensagens vinda dos céus, e vestiu os couros que havia usado na última vez que voou.

Ela encontrou Sartaq em cima de Kadara, esperando por ela.

O príncipe estendeu uma mão em silêncio para ajudá-la a subir na sela.

Ela não hesitou quando pegou sua mão, seus dedos fortes envolvendo os dela e permitindo que ele a puxasse para a sela diante dele.

Ele passou as correias em volta deles e verificou-as três vezes. Mas segurou Kadara quando fez o movimento de saltar do minarete.

— Eu estava rezando para o Céu Eterno e todos os trinta e seis deuses que você dissesse sim — Sartaq sussurrou na orelha de Nesryn.

Ela sorriu, mesmo que ele não conseguisse ver.

— Eu também — Nesryn murmurou, e eles pularam nos céus.

Capítulo 25

Yrene e Chaol apressaram-se para a biblioteca da Torre imediatamente após o almoço. Chaol montou seu cavalo com facilidade relativa, Shen dando-lhe um toque entusiasmado nas costas em aprovação. Alguma pequena parte de Yrene quis comemorar quando percebeu que Chaol encontrou os olhos do homem para oferecer um sorriso firme de agradecimento.

E quando passaram por aquelas paredes brancas, à medida que a massiva Torre se elevava acima deles e o cheiro de limão e lavanda enchiam o nariz de Yrene... alguma parte dela se aliviou em sua presença. Da mesma maneira como tinha feito desde o primeiro momento em que ela viu a torre elevando-se acima da cidade enquanto seu navio finalmente se aproximava da costa, como se fosse um braço pálido erguido para o céu em saudação.

Como se estivesse proclamando-lhe *Bem vinda, filha. Nós estamos esperando por você.*

A biblioteca da Torre ficava localizada nos níveis mais baixos, a maioria dos seus salões com rampas graças aos carrinhos que os bibliotecários costumavam usar para transportar livros e coletar

quaisquer tomos que acólitos descuidados houvessem esquecido de devolver.

Havia algumas escadas onde Yrene tinha sido forçada a apertar os dentes e descê-lo.

Ele a encarou nesses momentos. E quando ela perguntou o porquê, ele respondeu que era a primeira vez que ela tocava sua cadeira. O empurrava.

Ela supôs que fosse verdade. Mas lhe avisara para não se acostumar com isso, e deixou-o impulsionar-se através dos corredores iluminados da Torre.

Algumas das garotas da sua aula de defesa os encontraram e pararam para cumprimentar o lorde, que as presenteara com um sorriso torto que as deixava rindo enquanto se afastavam. A própria Yrene sorriu para elas quando pararam, balançando a cabeça.

Ou talvez o bom humor fosse do fato de que todo o pé, abaixo do tornozelo, estava recobrando sentido e movimento. Ela o forçou a suportar outro conjunto de exercícios antes de irem até ali, deitando-o no tapete enquanto ela o ajudava a mover o pé ao redor, esticando-o, girando-o. Todos projetados para fazer com que o sangue fluísse, para despertar mais suas pernas.

O progresso foi suficiente para manter Yrene sorridente até chegarem à mesa de Nousha, onde a bibliotecária empurrava alguns tomos em sua pesada bolsa de couro. Embalando-os para o dia.

Yrene olhou para a campainha que havia tocado apenas algumas noites atrás, mas recusou-se a empalidecer. Chaol trouxera uma espada e uma adaga, e ela ficara hipnotizada enquanto o assistia usá-las com tanta eficiência.

Ele dificilmente precisava olhar, seus dedos guiados por pura memória muscular. Ela podia imaginar tudo. De manhã e de noite, ele afivelava e desafivelava o cinto da espada.

Yrene inclinou-se sobre a mesa e falou com Nousha, que avaliava Chaol ao mesmo tempo em que a atendia.

— Eu gostaria de ver onde você encontrou aqueles textos de Eyllwe. E os pergaminhos.

As sobranceiras brancas de Nousha franziram.

— Isso trará problemas? — Seu olhar deslizou para a espada que Chaol tinha posicionado em seu colo para evitar que se chocasse contra as rodas da cadeira.

— Não se eu puder impedir — disse Yrene calmamente.

Atrás deles, deitado em uma poltrona na grande área de estar diante da lareira, um gato de Bastet branco como neve estava meio adormecido, sua longa cauda se movendo como um pêndulo enquanto cobria a borda da almofada.

Sem dúvida, ouvindo todas as palavras, pronto para relatar a suas irmãs.

Nousha suspirou com força da forma que Yrene testemunhara centena de vezes, mas fez um gesto para o corredor principal. Ele rosou um chamado em halha para um bibliotecário próximo para cuidar da mesa e liderou o caminho.

Enquanto seguiam, o gato de Bastet branco abriu um olho verde. Yrene se certificou de dar-lhe um aceno respeitador de cabeça. O gato simplesmente voltou a dormir, satisfeito.

Por longos minutos, Yrene viu Chaol observar as lanternas coloridas, as paredes de pedra quente e prateleiras infinitas.

— Isto aqui deixaria a biblioteca real de Forte da Fenda no chinelo — ele observou.

— Ela é grande assim?

— Sim, mas esta deve ser maior. Mais antiga, definitivamente. — Seus olhos dançavam com sombras, partes de memória que ela se perguntou se vislumbraria na próxima vez que trabalhasse nele.

A sessão de hoje... A deixara no chão.

Mas o sal de suas lágrimas servira para limpar. De certa forma, ela não sabia que precisava disso.

Para baixo e para baixo eles foram, seguindo a rampa principal que percorria os andares. Eles passaram por bibliotecários colocando livros em prateleiras, acólitos em estudo solitário ou em grupo ao redor das mesas, curandeiros que examinavam tomos mofados em salas sem portas, um ocasional gato de Bastet esparramado sobre o topo das prateleiras, ou nas sombras, ou simplesmente sentado em uma encruzilhada – como se estivesse esperando.

Ainda assim, eles foram mais fundo.

— Como você sabia que ficam aqui? — perguntou Yrene às costas de Nousha.

— Nós mantemos bons registros — disse a bibliotecária-chefe.

Chaol lançou a Yrene um olhar que dizia, *Também temos bibliotecários irritáveis em Forte da Fenda.*

Yrene mordeu o lábio para não sorrir. Nousha poderia cheirar a risada e divertir-se como um cão de caça farejando a presa. E cortá-la tão maleficamente quanto.

Finalmente, chegaram a um corredor escuro que cheirava a pedra e pó.

— Segunda prateleira a partir de baixo. Não arruinem nada — disse Nousha, como explicação e adeus, e deixou-os sem olhar para trás.

As sobranceiras de Chaol se elevaram, e Yrene tentou segurar sua risada.

Parou de ser um esforço quando se aproximaram da prateleira que a bibliotecária havia indicado. Pilhas de pergaminhos escondidos sob os livros cujas lombadas brilhavam com a língua de Eyllwe.

Chaol soltou um assobio baixo através dos dentes:

— Quantos anos tem a Torre, exatamente?

— Mil e quinhentos anos.

Ele ficou quieto.

— Esta biblioteca está aqui há muito tempo?

Ela assentiu.

— Foi toda construída de uma só vez. Um presente de uma antiga rainha para a curandeira que salvou a vida de seu filho. Um lugar para a curandeira estudar e viver, perto do palácio, e convidar outros para estudar também.

— Então é anterior ao khaganato por um bom tempo.

— Os khagans são os últimos em uma longa linha de conquistadores desde então. Os mais benevolentes desde aquela primeira rainha, com certeza. Mesmo o próprio palácio não sobreviveu tão bem quanto a Torre. O que você vê agora... Eles o construíram sobre os escombros do castelo da rainha. Depois de os conquistadores que vieram uma geração antes do khaganato o destruírem até as bases.

Ele praguejou, baixa e criativamente.

— Curandeiros — disse Yrene, examinando as prateleiras — estão em alta demanda, seja você o governante atual ou o invasor. Todos os outros postos... talvez sejam desnecessárias. Mas uma torre cheia de mulheres que podem mantê-lo vivo, mesmo se você estiver pendurado por um fio...

— Mais valiosa que o ouro.

— O que deixa a questão de por que o último rei de Adarlan... — Ela quase disse *seu* rei, mas a palavra soava estranhamente em sua cabeça agora. — Por que ele sentiu a necessidade de destruir aqueles de nós com o dom em seu próprio continente.

Por que a coisa dentro dele sentiu a necessidade, foi o que ela não disse.

Chaol não encontrou seus olhos. E não por vergonha. Ele sabia de alguma coisa. Algo mais.

— O quê? — ela perguntou.

Ele examinou as pilhas escuras e depois prestou atenção para ouvir se havia alguém por perto.

— Ele foi de fato... tomado. Invadido.

Tinha sido um choque perceber qual o poder das trevas contra o que ela lutava em sua lesão. Um choque, e ainda um grito de renovação para sua magia. Como se alguma névoa tivesse sido limpa, algum véu de medo e tudo o que fora deixado embaixo fosse sua raiva e tristeza cega, inalterável, quando ela pulou sobre as trevas. Mas... o rei na verdade estivera possuído, então. Todo esse tempo.

Chaol tirou um livro da prateleira e o abriu, sem ler as páginas. Ela tinha certeza, ele não sabia como ler Eyllwe.

— Ele sabia o que estava acontecendo. O homem dentro dele lutou o melhor que pôde. Ele sabia que aquela raça... — os valg — achavam pessoas com *dons*... atraentes. — Possuidores de magia. — Sabia que eles queriam conquistar os talentosos. Pelo seu poder.

Infestá-los, como o rei fora. Como a ilustração que *A Canção do Princípio* retratava. O intestino de Yrene revirou.

— Então, o homem manteve controle suficiente para dar a ordem de que os mágicos deveriam ser executados, em vez de usados contra ele. Contra nós.

Transformados em hospedeiros para aqueles demônios e tornados armas.

Yrene se inclinou contra a prateleira atrás deles, uma mão indo para a garganta. Seu pulso batia sob seus dedos.

— Era uma escolha pela qual ele se odiava. Mas viu como uma decisão necessária a se tomar. Juntamente com uma maneira de certificar-se de que os que estavam no controle não pudessem usar magia. Ou encontrar aqueles que a podiam usar. Não sem conhecê-los anteriormente. Ou através daqueles dispostos a vendê-los por dinheiro, aos homens que ele ordenou para caçá-los.

O desaparecimento da magia não tinha sido natural.

— Ele... ele encontrou uma maneira de banir...?

Um aceno nítido.

— É uma longa história, mas ele a interrompeu. Obstruiu. Para evitar que esses conquistadores tivessem os hospedeiros que queriam. E depois caçaram o resto deles para garantir que seus números fossem menores ainda.

O rei de Adarlan suspendera a magia, matara seus portadores, enviara suas forças para executar sua mãe e inúmeros outros... não apenas por ódio e ignorância cega, mas como uma maneira distorcida de tentar *salvar* sua raça?

Seu coração trovejou dentro de seu corpo.

— Mas curandeiros, nós não temos poder para usar em batalha. Nada além do que você vê de mim.

Chaol estava completamente imóvel enquanto a encarava.

— Eu acho que vocês podem ter algo que eles querem muito.

O pelo ao longo dos braços arrepiou-se.

— Ou querem evitar que vocês saibam demais sobre algo.

Ela engoliu em seco, sentindo o sangue fugir de seu rosto.

— Como sua lesão.

Um aceno de cabeça.

Ela respirou instavelmente, indo para a pilha diante dela. Os pergaminhos.

Os dedos dele roçaram os dela.

— Eu não deixarei que nenhum mal aconteça a você.

Yrene sentiu-o esperando que ela lhe dissesse o contrário. Mas ela acreditava nele.

— E o que eu mostrei antes? — Ela perguntou, inclinando a cabeça para os pergaminhos. As marcas de Wyrđ, ele as chamara.

— Parte do mesmo. Um tipo de poder anterior e diferente. Fora da magia.

E ele tinha um amigo que podia lê-las. Usá-las.

— É melhor que sejamos rápidos — disse ela, ainda tomando cuidado com potenciais ouvintes. — Tenho certeza de que o livro que preciso para o fungo em seus dedos dos pés está aqui em algum lugar, e estou ficando com fome.

Chaol lançou-lhe um olhar incrédulo. Ela ofereceu-lhe um estremeamento de desculpas em troca.

Mas risada dançou em seus olhos quando começou a puxar livros para o colo.

O rosto e as orelhas de Nesryn estavam entorpecidos com o frio quando Kadara pousou em um afloramento rochoso no topo de uma pequena serra de pedra cinzenta. Seus membros não estavam melhores,

apesar dos couros, e estavam doloridos o suficiente para que ela estremecesse enquanto Sartaq a ajudava a descer.

O príncipe fez uma careta.

— Esqueci que você não está acostumada a viar por tanto tempo.

Não era a rigidez que realmente a incomodava, mas a bexiga – apertando as pernas, Nesryn examinou o acampamento que a ruk considerava adequado para o seu mestre.

Era protegido em três lados por pedregulhos e pilares de rocha cinzenta, com uma ampla construção contra os elementos, mas não havia possibilidade de se ocultar. E perguntar a um príncipe como cuidar de suas necessidades...

Sartaq simplesmente apontou para um conjunto de pedras:

— Há privacidade por ali, se você precisar.

Com o rosto aquecendo, Nesryn assentiu, não conseguiu olhá-lo nos olhos quando foi apressadamente para onde ele tinha indicado, deslizando entre dois pedregulhos para encontrar outro pequeno afloramento que abria para uma inesperada queda, para as pedras implacáveis e um córrego muito, muito abaixo. Ela escolheu uma pequena rocha afastada do vento e não perdeu tempo ao desabotoar suas calças.

Quando emergiu novamente, ainda dolorida, Sartaq havia removido a maioria dos pacotes de Kadara, mas deixara sua sela. Nesryn aproximou-se do poderoso pássaro, que a observava atentamente, levantando a mão em direção à primeira fivela.

— Não — disse Sartaq calmamente de onde colocava o último dos pacotes debaixo da saliência, seu *sulde* escondido contra a parede atrás deles. — Nós deixamos as selas enquanto viajamos.

Nesryn baixou a mão, examinando o poderoso pássaro.

— Por quê?

Sartaq tirou dois sacos de dormir e esticou-os contra a parede rochosa, reivindicando um para si mesmo.

— Se formos emboscados, se houver algum perigo, precisamos poder fugir para os céus.

Nesryn examinou a cordilheira circundante, o céu manchado de rosa e laranja do sol se pondo. As Montanhas Assimil – uma pequena e solitária cadeia, se sua lembrança da terra lhe vinha corretamente. Ainda longe, longe ao norte das Montanhas Tavan do rukhin. Eles não passaram por uma aldeia ou algum sinal de civilização em excesso em uma hora entre esses picos desolados: deslizamentos de terra,

inundações instantâneas... Ela supôs que havia perigos em grande quantidade.

Supôs que os únicos que poderiam alcançá-los aqui eram outros ruks. Ou serpentes aladas.

Sartaq tirou latas de carnes curadas e frutas, juntamente com dois pequenos pães.

— Você as viu, as montarias de Morath? — Sua pergunta foi quase levada pelo uivo do vento além da parede de rochas. Como ele sabia para onde sua mente havia se desviado, ela não conseguia adivinhar.

Kadara instalara-se perto de uma das três faces, dobrando as asas com firmeza. Eles pararam uma vez mais cedo – para permitir que Kadara se alimentasse e para que eles atendessem suas necessidades – então a ruk não precisaria procurar jantar nessas montanhas estéreis. Ela ainda estava cheia, Kadara agora parecia estar satisfeita em adormecer.

— Sim. — admitiu Nesryn, puxando livre a alça de couro do fim de sua trança curta e penteando os cabelos. Nós prenderam seus dedos ainda frios enquanto os desembaraçava, grata porque a tarefa a impediu de estremecer à memória das bruxas e suas montarias. — Kadara provavelmente tem dois terços, ou metade do tamanho de uma serpente alada. Talvez. Ela é grande ou pequena para uma ruk?

— Pensei que você tivesse ouvido todas as histórias sobre mim.

Nesryn bufou, sacudindo os cabelos uma última vez enquanto se aproximava do saco de dormir e da comida que ele deixara para ela.

— Você sabe que o chamam de príncipe alado?

Um fantasma de sorriso.

— Sim.

— Gosta do título? — Ela se acomodou no saco de dormir, cruzando as pernas por baixo dela.

Sartaq passou para ela a lata de frutas, acenando para que ela comesse. Ela não se incomodou em esperá-lo, as uvas estavam frias graças às horas no vendo forte.

— Se eu gosto do título? — Ele meditou, pegando um pão e passando para ela. Ela aceitou com um aceno de cabeça de agradecimento. — É estranho, suponho. Se tornar uma história enquanto ainda está vivo. — Um olhar de soslaio para ela enquanto ele puxava um pedaço de seu pão. — Você mesma está cercada por algumas lendas vivas. Como eles se sentem sobre isso?

— Aelin certamente aproveita. — Ela nunca conheceu outra pessoa com tantos nomes e títulos, e que gostava de se exhibir tanto. — Os

outros... não suponho que eu os conheça bem o suficiente para saber. Embora Aedion Ashryver... ele ganha após Aelin. — Ela colocou outra uva na boca, o cabelo balançando enquanto inclinava para frente para colocar um pouco mais na palma de sua mão. — Eles são primos, mas agem mais como irmãos.

Ele pareceu considerar.

— O Lobo do Norte.

— Você já ouviu falar dele?

Sartaq passou a lata de carnes curadas, deixando-a escolher qual fatia ela queria.

— Eu te disse, capitã Faliq, meus espiões trabalham bem.

Uma linha cuidadosa – trazê-lo para uma aliança em potencial era uma linha cuidadosa para se andar. Pareça muito ansiosa, elogie demais seus companheiros e ela seria transparente, mas não fazer nada... Era contra a sua natureza. Mesmo como uma guarda da cidade, seu dia de folga geralmente começava com ela procurando algo para fazer, seja uma caminhada através de Forte da Fenda ou ajudando seu pai e sua irmã a preparar os produtos do dia seguinte.

Buscadora do Vento, sua mãe uma vez a chamou. *Incapaz de ficar parada, sempre vagando onde o vento a chama. Até onde sua jornada a levará, minha rosa?*

Até onde o vento agora a chamara.

— Então espero que seus espiões tenham lhe dito que Aedion tem uma legião habilidosa — Nesryn disse.

Um aceno de cabeça vago, e ela sabia que Sartaq via todos os planos dela. Mas ele terminou sua parte do pão e perguntou:

— E quais são as histórias que contam sobre você, Nesryn Faliq?

Ela mastigou a carne de porco salgada.

— Ninguém conta histórias sobre mim.

Isso não a incomodava. Fama, notoriedade... Ela valorizava mais outras coisas, supôs.

— Nem mesmo uma história sobre a flecha que salvou a vida de uma metamorfa? O tiro impossível disparado de um telhado?

Ela girou a cabeça em direção a ele. Sartaq apenas bebeu de sua água com um olhar que dizia, *Eu lhe disse, meus espiões trabalham bem.*

— Pensei que Arghun fosse aquele que tratava de informações secretas — disse Nesryn cuidadosamente.

Ele passou o cantil de água doce.

— Arghun é aquele que se orgulha quanto isso. E eu dificilmente chamaria isso de secreto.

Nesryn bebeu alguns goles de água e ergueu uma sobrancelha.

— Mas é?

Sartaq riu.

— Suponho que esteja certa.

As sombras aumentavam mais e mais, o vento aumentou. Ela estudou a rocha ao redor deles, os pacotes.

— Você não arrisca uma fogueira.

Um balançar de sua cabeça, a trança escura balançando.

— Seria como um farol. — Ele franziu a testa para seus couros, os pacotes empilhados ao redor deles. — Eu tenho cobertores pesados em algum lugar por ali.

Eles caíram em silêncio, comendo enquanto o sol desaparecia e as estrelas começavam a piscar acordadas por entre as faixas vibrantes de azul. A própria lua apareceu, banhando o acampamento com bastante luz para eles enxergarem, o príncipe selando as latas e colocando-as de volta nos pacotes.

Através do espaço, Kadara começou a roncar, um sibilo profundo que retumbou através da rocha.

Sartaq riu.

— Sinto muito se isso a mantiver acordada.

Nesryn apenas balançou a cabeça. Compartilhar um acampamento com um ruk, nas montanhas acima do gramado planas abaixo, o Príncipe Alado ao seu lado... Não, sua família não acreditaria.

Observaram as estrelas em silêncio, sem se mexerem para dormir. Um a um, o restante das estrelas emergiu, mais brilhantes e mais claras do que ela tinha visto desde aquelas semanas no navio. Estrelas diferentes, ela percebeu com uma sacudida, daquelas no norte.

Diferentes e, no entanto, essas estrelas haviam queimado por incontáveis séculos acima de seus antepassados, acima de seu pai. Teria sido estranho para ele deixá-las para trás? Ele sentiu falta delas? Ele nunca falou sobre isso, como era mudar para uma terra com estrelas estrangeiras – se havia se sentido à deriva à noite.

— Flecha de Neith — disse Sartaq depois de minutos incontáveis, recostando-se contra a rocha.

Nesryn arrastou o olhar das estrelas para encontrar o rosto dele banhado pela luz da lua, a prata dançando ao longo do puro ônix de sua trança.

Ele descansou os antebraços sobre os joelhos.

— Assim era como meus espiões a chamavam, como a chamei até você chegar. Flecha de Neith. — A Deusa da Arquearia – e da Caça,

originariamente proveniente de um antigo reino do deserto para o oeste, agora envolvido no vasto panteão do khaganato. Um canto da boca dele se elevou. — Então, não se surpreenda se houver agora uma ou duas histórias sobre você já encontrando seu caminho através do mundo.

Nesryn o observou por um longo momento, o vento da montanha uivando se misturando com o ronco de Kadara.

Ela sempre se destacou no tiro com arco, orgulhosa de sua mira incomparável, mas não porque buscava um cobiçado renome. Ela tinha feito isso porque gostava, porque lhe dava uma direção para apontar aquela inclinação, de buscar vento. E ainda...

Sartaq terminou com o restante da comida e fez uma rápida verificação da segurança do acampamento, indo ele mesmo entre os pedregulhos.

Com apenas as estrelas estrangeiras para testemunhar, Nesryn sorriu.

Capítulo 26

Chaol jantou nas cozinhas da Torre, onde uma mulher magra chamada apenas de Cook o encheu com peixe frito, pão crocante, tomates assados com queijo suave, e depois conseguiu convencê-lo a comer uma massa leve e escamosa pingando com mel e encrustada de pistaches.

Yrene se sentou ao lado dele, escondendo seus sorrisos enquanto Cook continuava empilhando mais e mais comida no prato até que ele literalmente *implorou* que ela parasse.

Ele estava cheio o suficiente para que a ideia de mover-se parecesse uma tarefa monumental, e mesmo Yrene tinha implorado para Cook ter piedade deles.

A mulher cedeu, embora tivesse se focado nos ajudantes de sua cozinha, presidindo sobre o serviço da refeição da noite no salão um andar acima com o comando de um general que Chaol encontrou-se estudando.

Ele e Yrene sentaram-se em um silêncio companheiro, observando o caos se desdobrar ao redor deles até o sol ter se posto desde há muito através das amplas janelas além da cozinha.

Ele havia proferido meia menção de ter seu cavalo selado quando Yrene e Cook disseram que ele devia passar a noite e não se preocupar em discutir.

Então ele ficou. Enviou um bilhete ao palácio através de uma curandeira que ia supervisionar um paciente nos aposentos dos criados, dizendo a Nesryn onde estava e para não esperá-lo.

E quando ele e Yrene finalmente conseguiram que seus estômagos sobrecarregados se instalassem, ele a seguiu para um quarto no complexo. A Torre era principalmente composta de escadas, ela disse sem piedade, e lá não havia quartos de qualquer maneira. Mas o complexo adjacente dos médicos – ela gesticulou para o edifício que eles tinham passado, cheio de ângulos e pontas onde a Torre estava redonda – sempre tinha alguns quartos no nível do solo disponíveis para a noite, principalmente para os entes queridos de pacientes doentes.

Ela abriu a porta de um quarto com vista para um pátio do jardim, o espaço pequeno, mas limpo, e claro. Paredes convidativas e quentes do dia. Uma cama estreita contra uma parede, uma cadeira e uma mesa pequena diante da janela. Apenas espaço suficiente para ele manobrar.

— Deixe-me ver novamente — pediu Yrene, apontando para os pés dele.

Chaol levantou a perna com as mãos, esticando-a. Então girou os tornozelos, grunhindo contra o peso considerável de suas pernas.

Ela tirou as botas e as meias quando se ajoelhou diante dele.

— Bom. Precisamos manter assim.

Ele olhou para a sacola cheia de livros e pergaminhos que ela tinha saqueado da biblioteca descartada na porta de entrada. Ele não sabia o que diabos qualquer um deles dizia, mas eles levaram o máximo possível. Se quem ou o que estivera naquela biblioteca tivesse roubado alguns, e se talvez ele não tivesse a chance de voltar por mais... Ele não arriscaria que eles eventualmente retornassem para reivindicar o resto.

Yrene imaginava que o pergaminho que havia escondido em seus aposentos tivesse oitocentos anos. Mas aquela profundidade da biblioteca, considerando-se a idade da Torre...

Ele não disse a ela que achava que poderia ser muito, muito mais antigo. Cheio de informações que talvez não tivessem sobrevivido em suas próprias terras.

— Eu posso encontrar roupas para você — disse Yrene, examinando o pequeno quarto.

— Eu ficarei bem com o que tenho — Chaol respondeu sem olhar para ela. — Eu durmo sem elas.

— Ah.

O silêncio caiu, enquanto ela sem dúvida se lembrava de como o havia encontrado naquela manhã.

Aquela manhã. Foi realmente há apenas algumas horas? Ela tinha que estar exausta.

Yrene gesticulou para a vela queimando na mesa.

— Você precisa de mais luz?

— Estou bem.

— Eu posso trazer um pouco de água.

— Estou bem — ele disse, os cantos de sua boca se torcendo para cima.

Ela apontou para o pote de porcelana no canto.

— Então, pelo menos, deixe-me trazê-lo para o...

— Eu também posso lidar com isso. É tudo sobre mira.

Cor manchava suas bochechas.

— Certo. — Ela mordeu o lábio inferior. — Bem... boa noite, então.

Ele poderia ter jurado que ela estava enrolando. E ele a teria deixado, exceto...

— É tarde — disse ele. — Você deve ir ao seu quarto enquanto as pessoas ainda estão acordadas.

Porque, enquanto Nesryn não havia encontrado nenhum vestígio de valg em Antica, enquanto fazia dias desde aquele ataque na biblioteca da Torre, ele não correria riscos.

— Sim — concordou Yrene, apoiando uma mão no limiar. Ela pegou a maçaneta para fechar a porta atrás dela.

— Yrene.

Ela fez uma pausa, inclinando a cabeça.

Chaol manteve seu olhar fixo, um pequeno sorriso curvando sua boca.

— Obrigado — Ele engoliu em seco. — Por tudo isso.

Ela apenas assentiu e recuou, fechando a porta atrás dela. Mas, ao fazê-lo, pegou um vislumbre da luz que dançava em seus olhos.

Na manhã seguinte, uma mulher de rosto severo chamada Eretia apareceu à sua porta para informá-lo de que Yrene tinha um encontro com Hafiza e o encontraria no palácio no almoço.

Então, Yrene pediu a Eretia que o acompanhasse de volta ao palácio – uma tarefa que Chaol só poderia se perguntar por que ela atribuíra à senhora, que batia o pé enquanto ele pegava suas armas, o saco pesado de livros, e estalava a língua a cada mínimo atraso.

Mas a cavalgada pelas ruas íngremes com Eretia não foi horrível; a mulher era surpreendentemente uma cavaleira experiente que não tolerava nenhuma estripulia de sua montaria. No entanto, não ofereceu pouco mais do que um grunhido de despedida antes de deixá-lo no pátio do palácio.

Os guardas estavam mudando de turno, a troca da manhã atrasada para conversarem entre si.

Ele já reconhecia o suficiente deles para ganhar alguns cumprimentos e conseguir retorná-los enquanto sua cadeira era trazida por uma das mãos estáveis.

Ele não tirou os pés dos estribos e preparou-se para o processo ainda desanimador de desmontar quando passos leves se aproximaram dele. Ele se virou para encontrar Shen se aproximando, uma mão no antebraço...

Chaol piscou. E quando Shen parou diante dele, o guarda tinha puxado a luva sobre a mão.

Ou o que Chaol assumira que fosse sua mão. Porque o que ele vislumbrara debaixo da luva e da manga do uniforme de Shen, indo até

o cotovelo... Era uma obra-prima – o antebraço e a mão de metal.

E só agora que ele vira, vira o suficiente para realmente notar qualquer coisa... ele podia ver as linhas seguindo pelo bíceps de Shen onde o braço de metal estava preso a ele.

Shen notou seu olhar. Observou-o bem quando Chaol hesitou ao braço e o ombro que Shen lhe ofereceu para auxiliá-lo a desmontar.

O guarda disse na própria língua de Chaol:

— Eu o ajudei bem antes de você saber, Lorde Westfall.

Algo como vergonha, talvez algo mais profundo, o atravessou.

Chaol apoiou-se no ombro do homem, o mesmo ombro que abrigava o braço de metal. Encontrou a força abaixo inabalável quando Shen o ajudou a descer para a cadeira que o esperava.

E quando Chaol estava sentado nele, encarando o guarda enquanto outras mãos levavam seu cavalo para longe, Shen explicou:

— Perdi há um ano e meio. Houve um ataque contra a vida do Príncipe Arghun quando ele visitava a propriedade de um vizir, de um bando de desgraçados de um reino descontente. Eu o perdi durante a luta. Yrene trabalhou em mim quando voltei, fui uma de suas primeiras curas consideráveis. Ela conseguiu reparar tanto quanto podia daqui para cima. — Ele apontou para o cotovelo direito, depois subindo até o ombro.

Chaol estudou a mão que era tão realista dentro da luva que ele não percebeu a diferença, salvo por o fato de que não se movia.

— Os curandeiros podem fazer muitas maravilhas — disse Shen — mas fazer crescer os membros através do ar... — uma risada suave. — Está além da habilidade deles, mesmo uma como Yrene.

Chaol não sabia o que dizer. Desculpas seria errado, mas...

Shen sorriu para ele, sem rastro de piedade.

— Levou muito tempo para chegar a este lugar — ele disse um pouco baixinho.

Chaol sabia que não queria dizer o uso qualificado de seu braço artificial.

— Mas saiba que não cheguei aqui sozinho — Shen acrescentou.

A oferta não dita brilhava nos olhos castanhos do guarda. Inquebrável, esse homem diante dele. Não menos de um homem por sua lesão, por encontrar uma nova maneira de se deslocar pelo mundo.

E Shen permanecera como guarda. Como um dos guardas do palácio de maior elite do mundo. Não por qualquer pena dos outros, mas por seu próprio mérito e vontade.

Chaol ainda não conseguia encontrar as palavras certas para transmitir o que o percorria. Shen assentiu como se entendesse isso também.

Foi uma longa viagem de volta à sua suíte. Chaol não prestou atenção nos rostos pelos quais passou, os sons, cheiros e correntes de vento através dos corredores.

Ele voltou para seus aposentos para encontrar seu bilhete para Nesryn pousado na mesa do vestibulo. Não lido.

Foi o suficiente para expulsar qualquer outro pensamento de sua mente.

O coração trovejando, seus dedos tremiam quando ele pegou seu bilhete não lido e não visto.

Mas então ele viu o papel abaixo. O seu nome escrito na caligrafia dela.

Ele abriu, lendo as poucas linhas.

Ele leu duas vezes. Três.

Deixou-o sobre a mesa e olhou para a porta aberta do quarto. Silêncio vinha de lá.

Ele era um bastardo.

Ele a arrastara para cá. Quase a matou em Forte da Fenda tantas vezes, implicou tanto sobre os dois, e ainda...

Ele não se deixou terminar o pensamento. Ele deveria ter sido melhor. Deveria tê-la tratado melhor. Não era de se admirar que ela tivesse viajado para a ninhada de ruks para ajudar Sartaq a encontrar qualquer tipo de informação sobre a história valg nesta terra – por eles mesmos.

Merda. *Merda.*

Ela poderia não ter aceitado as suas promessas, mas *ele*... Ele as manteve pelos dois.

E havia deixado que essa coisa entre os dois continuasse, a usara como um tipo de muleta...

Chaol expirou, amassando a carta de Nesryn e a dele em seu punho.

Talvez ele não tivesse dormido bem naquele pequeno quarto no complexo dos médicos, acostumado a acomodações muito maiores e mais finas, Yrene disse a si mesma naquela tarde. Isso explicaria suas poucas palavras. A falta do sorriso. Ela tinha um em seu rosto quando entrou na suíte de Chaol depois do almoço. Explicara o progresso dele

para Hafiza, que ficou muito satisfeita. Até deu em Yrene um beijo na testa antes de partir.

Praticamente salteando até aqui.

Até que entrou e encontrou o silêncio.

Encontrou-o quieto.

— Você está se sentindo bem? — perguntou Yrene enquanto escondia os livros que ele trouxera consigo esta manhã.

— Sim.

Ela se inclinou contra a mesa para estudar Chaol, sentado no sofá dourado.

— Você não se exercita faz alguns dias. — Ela inclinou a cabeça. — O resto do seu corpo, quero dizer. Nós deveríamos fazê-lo agora.

Para pessoas acostumadas a atividades físicas todos os dias, ficar sem elas podia ser como deixar um viciado sem a droga. Desorientado, inquieto. Ele manteve os exercícios para as pernas, mas o resto... talvez fosse o que o deixara com esse humor.

— Tudo bem. — Seus olhos estavam vidrados, distantes.

— Aqui, ou em uma das instalações de treinamento dos guardas?

— Ela se preparou para a resposta cortante.

— Aqui está bom — Chaol apenas disse.

Ela tentou novamente:

— Talvez estar ao redor dos outros guardas seja benéfico para...

— Aqui está bom. — Então ele passou para o chão, deslizando seu corpo para longe do sofá e para baixo, ficando deitado no tapete. — Preciso que você segure meus pés.

Yrene verificou sua irritação com o tom, a recusa absoluta. Mas ela ainda disse enquanto se ajoelhava diante dele:

— Nós realmente voltamos para esse ponto?

Ele ignorou a pergunta e se lançou em uma série de abdominais, seu corpo poderoso se erguendo, então descendo. Um, dois, três... Ela perdeu a conta em cerca de sessenta.

Ele não encontrou seu olhar cada vez que se levantava sobre os joelhos dobrados.

Era natural que a cura emocional fosse tão difícil quanto a física. Que houvesse dias difíceis – *semanas* difíceis, até. Mas ele estava sorrindo quando ela o deixara na noite anterior, e...

— Diga-me o que aconteceu. Algo aconteceu hoje. — Seu tom talvez não fosse tão gentil quanto o de uma curandeira deveria ser.

— Nada aconteceu. — As palavras eram um impulso de ar enquanto ele se movia, suor deslizando pela coluna, no pescoço e na

camisa branca abaixo.

Yrene apertou a mandíbula, contando calmamente em sua cabeça.

Chaol acabou por se virar de barriga para baixo e começou outra série que exigia que ela segurasse seus pés em uma posição que o mantinha levemente para cima.

Para cima e para baixo, para cima e para baixo. Os músculos lustrosos de suas costas e os braços forçaram e ondularam.

Ele passou por outros seis exercícios, e começou a série inteira novamente.

Yrene apoiou e segurou e observou em silêncio.

Deixe-o ter seu espaço. Deixe-o pensar, se é o que ele quer.

O inferno para o que ele quer.

Chaol terminou outra série, sua respiração pesada, o tórax subindo e descendo enquanto olhava para o teto. Algo afiado cintilava em seu rosto, como se em resposta silenciosa a alguma coisa. Ele se ergueu para começar a próxima série.

— É o bastante.

Seus olhos flamejaram, encontrando os dela por fim.

Yrene não se incomodou em parecer agradável ou compreensiva:

— Você causará uma lesão.

Ele olhou para onde ela segurava seus joelhos dobrados e se curvou novamente:

— Eu conheço os meus limites.

— E eu também — ela respondeu, fazendo um movimento com o queixo para as pernas dele. — Você pode machucar suas costas se continuar com isso.

Ele mostrou os dentes – o temperamento ruim o suficiente para ela soltar os pés dele. Seus braços se esticaram enquanto ele deslizava para trás, mas ela se lançou para frente, segurando seus ombros para evitar que ele batesse no chão.

Sua camisa encharcada de suor umedeceu seus dedos, sua respiração em sua orelha enquanto ela confirmava que ele não estava prestes a tombar.

— Eu entendi — ele rosnou em seu ouvido.

— Perdoe-me se não tomar sua palavra para isso — ela cortou, avaliando por si mesma se ele realmente conseguia se apoiar antes de ela se retirar e se acomodar a algumas dezenas de centímetros no tapete.

Em silêncio, eles olharam um para o outro.

— Exercitar seu corpo é vital — Yrene falou, suas palavras cortadas. — Mas você fará mais mal do que bem se se forçar demais.

— Estou bem.

— Acha que eu não sei o que fazendo?

O rosto de Chaol era uma máscara dura, suor escorria por suas têmporas.

— Este foi o seu santuário — disse ela, gesticulando para o corpo afiado, o suor sobre ele. — Quando as coisas ficavam difíceis, quando davam errado, quando você estava chateado ou irritado ou triste, você se perdia no treinamento. Ao suar até queimar os olhos, praticando até seus músculos tremerem e implorarem para você parar. E agora você não pode, como fez uma vez. — Ela manteve seu rosto frio e duro enquanto perguntava: — Como isso faz você se sentir?

Suas narinas dilataram:

— Não pense que você pode me fazer conversar.

— Como se sente, *Lorde Westfall*?

— Você sabe como me sinto, *Yrene*.

— Conte-me.

Quando ele se recusou a responder, ela observou para si mesma:

— Bem, já que você parece determinado a obter uma rotina completa de exercícios, eu também poderia trabalhar um pouco suas pernas.

Seu olhar duro era sua antiga marca. Ela se perguntou se ele podia sentir o aperto que agora tomava seu peito, o poço que se abriu em seu estômago enquanto ele permanecia quieto.

Mas Yrene apoiou-se nos joelhos e abaixou o corpo, começando a série de exercícios projetados para treinar ligações entre sua mente e a coluna vertebral. As rotações de tornozelo e dos pés ele poderia fazer sozinho, embora certamente apertasse os dentes após dez repetições.

Yrene continuou apesar de tudo. Ignorou sua raiva borbulhante, mantendo um sorriso melado no rosto enquanto persuadia as pernas pelos movimentos.

Foi só quando ela alcançou a parte alta das coxas que Chaol a interrompeu com uma mão em seu braço.

Ele encontrou seu olhar, então o desviou e apertou a boca, depois disse:

— Estou cansado. Está tarde. Vamos nos encontrar amanhã de manhã.

— Não me importo em começar agora com a cura. — Talvez com o exercício, aqueles ramos destruídos pudessem ser ligados mais do que

o habitual.

— Eu quero descansar.

Era uma mentira. Apesar dos exercícios, ele tinha uma boa cor no rosto, seus olhos ainda estavam brilhantes de raiva.

Ela pesou sua expressão, o pedido.

— Descanso não parece o seu estilo.

Seus lábios se apertaram.

— Saia.

Yrene bufou à ordem.

— Você pode comandar homens e criados, Lorde Westfall, mas eu não respondo a você. — Ainda assim, ela recusou, tendo aguentado o bastante da atitude dele. Colocando as mãos nos quadris, ela olhou para onde ele permanecia estirado no tapete. — Vou mandar comida. Coisas para ajudar a fortalecer os músculos.

— Eu sei o que comer.

Claro que sim. Ele estava aprimorando este corpo magnífico há anos. Mas ela apenas espanou as saias de seu vestido.

— Sim, mas eu realmente estudei o assunto.

Chaol se irritou, mas não disse nada. Voltou a olhar para os redemoinhos e as flores tecidos no tapete.

Yrene deu-lhe outro sorriso meloso.

— Eu o verei amanhã cedo, Lorde...

— Não me *chame* assim.

Ela deu de ombros.

— Acho que vou chamá-lo como eu quiser.

A cabeça dele virou-se, seu rosto lívido. Ela se preparou para o ataque verbal, mas ele pareceu pensar melhor, os ombros se endurecendo enquanto apenas disse uma vez mais:

— Saia.

Ele apontou para a porta com um braço longo.

— Eu deveria chutar esse dedo maldito que você está apontando — disse Yrene, indo em direção à porta. — Mas uma mão quebrada apenas o manteria aqui mais tempo.

Chaol novamente mostrou os dentes, a ira o atravessando em ondas agora, aquela cicatriz em sua bochecha contra sua pele corada:

— *Saia*.

Yrene apenas exibiu outro sorriso meloso e falso para ele e fechou a porta atrás dela.

Ela atravessou o palácio com rapidez, os dedos curvando-se em garras ao seu lado, reprimindo um rugido.

Pacientes tinham dias ruins. Eles tinham direito. Era natural, e parte do processo. Mas... eles tinham trabalhado tanto. Ele tinha começado a contar suas experiências, e ela compartilhou coisas com ele também, e se divertira no dia anterior.

Ela examinou todas as palavras trocadas na noite passada. Talvez ele estivesse com raiva de algo que Eretia tivesse dito em sua cavalgada para cá. A mulher não era conhecida por suas maneiras. Yrene honestamente se surpreendia que a mulher tolerasse alguém, e ainda mais que se sentisse inclinada a *ajudar* os seres humanos. Ela poderia tê-lo chateado. Insultado.

Ou talvez ele dependesse da presença constante de Yrene, e a interrupção dessa rotina foi desorientadora. Ela tinha ouvido falar de pacientes e seus curandeiros em tais situações.

Mas ele não mostrava vestígios de dependência. Não, era o oposto, na verdade, uma junção de independência e o orgulho que prejudicava tanto quanto o ajudava.

Respirando descompassadamente, o comportamento dele arrastando as garras pelo temperamento dela, Yrene procurou Hasar.

A princesa acabava de voltar de seu treino de espadas. Renia estava fazendo compras na cidade, Hasar explicara enquanto enlaçava o braço suado e úmido no de Yrene e a conduzia até suas câmaras.

— Todo mundo está tão, tão, tão ocupado hoje — Hasar exclamou, puxando sua trança suada por sobre um ombro. — Até Kashin está fora com meu pai em alguma reunião sobre suas tropas.

— Há algum motivo para isso? — uma pergunta cuidadosa.

Hasar deu de ombros.

— Ele não me disse. Embora ele provavelmente tenha se sentido inclinado a fazê-lo, já que Sartaq voou para o seu ninho nas montanhas por algumas semanas.

— Ele foi embora?

— E levou a Capitã Faliq com ele. — Um sorriso irônico. — Estou surpresa que você não esteja consolando Lorde Westfall.

Oh. *Oh*.

— Quando eles saíram?

— Ontem à tarde. Aparentemente, ela não disse nada sobre isso. Não pegou as coisas dela. Apenas deixou um recado e desapareceu ao pôr-do-sol com ele. Eu não pensei que Sartaq fosse tão encantador.

Yrene não retornou o sorriso. Ela apostaria muito dinheiro que Chaol retornara esta manhã para encontrar tal recado. Para descobrir que Nesryn se fora.

— Como soube que ela deixou um recado?

— Oh, o mensageiro contou a todos. Não sabia o que estava dentro, mas um bilhete endereçado ao Lorde Westfall foi deixado no ninho. Juntamente com outro para sua família na cidade. O único vestígio dela.

Yrene fez uma observação mental para nunca mais enviar correspondência ao palácio. Pelo menos não cartas que importassem.

Não era de se admirar que Chaol estivesse inquieto e zangado, se Nesryn tinha desaparecido assim.

— Você suspeita de jogo duplo?

— De *Sartaq*? — Hasar riu. A pergunta foi resposta suficiente.

Criados silenciosos chegaram às portas da princesa, abrindo-as e ficando de lado. Pouco mais do que sombras feitas de carne.

Mas Yrene fez uma pausa na entrada, cravando seus calcanhares enquanto Hasar a puxava para frente.

— Eu me esqueci de dar o chá dele — ela mentiu, afastando o braço do Hasar.

A princesa apenas lançou-lhe um sorriso de quem sabia.

— Se ouvir algumas dicas interessantes, você sabe onde me encontro.

Yrene conseguiu acenar com a cabeça e se virou.

Ela não foi até os aposentos dele. Duvidava que o humor de Chaol tivesse melhorado nos dez minutos desde que saíra tempestuosamente pelos corredores do palácio. E se ela o visse, sabia que não seria capaz de abster-se de perguntar sobre Nesryn. De forçar até aquele controle fosse quebrado. E ela não conseguia adivinhar onde isso os deixaria. Talvez num ponto para o qual nenhum dos dois estivesse pronto.

Mas ela tinha um dom. E um tremor implacável e ininterrupto agora rugiu em seu sangue graças a ele.

Ela não podia ficar parada. Não queria voltar para a Torre para ler ou ajudar qualquer um dos outros com seus trabalhos.

Yrene deixou o palácio e dirigiu-se para as ruas empoeiradas de Antica.

Ela conhecia os caminhos. As favelas nunca mudavam. Apenas crescia ou recuava, dependendo da lei.

Sob o sol brilhante, havia pouco a temer. Não eram pessoas ruins. Somente pobres, alguns desesperados. Muitos esquecidos e desanimados.

Então, ela fez o que sempre fez, mesmo em Innish.

Yrene seguiu o som de tosse.

Capítulo 27

Yrene curara seis pessoas até o sol se por, e só então deixou as favelas.

Uma mulher tinha um tumor perigoso nos pulmões que a teria matado. Ela estava ocupada demais com o trabalho para ver um curandeiro ou médico. Três crianças queimavam com febre em uma casa muito apertada, sua mãe chorando de pânico. E então com gratidão enquanto a magia de Yrene os acalmava e purificava. Um homem quebrara a perna na semana anterior e visitara um médico nas favelas porque não podia pagar uma carruagem para levá-lo até a Torre. E o sexto paciente... A menina não tinha mais do que dezesseis anos. A primeira coisa que Yrene notou foi seu olho roxo. Então o corte no lábio.

Sua magia tinha cambaleado, seus joelhos juntamente, mas Yrene levou a menina por uma porta e a curou. O olho dela. O lábio. As costelas trincadas. Curou as enormes contusões em forma de mão em seu antebraço.

Yrene não fez perguntas. Ela leu todas as respostas nos olhos assustados da garota. Viu a menina considerar se voltar casa curada não resultaria em ferimentos piores.

Então, Yrene deixou os pontos roxos. Deixou a aparência de contusões, mas curou tudo abaixo. Deixando apenas a camada superior

da pele, talvez um pouco dolorida, para ocultar o dano reparado.

Yrene não tentou dizer-lhe para ir embora. Se era a família dela, um amante ou outra coisa, Yrene sabia que ninguém, exceto a garota, decidiria se ela deveria sair daquele lugar. Tudo o que ela fez foi informar que, se alguma vez precisasse, ela deveria ir para a porta da Torre, pois esta sempre ficaria aberta. Não seriam feitas perguntas. Sem taxa exigida. E eles se certificariam de que ninguém teria permissão para lavá-la novamente se ela não desejasse.

A menina beijara os nós dos dedos de Yrene em agradecimento e correu para casa no escuro.

A própria Yrene se apressou, seguindo para o pilar brilhante da Torre, o farol de sua casa. Seu estômago reclamava, sua cabeça latejava com fadiga e fome. Parecia bom estar drenada. Por ajudar. E ainda assim... Aquela energia agitada e inquieta ainda vibrava. Ainda empurrava. *Mais, mais, mais.*

Ela sabia o porquê. O que não foi resolvido. Ainda furioso.

Então ela mudou de direção, lançando-se para a massa brilhante do palácio.

Ela parou em uma barraca favorita de comida, entregando-se a uma refeição de cordeiro assado que ela devorou em poucos minutos. Era raro que ela comesse além dos limites do palácio ou da Torre, graças a seu horário ocupado, mas quando o fazia... Yrene esfregava sua barriga satisfeita enquanto se dirigia para o palácio. Mas, em seguida, viu uma loja de *kahve* aberta e conseguiu encontrar espaço no estômago para um copo. E uma sobremesa recheada de mel.

Perdendo tempo. Inquieta e zangada e estúpida.

Irritada consigo mesma, Yrene pisou no palácio finalmente. Com o sol de verão se pondo tão tarde, era bem onze horas quando atravessava os salões escuros.

Talvez ele estivesse dormindo. Talvez fosse uma benção. Ela não sabia por que tinha se incomodado em vir.

Poderia ter esperado até amanhã.

Ele provavelmente estava dormindo.

Felizmente, dormindo. Provavelmente seria melhor se sua curandeira não entrasse no quarto dele e o agitasse, este definitivamente não era o comportamento aprovado pela Torre. Por Hafiza.

E, no entanto, ela continuou caminhando, aumentando o ritmo, seus passos quase uma corrida ecoando no chão de mármore. Se ele

quisesse parar, dar um passo atrás no progresso deles, estava tudo bem. Mas ela certamente não tinha que deixá-lo fazer isso, não sem tentar.

Yrene chegou num longo corredor escuro. Ela não era uma covarde; ela não recuaria sem lutar. Ela deixou aquela garota naquele beco em Innish. E se ele não estava inclinado a falar sobre Nesryn, então estava no direito de fazê-lo. Mas para cancelar a *sessão* por causa disso... Inaceitável.

Ela simplesmente diria isso e partiria. Calmamente. Racionalmente.

Yrene franziu o cenho a cada passo, murmurando a palavra em voz baixa. *Inaceitável*.

E ela permitira que ele a expulsasse, não importava o que tentasse dizer a si mesma.

Isso foi ainda mais inaceitável.

Tolo estúpido. Ela murmurou isso também.

Alto o bastante para quase perder o som.

O passo – o sussurro de passos contra a pedra – logo atrás dela.

Era tarde, criados provavelmente voltavam para os quartos de seus mestres, mas...

Lá estava. Aquele sentimento, ecoando de novo.

Somente sombras e raios de luar chegavam ao corredor coberto de pilares.

Yrene acelerou o ritmo.

Ela ouviu novamente – os passos atrás dela. Uma marcha casual, e seguindo-a.

Sua boca ficou seca, seu coração trovejava. Ela não tinha bolsa, nem mesmo sua pequena faca. Nada nos bolsos além daquele bilhete.

Depressa, uma voz pequena e gentil murmurou em seu ouvido. Dentro de sua *cabeça*.

Ela nunca tinha ouvido aquela voz antes, mas às vezes sentia seu calor. Atravessando-a quando a magia era liberada. Era tão familiar para ela quanto sua própria voz, seus próprios batimentos cardíacos.

Depressa, menina.

A urgência atropelava cada palavra.

Yrene aumentou o ritmo, aproximando-se de uma corrida.

Havia uma esquina à frente – ela precisava apenas dobrá-lo, seguir por mais dez metros depois desse salão, e estaria na suíte dele.

Havia uma fechadura na porta? Ela estaria trancada – ou seria capaz de manter quem estava do lado de fora?

Corra, Yrene!

E essa voz...

Era a voz de sua mãe que berrava em sua cabeça, seu coração.

Ela não parou para pensar. Imaginar.

Yrene lançou-se em uma corrida.

Seus sapatos deslizavam ao longo do mármore, e a pessoa, a *coisa* atrás dela – esses passos iniciaram uma corrida também.

Yrene virou a esquina e escorregou, acertando a parede oposta tão forte que seu ombro latejava com dor.

Cambaleando, ela lutou para recuperar o impulso, não se atrevendo a olhar para trás.

Mais rápido!

Yrene podia ver a porta dele. Podia ver a luz saindo por debaixo dela.

Um soluço saiu de sua garganta. Aqueles passos apressados atrás dela se aproximaram. Ela não ousou arriscar seu equilíbrio espiando.

Sete metros. Cinco. Dois.

Yrene arremessou-se contra a maçaneta, agarrando-a com toda a força para evitar passar pela porta, enquanto a empurrava para dentro.

A porta se abriu e ela girou, as pernas escorregando abaixo dela quando ela bateu todo o seu corpo contra a porta e procurou a fechadura. Havia duas.

Ela travou a primeira quando a pessoa do outro lado atingiu a porta.

A coisa toda estremeceu.

Seus dedos tremiam, sua respiração escapando com soluços afiados enquanto ela lutava pela segunda trava mais pesada.

Ela conseguiu colocá-la no lugar assim que a porta se curvou de novo.

— O que inferno...

— Entre no seu quarto — ela ordenou a Chaol, não se atrevendo a tirar os olhos da porta quando esta estremeceu. À medida que a maçaneta chacoalhava. — Entre *agora*.

Yrene virou então para encontrá-lo no limiar de seu quarto, espada na mão. Olhos na porta.

— Que diabos é isso?

— Entre — ela disse, sua voz quebrando. — *Por favor*.

Ele leu o terror em seu rosto. Leu e entendeu.

Ele voltou para o quarto, segurando a porta e depois trancando-a atrás dela.

A porta da frente rachou. Chaol trancou a porta do quarto com um clique. Apenas uma tranca.

— A cômoda — ele disse, sua voz inalterada. — Você pode movê-la?

Yrene virou-se para a cômoda ao lado da porta. Ela não respondeu enquanto se jogava contra ela, os sapatos novamente deslizando no mármore polido. Ela tirou os sapatos, a pele nua encontrando melhor aderência na pedra enquanto ela pulava e grunhia e empurrava. O móvel deslizou na frente da porta do quarto.

— As portas do jardim — ordenou Chaol, terminando de travá-las. Elas eram de vidro sólido.

Perigo e pânico revolveram em seu intestino, tirando a respiração de sua garganta.

— Yrene — Chaol disse de forma uniforme. Calmamente. Ele manteve o olhar fixo. Fortalecendo-a. — Qual a distância da entrada mais próxima para o jardim do corredor externo?

— Uma caminhada de dois minutos — ela respondeu automaticamente. Só era acessível a partir dos quartos interiores e, como a maioria deles estava ocupada... Eles teriam que tomar o corredor até o fim. Ou arriscar correr pelos quartos da próxima porta, que... — Ou um.

— Faça valer a pena.

Ela olhou o quarto para qualquer coisa. Havia um armário ao lado das portas de vidro, elevando-se acima delas. Alto demais, pesado demais.

Mas a tela móvel do banheiro...

Yrene atravessou o quarto, Chaol se lançando para um conjunto de punhais em sua mesa de cabeceira.

Ela pegou a pesada tela de madeira e puxou-a e empurrou-a, amaldiçoando quando prendeu no tapete. Mas ela se moveu – chegou lá. Ela abriu as portas do armário e colocou a tela entre elas e a parede, balançando-a algumas vezes para ver se estava bem preso. Estava.

Ela correu para a mesa, jogando livros e vasos de cima dela. Eles se quebraram pelo chão.

Fique calma; mantenha o foco.

Yrene virou a mesa contra a tela de madeira e tombou-a com um barulho alto. Ela empurrou-a contra a barricada que tinha feito.

Mas a janela... Havia uma na sala. Alta e pequena, mas...

— Deixe-a — ordenou Chaol, deslizando no lugar em frente às portas de vidro. Espada erguida e adaga na outra mão. — Se ele tentar essa rota, o tamanho pequeno o forçará a ser lento.

O suficiente para ele matá-lo – seja lá o que fosse.

— Venha aqui — ele disse calmamente.

Ela fez isso, olhos entre a porta do quarto e as portas do jardim.

— Respire profundamente — ele disse a ela. — Centralize-se. O medo a matará tão facilmente quanto uma arma.

Yrene obedeceu.

— Pegue a adaga na cama.

Yrene hesitou.

— Pegue.

Ela agarrou a adaga, o metal frio e pesado em sua mão. Pesado demais.

A respiração dele estava estável. Seu foco implacável ao monitorar as duas portas. A janela.

— O banheiro — ela sussurrou.

— As janelas são muito altas e estreitas.

— E se não estiver em um corpo humano? — as palavras saíram dela com um sussurro rouco. As ilustrações que ela tinha visto naquele livro.

— Então eu ficarei ocupado enquanto você corre.

Com os móveis tapando as saídas...

O significado das palavras dele a atingiu.

— Você não fará tal..

A porta do quarto estremeceu sob um golpe. Então outro.

A maçaneta foi girada e balançada.

Oh, deuses.

Eles não haviam se incomodado com o jardim. Eles simplesmente chegaram pelas portas da frente.

Outro ataque que a fez estremecer. E outro.

— Calma — murmurou Chaol.

A adaga de Yrene tremeu quando ele se inclinou para a porta do quarto, suas lâminas inabaláveis.

Outra explosão, forte e furiosa.

Então, uma voz.

Suave e sibilante, nem masculina, nem feminina.

— Yrene — sussurrou através da fenda na porta. Ela podia ouvir o sorriso naquela voz. — Yrene.

Seu sangue ficou frio. Não era uma voz humana.

— O que você quer? — perguntou Chaol, sua própria voz como aço.

— *Yrene*.

Seus joelhos se curvaram com tanta força que ela mal pôde suportar. Cada momento de treinamento que ela tinha feito sumiu da

sua mente.

— *Vá embora* — Chaol rosnou em direção à porta. — Antes que se arrependa.

— Yrene — sibilou, rindo um pouco. — *Yrene*.

Valg. De fato, alguém a estava caçando naquela noite, e tinha vindo atrás dela novamente esta noite.

Colocando a mão livre sobre a boca, Yrene afundou na beira da cama.

— Não desperdice um batimento cardíaco com medo de um covarde que caça mulheres na escuridão — Chaol disse.

A coisa do outro lado da porta resmungou. A maçaneta da porta estremeceu.

— Yrene — repetiu.

Chaol apenas manteve seu olhar fixo:

— Seu medo lhe confere poder sobre você.

— *Yrene*.

Ele se aproximou dela, abaixando a adaga e a espada no colo. Yrene se encolheu, prestes a avisá-lo para não abaixar suas armas. Mas Chaol parou diante dela. Tomou o rosto nas mãos, as costas dele viradas completamente para a porta agora. Embora ela soubesse que ele monitorava cada som e movimento por trás disso.

— Não tenho medo — ele disse suavemente, mas não fracamente. — E você também não deveria ter.

— *Yrene* — um objeto passou do outro lado da porta, acertando-a.

Ela se encolheu, mas Chaol segurou seu rosto com força. Não desviou o olhar.

— Nós enfrentaremos isso — disse ele. — Juntos.

Juntos. Viver ou morrer aqui juntos.

Sua respiração se acalmou, seus rostos tão próximos que a própria respiração dele roçou sua boca. Juntos.

Ela não pensava em usar tal palavra, *sentir* o que significava... Ela não sentira desde...

Juntos.

Yrene assentiu. Uma vez. Duas vezes.

Chaol procurou seus olhos, a respiração dele soprando sobre sua boca.

Ele ergueu a mão dela, ainda apertou o punhal e ajustou o seu aperto:

— Em ângulo, não direto. Você sabe onde acertar. — Ele colocou uma mão sobre o peito. Sobre o coração dele. — Os outros lugares.

Cérebro. Através do globo ocular. Garganta, cortando para libertar o sangue da vida. Todas as várias artérias que poderiam ser atingidas para garantir um sangramento rápido.

Coisas que ela aprendera para salvar. Não para... acabar.

Mas aquela coisa...

— A decapitação funciona melhor, mas tente derrubá-lo primeiro. Por tempo suficiente para cortar a cabeça.

Ele já havia feito isso antes, ela percebeu. Ele matou essas coisas. Triunfou contra elas. Derrotou-as sem magia, apenas com sua própria vontade e coragem indomáveis.

E ela... ela atravessou montanhas e mares. Ela havia feito isso sozinha.

Sua mão parou de tremer. Sua respiração regulou-se.

Os dedos de Chaol envolveram os dela, o metal fino do punho apertado na palma da mão.

— Juntos. — ele disse uma última vez, e a soltou para pegar suas próprias armas novamente.

Para enfrentar a porta.

Houve apenas um silêncio.

Ele esperou, calculando. Ouvindo. Um predador pronto para atacar. A adaga de Yrene manteve-se firme enquanto ela se levantava atrás dele.

Um estrondo soou através do vestibulo – seguido de gritos.

Ela parou, mas Chaol soltou um suspiro. Um de alívio tremendo.

Ele reconheceu os sons antes dela.

Os gritos de guardas.

Eles falaram em halha – gritavam pela porta do quarto querendo saber deles. Seguros? Feridos?

Yrene respondeu na mesma língua que eles estavam ilesos. Os guardas disseram que uma criada tinha visto a porta da suíte quebrada e correu para buscá-los.

Não havia mais ninguém ali.

Capítulo 28

O príncipe Kashin chegou rapidamente, convocado pelos guardas a pedido de Yrene – antes que ela ou Chaol ousassem remover os móveis que impediam a porta. Qualquer outra pessoa da realeza exigiria muitas explicações, mas Kashin... Ele entendia a ameaça.

Chaol conhecia bem a voz do príncipe a esse ponto – Yrene conhecia bem – e, enquanto ela preenchia a sala da suíte, ele lhe deu um aceno para arrancar os móveis que bloqueavam a porta.

Chaol ficou agradecido, apenas por um batimento cardíaco, de que permanecia nesta cadeira. Alívio teria feito suas pernas pararem de funcionar.

Ele não conseguira discernir um caminho viável. Não para ela. Na cadeira, contra um escravo valg, ele seria tão bom quanto carniça, embora tivesse calculado que um lance bem empunhado de sua adaga e espada poderia salvá-los. Essa foi a sua melhor opção: *lutar*.

Ele não se importava – de verdade. Não sobre o que significava para ele. Mas sobre quanto tempo esse lance poderia comprar a ela.

Alguém a *perseguiu*. Querendo matá-la. Aterrorizá-la e atormentá-la. Talvez pior, se fosse de fato um agente infestado por valg de Morath. O que era exatamente como o som pareceu.

Ele não conseguiu distinguir a voz. Masculina ou feminina. Apenas um deles, no entanto.

Yrene permaneceu calma enquanto abria a porta para finalmente revelar um Kashin de olhos selvagens, ofegante. O príncipe a examinou da cabeça aos pés, deu uma olhada breve a Chaol e voltou seu foco para a curandeira.

— O que aconteceu?

Yrene permaneceu atrás da cadeira de Chaol enquanto dizia com uma calma surpreendente:

— Eu estava caminhando de volta para cá para certificar-me de que Lorde Westfall tomou um tônico.

Mentirosa. Muito mentirosa. Ela provavelmente estava voltando para dar-lhe o segundo round que Chaol esperara por toda a noite.

Yrene aproximou-se da cadeira para ficar ao lado dele, perto o suficiente para que o calor dela aquecesse seu ombro.

— E eu estava quase aqui quando senti alguém atrás de mim. — Yrene então explicou o resto, olhando para a sala de vez em quando, como se o que a perseguira fosse sair das sombras. E quando Kashin perguntou se ela suspeitava por que alguém gostaria de feri-la, Yrene olhou para Chaol, uma silenciosa conversa passando entre eles: provavelmente teria sido para assustá-la por ajudá-lo, por qualquer propósito perverso de Morath. Mas ela só respondeu ao príncipe que não sabia.

O rosto de Kashin apertou-se com fúria enquanto estudava a porta rachada para o quarto de Chaol. Ele disse por sobre o ombro para os guardas que circulavam pela suíte:

— Quero quatro de vocês nas portas desta suíte. Outros quatro no fim do corredor. Uma dúzia de vocês no jardim. Mais seis nas várias encruzilhadas do salão que trazem até aqui.

Yrene soltou um sopro do que poderia muito bem ser alívio.

Kashin ouviu, colocando uma mão no punho de sua espada enquanto dizia:

— O castelo está sendo vasculhado. Eu pretendo me juntar a eles.

Chaol sabia que não era apenas por Yrene. Sabia que o príncipe tinha boas razões para se juntar à caçada, que provavelmente ainda havia uma bandeira branca pendurada em suas janelas.

Cortês e dedicado. Talvez como todos os príncipes deveriam ser. E talvez fosse um bom amigo de Dorian. Se tudo fosse a seu favor.

Kashin pareceu respirar fundo. Então perguntou em voz baixa a Yrene:

— Antes de eu ir... por que eu não... Acompanho você de volta à Torre? Com uma guarda armada, é claro.

Havia preocupação suficiente nos olhos do príncipe para que Chaol fizesse questão de ocupar-se em monitorar os guardas ainda examinando cada centímetro dos quartos.

No entanto, Yrene envolveu seus braços em torno de si mesma e disse:

— Eu me sinto mais segura aqui.

Chaol tentou não piscar para ela. Para as palavras. Com ele. Ela se sentia mais segura aqui com *ele*.

Ele evitou o desejo de lembrá-la de que ele estava nesta cadeira.

O olhar de Kashin agora se moveu para ele, como se se lembrasse que ele estava ali. E era decepção que agora endurecia seu olhar, desapontamento e advertência quando encontrou o olhar de Chaol.

Chaol segurou a advertência *dele* para que Kashin parasse com aquele olhar e fosse procurar o perseguidor no palácio.

Ele manteria as mãos para si mesmo. Não conseguia parar de pensar na carta de Nesryn. Quando não estava pensando em tudo o que Shen havia lhe mostrado – o que fez com ele ver o que estava por baixo daquela manga orgulhosa de guarda.

Mas o príncipe apenas inclinou a cabeça, com uma mão no peito:

— Avise-me se precisar de alguma coisa.

Yrene mal deu um aceno de cabeça na direção de Kashin. Foi desdenhoso o suficiente para que Chaol quase se sentisse mal pelo homem.

O príncipe saiu com um olhar prolongado para Yrene, alguns guardas seguindo-o, os outros restantes atrás. Chaol observou as portas do jardim quando se instalaram no lugar lá fora.

— O quarto de Nesryn está vazio — ele falou quando finalmente estavam sozinhos.

Ele esperou a pergunta sobre o porquê – mas percebeu que ela não tinha mencionado Nesryn quando correria para lá. Não tentou despertá-la. Ela tinha ido direto para ele.

Então, não foi surpresa quando Yrene acabou por dizer:

— Eu sei.

Espiões do palácio ou fofocas, ele não se importava. Não quando Yrene disse:

— Eu... posso ficar aqui? Eu durmo no chão.

— Você pode dormir na cama. Duvido que eu descansarei esta noite.

Mesmo com os guardas do lado de fora... Ele viu o que um valg podia fazer contra vários homens. Ele tinha visto Aelin mover-se, uma assassina através de um campo de homens. E reduzi-los em batimentos cardíacos.

Não, ele não dormiria esta noite.

— Você não pode ficar sentado nessa cadeira a noite toda...

Chaol lançou-lhe um olhar que dizia o contrário.

Yrene engoliu em seco e pediu licença para usar o banheiro. Enquanto ela rapidamente se lavava, ele avaliou os guardas ali fora, a integridade da tranca do quarto. Ela emergiu ainda no vestido, o decote molhado, o rosto pálido novamente. Ela hesitou perto da cama.

— Eles mudaram os lençóis — falou Chaol suavemente.

Ela não olhou para ele enquanto subia na cama. Cada movimento era menor do que o habitual - frágil.

Terror ainda a agarrava. Embora ela tenha lidado com ele lindamente. Ele não tinha certeza se *ele* teria sido capaz de mover aquela cômoda, mas o puro terror deu a ela uma dose de força. Ele tinha ouvido histórias de mães levantando carroções inteiros para retirar seus filhos presos embaixo.

Yrene deslizou sob os cobertores, mas não fez nenhum movimento para aninhar a cabeça no travesseiro.

— Como é... matar alguém?

O rosto de Cain piscou em sua mente.

— Eu... eu sou novo nisso. — admitiu Chaol.

Ela inclinou a cabeça.

— Eu tirei a primeira vida... logo após o Yulemas no ano passado.

Suas sobrancelhas se estreitaram.

— Mas você...

— Eu treinei para isso. Já tinha lutado antes. Mas nunca matado alguém.

— Você era o Capitão da Guarda.

— Eu lhe disse — ele respondeu com um sorriso amargo — era complicado.

Yrene finalmente se deitou.

— Mas você já fez isso desde então.

— Sim. Mas não o suficiente para se acostumar com isso. Contra os valg, sim, mas os humanos infestados... Alguns estão perdidos para sempre. Alguns ainda estão lá, atrás do demônio. Descobrir quem matar, quem pode ser poupado, eu ainda não sei onde estão as escolhas ruins. Os mortos não falam.

Sua cabeça deslizou contra o travesseiro.

— Eu fiz juramento diante de minha mãe. Quando eu tinha sete anos. Nunca matar um ser humano. Algumas curas... ela me disse que oferecer a morte poderia ser uma misericórdia. Mas que era diferente de matança.

— E é.

— Eu acho... talvez eu tivesse tentado matar quem quer que fosse hoje à noite. Eu estava... — Ele esperou que ela dissesse *assustada*. *Amedrontada, com o meu único defensor em uma cadeira de rodas*. — Eu estava decidida contra a corrida. Você me disse que me compraria tempo, mas... Eu não posso fazer isso. De novo não.

Seu peito apertou.

— Compreendo.

— Estou feliz por não ter feito isso. Mas, o que quer que fosse, fugiu. Talvez eu não devesse estar tão aliviada.

— Kashin pode ter sorte em sua busca.

— Eu duvido. Aquilo foi embora antes que os guardas chegassem.

Ele ficou quieto. Depois de um momento, disse:

— Espero que você nunca tenha que usar essa adaga ou qualquer outra, Yrene. Mesmo como uma misericórdia.

A tristeza em seus olhos foi suficiente para interromper a respiração dele.

— Obrigada — disse ela suavemente. — Por estar disposto a enfrentar a morte sobre você mesmo.

Ninguém nunca havia dito uma coisa dessas. Nem mesmo Dorian. Mas era esperado. Celaena - *Aelin* fora grata quando ele matou Cain para salvá-la, mas ela esperava que ele matasse um dia.

Aelin tinha matado mais do que ele poderia contar naquele momento, e sua própria falta disso tinha sido... embaraçoso. Como se tal coisa fosse possível.

Ele havia matado em abundância desde então. Em Forte da Fenda. Com aqueles rebeldes contra os valg. Mas Yrene... ela fez esse número parecer menor. Ela não olhava para ele daquele modo. Com orgulho. Alívio.

— Sinto muito que Nesryn tenha ido embora — murmurou Yrene na luz fraca.

Não aceitei promessas suas. E não aceitarei promessas a não ser as minhas.

— Eu prometi a ela uma aventura — admitiu Chaol. — Ela mereceu embarcar em uma.

Yrene ficou em silêncio por tanto tempo que ele desviou o olhar das portas do jardim. Ela se aconchegara profundamente na cama, a atenção fixa inteiramente sobre ele.

— E você? O que você merece?

— Nada. Não mereço nada.

Yrene o estudou.

— Eu não concordo — ela murmurou, as pálpebras descendo.

Ele monitorou as saídas novamente. Depois de alguns minutos, falou:

— Eu recebi o suficiente, e desperdicei.

Chaol olhou para ela, mas o rosto de Yrene estava suavizado pelo sono, a respiração constante.

Ele a observou por um longo tempo.

Yrene ainda dormia quando o amanhecer chegou.

Chaol dormiu por alguns minutos de cada vez, tanto quanto se permitia.

Mas enquanto o sol atravessava o chão do quarto, ele se viu lavando o rosto. Esfregando o sono de seus olhos.

Yrene não se agitou quando ele saiu da suíte e entrou no corredor. Os guardas estavam exatamente onde Kashin havia ordenado que permanecessem. E eles lhe disseram exatamente aonde precisava ir quando encontrou os olhos deles e pediu instruções.

E então informou-lhes que se Yrene fosse ferida enquanto ele estivesse fora, ele quebraria cada osso em seus corpos.

Minutos depois, ele encontrou o pátio de treinamento que Yrene mencionara no dia anterior.

Já estava cheio de guardas, alguns dos quais o observavam e outros que o ignoravam completamente. Alguns ele reconheceu do turno de Shen, e cumprimentou-os com um aceno de cabeça.

Um dos guardas que ele não conhecia se aproximou dele, mais velho e mais duro que o restante.

Como Brullo, seu ex-instrutor e Mestre de Armas.

Morto. Pendurado por meses naqueles portões.

Chaol afastou a imagem. Substituiu-a pela da curandeira ainda adormecida em sua cama. Como ela parecia quando declarou ao príncipe, ao mundo, que se sentia mais segura lá. Com ele.

Ele substituiu a dor que ondulava por ele à visão dos guardas se exercitando, do espaço de treinamento privado tão parecido com aquele em que ele passara tantas horas de sua vida, pela imagem do braço artificial de Shen, a força inquebrável e silenciosa que sentiu ao apoiar-se nele enquanto montava seu cavalo. Não menos homem por não ter o braço – nem menos um guarda.

— Lorde Westfall — disse o guarda de cabelos grisalhos, usando o idioma de Chaol. — O que posso fazer pelo senhor a esta hora?

O homem parecia suficientemente astuto para saber que se havia algo relacionado ao ataque, este não era o lugar para discuti-lo. Não, o homem sabia que Chaol viera por uma razão diferente e lera a tensão em seu corpo não como fonte de alarme, mas de intriga.

— Treinei por anos com homens do meu continente — Chaol falou, levantando a espada e a adaga que tinha trazido consigo. — Aprendi o que eles sabiam.

As sobrancelhas do guarda mais velho se elevaram.

Chaol manteve o olhar do homem:

— Eu gostaria de aprender o que *você* sabe.

O velho guarda – Hashim – trabalhou com ele até que Chaol mal pudesse respirar. Mesmo na cadeira. E fora dela.

Hashim, que tinha o posto abaixo do capitão e supervisionava o treinamento dos guardas, encontrou maneiras de Chaol fazer seus exercícios, fosse com alguém apoiando seus pés ou com versões modificadas da cadeira.

Ele treinara com Shen um ano atrás – muitos dos guardas treinaram. Eles se uniram, ajudando Shen da maneira que podiam com a reorientação de seu corpo, sua maneira de lutar, durante aqueles longos meses de recuperação.

Então nenhum deles ficou olhando ou rindo. Ninguém trocava murmúrios.

Estavam todos ocupados demais, cansados demais, para incomodar-se de qualquer forma.

O sol se levantou sobre o pátio, e ainda assim eles continuaram. E Hashim mostrou-lhe novas maneiras de atacar com uma lâmina. Como desarmar um oponente.

Uma maneira diferente de pensar, de matar. De defender. Uma linguagem diferente da morte.

Eles pararam no café da manhã, todos quase tremulando de cansaço.

Mesmo sem ar, Chaol poderia ter continuado. Não por qualquer reserva de força, mas porque ele queria.

Yrene o esperava quando ele voltou para a suíte e se banhou.

As seis horas seguintes eles passaram perdidos naquela escuridão. No final disso, a dor o havia destruído, Yrene tremia de cansaço, mas uma consciência precisa despertara em seus pés. Aproximando-se de seus tornozelos. Como se o entorpecimento fosse uma maré retraída.

Yrene retornou à Torre naquela noite sob uma pesada guarda, e ele caiu no sono mais profundo de sua vida.

Chaol esperava por Hashim no local de treinamento antes do amanhecer.

E no amanhecer seguinte.

E no seguinte.

Parte Dois – Montanha e Mares

Capítulo 29

Tempestades atrasaram a ida de Nesryn e Sartaq para as montanhas do norte Assimil.

Ao acordar, o príncipe olhou as nuvens e ordenou que Nesryn prendesse tudo o que pudesse no afloramento rochoso. Kadara mudava de uma pata cheia de garras para a outra, o sussurro de suas asas enquanto seus olhos dourados monitoravam a tempestade se aproximando.

Acima, raios e trovões ecoavam por cada pedra e fenda, e enquanto Nesryn e Sartaq se sentavam de costas para o muro de pedra embaixo da saliência, os ventos rugindo, ela poderia jurar que até mesmo a montanha abaixo deles estremeceu. Mas Kadara segurou-se contra a tempestade, colocando-se na frente deles, uma verdadeira parede de penas brancas e douradas.

Ainda assim, a chuva gelada conseguiu encontrá-los, congelando Nesryn até seus ossos, mesmo com a roupa grossa de couro e manta de lã pesada na qual Sartaq insistiu que ela se envolvesse. Seus dentes batiam violentamente o bastante para fazer sua mandíbula doer, e suas mãos estavam tão entorpecidas e duras que ela as manteve enfiadas sob as axilas para conseguir qualquer resquício de calor.

Mesmo antes de a magia desaparecer, Nesryn nunca desejara dons mágicos. E depois que ela sumiu, depois que os decretos a proibiram e as caçadas terríveis por aqueles que uma vez a exerceram, Nesryn não tinha ousado nem *pensar* em magia. Ela se contentara em praticar seu tiro com arco, aprender a empunhar adagas e espadas, dominar seu corpo até que ele também fosse uma arma. A magia falhava, ela dizia ao pai e à irmã sempre que eles perguntavam. Bom aço, não.

Mas sentada naquele penhasco, chicoteada pelo vento e pela chuva até que não conseguia mais lembrar de ter sentido calor um dia, Nesryn encontrou-se desejando uma faísca de chamas nas veias. Ou pelo menos que uma certa portadora de fogo dobrasse a esquina do penhasco para aquecê-los. Mas Aelin estava longe – desaparecida, se o relatório de Hasar era válido, o que Nesryn acreditava.

A verdadeira questão era se o desaparecimento de Aelin e de sua corte era devido a uma jogada horrível de Morath, ou algum esquema da rainha.

Tendo visto em Forte da Fenda do que Aelin era capaz, os planos que ela havia bolado e colocado em ação sem ninguém saber... Nesryn apostava em Aelin. A rainha reapareceria quando e onde desejasse – exatamente no momento em que ela pretendesse. Nesryn supôs que era por isso que ela gostava da rainha: havia planos bolados há tanto tempo e precisos, que para alguém que deixava o mundo julgá-la despreocupada e impetuosa, Aelin mostrava um grande negócio ao manter tudo em sigilo.

E à medida que aquela tempestade desabava ao redor de Nesryn e Sartaq, ela se perguntou se Aelin Galathynius ainda poderia ter alguma carta na manga que nem mesmo a corte conhecesse. Ela rezou para que Aelin tivesse. Pelo bem de todos eles.

Mas a magia falhou antes, Nesryn lembrou-se enquanto seus dentes se batiam um contra o outro. E ela faria tudo o que pudesse para encontrar uma maneira de lutar contra Morath sem ela.

Poucas horas antes de a tempestade ter passado a aterrorizar outras partes do mundo, Sartaq levantou-se quando Kadara sacudiu suas penas, livrando-se da água. Molhando-os no processo, mas Nesryn não estava em posição de se queixar, quando a ruk tomou o peso da ira da tempestade por eles.

Claro, também deixou a sela encharcada, o que, por sua vez, resultou em uma montaria bastante desconfortável à medida que subiam pelos ventos vivos das montanhas e as pradarias espalhadas abaixo.

Por causa do atraso, eles foram forçados a acampar por outra noite, desta vez em um bosque de árvores, novamente sem uma brasa para aquecê-los. Nesryn manteve sua boca fechada sobre isso – o frio que permaneceu com ela, ao longo de seus ossos, as raízes que espetavam as costas dela através do saco de dormir, o poço vazio em seu estômago que frutas secas, carne e o pão amanhecido não podiam preencher.

Sartaq, para seu crédito, deu-lhe os cobertores dele e perguntou se ela queria trocar suas roupas. Mas ela mal o conhecia, percebeu. Este homem com quem ela viajou, este príncipe com seu *sulde* e os olhos afiados de seu ruk... Ele era um pouco mais que um estranho.

Tais coisas geralmente não a incomodavam. Trabalhando para a guarda da cidade, ela havia lidado com estranhos todos os dias, em vários estados de repulsa ou pânico. Os encontros agradáveis tinham sido poucos e distantes, particularmente nos últimos seis meses, quando a escuridão se deslocara sobre a cidade e caçara abaixo dela.

Mas com Sartaq... enquanto Nesryn estremecia durante toda a noite, ela se perguntou se talvez tivesse sido um pouco precipitada em ir até ali, com possível aliança ou não.

Os membros dela doíam e os olhos queimavam quando a luz cinzenta do amanhecer atravessou os finos pinheiros. Kadara já estava se mexendo, ansiosa para sair, e Nesryn e Sartaq trocaram menos de meia dúzia de frases antes de estarem no ar para a última etapa de sua jornada.

Eles haviam voado por duas horas, os ventos aumentando cada vez mais para o sul, quando Sartaq disse em seu ouvido:

— Por ali. — Ele apontou para o leste. — Voe meio dia nessa direção, e alcançará as fronteiras do norte das estepes. O coração do Darghan.

— Você visita frequentemente?

Uma pausa. Ele disse sobre o vento:

— Kashin mantém sua lealdade. E Tumelun... — o modo como ele falou o nome da irmã implicava o suficiente. — Mas o rukhin e o Darghan foram o mesmo uma vez. Nós perseguíamos os ruks do alto de nossos cavalos Muniqi, seguindo-os profundamente nas Montanhas Tavan. — Ele apontou para sudeste enquanto Kadara se deslocava, apontando para as montanhas altas e irregulares que subiam no céu. Elas eram salpicadas de florestas, alguns picos cobertos de neve. — E quando domesticamos os ruks, alguns dos cavaleiros escolheram não voltar para as estepes.

— É por isso que muitas de suas tradições são as mesmas — observou Nesryn, olhando para o *sulde* amarrado à sela. A longa queda, muito abaixo no mato seco balançando como um mar dourado, esculpido por rios estreitos e ondulantes.

Ela rapidamente olhou para frente, para as montanhas. Embora tivesse se acostumado com a ideia de quão pouco havia entre ela e a morte em cima desta ruk, lembrar-se disso não faz nada para seu estômago parar de rodar.

— Sim — disse Sartaq. — É também por isso que nossos cavaleiros frequentemente se unem com o Darghan na guerra. Nossa luta, as técnicas, diferem, mas nós sabemos trabalhar juntos.

— Uma cavalaria abaixo e cobertura aérea acima — comentou Nesryn, tentando não parecer muito interessada. — Você já foi à guerra?

O príncipe ficou quieto por um minuto. Então ele disse:

— Não na escala do que está sendo desencadeado em sua terra. Nosso pai garante que os territórios dentro do nosso império reconheçam que a fidelidade é recompensada. E a resistência é respondida com a morte.

Gelo desceu por sua espinha.

— Então eu fui despachado duas vezes agora para lembrar certos territórios inquietos daquela verdade fria. — Sartaq prosseguiu, uma respiração quente em sua orelha. — Existem os clãs dentro do próprio rukhin. Antigas rivalidades que em que aprendi a navegar e conflitos que tive que superar.

Do jeito difícil, ele não adicionou. Em vez disso, ele disse:

— Como guarda da cidade, você deve ter lidado com essas coisas.

Ela resmungou ao pensamento.

— Eu estava principalmente na patrulha, raramente promovida.

— Considerando sua habilidade com o arco, eu pensaria que você correu o lugar inteiro.

Nesryn sorriu. Encantador. Sob esse exterior infalivelmente seguro, Sartaq era certamente um namoradeiro sem vergonha.

Mas ela considerou sua pergunta implícita, embora soubesse a resposta há anos.

— Adarlan não é tão... aberto como o khaganato quando se trata de abraçar o papel das mulheres nas fileiras de seus guardas ou exércitos — admitiu. — Embora eu possa ser especialista, homens geralmente eram promovidos. Então fui deixada para apodrecer no patrulhamento dos muros ou ruas movimentadas. Cuidar do submundo ou da nobreza

era para os guardas mais importantes. E aqueles cujas famílias vinham de Adarlan.

Sua irmã tinha ficado furiosa, mas Nesryn sabia que se ela tivesse explodido para seus superiores, se os tivesse desafiado... Eles eram o tipo de homens que diriam a ela que deveria ser grata por ter sido admitida, então pediriam que entregasse a espada e o uniforme. Assim, ela pensava que era melhor permanecer, ser deixada para trás, não por mero pagamento, mas pelo fato de que havia tantos outros guardas como ela, ajudando aqueles quem mais precisava. Foi por eles que ela permaneceu, mantendo a cabeça baixa enquanto homens menores eram nomeados.

— Ah. — Outro momento de silêncio do príncipe. — Ouvi que eles não eram tão receptivos às pessoas de outras terras.

— Para dizer o mínimo. — As palavras estavam mais frias do que gostaria. E mesmo assim era o lugar onde seu pai tinha insistido em viver, pensando que oferecia uma espécie de vida melhor. Mesmo quando Adarlan lançou suas guerras para conquistar o continente do norte, ele tinha ficado – embora sua mãe tivesse tentado convencê-lo a retornar à Antica, a cidade de seu coração. No entanto, por qualquer motivo, talvez teimosia, talvez o desafio contra pessoas que queriam mandá-lo embora novamente, ele tinha ficado.

E Nesryn tentou não culpá-lo por isso, realmente tentou. Sua irmã não conseguia entender – Nesryn se irritava ocasionalmente sobre o assunto. Não, Delara sempre adorou Forte da Fenda, amava a agitação da cidade e prosperou em conquistar suas pessoas difíceis. Não foi uma surpresa que ela tivesse se casado com um homem nascido e criado na própria cidade. Uma verdadeira filha de Adarlan – era o que era a irmã dela. Pelo menos, do que Adarlan já havia sido e poderia um dia se tornar novamente.

Kadara pegou um vento rápido e voou ao longo dele, o mundo abaixo passando em um borrão enquanto voavam.

As montanhas ficaram cada vez mais próximas. Sartaq perguntou calmamente:

— Você alguma vez...?

— Não vale a pena falar. — Não quando às vezes ela ainda sentia aquela pedra colidindo contra sua cabeça, ouvindo as provocações daquelas crianças. Ela engoliu em seco e acrescentou: — Sua Alteza.

Uma risada baixa.

— E meu título aparece novamente. — Mas ele não pressionou mais. Apenas disse: — Eu só vou pedir-lhe que não me chame de

Príncipe ou de Sua Alteza perto dos outros cavaleiros.

— Vai me implorar por isso?

Seus braços apertaram-se em torno dela com uma advertência fingida.

— Levou-me anos para fazê-los parar de perguntar se eu precisava dos meus chinelos de seda ou de criados para escovar os meus cabelos.

— Nesryn riu. — Entre eles, eu sou simplesmente Sartaq — acrescentou — Ou capitão.

— Capitão?

— Outra coisa que você e eu temos em comum, parece.

Namoradeiro sem vergonha de fato.

— Mas você governa todos os seis clãs ruk. Eles respondem a você.

— Sim, e quando todos nós nos reunimos, sou Príncipe. Entre o clã da minha família, o Eridun, sou o capitão de suas forças. E obedeço a palavra da minha mãe de coração. — Ele a apertou novamente para dar ênfase. — O que eu a aconselho a fazer também, se não quiser ser deixada nua e amarrada a uma falésia no meio de uma tempestade.

— Deuses santos.

— De fato.

— Ela...

— Sim. E, como você disse, não vale a pena falar.

Mas Nesryn riu de novo, surpresa ao descobrir que seu rosto doía por sorrir com tanta frequência nos últimos poucos minutos.

— Eu aprecio o aviso, capitão.

As Montanhas Tavan tornaram-se gigantescas, uma parede de pedra cinzenta escura mais alta do que qualquer outra que já vislumbrara em suas próprias terras. Não que ela tivesse visto muitas montanhas de perto. Sua família raramente se arriscava para o interior de Adarlan ou seus reinos circundantes – principalmente porque seu pai era ocupado, mas parcialmente porque as pessoas rurais nessas áreas não eram tão boas com os estrangeiros. Mesmo quando seus filhos nasciam em solo adarlaniano, com uma mãe adarlaniana. Às vezes, esse último fato era mais revoltante para eles.

Nesryn apenas rezava para que o rukhin fosse mais acolhedor.

Em todas as histórias de seu pai, as descrições das ninhadas do rukhin de alguma forma ainda não transmitiam a impossibilidade

absoluta do que havia sido construído nos lados e no topo de três picos altos agrupados no coração das Montanhas Tavan.

Não era uma variedade de *gir* – tendas com estruturas largas – que os clãs de cavaleiros usavam quando se moviam sobre as estepes. Não, o abrigo de Eridun era cortado na pedra, casas, corredores e câmaras, muitas delas originalmente ninhos dos próprios ruks.

Alguns desses ninhos permaneciam, geralmente perto de um cavaleiro de ruk e sua família, assim os pássaros poderiam ser convocados com um aviso prévio. Ou através de um apito ou de alguém que subisse as inúmeras escadas de corda ancoradas na própria pedra, permitindo a passagem entre várias casas e cavernas – embora escadas internas também tivessem sido construídas dentro dos próprios picos, principalmente para idosos e crianças.

As casas em si, cada uma delas, possuíam uma ampla boca de caverna para que os ruks pousassem, os cômodos atrás delas. Algumas janelas pontilhavam aqui e ali, marcadores de salas escondidas atrás da pedra, e levando ar fresco para as câmaras internas.

Não que precisassem de muito mais ar fresco ali. O vento era um rio entre os três picos que abrigavam o clã de Sartaq, cheio de ruks de vários tamanhos, subindo, pousando ou mergulhando. Nesryn tentou e não conseguiu contar as habitações esculpidas nas montanhas. Deveria haver centenas ali. E talvez houvesse mais montanhas adentro.

— Isto... este é apenas *um* clã? — Suas primeiras palavras em horas.

Kadara subiu para a face do pico mais alto. Nesryn deslizou para trás na sela, o corpo de Sartaq uma parede quente atrás dela enquanto ele se inclinava para frente, guiando-a para fazê-lo também. Suas coxas pressionaram as dela, os músculos se deslocaram abaixo enquanto mantinha o equilíbrio com os estribos.

— O Eridun é um dos maiores, o mais antigo, se acreditarmos.

— Você não acredita? — A arte em torno deles realmente parecia ter existido por épocas inexplicáveis.

— Todo clã afirma que é o mais antigo e o primeiro entre os montadores. — Uma risada retumbou em seu corpo. — Quando há um encontro, só se ouve discussões sobre isso. É preferível insultar um homem falando de sua esposa do que dizer na cara dele que o próprio clã é o mais velho.

Nesryn sorriu, mesmo quando apertou os olhos contra a enorme queda atrás. Kadara seguiu, rápida e inalterável, para a mais ampla das saliências – uma varanda, ela percebeu enquanto a ruk se aproximava.

Pessoas já estavam de pé logo abaixo do enorme arco da boca da caverna, braços levantados em saudação.

Ela sentiu o sorriso de Sartaq em sua orelha.

— Ali está o Salão-Montanha de Altun, a casa de minha mãe e minha família postiça. — Altun - *Refúgio do Vento* era a tradução grosseira. Era realmente maior do que qualquer outro entre os três picos: os Dorgos ou os Três Cantores, como chamavam a caverna em si, tinha pelo menos doze metros de altura e três vezes isso de largura. Lá dentro, ela podia apenas ver os pilares do que na verdade parecia ser um salão maciço.

— A corte de recepção, onde recebemos nossos encontros e celebrações — explicou Sartaq, seus braços apertando-a enquanto Kadara diminuía. Fechar os olhos na frente das pessoas que aguardavam certamente não ganharia a admiração delas, mas...

Nesryn segurou o pito da sela com uma mão, a outra apertando o joelho de Sartaq, apoiado atrás dela.

Com força o suficiente para machucar.

O príncipe apenas riu baixinho.

— Então a famosa arqueira tem uma fraqueza.

— Eu descobrirei a sua em breve — respondeu Nesryn, ganhando outra risada suave em resposta.

A ruk, misericordiosamente, fez um pouso suave na pedra escura polida do quase-balcão, aqueles esperando na entrada se protegendo contra o vento de suas asas.

Então eles ainda estavam vivos, e Nesryn rapidamente se endireitou, soltando o seu aperto de morte na sela e no príncipe para contemplar um corredor cheio de pilares de madeira esculpida e pintada. Os braseiros queimavam, a pintura dourada brilhando entre o verde e o vermelho, e tapetes grossos em padrões negros impressionantes cobriam grande parte do chão de pedra, interrompidos apenas por uma mesa redonda e o que parecia ser um pequeno estrado contra uma das paredes mais distantes. E além disso, a escuridão iluminada por tochas presas na parede, um corredor fluía na montanha em si. Forrado com portas.

Mas no centro do Salão-Montanha de Altun: uma fogueira.

O poço havia sido esculpido no chão, tão profundo e extenso que degraus largos levaram a ele. Um pequeno anfiteatro - o entretenimento principal, não um palco, mas a própria chama. A lareira.

Era realmente um domínio adequado para o Príncipe Alado.

Nesryn ajustou os ombros enquanto as pessoas jovens e velhas pressionavam, sorrindo amplamente. Alguns vestidos com o familiar couro de montar, outros usando casacos de lã lindamente coloridos que desciam até os seus joelhos. A maioria possuía o cabelo ônix sedoso de Sartaq e a pele dourada e escura.

— Bem, bem — disse uma jovem em um casaco cor de cobalto e rubi, batendo seu pé calçado com botas no chão de pedra lisa enquanto olhava para eles. Nesryn forçou-se a ficar quieta, a suportar aquele exame, o olhar fixo. As tranças gêmeas da jovem, amarradas com tiras de couro vermelho, desciam abaixo de seus seios, e ela atirou uma por sobre o ombro enquanto dizia: — Olha só quem decidiu desistir do regalo de pele e dos banhos com óleos para se juntar a nós mais uma vez.

Nesryn moldou seu rosto em uma calma cuidadosa. Mas Sartaq simplesmente deixou cair as rédeas de Kadara, o príncipe dando à Nesryn um distinto *eu te disse*, antes de dizer à menina:

— Não finja que não esteve rezando para que eu trouxesse esses belos chinelos de seda para você, Borte.

Nesryn mordeu o lábio para não sorrir, embora os outros certamente não tivessem tanta restrição e risos ecoassem entre as pedras escuras.

Borte cruzou os braços.

— Suponho que saberia onde comprá-los, já que gosta tanto de usá-los você mesmo.

Sartaq riu, o som rico e alegre.

Foi um esforço não admirar. Ele não rira nenhuma vez no palácio.

E quando foi a última vez que ela fez um som tão brilhante? Mesmo com seus tios, sua risada havia sido restringida, como se algum amortecedor invisível se debruçasse sobre ela. Talvez muito antes disso, voltando aos dias quando ela era apenas uma guarda da cidade, sem ideia do que se arrastava pelos esgotos de Forte da Fenda.

Sartaq suavemente guiou Kadara e ofereceu uma mão para ajudar Nesryn a descer.

Foi a mão que ele levantou que fez com que a dúzia de pessoas ali a notasse – a estudasse. Ninguém mais de perto do que Borte.

Outro olhar perspicaz e pesado. Notando os couros, mas nenhum dos traços que a marcaram como uma deles.

Ela havia lidado com o julgamento de estranhos muito antes disso – isto não era algo novo. Mesmo que agora ela estivesse nos salões dourados de Altun, entre os rukhin.

Ignorando a mão oferecida por Sartaq, Nesryn forçou seu corpo rígido a deslizar suavemente uma perna sobre a sela e desmontar. Seus joelhos oscilaram com o impacto, mas conseguiu pousar levemente, e não se deixou erguer as mãos para os cabelos – os quais ela tinha certeza parecerem um ninho de rato, apesar da sua trança curta.

Um leve brilho de aprovação apareceu nos olhos escuros de Borte logo antes de a menina mover o queixo na direção de Nesryn.

— Uma mulher Balruhni nos couros de um rukhin. Agora, esta é uma visão.

Sartaq não respondeu. Ele apenas olhou na direção de Nesryn. Um convite. E desafio.

Então Nesryn enfiou as mãos nos bolsos de suas calças justas e se dirigiu para o lado do príncipe.

— Será melhor se eu disser que peguei Sartaq lixando suas unhas esta manhã?

Borte olhou para Nesryn, piscando uma vez. Então inclinou a cabeça para trás e riu estrondosamente.

Sartaq lançou um olhar aprovador, porém atrevido, na direção de Nesryn antes de dizer:

— Conheça minha irmã postiça, Borte. Neta e herdeira da minha mãe postiça, Houlun. — Ele foi para frente para puxar uma das tranças de Borte. Ela afastou a mão dele. — Borte, conheça a Capitã Nesryn Faliq. — Ele fez uma pausa para uma respiração, depois acrescentou: — da Guarda Real de Adarlan.

Silêncio. As sobranceiras escuras e arqueadas de Borte se elevaram.

— O que é mais incomum: que uma mulher Balruhni seja capitã, ou por que uma capitã de Adarlan aventurou-se até aqui? — Um homem velho vestido com os couros de rukhin perguntou.

Borte acenou para o homem.

— Sempre conversa ociosa e perguntas com você — ela o repreendeu. E para o choque de Nesryn, o homem estremeceu e fechou a boca. — A verdadeira pergunta é... — um sorriso astuto para Sartaq. — Ela veio como emissária ou noiva?

Qualquer tentativa de uma aparência constante e calma desapareceu quando Nesryn ficou boquiaberta com a garota. Assim como Sartaq.

— *Borte.*

Borte deu um sorriso malicioso.

— Sartaq nunca traz lindas moças para casa, seja de Adarlan ou Antica. Tenha cuidado ao caminhar perto das margens do penhasco, capitã Faliq, ou algumas das garotas daqui podem dar-lhe um empurrão.

— Você será uma delas? — a voz de Nesryn era imperturbável, mesmo que seu rosto tivesse ficado quente.

Borte franziu o cenho.

— Eu não deveria pensar nisso. — Alguns outros riram novamente.

— Como minha irmã postiça — explicou Sartaq, levando Nesryn em direção ao conjunto de cadeiras baixas assentadas perto do poço da fogueira — considero Borte uma parente de sangue. Como a minha própria irmã.

O sorriso diabólico de Borte desapareceu quando ela acertou seu compasso ao lado de Sartaq.

— Como está a sua família?

O rosto de Sartaq era ilegível, exceto pelo fraca cintilação naqueles olhos escuros.

— Ocupada. — foi tudo o que ele disse. Mal era uma resposta.

Mas Borte assentiu com a cabeça, como se conhecesse bem seus sentimentos e inclinações e ficou quieta enquanto Sartaq escolhia para Nesryn uma cadeira de madeira esculpida e pintada. O calor do fogo ardente era delicioso, e ela quase gemeu enquanto esticava os pés gelados em direção a ele.

— Você não arrumou um par de botas apropriado para sua querida, Sartaq? — Borte sibilou.

Sartaq grunhiu em advertência, mas Nesryn franziu o cenho para as suaves botas de couro. Elas tinham sido mais caras do que qualquer outra que tivesse ousado comprar para si, mas Dorian Havilliard insistira. Parte do uniforme, ele lhe explicara com uma piscadela.

Ela se perguntou se ele ainda sorria tão livremente, ou gastava tão generosamente, onde quer que estivesse.

Mas ela olhou para Borte, cujas botas eram de couro, porém mais espessas com forro do que parecia ser pele de carneiro. Definitivamente melhor equipada para as altitudes frias.

— Tenho certeza de que você pode desenterrar um par em algum lugar — disse Sartaq à sua irmã postiça, e Nesryn se virou sobre a cadeira enquanto os dois se afastavam de volta para onde Kadara esperava.

As pessoas pressionaram Sartaq, murmurando baixo demais para que Nesryn ouvisse do outro lado do corredor. Mas o príncipe respondia com sorrisos fáceis, falando enquanto descarregava seus pacotes, entregando-os a quem estava mais próximo, e então Kadara ficou livre.

Ele deu um tapinha no pescoço dela, então um golpe sólido em seu flanco – e então Kadara se foi, voando para o ar livre além da boca da caverna.

Nesryn debateu ir até eles, oferecer-se para ajudar com os pacotes que agora estavam sendo transportados através da câmara e para o corredor além, mas o calor crepitando sobre seu corpo diminuía a força de suas pernas.

Sartaq e Borte retornaram, e os outros se dispersaram, no mesmo momento em que Nesryn notou o homem sentado perto de um braseiro no corredor. Uma xícara com vapor estava apoiada na mesinha de

madeira ao lado de sua cadeira, e embora parecesse haver um pergaminho aberto em seu colo, seus olhos permaneceram fixos nela.

Ela não sabia o que era mais marcante: que, enquanto sua pele era bronzeada, estava claro que ele não vinha do continente do sul; que seu curto cabelo castanho estava longe das tranças longas e sedosas dos cavaleiros ruk; ou que sua roupa parecia mais semelhante às jaquetas e calças de Adarlan.

Apenas um punhal pendia de sua cintura, e enquanto ele tinha ombros largos e em forma, não possuía a segurança impiedosa de um guerreiro. Ele estava talvez em seus quarenta anos, linhas pálidas gravadas no canto de seus olhos, onde ele apertou os olhos contra o sol ou contra o vento.

Borte levou Sartaq ao redor da fogueira, depois dos vários pilares, e direto para o homem, que se levantou e curvou-se. Ele tinha quase a mesma altura de Sartaq, e mesmo do outro lado do corredor, com o fogo crepitando e o vento gemendo, Nesryn conseguiu distinguir seu halha parcamente falado:

— É uma honra, príncipe.

Borte bufou.

Sartaq apenas deu um rápido aceno de cabeça e respondeu na língua do norte:

— Foi-me dito que o senhor foi um convidado de minha mãe postiça nas últimas semanas.

— Ela foi gentil o suficiente para me receber aqui, sim. — O homem parecia um pouco aliviado ao usar sua língua nativa. Um olhar para Nesryn. Ela não se incomodou em fingir que não estava ouvindo. — Não pude evitar, mas ouvi o que pensei ser menção a uma capitã de Adarlan.

— A capitã Faliq supervisiona a guarda real.

O homem não tirou os olhos de Nesryn enquanto murmurava:

— Ela, agora.

Nesryn só manteve o olhar fixo do outro lado da sala. *Continue. Abra a boca, fale tudo o que quiser.*

— E seu nome? — Sartaq perguntou bruscamente.

O homem arrastou o olhar de volta para o príncipe.

— Falkan Ennar.

Borte disse a Sartaq em halha:

— Ele é um comerciante.

E se ele vinha do continente do norte... Nesryn se pôs de pé, seus passos quase silenciosos enquanto se aproximava. Ela se certificou de que estivessem, enquanto Falkan a observava por todo o caminho,

examinando-a dos pés à cabeça. Certificando-se de notar que a graça com que se movia não era uma habilidade feminina, mas de treinamento que lhe ensinou a ser furtiva para que outros não a detectassem.

Falkan endureceu como se finalmente percebesse. E entendeu que a adaga em sua cintura seria de pouco uso contra ela, se ele fosse estúpido o suficiente para tentar algo.

Bom. Isso o tornava mais inteligente do que um grande número de homens em Forte da Fenda. Parando uma distância casual, Nesryn perguntou ao comerciante:

— Você tem alguma novidade?

De perto, os olhos que ela confundiu com a escuridão eram safira como a meia-noite. Ele provavelmente teria sido moderadamente bonito na sua juventude.

— Novidade?

— De Adarlan. De... qualquer coisa.

Falkan estava com uma quietude notável – um homem que talvez costumasse manter seu terreno em uma pechincha.

— Eu queria poder oferecer-lhe algo, capitã, mas estou no continente do sul a mais de dois anos. Você provavelmente tem mais novidades do que eu. — Um pedido sutil.

E que ficaria sem resposta. Ela não estava prestes a mostrar os assuntos de seu reino para todos ouvirem.

Então Nesryn deu de ombros e voltou-se para a fogueira do outro lado do corredor.

— Antes de sair do continente do norte — Falkan falou enquanto ela se afastava — um jovem chamado Westfall era o capitão da Guarda Real. Você é a substituta dele?

Cuidado. Ela realmente deveria ser muito cuidadosa em não revelar demais. Para ele, para qualquer um.

— Lorde Westfall agora é Mão do rei Dorian Havilliard.

Choque desmontou o rosto do comerciante. Ela prestava atenção nele – cada tique e cintilação. Sem alegria ou alívio, mas sem raiva também. Apenas... surpresa. Surpresa honesta e espontânea.

— Dorian Havilliard é rei?

Às sobranceiras levantadas de Nesryn, Falkan explicou:

— Estive no meio dos bosques profundos há meses. Notícias não chegam com rapidez. Ou com frequência.

— Um lugar estranho para vender seus produtos — murmurou Sartaq. Nesryn estava inclinada a concordar.

Falkan apenas deu ao príncipe um sorriso apertado. Um homem com segredos, então.

— Foi uma longa jornada — interrompeu Borte, passando o braço através do de Nesryn e girando-a em direção ao escuro corredor além. — A capitã Faliq precisa de um refresco. E um banho.

Nesryn não tinha certeza se deveria agradecer a jovem ou se irritar pela interrupção, mas... Seu estômago era realmente um poço dolorido. E fazia muito tempo que se banhou.

Nem Sartaq nem Falkan as impediram, embora o murmúrio tenha continuado enquanto Borte a acompanhava, o corredor entrando diretamente na montanha em si. Portas de madeira alinhadas, algumas abertas para revelar pequenas câmaras – até uma pequena biblioteca.

— Ele é um homem estranho — disse Borte em halha. — Minha avó se recusa a falar de por que ele veio para cá, o que ele procura.

Nesryn levantou uma sobrancelha.

— Comércio, talvez?

Borte balançou a cabeça, abrindo uma porta no meio do corredor. A sala era pequena, uma cama estreita escondida contra uma parede, a outra ocupada por um baú e uma cadeira de madeira. A parede distante tinha um lavatório e um jarro, juntamente com uma pilha de panos de aparência suave.

— Não temos bens para vender. *Nós* geralmente somos quem comercia por todo o continente. Nosso clã não tanto, mas alguns dos outros... seus abrigos estão repletos de tesouros de todos os territórios. — Ela tocou a cama raquíca e franziu a testa. — Não esse lixo velho.

Nesryn riu.

— Talvez ele deseje ajudá-los a se expandir, então.

Borte virou-se, as tranças balançando.

— Não. Ele não se encontra com ninguém, nem parece *interessado* em encontrar. — Um dar de ombros. — Pouco importa. Só que ele está *aqui*.

Nesryn guardou a informação. Ele não parecia ser um dos agentes de Morath, mas quem sabia até que ponto o braço de Erawan agora se estendia? Se tinha chegado à Antica, então era possível que tivesse penetrado no continente. Ela ficaria de guarda – não tinha dúvida de que Sartaq já estava.

Borte envolveu a ponta de uma trança em um dedo.

— Eu vi a maneira como o mediu. Você também acha que ele não está aqui para negócios.

Nesryn pesou os méritos de admitir a verdade e optou por responder:

— Estes são dias estranhos para todos nós, aprendi a não julgar os homens com base apenas na sua palavra. Ou aparência.

Borte soltou sua trança.

— Não é de se admirar que Sartaq a tenha trazido para casa. Você soa como ele.

Nesryn escondeu o sorriso, sem se preocupar em dizer que achava tal comparação um elogio.

Borte cheirou, acenando para a sala.

— Não tão bom quanto o palácio do khagan, mas melhor do que dormir em um dos sacos de dormir fedorentos de Sartaq.

Nesryn sorriu.

— Qualquer cama é melhor do que eles, suponho.

Borte sorriu.

— Eu realmente quis dizer isso. Você precisa de um banho. E de um pente.

Nesryn finalmente ergueu uma mão para o cabelo e estremeceu. Emaranhados, nós e mais emaranhados. Apenas soltar a trança seria um pesadelo.

— Até Sartaq trança melhor do que isso — Borte provocou.

Nesryn suspirou.

— Apesar dos melhores esforços de minha irmã para me ensinar, sou inútil quando se trata disso. — Ela piscou para a menina. — Por que acha que mantenho meu cabelo tão curto?

Na verdade, sua irmã havia praticamente desmaiado quando Nesryn voltou para casa uma tarde aos quinze anos de idade com o cabelo cortado na altura da clavícula. Ela mantivera o cabelo nesse comprimento desde então – em parte para irritar Delara, que ainda a cutucava sobre isso, e em parte porque era muito mais fácil de lidar. Empunhar lâminas e flechas era uma coisa, mas estilo de cabelo... ela não tinha esperanças. E aparecer no quartel dos guardas com um lindo penteado não seria bem recebido.

Borte apenas deu a Nesryn um aceno rápido, como se parecesse perceber isso.

— Antes de voar da próxima vez, vou trançá-lo adequadamente para você. — Então ela apontou para o corredor, para um conjunto de escadas estreitas que levavam para baixo. — Os banhos ficam por ali.

Nesryn se cheirou e encolheu-se.

— Oh, isso está horrível.

Borte sorriu quando Nesryn entrou no corredor.

— Estou surpresa que os olhos de Sartaq não tenham lacrimejado.

Nesryn riu quando a seguiu para o que ela rezava ser um banho quente. Ela novamente sentiu o olhar agudo e avaliador de Borte e perguntou:

— O quê?

— Você cresceu em Adarlan, não foi?

Nesryn considerou a questão, por que poderia estar sendo feita.

— Sim. Eu nasci e cresci em Forte da Fenda, porém a família do meu pai vem de Antica.

Borte ficou em silêncio por alguns passos. Mas, quando chegaram à estreita escada e entraram na escuridão interior, Borte sorriu por sobre um ombro para Nesryn.

— Então, bem-vinda ao lar.

Nesryn perguntou-se se aquelas palavras poderiam ser as mais lindas que já ouvira.

Os banhos eram formados por banheiras antigas de cobre que tinham que ser preenchidas chaleira por chaleira, mas Nesryn não se opôs quando finalmente deslizou para dentro de uma.

Uma hora depois, o cabelo finalmente limpo e escovado, ela encontrou-se sentada na maciça mesa redonda do grande salão, enfiando coelho assado na boca, aninhada em roupas grossas e quentes que haviam sido doadas pela própria Borte. Os lampejos de bordados cobalto e narcisos nas mangas prendiam a atenção de Nesryn tanto quanto as bandejas de carne assada na frente dela. Belas roupas em camadas contra o frio que permeava o corredor, mesmo com as fogueiras. E seus dedos do pé... Borte encontrara um par daquelas botas forradas de lã para ela.

Sartaq sentou-se ao lado de Nesryn na mesa vazia, igualmente silencioso e comendo com tanto entusiasmo. Ele ainda não tinha se banhado, embora seu cabelo soprado pelo vento tivesse sido penteado, a longa trança caindo no centro de suas costas musculosas.

Quando a barriga começou a encher e seus dedos diminuíram a velocidade, Nesryn olhou para o príncipe. Ela encontrou-o sorridente.

— Melhor do que uvas e porco salgado?

Ela fez um gesto com o queixo em direção aos ossos empilhados em seu prato em resposta silenciosa, depois para a gordura em seus

dedos. Seria rude lambê-los? Os temperos eram deliciosos.

— Minha mãe postiça — ele falou, o sorriso desaparecendo — não está aqui.

Nesryn fez uma pausa em sua comilança. Eles tinham ido até ali para buscar o conselho desta mulher.

— De acordo com Borte, ela voltará amanhã ou no dia seguinte.

Ela esperou por mais. O silêncio poderia ser tão eficaz quanto questões verbalizadas.

Sartaq afastou o prato e apoiou os braços na mesa.

— Estou ciente de que você está pressionada por causa do tempo. Se pudesse, eu a procuraria eu mesmo, mas mesmo Borte não sabe aonde ela foi; Houlun é... à mercê dos ventos assim. Vê o seu *sulde* acenando no vento e pega o seu ruk para persegui-lo. E nos derrubará com ele, se tentarmos detê-la. — Um gesto em direção as lanças perto da boca da caverna, o próprio *sulde* de Sartaq entre eles.

Nesryn sorriu a isso.

— Ela parece uma mulher interessante.

— Ela é. De certa forma, sou mais próximo dela do que... — As palavras saíram, e ele balançou a cabeça. *Do que da sua própria mãe.* Na verdade, Nesryn não o testemunhara tão aberto, tão provocante com seus próprios irmãos, como era com Borte.

— Eu posso esperar — Nesryn finalmente disse, tentando não estremecer. — Lorde Westfall ainda precisa de tempo para se curar, e eu disse a ele que ficaria três semanas. Posso esperar um ou dois dias mais. — *E, por favor, deuses, não mais um momento depois disto.*

Sartaq assentiu, baixando um dedo sobre a antiga madeira da mesa.

— Esta noite descansaremos, mas amanhã... — A sombra de um sorriso. — Você gostaria de voar amanhã?

— Seria uma honra.

O sorriso de Sartaq cresceu.

— Talvez também possamos fazer um pouco de prática de tiro com arco. — Ele a examinou com franqueza que a fez se mexer em seu assento. — Estou certamente interessado em competir contra a Flecha de Neith, e tenho certeza de que os jovens guerreiros também estão.

Nesryn empurrou seu próprio prato, levantando as sobancelhas.

— Eles ouviram falar de mim?

Sartaq sorriu.

— Eu posso ter contado uma história ou duas da última vez que vim para cá. Por que você pensa que tantas pessoas estavam reunidas

quando chegamos? Eles certamente não costumam se arrastar para cá para me ver.

— Mas Borte parecia nunca ter..

— Borte parece ser uma pessoa que dá trégua a *alguém*?

Algo aprofundou-se em sua animação.

— Não. Mas como eles poderiam saber que eu estava chegando?

Seu sorriso em resposta era o retrato da arrogância principesca.

— Porque eu mandei um recado um dia antes dizendo que você provavelmente se juntaria a mim.

Nesryn apenas o encarou, incapaz de manter sua máscara de calma.

Levantando-se, Sartaq pegou seus pratos.

— Eu lhe disse que estava rezando para que se juntasse a mim, Nesryn Faliq. E se eu tivesse aparecido com as mãos vazias, Borte nunca me deixaria em paz.

Capítulo 30

Dentro da câmara interior do corredor, Nesryn não tinha como dizer por quanto tempo ela dormiu ou que horas da manhã eram. Ela dormiu intensamente, despertando para investigar os sons além de sua porta, para detectar se alguém estava agitado. Ela duvidava que Sartaq fosse o tipo que a repreenderia por dormir, mas se o rukhin realmente implicava com o príncipe sobre sua vida corte, descansar pela manhã inteira talvez não fosse a melhor forma de conquistá-los.

Então ela se mexeu e se virou na cama, conseguindo alguns minutos de sono aqui e ali, e desistiu inteiramente quando notou sombras barrando a luz abaixo da porta. Alguém, pelo menos, estava acordado no Salão de Altun.

Ela vestiu-se, parando apenas para lavar o rosto. O quarto estava quente o suficiente para que a água no jarro não estivesse fria, embora ela certamente pudesse ter aproveitado um borrifo gelado para tirar a areia dos olhos.

Trinta minutos depois, sentada na sela com Sartaq, ela lamentou esse desejo.

Ele estava de fato acordado e selando Kadara quando ela entrou no imenso salão. O poço da fogueira queimava brilhantemente como se alguém o tivesse atizado a noite toda, mas além do príncipe e de seu ruk, o salão repleto de pilares estava vazio. Ainda estava vazio quando ele a puxou para a sela e Kadara saltou da boca da caverna.

O ar gelado bateu em seu rosto, chicoteando suas bochechas enquanto mergulhavam.

Alguns outros ruks estavam no alto. Provavelmente em busca do café da manhã, Sartaq disse a ela, sua voz suave no amanhecer emergente. E em busca da refeição da própria Kadara que eles saíam agora, distanciando-se dos três picos de Eridun e entrando profundamente nas montanhas mais além.

Só depois de Kadara ter arrebatado meia dúzia de gordos salmões prateados de um rio turquesa, lançando-os cada um no ar antes de engoli-lo sem uma mordida, que Sartaq os conduziu para um conjunto de picos menores.

— A pista de treinamento — ele disse, apontando. As rochas eram mais lisas, as quedas entre picos menos afiadas, mais como barrancos

lisos e arredondados. — Onde os novatos aprendem a montar.

Embora menos brutal do que os três picos-irmãos de Dorgos, não parecia mais seguro.

— Você disse que monta Kadara desde filhote. É assim que é feito para todos os cavaleiros?

— Não quando estamos aprendendo a montar. As crianças pegam os grandes primeiro, mais dóceis, velhos demais para fazer voos longos. Aprendemos sobre eles até os treze, catorze anos, e depois encontramos o nosso próprio para aumentar a velocidade e treinar.

— Treze.

— Nós montamos pela primeira vez aos quatro. Ou os outros nos levam. Eu estava, como você sabe, alguns anos atrasado.

Nesryn apontou para a pista de treinamento.

— Vocês deixam garotos de quatro anos montarem sozinhos *ali*?

— Membros da família ou parentes posições costumam ir junto nas primeiras vezes.

Nesryn piscou para a pequena cordilheira, tentando e não conseguindo imaginar seus vários sobrinhos – que ainda eram propensos a correr nus e gritar pela casa ao mero sussurro da palavra “banho” – responsáveis por não só comandar uma das bestas abaixo dela, mas permanecer na sela.

— Os clãs de cavaleiros nas estepes têm o mesmo treinamento — explicou Sartaq — a maioria consegue ficar no alto de um cavalo aos seis, e começa a aprender a manusear arcos e lanças assim que seus pés alcançam os estribos. Além da altura — uma risada no pensamento — nossas crianças têm um processo idêntico. — O sol começou a aparecer, aquecendo a pele que ela deixara exposta ao vento mordaz. — Foi como o primeiro khagan conquistou o continente. Nosso povo já era bem treinado com cavalaria, disciplinado e acostumado a carregar seus próprios suprimentos. Os outros exércitos que enfrentaram... Esses reinos não anteciparam inimigos que sabiam como atravessar o grosso gelo de inverno que acreditavam que guardaria suas cidades durante os meses frios. E eles não previram um exército que viajava leve, com engenheiros entre eles capazes criar armas à partir de quaisquer materiais que encontrassem ao chegar em seus destinos. Até hoje, a Academia de Engenheiros de Balruhn continua a ser a mais prestigiada no khaganato.

Nesryn sabia disso – o pai ainda mencionava a Academia de vez em quando. Um primo distante estudou nela e passou a ganhar um pequeno grau de fama por inventar alguma máquina de colheita.

Sartaq dirigiu Kadara para o sul, subindo acima dos picos nevados.

— Esses reinos também não anteciparam um exército que conquistava por trás, tomando rotas que poucos arriscariam. — Ele apontou para o oeste, em direção a uma faixa pálida ao longo do horizonte. — O Deserto Kyzultum é assim. Durante séculos, foi uma barreira entre as estepes e as terras mais verdes. Para tentar conquistar os territórios do sul, todos sempre fizeram o grande percurso, dando muito tempo para que os defensores reunissem uma defesa. Então, quando esses reinos ouviram o khagan e seus cem mil guerreiros estavam em movimento, eles posicionaram seus exércitos para interceptá-los. — Orgulho coloria cada uma de suas palavras. — Apenas para descobrir que o khagan e seus exércitos haviam atravessado diretamente o Kyzultum, fazendo amizade com os nômades locais que escarneciam dos reinos do sul e sendo orientado por eles. Isso permitiu que o khagan se arrastasse logo atrás deles e saqueasse suas cidades não protegidas.

Ela sentiu o sorriso dele ao seu ouvido e encontrou-se acomodando-se um pouco mais próxima dele.

— O que aconteceu então? — Ela só ouvira fragmentos das histórias, nunca um relato tão envolvente, e certamente não dos lábios de alguém nascido dessa gloriosa linhagem. — Foi guerra aberta?

— Não. Ele evitou todo combate que pudesse, na verdade. Fez de alguns líderes-chave um exemplo brutal, para que o terror se espalhasse, e quando chegou a muitas dessas cidades ou exércitos, eles baixaram os braços e aceitaram seus termos de rendição em troca de proteção. Ele usou o medo como arma, tanto quanto exerceu seu *sulde*.

— Ouvi dizer que ele tinha dois - *suldes*, quero dizer.

— Ele tinha. E meu pai ainda tem. O Ébano e o Marfim, nós os chamamos. Um *sulde* com crina de cavalo branca para levar em tempos de paz e um com crina de cavalo preta para portar na guerra.

— Suponho que ele tenha levado Ébano com ele nessas campanhas.

— Oh, certamente. E quando ele cruzou o Kyzultum e derrotou a primeira cidade, a notícia de que esperava resistência, a notícia de que ele realmente carregava o *sulde* de Ébano, se espalhou tão rápido e tão longe que quando chegou ao reino seguinte, eles nem sequer se preocuparam em reunir um exército. Apenas se renderam. O khagan recompensou-os generosamente por isso, e garantiu que outros territórios também ouvissem sobre isso. — Ele ficou em silêncio por

um momento. — O rei de Adarlan não era tão inteligente ou misericordioso, não é?

— Não. — disse Nesryn, engolindo. — Ele não era. — O homem havia destruído, saqueado e escravizado. Não o homem, o demônio dentro dele. Ela acrescentou: — O exército que Erawan reuniu... Ele começou a juntá-lo muito antes de Dorian e Aelin crescerem e reivindicarem seus direitos de nascimento. Chaol, Lorde Westfall, falou-me de túneis e câmaras abaixo do palácio em Forte da Fenda que existem há anos. Lugares onde foram feitos experimentos com humanos e valg. Logo sob os pés de cortesãos cabeças de vento.

— O que levanta a questão do porquê — refletiu Sartaq. — Se ele tinha conquistado a maior parte do continente do norte, por que reunir essa força? Ele pensava que Aelin Galathynius estava morta, suponho que não antecipado seu retorno, nem Dorian Havilliard se tornando rebelde.

Ela não falara sobre as chaves de Wyrd – e ainda não conseguia se obrigar a falar sobre elas.

— Nós sempre acreditamos que Erawan estava inclinado a conquistar esse mundo. Parecia motivo suficiente.

— Mas você parece duvidosa agora.

Nesryn considerou.

— Eu simplesmente não entendo porquê. Por que todo esse esforço, por que ele quer conquistar mais quando sempre controlou secretamente o continente do norte. Erawan escapou apesar de muitos horrores. Seria porque ele deseja mergulhar nosso mundo em mais trevas? Ele deseja ser o mestre da terra?

— Talvez coisas como motivos e razões sejam estranhas aos demônios. Talvez ele apenas tenha a tendência para destruir.

Nesryn balançou a cabeça, apertando os olhos contra o sol enquanto ele subia mais alto, a luz tornando-se cegante.

Sartaq voltou para o abrigo de Eridun, deixou Kadara no grande salão e continuou o tour de Nesryn. Ele poupou-lhe o constrangimento de implorar para não usar as escadas de cordas ao longo do penhasco e levou-a através das escadas internas e corredores da montanha. Para chegar aos outros dois picos, afirmou, eles teriam que voar ou tomar uma das duas pontes entre elas. Um olhar para a ponte de madeira e Nesryn anunciou que poderia aguardar outro dia para tentar.

Voar em Kadara era uma coisa. Nesryn confiava no pássaro e confiava em seu piloto. Mas a ponte balançando, mesmo bem construída... Ela poderia precisar de uma bebida ou duas antes de tentar atravessar.

Mas havia muito o que ver na própria montanha – Rokhal, o Sussurrante, como era chamada. Os outros dois picos-irmãos que compunham os Dorgos eram Arik, o Melodioso; e Torke, o Rugidor – todos os três nomeados pela forma como o próprio vento cantava enquanto passava em volta deles.

Rokhal era o maior, que possuía mais cavernas e sua joia da coroa era o Salão de Altun perto do topo.

Mas mesmo nas câmaras abaixo de Altun, Nesryn dificilmente sabia para onde olhar enquanto o príncipe a levava através dos corredores e espaços sinuosos.

As várias cozinhas e pequenas salas de reuniões; casas e oficinas de cavaleiros de ruk; os ninhos de vários ruks, que variaram em cores do ouro de Kadara ao marrom escuro; as ferrarias onde armaduras eram forjadas de minério extraído de dentro da montanha; os curtumes onde as selas eram meticulosamente trabalhadas; os postos comerciais onde se podia trocar bens domésticos e pequenas bugigangas. E, finalmente, no topo de Rokhal, o ringue de treinamento.

Não havia nenhum muro ou vedação ao longo da cúpula ampla e plana. Somente o pequeno e redondo edifício que proporcionava um indulto do vento e frio, bem como o acesso à escada abaixo.

Nesryn estava sem fôlego quando abriram a porta de madeira ao vento cortante – e a visão que se abriu diante dela certamente levou qualquer ar restante em seus pulmões.

Mesmo voar acima e entre as montanhas parecia de alguma forma diferente disso.

Picos dominantes com os topos tomados pela neve, antigos como a terra, intocados e adormecidos. Perto, um lago comprido brilhava entre dois montes gêmeos, ruks meras sombras sobre a superfície verde petróleo.

Ela nunca tinha visto nada tão vasto e implacável, tão grande e belo. E mesmo que ela fosse tão insignificante quanto uma mosca em comparação com o tamanho das montanhas em torno deles, alguma parte de seu sangue, uma parte dela, era nascida daqui.

Sartaq ficou ao seu lado, movendo os olhos para onde a atenção dela se deslocava, como se seus olhares estivessem atados.

E quando o olhar de Nesryn pousou em uma montanha solitária e larga na outra extremidade do lago, ele respirou rapidamente. Nenhuma árvore crescia em seus lados escuros; apenas a neve proporcionava uma capa sobre os seus penhascos superiores e cume.

— Aquele é Arundin — Sartaq falou baixo, como se temesse que o vento ouvisse. — O quarto cantor em meio esses picos. — O vento realmente parecia fluir da montanha, frio e rápido. — O silencioso, nós o chamamos.

De fato, uma espécie de silêncio parecia ondular em torno daquele pico. Nas águas turquesas do lago a seus pés, havia uma imagem espelhada perfeita, tão límpida que Nesryn se perguntou se alguém poderia mergulhar em tal superfície e encontrar outro mundo, um mundo sombrio, embaixo.

— Por quê?

Sartaq virou-se, como se a visão de Arundin não fosse boa por muito tempo.

— É em suas encostas que o rukhin enterra nossos mortos. Se voarmos para perto, você verá *sulde* cobrindo suas laterais, os únicos marcadores dos caídos.

Era uma pergunta inteiramente inapropriada e mórbida, mas Nesryn a fez mesmo assim:

— Você será um deles um dia? Lá, ou na terra sagrada das estepes com o resto da sua família?

Sartaq tocou a pedra lisa debaixo deles.

— Essa escolha permanece diante de mim. As duas partes do meu coração provavelmente terão uma longa guerra sobre isso.

Ela certamente entendia: aquele puxão entre dois lugares.

Gritos e metal colidindo chamaram a atenção do silêncio eterno de Arundin para o real propósito do espaço em cima de Rokhal: o ringue de treinamento.

Homens e mulheres vestidos em couro de luta estavam em vários círculos e estações. Algumas flechas eram disparadas em alvos com uma precisão impressionante, lanças eram lançadas, espadas batiam em espadas. Os cavaleiros mais velhos gritavam ordens, corrigindo a postura, seguindo os guerreiros.

Alguns giraram na direção de Sartaq enquanto ele e Nesryn se aproximavam do anel de treino na extremidade mais distante do espaço. O circuito de tiro com arco.

Com o vento, o frio... Nesryn encontrou-se calculando esses fatores. Admirando mais ainda a habilidade dos arqueiros. E, de alguma forma,

ela não ficou surpresa ao encontrar Borte entre os três arqueiros mirando nos bonecos estofados, suas tranças longas balançando ao vento.

— Está aqui para eu chutar a sua bunda de novo, irmão? — o sorriso de Borte estava cheio daquele deleite perverso.

Sartaq soltou sua risada rica e agradável novamente, pegando um arco longo e uma aljava. Ele cutucou sua irmã do coração de lado com um movimento do quadril, encaixando uma flecha com facilidade. Ele apontou, disparou, e Nesryn sorriu quando a flecha encontrou seu lugar, bem no pescoço do manequim.

— Impressionante, para um príncipe — Borte falou. Ela se virou para Nesryn, as sobrancelhas escuras se erguendo. — E você?

Certo, então. Escondendo seu sorriso, Nesryn tirou o casaco mais pesado de lã, deu a Borte uma inclinação de cabeça e aproximou-se da prateleira de flechas e arcos. O vento da montanha era estimulante com apenas seus couros para manter o calor, mas ela bloqueou os sussurros de Rokhal enquanto deslizava os dedos para a madeira esculpida. Teixo, madeira cinzenta... Ela pegou um dos arcos de teixo, testando seu peso, sua flexibilidade e resistência. Uma arma sólida e mortal.

Ainda familiar. Tão familiar quanto um velho amigo. Ela não pegou um arco até a morte de sua mãe, e durante os primeiros anos de dor e entorpecimento, o treinamento físico, a concentração e a força exigida tinham sido um santuário, um indulto e uma forja.

Ela se perguntou se algum dos seus antigos tutores sobreviveu ao ataque a Forte da Fenda. Se alguma de suas flechas tinha derrubado alguma serpente alada. Ou desacelerado o suficiente para salvar vidas.

Nesryn deixou o pensamento se acomodar enquanto se movia para as aljavas, pegando as flechas. As flechas de metal eram mais pesadas do que aquelas que ela usara em Adarlan, o eixo ligeiramente mais espesso. Projetadas para cortar ventos brutais em alta velocidade. Talvez, se tivessem sorte, para atirar em uma serpente alada ou duas.

Ela escolheu setas de várias aljavas, colocando-as em sua própria antes de prendê-la para trás e se aproximar da linha onde Borte, Sartaq e alguns outros observavam silenciosamente.

— Escolha um alvo — disse Nesryn à Borte.

A mulher sorriu.

— Pescoço, coração, cabeça. — Ela apontou para cada um dos três manequins, um alvo diferente para cada um.

O vento os sacudia, a mira e a força necessária para atingir cada um completamente diferente. Borte sabia disso.

Todos os guerreiros aqui sabiam.

Nesryn ergueu um braço para trás da cabeça, passando os dedos ao longo da flecha, as penas ondulando contra sua pele enquanto examinava os três alvos. Ouviu o murmúrio dos ventos correndo através do Rokhal, aquela invocação selvagem que ela ouviu ecoar em seu próprio coração. *Buscadora do Vento*, sua mãe a chamava.

Uma após a outra, Nesryn retirou uma flecha e disparou.

De novo e de novo e de novo.

De novo e de novo e de novo.

De novo e de novo e de novo.

E quando terminou, apenas o vento uivante respondeu – o vento de Torke, o Rugidor. O anel de treinamento parou. Olhando o que ela tinha feito.

Em vez de três flechas distribuídas entre os três manequins, ela disparara nove.

Três fileiras de tiros perfeitamente alinhados em cada um: coração, pescoço e cabeça. Nenhum centímetro de diferença. Até com os ventos cantores.

Sartaq sorria quando ela se virou para ele, sua trança longa tremulando atrás dele, como se fosse de um *sulde*.

Mas Borte passou por ele e disse para Nesryn:

— Mostre-me.

Por horas, Nesryn ficou no topo do anel de treino de Rokhal e explicou como o fez, como calculava o vento, peso e ar. E tanto quanto mostrou às várias pessoas que se aproximaram, elas também demonstraram suas próprias técnicas. A maneira como se viravam sobre suas selas para disparar para trás, que arcos usavam para caçar ou batalhar.

As bochechas de Nesryn estavam insensíveis pelo vento, as mãos entorpecidas, mas ela sorria – largamente e sem parar – quando Sartaq foi abordado por um mensageiro sem fôlego que surgiu de repente do vão da escada.

Sua mãe postiça já havia voltado.

O rosto de Sartaq não revelou nada, embora um aceno dele tivesse feito com que Borte ordenasse a todos os espectadores que voltassem para suas várias estações. Eles fizeram isso com alguns sorrisos de

“obrigado” e “de nada” a Nesryn, que respondeu com uma inclinação de cabeça.

Sartaq colocou a aljava e o arco na prateleira de madeira, estendendo a mão para os de Nesryn. Ela passou para ele, flexionando os dedos depois de horas segurando o arco e as flechas.

— Ela estará cansada — apontou Borte, com uma espada curta na mão. Seu treinamento, aparentemente, não terminara pelo dia. — Não a incomodem demais.

Sartaq lançou um olhar incrédulo para Borte.

— Você acha que eu quero ser golpeado com uma colher de novo?

Nesryn sufocou o riso, mas enfiou os ombros no casaco cor de cobalto e ouro forrado de lã, fechando-o firmemente.

Ela seguiu o príncipe enquanto se dirigia para o interior quente, alisando seus cabelos lançados pelo vento enquanto desciam a escadaria escura.

— Embora Borte um dia vá liderar o Eridun, ela treina com os outros?

— Sim — disse Sartaq sem olhar por cima do ombro. — As mães postiças sabem como lutar, como atacar e defender. Mas o treinamento de Borte inclui outras coisas.

— Como aprender as diferentes línguas do mundo. — Seu uso da língua do norte era tão impecável como a de Sartaq.

— Como isso. E história e... mais. Coisas que nem Borte nem sua avó me contaram. — As palavras ecoaram as pedras ao redor deles.

— Onde está a mãe de Borte? — Nesryn ousou perguntar.

Os ombros de Sartaq ficaram tensos.

— Seu *sulde* está nas encostas de Arundin.

O modo como ele falou, o frio de sua voz...

— Eu sinto muito.

— Eu também — disse Sartaq.

— E o pai dela?

— Um homem que a mãe dela encontrou em terras distantes, e em quem não se interessou por mais do que uma noite.

Nesryn considerou a mulher feroz e maliciosa que lutava com habilidade no treinamento.

— Fico feliz que ela tenha você, então. E a avó dela.

Sartaq deu de ombros. Território perigoso e estranho – de alguma forma ela fora para um lugar onde não tinha direito de entrar.

— Você é uma boa professora — Sartaq disse apenas.

— Obrigada.

Era tudo o que ela podia pensar para dizer. Ele se mantivera perto ao lado dela enquanto ela encaminhava os outros através de suas várias posições e técnicas, mas dissera pouco. Um líder que não precisava falar e vangloriar-se constantemente.

Ele soltou uma respiração, afundando os ombros.

— E estou aliviado ao ver que a realidade faz jus à lenda.

Nesryn riu, grata por voltar a um terreno mais seguro.

— Você teve dúvidas?

Chegaram ao patamar que os levaria ao salão. Sartaq deixou-a ajustar o passo ao seu lado.

— Os relatórios deixaram de lado algumas informações importantes. Isso me fez duvidar de sua precisão.

Foi o brilho malicioso em seus olhos que fez com que Nesryn inclinasse sua cabeça.

— O que, exatamente, eles não mencionaram?

Eles alcançaram o grande salão, vazio salvo por uma figura com capuz visível do outro lado da fogueira – e alguém sentado ao lado dela.

Mas Sartaq virou-se para ela, examinando-a da cabeça aos pés e de volta à cabeça.

— Eles não mencionaram que você é linda.

Nesryn abriu e fechou a boca no que ela tinha certeza ser uma paródia incomparável de um peixe em terra seca.

Com uma piscadela, Sartaq avançou, chamando:

— *Ej*. — O termo da rukhin para *mãe*, ele havia dito.

Nesryn correu atrás dele. Eles deram a volta na grande fogueira, e a figura sentada na parte superior dos degraus puxou seu capuz para trás.

Ela esperava uma velha mulher, curvada pela idade e desdentada.

Em vez disso, uma mulher de costas retas com cabelo trançado cor de ônix e rajado de prateado sorriu sombriamente para Sartaq. Embora a idade realmente tocasse seus traços... era o rosto de Borte. Ou o rosto de Borte daqui quarenta anos.

A mãe postiça usava os couros de um cavaleiro, embora seu manto azul escuro – na verdade uma jaqueta que ela deixara pendurada sobre os ombros – cobria uma grande parte deles.

Mas ao seu lado... Falkan. Seu rosto era igualmente grave, aqueles olhos escuros de safira examinando-os. Sartaq mudou seu ritmo à visão do comerciante, irritado por não ter sido o primeiro a reivindicar a atenção dela ou simplesmente que o homem estivesse presente nesta reunião.

Boas maneiras ou instintos de autopreservação o levaram em frente, e Sartaq continuou sua abordagem, descendo para o primeiro degrau na beira do poço para avançar o resto do caminho.

Houlun levantou-se quando ele estava perto, envolvendo-o com um abraço rápido e duro. Ela segurou seus ombros quando terminou, a mulher quase tão alta quanto ele, ombros fortes e coxas bem musculosas, e examinou Sartaq com um olhar perspicaz.

— Tristeza ainda pesa sobre você — ela observou, uma mão salpicada de cicatrizes sobre a elevação da bochecha de Sartaq. — E preocupação.

Os olhos de Sartaq se fecharam antes de ele abaixar a cabeça.

— Senti sua falta, Ej.

— Seu adúlador — Houlun repreendeu, acariciando sua bochecha.

Para o prazer de Nesryn, ela poderia jurar que o príncipe corou.

A luz do fogo iluminou os poucos fios de prata nos cabelos de Houlun com vermelho e ouro enquanto olhava para trás dos ombros largos de Sartaq para onde Nesryn estava no topo do poço.

— E a arqueira do norte chega finalmente. — Uma inclinação de cabeça. — Eu sou Houlun, filha de Dochin, mas você pode me chamar Ej, como os outros fazem.

Um olhar para os olhos castanhos da mulher e Nesryn sabia que Houlun não era alguém que deixava algo passar.

Nesryn inclinou a cabeça.

— É uma honra.

A mãe postiça a encarou por um longo momento. Nesryn encontrou seu olhar, permanecendo tão imóvel quanto poderia. Deixando a mulher ver o que queria.

Finalmente, os olhos de Houlun deslizaram em direção a Sartaq.

— Temos questões para discutir.

Não mais sob aquele olhar feroz, Nesryn exalou, mas manteve a espinha ereta.

Sartaq assentiu, com algo de alívio no rosto. Mas ele olhou para Falkan, observando tudo de seu assento.

— São coisas que devem ser ditas em particular, *Ej*.

Não foi rude, mas certamente não foi calorosa. Nesryn absteve-se de fazer eco do sentimento do príncipe.

Houlun fez uma careta.

— Então isso pode esperar. — Ela apontou para o banco de pedra. — Sente.

— *Ej...*

Falkan se moveu, como se prestes a fazer um favor a todos eles e ir embora.

Mas Houlun se virou para ele em alerta silencioso para permanecer.

— Eu gostaria que todos vocês ouvissem.

Sartaq sentou no banco, o único sinal de seu descontentamento sendo o pé que ele bateu no chão. Nesryn pegou um lugar ao lado dele, a mulher severa reclamando seu assento entre eles e Falkan.

— Um antigo mal está se agitando nas montanhas — disse Houlun. — Foi por isso que estive fora nos últimos dias, para procurá-lo.

— *Ej*. — Atenção e medo cobraram a voz do príncipe.

— Eu não sou tão velha que não possa usar meu *sulde*, garoto. — Ela encarou-o. Na verdade, nada sobre essa mulher parecia velho.

— O que procurava? — Sartaq perguntou, franzindo o cenho.

Houlun procurou ao redor em busca de qualquer ouvido próximo.

— Os ninhos ruk foram saqueados. Ovos roubados durante a noite noite, filhotes que desapareceram.

Sartaq praguejou, sujo e baixo. Nesryn piscou, mesmo quando seu estômago se apertou.

— Criminosos não ousaram andar nessas montanhas por décadas — disse o príncipe. — Mas você não deveria tê-los procurado *sozinha*, *Ej*.

— Não foram caçadores furtivos que busquei. Mas algo pior.

Sombras alinhavam o rosto da mulher, e Nesryn engoliu. Se os valg tivessem vindo para cá...

— Minha própria *ej* as chamava de *kharankui*.

— Significa sombra e escuridão. — murmurou Sartaq a Nesryn, medo tensionando seu rosto.

O coração dela trovejou. Os valg já deveriam estar aqui.

— Mas em suas terras — Houlun continuou, olhando entre Nesryn e Falkan — eles chamam de algo diferente, não?

Nesryn dimensionou Falkan enquanto ele engolia, imaginando consigo mesma como mentir ou evitar revelar tudo sobre os valg.

Mas Falkan assentiu. E ele respondeu, voz mal audível acima da chama:

— Nós as chamamos de aranhas estíguas.

Capítulo 31

— As aranhas estíguas são pouco mais do que mitos — Nesryn conseguiu dizer a Houlun. — Seda de Aranha é tão rara que alguns até duvidam que exista. Você pode estar perseguindo fantasmas.

Mas foi Falkan que respondeu com um sorriso sombrio:

— Eu diria diferente, capitã Faliq. — Ele colocou a mão no bolso interno de seu casaco, e Nesryn ficou tensa, disparando a mão para adaga na cintura.

Não foi uma arma que ele tirou.

O tecido branco brilhou, a iridescência como o fogo de estrelas, enquanto Falkan o movia na mão. Mesmo Sartaq assobiou ao lenço feito de um pedaço de tecido.

— Seda de Aranha — disse Falkan, enfiando a peça de volta no casaco. — Direto da fonte.

Quando a boca de Nesryn se abriu, Sartaq perguntou:

— Você viu esses terrores de perto?

— Eu barganhei com seus parentes no continente do norte — corrigiu Falkan, aquele tom sombrio permanecendo. O rosto com sombras. Tantas sombras. — Há quase três anos. Alguns podem julgar o negócio de um tolo, mas eu parti com cem metros de seda.

O lenço em seu casaco sozinho poderia bancar o resgate de um rei. Cem metros disso...

— Você deve ser rico como o khagan — ela observou.

Um dar de ombros.

— Aprendi que a verdadeira riqueza não é ouro e joias brilhantes.

— Qual foi o custo, então? — Sartaq perguntou em voz baixa. Para as aranhas estíguas o pagamento não era bens materiais, mas sonhos, desejos e...

— Vinte anos. Vinte anos da minha vida. Não foram tirados do final, mas da melhor época.

Nesryn examinou o homem, seu rosto apenas começando a mostrar os sinais da idade, o cabelo ainda sem tons de cinza.

— Tenho vinte e sete anos — Falkan disse a ela. — E, no entanto, agora pareço ser um homem de quase cinquenta.

Deuses santos.

— O que está fazendo no abrigo então? — exigiu Nesryn. — As aranhas aqui produzem a seda também?

— Elas não são tão civilizadas quanto suas irmãs no norte — disse Houlun, estalando a língua. — As *kharankui* não criam, apenas destroem. Há muito elas habitam em suas cavernas e passagens nos Montes Dagul, no extremo sul dessas montanhas. E há muito tempo mantivemos uma distância respeitosa.

— Por que acha que elas agora vêm para roubar nossos ovos? — Sartaq olhou para os poucos ruks na boca da caverna, esperando por seus cavaleiros. Ele se inclinou para frente, apoiando os antebraços nas coxas.

— Quem mais seria? — a mãe de coração respondeu. — Não foi nenhum caçador furtivo. Quem mais poderia se esgueirar num ninho de ruk, tão alto no mundo? Eu passei por seu domínio nos últimos dias. As teias de fato cresceram a partir dos picos e passagens dos Montes até as florestas de pinheiros nos barrancos, sufocando toda a vida. — Um olhar para Falkan. — Não acredito que seja uma mera coincidência que as *kharankui* tenham começado a aumentar o seu mundo ao mesmo tempo em que um comerciante procura nosso abrigo em busca de respostas sobre suas parentes do norte.

Falkan levantou as mãos para o olhar afiado de Sartaq.

— Eu não as procurei nem provoquei. Eu ouvi sussurros, sobre o grande conhecimento de sua mãe de coração e pensei em procurar o seu conselho antes de ousar fazer qualquer coisa.

— O que quer com elas? — perguntou Nesryn, inclinando a cabeça.

Falkan examinou as mãos, flexionando os dedos como se estivessem rígidos:

— Eu quero minha juventude de volta.

— Ele vendeu seus cem metros, mas ainda pensa que pode recuperar seu tempo — Houlun disse a Sartaq.

— Eu *posso* reivindicá-lo — insistiu Falkan, ganhando um olhar de advertência de Houlun ao seu tom. Ele se acalmou, e esclareceu — Há... coisas que ainda tenho para fazer. Eu gostaria de realizá-las antes de a idade avançada interferir. Foi-me dito que matar a aranha que comeu meus vinte anos era a única maneira de me devolver esses anos perdidos.

As sobranceiras de Nesryn se estreitaram.

— Por que não caça essa aranha em casa, então? Por que vir aqui?

Falkan não respondeu.

— Porque ele também foi informado de que apenas um grande guerreiro pode matar uma *kharankui* — Houlun explicou. — O maior na terra. Ele ouviu falar de nossa proximidade com tais montros e pensou em tentar sua sorte aqui primeiro, para saber o que sabemos sobre as aranhas; talvez como matá-las. — Um olhar levemente confuso. — Talvez também para encontrar algum caminho pela porta dos fundos para recuperar seus anos, uma rota alternativa aqui, para poupar o confronto lá.

Um plano bastante bom para um homem insano o suficiente para trocar sua vida em primeiro lugar.

— O que isso tem a ver com os ovos roubados e as crias, *Ej*? — Sartaq, também, aparentemente possuía pouca simpatia com o comerciante que trocara sua juventude por riqueza. Falkan virou o seu rosto para o fogo, como se estivesse bem ciente disso.

— Eu quero que você os encontre. — disse Houlun.

— Eles provavelmente já morreram, *Ej*.

— Aqueles horrores podem manter suas presas vivas o suficiente em seus casulos. Mas você está certo, eles provavelmente já foram consumidos. — Raiva reluziu no rosto da mulher, uma visão da guerreira abaixo; sua neta também tinha o mesmo rosto. — É por isso que quero que você os encontre na próxima vez. E lembre àquelas pilhas de fezes que não encaramos com bondade o roubo dos nossos jovens. — Ela fez um movimento de queixo para Falkan. — Quando eles forem, você também irá. Veja se as respostas que procura estão lá.

— Por que não ir agora? — perguntou Nesryn. — Por que não procurá-las e puni-las?

— Porque ainda não temos provas — respondeu Sartaq. — E se atacarmos sem sermos provocados...

— As *kharankui* tem sido inimigas dos ruks — concluiu Houlun. — Eles guerrearam uma vez, muito tempo atrás. Antes que os cavaleiros subissem das estepes. — Ela balançou a cabeça, afugentando a sombra

de memória, e declarou a Sartaq: — É por isso que manteremos a calma. A última coisa que precisamos é de cavaleiros e ruks voando para lá com fúria, ou preenchendo este lugar com pânico. Diga-lhes que fiquem de guarda nos ninhos, mas não diga porquê.

Sartaq assentiu.

— Como desejar, *Ej*.

A mãe postiça voltou-se para Falkan:

— Quero ter uma palavra com o meu capitão.

Falkan entendeu a dispensa e levantou-se.

— Estou à sua disposição, príncipe Sartaq. — Com uma reverência graciosa, ele entrou no corredor.

Quando os passos de Falkan desapareceram, Houlun murmurou:

— Está começando de novo, não é? — Aqueles olhos escuros deslizaram para Nesryn, o fogo dourando as partes brancas. — Aquele Que Dorme despertou.

— Erawan. — sussurrou Nesryn. Ela poderia ter jurado que a grande fogueira tremulou em resposta.

— Você o conhece, *Ej*? — Sartaq se moveu para sentar-se do outro lado da mulher, permitindo que Nesryn se aproximasse mais no banco de pedra.

Mas a mãe de coração moveu seu olhar afiado sobre Nesryn.

— Você os enfrentou. Seus animais de sombra.

Nesryn afastou as memórias que surgiram.

— Sim. Ele construiu um exército de terrores no continente do norte. Em Morath.

Houlun virou-se para Sartaq.

— O seu pai sabe?

— Apenas partes. Seu sofrimento... — Sartaq encarava o fogo. Houlun colocou uma mão no joelho do príncipe. — Houve um ataque em Antica. Contra uma curandeira da Torre.

Houlun praguejou tão sujo quanto o filho do coração.

— Nós imaginamos que um dos agentes de Erawan pode estar por trás disso — continuou Sartaq. — E, em vez de perder tempo convencendo meu pai a ouvir teorias meio formadas, lembrei-me de suas histórias, *Ej*, e pensei em saber se você poderia saber alguma coisa.

— E se eu contasse? — Um olhar, forte e penetrante como o de um ruk. — Se eu lhe dissesse o que sei da ameaça, você esvaziaria cada abrigo e ninho? Voaria através do Mar Estreito para enfrentá-los – e nunca voltaria?

Sartaq engoliu em seco. E Nesryn percebeu que ele não tinha vindo para cá para obter respostas.

Talvez Sartaq já soubesse o suficiente sobre valg para decidir por si mesmo sobre como enfrentar a ameaça.

Ele viera aqui para conquistar seu povo – esta mulher. Ele poderia comandar os ruks de seu pai, o império. Mas nessas montanhas, a palavra de Houlun era lei.

E naquele quarto pico, nas encostas silenciosas de Arundin... O *sulde* de sua filha voava no vento. Uma mulher que entendia o custo da vida – profundamente. Que não estava tão ansiosa para deixar sua neta viajar com a legião. Se ela permitisse que os rukhin Eridun partisse.

— Se as *kharankui* estão se mexendo, se Erawan se elevou no norte — disse Sartaq com cuidado — são ameaças para todos encararem. — Ele inclinou a cabeça. — Mas eu ouviria o que a senhora sabe, *Ej*. O que talvez até os reinos no norte tenham perdido com tempo e a destruição. Até nosso povo, escondido nesta terra, conhece histórias das antigas guerras demoníacas que nunca alcançaram essas costas.

Houlun examinou-os, sua trança longa e grossa balançando. Então apoiou uma mão sobre a pedra e levantou-se, gemendo:

— Eu devo comer primeiro e descansar um pouco. Então eu conto a vocês. — Ela franziu a testa para a boca da caverna, o brilho prateado de luz do sol manchando as paredes. — Uma tempestade se aproxima. Avistei-a no voo de volta. Diga aos outros para se prepararem.

Com isso, a mãe postiça deu a volta na fogueira do poço e entrou no corredor além. Seus passos eram rígidos, mas suas costas estavam retas. O ritmo de um guerreiro, marcado e inalterável.

Mas em vez de seguir para a mesa redonda ou para as cozinhas, Houlun passou pela porta que Nesryn marcara como a pequena biblioteca.

— Ela é nossa Guardiã de Histórias. — explicou Sartaq, seguindo os olhos de Nesryn. — Estar ao redor dos textos ajuda a melhorar sua memória.

Não apenas uma mãe postiça que conhecia a história do rukhin, mas uma sagrada Guardiã de Histórias – um raro dom de lembrar e contar as lendas e histórias do mundo.

Sartaq levantou-se, gemendo enquanto se esticava.

— Ela nunca está errada sobre uma tempestade. Devemos espalhar a notícia. — Apontou para o corredor atrás deles. — Você pega o interior. Eu vou para os outros picos e os aviso.

Antes que Nesryn pudesse perguntar para quem, exatamente, ela deveria avisar, o príncipe estava indo para Kadara.

Ela franziu a testa. Bem, parecia que ela teria apenas seus próprios pensamentos como companhia. Um comerciante procurando por aranhas que pudessem ajudá-lo a recuperar sua juventude, ou pelo menos aprender como poderia retomá-la de suas parentes do norte. E as próprias aranhas... Nesryn estremeceu pensando nas coisas que se arrastavam aqui, de todos os lugares, para se alimentar dos mais vulneráveis. Monstros saídos de lendas.

Talvez Erawan convocasse todas as coisas negras e perversas deste mundo para a sua causa.

Esfregando as mãos como se pudesse trazer o calor da fogueira em sua pele, Nesryn entrou no abrigo.

Uma tempestade estava chegando, ela devia contar a qualquer um que cruzasse seu caminho.

Mas ela sabia que uma já estava aqui.

A tempestade os atingiu logo após o anoitecer. Grandes garras de relâmpagos rasgaram o céu, e trovões estremeeceram através de todos os corredores e pavimentos.

Sentada ao redor da fogueira, Nesryn olhou para a distante boca da caverna, onde poderosas cortinas haviam sido puxadas pelo espaço. Eles ondulavam e sopravam no vento, mas permaneciam ancorados no chão, abrindo-se apenas um pouco para permitir vislumbres da noite de chuva.

Logo depois da cortina, três ruks estavam enrolados no que pareciam ser ninhos de palha e pano: Kadara, uma feroz ruk marrom que Nesryn descobrira pertencer a Houlun, e uma ruk menor de coloração avermelhada. A menor pertencia a Borte – uma verdadeira anã, a menina a chamara no jantar, sorrindo com orgulho.

Nesryn esticou as pernas doloridas, grata pelo calor do fogo e pelo cobertor que Sartaq deixara cair em seu colo. Ela passara horas subindo e descendo as escadas do abrigo, dizendo a quem encontrasse que Houlun trouxera a notícia de que uma tempestade se aproximava.

Alguns haviam dado um aceno de agradecimento e se apressaram; outros ofereceram chá quente e pequenas amostras do que quer que eles estivessem cozinhando em seus lares. Alguns perguntavam de onde Nesryn tinha vindo, por que ela estava aqui. E sempre que ela

explicava que vinha de Adarlan, mas que a família dela era principalmente originária do continente do sul, suas respostas eram todas iguais: *bem-vinda ao lar*.

A caminhada de cima para baixo pelas várias escadas e salões tomou seu preço, juntamente com as horas de treinamento daquela manhã. E quando Houlun instalou-se no banco entre Nesryn e Sartaq – Falkan e Borte se afastaram para seus próprios quartos depois do jantar – Nesryn estava perto de se despedir também.

Relâmpago explodiu lá fora, fazendo o corredor brilhar com prata. Por longos minutos, enquanto Houlun olhava para o fogo, havia apenas o barulho do trovão, o sopro do vento e o golpe da chuva, o crepitar do fogo e o sussurro das asas dos ruk.

— As noites tormentosas são o domínio da Guardiã de Histórias — disse Houlun em halha. — Podemos ouvir uma aproximando-se a centenas de quilômetros de distância, cheirando no ar como um caçador à sua presa. Elas nos dizem para nos preparar, para ficar prontos para elas. Para nos aproximarmos dos nossos parentes e ouvir com atenção.

Os pelos dos braços de Nesryn arrepiaram-se sob o calor do casaco de lã.

— Há muito tempo — continuou Houlun — antes do khaganato, antes dos senhores dos cavalos nas estepes e da Torre junto ao mar, antes que qualquer mortal governasse essas terras... Uma fenda apareceu no mundo. Nestas muitas montanhas.

O rosto de Sartaq era ilegível enquanto a mãe falava, mas Nesryn engoliu em seco. Uma fenda no mundo – um portão de Wyrd aberto. Aqui.

— Ela abriu e se fechou rapidamente, não mais do que um relâmpago.

Como se em resposta, veias de raios bifurcados iluminaram o céu além.

— Mas apenas isso foi o necessário. Para que os horrores entrassem. As *kharankui* e outros animais de sombra.

As palavras ecoaram através de Nesryn.

As *kharankui* – as aranhas estíguas... e outros infiltrados. Nenhuma dessas bestas comuns.

Mas valg.

Nesryn estava agradecida por já estar sentada.

— Os valg estiveram *aqui*? — Sua voz também era alta demais no silêncio cheio de tempestade.

Sartaq deu a Nesryn um olhar de advertência, mas Houlun apenas assentiu com a cabeça, e fez um movimento com o queixo.

— A maioria dos valg foi embora, convocados para o norte quando mais hordas apareceram lá. Mas este lugar... talvez os valg que chegaram aqui fossem uma vanguarda, que avaliou esta terra e não achou o que procurava. Então eles se mudaram. Mas as *kharankui* permaneceram nas montanhas, servas de uma coroa escura. Elas não foram embora. As aranhas aprenderam as línguas dos homens enquanto comiam os tolos estúpidos o suficiente para se aventurar em seu reino estéril. Os poucos que voltaram alegaram que tais criaturas permaneceram porque os Montes as lembravam de seu mundo sombrio. Outros disseram que as aranhas se demoraram para proteger o caminho de volta – para aguardar a abertura da porta novamente. E para ir para casa. Guerra foi travada no leste, nos antigos reinos feéricos. Três reis demoníacos contra uma rainha feérica e seus exércitos. Demônios que atravessaram uma porta entre mundos para conquistar o nosso próprio.

E ela então continuou, descrevendo a história que Nesryn conhecia bem. Ela deixou a mãe de coração narrar, com a mente rodando.

Aranhas estíguas – na verdade valgs que se esconderam à vista durante todo esse tempo.

Houlun foi em frente, e Nesryn se forçou a prestar atenção.

— E, no entanto, mesmo quando os valg foram banidos de seu reinado, mesmo quando o último rei demoníaco foi mandado para os lugares escuros do mundo, os feéricos vieram até aqui. Para estas montanhas. Eles ensinaram os ruks a lutar contra as *kharankui*, ensinaram os idiomas feéricos e dos homens. Construíram torres de vigia ao longo destas montanhas, erguendo avisos, faróis em toda a terra. Eles eram uma guarda distante contra as *kharankui*? Ou também os feéricos, como as aranhas, estavam esperando que essa fenda no mundo se abrisse novamente? No momento em que alguém pensou em perguntar por que, eles deixaram as torres de vigia e desapareceram na memória.

Houlun fez uma pausa e Sartaq perguntou:

— Existe... existe algum modo de os valg poderem ser derrotados? Além da mera batalha? Qualquer poder para nos ajudar a lutar contra essas novas hordas que Erawan juntou?

Houlun deslizou o olhar para Nesryn.

— Pergunte a ela — respondeu ao príncipe — Ela já sabe.

Sartaq mal escondeu sua ondulação de choque enquanto se inclinava para frente.

— Eu não posso contar — Nesryn sussurrou. — A qualquer um de vocês. Se Morath ouvir uma lasca da esperança que nós temos... — As chaves de Wyrd... ela não podia arriscar contar. Mesmo para eles.

— Você me trouxe aqui para fazer a tarefa de um tolo, então. — Palavras frias, bruscas.

— Não. — insistiu Nesryn. — Há muito que ainda não sabemos. Que essas aranhas são valgs no mundo, que fizeram parte do exército valg e têm um posto avançado aqui, bem como nas Montanhas Ruhnn no continente do norte... Talvez esteja ligado, de alguma forma. Talvez haja algo que ainda não descobrimos, alguma fraqueza entre os valg que podemos explorar. — Ela estudou o corredor, acalmando seu coração tropejante. O medo não ajuda ninguém.

Houlun olhou entre eles.

— A maioria das torres de vigia dos feéricos desapareceu, mas algumas ainda estão em ruínas parciais. A mais próxima fica a talvez meio dia de voo a partir daqui. Comece lá, veja se alguma coisa permanece. Possivelmente pode encontrar uma resposta ou duas, Nesryn Faliq.

— Ninguém nunca procurou?

— Os feéricos colocaram armadilhas para manter as aranhas afastadas. Quando abandonaram as torres e partiram, deixaram-nas intactas. Alguns tentaram entrar – para saquear, para aprender. Nenhum retornou.

— Vale a pena o risco? — uma pergunta direta de um capitão para a mãe de coração do abrigo.

O maxilar de Houlun apertou.

— Eu lhe disse o que posso, e até mesmo isso são meras migalhas de conhecimento que passaram além da maioria das memórias desta terra. Mas se as *kharankui* estiverem se mexendo de novo... Alguém deveria ir até aquela torre de vigia. Talvez você descubra algo de uso. Saiba como os feéricos lutaram contra estes terrores, como os mantiveram à distância. — Um olhar longo e avaliador para Nesryn enquanto um trovão chacoalhava novamente as cavernas. — Talvez faça com que essa lasca de esperança seja um pouco maior.

— Ou nos mate. — disse Sartaq, franzindo a testa para os ruks meio adormecidos em seus ninhos.

— Nada de valioso vem sem custo, garoto — respondeu Houlun. — Mas não se demore na torre de vigia após o escurecer.

Capítulo 32

— Bom — disse Yrene, o peso sólido da perna de Chaol apoiado contra o seu ombro enquanto ela lentamente o girava.

Esticado abaixo dela no chão da sala de trabalho no complexo dos médicos da Torre vários dias mais tarde, Chaol a observava em silêncio. O dia já queimava bastante e Yrene estava encharcada de suor; ou estaria, se o clima seco não secasse o suor antes que ele pudesse realmente molhar as roupas. Ela podia senti-lo, porém, em seu rosto – vê-lo reluzir no próprio Chaol, suas feições apertadas com concentração enquanto ela se ajoelhava sobre ele.

— Suas pernas estão respondendo bem aos exercícios — ela observou, os dedos apertando o poderoso músculo de suas coxas.

Yrene não perguntou o que mudou. Por que ele começou a ir ao pátio dos guardas no palácio.

Ele também não explicou.

— Estão... — respondeu Chaol, esfregando o queixo.

Ele não se afastara naquela manhã. Quando ela entrou em sua suíte depois que ele voltou da prática desta manhã com os guardas, ele disse que queria dar uma volta e conseguir uma mudança de cenário para o dia.

Que ele estivesse tão ansioso, tão disposto a ver a cidade, se adaptar ao seu entorno... Yrene não fora capaz de dizer não. Então, eles vieram para cá depois de um passeio sinuoso por Antica, para trabalhar

em um dos quartos tranquilos neste corredor. Os quartos eram todos iguais, cada um ocupado por uma mesa, uma cama estreita e um armário de parede, além de adornados com uma janela solitária que deixava as lindas filas do extenso jardim de ervas à vista. De fato, apesar do calor, os aromas de alecrim, hortelã e sálvia enchiam a câmara.

Chaol grunhiu quando Yrene baixou a perna esquerda para o chão de pedra e começou a trabalhar na direita. Sua magia era um ruído baixo fluindo através dela e para dentro dele, com cuidado para evitar a mancha preta que descia lentamente pela espinha dorsal.

Eles lutaram contra aquilo todos os dias. As memórias o devoravam, se alimentavam dele e Yrene fazia força contra elas, afastando a escuridão que o empurrava para atormentá-lo.

Às vezes, ela vislumbra o que ele suportava naquele poço negro girando. A dor, a raiva, a culpa e a tristeza. Mas apenas vislumbres, como se fossem restos de fumaça passando por ela. E embora ele não discutisse o que via, Yrene conseguia fazer recuar aquela onda escura. Tão pouco de cada vez, meros pedaços de pedra de uma rocha, mas... melhor do que nada.

Ao fechar os olhos, Yrene deixou seu poder se infiltrar nas pernas dele como um enxame de vaga-lumes brancos, encontrando aqueles caminhos danificados e remendando-os, cercando os pedaços desgastados que ficaram em silêncio durante esses exercícios, quando eles deveriam ter sido iluminados como o resto dele.

— Eu tenho pesquisado — ela disse, abrindo os olhos enquanto girava a perna na altura do quadril — coisas que antigos curandeiros fizeram com pessoas com lesões na coluna vertebral. Havia uma mulher, Linqin, que conseguiu fazer um suporte mágico para todo o corpo. Um tipo invisível de exoesqueleto que permitia a pessoa andar até que eles pudessem chegar a um curandeiro, ou caso a cura não fosse bem-sucedida.

— Assumo que você não tenha um? — Chaol enrugou a testa.

Yrene balançou a cabeça, abaixando a perna e novamente pegando a outra para começar a próxima série.

— Linqin fez apenas dez, todos conectados a talismãs que o usuário poderia usar. Eles se perderam algo longo do tempo, junto com seu método de criá-los. E havia outra curandeira, Saanvi, que a lenda diz que era capaz de fazer a cura inteiramente plantando uma espécie de fragmento de pedra minúsculo e mágico no cérebro.

Ele se encolheu.

— Eu não estava sugerindo experimentar em você — disse ela, dando um tapinha na coxa dele. — Ou precisar.

Um meio sorriso repuxou sua boca.

— Então, como esse conhecimento se perdeu? Pensei que a biblioteca aqui contivesse todos os seus registros.

Yrene franziu a testa.

— Ambas eram curandeiras trabalhando em postos avançados longe da Torre. Há quatro ao longo continente – pequenos centros onde curandeiros da Torre vivem e trabalham. Para ajudar as pessoas que não podem fazer a viagem até aqui. Linqin e Saanvi estavam tão isolados que, quando alguém se lembrou de buscar seus registros, eles estavam perdidos. Tudo o que temos agora são rumores e mitos.

— *Você mantém registros? De tudo isso?* — Ele gesticulou entre eles.

O rosto de Yrene aqueceu.

— Partes disso. Não quando você está agindo como um burro teimoso.

Mais uma vez, aquele sorriso repuxou o rosto, mas Yrene baixou a perna e recuou, embora permanecesse ajoelhada nos azulejos.

— O ponto é — disse ela, desviando a conversa dos seus diários andares e andares mais acima — que foi feito. Eu sei que está demorando um longo tempo, e sei que você está ansioso para voltar...

— Eu estou. Mas não estou apressando você, Yrene. — Ele se sentou em um movimento suave. No chão daquele jeito, ele se elevava sobre ela, seu tamanho quase esmagador. Ele girou o pé lentamente, lutando por cada movimento enquanto os músculos do resto de suas pernas se opunham.

Chaol levantou a cabeça, encontrando seu olhar. Lendo-o facilmente.

— Quem quer que a esteja caçando você não vai perder a chance de te machucar, mesmo que você e eu terminemos amanhã, ou em seis meses.

— Eu sei. — Ela respirou. Kashin e seus guardas não haviam capturado nem encontrado vestígios de quem tentou atacá-la. E embora tivesse ficado quieta nestas últimas noites, ela mal dormia, mesmo na segurança da Torre. Somente o cansaço da cura de Chaol concedia-lhe qualquer medida de descanso. Ela suspirou. — Acho que devemos ver Nousha novamente. Fazer outra visita à biblioteca.

Seu olhar ficou cauteloso.

— Por quê?

Yrene franziu a testa para a janela aberta atrás deles, os jardins brilhantes e arbustos de lavanda balançando. A brisa do mar, as abelhas voando entre as plantas. Nenhum sinal de alguém ouvindo nas proximidades.

— Porque ainda não perguntei como esses livros e pergaminhos chegaram aqui.

— Não há registros de aquisições datando daquela época — disse Nousha para Yrene e Chaol. Sua boca era uma linha de desaprovação apertada enquanto os olhava do outro lado da mesa.

Ao redor deles, a biblioteca era uma fraca agitação de atividades, curandeiras e assistentes fluíam para dentro e para fora, alguns sussurrando olás para Yrene e Nousha enquanto passavam. Hoje era um gato de Bastet laranja que descansava em frente à imensa lareira, os olhos de berilo rastreando-os de seu lugar no braço de um sofá.

Yrene ofereceu a Nousha sua melhor tentativa de um sorriso.

— Mas talvez haja algum registro de por que esses livros eram *necessários* aqui?

Nousha apoiou os antebraços escuros na mesa.

— Algumas pessoas desconfiariam do conhecimento que procuram se estiverem sendo caçadas – coisa que *começou* perto do momento em que se começou a cutucar o assunto.

Chaol inclinou-se para frente na cadeira, os dentes reluzindo:

— Isso foi uma ameaça?

Yrene o dispensou. Homem superprotetor.

— Eu *sei* que é perigoso, e provavelmente está ligado a isso. Mas isso, Nousha... qualquer informação adicional sobre o material aqui, de onde veio, quem adquiriu... Poderia ser vital.

— Para fazê-lo andar de novo. — Uma declaração seca e descrente.

Yrene não se atreveu a olhar para Chaol.

— Você pode ver que nosso progresso é lento. — respondeu Chaol com força. — Talvez os antigos tenham algum tipo de conselho sobre como fazer ir mais rápido.

Nousha lançou a ambos um olhar que dizia que não estava acreditando nem por um minuto, mas suspirou para o teto.

— Como eu falei, não há registros aqui que datam de tanto tempo atrás. *Mas...* — acrescentou quando Chaol abriu a boca — há rumores de que, no deserto, existem cavernas com tais informações – cavernas

de onde vieram essas informações. A maioria já foi perdida, mas havia uma no Oasis Aksara... — O olhar de Nousha tornou-se conhecedor quando Yrene estremeceu. — Talvez você devesse começar por lá.

Yrene mordeu o lábio enquanto eles saíam da biblioteca, Chaol seguia o ritmo ao lado dela. Quando estavam perto do corredor principal da Torre, ele perguntou:

— Por que você está se encolhendo?

Yrene cruzou os braços, examinando os corredores ao redor. Tranquilo neste momento do dia, logo antes da agitação do jantar.

— Esse oásis, Aksara. Não é exatamente... fácil chegar.

— É longe?

— Não, não. É propriedade da realeza. *Ninguém* é permitido lá. É o refúgio deles.

— Ah. — Ele passou mão pela sombra da barba por fazer em sua mandíbula. — E pedir para acessá-lo diretamente levará a muitas perguntas.

— Exatamente.

Ele a estudou, os olhos se estreitando.

— Não se atreva a sugerir que eu use Kashin — ela sibilou.

Chaol levantou as mãos, os olhos dançando.

— Eu não me atreveria. Embora ele tenha corrido no momento em que você estalou os dedos na outra noite. Ele é um bom homem.

Yrene colocou as mãos nos quadris.

— Por que *você* não o convida para um interlúdio romântico no deserto, então?

Chaol riu, seguindo-a enquanto ela voltava para o pátio.

— Não sou versado em intrigas da corte, mas você tem outra conexão no palácio.

Yrene fez uma careta.

— Hasar. — Ela brincou com uma onda no final do cabelo. — Ela não me pediu para jogar de espiã recentemente. Não tenho certeza se quero... abrir essa porta de novo.

— Talvez você pudesse convencê-la de que uma viagem ao deserto, uma saída, seria... diversão?

— Você quer que eu a manipule assim?

Seu olhar estava firme.

— Nós podemos encontrar outra maneira, se você estiver desconfortável.

— Não, não, pode funcionar. É só que Hasar *nasceu* nesse tipo de coisa. Ela pode ver através de mim. E ela é poderosa o suficiente para que... Vale a pena arriscar emaranhar-me nesse relacionamento com ela, sua raiva, para seguir apenas uma sugestão da Nousha?

Ele considerou suas palavras. De uma maneira que apenas Hafiza realmente considerava.

— Vamos pensar nisso. Com Hasar, precisamos prosseguir com cuidado.

Yrene entrou no pátio, fazendo um gesto para um dos guardas da Torre trazer o cavalo do lorde dos estábulos.

— Não sou uma cúmplice muito boa em intriga — ela admitiu.

Chaol com um sorriso arrependido. Ele apenas roçou a mão contra a dela.

— Eu acho refrescante.

E pela expressão em seus olhos... ela acreditava nele. O suficiente para que suas bochechas aquecessem um pouco.

Yrene virou-se para a torre se elevando-se sobre eles, apenas para comprar-se um pouco de espaço para respirar. Olhou para cima, até onde sua própria pequena janela estava voltada para o mar. Para casa.

Ela baixou o olhar da Torre para encontrar seu rosto sombrio.

— Lamento ter trazido tudo isso sobre você — Chaol falou calmamente.

— Não lamente. Talvez seja o que isso quer. Usar o medo e a culpa para acabar com isso, nos parar. — Ela o estudou, o orgulhoso queixo erguido, a força que irradiava em cada respiração. — Embora... eu me preocupe que o tempo não esteja do nosso lado. Tome todo o tempo que precisar para se curar. E ainda... — ela esfregou o peito. — Eu tenho a sensação de que não vimos o último caçador.

Chaol assentiu, a mandíbula apertada.

— Lidaremos com isso.

E foi isso. Juntos – eles lidariam juntos.

Yrene sorriu ligeiramente para ele enquanto os cascos leves de seu cavalo se aproximavam no cascalho pálido.

E pensou em voltar para seu quarto, pensando nas horas que passaria preocupada...

Talvez fosse patético, mas Yrene disse:

— Você gostaria de jantar? Cook vai lastimar se você não aparecer por lá.

Ela sabia que não era um mero medo que a estimulava. Sabia que só queria gastar mais alguns minutos com ele. Falar com ele de uma maneira que ela raramente fazia com outras pessoas.

Por um longo momento, Chaol apenas a observou. Como se ela fosse a única pessoa no mundo. Ela se preparou para a recusa, para o distanciamento. Sabia que deveria tê-lo deixado ir embora.

— E se sairmos para jantar em vez disso?

— Você quer dizer... na cidade? — ela apontou para os portões abertos.

— A menos que você pense que a cadeira nas ruas...

— As calçadas são boas. — Seu coração bateu. — Você tem alguma preferência pelo que comer?

Uma fronteira – essa era uma fronteira estranha que eles estavam atravessando. Deixar seus territórios neutros e surgir no mundo além, não como curandeira e paciente, mas como mulher e homem.

— Vou tentar qualquer coisa — disse Chaol, e ela sabia que ele queria dizer isso. E, por sua vez, olhou para os portões abertos da Torre, até a cidade apenas começava a brilhar além... Ela sabia que ele *queria* tentar qualquer coisa; estava tão ansioso por uma distração daquela sombra que apareceu sobre eles como ela própria.

Então, Yrene sinalizou aos guardas que não precisavam do cavalo. Ainda não, pelo menos.

— Eu conheço um lugar.

Algumas pessoas olharam; outras estavam ocupadas demais em seus negócios ou volta para casa para comentar sobre Chaol enquanto ele conduzia a cadeira ao lado de Yrene.

Ela teve que se envolver apenas algumas vezes, para ajudá-lo a fazer alguma curva, ou descer por uma das ruas íngremes. Ela o levou para um lugar a cinco quarteirões de distância, o estabelecimento diferente de tudo o que tinha visto em Forte da Fenda.

Ele visitara algumas salas de jantar privadas com Dorian, sim, mas essas tinham sido para a elite, para os membros e seus convidados.

Este lugar... era semelhante a esses clubes privados, na medida em que eram lugares apenas para comer, cheio de mesas esculpidas e cadeiras de madeira, mas era aberto para qualquer um, como as salas públicas em uma pousada ou taberna. A frente do prédio de pedra pálida tinha vários conjuntos de portas que estavam abertas para a

noite, levando para um pátio cheio de mais mesas e cadeiras sob as estrelas, o espaço subindo para a rua em si para que os clientes pudessem assistir a agitação da cidade e até vislumbrar a rua inclinada até o mar escuro brilhando sob a luz da lua.

E os cheiros atraentes que vinham de dentro: alho, algo picante, esfumaçado...

Yrene murmurou para a mulher que veio cumprimentá-los o que deve ter sido o pedido de uma mesa para dois e sem uma cadeira, porque dentro de um momento eles foram levados para o pátio que dava para a rua, onde um garçom tirou discretamente uma das cadeiras em uma pequena mesa para ele se encaixar.

Yrene reivindicou o assento oposto a ele, mais do que algumas cabeças se virando pelo caminho. Não para ver a ele, mas a *ela*.

A curandeira da Torre.

Ela não pareceu notar. O garçom voltou para mostrar o que deveria ser o menu, e Yrene fez o pedido em um halha hesitante.

Ela mordeu o lábio inferior, olhando para a mesa, a sala de jantar pública.

— Está tudo bem?

Chaol olhou o céu aberto acima deles, a cor mudando para um azul safira, as estrelas começando a piscar acordadas. Quando ele relaxara pela última vez? Comeu uma refeição não para manter seu corpo saudável e vivo, mas para *desfrutar* dela?

Ele lutou pelas palavras. Se conduziu para se adequar a esta leveza.

— Eu nunca fiz nada assim — ele admitiu.

Seu aniversário, no inverno passado, na estufa... mesmo então, com Aelin, ele estava metade lá, metade focado no palácio que deixou para trás, lembrando quem estava no comando e onde Dorian estava. Mas agora...

— O quê? Teve uma refeição?

— Tive uma refeição quando não estava... Tive uma refeição quando eu era apenas... Chaol.

Ele não tinha certeza se havia explicado direito, se podia explicar melhor.

Yrene inclinou a cabeça, sua massa de cabelo deslizando sobre um ombro.

— Por quê?

— Porque eu era filho de um lorde e seu herdeiro, ou capitão da Guarda, ou agora a Mão ao Rei. — Ela o olhou inabalável enquanto ele

tentava explicar. — Ninguém me reconhece aqui. Ninguém nunca ouviu falar de Anielle. E isso é...

— Libertador?

— Refrescante — ele respondeu, dando a Yrene um pequeno sorriso ao eco de suas palavras anteriores.

Ela corou lindamente com a luz dourada das lanternas dentro da sala de jantar atrás delas.

— Bem... que bom.

— E você? Você sai com os amigos muitas vezes, deixa a curandeira para trás?

Yrene viu as pessoas passarem.

— Eu não tenho muitos amigos — admitiu. — Não porque eu não os queira — acrescentou, e ele sorriu. — É que apenas, na Torre, estamos todos ocupados. Às vezes, alguns de nós nos juntamos para comer ou beber alguma coisa, mas nossos horários raramente se alinham, e é mais fácil comer no salão, então... não somos realmente um grupo animado. Foi por isso que Kashin e Hasar se tornaram amigos, quando estão em Antica. Mas nunca tive a chance de fazer muito disso.

Ele quase perguntou: *E jantar com homens?* Mas disse em vez disso:

— Você tinha seu foco em outro lugar.

Ela assentiu.

— E talvez, um dia, talvez eu tenha tempo para sair e me divertir, mas... há pessoas que precisam da minha ajuda. Parece egoísta tomar tempo para mim, mesmo agora.

— Você não deveria se sentir desse jeito.

— E como você se sente?

Chaol riu, recostando-se quando o garçom chegou, trazendo um cântaro de chá de menta gelado. Ele esperou até que o homem se afastasse antes de dizer:

— Talvez você e eu devêssemos aprender a viver, se sobrevivermos a esta guerra.

Foi uma faca afiada e fria entre eles. Mas Yrene endireitou os ombros, o sorriso pequeno ainda desafiante, e levantou seu copo de peltre de chá.

— A viver, lorde Chaol.

Ele bateu o copo contra o dela.

— A ser Chaol e Yrene, mesmo que apenas por uma noite.

Chaol comeu até que quase não conseguia se mexer, as especiarias como pequenas revelações a cada mordida.

Eles conversaram enquanto jantavam, Yrene contando de seus meses iniciais na Torre e das exigências de seu treinamento. Então perguntou sobre o treinamento dele como capitão, e ele não queria falar de Brullo e dos outros, e ainda... Ele não podia recusar sua alegria, sua curiosidade.

E, de alguma forma, falar sobre Brullo, o homem que lhe foi um pai melhor do que o seu próprio... Ele falou e não doeu, não tanto. Uma dor menos e mais tranquila, mas que ele podia suportar. Uma que ele estava feliz em sentir, se significava honrar o legado de um bom homem contando sua história.

Então eles conversaram e comeram, e quando terminaram, ele a acompanhou até as brilhantes paredes brancas da Torre. A própria Yrene parecia brilhar com seu sorriso quando eles pararam dentro dos portões, esperando que seu cavalo fosse preparado.

— Obrigada — ela disse, suas bochechas coradas e reluzentes. — Pela refeição e pela companhia.

— Foi um prazer — disse Chaol, e era verdade.

— Eu o vejo amanhã de manhã, no palácio?

Uma pergunta desnecessária, mas ele assentiu.

Yrene mudou de um pé para outro, ainda sorrindo, ainda brilhando. Como se ela fosse o último e vibrante raio de sol, colorindo o céu muito depois que este desapareceu no horizonte.

— O que foi? — ela perguntou, e ele percebeu que a encarava.

— Obrigado por esta noite — disse Chaol, sufocando o que tentou saltar de sua língua: *não consigo tirar os olhos de você*.

Ela mordeu o lábio de novo, o som de cascos sobre cascalho se aproximando.

— Boa noite — ela murmurou, e deu um passo para longe.

Chaol estendeu a mão. Apenas para roçar os dedos sobre os dela.

Yrene fez uma pausa, seus dedos se curvando como se fossem as pétalas de uma flor tímida.

— Boa noite. — ele simplesmente disse.

E quando Chaol voltou para o palácio iluminado atravessando cidade, ele poderia jurar que algum peso em seu peito, em seus ombros, desaparecera. Como se ele tivesse vivido com ele toda a sua vida, inconsciente dele, e agora, mesmo com todos os que se reuniram ao seu

redor, em torno de Adarlan e aqueles que ele cuidava... Quão estranho era sentir isso.

Essa leveza.

Capítulo 33

A torre de vigia de Eidolon subia acima dos pinheiros cobertos de névoa como o fragmento de uma espada quebrada. Estava situado no topo de um pico baixo que abrangia a visão de uma parede sólida de montanhas gigantescas e, enquanto Nesryn e Sartaq se aproximavam da torre, voando pelas colinas cobertas de árvores, ela teve a sensação de correr em direção a uma onda enorme de pedra dura.

Por um batimento cardíaco, uma onda de vidro letal descia na direção dela em vez disso. Ela piscou e a imagem desapareceu.

— Lá — sussurrou Sartaq, como se temesse que qualquer um pudesse ouvir enquanto apontava para a enorme montanha que se espreitava além. — Além dessa borda é o início do território *kharankui*, os Montes Dagul. Aqueles na torre de vigia poderiam ver alguém descendo das montanhas, especialmente com sua visão feérica.

Com a visão superpotente ou não, Nesryn examinou as encostas estéreis dos Montes – uma parede de rochas e fragmentos de pedra. Sem árvores, sem córregos. Como se a vida tivesse fugido.

— Houlun voou sobre *aquilo*?

— acredite em mim — resmungou Sartaq, — Não estou satisfeito. Borte encheu-me sobre isso esta manhã.

— Estou surpreso que seus joelhos ainda funcionem.

— Não notou o meu manquejar hoje cedo?

Apesar da torre de vigia, apesar do muro que os montes formavam além dela, Nesryn riu.

Ela poderia ter jurado que Sartaq se inclinou mais perto, seu peito largo pressionando a aljava e o arco que ela prendera em suas costas, assim como o par de facas longas, cortesia de Borte.

Eles não disseram a ninguém onde estavam indo ou o que procuravam, o que não diminuiu a dureza do olhar de Borte durante o café da manhã e olhares curiosos de Falkan do outro lado da mesa redonda. Mas eles tinham concordado na noite anterior, quando Sartaq deixou Nesryn na porta do quarto, que manter segredo era vital – por enquanto.

Então eles partiram uma hora depois do amanhecer, armados e com alguns pacotes de suprimentos. Embora planejassem dirigir-se para casa bem antes do pôr-do-sol, Nesryn insistira em trazer suas coisas. Se o pior acontecesse, se *algo* acontecesse, era melhor estar preparado.

Borte, apesar de sua ira por ficar no escuro, trançara o cabelo de Nesryn após o café da manhã – uma apertada trança elegante começando na coroa de sua cabeça e terminando exatamente onde a capa de couro dela caía para cobri-la no voo. A trança era apertada o suficiente para que Nesryn tivesse o desejo de afrouxá-la nas horas de voo, mas agora que a torre estava à vista e seu cabelo mal se deslocara, Nesryn supôs que a trança poderia ficar.

Kadara rodeou a torre de vigia duas vezes, voando mais baixo a cada passagem.

— Sem sinais de teias — observou Nesryn. Os níveis superiores da torre de vigia foram destruídos pelo tempo ou algum exército passado há muito tempo, deixando apenas dois andares acima do solo. Ambos foram expostos aos elementos, a escada no centro cobertas por agulhas de pinheiro e sujeira. Vigas e blocos quebrados de pedra também estavam caídos, mas não havia indícios de vida. Ou qualquer tipo de biblioteca milagrosamente preservada.

Com o tamanho de Kadara, a ruk teve que encontrar uma clareira próximo ao chão, já que Sartaq não confiava nas paredes da torre de vigia para segurá-la. O pássaro saltou para o ar assim que os dois começaram a subir a pequena inclinação para a torre de vigia

propriamente dita. Ela circundaria no alto até Sartaq apitasse para ela, aparentemente.

Outro truque do rukhin e do Darghan nas estepes: o apito, além do assobio das flechas. Eles permitiam que os dois povos se comunicassem de uma maneira que poucos percebessem ou se incomodassem em compreender, passavam mensagens através do território inimigo ou linhas estabelecidas do exército. Os cavaleiros treinavam também para entender os assobios – para conhecer um pedido de ajuda ou um aviso para fugir.

Nesryn rezou a cada passo extenuante através dos pinheiros grossos e pedras de granito que eles só precisassem do apito para chamar o pássaro para ir embora. Ela não era uma rastreadora excelente, mas Sartaq, ao que parecia, era hábil lendo os sinais à sua volta.

Um balançar da cabeça do príncipe disse a Nesryn o suficiente: nenhuma sugestão de presença, aracnídea ou outra. Ela tentou não parecer muito aliviada. Apesar das árvores altas, os Montes eram uma presença sólida e iminente à sua direita, atraindo os olhos mesmo quando repelia todos os instintos.

Blocos de pedra os cumprimentaram primeiro. Grandes pedaços retangulares, meio enterrados nas agulhas de pinheiro e no solo.

O peso total do verão estava sobre a terra, mas o ar estava fresco, a sombra sob as árvores completamente fria.

— Eu não os culpo por abandonar a torre de vigia se é tão frio assim no verão — murmurou Nesryn. — Imagine no inverno.

Sartaq sorriu, mas ergueu um dedo contra os lábios enquanto passavam pela última das árvores. Corando que ele precisasse lembrá-la, Nesryn soltou seu arco e encaixou uma flecha, deixando-a pronta enquanto erguiam a cabeça para examinar a torre.

Deveria ter sido enorme há milhares de anos, se as ruínas eram suficientes para fazê-la sentir-se pequena.

Qualquer quartel ou habitação há muito tempo afundara ou apodrecera, mas a arcada de pedra da torre em si permanecia intacta, flanqueada por estátuas gêmeas de algum tipo de pássaro desgastado pelo clima.

Sartaq aproximou-se, sua faca longa brilhando como mercúrio na luz tremeluzente enquanto estudava as estátuas.

— Ruks? — a questão dele era um mero exalar.

Nesryn entrecerrou os olhos.

— Não, olhe para o rosto. O bico. São... corujas. — Corujas altas e delgadas, suas asas fechadas firmemente. O símbolo de Silba, da Torre.

A garganta de Sartaq balançou.

— Vamos ser rápidos. Não acho que seja sábio demorar.

Nesryn assentiu com a cabeça, olhando para trás enquanto passavam pelo arco aberto. Era uma posição familiar, a retaguarda – nos esgotos de Forte da Fenda, ela muitas vezes deixava Chaol ir na frente enquanto ela cobria a parte de atrás, uma flecha apontada para a escuridão às suas costas. Então seu corpo agiu seguindo pura memória muscular enquanto Sartaq dava os primeiros passos pelo arco e ela girava de volta, flecha voltada para o pinhal, examinando as árvores.

Nada. Nem um pássaro ou uma brisa através dos pinheiros.

Ela se virou um momento depois, avaliando de forma eficiente como sempre mesmo antes do treinamento: marcando as saídas, armadilhas, possíveis locais seguros. Mas não havia muito para notar na ruína.

A base da torre estava bem iluminada graças à falta do teto acima, a escadaria em ruínas levando ao céu cinzento. As fendas na pedra revelavam onde os arqueiros poderiam ter uma vez se posicionado – ou observado de dentro do calor de uma torre em um dia congelante.

— Nada acima — Nesryn observou talvez um pouco inutilmente, se virando para Sartaq no momento em que ele deu um passo em direção a um arco aberto que conduzia a uma escada escura. Ela agarrou seu cotovelo. — Não.

Ele deu um olhar incrédulo sobre o ombro dele.

Nesryn manteve seu próprio rosto como pedra.

— Sua *ej* disse que essas torres são repletas de armadilhas. Só porque ainda não vimos uma, não significa que não estejam aqui. — Ela apontou com a flecha para o arco aberto e para os níveis subterrâneos. — Nós ficamos em silêncio, andando com cuidado. Eu vou primeiro.

Para o inferno de estar a retaguarda, se ele estava propenso a mergulhar em perigo.

Os olhos do príncipe brilharam, mas ela não o deixou objetar.

— Eu enfrentei alguns dos horrores de Morath nessa primavera e verão. Eu sei como reconhecê-los e onde atacar.

Sartaq a olhou novamente.

— Você realmente deveria ter sido promovida.

Nesryn sorriu, soltando seu bíceps musculoso. Estremecendo quando percebeu as liberdades que tinha tomado ao segurá-lo, tocar um príncipe sem permissão...

— Dois capitães, lembra-se? — ele disse, observando o encolhimento que ela não conseguiu esconder.

De fato. Nesryn inclinou a cabeça e pisou na frente dele – e no arco da escada seguindo para baixo.

Seu braço tensionou enquanto puxava a corda do arco, examinando a escuridão imediatamente além da entrada de escada. Quando nada saltou, ela afrouxou a corda, colocou sua flecha de volta na aljava, e pegou um punhado de pedras do chão, fragmentos dos blocos de pedra derrubados ao redor deles.

Um passo atrás, Sartaq fez o mesmo, enchendo seus bolsos com eles.

Escutando cuidadosamente, Nesryn soltou uma das rochas na escada em espiral, deixando-a saltar e bater nos degraus e...

Um ligeiro clique, e Nesryn arremessou-se para trás, batendo contra Sartaq e enviando ambos para o chão. Um baque soou dentro da escada abaixo, depois outro.

No silêncio que se seguiu, sua respiração pesada o único som, ela prestou atenção mais uma vez.

— Setas ocultas — ela observou, estremeando quando encontrou o rosto de Sartaq a poucos centímetros de distância. Seus olhos estavam sobre a escada, mesmo quando mantinha uma mão sobre as costas dela, a outra segurando sua longa faca em direção ao arco.

— Parece que lhe devo a minha vida, capitã — disse Sartaq, e Nesryn rapidamente se afastou, oferecendo uma mão para ajudá-lo a levantar. Ele a segurou, sua mão apertada em torno da dela enquanto ela o puxava.

— Não se preocupe — disse Nesryn secamente. — Não vou contar a Borte.

Ela arrumou outro punhado de pedras e as enviou rolando e descendo a escuridão das escadas. Mais alguns *clics* e *tumps* – então silêncio.

— Nós vamos devagar — ela disse, toda a diversão desaparecendo, e não esperou seu aceno de cabeça ao cutucar o primeiro degrau da escada com a ponta do seu arco.

Ela o cutucou pela escada, observando as paredes, o teto. Nada. Fez isso com o segundo, terceiro e quarto degraus – até onde o arco alcançava. E só quando estava convencida de que surpresas não a esperavam, permitiu que eles pisassem nas escadas.

Nesryn repetiu com os próximos quatro degraus sem encontrar nada. Mas quando chegaram à primeira volta da escadas em espiral...

— Eu *realmente* lhe devo a minha vida — Sartaq respirou quando viram o que havia sido disparado de uma fenda na parede no nono degrau.

Espinhos de ferro farpado. Projetado para golpear a carne e prender ali – a menos que a vítima quisesse arrancar mais de sua pele ou órgãos nos ganchos curvos e cruéis para sair deles.

A armadilha tinha sido disparada com tanta força que mergulhara profundamente na argamassa entre as pedras.

— Lembre-se que essas armadilhas não eram para invasores humanos — ela murmurou.

Mas para aranhas tão grandes quanto cavalos. Que podiam falar, planejar e lembrar.

Ela cutucou os degraus à frente, a madeira de seu arco produzindo um eco vazio através do buraco escuro, estimulando a fenda onde a armadilha tinha sido disparada.

— Os feéricos devem ter memorizado os lugares da escada a evitar enquanto viviam aqui — ela observou quando eles passaram por alguns outros degraus. — Não acho que eles eram estúpidos o bastante para fazer um padrão fácil, no entanto.

De fato, o próximo espigão emergiu três degraus para baixo. E no seguinte a ele, e mais cinco degraus depois. Mas depois disso...

Sartaq colocou a mão no bolso e puxou outro punhado de pedras. Ambos se agacharam enquanto ele atirava umas poucas escadas abaixo.

Clic.

Nesryn estava tão focada na parede à frente que não considerou a origem do clique. Não na frente, mas embaixo.

Em um momento ela estava agachada em um degrau.

No seguinte, este deslizou debaixo de seus pés, um poço negro abrindo-se abaixo...

Mãos fortes envolvendo seu ombro, seu pescoço, uma lâmina batendo na pedra...

Nesryn segurou a borda mais próxima da escada enquanto Sartaq a pegava, grunhindo pelo seu peso, sua longa faca caindo na escuridão abaixo.

Som de metal contra metal. Ressoou e ressoou, o barulho enchendo a escada.

Espigões. Provavelmente um fundo cheio de dentes de metal...

Sartaq a ergueu, e suas unhas arranharam a pedra enquanto ela lutava para se segurar na pedra. Mas então ela estava em cima, meio

esparramada na escada entre as pernas de Sartaq, ambos ofegantes enquanto olhavam para o fosso além.

— Acho que estamos quites — disse Nesryn, lutando e não conseguindo dominar a tremedeira.

O príncipe apertou seu ombro, enquanto a outra mão esfregava a parte de trás de sua cabeça. Um toque confortante, casual.

— Quem construiu este lugar não teve piedade com as *kharankui*.

Demorou mais um minuto para ela parar de tremer. Sartaq esperava pacientemente, acariciando seu cabelo, os dedos ondulando sobre o topo da trança de Borte. Ela permitiu, recostou-se no toque enquanto estudava a fenda que agora teriam que pular, as escadas ainda indo em frente.

Quando ela conseguiu, finalmente, levantar sem os joelhos tremerem, eles cuidadosamente pularam o buraco – e desceram vários degraus antes de aparecer outro, desta vez acompanhado por um espigão. Mas eles continuaram descendo, os minutos passando, até chegarem ao nível abaixo.

Feixes de luz pálida brilhavam de furos cuidadosamente escondidos no chão acima, ou talvez chegando através de alguns espelhos nas passagens acima. Ela não se importava, desde que a luz fosse suficientemente forte para enxergar.

E eles conseguiam ver.

O nível inferior era uma masmorra.

Cinco celas estavam abertas, as portas quebradas, os prisioneiros e os guardas desaparecidos. Uma mesa de pedra retangular no centro.

— Qualquer um que pense que os feéricos são criaturas dadas à poesia e ao canto precisa de uma lição de história — Sartaq murmurou enquanto se demoravam no último degrau, sem ousarem tocar o chão. — Aquela mesa de pedra não foi usada para escrever relatórios ou jantar.

De fato, manchas escuras ainda manchavam a superfície. Mas uma mesa de trabalho estava de encontro à parede próxima, espalhada com uma variedade de armas. Quaisquer papéis que houvessem ali há muito tempo dissolveram com a neve e a chuva, e livros encadernados... também desapareceram.

— Nós arriscamos, ou saímos? — Sartaq refletiu.

— Chegamos tão longe — disse Nesryn. Ela entrecerrou os olhos para a parede mais distante. — Lá – há alguma escrita lá.

Perto do chão, em letras escuras – um emaranhado manuscrito.

O príncipe alcançou os bolsos, lançando mais pedras por todo o espaço. Sem cliques ou rangidos em resposta. Ele jogou algumas no teto, nas paredes. Nada.

— Está bom o suficiente para mim — disse Nesryn.

Sartaq assentiu, embora ambos testassem cada bloco de pedra com a ponta do arco ou da espada. Passaram pela mesa de pedra e Nesryn não se incomodou em examinar os vários instrumentos que tinham sido descartados.

Ela vira os homens de Chaol pendurados nos portões do castelo. Tinha visto as marcas em seus corpos.

Sartaq fez uma pausa na mesa de trabalho, classificando os instrumentos ali.

— Alguns desses ainda estão afiados — ele observou, e Nesryn se aproximou quando ele puxou uma longa adaga para fora da bainha. A luz solar acertou a lâmina, dançando ao longo das marcas esculpidas no centro.

Nesryn pegou uma espada curta, a bainha de couro quase desmoronando sob sua mão. Ela limpou a sujeira antiga do punho, revelando metal escuro brilhante incrustado com redemoinhos de ouro, atravessando e curvando ligeiramente nas extremidades.

A bainha era realmente tão velha que se despedaçou quando ela ergueu a espada, seu peso leve apesar do tamanho, com equilíbrio perfeito. Mais marcas estavam gravadas no alto da lâmina. Um nome ou uma oração, talvez.

— Somente as lâminas de feéricos poderiam permanecer tão afiadas depois de mil anos — comentou Sartaq, colocando a adaga que inspecionava de volta na mesa. — Provavelmente forjadas pelos ferreiros feéricos em Asterion, a leste de Doranelle – talvez mesmo antes da primeira das guerras demoníacas.

Um príncipe que estudou não só a história de seu próprio império, mas também de muitos outros.

História certamente não era seu assunto mais forte, então ela perguntou:

— Asterion, como os cavalos?

— Sim, os mesmos. Grandes ferreiros e criadores de cavalos. Ou foram, uma vez – antes que as fronteiras tivessem sido fechadas e o mundo escurecer.

Nesryn estudou a espada curta em sua mão, o metal brilhando como se imbuído de luz das estrelas, interrompido apenas pelas marcas na lâmina.

— Eu me pergunto o que as marcas dizem.

Sartaq examinou outra lâmina, fragmentos de luz saltando sobre os planos de seu rosto bonito.

— Provavelmente feitiços contra inimigos; talvez até mesmo contra os... — Ele parou na palavra.

Nesryn assentiu da mesma maneira. Os valg.

— Uma parte de mim espera que nunca precisemos descobrir.

Saindo do lado de Sartaq, que escolhia uma arma para si mesmo, ela prendeu a espada curta em seu cinto enquanto se aproximava da parede mais distante e da escrita escura rabiscada perto do chão.

Ela testou cada bloco de pedra no chão, mas não encontrou nada.

Por fim, ela olhou para a linha em letras negras. Não negras, mas...

— Sangue — disse Sartaq, aproximando-se dela, uma faca de Asterion agora ao seu lado.

Nenhum sinal de um corpo, ou quaisquer marcas persistentes de quem o escreveu, talvez enquanto morria.

— Está na língua feérica — disse Nesryn. — Suponho que seus sofisticados tutores não tenham lhe ensinado a língua antiga durante as suas lições de história?

Um balançar de cabeça.

Ela suspirou.

— Devemos encontrar uma maneira de anotá-lo. A menos que sua memória seja do tipo que...

— Não é. — Ele praguejou, virando-se para a escada. — Eu tenho papel e tinta nas alforjes de Kadara. Eu poderia...

Não foram suas palavras interrompidas que a fizeram girar. Mas a maneira como ele ficou absolutamente imóvel.

Nesryn deslizou aquela lâmina feérica de onde a prendera.

— Não há necessidade de traduzi-lo — disse uma leve voz feminina em halha. — Diz: *Olhe para cima*. Pena que vocês não fizeram isso.

Nesryn realmente olhou para o que emergiu da escada, rastejando pelo teto em direção a eles, e engoliu seu grito.

Capítulo 34

Era pior do que Nesryn já havia sonhado.

A *kharankui* que deslizou do teto para o chão era muito pior.

Maior do que um cavalo. Sua pele era negra e cinza, salpicada de branco, seus olhos múltiplos, piscinas profundas de obsidiana. E, apesar de seu volume, ela era esbelta e elegante – mais viúva-negra do que aranha-lobo.

— Aqueles petiscos feéricos esqueceram de *olhar para cima* quando construíram este lugar — disse a aranha, sua voz tão adorável apesar de sua monstruosidade absoluta. Suas longas pernas dianteiras clicaram contra a pedra antiga. — Para lembrar para quem colocaram essas armadilhas.

Nesryn dimensionou a escada atrás da aranha, os feixes de luz, em busca de quaisquer saídas. Não encontrou nenhuma.

E esta torre de vigia tornara-se agora uma verdadeira teia. Idiota; completa idiota por...

As garras na parte superior das pernas da aranha raspavam a rocha.

Nesryn guardou a espada novamente.

— Bom — a aranha ronronou. — Bom que você saiba quão inútil será a arma feérica.

Nesryn ergueu o arco, colocando uma flecha.

A aranha riu.

— Se os arqueiros feéricos não me pararam há muito tempo, humana, você não conseguirá agora.

Ao lado dela, a espada de Sartaq se ergueu uma fração.

Morrer aqui, agora, não tinha ocorrido a ela no café da manhã enquanto Borte trançava seus cabelos.

Mas não havia nada a fazer quando a aranha avançava as presas em suas mandíbulas.

— Quando eu tiver terminado com você, cavaleiro, farei seu pássaro gritar. — Gotas de líquido desprenderam-se daquelas presas. Veneno.

Então a aranha pulou.

Nesryn disparou uma flecha, outra pronta, e sua primeira encontrou seu alvo. Mas a aranha moveu-se tão rapidamente que o golpe mirado num olho atingiu a casca dura de seu abdômen, mal ferindo-a. A aranha pousou na mesa de pedra de tortura, como se prestes a pular sobre eles...

Sartaq golpeou, uma descida brutal em direção à perna mais próxima.

A aranha gritou, sangue negro brotando, e eles se precipitaram para aquela porta distante...

A *kharankui* os interceptou primeiro. As pernas entre a parede e a mesa de pedra, bloqueando o caminho. Tão perto, o cheiro da morte vazando daquelas presas...

— Humano sujo — a aranha cuspiu, veneno pulverizando as pedras aos seus pés.

Do canto de seus olhos, Nesryn viu Sartaq arremessar um braço em seu caminho, empurrando-a para sair da frente daqueles maxilares mortais...

Ela não sabia o que aconteceu no início.

O que o borrão de movimento era, o que fez a *kharankui* gritar.

Em um momento, ela estava pronta para lutar contra a idiotice de se sacrificar de Sartaq, e no próximo... a aranha estava sendo atirada pela sala, caindo uma e outra vez.

Não Kadara, mas algo grande, armado com garras e presas...

Um lobo cinzento. Tão grande quanto um pônei, e totalmente feroz.

Sartaq não desperdiçou tempo, nem Nesryn. Eles correram para o arco e as escadas além, não se importando quantos espinhos ou flechas dispararam das paredes quando ultrapassavam as armadilhas.

Galgando os degraus, saltando as lacunas entre eles, eles não pararam ao barulho e gritos abaixo...

Um silvo canino soou, depois silenciou.

Nesryn e Sartaq atingiram o topo da escada, correndo para as árvores além da porta aberta. O príncipe tinha uma mão em suas costas, empurrando-a, ambos meio virados para a torre.

A aranha explodiu da escuridão, visando não as árvores, mas as escadas superiores da torre de vigia.

Como se subisse para emboscar o lobo quando ele a perseguisse.

E exatamente como planejava, o lobo voou da escada, indo para o arco aberto das vigas, sem nem mesmo olhar para trás.

A aranha saltou. Ouro reluziu nos céus.

O grito de guerra de Kadara deixou os pinheiros tremendo, suas garras rasgando diretamente o abdômen da *kharankui* e enviando-a escadas abaixo.

O lobo se afastou quando o rugido de advertência de Sartaq para o seu ruk foi engolido pelos gritos do pássaro e da aranha. A *kharankui* pousou em suas costas, exatamente onde Kadara a queria.

Deixando seu ventre exposto às garras da ruk. E seu bico afiado.

Alguns cortes bem dados, e sangue preto espirrou, membros lustrosos se debatendo, e... silêncio.

O arco de Nesryn pendia de suas mãos trêmulas quando Kadara desmembrou a aranha tortuosa. Ela girou para Sartaq, mas seus olhos foram afastados. Para o lobo. Ela sabia. Enquanto o lobo coxeava na direção deles, um corte profundo em seu lado, e ela viu a sua escuridão de olhos de safira.

Sabia o que era, quem era, quando as bordas de seu casaco cinza brilharam, seu corpo inteiro se encheu de luz que encolhia e fluía.

E quando Falkan apareceu de pés diante deles, uma mão pressionada contra a ferida sangrenta em suas costelas, Nesryn respirou:

— Você é um metamorfo.

Capítulo 35

Falkan caiu de joelhos, espalhando agulhas de pinheiro, sangue gotejando entre os dedos bronzeados.

Nesryn correu para ele, mas Sartaq a bloqueou com um braço.

— Não — ele advertiu.

Nesryn empurrou o braço para fora do caminho e correu para o homem ferido, ajoelhando-se diante dele.

— Você nos seguiu até aqui.

Falkan ergueu a cabeça, dor enevoando seus olhos.

— Eu os escutei ontem à noite. Na fogueira.

— Sem dúvida, na forma de rato ou de inseto — Sartaq grunhiu.

Algo como vergonha de fato cobriu o rosto de Falkan.

— Eu voei para cá como um falcão, vi vocês entrarem. Então a vi se aproximar da colina atrás de vocês. — Ele estremeceu enquanto olhava para onde Kadara terminara de desmembrar a aranha e agora sentava-se no topo da torre, estudando-o como se fosse sua próxima refeição.

Nesryn acenou para o pássaro para descer com seus alforjes. Kadara a ignorou.

— Ele precisa de ajuda — ela sibilou para Sartaq. — Bandagens.

— Minha *ej* sabe? — O príncipe exigiu.

Falkan tentou e não conseguiu remover sua mão ensopada de sangue de seu lado, ofegando através dos dentes.

— Sim — ele conseguiu dizer. — Eu contei tudo a ela.

— E que corte o pagou para vir até aqui?

— *Sartaq*. — Ela nunca o tinha ouvido falar assim, nunca o vira tão furioso. Ela pegou o braço do príncipe. — Ele salvou nossas vidas. Agora devolvemos o favor. — Ela apontou para a ruk. — Bandagens.

Sartaq virou os olhos lívidos sobre ela.

— A raça dele é de assassinos e espiões — ele grunhiu. — É melhor deixá-lo morrer.

— Eu não sou — Falkan ofegou. — Eu sou o que disse: um comerciante. Eu cresci em Adarlan, nem mesmo sabia que eu tinha o dom. Ele... corre na minha família, mas quando a magia desapareceu, assumi que eu não o tivesse. Fiquei *feliz* por isso. Mas não devo ter amadurecido o suficiente, porque quando pisei nessas terras como homem, como isso... — Um gesto para o corpo dele. Para os vinte anos das quais desistira. Ele estremeceu contra o movimento que fez a ferida doer. — Eu poderia usá-lo. Eu poderia mudar. Mal, e muitas vezes, mas posso mudar, se eu me concentrar. — Ele disse ao príncipe: — Não é nada para mim, essa herança. Era o dom do meu irmão, do meu pai... Eu nunca o quis. Eu ainda não quero.

— No entanto, você pode mudar de pássaro para lobo para homem tão facilmente como se treinasse.

— Confie em mim, é mais do que eu fiz na minha... — Falkan gemeu, balançando.

Nesryn o pegou antes que ele caísse de boca no chão, e criticou Sartaq:

— Se você não pegar aquelas bandagens agora, vou dar uma ferida a você para combinar.

O príncipe piscou para ela, a boca aberta.

Então ele levou o apito à boca, soltando uma nota afiada e rápida, enquanto caminhava para Kadara, seus passos rígidos.

A ruk saltou da torre para pousar sobre uma das estátuas corujas ancoradas nas paredes dos arcos, pedra quebrando abaixo dela.

— Eu não sou um assassino — insistiu Falkan, ainda tremendo. — Eu conheci alguns, mas não sou um.

— Eu acredito em você — disse Nesryn, e realmente achava isso. Sartaq tirou os pacotes de Kadara, procurando pelas bandagens. — *A da esquerda* — ela rosnou. O príncipe lançou-lhe outro olhar sobre o ombro, mas obedeceu.

— Eu queria matá-la eu mesmo — Falkan ofegou, seus olhos brilhando, sem dúvida pela perda de sangue. — Para ver se... Isso poderia retornar meus anos. Mesmo... mesmo que ela não seja a que levou minha juventude, pensei que talvez houvesse algum... sistema comum entre elas, mesmo através dos oceanos. Uma teia, por assim dizer, de tudo o que sua espécie tem tomado. — Um riso amargo e tenso. — Mas parece que meu golpe mortal também foi dado.

— Acho que todos nós podemos perdoar Kadara por fazê-lo em vez disso — disse Nesryn, observando o sangue preto salpicado sobre o bico e as penas da ruk.

Outra risada dolorida.

— Você não tem medo do que eu sou.

Sartaq avançou com as bandagens e a pomada. E o que parecia ser um frasco de um tipo de substância parecida com mel, provavelmente para selar a ferida até que eles conseguissem chegar a um curandeiro. Bom.

— Uma das minhas amigas é metamorfa — admitiu Nesryn, no mesmo momento em que Falkan desmaiou em seus braços.

Eles estavam no ar poucos minutos depois de Nesryn ter limpado o corte das costelas de Falkan e Sartaq ter coberto a ferida com o que

parecia ser algum tipo de folha e um revestimento de mel. Para prevenir a infecção, e impedir a perda de sangue enquanto eles se elevavam rapidamente para o abrigo.

Ela e o príncipe mal falaram, embora com Falkan posto entre eles, não houvesse muita oportunidade. Foi um voo apertado e perigoso, o peso morto de Falkan ocasionalmente oscilando o suficiente para o lado que Sartaq tinha que segurá-lo na sela. Havia apenas dois conjuntos de fivelas, ele havia dito à Nesryn quando subiram na sela. Ele não desperdiçaria nenhuma das suas vidas em um metamorfo, dívida de vida ou não.

Mas eles fizeram funcionar, e enquanto o sol se punha, os três picos dos Dorgos lentamente se acendiam com incontáveis fogueiras, como montanhas preenchidas por vaga-lumes.

Kadara soltou um grito estridente quando se aproximaram do Salão-Montanha de Altun. Algum tipo de sinal, aparentemente, porque no momento em que aterrissaram, Borte, Houlun e inúmeros outros estavam reunidos, armados com suprimentos.

Ninguém perguntou o que aconteceu com Falkan. Ninguém perguntou como ele havia chegado lá. Ou pela ordem de Houlun para não incomodá-los ou simplesmente pelo caos de tirá-lo da ruk e levá-lo para os cuidados do curandeiro. Ninguém, exceto Borte.

Sartaq ainda fumegava o suficiente para conduzir sua *ej* para um canto e começar a exigir respostas sobre o metamorfo. Ou era o que parecia, com o maxilar e os braços cruzados.

Houlun apenas o ouvia, os pés apoiados no chão, o maxilar tão apertado quanto o dele.

Sozinha com Kadara, Nesryn decidiu soltar os pacotes enquanto Borte observava a alguns metros de distância.

— Que ele tenha a coragem de dar um sermão *nela* diz que algo deu *muito* errado. E que ela lhe permita me diz que ela se sente um pouquinho culpada.

Nesryn não respondeu, grunhindo enquanto tirava um pacote particularmente pesado.

Borte caminhou em torno de Kadara, examinando o pássaro. Cuidadosamente.

— Sangue preto nas garras, o bico e o peito. Muito sangue preto.

Nesryn soltou um pacote contra a parede.

— E suas costas estão cobertas de sangue vermelho.

De onde Falkan se inclinara contra ela durante o voo.

— E essa é uma lâmina nova. *Uma lâmina feérica* — observou Borte, se aproximando para examinar a lâmina nua pendurada em seu cinto da espada. Nesryn recuou um passo.

A boca de Borte apertou.

— O que quer que você saiba, também quero saber.

— Não é problema meu.

Eles olharam para Sartaq, que ainda estava a ferver, Houlun simplesmente deixando-o respirar.

Borte começou a contar os itens em seus dedos.

— *Ej* sai sozinha por dias. Então vocês vão, retornando com um homem que não partiu com vocês e que não levou nenhum ruk. E a pobre Kadara retorna coberta dessa... sujeira. — Uma fungada em direção ao sangue preto.

A ruk clicou em seu bico em resposta.

— É lama — mentiu Nesryn.

Borte riu.

— E eu sou uma princesa feérica. Ou eu posso começar a perguntar ao redor, ou...

Nesryn a arrastou para a parede com os pacotes.

— Mesmo que eu lhe conte, você não deve murmurar uma palavra disso para ninguém. Ou dificultar as coisas de qualquer maneira.

Borte colocou uma mão em seu coração.

— Eu juro.

Nesryn suspirou em direção ao teto distante e rochoso, Kadara dando-lhe um olhar de advertência como para pedir a ela para reconsiderar seu julgamento. Mas Nesryn contou tudo a Borte.

Ela deveria ter ouvido Kadara. Borte, para seu crédito, não falou a mais ninguém. Além de Sartaq, que finalmente se afastara de Houlun apenas para receber um golpe no ombro por não informar à sua irmã de coração aonde estava indo. E pior, por não levá-la junto.

Sartaq olhou para Nesryn quando percebeu quem havia contado a Borte, mas ela estava cansada demais para se importar. Em vez disso ela apenas caminhou para o seu quarto, passando entre os pilares. Ela sabia que Sartaq estava vindo em seus calcanhares graças a Borte que gritou:

— *Você me levará da próxima vez, seu asno teimoso!*

E logo antes de Nesryn chegar à porta de seu quarto, ao santuário de uma cama macia, o príncipe agarrou seu cotovelo.

— Quero uma palavrinha com você.

Nesryn apenas abriu a porta, Sartaq entrando atrás dela. Fechando-a e apoiando-se contra ela. Ele cruzou os braços no mesmo momento que ela.

— Borte ameaçou fazer perguntas ao redor da sala se não lhe contasse.

— Eu não me importo.

Nesryn piscou.

— Então o que...

— Quem tem as chaves de Wyrd? — A questão ecoou entre eles.

Nesryn engoliu.

— O que é uma chave de Wyrd?

Sartaq desencostou da porta.

— Mentirosa — ele acusou. — Enquanto estávamos fora, minha *ej* recordou algumas das outras histórias, pescou-as de qualquer memória coletiva que ela possui como Guardiã de Histórias. Histórias de um portão de Wyrd por onde os valg e seus reis passaram – que poderia ser aberto com três chaves quando empunhadas juntas. Lembrou que essas chaves desapareceram, depois que Maeve as roubou e usou para enviar os valg de volta. Escondidas, ela diz. Pelo mundo.

Nesryn apenas levantou uma sobrancelha.

— E o que isso quer dizer?

Um resmungo frio.

— Foi como Erawan levantou um exército com tanta rapidez, porque até Aelin do Fogo Selvagem não pode derrotá-lo sem assistência. Ele deve ter pelo menos uma. Não todas, ou estaríamos chamando Erawan de nosso mestre. Mas pelo menos uma, talvez duas. Então, onde está a terceira?

Ela honestamente não tinha ideia. Se Aelin e os outros possuíam uma suspeita, nunca lhe haviam dito. Só que o seu último recurso, além da guerra e da morte, era recuperar as que Erawan possuía. Mas mesmo dizer-lhe isso...

— Talvez agora você entenda — Nesryn falou com o mesmo frio — por que estamos tão desesperados pelos exércitos do seu pai.

— Para ser abatido.

— Quando Erawan acabar de nos matar, ele virá à sua porta.

Sartaq praguejou.

— O que eu vi hoje, aquela coisa... — ele esfregou o rosto com as mãos trêmulas. — Os valg uma vez usaram essas aranhas como soldados de infantaria. Legiões delas. — Ele baixou as mãos. — Houlun descobriu três outras torres de vigia em ruínas – ao sul. Nós iremos até a primeira assim que o metamorfo estiver curado.

— Levaremos Falkan?

Sartaq abriu a porta com força o suficiente para que ela estivesse surpresa por não tê-la arrancado de suas dobradiças.

— Apesar de tão péssimo metamorfo como ele afirma ser, um homem que pode se transformar em um lobo tão grande é uma arma boa demais para não ser levada na hora do perigo. — Um olhar afiado. — Ele montará comigo.

— E onde eu estarei?

Sartaq deu-lhe um sorriso sem humor antes de sair para o corredor.

— Você voará com Borte.

Capítulo 36

A atrofia nas pernas... estava se revertendo.

Três semanas depois, Yrene se maravilhava com isso. Eles recuperaram o movimento abaixo do joelho, mas não da parte superior. Chaol podia dobrar as pernas agora, mas não podia mover as coxas. Não conseguia se erguer sobre eles.

Mas os exercícios de manhã com os guardas, as tardes passadas a curar, emaranhadas na escuridão e memória e dor...

Aquilo era músculo envolvendo suas pernas. Preenchendo aqueles ombros já largos e impressionantes. Graças ao treinamento sob o sol da manhã, seu bronzeado se aprofundara em um rico marrom, a cor caindo bem em seus braços ondulados com músculos.

Eles trabalhavam todos os dias com um ritmo fácil, estabelecendo uma rotina que se tornou parte de Yrene, como lavar o rosto, fazer a limpeza dos dentes e ansiar por um copo de *kahve* ao acordar.

Ele se juntou a ela novamente nas aulas de defesa, as acólitas mais jovens ainda desesperadamente risonhas ao redor dele, mas pelo menos nunca chegaram atrasadas desde que ele começara a vir. Ele ensinou à própria Yrene manobras contra atacantes maiores. E enquanto muitas vezes sorriam no pátio da Torre, ele e Yrene ficavam sérios quando treinavam aqueles métodos, como se pensassem que ela realmente precisaria deles um dia.

Mas não havia nenhum sussurro de quem a tivesse atacado – nenhuma confirmação de que era realmente um dos valgs. Uma pequena misericórdia, pensou Yrene.

Ainda assim ela prestou atenção em suas aulas e, ainda assim, Chaol a treinou cuidadosamente.

Os príncipes tinham chegado, ido embora e chegado novamente, e ela não viu mais Kashin além do jantar onde o procurou para agradecer-lhe por sua ajuda e generosidade na noite do ataque. Ele havia respondido que era desnecessário, e ela de qualquer forma tocara seu ombro em agradecimento antes de ele levá-la ao assento em segurança do lado de Chaol.

A causa de Chaol, em separado com o khagan... Chaol e Yrene não arriscaram falar sobre a guerra – a necessidade de exércitos. E o Oásis Aksara e seu conhecimento que poderia muito bem estar escondido além das palmeiras, sobre porque esse lugar tinha tais informações sobre os valgs...

Nenhum dos dois encontrara uma maneira de manipular Hasar para levá-los lá sem levantar suas suspeitas. Sem arriscar que a princesa se tornasse consciente dos pergaminhos que Yrene e Chaol haviam escondido em seu quarto.

Mas Yrene sabia que o tempo o pressionava. Via como seus olhos às vezes se afastavam, como se estivessem olhando para uma terra distante. Lembrando dos amigos que lutavam lá. Do seu povo. Ele sempre se esforçava mais depois disso – e cada centímetro de movimento ganhado em suas pernas era tanto devido a si mesmo quanto à magia dela.

Yrene também se esforçava. Se perguntava se as batalhas começaram; se ela conseguiria encontrar tempo para ajudar. Imaginava o que poderia restar para ela voltar.

A escuridão que eles encontravam quando o curava, o demônio que morava dentro do homem que destruía tanto do mundo... Trabalharam também contra isso. Ela não foi arrastada para suas memórias como antes, não foi forçada a testemunhar os horrores de Morath ou suportar

as atenções daquilo que estava nele, mas sua magia ainda empurrava contra a ferida, pulando como mil pontos de luz branca, comendo e engolindo e arranhando aquilo.

Ele suportava a dor, atravessando o que a escuridão lhe mostrava. Nunca recuou, nem no dia seguinte. Apenas parava quando a força dela oscilava e ele insistia para que Yrene fizesse uma pausa para comer ou tirar um cochilo no sofá dourado, ou apenas para conversarem com copos de chá gelado na mão.

Yrene supôs que seu ritmo constante tinha que terminar em algum momento.

Ela pensou que provavelmente seria devido a uma discussão entre eles. Não por notícias de longe.

O khagan voltou ao jantar formal depois de duas semanas de distância em uma propriedade litorânea para escapar do calor do verão, instalado com sua esposa ainda de luto. Um encontro alegre – ou assim, pareceu de longe. Sem mais ataques no palácio ou na Torre, a vigilância silenciosa diminuía consideravelmente estas últimas semanas.

Mas quando Yrene e Chaol entraram no grande salão, quando ela leu a tensão borbulhando ao longo daqueles sentados na mesa alta, ela pensou em dizer a ele para sair. Vizires se deslocaram em seus assentos. Arghun, que certamente não perdera nada quando se juntou aos seus pais à beira-mar, sorriu.

Hasar sorriu amplamente para Yrene – um sorriso sabido. Não era bom.

Eles tiveram talvez quinze minutos de comida antes de a princesa se pronunciar. Hasar inclinou-se para frente e disse a Chaol:

— Você deve estar satisfeito esta noite, lorde Westfall.

Yrene manteve-se perfeitamente ereta em sua cadeira, o garfo continuando seu caminho enquanto o erguia com um pedaço do peixe com gosto de limão, mastigava e se forçava a engolir.

Chaol respondeu suavemente, bebendo de seu cálice de água:

— E por que eu deveria estar, Sua Alteza?

Os sorrisos de Hasar podiam ser horríveis. Mortais. E o que ela usou quando falou em seguida fez Yrene se perguntar por que ela já se incomodara em responder as convocações da princesa.

— Bem, se alguém fizer os cálculos, a capitã Faliq deve voltar com meu irmão amanhã.

A mão de Yrene apertou em torno de seu garfo enquanto calculava os dias.

Três semanas. Fazia três semanas que Nesryn e Sartaq partiram para as Montanhas Tavan.

Nesryn voltaria amanhã. E apesar de nada – nada – ter acontecido entre Yrene e Chaol...

Yrene não conseguiu parar o sentimento que surgiu em seu peito. Não conseguiu deter a sensação de que uma porta muito permanentemente bateu no rosto dela.

Eles não falaram de Nesryn. Do que houvesse entre eles. E ele nunca mais tocou Yrene além do que era necessário, nunca a olhava como naquela noite da festa.

Mas claro – é claro que ele estava esperando por Nesryn. A mulher com quem ele era leal.

Yrene se forçou a comer outra garfada, mesmo quando o peixe ficou azedo em sua boca. Idiota. Ela era uma idiota, e...

— A senhorita não soube da notícia? — Chaol perguntou, tão irreverente quanto a princesa. Ele baixou o seu cálice, suas juntas roçando as de Yrene onde a mão dela estava pousada sobre a mesa.

Se fosse qualquer outro, poderia ter sido um toque acidental, mas com Chaol... Todo movimento dele era controlado. Focado. O roçar de sua pele contra a dela, um sussurro de tranquilidade, como se ele pudesse sentir aquelas paredes que estavam de fato se aproximando dela...

Hasar disparou a Yrene um olhar descontente. *Por que não me informou sobre isso?*

Yrene retraiu-se inocentemente de volta. *Eu não sabia.* E era verdade.

— Suponho que nos contará? — Hasar respondeu friamente ao lorde.

Chaol deu de ombros.

— Recebi a notícia hoje da capitã Faliq. Ela e seu irmão decidiram prolongar a sua viagem por mais três semanas. Acontece que sua habilidade com arco e flecha estava em alta demanda entre os rukhin. Eles imploraram para que ficasse por mais um tempo. Ela os favoreceu.

Yrene deixou seu rosto neutro. Mesmo que alívio e vergonha a atravessassem.

Uma boa mulher – uma mulher corajosa. Era quem ela estava tão aliviada ao ouvir que não retornaria. Não... interromperia.

— Nosso irmão é sábio — disse Arghun de um lugar mais distante na mesa — em manter uma guerreira hábil tanto tempo quanto possível.

A farpa estava lá, enterrada profundamente.

Chaol novamente deu de ombros.

— Ele é mesmo sábio, para saber quão especial ela é. — As palavras foram faladas com verdade, e ainda...

Ela estava inventando coisas. Interpretando-o, assumindo que seu tom não tivesse afeição além do orgulho.

Arghun inclinou-se para dizer a Hasar:

— Bem, então há a questão das *outras* notícias, irmã. Que assumo que lorde Westfall também ouviu.

Alguns lugares para baixo, a conversa do khagan com seus vizires mais próximos vacilou.

— Ah, sim — disse Hasar, girando seu vinho enquanto se esticava na cadeira. — Eu tinha esquecido.

Yrene tentou captar o olhar de Renia, ver se a amante da princesa revelava *algo* sobre o que ela agora sentia estar sendo armado, a onda que estava prestes a quebrar. A razão pela qual o salão estava tão carregado. Mas Renia só tinha olhos para Hasar, uma mão em seu braço como se dissesse, *Cuidado*.

Não pelo o que ela deveria revelar, mas a maneira como Hasar revelaria.

Chaol olhou entre Arghun e Hasar. Pelos sorrisos do príncipe e da princesa, ficou claro o suficiente que eles estavam cientes de que ele não sabia. Mas Chaol ainda parecia debater os méritos de parecer saber ou admitir a verdade...

Yrene o poupou da escolha.

— Eu não ouvi a novidade — ela falou. — O que aconteceu?

Sob a mesa, o joelho de Chaol tocou o dela em agradecimento. Ela disse a si mesma que o prazer que a atravessava era meramente pelo fato de que ele conseguia mover aquele joelho. Mesmo com o medo enrolando em seu intestino.

— Bem — Hasar começou, os acordes de abertura para uma dança que ela e Arghun haviam coordenado antes dessa refeição. — Tem havido alguns... desenvolvimentos no continente vizinho, parece.

Yrene agora pressionava seu joelho contra o de Chaol, uma solidariedade silenciosa. *Juntos*, ela tentou dizer através do toque.

Arghun disse a Yrene, a Chaol, e também a seu pai:

— Tantos desenvolvimentos no norte. Membros da realeza desaparecidos, agora revelando-se mais uma vez. Tanto Dorian Havilliard quanto a Rainha de Terrasen. A última fez isso de forma bastante dramática também.

— Onde? — murmurou Yrene, porque Chaol não podia. Na verdade, o ar tinha saído dele à menção de seu próprio rei.

Hasar sorriu para Yrene – aquele sorriso satisfeito que ela lhe deu na chegada.

— Baía da Caveira.

A mentira, o palpíte que Chaol lhe dera para alimentar a princesa... se provara verdade.

Ela sentiu Chaol ficar tenso, embora seu rosto não revelasse nada além de um interesse suave.

— Um porto pirata no sul, Grande Khagan — explicou Chaol a Urus, sentado na mesa, como se estivesse realmente ciente dessas novidades – e fosse parte desta conversa. — No meio de um grande arquipélago.

O khagan olhou para seus vizires visivelmente desagradados, e franziu a testa para eles.

— E por que eles apareceram em Baía da Caveira?

Chaol não tinha resposta, mas Arghun estava mais do que feliz em fornecê-la.

— Porque Aelin Galathynius pensou em enfrentar o exército que Perrington acampara na ponta do arquipélago.

Yrene deslizou a mão da mesa – para agarrar o joelho de Chaol. Tensão irradiava por toda linha dura do corpo dele.

— A vitória foi em seu favor, ou de Perrington? — perguntou Duva, uma mão em sua crescente barriga. Como se fosse uma partida esportiva. Seu marido olhava para a mesa, vendo as cabeças virando de um lado para o outro.

— Oh, na dela — disse Hasar. — Já tínhamos olhos na cidade, então eles puderam despachar um relatório. — Aquele sorriso sombrio e secreto novamente na direção de Yrene. Espiões que ela enviara usando a informação de Yrene. — Seu poder é considerável — acrescentou ela ao pai. — Nossas fontes dizem que ela queimou o próprio céu. E depois destruiu a maior parte da frota reunida contra ela. De uma só vez.

Deuses santos.

Os vizires se mexeram, e o rosto do khagan endureceu.

— Os rumores da destruição do castelo de vidro não foram exagero, então.

— Não — disse Arghun suavemente. — E seus poderes cresceram desde então. Assim como seus aliados. Dorian Havilliard viaja com a corte dela. E Baía da Caveira e seu lorde piratas agora ajoelham-se diante dela.

Conquistadora.

— Eles lutam *com* ela — Chaol cortou. — Contra as forças de Perrington.

— Lutam? — Hasar assumiu a conversa com facilidade. — Pois não é Perrington quem está navegando agora e descendo a costa de Eyllwe, queimando aldeias como quer.

— Isso é mentira — Chaol disse muito suavemente.

— É? — Arghun deu de ombros, então encarou seu pai, o retrato do filho em questão. — Ninguém a viu, é claro, mas aldeias inteiras foram deixadas em cinzas e ruínas. Dizem que ela navega para Banjali pretendendo dobrar a família Ytger à sua vontade e reunir um exército para si.

— Isso é uma *mentira* — Chaol estalou. Seus dentes brilharam, viziress titubearam e ofegaram, mas ele se virou para o khagan. — Eu conheço Aelin Galathynius, Grande Khagan. Não é o estilo dela, não é de sua natureza. A família Ytger... — Ele parou.

É importante para ela. Yrene sentiu as palavras em sua língua, como se estivessem na dela própria. A princesa e Arghun inclinaram-se para frente, esperando confirmação. Prova da fraqueza potencial de Aelin Galathynius.

Não em magia, mas em quem era vital para ela. E Eyllwe, situada entre as forças de Perrington e o khaganato... Ela podia ver as engrenagens girando em suas cabeças.

— A família Ytger seria melhor usada como uma aliada do sul — terminou Chaol, os ombros rígidos. — Aelin é inteligente o suficiente para saber disso.

— E suponho que você saiba — disse Hasar — já que foi seu amante em algum momento. Ou foi o Rei Dorian? Ou ambos? Os espiões nunca foram precisos sobre quem estava na cama e quando.

Yrene engoliu sua surpresa. Chaol e Aelin Galathynius?

— Eu a conheço bem, sim — disse Chaol com força.

Seu joelho pressionou o dela, como se dissesse *Depois. Explicarei mais tarde.*

— Mas isto é guerra — respondeu Arghun. — A guerra faz as pessoas fazerem coisas que normalmente não considerariam.

A condescendência e a zombaria foram suficientes para que Yrene apertasse os dentes. Este foi um ataque planejado, uma aliança temporária entre dois irmãos.

— Ela colocou olhos nestas margens? — Kashin cortou. Era uma pergunta de soldado. Destinada a avaliar a ameaça à sua terra, ao seu rei.

Hasar examinou suas unhas.

— Quem sabe? Com tal poder... Talvez devêssemos nos preparar..

— Aelin já tem uma guerra para lutar — afirmou Chaol. — E ela não é um conquistadora.

— Baía da Caveira e Eyllwe sugeririam o contrário.

Um vizir sussurrou no ouvido do khagan. Outro se inclinou para ouvir. Já calculando.

Chaol disse a Urus:

— Grande Khagan, eu sei que alguns podem torcer essas notícias em desvantagem de Aelin, mas juro-lhe que a Rainha de Terrasen quer apenas libertar nossa terra. Meu rei não seria aliado dela se fosse de outra forma.

— Você poderia jurar, porém? — refletiu Hasar. — Jurar pela vida de Yrene?

Chaol piscou para a princesa.

— De tudo o que você viu — Hasar continuou — tudo o que testemunhou sobre ela... você juraria? Sobre a vida de Yrene Towers, Aelin Galathynius não usaria tais táticas? Não tentaria *tomar* exércitos, em vez de erguê-los? Incluindo o nosso?

Diga sim. Diga sim.

Chaol não olhou lançou um olhar para Yrene enquanto fitava Hasar, depois Arghun. O khagan e o seus vizires separados.

Chaol não disse nada. Não jurou nada.

O pequeno sorriso de Hasar era nada menos que triunfante.

— Foi o que pensei.

O estômago de Yrene revirou.

O khagan mediu Chaol.

— Se Perrington e Aelin Galathynius estão reunindo exércitos, talvez eles se destruam e me poupem do problema.

Um músculo apertou na mandíbula de Chaol.

— Talvez se ela for tão poderosa — Arghun observou — ela possa derrotar Perrington sozinha.

— Não se esqueça do rei Dorian — Hasar acrescentou. — Porque aposto que os dois poderiam lidar com Perrington e qualquer exército que ele tenha construído sem muita ajuda. É melhor deixá-los lidar com isso do que desperdiçar nosso sangue em solo estrangeiro.

Yrene tremia. Tremia com... com *raiva* ao cuidadoso jogo de palavras, o jogo de Hasar e do irmão, feito para manterem-se afastados da guerra

— Mas — Kashin acrescentou, parecendo notar a expressão de Yrene — também pode-se dizer que, se ajudarmos tais reis poderosos, os benefícios em anos de paz podem valer os riscos agora. — Ele se virou para o khagan. — Se os ajudarmos, pai, a enfrentar essa ameaça, imagine esse poder voltado contra os nossos inimigos.

— Ou se virado contra nós, se acharem mais fácil quebrar seus juramentos — Arghun cortou.

O khagan estudou Arghun, seu filho mais velho agora franzindo a testa com desgosto para Kashin. Duva, uma mão ainda em sua barriga grávida, apenas assistiu. Despercebida e não solicitada, mesmo pelo marido.

Arghun voltou-se para o pai.

— A magia do nosso povo é mínima. O céu eterno e os trinta e seis deuses abençoaram principalmente os nossos curandeiros. — Um cenho franzido para Yrene. — Contra esse poder, o que é aço e madeira? Aelin Galathynius capturou Forte da Fenda, então Baía da Caveira, e agora parece estar preparada para tomar Eyllwe. Uma pessoa sábia teria ido para o norte, fortalecido seu reino, depois forçado para o sul das fronteiras. No entanto, ela alonga suas forças, dividindo-as entre norte e sul. Se ela não é uma tola, então seus assessores o são.

— Eles são guerreiros bem treinados, que viram mais guerras e batalha do que você jamais verá — Chaol disse friamente.

O príncipe mais velho ficou rígido. Hasar riu baixinho.

O khagan novamente pesou as palavras ao seu redor.

— Esta questão continuará a ser discutida em salas de conselho, não em mesas de jantar — disse ele, embora não desse garantias. Não para Chaol, nem para Yrene. — Embora eu esteja inclinado a concordar com o que os simples fatos oferecem.

Para seu crédito, Chaol não discutiu mais. Não se encolheu nem fez uma careta. Ele apenas assentiu uma vez.

— Eu que agradeço pela honra da sua consideração, Grande Khagan.

Arghun e Hasar trocaram olhares de zombaria. O khagan voltara para sua refeição.

Nem Yrene nem Chaol tocaram o resto da comida.

Cadela. A princesa era uma vadia, e Arghun era o maior bastardo que Chaol jamais encontrara.

Havia alguma verdade em sua relutância – seus medos ao poder de Aelin e a ameaça que ela poderia ser. Mas ele conseguia lê-los. Hasar simplesmente não queria deixar o conforto de sua casa, os braços de sua amante, para navegar para a guerra. Não queria essa confusão.

E Arghun... O homem navegava no poder, no conhecimento. Chaol não tinha dúvidas de que a discussão com Arghun era mais para forçar Chaol a um lugar onde ele ficaria desesperado.

Ainda mais do que estava. Com vontade de oferecer qualquer coisa em troca de sua ajuda.

Kashin faria o que seu pai dissesse. E quanto ao khagan...

Horas depois, Chaol ainda cerrava os dentes enquanto se deitava na cama e olhava para o teto. Yrene o deixara com um aperto no ombro, prometendo vê-lo no dia seguinte.

Chaol mal conseguiu responder.

Ele deveria ter mentido. Devia jurar que confiava em Aelin com a sua vida.

Porque Hasar sabia que se pedisse que ele jurasse com a vida de Yrene...

Mesmo que seus trinta e seis deuses não se importassem com ele, ele não podia arriscar.

Ele tinha visto Aelin fazer coisas terríveis.

Ainda sonhava com ela estripando Archer Finn a sangue frio. Ainda sonhava com como ela deixara o corpo de Cova naquele beco. Ainda sonhava com seus homens massacrados como gado, com Forte da Fenda e em Endovier, e sabia quão insensível e brutal ela poderia se transformar. Ele havia brigado com ela no início deste verão sobre isso – o seu poder. A falta deles.

Rowan era um bom homem. Totalmente sem medo de Aelin, de sua magia. Mas ela escutaria o seu conselho? Aedion e Aelin eram tão propensos a começar uma briga quando de chegar num acordo, e Lysandra... Chaol não conhecia a metamorfa o suficiente para julgar se ela manteria Aelin na linha.

Aelin realmente mudara – crescera em uma rainha. Ainda estava crescendo como uma.

Mas ele sabia que não havia restrições, nem internas, até onde Aelin iria para proteger aqueles que amava. Proteger seu reino. E se alguém se colocasse no meio, a impedisse de protegê-los... Não existiam limites interno em Aelin em relação a isso. Sem limites.

Então ele não pôde jurar, não sobre a vida de Yrene, que acreditava que Aelin poderia estar acima desses tipos de métodos. Com sua

história carregada com Rolfe, ela provavelmente usou o poder de sua magia para intimidá-lo a se juntar à causa dela.

Mas com Eyllwe... Eles deram algum sinal de resistência, para levá-la a aterrorizá-los? Ele não podia imaginar que Aelin consideraria ferir pessoas inocentes, e muito menos pessoas que eram parentes de sua amiga querida. E ainda conhecia os riscos que Perrington – Erawan representava. O que faria com todos eles, se ela não os unisse. Por qualquer meio necessário.

Chaol esfregou o rosto. Se Aelin tivesse se mantido sob controle, se tivesse desempenhado o papel de rainha aflita... Isso teria facilitado sua tarefa.

Talvez Aelin lhes custasse essa guerra. Esta chance de um futuro.

Pelo menos Dorian fora encontrado – sem dúvida, tão seguro quanto se poderia esperar com a corte de Aelin.

Chaol enviou uma oração silenciosa de agradecimento para a noite por essa pequena misericórdia.

Uma batida suave o fez disparar. Não do vestíbulo, mas nas portas de vidro para o jardim.

Suas pernas se contraíram, dobrando ligeiramente no joelho – mais uma reação do que movimento controlado. Ele e Yrene estavam passando pelos exercícios das pernas duas vezes ao dia, as várias terapias comprando-o movimento centímetro a centímetro. Juntamente com a magia com que ela penetrava seu corpo enquanto ele suportava a escuridão horrenda das lembranças. Ele nunca disse o que viu, o que o deixava gritando.

Não havia nenhum motivo. E contar a Yrene o quanto ele falhou, quão erroneamente julgou, o deixava tão enjoado. Mas o que estava no jardim oculto sob a noite... Não era uma lembrança.

Chaol entrecerrou os olhos para a sombra da alta figura masculina ali de pé, com uma mão erguida em silêncio. A própria mão de Chaol se aproximou da faca sob seu travesseiro. Mas a figura se aproximou da luz da lanterna, e Chaol soltou uma respiração e acenou para o príncipe.

Com uma pequena faca, Kashin destrancou a porta do jardim e escorregou para dentro.

— Abrir fechaduras não é uma habilidade que eu esperaria de um príncipe — disse Chaol como saudação.

Kashin se demorou sob a moldura, a lanterna do lado de fora iluminando seu rosto o suficiente para que Chaol visse um meio sorriso.

— Aprendi mais por entrar e sair dos quartos das senhoras do que por roubar, temo.

— Pensei que sua corte fosse um pouco mais aberta em relação a esse tipo de coisa do que a minha.

Aquele sorriso cresceu.

— Talvez, mas os velhos maridos irritáveis permanecem os mesmos em qualquer continente.

Chaol riu, balançando a cabeça.

— O que posso fazer por você, príncipe?

Kashin estudou a porta da suíte, Chaol fazendo o mesmo – procurando por sombras paradas do outro lado. Quando ambos não encontraram nenhuma, Kashin disse:

— Suponho que não tenha descoberto nada dentro da minha corte sobre quem pode estar atormentando Yrene.

— Eu gostaria de poder dizer o contrário. — Mas sem Nesryn, ele teve poucas chances de procurar em Antica por quaisquer sinais de um suposto agente valg. E as coisas haviam sido bastante silenciosas nessas três semanas, em parte por que ele esperava que eles simplesmente... fossem embora. Uma atmosfera consideravelmente mais calma se instalou sobre o palácio e a Torre desde então, como se as sombras estivessem de fato atrás de todos eles.

Kashin assentiu.

— Eu sei que Sartaq partiu com sua capitã para buscar respostas sobre essa ameaça.

Chaol não ousou confirmar ou negar. Ele não estava inteiramente certo de como Sartaq deixara as coisas com a família, se tinha recebido a benção de seu pai para ir.

— Pode ser por isso que meus irmãos montaram uma frente tão unificada contra você esta noite — Kashin continuou. — Se o próprio Sartaq levar essa ameaça a sério, eles sabem que podem ter uma janela limitada para convencer nosso pai a não se juntar a essa causa.

— Mas se a ameaça é real — disse Chaol — se poderia chegar nessas terras, por que não lutar? Por que não pará-la antes que possa chegar a estas margens?

— Porque é guerra — disse Kashin, e da maneira como ele falou, a maneira como estava de pé, de alguma forma fez Chaol sentir-se jovem de verdade. — E embora a maneira com a qual meus irmãos apresentaram seus argumentos tenha sido desagradável, suspeito que Arghun e Hasar estão conscientes dos custos que a união à sua causa exigirá. Nunca antes o poder dos exércitos do khaganato foi enviado para uma terra estrangeira. Ah, algumas legiões, seja rukhin, exércitos ou meus próprios senhores dos cavalos. Às vezes unidos, mas nunca

todos, nunca o que você precisa. O custo da vida, o simples dreno nos nossos cofres... será enorme. Não cometa o erro de acreditar que meus irmãos não entendam isso muito, muito bem.

— E seu medo de Aelin?

Kashin bufou.

— Eu não posso falar sobre isso. Talvez seja bem fundamentado. Talvez não.

— Então você se esgueirou para o meu quarto para me dizer isso? — ele deveria falar com mais respeito, mas...

— Eu vim para lhe contar mais uma informação, que Arghun escolheu não mencionar.

Chaol esperou, desejando que ele não estivesse sentado na cama, nu da cintura pra cima.

— Recebemos um relatório do nosso vizir do comércio exterior de que um grande e lucrativo pedido foi feito por uma arma relativamente nova — Kashin falou.

A respiração de Chaol parou. Se Morath tivesse encontrado alguma maneira...

— É chamada de lança fogo — disse Kashin. — Nossos melhores engenheiros conseguiram combinar várias armas de todo o nosso continente.

Oh, deuses. Se Morath a tivesse em seu arsenal...

— O capitão Rolfe fez o pedido para a sua frota. Meses atrás.

Rolfe...

— E quando chegou a notícia de que Baía da Caveira caiu sob Aelin Galathynius, também veio com um pedido para que mais fossem enviadas para o norte.

Chaol ordenou as informações.

— Por que Arghun não diria isso no jantar?

— Porque são muito, muito caras.

— Certamente isso é bom para sua economia.

— É.

E não era bom para a tentativa de Arghun de evitar essa guerra.

Chaol ficou em silêncio por um batimento cardíaco.

— E você, príncipe? Você deseja se juntar a essa guerra?

Kashin não respondeu imediatamente. Ele correu os olhos pelo quarto, pelo teto, pela cama e, finalmente, olhou para Chaol.

— Esta será a grande guerra do nosso tempo — disse Kashin calmamente. — Quando estivermos mortos, quando mesmo os netos de nossos netos estiverem mortos, eles ainda falarão sobre esta guerra.

Vão sussurrar sobre ela ao redor das fogueiras, cantar nos grandes salões. Quem viveu e morreu, que lutou e quem se encolheu. — Sua garganta balançou. — Meu *sulde* sopra para o norte, dia e noite, os cabelos sopram para o norte. Então, talvez eu encontre meu destino nas planícies de Charco Lavrado. Ou diante das paredes brancas de Orynth. Mas é para o norte que eu devo ir – se meu pai me ordenar.

Chaol refletiu. Olhou para a tela trançada perto da câmara de banho.

Kashin tinha se virado quando Chaol perguntou:

— Quando seu pai se encontrará com seu vizir de comércio exterior?

Capítulo 37

Nesryn estava ficando sem tempo.

Falkan precisou de dez dias para se recuperar, o que deixou ela e Sartaq com pouco tempo para visitar as outras ruínas das torres de vigia ao sul. Ela tentou convencer o príncipe a ir sem o metamorfo, mas ele se recusou. Mesmo com Borte agora com a intenção de se juntar a eles, ele não arriscaria.

Mas Sartaq encontrou outras maneiras de preencher seu tempo. Ele levou Nesryn para outros abrigos para o norte e o oeste, onde se encontraram com os líderes – as mães postiças e os capitães, que podiam ser do sexo masculino ou feminino, que lideravam suas forças.

Alguns eram acolhedores, saudando Sartaq com festas e animação que duravam toda a noite. Alguns, como o Berlad, eram distantes, suas mães postiças e outros líderes diferentes não os convidando para ficar por mais tempo do que o necessário. Certamente traziam jarras do leite de cabra fermentado que bebiam – e era forte o suficiente para colocar pelo no peito, rosto e dentes de Nesryn. Ela quase sufocou na primeira vez que tentou, ganhando aplausos e batidinhas nas costas e um brinde em sua honra.

Era a recepção calorosa que ainda a surpreendia. Os sorrisos dos rukhin que pediam, alguns timidamente, outros corajosamente, para mostras de sua habilidade com arco e flecha. Mas, apesar de tudo, ela mostrava, assim como também aprendia.

Foi subindo com Sartaq através das passagens através da montanha, o príncipe marcando alvos e Nesryn os acertando, aprendendo a disparar através vento, *como* o vento.

Ele até mesmo a deixou montar Kadara sozinha – apenas uma vez, e o suficiente para ela voltar a se perguntar como eles permitiam que crianças de quatro anos fizesse isso, mas... ela nunca se sentiu tão livre.

Tão aliviada e desenfreada e ainda centrada em si mesma.

Então eles foram, de clã em clã, lar em lar. Sartaq verificando os montadores e seus treinamentos, parando para visitar novos bebês e idosos doentes. Nesryn permaneceu na sua sombra – ou tentou.

Sempre que se demoravam um pouco, Sartaq a empurrava para frente. Sempre que havia uma tarefa a ser feita com os outros, ele lhe pedia para fazê-la. Lavar a louça após uma refeição, recolher as flechas depois da prática de tiro, limpar os excrementos de ruk dos salões e dos ninhos.

Na última tarefa, pelo menos, o príncipe se juntou a ela. Sem importar sua posição, seu status como capitão, ele fez todas as tarefas sem nenhuma queixa. Ninguém estava acima do trabalho, ele disse a ela quando perguntou uma noite.

E estivesse ela raspando crostas de fezes do chão ou ensinando jovens guerreiros como segurar um arco, uma inquietação se instalou nela.

Ela não conseguia mais enxergar em sua cabeça – os encontros silenciosos no palácio em Forte da Fenda, onde ela dera suas ordens solenemente aos guardas e depois dividiram seus caminhos entre os elegantes pisos de mármore. Não conseguia se lembrar do quartel da cidade, onde ela ficava alocada nos fundos de um quarto apertado, recebia suas ordens e depois ficava de pé numa esquina por horas, observando as pessoas comprarem, comerem, conversarem e caminharem.

Outra vida, outro mundo.

Aqui nas montanhas profundas, respirando o ar puro, sentada ao redor da fogueira para ouvir Houlun narrar histórias de rukhin e dos senhores dos cavalos, histórias do primeiro khagan e de sua amada esposa, cujo nome de Borte homenageava... Ela não conseguia se lembrar de sua vida anterior.

E não queria voltar para ela.

Foi numa dessas fogueiras, Nesryn fazendo a trança apertada que Borte lhe ensinara, que ela surpreendeu até a si mesma.

Houlun se instalara no banco, uma pedra de amolar na mão uma adaga na outra, preparando-se para trabalhar enquanto conversava com o pequeno grupo – Sartaq, Borte, Falkan – de rosto cinza e mancando –, e outros seis que Nesryn descobrira serem primos de Borte. A mãe de coração examinava os rostos, que cintilava em dourado com a chama e perguntou:

— E quanto a uma história de Adarlan?

Todos os olhos se voltaram para Nesryn e Falkan.

O metamorfo estremeceu.

— Temo que as minhas sejam bastante enfadonhas — ele considerou. — Tive uma visitante interessante no Deserto Vermelho uma vez, mas... — Ele gesticulou o máximo que pôde para Nesryn. — Eu gostaria de ouvir uma de suas histórias primeiro, capitã.

Nesryn tentou não se mexer sob o peso de tantos olhares.

— As histórias com as quais cresci — ela admitiu — eram principalmente de vocês, dessas terras.

Sorrisos amplos. Sartaq apenas piscou. Nesryn abaixou a cabeça, o rosto aquecendo.

— Conte uma história dos feéricos, se você souber — sugeriu Borte. — Do príncipe feérico que você conheceu.

Nesryn balançou a cabeça.

— Eu não tenho nenhuma dessas - e não o conheço tão bem. — Enquanto Borte franzia a testa, Nesryn acrescentou: — Mas eu posso cantar para vocês.

Silêncio.

Houlun passou a pedra de amolar pela adaga.

— Uma canção seria apreciada. — Uma carranca para Borte e Sartaq. — Meus filhos não poderiam sustentar uma melodia nem que fosse para salvar suas vidas.

Borte revirou os olhos para a avó, mas Sartaq inclinou a cabeça em desculpas, um sorriso torto agora em sua boca.

Nesryn sorriu, mesmo enquanto seu coração batia em sua oferta ousada. Ela nunca se apresentara para ninguém, mas isso... Não era uma apresentação, era compartilhar uma cultura. Ela ouviu o vento sussurrando do lado de fora da boca da caverna por um longo momento, os outros ficando em silêncio.

— Esta é uma música de Adarlan — disse ela finalmente. — Do sopé ao norte de Forte da Fenda, onde minha mãe nasceu. — Uma dor velha e familiar encheu seu âmago. — Ela costumava cantá-la para mim... antes de morrer.

Um brilho de simpatia no olhar de aço de Houlun. Mas Nesryn olhou para Borte enquanto falava, encontrando o rosto de jovem incomumente suave - olhando para Nesryn como se não a tivesse visto antes. Nesryn deu-lhe um pequeno aceno sutil. *É um peso que ambas carregamos.*

Borte ofereceu um sorriso pequeno e silencioso em troca.

Nesryn ouviu o vento novamente. Deixou-se voltar ao seu lindo quarto de criança em Forte da Fenda, até mesmo sentiu as mãos de

seda de sua mãe acariciando seu rosto, seus cabelos. Ela fora mais apegada com o pai, pedia histórias de sua pátria distante, dos ruks e dos senhores dos cavalos, raramente havia pedido sobre a própria Adarlan, apesar de ser filha de ambas as terras.

E essa música de sua mãe... Uma das poucas histórias que teve, na forma que mais amava. Da pátria em dias melhores. E ela queria compartilhar com eles – esse vislumbre do que sua terra poderia se tornar novamente.

Nesryn limpou a garganta. Respirou fundo.

Então abriu a boca e cantou.

O crepitar da fogueira como seu único tambor, a voz de Nesryn encheu o Salão-Montanha de Altun, ressoou através dos pilares antigos, saltando pela rocha esculpida.

Ela tinha a sensação de que Sartaq estava muito quieto, tinha a sensação de que não havia nada duro ou risonho em seu rosto.

Mas ela se concentrou na música, nas palavras antigas, na história de invernos distantes e gotas de sangue na neve; na história de mães e filhas, como amaram, lutaram e cuidaram umas das outras.

Sua voz subiu e desceu, corajosa e graciosa como um ruk, e Nesryn poderia ter jurado que mesmo os ventos pararam para ouvi-la.

E quando terminou, uma nota dourada e alta do sol da primavera que atravessava terras frias, quando o silêncio e o fogo crepitante encheu o mundo mais uma vez...

Borte estava chorando. Lágrimas silenciosas caindo pelo rosto bonito. A mão de Houlun estava bem embrulhada em torno da mão da neta, a pedra de amolar deixada de lado. Uma ferida ainda cicatrizando – para ambas.

E, talvez, para Sartaq também – havia dor em seu rosto. Pesar e admiração, e talvez algo infinitamente mais terno quando ele comentou:

— Outra história para espalhar sobre a Flecha de Neith.

Ela abaixou a cabeça novamente, aceitando o louvor dos outros com um sorriso. Falkan bateu palmas do jeito que podia e pediu outra música.

Nesryn, para sua surpresa, cantou outra. Uma música alegre e brilhante da montanha que seu pai lhe ensinara, de córregos em meio a campos de flores silvestres.

Mas, mesmo enquanto a noite passava, enquanto Nesryn cantava naquele belo salão-montanha, ela sentiu o olhar de Sartaq.

Diferente de qualquer outro que tivesse lhe lançado antes. E, embora dissesse a si mesma que não deveria, Nesryn não desviou o olhar.

Alguns dias depois, quando Falkan finalmente se curou, eles ousaram aventurar-se para as outras três torres de vigia que Houlun descobrira.

Eles não encontraram nada nas duas primeiras, ambas distantes o suficiente uma da outra para exigirem viagens separadas. Houlun os proibiu de acampar na selva – então em vez de arriscar sua ira, eles retornaram todas as noites, ficando alguns dias para permitir que Kadara e Arcas, a doce ruk de Borte, descansassem depois de tanto esforço.

Sartaq ficou apenas uma fração mais caloroso com o metamorfo. Ele vigiava Falkan com tanta atenção quanto Kadara, mas pelo menos tentava conversar de vez em quando.

Borte, por outro lado, bombardeava Falkan com um fluxo interminável de perguntas enquanto faziam buscas através de ruínas que eram pouco mais do que escombros.

Como é ser um pato, remando abaixo d'água, mas deslizando tão suavemente sobre a superfície?

Quando você come como um animal, a carne cai bem no estômago humano?

Você tem que esperar entre comer como um animal e voltar a ser humano por causa disso?

Você defeca como um animal?

A última ganhou uma risada afiada de Sartaq, pelo menos. Mesmo que Falkan estivesse vermelho e evitasse responder a pergunta.

Mas depois de visitar duas torres de vigia, eles não encontraram nada sobre por que elas foram construídas e com quem esses guardiões há muito tempo haviam lutado – ou como os derrotaram.

E com uma torre faltando... Nesryn fizera uma conta dos dias e percebeu que as três semanas que prometera a Chaol tinham acabado.

Sartaq sabia disso também. A procurara quando ela estava em um dos ninhos de ruk, admirando os pássaros descansando, ou se preparando ou andando por ali. Ela frequentemente ia até ali durante as tardes mais silenciosas, apenas para observar os pássaros: sua inteligência de olhos afiados, seus laços amorosos.

Ela estava encostada na parede ao lado da porta quando ele emergiu. Por vários minutos, eles ficaram observando um casal aconchegando-se antes de um deles pular para a borda da boca da enorme caverna e descer no vazio abaixo.

— Aquele ali — disse o príncipe finalmente, apontando para um ruk avermelhado sentado ao lado oposto da parede. Ela já o tinha visto muitas vezes – principalmente observando que ele estava sozinho, nunca visitado por um cavaleiro, ao contrário de alguns outros. — Seu cavaleiro morreu alguns meses atrás. Apertou o peito durante uma refeição e morreu. O cavaleiro era velho, mas o ruk... — Sartaq sorriu tristemente para o pássaro. — Ele é jovem – ainda não tem nem quatro anos.

— O que acontece com aqueles cujos cavaleiros morrem?

— Nós lhes oferecemos liberdade. Alguns voam para as selvas. Alguns permanecem. — Sartaq cruzou os braços. — Ele permaneceu.

— Algum deles ganha um novo cavaleiro?

— Alguns sim. Se o aceitarem. É escolha do ruk.

Nesryn ouviu o convite em sua voz. Leu-o nos olhos do príncipe.

Sua garganta tremeu.

— Nossas três semanas acabaram.

— De fato.

Ela encarou o príncipe de frente, inclinando a cabeça para ver seu rosto.

— Precisamos de mais tempo.

— Então, o que você disse?

Uma pergunta simples.

Mas ela levava horas para descobrir o que escrever em sua carta a Chaol, então a entregara ao mensageiro mais rápido de Sartaq.

— Pedi mais três semanas.

Ele inclinou a cabeça, observando-a com aquela intensidade implacável.

— Um grande negócio pode acontecer em três semanas.

Nesryn se forçou a manter os ombros esticados, o queixo erguido.

— Mesmo assim, no fim desse período, deverei retornar a Antica.

Sartaq assentiu, embora algo como desapontamento tenha brilhado em seus olhos.

— Então suponho que o ruk no abrigo terá que esperar por outro cavaleiro.

Isso acontecera um dia atrás. A conversa que a tornou incapaz de olhar na direção do príncipe por muito tempo.

E durante as horas de voo esta manhã, ela lançou um olhar ou dois para onde Kadara voava, Sartaq e Falkan em suas costas.

Agora Kadara se virava de lado, espiando as ruínas da torre muito abaixo, localizada em uma planície rara em meio às colinas e os picos das Montanhas Tavan. No final do verão, estava cheia de gramas cor de esmeralda e córregos em tons de safira – a ruína pouco mais que um monte de pedras.

Borte dirigiu Arcas com um assobio através dos dentes e um puxão nas rédeas, a ruk virando para a esquerda antes de nivelar. Ela era uma montadora experiente, mais ousada do que Sartaq, principalmente graças ao tamanho e à agilidade de sua ruk menor. Ela ganhara os últimos três campeonatos anuais de corrida entre todos os clãs – competições de agilidade, velocidade e pensamento rápido.

— Você escolheu Arcas — Nesryn perguntou por cima do vento — ou ela te escolheu?

Borte se inclinou para a frente para dar um tapinha no pescoço da ruk.

— Foi mútuo. Eu vi essa cabeça penugenta sair do ninho, e foi isso. Todos me disseram para escolher uma maior; minha própria mãe me repreendeu. — Um sorriso triste nisso. — Mas eu sabia que Arcas era minha. Eu a vi, e soube.

Nesryn ficou em silêncio enquanto desciam para a linda planície e para a ruína, a luz do sol dançando nas asas de Kadara.

— Você deveria levar aquele ruk no abrigo para um voo algum dia — disse Borte, deixando Arcas descer para um pouso suave. — Testá-lo.

— Eu vou embora em breve. Não seria justo para nenhum de nós.

— Eu sei. Mas talvez você devesse, de qualquer maneira.

Borte gostava de encontrar as armadilhas escondidas deixadas pelos feéricos.

O que era bom para Nesryn, já que a garota era muito melhor em percebê-las.

Esta torre, para desapontamento de Borte, sofreu um colapso em algum momento, bloqueando o nível mais baixo. E acima deles, apenas uma câmara aberta para o céu permanecia.

Era onde Falkan entrava.

À medida que a forma do metamorfo se borrava e encolhia, Sartaq não se preocupou em ocultar seu estremeamento. E estremeceu mais uma vez quando o bloco de pedra caído onde Falkan estivera sentado revelava agora um milípede. Que prontamente se levantou e acenou para eles com as inúmeras patinhas.

Nesryn se encolheu de aversão, enquanto Borte riu e acenou.

Falkan se virou, deslizando entre as pedras caídas para descobrir o que poderia permanecer lá embaixo.

— Não sei por que isso te incomoda tanto — disse Borte a Sartaq, estalando a língua. — Eu acho encantador.

— Não é *o que* ele é — admitiu Sartaq, observando a pilha de rocha pelo retorno do milípede. — É a ideia do osso derretendo, carne fluindo como água... — Ele estremeceu e se virou para Nesryn. — Sua amiga, a metamorfa. Isso nunca a incomodou?

— Não — Nesryn respondeu com leveza. — Eu nunca a tinha visto mudar até aquele dia que seus agentes reportaram.

— O Tiro Impossível — murmurou Sartaq. — Então, de fato, foi um metamorfo que você salvou.

Nesryn assentiu.

— O nome dela é Lysandra.

Borte cutucou Sartaq com um cotovelo.

— Você não gostaria de ir para o norte, irmão? Conhecer todas essas pessoas de que Nesryn fala? Metamorfos, rainhas que respiram

fogo e príncipes feéricos...

— Estou começando a pensar que sua obsessão por qualquer coisa relacionada aos feéricos pode ser insalubre — Sartaq resmungou.

— Eu só peguei um punhal ou dois — insistiu Borte.

— Você carregou tantos de volta da última torre de vigia que a pobre Arcas mal conseguiu sair do chão.

— É o meu tino para os negócios — Borte bufou. — Sempre que nossa gente sai do próprio buraco e lembra *podemos* ter negócios lucrativos.

— Não é de se admirar que tenha tanto em comum com Falkan — disse Nesryn, ganhando uma cotovelada nas costelas de Borte. Nesryn se afastou, rindo.

Borte colocou as mãos nos quadris

— Pois saibam vocês dois que...

As palavras foram cortadas por um grito.

Não de Falkan vindo de baixo.

Mas de fora. De Kadara.

Nesryn tinha uma flecha pronta e apontada antes de correrem para o campo.

Somente para encontrá-lo cheio de ruks. E cavaleiros de rosto sombrio.

Sartaq suspirou, os ombros caíram. Mas Borte passou por eles, praguejando sujo enquanto mantinha sua espada desembainhada – de fato, uma lâmina forjada pelos Asterion do arsenal da última torre de vigia.

Um jovem da idade de Nesryn desmontou do ruk, o pássaro tão marrom escuro que era quase preto, e agora ia na direção deles, um sorriso no rosto bonito. Foi para ele que Borte seguiu tempestuosamente, praticamente pisoteando a grama alta.

A unidade de rukhin assistia, imperiosa e fria. Nenhum curvou-se para Sartaq.

— O que diabos está fazendo aqui? — exigiu Borte, uma mão no quadril quando parou uma saudável distância do jovem.

Ele usava couros como os dela, mas as cores da faixa em volta do braço... o Berlad. O abrigo menos acolhedor que ela visitara, e um dos mais poderosos. Seus cavaleiros eram meticulosamente treinados, suas cavernas impecavelmente limpas.

O jovem ignorou Borte e disse para Sartaq:

— Nós avistamos seus ruks enquanto voávamos lá em cima. Você está longe, capitão.

Questões cuidadosas.

— Vá embora, Yeran — Borte sibilou. — Ninguém o convidou para cá.

Yeran ergueu uma sobrancelha franca.

— Ainda rosnando, pelo o que vejo.

Borte cuspiu aos seus pés. Os outros cavaleiros ficaram tensos, mas ela os encarou.

Todos baixaram os olhos.

Atrás deles, som de pedra triturando, e os olhos de Yeran se alargaram, os joelhos flexionando como se ele estivesse prestes a pular para frente de Borte – para atirá-la para trás dele quando Falkan emergiu das ruínas.

Em forma de lobo.

Mas Borte saiu do alcance de Yeran e declarou docemente:

— Meu novo animal de estimação.

Yeran observou entre garota e lobo enquanto Falkan sentava ao lado de Nesryn. Ela não pôde resistir a coçar suas orelhas felpudas.

Para seu crédito, o metamorfo deixou, até virando a cabeça sob a palma da mão dela.

— Estranha companhia que você mantém esses dias, capitão — Yeran conseguiu dizer a Sartaq.

Borte estalou os dedos no rosto dele.

— Você não pode falar comigo?

Yeran deu-lhe um sorriso preguiçoso.

— Finalmente tem algo que valha a pena ouvir?

Borte se irritou. Mas Sartaq, sorrindo levemente, foi para o lado de sua irmã de coração.

— Temos assuntos nestas partes e paramos para nos refrescar. O que o trouxe até o sul?

Yeran envolveu uma mão ao redor do punho de uma longa adaga ao seu lado.

— Três filhotes desapareceram. Nós pensamos em rastreá-los, mas não encontramos nada.

O estômago de Nesryn apertou, imaginando aquelas aranhas atravessando os abrigos, passando por entre os ruks e seguindo para os ovos tão ferozmente guardados. Pensando nas famílias humanas que dormiam tão perto.

— Quando eles foram levados? — O rosto de Sartaq era duro como pedra.

— Duas noites atrás — Yeran esfregou o queixo. — Nós suspeitamos de caçadores furtivos, mas não havia cheiro humano, sem trilhas ou acampamento.

Olhe para cima. O aviso sangrento na torre de tigia de Eidolon reverberou em sua mente.

E na de Sartaq, se o aperto de sua mandíbula era de qualquer indicação.

— Volte para casa, capitão — disse Sartaq a Yeran, apontando para o muro das montanhas além, a rocha cinzenta tão desnuda em comparação com a vida que cantarolava em torno deles. Sempre – os Montes Dagul sempre pareciam assisti-los. Esperando. — Não acampe mais longe do que aqui.

Cautela inundou os olhos castanhos de Yeran enquanto olhava entre Borte e Sartaq, depois para Nesryn e Falkan.

— *As kharankui.*

Os cavaleiros se agitaram. Mesmo os ruks mexeram suas asas ao nome, como se também o conhecesse.

— Você ouviu meu irmão — Borte declarou, alto para todos ouvirem. — Volte para o seu abrigo.

Yeran fez-lhe uma reverência zombeteira.

— Volte para o seu também, e voltarei para o meu, Borte.

Ela exibiu os dentes para ele.

Mas Yeran montou o ruk com uma graça fácil e poderosa, os outros se afastando no mesmo instante a um movimento de seu queixo. Ele esperou até que todos subissem aos céus antes de dizer a Sartaq:

— Se as *kharankui* começaram a se mexer, precisamos reunir uma tropa para fazê-las recuar. Antes que seja tarde demais.

Um vento balançou a trança de Sartaq, soprando-a em direção àquelas montanhas. Nesryn desejou poder ver seu rosto, ver como estaria à menção de tropas.

— Será tratado — respondeu Sartaq. — Esteja em guarda. Mantenha as crianças e os filhotes por perto.

Yeran assentiu gravemente, um soldado recebendo a ordem de um comandante – um capitão sendo ordenado por um príncipe. Então ele olhou para Borte.

Ela lhe deu um gesto vulgar.

Yeran apenas piscou para ela antes de assobiar para sua ruk e atirar-se nos céus, deixando um vento poderoso para trás, as tranças de Borte balançando.

Borte observou Yeran até que ele estava voando em direção à massa dos outros, depois cuspiu no chão onde o seu ruk tinha parado.

— Bastardo — ela sibilou, e girou, pisando forte e indo até Nesryn e Falkan.

O metamorfo mudou, oscilando enquanto retornava à sua forma humana.

— Nada lá embaixo valha a pena ver — ele anunciou enquanto Sartaq vinha para onde eles tinham se reunido.

Nesryn franziu o cenho para os Montes.

— Acho que é hora de criar uma estratégia diferente, de qualquer maneira.

Sartaq seguiu seu olhar, aproximando-se o suficiente ao lado dela de modo que o calor de seu corpo ondulou para o dela.

Juntos, eles olharam para a parede das montanhas. O que esperava além.

— Esse jovem capitão, Yeran — Falkan falou com cuidado para Borte. — Você parece conhecê-lo bem.

Borte franziu o cenho.

— Ele é meu noivo.

Capítulo 38

Embora Kashin fosse leal demais para forçar seu pai em público ou no privado, ele certamente não era desprovido de recursos. E quando Chaol se aproximou das portas fechadas para a reunião comercial do khagan, ele escondeu o sorriso quando descobriu Hashim, Shen e outros dois homens com quem ele treinou guardando a porta. Shen piscou para ele, sua armadura brilhando na luz baça da manhã e rapidamente bateu com sua mão artificial antes de abrir a porta.

Chaol não se atreveu a dar Shen, Hashim ou aos outros guardas um aceno de gratidão ou reconhecimento. Não enquanto conduzia a cadeira para a ensolarada sala do conselho e encontrou o khagan e três vizires vestidos de dourado em torno de uma longa mesa de madeira polida preta.

Todos o encararam em silêncio. Mas Chaol continuou aproximando-se da mesa, a cabeça erguida, o rosto preso em um sorriso agradável e submisso.

— Espero não interromper, mas há uma questão que eu gostaria de discutir.

Os lábios do khagan pressionaram em uma linha apertada. Ele usava uma túnica verde-clara e uma calça escura, com um corte que revelava o corpo do guerreiro ainda à espreita sob o exterior envelhecido.

— Eu lhe disse antes e mais uma vez, Lorde Westfall, que você deveria falar com meu Vizir Chefe — um aceno de cabeça para o homem com rosto azedo em frente a ele — se deseja marcar um encontro.

Chaol parou diante da mesa, flexionando e movendo os pés. Ele fizera todos os exercícios possíveis para as pernas esta manhã, depois do treino com os guardas do palácio, e apesar de ter recuperado o movimento até os joelhos, colocar peso sobre eles, *ficar de pé...*

Ele tirou o pensamento de sua mente. Estar de pé ou sentado não tinha nada a ver com isso, neste momento.

Ele ainda poderia falar com dignidade e dominar estivesse de pé ou deitado no chão. A cadeira não era uma prisão, nada que o tornasse menor.

Então Chaol inclinou a cabeça, sorrindo fracamente.

— Com todo o devido respeito, Grande Khagan, não estou aqui para conversar com o senhor.

Urus piscou, sua única demonstração de surpresa quando Chaol inclinou a cabeça para o homem com vestes azuis que Kashin desprezava.

— Estou aqui para falar com seu vizir de comércio exterior.

O vizir olhou entre seu khagan e Chaol, como se estivesse pronto para proclamar sua inocência, mesmo que interesse brilhasse em seus olhos castanhos. Mas ele não ousou falar.

Chaol segurou o olhar de khagan por longos segundos.

Ele não lembrou a si mesmo que havia interrompido um encontro privado de talvez o homem mais poderoso no mundo. Não se lembrou de que ele era um convidado em uma corte estrangeira e o destino de seus amigos e compatriotas dependiam do que ele realizasse aqui. Ele apenas olhou para o khagan, de homem para homem, guerreiro para guerreiro.

Ele já havia lutado contra um rei e vivido para contar.

O khagan finalmente moveu o queixo para um lugar vazio na mesa. Não um gesto de boas vindas, mas era melhor do que nada.

Chaol acenou com a cabeça e se aproximou, mantendo a respiração constante mesmo quando olhou para os quatro homens e disse ao vizir do comércio exterior:

— Recebi a informação de que dois grandes pedidos de lanças de fogo foram feitos pela armada do capitão Rolfe, uma antes da chegada de Aelin Galathynius em Baía da Caveira, e uma ainda maior depois.

As sobancelhas brancas do khagan subiram. O vizir do comércio exterior remexeu-se em seu assento, mas assentiu.

— Sim — ele confirmou na língua de Chaol. — É verdade.

— Quanto, exatamente, o senhor diria que cada lança de fogo custa?

Os vizires se entreolharam, e foi outro homem, que Chaol presumiu ser o vizir de comércio interno, que falou a soma.

Chaol apenas esperou. Kashin lhe dissera o número astronômico na noite passada. E, assim como ele esperava, o khagan virou a cabeça

para o vizir a esse custo.

— E quantas estão sendo enviadas para a Rolfe – e, portanto, para Terrasen? — Chaol perguntou.

Outro número. Chaol deixou o khagan fazer a matemática. Observou pelo canto do olho como as sobrancelhas do khagan subiram ainda mais.

O Vizir Chefe apoiou os antebraços sobre a mesa.

— Está tentando nos convencer das boas ou más intenções de Aelin Galathynius, lorde Westfall?

Chaol ignorou a farpa. Ele simplesmente disse ao vizir do comércio exterior:

— Eu gostaria de fazer outro pedido. Gostaria de duplicar a ordem da Rainha de Terrasen, na verdade.

Silêncio.

O vizir de comércio exterior parecia flutuar em sua cadeira.

Mas o Chefe Vizir zombou:

— Com que dinheiro?

Chaol virou um sorriso preguiçoso para o homem.

— Cheguei aqui com quatro baús de tesouro inestimável, penso que deve cobrir o custo.

Silêncio absoluto mais uma vez.

Até que o khagan perguntou a seu vizir de comércio exterior:

— Cobrirá?

— O tesouro teria que ser avaliado e pesado...

— Já está sendo feito — disse Chaol, recostando-se na cadeira. — O senhor deverá ter o número esta tarde.

Outro momento de silêncio. Então o khagan murmurou em halha para o vizir de comércio exterior, que reuniu seus papéis, levantou e apressou-se para fora da sala com um olhar cauteloso para Chaol. Uma palavra do khagan para o Vizir Chefe e o vizir de comércio interno, e ambos os homens partiram também, o primeiro lançando outro olhar de fria zombaria para Chaol antes de partir.

Sozinho com o khagan, Chaol esperou em silêncio.

Urus ergueu-se de sua cadeira, indo para a parede de janelas que dava um jardim florido e sombreado.

— Suponho que se ache muito inteligente, usar isso para conseguir uma audiência comigo.

— Eu falei a verdade. — disse Chaol. — Eu queria discutir o acordo com o seu vizir de comércio exterior. Mesmo que seus exércitos não se

juntem a nós, não vejo como alguém pode se opor à compra de suas armas.

— E, sem dúvida, isso foi para me fazer perceber quão lucrativa essa guerra poderia ser, se o seu lado estiver disposto a investir em nossos recursos.

Chaol permaneceu em silêncio.

O khagan virou-se da vista do jardim, a luz do sol brilhando em seu cabelo branco.

— Eu não aprecio manipulação nesta guerra, lorde Westfall.

Chaol manteve o olhar do homem, mesmo quando segurava os braços de sua cadeira.

— Você sabe mesmo o que é a guerra? — o khagan perguntou calmamente.

Chaol apertou o queixo.

— Suponho que estou prestes a descobrir.

— Não são meras batalhas, provisões e estratégias — o khagan respondeu. — A guerra é a dedicação absoluta de um exército contra seus inimigos. — Um olhar longo e pesado. — É isso que você coloca contra Morath, uma frente sólida. Sua convicção em dizimá-los até a poeira.

— Eu sei bem.

— Sabe? Entende o que Morath já está fazendo com vocês? Eles constroem, planejam e atacam, e vocês mal conseguem se manter. Vocês estão jogando pelas regras que Perrington definiu – e vão perder por causa disso.

O café da manhã virou-lhe no estômago.

— Nós ainda podemos triunfar.

O khagan balançou a cabeça mais uma vez.

— Para fazer isso, seu triunfo deve ser completo. Cada último resquício de resistência, esmagada.

Suas pernas coçaram – e ele apenas moveu os pés. *De pé*, ele implorava a elas. *De pé*.

Ele abaixou os pés, os músculos gritando em protesto.

— Que é o motivo — Chaol sibilou quando suas pernas se recusaram a obedecer — pela qual precisamos de seus exércitos para nos ajudar.

O khagan olhou para os pés de Chaol se movendo, como se pudesse ver o esforço que travava em seu corpo.

— Eu não gostei de ser abordado como um cervo na floresta. Eu lhe disse para esperar; disse para me conceder o respeito do sofrimento

pela minha filha...

— E se eu lhe dissesse que sua filha poderia ter sido assassinada?

O silêncio, horrível e oco, encheu o espaço entre eles.

— E se eu lhe dissesse que os agentes de Perrington poderiam estar aqui, e talvez já estejam caçando *você*, manipulando-o para dentro ou para fora disso? — Chaol continuou.

O rosto de khagan apertou. Chaol preparou-se para o rugido, pois Urus talvez puxasse a adaga em sua cintura e golpeasse seu peito. Mas o khagan só disse calmamente:

— Você está dispensado.

Como se os guardas estivessem ouvindo cada palavra, as portas se abriram, um Hashim de aparência sombria vindo na direção de Chaol.

Chaol não se moveu. Passos se aproximaram por trás. Para removê-lo fisicamente.

Ele bateu os pés nos pedais de sua cadeira, empurrando e esticando, rangendo os dentes. No inferno. Eles o levariam para fora daqui; no inferno, ele os deixaria arrastá-lo para longe...

— Eu não vim salvar apenas o meu povo, mas todos os povos deste mundo — grunhiu Chaol para o khagan.

Alguém – Shen – segurou os punhos de sua cadeira e começou a puxá-lo.

Chaol se torceu, os dentes à mostra o guarda.

— *Não toque nisso.*

Mas Shen não soltou os puxadores, mesmo que desculpas brilhassem em seus olhos. Ele sabia – Chaol percebeu, o guarda sabia exatamente qual a sensação de ter a cadeira tocada, movida, sem ser pedido. Assim como Chaol sabia o que desafiar a ordem do khagan para escoltá-lo para fora da sala poderia significar para Shen.

Então, Chaol novamente fixou seu olhar no khagan.

— Sua cidade é a melhor que já vi, seu império, o padrão pelo qual todos os outros devem ser medidos. Quando Morath vier destruir tudo, quem se manterá com você se formos todos carniça?

Os olhos de khagan queimavam como carvões.

Shen continuou empurrando a cadeira para a porta.

Os braços de Chaol tremiam com o esforço para evitar empurrar o guarda, as pernas tremendo enquanto tentava se levantar. Chaol olhou por cima do ombro e grunhiu:

— Fiquei do lado errado da linha por muito tempo, e isso me custou tudo. Não cometa os mesmos erros que eu...

— Não presume que pode dizer a um khagan o que ele deve fazer — disse Urus, seus olhos frios. Ele fez um movimento com o queixo para os guardas trocando o peso de pé na porta. — Acompanhem lorde Westfall de volta aos seus aposentos. Não permitam que ele entre novamente em minhas reuniões.

A ameaça estava sob as palavras calmas e frias. Urus não teve necessidade de levantar a voz, rugir para fazer sua promessa de punição clara o suficiente para os guardas.

Chaol empurrou e empurrou contra sua cadeira, seus braços se esticando enquanto lutava para se levantar, até subir levemente.

Mas então Shen atravessou o limite das portas com sua cadeira, e eles desceram pelos corredores brilhantes.

Ainda assim, seu corpo não obedeceu. Não respondeu.

As portas para a câmara do conselho do khagan fecharam com um clique suave que reverberou através de todos os ossos e músculos de Chaol, o som mais condenatório do que qualquer palavra que o khagan houvesse proferido.

Yrene deixara Chaol com seus pensamentos na noite anterior.

Deixou-os enquanto voltava para a Torre e decidia que Hasar... Oh, ela não se importava de manipular um pouco a princesa. E percebeu exatamente como faria a princesa convidá-la para aquele maldito oásis.

Mas parecia que mesmo uma manhã na área de treino com os guardas não suavizou a aresta afiada do temperamento de Chaol. Ele ainda queimava enquanto esperava na sala de estar, quando Yrene enviou Kadja outra busca tola – *leite de cabra e vinagre* – e finalmente preparou-se para trabalhar com ele.

O verão fervia em direção a um fim fumegante, os ventos selvagens do outono começando a chicotear nas águas turquesa da baía. Era sempre quente em Antica, mas o Mar Estreito tornava-se agitado e instável do Yulemas até o Beltane. Se um exército não saísse do continente do sul antes disso... Bem, Yrene supôs que, depois da noite anterior, ninguém navegaria de qualquer jeito.

Sentado perto do habitual sofá dourado que usavam, Chaol não a cumprimentou com mais do que um olhar superficial. De modo algum como o seu habitual sorriso de lado. E as sombras sob seus olhos... Qualquer pensamento de ir até ali para lhe contar seu plano saiu da cabeça de Yrene enquanto perguntava:

— Você passou a noite toda acordado?

— Mais ou menos isso — ele respondeu, a voz baixa.

Yrene se aproximou do sofá, mas não se sentou. Em vez disso, simplesmente o observou, cruzando os braços sobre o abdômen.

— Talvez o khagan considere. Ele está ciente do esquema de seus filhos. É inteligente demais para não ter visto Arghun e Hasar trabalharem em conjunto – por uma vez – e não suspeitar.

— E você conhece o khagan tão bem? — Uma pergunta fria e mordaz.

— Não, mas certamente vivi aqui muito mais do que você.

Seus olhos castanhos brilharam.

— Não tenho dois anos sobrando. Para jogar os jogos deles.

E ela tinha, aparentemente.

Yrene sufocou sua irritação.

— Bem, pensar nisso não adiantará nada.

Suas narinas se alargaram.

— De fato.

Ela não o via assim há semanas.

Já fazia tanto tempo? Seu aniversário seria em uma quinzena. Mais cedo do que ela tinha percebido.

Não era hora de mencionar isso, ou o plano que tinha bolado. Era irrelevante, de fato, dado tudo em torno deles. Os fardos que ele suportava. A frustração e o desespero que ela via agora pesando naqueles ombros.

— Conte-me o que aconteceu. — Algo deveria ter acontecido – algo mudou desde que se separaram na noite passada.

Um olhar cortante para ela. Ela se preparou para sua recusa quando a mandíbula dele se apertou. Mas então ele disse:

— Eu fui ver o khagan esta manhã.

— Você teve uma audiência?

— Não exatamente — seus lábios afinaram.

— O que aconteceu? — Yrene apoiou uma mão no braço do sofá.

— Ele me fez sair da sala. — Palavras frias e diretas. — Eu não pude nem tentar contornar a guarda. Fazê-lo escutar.

— Se você estivesse de pé, eles o teriam tirado da mesma forma. — Provavelmente machucando-o no processo.

Ele pareceu furioso.

— Eu não queria lutar contra eles. Eu queria *implorar* para ele. E não pude nem me ajoelhar para fazer isso.

Seu coração apertou enquanto ele olhava para a janela do jardim. Raiva e tristeza e medo, todos cruzando seu rosto.

— Você já fez um progresso notável.

— Eu quero poder lutar com meus homens novamente — Chaol falou em voz baixa. — Morrer ao lado deles.

As palavras eram uma lâmina gelada de medo através dela, mas Yrene disse rigidamente:

— Você pode fazer isso de cima de um cavalo.

— Eu quero fazê-lo de ombro a ombro — ele grunhiu. — Quero lutar na lama, em um campo de batalha.

— Então você veio aqui se curar só para poder morrer em outro lugar? — As palavras saíram dela.

— Sim.

Uma resposta fria e dura. Assim como o rosto.

Esta tempestade se formando nele... Ela não veria o progresso deles arruinado por causa disso.

E a guerra estava realmente atravessando a casa deles. Independentemente do que desejasse fazer consigo mesmo, ele – eles não tinham tempo. Seu povo em Charco Lavrado não tinha tempo.

Assim, Yrene se aproximou dele, segurou-o por baixo de um ombro e disse:

— Então, levante-se.

Chaol estava com um humor de merda, e sabia disso.

Quanto mais pensava nisso, mais percebia a facilidade com que o príncipe e a princesa brincaram com ele na noite passada... Não importava o movimento que Aelin fizera. Qualquer passo que ela desse, eles teriam voltariam contra ela. Contra ele. Se Aelin tivesse fingido a donzela, eles a chamariam de aliada fraca e incerta. Não havia como ganhar.

O encontro com o khagan foi uma loucura. Talvez Kashin também tivesse jogado com ele. Pois, se o khagan estava disposto a ouvi-lo antes, certamente não estava agora. E mesmo que Nesryn voltasse com o rukhin de Sartaq... sua carta do dia anterior fora cuidadosamente redigida.

Os rukhin são arqueiros hábeis. Eles também acham intrigantes minhas próprias habilidades. Eu gostaria de continuar instruindo. E aprendendo.

*Eles voam livremente aqui.
Vejo você em três semanas.*

Ele não sabia o que fazer com isso. A penúltima linha. Era um insulto para ele, ou uma mensagem codificada que o rukhin e Sartaq poderiam desobedecer os comandos de seu khagan se ele se recusasse a deixá-los partir? Sartaq realmente arriscaria a traição para ajudá-los? Chaol não se atreveu a deixar a mensagem sem queimar.

Voar livre. Ele nunca conheceu tal sentimento. Nunca descobriria. Essas semanas com Yrene, jantar na cidade sob as estrelas, conversar com ela sobre tudo e nada... Chegava perto, possivelmente. Mas não mudava o que aconteceria.

Não, eles ainda estavam muito sozinhos nesta guerra. E quanto mais ele demorava, com seus amigos agora combatendo, agora em movimento...

Ele ainda estava aqui. Nesta cadeira. Sem exército, sem aliados.

— Levante-se.

Ele lentamente se virou para Yrene enquanto ela repetia seu comando, uma mão agarrada firmemente sob seu ombro, com desafio ardendo.

Chaol piscou para ela.

— O quê. — Não era uma pergunta.

— Vamos. De pé. — Sua boca apertou. — Se quer tanto morrer nessa guerra, levante-se.

Ela também estava mal-humorada. Bom. Ele estava sôfrego por uma briga – as lutas com os guardas ainda insatisfatórias nesta cadeira condenada pelos deuses. Mas Yrene...

Ele não se permitira tocá-la nessas semanas. Mantivera distância, apesar dos momentos de contato involuntários, os momentos em que a cabeça dela se aproximava da dele e tudo o que ele podia fazer era assistir a sua boca.

No entanto, ele vira a tensão nela no jantar na noite passada, quando Hasar zombou do retorno de Nesryn. A decepção que ela tentou e não conseguiu manter escondida, então o alívio quando ele revelou a viagem estendida de Nesryn.

Ele era um grande bastardo. Mesmo que conseguisse convencer o khagan de salvar suas peles nessa guerra... Ele iria para lá de mãos vazias ou com um exército, mas iria embora. E apesar dos planos da Yrene de retornar ao seu continente, ele não estava certo de quando a veria de novo. Se alguma vez a veria.

Nenhum deles faria isso, de qualquer maneira.

E essa tarefa, essa única tarefa que seus amigos lhe deram, que Dorian lhe dera... Ele falhou.

Mesmo com tudo o que suportou, tudo o que aprendeu.. Não foi o suficiente.

Chaol olhou com força para as pernas.

— *Como?* — Eles fizeram mais progresso do que ele poderia ter sonhado, e ainda assim...

O aperto dela aumentou a ponto de doer.

— Você mesmo disse isso: você não tem dois anos. Eu reparei o suficiente para que agora você consiga ficar de pé. Então, levante-se.

Ela chegou mesmo a puxá-lo.

Ele olhou para ela sob as sobrancelhas baixas, deixando seu temperamento escorregar de sua coleira por alguns momentos.

— Solte.

— Ou *o quê?*

Ah, ela estava brava.

— Quem sabe o que os espiões dirão para a realeza? — Palavras frias e duras.

A boca de Yrene se apertou.

— Não tenho nada a temer de seus relatórios.

— Não? Você não pareceu se importar com os privilégios que vieram quando estalou os dedos e Kashin correu para cá. Talvez ele se canse das suas rédeas.

— Isso é bobagem e você sabe disso. — Ela puxou o braço dele. — Levante-se.

Ele não fez tal coisa.

— Então um príncipe não é bom o suficiente para você, mas o filho renegado de um lorde é?

Ele nunca expressara o pensamento. Mesmo para si mesmo.

— Só porque está irritado com o fato de Hasar e Arghun terem-no superado, que o khagan ainda não o escutou, isso não lhe dá o direito de tentar me arrastar para uma briga — seus lábios se curvaram sobre seus dentes. — Agora levante-se, já que está tão ansioso para correr para a batalha.

Ele se soltou do aperto dela.

— Você não respondeu a pergunta.

— Eu não vou responder — Yrene não agarrou seu ombro novamente, mas deslizou todo o braço sob ele e grunhiu, como se fosse

levantá-lo por si mesma, quando ele devia ter quase o dobro de seu peso.

Chaol apertou os dentes, e apenas para evitar que ela se machucasse, libertou-se dela de novo e pôs os pés no chão. Apertou as mãos nos braços da cadeira e se elevou para frente tanto quanto conseguiu.

— E?

Ele podia mover os joelhos e abaixo deles, e suas coxas estiveram formigando da semana passada até agora mas ainda assim...

— E você se lembra de como ficar de pé, não?

— Por que você ficou tão aliviada quando falei que Nesryn ficaria fora mais algumas semanas? — ele atirou de volta.

Cor floresceu em sua pele com sardas, mas ela se aproximou novamente, envolvendo-o com os braços.

— Eu não queria que isso o distraísse do nosso progresso.

— Mentirosa. — O perfume dela enrolou-se ao seu redor enquanto ela puxava, a cadeira gemeu quando ele começou a empurrar os braços para baixo.

E então, Yrene parou e continuou a ofensiva, elegante como uma cobra:

— Acho que *você* ficou aliviado — ela disse, a respiração quente contra sua orelha. — Acho que *você* ficou feliz por ela ficar longe, assim pode fingir que é honrado com ela e deixar que isso seja um muro. E quando estiver aqui, comigo, não precisa vê-la assistindo, não precisa *pensar* sobre o que ela é para você. Com ela longe, ela é uma lembrança, um ideal distante, mas quando está aqui, e você olha para ela, o que *vê* ? O que *sente* ?

— Eu a tive em minha cama, então acho que isso diz o suficiente sobre meus sentimentos.

Ele odiava as palavras, mesmo que o temperamento, a agudeza... também fossem um alívio.

Yrene sugou uma respiração, mas não recuou.

— Sim, você a teve na sua cama, mas acho que ela era provavelmente uma distração, e ficou cansada disso. Talvez tenha ficado cansada de ser um prêmio de consolação.

Seus braços se esforçaram, a cadeira balançou quando ele empurrou e empurrou para cima, só assim poderia ficar parado por tempo suficiente para ver o rosto dela.

— Você não sabe do que está falando.

Ela não mencionara Aelin, não perguntou depois do jantar da noite passada. Até...

— Ela escolheu Dorian, então? A rainha. Fico surpresa de que ela tivesse estômago para qualquer um dos dois, dada a sua história. O que o seu reino fez com o dela.

Um rugido encheu seus ouvidos quando ele começou mover o peso para seus pés, desejando que sua espinha o suportasse enquanto ele cuspiam para ela:

— Você não pareceu se importar nem um pouco, naquela noite da festa. Estava praticamente implorando para mim.

Ele não sabia o que diabos estava saindo de sua boca.

Suas unhas cravaram nas costas dele.

— Você ficaria surpreso com as coisas que o opiáceo o faz considerar. Com quem você se encontra disposto a se envolver.

— Certo. Um filho de Adarlan. Um quebrador de juramentos, um traidor. Isso é o que eu sou, não é?

— Eu não saberia, você raramente faz uma tentativa de falar sobre isso.

— E você é tão boa nisso, suponho?

— Isto é sobre você, não sobre mim.

— No entanto, você foi designada para mim porque sua Alta Curandeira viu de outra forma. Viu que não importa o quanto suba naquela torre, ainda é aquela garota de Charco Lavrado. — Uma risada saiu dele, fria e amarga. — Conheci outra mulher que perdeu tanto quanto você. E sabe o que ela fez com isso? Com a perda? — Ele mal conseguiu impedir que as palavras se derramassem, mal podia pensar sobre o rugido em sua cabeça. — Ela caçou as pessoas responsáveis e as massacrou. O que diabos você se incomodou em fazer estes anos?

Chaol sentiu que as palavras atingiam seu alvo.

Sentiu a quietude estremecendo pelo corpo dela.

Na mesma hora que ele avançou – na mesma hora que seu peso se ajustou e os joelhos inclinaram, ele se encontrou de pé.

Muito longe. Ele tinha ido longe demais. Nunca pensou essas coisas.

Não sobre Yrene.

O peito ergueu-se com uma respiração que roçou nele, e ela piscou para ele, fechando a boca.

E com o movimento, ele conseguiu ver uma parede subindo. Selando.

Nunca. Ela nunca o perdoaria, sorriria para ele, pelo o que havia dito.

Nunca perdoaria. De pé ou não.

— Yrene — ele disse, mas ela tirou os braços que o envolviam e recuou um passo, balançando a cabeça. Deixando-o de pé – sozinho. Sozinho e exposto quando ela recuou outro passo e a luz do sol atingiu a água começando a se juntar em seus olhos.

Isso rasgou o seu peito.

Chaol colocou uma mão sobre ele, como se pudesse sentir a espiral lá dentro, mesmo enquanto suas pernas tremiam debaixo dele.

— Eu não sou ninguém para mencionar essas coisas. Não sou *nada*, e era sobre *mim* que...

— Talvez eu não tenha lutado contra reis e estilhaçado castelos — ela falou friamente, a voz tremendo de raiva quando continuou sua réplica — mas eu sou a herdeira aparente da Alta Curandeira por meu próprio trabalho, sofrimento e sacrifício. E você está de pé agora por causa disso. Pessoas estão vivas por causa disso. Então posso não ser uma guerreira balançando uma espada, posso não ser digna de suas histórias gloriosas, mas pelo menos eu salvo vidas – não acabo com elas.

— Eu sei — ele falou, lutando contra o impulso de segurar os braços da cadeira, agora parecendo tão abaixo dele que seu equilíbrio vacilou. — Yrene, *eu sei*.

Longe demais. Ele tinha ido longe demais, e nunca se odiara mais por querer escolher uma briga e ser tão *idiota*, pelos deuses, quando na verdade estava falando sobre si mesmo...

Yrene recuou outro passo.

— Por favor — disse ele.

Mas ela estava indo para a porta. E se ela saísse...

Ele havia deixado todos irem embora. Também caminhara para longe de si mesmo, mas com Aelin, com Dorian, com Nesryn, ele os deixara ir, e não os seguiu.

Mas aquela mulher recuando para a porta, tentando evitar que as lágrimas caíssem – lágrimas da dor que *ele* causara, lágrimas da raiva que ele merecia...

Ela alcançou a porta. Procurava cegamente a maçaneta.

E se ela partisse, se ele a deixasse sair...

Yrene empurrou a maçaneta para baixo.

E Chaol deu um passo em direção a ela.

Capítulo 39

Chaol não pensou.

Ele não se maravilhou com a sensação de estar tão alto. Com o peso de seu corpo, o gingado quando deu esse passo impressionante.

Havia apenas Yrene, e a mão na maçaneta da porta, e as lágrimas nos olhos furiosos e encantadores. Os mais bonitos que ele já tinha visto.

Eles se arregalaram quando ele deu esse passo em direção a ela.

Enquanto ele se movia e oscilava. Mas ele conseguiu outro.

Yrene tropeçou em sua direção, estudando-o da cabeça aos pés, levantando uma mão para cobrir a boca aberta. Ela parou a poucos metros de distância.

Ele não percebera o quanto ela era pequena. Quão delicada.

Como... como o mundo parecia e sentia daquela forma.

— Não vá — ele respirou. — Eu sinto muito.

Yrene examinou-o novamente, de seus pés até o rosto. Lágrimas escorriam pelas bochechas enquanto virava a cabeça para o lado.

— Eu sinto muito — disse Chaol novamente.

Ainda assim, ela não falou. As lágrimas apenas rolaram e rolaram.

— Eu não quis dizer nada disso — ele falou, rouco, seus joelhos começando a doer e curvar, as coxas tremendo. — Eu criei uma briga e... não quis dizer nada disso, Yrene. Nada. Me desculpe.

— No entanto, uma parte disso você pensava — sussurrou ela.

Chaol sacudiu a cabeça, o movimento fazendo-o oscilar. Ele segurou a parte de trás de uma poltrona para ficar de pé.

— Eu quis dizer aquilo sobre mim. O que você fez, Yrene, o que ainda está disposta a fazer... Você fez isso não por glória ou ambição, mas porque acredita que é o certo. Sua bravura, sua inteligência, sua vontade implacável... Eu não tenho palavras para isso, Yrene.

Seu rosto não mudou.

— Por favor, Yrene.

Ele foi para ela, arriscando um passo impressionante e bamboleante.

Ela deu um passo para trás.

As mãos de Chaol enrolaram-se pelo ar vazio.

Ele apertou o queixo enquanto lutava para permanecer de pé, seu corpo balançando e estranho.

— Talvez isso o faça você se sentir melhor consigo mesmo, associar-se com pessoas menores e patéticas, como eu.

— Eu não... — Ele trincou os dentes e deu um passo em direção a ela, precisando apenas tocá-la, pegar sua mão e apertá-la, para mostrar-lhe que não era assim. Ele não pensava assim. Ele oscilou para a esquerda, esticando um braço para o outro lado para se equilibrar enquanto dizia: — Você sabe que não quis dizer isso.

Yrene recuou, mantendo-se fora do alcance.

— Sei?

Ele avançou outro passo. Outro.

Ela se esquivou a cada vez.

— Você sabe, droga — ele resmungou. Ele forçou as pernas em outro passo brusco.

Yrene saiu do caminho.

Ele piscou, parando.

Lendo a luz em seus olhos. O tom.

A bruxa o enganava para andar. Acelerando-o para se mover. Seguir em frente.

Ela fez uma pausa, encontrou o olhar dele, e nenhum rastro de dor dentro deles, como se dissesse: *Levou tempo suficiente para entender*. Um pequeno sorriso floresceu em sua boca.

Ele estava de pé. Estava... andando.

Andando. E esta mulher diante dele...

Chaol deu mais um passo.

Yrene recuou.

Não uma caçada, mas uma dança.

Ele não tirou os olhos dela enquanto cambaleava mais um passo, e outro, seu corpo doendo, tremendo. Mas ele passou por isso. Lutou por cada centímetro em sua direção. Cada passo que a levou até a parede.

Sua respiração vinha em golfadas rasas, aqueles olhos dourados tão arregalados enquanto ele a seguia pela sala. Enquanto ela o levava a colocar um pé depois do outro.

Até que suas costas atingiram a parede, a arandela chacoalhando. Como se ela tivesse perdido a noção de onde estava.

Chaol estava instantaneamente sobre ela.

Ele apoiou uma mão na parede, o papel de parede pressionando a palma da mão enquanto colocava seu peso sobre ela.

Para manter seu corpo ereto enquanto suas coxas tremiam, voltando a doer.

Eram preocupações menores e secundárias.

A outra mão...

Os olhos de Yrene ainda brilhavam com as lágrimas que ele causara.

Uma ainda se prendia à bochecha dela.

Chaol limpou-a. limpou outra que encontrou em sua mandíbula.

Ele não entendi – como ela poderia ser tão delicada, tão pequena, quando virou sua vida inteiramente. Fez milagres com essas mãos e sua alma, essa mulher que cruzara montanhas e mares.

Ela estava tremendo. Não com medo, não enquanto olhava para ele.

E só quando Yrene colocou a mão em seu peito, não para afastá-lo, mas para sentir os estrondosos batimentos do coração abaixo, que Chaol baixou a cabeça e a beijou.

Ele estava de pé. Ele estava andando.

E a estava beijando.

Yrene mal podia respirar, mal se mantinha dentro de sua pele, enquanto a boca de Chaol se acomodava sobre a dela.

Era como acordar ou nascer ou cair do céu. Era uma resposta e uma música, e ela não conseguia pensar ou sentir suficientemente.

As mãos dela enrolaram-se em sua camisa, os dedos se fechando em torno de punhados de tecido, puxando-o para perto.

Seus lábios acariciaram os dela em movimentos pacientes e sem pressa, como se estivessem traçando o gosto dela. E quando seus dentes roçaram o lábio inferior... Ela abriu a boca para ele.

Ele se aproximou, pressionando-a mais contra a parede. Ela mal sentiu a moldura afundando em sua espinha, o papel de parede contra suas costas quando a língua dele deslizou em sua boca.

Yrene gemeu, sem se preocupar com quem ouvisse, quem poderia estar à escuta. Todos poderiam ir para o inferno pelo o que ela se preocupava. Ela estava queimando, brilhando...

Chaol colocou uma mão contra sua mandíbula, inclinando o rosto para melhor reivindicar sua boca. Ela arqueou, silenciosamente implorando-o para levar...

Ela sabia que ele não queria dizer o que disse, sabia que estava atacando a si mesmo e que estava furioso. Ela o aguçara naquela briga, e mesmo que tivesse machucado... Ela soube no momento em que ele ficou de pé, quando o coração dela tinha parado, que ele não quis dizer aquilo.

Que ele teria rastejado.

Este homem, esse homem nobre e altruísta e notável...

Yrene passou as mãos por seus ombros, os dedos escorregando nos cabelos castanhos de seda. *Mais, mais, mais...*

Mas seu beijo foi minucioso. Como se quisesse aprender todos os gostos, todos os ângulos dela.

Ela roçou a língua contra a dele, e seu grunhido fez os dedos do pé se enrolarem dentro de suas sapatilhas...

Ela sentiu o tremor passar por ele antes de registrar o que era.

A tensão.

Ainda assim ele a beijou, parecia ter a intenção de fazê-lo mesmo que isso o fizesse cair no chão.

Pequenos passos. Pequenas medidas.

Yrene se separou, colocando uma mão em seu peito quando ele fez um movimento para reivindicar sua boca novamente.

— Você deve sentar.

Os olhos dele eram totalmente negros.

— Eu... deixe-me... *por favor*, Yrene.

Cada palavra era uma rouquidão quebrada. Como se ele tivesse libertado alguma força em si mesmo.

Ela lutou para manter sua respiração firme. Reunir o que ela sabia. Muito tempo de pé e ele poderia estirar as costas. E antes que ela pudesse encorajar a caminhada e – mais que isso, ela precisava ver a lesão. Talvez tivesse recuado o suficiente por conta própria.

Chao roçou a boca contra a dela, o calor sedoso de seus lábios o suficiente para torná-la disposta a ignorar seu bom senso.

Mas ela empurrou contra isso. Suavemente deslizou para fora de seu alcance.

— Agora, terei maneiras de recompensá-lo — ela disse, tentando o humor.

Ele não sorriu de volta. Não fez nada além de assisti-la com uma intenção quase predatória quando ela recuou um passo e lhe ofereceu o braço. Para voltar para a cadeira.

Para andar.

Ele estava andando...

Ele fez isso. Soltou a parede e oscilou...

Yrene o segurou, firmou-o.

— Pensei que você não fosse me ajudar — disse ele com cuidado, erguendo uma sobrancelha.

— Na cadeira, não. Você tem muito mais chance de cair agora.

Chaol bufou uma risada, então se inclinou para sussurrar em seu ouvido:

— Será a cama ou o sofá agora, Yrene?

Ela engoliu em seco, desafiando-se a olhar para ele. Seus olhos ainda estavam escuros, o rosto corado e os lábios inchados. Por causa dela.

O sangue de Yrene estava aquecido, seu núcleo quase derretido. Como diabos ela o teria quase nu diante dela agora?

— Você ainda é meu paciente — ela conseguiu dizer com excelência, e guiou-o para a cadeira. Quase empurrando-o sobre ela – e ele quase pulou sobre a cadeira, também. — E, embora não haja nenhum juramento oficial sobre essas coisas, eu planejo manter as coisas profissionais.

O sorriso de resposta de Chaol era tudo menos de profissional. Assim como seu rosnado.

— Venha aqui.

Yrene sentia seu coração batendo em cada centímetro dela enquanto dava o passo que os separava. Enquanto ela segurava seu olhar ardente e se acomodou em seu colo.

A mão dele deslizou sob seus cabelos para tocar sua nuca, puxando seu rosto para si enquanto dava um beijo no canto de sua boca. Então o outro. Ela segurou seu ombro, os dedos apertando o pescoço e músculo abaixo, sua respiração falhando quando ele beliscou seu lábio inferior, enquanto sua outra mão começava a explorar seu torso...

Uma porta se abriu no corredor, e Yrene se levantou instantaneamente, atravessando a sala de estar até a mesa – até os frascos de óleo lá. No mesmo momento que Kadja atravessou a porta, uma bandeja em suas mãos.

A criada havia encontrado os “ingredientes” necessários para Yrene. Barbante, leite de cabra e vinagre.

Yrene mal conseguiu lembrar as palavras para agradecer a criado enquanto a menina colocava a bandeja na mesa.

Se Kadja viu seus rostos, seus cabelos e roupas, e pôde ler a linha de tensão entre eles, não disse nada. Yrene não tinha dúvidas de que se ela suspeitasse, sem dúvida relataria a quem quer que segurasse sua coleira, mas... Yrene encontrou-se não se importando enquanto se apoiava na mesa, Kadja partindo tão silenciosamente quanto havia chegado.

Encontrou Chaol ainda observando-a, o peito subindo e descendo.

— O que fazemos agora? — Yrene perguntou em voz baixa.

Pois ela não sabia... como *voltar*...

Chaol não respondeu. Apenas esticou uma perna completamente na frente dele. Então outra. Repetiu o movimento, maravilhando-se.

— Nós não olhamos para trás — disse ele, encontrando seu olhar.
— Não ajuda ninguém e nada a olhar para trás.

Parecia que isso significava algo mais. Para ele, pelo menos.

Mas o sorriso de Chaol cresceu, seus olhos se iluminando quando ele acrescentou:

— Nós só podemos continuar.

Yrene foi até ele, incapaz de se impedir, como se aquele sorriso fosse um farol no escuro.

E quando Chaol se dirigiu para o sofá e tirou a camisa, quando ele se deitou e ela colocou as mãos em suas costas quentes e fortes... Yrene sorriu também.

Capítulo 40

Ficar de pé e dar alguns passos não eram o mesmo que voltar à capacidade total.

A próxima semana provou isso. Yrene ainda lutava com o que espreitava na espinha de Chaol, ainda agarrando-se – na base da coluna, ela explicara – e ainda o impedindo de ter o pleno movimento. Correr, saltar, chutar: estavam todos fora da questão. Mas, graças à robusta bengala de madeira que arrumara para ele, ele podia ficar de pé, e podia andar.

E era um maldito milagre.

Ele levava a bengala e a cadeira para o treinamento da manhã com Hashim e os guardas, para quando se forçasse demais e não conseguisse administrar a viagem de volta aos seus aposentos. Yrene se

juntou a ele durante as lições iniciais, instruindo Hashim sobre onde se concentrar em suas pernas. Para reconstruir melhor os músculos. Para estabilizá-lo ainda mais. Ela fizera o mesmo por Shen, Hashim lhe confiara uma manhã – viera supervisionar a maioria de suas sessões iniciais de treinamento após a lesão.

Então, Yrene estava lá, assistindo do lado de fora, no primeiro dia em que Chaol pegou uma espada contra Hashim. Ou fez o melhor que pôde segurando a bengala com uma mão.

Seu equilíbrio era uma merda, as pernas não eram confiáveis, mas ele conseguiu alguns bons sucessos contra o homem.

E uma bengala... não era uma arma ruim, se a luta exigisse.

Os olhos de Yrene estavam arregalados como pires quando eles pararam e Chaol aproximou-se de seu lugar na parede, inclinando-se pesadamente contra a bengala enquanto seu corpo tremia.

A cor do rosto dela, ele percebeu com satisfação masculina, era de muito mais do que calor. E quando eles finalmente partiram, caminhando lentamente para as sombras das salas, Yrene puxou-o para uma alcova e o beijou.

Inclinando-se contra uma prateleira de suprimentos para ter apoio, suas mãos haviam percorrido toda ela, as curvas generosas e a cintura pequena, emaranhando-se em seus cabelos longos e pesados. Ela o beijou e beijou, sem fôlego e ofegante, e então lambeu – realmente lambeu – o suor do pescoço dele.

Chaol gemeu tão alto que não foi surpresa que um criado tivesse aparecido um momento mais tarde, como se para brigar com dois subalternos por se esquivarem de seus deveres.

Yrene pestanejara quando se endireitou e pediu ao criado curioso que não dissesse nada. Ele assegurou-lhe que não, mas Yrene ficou abalada. Manteve distância pelo resto do caminho de volta.

E todos os dias desde então. Isso o deixava louco.

Mas ele entendia. Com a sua posição, tanto na Torre quanto dentro do palácio, eles deveriam ser mais inteligentes.

Mais cuidadosos.

E com Kadja sempre em seus aposentos...

Chaol manteve as mãos para si mesmo. Mesmo quando Yrene colocava as mãos nas costas dele e o curava, fazendo força para atravessar a parede final de escuridão.

Ele queria dizer a ela para parar, dizer a ela que já era suficiente. Ele viveria com prazer com a bengala pelo resto de sua vida. Ela lhe dera mais do que ele poderia esperar.

Pois ele via os guardas todas as manhãs. As armas e os escudos.

E pensou nessa guerra desencadeando-se finalmente sobre seus amigos. Sua terra natal.

Mesmo que não levasse um exército consigo quando voltasse, ele encontraria alguma maneira de suportar aqueles campos de batalha. Montar, pelo menos, agora era uma opção viável enquanto lutava ao lado deles.

Lutar por... ela.

Ele pensava nisso enquanto caminhavam para jantar uma noite, mais de uma semana depois. Com a bengala, demorou mais do que o habitual, mas ele não se importava com qualquer momento extra que passasse na companhia dela.

Ela usava o seu vestido roxo – o favorito dele – com metade do cabelo preso para cima, e o restando ondulando suavemente no dia úmido pouco usual. Mas ela estava nervosa, agitada.

— O que foi?

A realeza não se importou com a primeira noite em que ele andou sobre as próprias pernas para o jantar. Outro dia de milagre da Torre, embora o próprio khagan tenha elogiado Yrene. Ela irradiou com o louvor. Mesmo que o khagan tenha ignorado Chaol – como fizera desde aquele encontro maldito.

Yrene esfregou a cicatriz no pescoço como se doesse. Ele não havia perguntado sobre isso – não queria saber.

Só porque se perguntasse... Mesmo com uma guerra se aproximando, ele poderia muito bem arranjar tempo para caçar quem tivesse feito aquilo e enterrá-los.

— Convenci Hasar a me levar a uma festa — disse Yrene calmamente.

Ele esperou até que tivessem passado por um grupo de criados antes de perguntar:

— Por que motivo?

Ela respirou fundo.

— Meu aniversário. Daqui três dias.

— Seu aniversário?

— Você sabe, a celebração do dia do seu nascimento...

Ele cutucou-a com um cotovelo, embora sua espinha ondulasse e se movesse com o movimento. A bengala gemeu quando pressionou seu peso sobre ela.

— Não sabia que diabinhas faziam aniversário.

Ela mostrou-lhe a língua.

— Sim, mesmo minha espécie faz.

Chaol sorriu.

— Então você pediu que ela fizesse uma para você? — considerando como a última *festa* tinha sido... poderia muito bem terminar com uma dessas pessoas escorregando para um quarto escuro. Especialmente se Yrene vestisse aquele vestido novamente.

— Não exatamente — respondeu Yrene com ironia. — Mencionei que meu aniversário estava chegando, e quão maçante os *seus* planos eram...

Ele riu.

— Presunçosa você.

Ela bateu as pestanas.

— E eu poderia ter mencionado que nos meus anos aqui, nunca estive no deserto e estava debatendo fazer uma viagem por minha conta, mas que ficaria triste por não comemorar com ela...

— E suponho que ela tenha sugerido um oásis que sua família possui?

— Uma pequena excursão durante a noite para Aksara — Yrene cantarolou. — Meio dia de viagem para o leste, para seu acampamento permanentes de tendas no oásis.

Então a curandeira poderia armar esquemas, afinal. Mas...

— Estará fervendo neste calor.

— A princesa quer uma festa no deserto. Então terá uma. — Ela mordeu seu lábio, aquelas sombras dançando novamente. — Eu também consegui perguntar a ela sobre Aksara. Sua história.

Chaol preparou-se.

— Hasar ficou entediada antes de me contar muito, mas disse ter ouvido uma vez que o oásis cresceu acima de uma cidade dos mortos. Que as ruínas agora não são muito mais que o portal. Eles não gostam de arriscar perturbar os mortos, de modo que eles nunca vão na primavera em si — para se aventurar na selva ao redor.

Não era de se admirar que ela estivesse preocupada.

— Não só cavernas são encontradas, então.

— Talvez o que Nousha disse signifique algo diferente; talvez também existam cavernas com informações. — Ela soltou uma respiração. — Suponho que descobriremos. Tive certeza de bocejar enquanto Hasar contava, o suficiente para eu duvidar que ela se pergunte por que eu quis saber de tudo isso.

Chaol beijou-a, um roçar rápido de sua boca que ninguém poderia ver.

— Esperta, Yrene.

— Eu quis te contar na outra semana, mas aí você ficou de pé e eu esqueci.

Ele usou sua mão livre para acariciá-la ao longo da espinha. E um pouco mais baixo.

— Nós fomos envolvidos de outra forma.

Seu rosto corou em um lindo tom de rosa, mas um pensamento o atingiu.

— O que *você* realmente quer de aniversário? E quantos anos?

— Vinte e dois. E eu não sei. Se não fosse por isso, eu nem teria levantado o assunto.

— Você não ia me contar?

Ela fez uma careta.

— Achei que com tudo pressionando-o, aniversários não tivessem importância — a mão dela deslizou para dentro do bolso — para segurar aquela coisa sobre a qual ele nunca perguntara.

Eles se aproximaram do clamor de jantar no grande salão. Ele roçou os dedos contra os dela. Ela parou em um pedido silencioso, o corredor se espalhando diante deles, criados e vizires passando.

Chaol inclinou-se sobre a bengala enquanto descansava, deixando-a estabilizar seu peso.

— Estou convidado para esta festa no deserto, pelo menos?

— Ah, sim. Você e todas as minhas outras pessoas favoritas: Arghun, Kashin e um punhado de agradáveis vizires.

— Estou feliz por estar incluído, considerando que Hasar me odeia.

— Não — os olhos de Yrene escureceram. — Se Hasar o odiasse, não acho que você estaria vivo agora.

Deuses acima. Esta era a mulher com quem ela fazia amizade.

— Pelo menos Renia estará lá — Yrene continuou — mas Duva não deve estar no calor em sua condição, e seu marido não deixará de ficar ao seu lado. Tenho certeza de que, uma vez que chegarmos lá, informações ou não, provavelmente vou desejar poder dar uma desculpa semelhante.

— Nós temos alguns dias. Podemos, tecnicamente, fazer o mesmo se precisarmos sair.

As palavras afundaram. O convite e a implicação. O rosto de Yrene ficou deliciosamente vermelho, e ela bateu no braço dele.

— Patife.

Chaol riu e olhou pelo corredor para um canto sombreado. Mas Yrene sussurrou:

— Nós não podemos.

Não para sua triste piada, mas para a vontade que ela sem dúvida viu crescendo em seus olhos. A vontade que ele viu borbulhando nos dela.

Ele arrumou a jaqueta.

— Bem, tentarei encontrar um presente adequado que se possa comparar com um *retiro* no deserto, mas não garanto.

Yrene passou o braço através do braço livre de Chaol, não mais do que uma curandeira escoltando seu paciente para a mesa.

— Eu tenho tudo de que preciso — foi tudo o que ela falou.

Capítulo 41

Demorou uma semana para fazerem o planejamento.

Mais de uma semana para Sartaq e Houlun descobrirem mapas antigos dos Montes Dagul. A maioria era vaga e inútil. O que os cavaleiros avaliaram do ar, mas não ousaram chegar perto demais para detalhar. O território das *kharankui* era pequeno, mas tinha aumentado, ficando mais ousado nos últimos anos.

E era para o coração escuro de seu território que eles iriam.

A parte mais difícil foi convencer Borte a ficar para trás.

Mas Nesryn e Sartaq deixaram isso para Houlun. E uma palavra afiada da mãe postiça fez a garota entrar na linha. Mesmo que os olhos de Borte fervessem com indignação, ela se curvou aos desejos de sua avó. Como herdeira, Houlun havia disparado, a primeira obrigação de Borte era para com o *povo* deles. A linhagem terminava com ela. Se Borte fosse para o emaranhado profundo de Dagul, ela poderia muito bem cuspir no *sulde* de sua mãe que estava nas encostas de Arundin.

Borte insistiu que, se ela, como herdeira de Houlun, tinha que ficar, então Sartaq, como potencial sucessor khagan, deveria permanecer também.

Em resposta a isso, Sartaq simplesmente se dirigiu para os corredores interiores de Altun, dizendo que ele ser sucessor do pai significasse sentar-se ociosamente enquanto outros lutavam por ele, então seus irmãos poderiam ter a maldita coroa.

Assim, apenas os três iriam, Nesryn e Sartaq voando em Kadara, Falkan escondido como um rato no bolso de Nesryn.

Houve um debate final na noite anterior sobre levar uma legião. Borte defendera essa ideia, Sartaq, não. Não sabiam

quantas *kharankui* habitavam os picos estéreis e entre os bosques. Não podiam arriscar-se desnecessariamente em perder tantas vidas e não tinham tempo para desperdiçar em reconhecimento. Três poderiam entrar – mas um exército de ruks seria avistado muito antes de chegarem.

A discussão se dera sobre a fogueira, mas Houlun estabelecera: uma pequena companhia deveria ir. E se não retornassem dentro de quatro dias, um exército os seguiria. Um dia para voar para lá, outro para pesquisar a área, mais um para entrar, e o último para retornar com os filhotes roubados. Talvez até aprender o que os feéricos temiam das aranhas, como haviam lutado contra elas. Se tivessem sorte.

Eles tinham voado por horas agora, a parede alta dos Montes crescendo mais perto a cada batida das asas de Kadara. Logo cruzariam a primeira crista das montanhas cinzentas e entrariam no território das aranhas. O café da manhã de Nesryn pesava em seu estômago a cada quilômetro que se aproximavam, sua boca tão seca quanto pergaminho.

Atrás dela, Sartaq permaneceu em silêncio durante a maior parte do voo. Falkan dormia no bolso de seu peito, emergindo só de vez em quando com seu focinho com bigodes, cheirando o ar e depois voltando para dentro. Conservando sua força enquanto podia.

O metamorfo ainda dormia quando Nesryn disse a Sartaq:

— Você estava falado sério na noite passada – sobre recusar a coroa se não pudesse lutar?

O corpo de Sartaq era uma parede morna às suas costas.

— Meu pai foi à guerra – todos os khagans foram. Ele possui os *suldes* Ébano e Marfim precisamente para isso. Mas se de alguma forma vier o dia em que eu teria que negar tais coisas em favor da sobrevivência da linhagem... Sim. Uma vida confinada naquela corte não é o que eu quero.

— E, no entanto, você é favorito para tornar-se khagan um dia.

— Assim dizem os rumores. Mas meu pai nunca sugeriu ou falou disso. Por tudo o que sei, ele poderia coroar Duva em vez disso. Os deuses sabem que ela certamente seria uma boa khagan. E é a única de nós que produziu descendência.

Nesryn mordeu o lábio.

— Por que você não se casou? — Ela nunca teve a coragem de perguntar. Embora certamente viu-se perguntando-se durante estas semanas.

As mãos de Sartaq se flexionaram nas rédeas antes de ele responder.

— Eu estive muito ocupado. E as mulheres que foram apresentadas como noivas potenciais... Elas não eram para mim.

Ela não tinha o direito de provocar, mas perguntou:

— Por quê?

— Porque sempre que eu apresentava Kadara a elas, elas se encolhiam ou fingiam estar interessadas nela, ou perguntavam quanto tempo eu passaria longe.

— Ansiando por ausências frequentes, ou porque sentiram sua falta?

Sartaq riu.

— Eu não poderia dizer. A pergunta em si dizia o suficiente para eu saber que não eram para mim.

— Então seu pai lhe permite casar com quem quiser?

Território perigoso e estranho. Ela esperava que ele a provocasse sobre isso, mas Sartaq ficou quieto.

— Sim. Embora o casamento arranjado de Duva... Ela estava de acordo. Ela não queria ter que procurar através de uma corte de cobras para encontrar um bom homem e ainda rezar para que ele não a engane. Me pergunto se há algo a ser dito por isso. Ela teve sorte, de qualquer jeito, calmo como é, seu marido a adora. Vi o rosto dele no momento em que se conheceram. Vi o dela também. Alívio, e... algo mais.

E o que seria deles – e de seu filho – se outro fosse escolhido para o trono?

— Por que não acabar com esta tradição de competir uns com os outros? — Nesryn perguntou com cuidado.

Sartaq ficou em silêncio por um longo minuto.

— Talvez um dia, quem pegar o trono acabe com isso. Ame seus irmãos mais do que honre a tradição. Gosto de acreditar que avançamos em relação aos séculos passados, quando o império ainda estava incipiente. Mas talvez agora, nesses anos de paz relativa, talvez este seja um momento perigoso. — Ele deu de ombros, seu corpo se deslocando contra o dela. — Talvez a guerra resolva o assunto de sucessão para nós.

E talvez fosse porque eles estavam tão altos acima do mundo, porque aquela terra escura ficava mais perto, mas Nesryn perguntou:

— Não há nada que o afaste da guerra se ela o chamar, então?

— Você soa como se reconsiderasse esse seu objetivo para nos arrastar para o norte.

Ela endureceu.

— Admito que estas semanas aqui... antes era mais fácil pedir sua ajuda. Quando o rukhin era uma legião sem nome e sem rosto. Quando não eu conhecia seus nomes, suas famílias. Quando não conhecia Houlun, ou Borte. Ou antes de saber que Borte estava prometida.

Uma risada baixa com isso. Borte recusara-se totalmente a responder as perguntas de Nesryn sobre Yeran. Ela disse que nem valia a pena falar.

— Tenho certeza de que Borte gostaria de ir à guerra, mesmo que apenas para competir com Yeran pela glória no campo de batalha.

— Uma verdadeira guerra de amor, então.

Sartaq sorriu ao ouvido.

— Você não faz ideia. — Ele suspirou. — Começou há três anos – essa competição entre eles. Logo após a morte da mãe dela.

Sua pausa foi pesada o suficiente para que Nesryn perguntasse:

— Você conheceu bem a mãe dela?

Levou um momento para ele responder.

— Eu mencionei uma vez que fui enviado para outros reinos para avaliar disputas ou murmúrios de descontentamento. A última vez que meu pai me enviou, levei uma pequena unidade de rukhin junto – com a mãe de Borte entre eles.

Mais uma vez, esse silêncio pesado. Nesryn lentamente, cuidadosamente, colocou a mão no antebraço que a cercava.

Músculos fortes sob o couro deslocaram-se então.

— É uma longa história, e uma difícil, mas houve violência entre o rukhin e o grupo que procurou derrubar nosso império. A mãe de Borte... um deles entrou e atirou covardemente por trás. Uma flecha envenenada no pescoço, logo quando estávamos prestes a deixá-los se render. — O vento uivou por eles. — Não deixei nenhum deles sair depois disso.

As palavras frias e ocas e disseram o suficiente.

— Carreguei seu corpo de volta eu mesmo — continuou Sartaq, as palavras rasgadas pelo vento. — Ainda posso ouvir Borte gritando quando pousei em Altun. Ainda a vejo ajoelhada sozinha nas encostas de Arundin depois do enterro, agarrando-se ao *sulde* de sua mãe, onde havia sido plantado no chão.

Nesryn aumentou seu aperto no braço dele. Sartaq colocou sua própria mão enluvada sobre a dela e apertou gentilmente enquanto soltava um longo suspiro.

— Seis meses depois — continuou ele — Borte competiu no Encontro – os três dias anuais de concursos e corridas entre todos os

clãs. Ela tinha dezessete anos, e Yeran, vinte, e eles estavam cara a cara na final, a grande corrida. Quando se aproximaram do final, Yeran fez uma manobra que *poderia* ser considerada trapaça, mas Borte viu isso chegando a um quilômetro de distância e o venceu de qualquer maneira. E depois bateu nele com força quando ele desceu para a terra. Literalmente. Ele saltou do ruk e ela o derrubou no chão, socando seu rosto pela manobra de merda que ele tentou e que quase matou Arcas. — Ele riu para si mesmo. — Não conheço os detalhes do que se seguiu mais tarde na celebração, mas eu o vi tentando falar com ela em um ponto e a vi rir na cara dele antes de se afastar. Ele franziu o cenho até eles saírem na manhã seguinte, e, tanto quanto sei, eles não se viram por um ano. Até o próximo Encontro.

— O que Borte ganhou novamente — adivinhou Nesryn.

— Ela realmente ganhou. Por pouco. *Ela* fez a manobra questionável desta vez, caindo no processo, mas tecnicamente ganhou. Acho que Yeran estava mais secretamente aterrorizado com o quão perto ela esteve de se ferir permanente ou morrer, então a deixou ter a vitória. Ela nunca me contou os detalhes dessa celebração, mas ficou abalada por alguns dias. Todos supusemos que fosse de seus ferimentos, mas isso nunca a incomodara antes.

— E este ano?

— Este ano, uma semana antes do Encontro, Yeran apareceu em Altun. Não viu Houlun, nem a mim. Simplesmente foi direito onde Borte estava no corredor. Ninguém sabe o que aconteceu, mas ele ficou por menos de trinta minutos e depois saiu. Uma semana depois, Borte ganhou a corrida de novo. E quando ela foi coroada vencedora, o pai de Yeran levantou-se para declarar o compromisso dela com o seu filho.

— Uma surpresa?

— Considerando que sempre que Borte e Yeran estão juntos eles pulam na garganta um do outro, sim. Mas também uma surpresa para Borte. Ela saiu, mas eu os vi discutindo no corredor mais tarde. Se sabia ou não sobre isso, ou queria que fosse revelado dessa forma, ela ainda não diz. Mas não contestou o noivado. Embora também não o tenha abraçado. Nenhum dia foi marcado para o casamento, mesmo que a união certamente aliviaria nossos... laços tensos com o Berlad.

Nesryn sorriu um pouco.

— Espero que eles se resolvam.

— Talvez essa guerra também faça isso por eles.

Kadara se aproximou cada vez mais da parede dos Montes, a luz tornando-se tênue e fria com nuvens passando pelo sol. Eles

ultrapassaram os limites imponentes dos primeiros picos, subindo em uma corrente ascendente, e Dagul se espalhou diante deles.

— Deuses sagrados — sussurrou Nesryn.

Picos cinza escuro de rochas estéreis. Pinheiros finos que atravessam os vales profundamente abaixo. Sem lagos, sem rios.

Mal visível através da mortalha de fios cobrindo tudo.

Algumas redes eram grossas e brancas, sufocando a vida das árvores. Algumas eram redes brilhando entre picos, como se tentassem pegar o próprio vento.

Sem vida. Sem sons de insetos ou ganidos de bestas. Sem folhas murmurando ou asas se agitando.

Falkan tirou a cabeça do bolso enquanto examinavam a terra morta abaixo e soltou um grito.

Nesryn quase fez o mesmo.

— Houlun não estava exagerando — murmurou Sartaq. — Elas cresceram com força.

— Onde aterrissaremos? — perguntou Nesryn. — Mal se vê um ponto seguro. Eles poderiam ter levado os filhotes e os ovos para qualquer lugar.

Ela escaneou os picos e os vales em busca de qualquer sinal de movimento, qualquer cintilação daqueles corpos pretos e lustrosos. Mas não viu nada.

— Vamos dar uma volta por aqui — disse Sartaq. — Ter uma ideia do terreno. Talvez descubramos uma coisa ou duas em relação aos seus hábitos alimentares.

Deus acima.

— Mantenha Kadara alto. Voe casualmente. Se parecemos estar à procurara de algo, elas podem emergir em bando.

Sartaq assobiou bruscamente para Kadara, que realmente subiu mais alto do que sua ascensão habitual. Como se estivesse feliz por subir um pouco mais longe do território coberto abaixo.

— Fique escondido, amigo — disse Nesryn a Falkan, com as mãos tremendo quando acariciou o bolso do peito. — E se eles nos observam por baixo, é melhor te manter em segredo até que menos esperem.

As minúsculas patas de Falkan bateram em compreensão, e ele deslizou de volta no bolso.

Eles voaram em círculos ociosos por um tempo, Kadara ocasionalmente mergulhando como se estivesse em busca de uma águia ou falcão. Na caçada ao almoço, talvez.

— Aquele conjunto de picos — disse Sartaq depois de um tempo, apontando para o ponto mais alto dos Montes. Chifres que se dirigiam para o céu, dois picos-irmãos que se aproximavam tanto que poderiam muito bem ter sido uma vez uma única montanha. Entre as suas cúpulas de garras, uma passagem cheia de xisto se espalhava por um labirinto de pedra. — Kadara continua olhando para eles.

— Circule, mas mantenha distância.

Antes que Sartaq pudesse dar a ordem, Kadara obedeceu.

— Algo está se movendo na passagem — Nesryn respirou, apertando os olhos.

Kadara se aproximou, mais perto dos picos do que era sábio.

— Kadara — advertiu Sartaq.

Mas a ruk forçou as asas, frenética. Correndo.

Assim como a coisa na passagem tornou-se clara.

Correndo sobre o xisto, balançando e batendo asas cobertas por penugem...

Um filhote.

Sartaq praguejou.

— Mais rápido, Kadara. *Mais rápido.*

A ruk não precisava de encorajamento.

O filhote gritava, aquelas asinhas tão pequenas agitando-se enquanto tentava e não conseguia levantar do chão. Ele viera dos pinheiros que fluíam até a borda da passagem, e agora visava o centro do labirinto de pedra.

Nesryn soltou seu arco e colocou uma flecha no lugar, Sartaq fazendo o mesmo atrás dela.

— *Nem um som, Kadara* — alertou Sartaq assim que a ruk abriu o bico. — Você vai alertá-los.

Mas o filhote estava gritando, seu terror era palpável mesmo à distância.

Kadara pegou um vento e *voou*.

— Vamos — respirou Nesryn, uma flecha voltada para o bosque, para qualquer coisa horrível da qual o filhote tivesse escapado, sem dúvida, seguindo-o.

O bebê ruk aproximou-se da parte mais larga da boca da passagem, batendo na parede da pedra à frente. Como se soubesse que mais esperavam por dentro.

Preso.

— Aproxime-se, atravesse a passagem e saia — Sartaq ordenou ao seu ruk, que se inclinou tanto para a direita, que os músculos do abdômen de Nesryn tensionaram enquanto ela fazia força para se manter a sela.

Kadara nivelou, deixando descendo metro por metro em direção ao filhotinho agora girando, gritando para o céu enquanto contemplava o ruk que se aproximava.

— Firme — comandou Sartaq. — Firme, Kadara.

Nesryn manteve sua flecha apontada para o labirinto de pedra à frente, Sartaq torcendo-se para cobrir a floresta atrás. Kadara voou cada vez mais perto da passagem revestida de xisto, para o filhote trêmulo e acinzentado agora mantendo-se tão imóvel, esperando a salvação nas garras de Kadara se desenrolasse.

Dez metros. Sete.

O braço de Nesryn se esforçou para manter a flecha esticada.

Um vento soprou para Kadara, empurrando-a de lado, o mundo inclinando-se com luz cintilante.

Assim que Kadara se estabilizou, assim que suas garras se abriram para pegar o bebê ruk, Nesryn percebeu o que a coisa cintilante era. O que a mudança de ângulo revelou à frente.

— Cuidado!

O grito quebrou de sua garganta, mas tarde demais.

As garras de Kadara se fecharam ao redor do filhote, arrancando-o do chão logo que ela voou através dos picos da passagem.

Direto para uma teia gigante tecida entre eles.

Capítulo 42

O filhote tinha sido uma armadilha.

Foi o último pensamento que Nesryn teve quando Kadara entrou na teia – a rede entre os dois picos. Construída para não pegar o vento, mas ruks.

Ela só tinha a sensação de que Sartaq jogava seu corpo contra o dela, ancorando-a na sela e segurando apertado quando Kadara gritou.

Rugido e brilho e pedra; xisto e céu cinza e penas douradas. O vento uivando, o grito penetrante de bebê ruk e o berro de Sartaq.

Então, girando, batendo na pedra com tanta força que o impacto ressoou através de seus dentes, seus ossos. Então caindo, caindo, curvando-se contra o corpo de Kadara, curvando-se quando Sartaq estava enrolado sobre Nesryn, protegendo, e ao filhote nas garras de Kadara no impacto final.

Então o *bum*. E o estalo – o estalo que estourou as alças de couro da sela. Ainda estavam amarrados, ainda presos um ao outro enquanto se distanciavam do corpo de Kadara, o arco de Nesryn voando de sua mão, seus dedos segurando apenas ar...

Sartaq os apertou, seu corpo um muro sólido em torno do dela, enquanto Nesryn percebia onde estava o céu, onde estava a passagem...

Ele rugiu quando atingiram o xisto, enquanto ele a mantinha em cima dele, levando todo o peso do impacto.

Por um batimento cardíaco, havia apenas o deslizamento de pedaços de xisto deslocando-se e o baque de pedra desmoronada das paredes da passagem. Por um batimento cardíaco, ela não conseguia se lembrar de onde seu corpo estava, sua respiração era...

Então, um raspar de asa no xisto.

Os olhos de Nesryn se abriram, e ela estava se movendo antes que tivesse as palavras para nomear seus movimentos.

Um corte em seu pulso, com pequenas pedras e poeira grudados. Ela não o sentiu, mal notou o sangue enquanto procurava cegamente pelas tiras para a sela, soltando-as livre, ofegando através dos dentes enquanto conseguiu levantar a cabeça, para ousar olhar...

Ele estava atordoado. Piscando para o céu cinzento. Mas vivo, respirando, sangue escorrendo pela testa, pela bochecha, saindo de sua boca...

Ela soluçou através de seus dentes, suas pernas finalmente se libertando, permitindo que ela se aproximasse para chegar às dele, para os pedaços de couro enrugados entre eles.

Sartaq estava meio enterrado em xisto. Suas mãos se moviam, mas suas pernas...

— Não estão quebradas — ele brincou. — Não estão quebradas. — Era mais para si mesmo do que para ela. Mas Nesryn conseguiu manter seus dedos firmes enquanto libertava as fivelas. Os espessos couros de equitação haviam salvado sua vida, salvaram sua pele de ser esfolada até os ossos. Ele tomou o impacto para ela, girou-a para que ele atingisse o chão primeiro...

Ela varreu o xisto cobrindo os ombros e braços dele, rocha afiada cortando seus dedos.

A alça de couro no final de sua trança havia se soltado no impacto, e seu cabelo agora caía sobre o rosto, meio bloqueando sua visão da floresta atrás e da rocha em torno deles.

— Levante-se — ela ofegou. — Levante-se.

Ele respirou fundo, piscando furiosamente.

— *Levante-se* — ela implorou.

Xisto se moveu, e um grito baixo e dolorido ecoou da rocha.

Sartaq ficou rígido.

— *Kadara...*

Nesryn virou de joelhos, procurando seu arco mesmo quando viu a ruk.

Deitada a dez metros, Kadara estava coberta com a seda quase invisível. Uma rede fantasma, suas asas presas, a cabeça dobrada.

Sartaq ficou de pé, balançando, escorregando no xisto solto enquanto puxava a faca Asterion.

Nesryn conseguiu se levantar, suas pernas tremendo, a cabeça girando enquanto procurava e procurava pelo arco...

Lá. Perto da parede da passagem. Intacto.

Ela se precipitou para a arma enquanto Sartaq corria para a ruk, chegando ao arco exatamente enquanto ele cortava a primeira teia.

— Você ficará bem — ele estava dizendo a Kadara, sangue cobrindo suas mãos, seu pescoço. — Eu vou te tirar..

Nesryn empunhou o arco, pressionando uma mão no bolso. Falkan...

Uma pequena perna empurrada contra ela em resposta. Vivo.

Ela não perdeu tempo e correu para a ruk, puxando sua própria lâmina feérica da bainha que Borte encontrara para ela e cortando os

fios grossos. Eles grudavam em seus dedos, arrancando pele, mas ela cortou e cortou, abrindo o caminho, enquanto Sartaq fazia o mesmo do outro lado.

Alcançaram as patas de Kadara ao mesmo tempo.

Viram que suas garras estavam vazias.

A cabeça de Nesryn se ergueu, examinando a passagem, as pilhas de rochas...

O filhotinho fora atirado durante a colisão. Como se mesmo as garras de Kadara não pudessem ficar fechadas contra a dor do impacto. O bebê ruk estava agora caído no chão perto da borda da passagem, lutando para se levantar, chilros baixos de angústia ecoando da rocha.

— Levante-se, Kadara — comandou Sartaq, sua voz quebrando.
— *Levante-se.*

As grandes asas se moveram, os xisto clamando enquanto a ruk tentava obedecer. Nesryn cambaleou em direção ao filhote, o sangue inconfundível em sua cabeça cinza penugenta, seus grandes olhos escuros, arregalados de terror e suplica...

Aconteceu tão rápido que Nesryn não teve tempo de gritar.

Num momento, o filhotinho abriu seu bico para pedir ajuda.

No seguinte ele gritou, os olhos flamejando quando uma longa perna cor de ébano emergiu de trás de um pilar de pedra e atingiu sua espinha.

Ossos quebraram e sangue pulverizou. E Nesryn parou derrapando, balançando tão forte que ela caiu para trás em seu traseiro, um grito sem palavras em seus lábios quando o filhotinho foi jogado ao redor da rocha, agitando e gritando...

Então ficou em silêncio.

Ela tinha visto coisas horríveis, coisas que a deixaram doente e a impediram de dormir, e ainda assim o bebê ruk, aterrorizado e suplicante, com dor e arrasado, ficando em silêncio...

Nesryn girou, os pés escorregando nos xistos enquanto corria para Kadara, em direção a Sartaq, que viu o filhote sendo atirado por trás daquela pedra e gritou para Kadara para voar...

A poderosa ruk tentou e não se levantou.

— *VOE* — gritou Sartaq.

Lentamente, tão lentamente A ruk levantou-se pesadamente sobre as pernas, seu bico raspando o chão, arrastando a rocha solta.

Ela não conseguiria fazê-lo. Não subiria no ar a tempo. Para além da teia que envolvia a linha de árvores... Sombras se mexeram. Escorregaram mais perto.

Nesryn guardou a espada e puxou o arco, a flecha tremendo ao apontar para a rocha.

O filhote fora levado para trás, depois das árvores a cem metros de distância.

— *Vamos, Kadara* — implorou Sartaq. — *Levante-se!*

O pássaro estava parcamente em forma para voar, muito menos carregando pessoas...

Pedras fizeram barulho e escorregaram atrás dela. Do labirinto de pedras dentro da passagem.

Presos. Eles estavam presos...

Falkan se moveu em seu bolso, tentando se livrar. Nesryn o cobriu com o antebraço, pressionando.

— Ainda não — ela sussurrou. — Ainda não.

Seus poderes não eram os de Lysandra. Ele tentou e não conseguiu se transformar num ruk esta semana. Mas o lobo era tão grande quanto ele conseguia. Qualquer coisa maior estava além de sua magia.

— *Kadara...*

A primeira das aranhas saiu da linha das árvores. Tão preta e elegante quanto a sua irmã caída.

Nesryn deixou sua flecha voar.

A aranha caiu para trás, gritando – um som profano que sacudiu as pedras enquanto a flecha se afundava em um olho.

Nesryn imediatamente tinha outra flecha preparada, recuando na direção de Kadara, que agora estava começando a estender suas asas...

A ruk tropeçou.

— *Voe!* — Sartaq gritou.

O vento agitou o cabelo de Nesryn, fazendo fragmentos de xisto rolarem. O chão retumbou atrás, mas Nesryn não se atreveu a tirar os olhos da segunda aranha que emergiu das árvores. Ela disparou novamente, a música de sua seta abafada pelas batidas das asas de Kadara. Uma batida pesada e dolorida, mas mantendo-se firme...

Nesryn olhou para trás para respirar. Apenas uma vez, apenas para ver Kadara balançando e subindo, lutando por cada batida de asas, para cima através da passagem estreita, sangue e xisto pingando dela. Exatamente quando uma *kharankui* apareceu de uma das sombras das rochas no alto, as pernas flexionadas como se prestes a pular sobre as costas da ruk...

Nesryn disparou, uma segunda flecha seguindo a dela. De Sartaq.

Ambas encontraram seu alvo. Uma através de um olho, a outra através da boca aberta da aranha.

Ela gritou, caindo de seu poleiro. Kadara inclinou-se para esquivar-se, evitando a frente irregular do pico. A aranha em queda atravessou o labirinto de pedra à frente.

Mas então Kadara estava no céu cinzento, batendo as asas como um inferno.

Sartaq girou em direção a Nesryn, enquanto olhava para a fileira de pinheiros.

Para onde quase uma dúzia de *kharankui* surgiu, sibilando.

Sangue cobria o príncipe, cada respiração vindo forte, mas conseguiu agarrar o braço de Nesryn e resfolegar:

— Corra.

Assim eles fizeram.

Não para os pinheiros atrás.

Mas para a penumbra da passagem sinuosa à frente.

Capítulo 43

Sem o suporte, Chaol recebeu uma égua negra, Farasha, cujo nome era tão inadequado quanto possível. Significava *borboleta*, disse-lhe Yrene quando se juntaram no pátio do palácio três dias depois.

Farasha era qualquer coisa menos isso.

Puxando o freio, pateando e jogando a cabeça para o lado, Farasha saboreou testar seus limites por muito tempo antes que a companhia acabasse de se reunir. Os criados haviam ido no dia anterior para preparar o campo.

Ele sabia que a realeza lhe daria seu cavalo mais feroz. Não um garanhão, mas um perto o suficiente para combinar com sua fúria. Farasha nasceu furiosa, ele estava disposto a apostar.

E ele seria condenado se deixasse esse rei fazer com que ele pedisse outro cavalo. Um que não estiraria suas costas e pernas demais.

Yrene franziu o cenho para Farasha, para ele, enquanto acariciava a crina de sua montaria castanha.

Ambos os belos cavalos, embora menores se comparados ao surpreendente garanhão Asterion com que Dorian presenteara Chaol por seu aniversário no inverno passado.

Outra celebração de aniversário. Em outra época – outra vida.

Ele se perguntou o que aconteceu com aquele belo cavalo, a quem ele nunca havia dado nome. Como se soubesse, no fundo, quão fugazes seriam aquelas poucas semanas felizes. Ele se perguntou se ainda estava nos estábulos reais. Ou se as bruxas o saquearam – ou deixaram que suas terríveis montarias os usassem para encher suas barrigas.

Talvez fosse por isso que Farasha ressentisse sua própria presença. Talvez ela sentisse que ele havia esquecido aquele garanhão de coração nobre no norte. E queria fazê-lo pagar por isso.

A raça era uma ramificação dos Asterions, Hasar chilreara enquanto passava trotando em seu garanhão branco, circulando duas vezes. A cabeça afilada em forma de cunha e as caudas altas eram marcadores duplos de sua ancestralidade feérica. Mas esses cavalos, os Muniqi, foram criados para os climas desérticos desta terra. Para as areias que eles deveriam atravessar hoje, e as estepes que haviam sido a pátria dos khagan.

A princesa até mesmo apontou para uma leve protuberância entre os olhos dos cavalos – o *jibbah* – o marcador da maior cavidade nasal que permitia que o Muniqi prosperasse nos desertos secos e inflexíveis desse continente.

E então havia a velocidade de Muniqi. Não tão rápido, admitira Hasar, como um Asterion. Mas perto.

Yrene observara a pequena lição da princesa, rosto cuidadosamente neutro, usando o tempo para ajustar a bengala de Chaol atrás de sua sela onde ela prendera e depois arrumando as roupas que vestia.

Enquanto Chaol estava em sua jaqueta de cerimônia e calça marrom, Yrene havia pedido um vestido.

Eles a envolveram em branco e dourado contra o sol, sua longa túnica caindo até os joelhos para revelar calças soltas e leves colocadas sobre botas castanhas de cano alto. Um cinto circulava sua cintura fina e correntes brilhantes de ouro e prata se cruzavam entre seus seios. O cabelo ela deixara em sua forma habitual, a metade preso para cima, mas alguém entremeara fios de ouro através dele.

Linda. Linda como um nascer do sol.

Havia, talvez, trinta deles no total, ninguém que Yrene realmente conhecesse, já que Hasar não havia se incomodado em convidar qualquer um dos curandeiros da Torre. Os cães de pernas altas passavam pelo pátio, passando entre os cascos dos cavaleiros da dúzia de guardas. Definitivamente não Muniqi, aqueles cavalos. Bons o suficiente para guardas – os homens não recebiam animais perto dessa qualidade – mas, sem aquela consciência que o Muniqi possuíam, como se ouvissem todas as palavras faladas.

Hasar sinalizou para Shen, de pé orgulhoso no portão, que soprou um chifre.

E então eles estavam fora.

Para uma mulher que comandava navios, Hasar parecia muito mais interessada no patrimônio equino de sua família. E parecia mais do que ansiosa para libertar suas habilidades como cavaleira Darghan. A princesa amaldiçoou e franziu a testa enquanto as ruas da cidade ficavam mais estreitas. Mesmo com a notícia dada com bastante antecedência para limpar o caminho de Antica, as ruas estreitas e íngremes diminuíram sua velocidade consideravelmente.

E então havia o calor brutal. Já suando, Chaol montava ao lado de Yrene, mantendo um controle apertado em Farasha, que tentou morder um não, mas dois vendedores que olhavam das calçadas. *Borboleta*, de fato.

Ele manteve um olho sobre a égua e o outro na cidade passando. E enquanto cavalgavam para o portão leste, para as colinas áridas e cobertas de escombros, Yrene apontou marcos e informações.

A água corria através de aquedutos que atravessavam os edifícios, alimentando as casas e as fontes públicas, inúmeros jardins e parques dispersos. Um conquistador poderia ter tomado esta cidade há três séculos, mas esse mesmo conquistador cuidou bem dela. Aperfeiçoou-a e nutriu-a.

Eles atravessaram o portão oriental, depois passaram por uma longa e empoeirada estrada que cortava a extensão além da cidade propriamente dita. Hasar não se incomodou em esperar, e lançou seu garanhão em um galope que os deixou acenando para o pó.

Kashin, afirmando que não queria comer o pó dela por todo o caminho até o oásis, seguiu o exemplo depois de dar um pequeno sorriso em direção a Yrene e um assobio para seu cavalo. Então a maioria dos nobres e vizires, aparentemente já tendo feito suas apostas, lançou-se em várias corridas a uma velocidade vertiginosa através das

idades esvaziadas com bastante antecedência. Como se este reino fosse seu campo de jogos.

Festa de aniversário, de fato. A princesa provavelmente estava entediada e não queria parecer muito irresponsável com seu pai. Embora ele tenha ficado surpreso ao descobrir que Arghun se juntara a eles. Certamente com a maioria de seus irmãos afastados, ele teria aproveitado a chance de criar uma trama. Mas Arghun galopava perto de Kashin enquanto se misturavam no horizonte.

Alguns da nobreza ficaram para trás com Chaol e Yrene, deixando os outros colocarem alguns quilômetros entre eles, saindo da última das cidades periféricas, seus cavalos molhados de suor e arquejando enquanto subiam uma grande colina rochosa. As dunas começavam logo do outro lado, disse-lhe Yrene. Eles parariam para dar água aos cavalos aqui – então fariam a última etapa da cavalgada nas areias.

Ela sorria levemente para ele enquanto eles subiam a colina, seguindo uma trilha através dos arbustos. Cavalos haviam passado por ali; arbustos quebrados e destruídos por cavaleiros descuidados. Alguns galhos até abrigavam manchas de sangue, já secas no sol brutal.

Alguém deveria esfolar o cavaleiro que tinha sido tão imprudente com sua montaria.

Outros haviam chegado ao topo da colina, deram água aos seus cavalos e se moveram. Tudo o que ele viu foram corpos e cavalos desaparecendo no céu – como se simplesmente saíssem da borda da montanha e virassem ar.

Farasha pisoteou e subiu o caminho até a colina, e as costas e coxas de Chaol se esforçaram para permanecer no lugar sem o suporte para estabilizá-lo. Ele não ousou deixar que a égua sentisse um traço de desconforto.

Yrene alcançou a cimeira primeiro, suas roupas brancas como um farol no dia azul sem nuvens ao redor deles, os cabelos brilhando como ouro escuro. Ela esperou por ele, o cavalo castanho ofegando, sua crina brilhando com os tons de rubi mais profundos.

Ela desmontou quando ele exortou Farasha até a última colina, e então...

Ele ficou sem ar.

O deserto.

Um mar estéril e sibilante de areia dourada. Montes e ondas e ravinas, ondulando para sempre, vazio e ainda zumbindo. Não se via uma árvore, arbusto ou brilho de água.

A mão implacável de um deus tinha dado forma a este lugar. Ainda soprava sua respiração sobre ele, mudando as dunas grão por grão.

Ele nunca vira algo assim. Era uma maravilha. Era um mundo completamente novo.

Talvez fosse uma bênção inesperada que a informação que eles procurassem residisse aqui.

Chaol atraiu a atenção para Yrene, que estava lendo seu rosto. Sua reação.

— Tal beleza não é para todos — disse ela. — Mas me encanta, de alguma forma.

Este mar onde nenhum navio navegaria, que alguns homens olhariam e veriam apenas morte ardente. Ele viu só silêncio - e limpeza. E uma vida lenta e rastejante. Beleza natural e selvagem.

— Sei o que você quer dizer — ele concordou, desmontando cuidadosamente de Farasha.

Yrene monitorou-o, mas não fez nada além de segurar a bengala, deixando-o encontrar a melhor maneira de passar uma perna para o outro lado, se virar gemendo, tomar impulso e depois deslizar para baixo para o chão arenoso. A bengala estava instantaneamente em sua mão, embora Yrene não fizesse um movimento para estabilizá-lo enquanto ele finalmente soltava a sela e alcançava as rédeas de Farasha.

A égua ficou tensa, como se estivesse pensando em se lançar contra ele, mas ele lhe lançou um olhar sério, a bengala gemendo enquanto Chaol a apertava contra o chão de pedras.

Os olhos escuros de Farasha brilhavam como se forjados no reino ardente de Hellas, mas Chaol manteve-se alto, tão alto quanto podia. Não quebrou o olhar.

Finalmente, a égua bufou e se dignou a deixá-lo levá-la para o cocho incrustado de areia e meio despencando com a idade. Talvez estivesse ali desde que o deserto passou a existir, dando água aos cavalos de uma centena de conquistadores.

Farasha pareceu entender que eles deveriam entrar naquele oceano de areia e bebeu com entusiasmo. Yrene trouxe seu cavalo, mantendo-o a uma distância saudável de Farasha.

— Como você está se sentindo?

— Sólido — ele respondeu, e era verdade. — Ficarei dolorido quando chegarmos lá, mas a tensão não é tão ruim.

Sem a bengala, ele não se atrevia a tentar caminhar mais do que alguns passos. Mal conseguiria gerenciá-lo.

Ela colocou uma mão na parte baixa de sua coluna, depois nas coxas, deixando sua magia avaliar. Mesmo com as roupas e o calor, a pressão das mãos dela o deixou ciente de cada centímetro separando-os.

Outros se reuniram em torno do antiga e enorme cocho, então ele se afastou do toque avaliador de Yrene, levando Farasha a uma distância segura. Montar a égua novamente, no entanto...

— Tome seu tempo — murmurou Yrene, mas permaneceu a poucos passos de distância.

Ele tivera um bloco no palácio. Aqui, sem subir na borda precária do cocho... A distância entre seu pé e o estribo nunca parecera tão grande. Dançar sobre um pé enquanto levantava o outro, apoiar e fazer força com este pé enquanto tomava impulso para jogar o corpo para cima, balançando a perna ao redor da sela... Chaol foi para os degraus, sentindo os movimentos que ele fazia mil vezes antes. Ele aprendera a montar aos seis anos – estivera sobre um cavalo quase toda a vida.

É claro que lhe foi dado um demônio de cavalo desta vez.

Mas Farasha ficou quieta, olhando para o mar de areia, para a trilha de cascos descendo a montanha – a sua entrada para o deserto. Mesmo com os ventos se deslocando, arrastando as areias para novas formas e vales, a trilha que os outros deixaram era clara o suficiente. Ele podia até mesmo imaginá-los subindo alguns montes e depois voando abaixo, pouco mais do que pontos pretos e brancos.

E, no entanto, ele permanecia aqui. Encarando os estribos e a sela.

— Posso encontrar um bloco ou balde... — Yrene ofereceu casualmente.

Chaol se moveu. Talvez não tão gracioso quanto gostaria, talvez com mais esforço do que pretendia, mas ele conseguiu, a bengala gemendo enquanto ele a usava para empurrar-se para cima, então batendo na pedra enquanto ele a soltava para agarrar o pito da sela, logo que seu pé deslizou – parcamente – no estribo. Farasha deslocou seu peso enquanto ele se elevou mais alto na sela, suas costas e coxas gritando enquanto ele passava a perna para o outro lado, mas ele estava montado.

Yrene caminhou até a bengala caída e tirou o pó dela.

— Nada mal, lorde Westfall. — Ela prendeu a bengala atrás de sua sela e montou na égua. — Nada mal.

Ele escondeu seu sorriso, o rosto ainda quente, e cutucou Farasha pela última colina de areia.

Eles seguiram devagar as trilhas que os outros haviam deixado, o calor ondulando nas areias.

Subindo e descendo, o único som sendo o bater abafado dos cacos de seus cavalos e as areias suspirantes. O grupo deles serpenteava em uma longa fileira. Os guardas estavam postados por toda parte, alguns carregando postes altos com a bandeira do khagan e a insígnia de um cavalo escuro correndo. Marcadores da direção geral para o oásis. Ele teve pena de que os pobres homens tivessem sido ordenados a ficar no calor por um capricho da princesa, mas não disse nada.

As dunas diminuíram depois de um tempo, o horizonte mudando para revelar uma planície arenosa. E à distância, acenando e balançando no calor..

— Lá nós montaremos acampamento — disse Yrene, apontando para um denso amontoado verde. Nenhum sinal da antiga cidade dos mortos enterrada sobre a qual Hasar afirmara que o oásis crescera. Não que ele esperasse ver muito de seu ponto de observação.

Pela distância, poderia muito bem estar a mais de trinta minutos. Certamente isso, no ritmo deles.

Apesar do suor escorrendo de suas roupas brancas, Yrene estava sorrindo. Talvez ela estivesse precisando de um dia de folga. Para respirar ao ar livre.

Ela notou sua atenção e se virou. O sol havia trazido as sardas, escurecendo a pele para um brilhante castanho, seus cabelos ondulados sobre o rosto sorridente.

Farasha puxou as rédeas, seu corpo tremendo de impaciência.

— Eu tenho um cavalo Asterion — ele disse, e a boca dela curvou-se em uma expressão impressionada. Chaol deu os ombros. — Eu gostaria de ver quanto um Muniqi alcança.

As sobrancelhas dela se estreitaram.

— Você quer dizer... — Ela notou a extensão plana e lisa entre eles e o oásis. Perfeita para correr. — Oh, eu não poderia... um galope?

Ele esperou as palavras sobre sua coluna, suas pernas. Nenhuma veio.

— Está com medo? — ele perguntou, arqueando uma sobrancelha.

— Destas bestas? *Sim*. — Ela se encolheu em sua montaria, agitada embaixo dela.

— Ela é tão doce quanto uma vaca leiteira — disse ele sobre o cavalo de Yrene.

Chaol inclinou-se para dar um tapinha no pescoço de “Borboleta”. Ela tentou mordê-lo. Ele puxou as rédeas o suficiente para dizer a ela

que ele estava plenamente consciente disso.

— Vou correr com você — disse ele.

Os olhos de Yrene brilharam. E para seu choque, ela perguntou:

— O prêmio?

Ele não conseguia se lembrar da última vez. A última vez que se sentiu tão consciente de cada respiração, do sangue fervendo e de cada vibração em seu corpo.

— Um beijo. Quando e onde eu escolher.

— Como assim, *onde*?

Chaol apenas sorriu. E deixou Farasha correr livre.

Yrene praguejou mais sujo do que ele jamais ouvira, mas não se atreveu a olhar para trás – não quando Farasha tornou-se uma tempestade negra sobre a areia.

Ele nunca chegara a experimentar o Asterion. Mas se fosse mais rápido do que isso...

Voando sobre a areia, Farasha era um raio de luz escuro que atravessava o deserto dourado. Tudo o que ele podia fazer era segurar-se, apertando os dentes contra a reclamação de seus músculos.

Ele esqueceu de tudo de qualquer maneira ao borrão de marrom avermelhado e preto que surgiu no canto de sua visão – e o cavaleiro branco sobre ele.

O cabelo de Yrene subia e descia atrás dela em um emaranhado de cachos dourados, levantando-se a cada trovejar das pernas de sua égua na areia dura. Roupas brancas fluía no vento, ouro e prata brilhava como estrelas e seu rosto...

Chaol não podia respirar enquanto observava a diversão selvagem no rosto de Yrene, a alegria não controlada.

Farasha percebeu a égua que se aproximava deles, chegando perto a cada batida de cascos, e fez força para frente. Para deixá-los na poeira.

Ele a dirigiu com as rédeas e os pés, maravilhando-se que pudesse mesmo fazer isso. Que a mulher agora aproximando-se, agora correndo ao lado dele, irradiando para ele como se ele fosse o único neste mar estéril e ardente... Ela fizera isso. Deu-lhe isso.

Yrene sorria, e então estava rindo, como se não pudesse conter a risada dentro de si.

Chaol pensou que era o som mais bonito que já havia escutado.

E neste momento, voando juntos sobre as areias, devorando o vento do deserto, seu cabelo castanho-dourado voando como uma bandeira atrás dela...

Chaol sentiu, talvez pela primeira vez, como se estivesse desperto.

E ele estava agradecido, até seus próprios ossos, por isso.

Capítulo 44

Yrene estava suada, embora secasse tão rapidamente que só *sentia* sua essência se apegando.

Felizmente, o oásis era sombreado e frio, uma piscina grande e rasa no centro. Os cavalos foram conduzidos para a sombra mais forte para beberem água e serem escovados, e criados e guardas reivindicaram algum lugar escondido para se lavarem e se divertirem.

Não havia sinal de qualquer tipo de caverna que Nousha houvera mencionado, ou da cidade dos mortos que Hasar afirmara espreitar na selva além. Mas o local se abria diante dela, e na grande piscina... Os membros da realeza já mergulhavam nas águas frescas.

Renia, Yrene viu de imediato, usava apenas uma fina túnica de seda – que fazia pouco para esconder seus dotes consideráveis quando ela emergiu da água, rindo de algo que Hasar falou.

— Bem, então — disse Chaol, tossindo ao lado de Yrene.

— Eu falei sobre as festas — ela murmurou, indo até as tendas espalhadas pelas palmeiras altas. Elas eram brancas e douradas, cada uma marcada com a bandeira do príncipe ou da princesa. Mas sem Sartaq e Duva entre eles, Chaol e Yrene ocuparam suas tendas, respectivamente.

Felizmente, ambas ficavam próximas. Yrene abriu as abas da barraca, o espaço grande como a cabana que ela compartilhara com sua mãe, então se virou para Chaol. Seu manquejar, mesmo com a bengala, era mais profundo do que naquela manhã. E ela tinha visto quão rígido ele estava ao descer daquele cavalo infernal.

— Eu sei que você quer se lavar — Yrene falou. — Mas preciso dar uma olhada em você. Em suas costas e pernas, quero dizer. Depois de toda aquela cavalgada.

Talvez ela não devesse ter corrido. Ela nem se lembrava de quem alcançou primeiro a fronteira do oásis, de qualquer forma. Estava ocupada demais rindo, sentindo como se estivesse saindo de seu corpo e provavelmente nunca mais se sentiria da mesma maneira. Ocupada olhando o rosto dele, cheio de tanta luz.

Chaol fez uma pausa nas abas de sua tenda, bengala oscilando, como se tivesse colocado muito mais peso sobre ela do que a madeira permitia. Mas foi alívio em seu rosto quando ele perguntou:

— Sua tenda ou a minha? — que a fez preocupar-se, apenas um pouco.

— Minha — disse ela, ciente dos criados e da nobreza que provavelmente não fazia ideia de que ela era a causa dessa excursão, mas que informaria as suas idas e vindas.

Ele assentiu, e ela monitorou cada movimento de subida e descida de suas pernas, o deslocamento de seu torso, a maneira como ele se inclinava sobre aquela bengala.

Quando Chaol passou por ela e entrou na tenda, ele murmurou em seu ouvido:

— Ganhei, por sinal.

Yrene olhou para o sol agora fazendo sua descida e sentiu seu cerne apertando em resposta.

Ele estava dolorido, mas ainda podia andar quando Yrene terminou seu exame completo. E a série de alongamentos era reconfortante para

suas pernas e costas. E a massagem.

Chaol tinha o sentimento distinto de que ela estava brincando com ele, mesmo que suas mãos permanecessem castas.

Desinteressadas.

Ela até teve a coragem de pedir um criado para trazer uma jarra de água.

A tenda era adequada para a princesa que geralmente a ocupava. Uma grande cama estava no centro em cima de uma plataforma, o chão coberto por tapetes ornamentados. As áreas de estar espalhava-se além de um cortinado privado, e havia ouro em *todos os lugares*.

Ou os criados o trouxeram no dia anterior, ou o povo desta terra temia tanto a ira do khaganato que não se atrevia a roubar este lugar. Ou eram tão bem de vida que não precisavam disso.

Os outros estavam todos na piscina do oásis quando ele vestiu suas roupas agora secas e eles emergiram para procurar sua presa.

Eles conversaram baixo na tenda – nenhum deles havia notado nada de interessante na chegada. E na piscina do oásis, definitivamente sem indicação de uma caverna ou ruínas perto da realeza e seus amigos que se banhavam.

Confortáveis, relaxados. Livres, de maneiras que Adarlan nunca foi. Ele não era ingênuo o suficiente para pensar que nenhuma intriga estava sendo feita nas águas frescas, mas ele nunca ouvira sobre os nobres adarlanianos indo para uma piscina se divertir.

Embora ele certamente se perguntasse o que diabos Hasar estava pensando ao dar uma festa para Yrene, sendo manipulada ou não, considerando que a princesa estava bem ciente de que Yrene mal conhecia a maioria desses convidados.

Yrene hesitou no limite da clareira e olhou para ele por baixo dos cílios – um olhar que qualquer um poderia interpretar como tímido. Uma mulher talvez hesitante em mudar para as roupas leves que usavam nas águas. Deixando que qualquer espectador se esquecesse de que ela era uma curandeira e totalmente acostumada a pele à mostra.

— Acho que não estou com vontade de me banhar — murmurou Yrene sobre as risadas e borrifos de água daqueles dentro das águas do oásis. — Vamos fazer uma caminhada?

Palavras agradáveis e educadas enquanto inclinava a cabeça para os poucos acres de selva indomável que se espalhavam para a esquerda. Ela não se achava uma acostumada à corte, mas certamente podia mentir bem o suficiente. Ele supôs que, como uma curandeira, era uma habilidade que se mostrava útil.

— Seria um prazer — disse Chaol, oferecendo o braço.

Yrene hesitou novamente, o retrato de modéstia – olhando por cima do ombro para aqueles na piscina. A realeza assistindo. Kashin incluído.

Ele a deixaria escolher quando e como deixaria claro ao príncipe – *mais uma vez* – que ela não estava interessada. Embora ele não pudesse evitar um leve tom de culpa quando ela passou o braço através do seu e eles entraram na escuridão da selva do oásis.

Kashin era um bom homem. Chaol duvidava que suas palavras sobre estar disposto a ir à guerra fossem mentira. E arriscar antagonizar o príncipe, por talvez exhibir o que ele tinha com Yrene... Chaol olhou de soslaio para ela, sua bengala apoiando-se nas raízes e no solo macio. Ela ofereceu-lhe um sorriso fraco, as bochechas ainda coradas com o sol.

Para o inferno com a preocupação sobre antagonizar Kashin.

O gorgolejo da primavera se misturou com as palmeiras suspirando acima enquanto se dirigiam mais fundo entre a fauna, escolhendo seu próprio caminho – sem nenhuma direção em mente.

— Em Anielle — ele falou — há dezenas de nascentes quentes ao longo do vale, perto do Lago Prata. Mantidas quentes pelas aberturas na terra. Quando eu era menino, muitas vezes mergulhávamos neles depois de um dia de treinamento.

— Foi o treinamento que o inspirou a juntar-se à guarda? — Ela perguntou com cuidado, como se percebendo que ele realmente havia oferecido esse pedaço dele.

Sua voz era grossa quando ele finalmente respondeu:

— Em parte. Eu era... bom nisso. Combate, esgrima, arquearia e essas coisas. Recebi o treinamento que era adequado para o herdeiro de um senhor que há muito defendia um povo da montanha dos homens selvagens dos Caninos. Mas meu treinamento de verdade começou quando cheguei à Forte da Fenda e me juntei à Guarda Real.

Ela desacelerou enquanto ele passava por um amontoado de raízes, deixando-o se focar em onde colocar os pés e a bengala.

— Suponho que ser teimoso e cabeça-dura fez de você um bom aluno pelo aspecto da disciplina.

Chaol riu, cutucando-a com o cotovelo.

— E fez. Eu era o primeiro no campo de treinamento e o último a sair. Embora fosse espancado todos os dias. — Seu peito apertou quando ele se lembrou de seus rostos, aqueles homens que o treinaram, que o empurraram e empurraram, o deixaram mancando e sangrando,

e então se certificavam de que ele fosse remendado no quartel na mesma noite. Normalmente, com uma boa refeição e uma batida nas costas.

E foi em homenagem a esses homens, seus irmãos, que ele disse com voz rouca:

— Eles não eram todos homens maus, Yrene. Aqueles com quem eu... com quem eu cresci com, quem comandei... Eles eram bons homens.

Ele viu o rosto de Ress rindo, o rubor que o jovem guarda nunca conseguia esconder em torno de Aelin. Seus olhos queimaram.

Yrene parou, o oásis cantarolando em torno deles, e suas costas e pernas estavam mais do que gratas pela parada quando ela tirou o braço do dele. Tocou sua bochecha.

— Se eles são parcialmente responsáveis por você ser... você — ela falou, erguendo-se nos pés para roçar a boca contra a dele — então acredito que eles sejam.

— Foram — ele respirou.

E lá estava. Essa palavra, engolida pelo limo e sombra do oásis, que ele mal podia suportar. *Foram*.

Ele ainda poderia retirar-se deste precipício invisível agora diante deles. Yrene permaneceu perto, uma mão descansando sobre seu coração, esperando que ele decidisse falar.

E talvez fosse só porque ela manteve a mão sobre seu coração que ele sussurrou:

— Eles foram torturados por semanas nessa primavera. Depois assassinados e pendurados nos portões do castelo.

Sufrimento e horror tremiam em seus olhos. Ele mal podia aguentar quando conseguiu prosseguir:

— Nenhum deles quebrou. Quando o rei e os outros... — Ele não conseguiu terminar. Ainda não. Talvez nunca enfrentasse aquela suspeita e provável verdade. — Quando questionaram os guardas sobre mim. Nenhum deles sucumbiu.

Ele não tinha as palavras para isso – a essa coragem, esse sacrifício. A garganta de Yrene tremeu e ela tocou sua bochecha.

— Foi minha culpa — Chaol finalmente soltou. — O rei... ele fez isso para me punir. Por fugir, por ajudar os rebeldes em Forte da Fenda... foi tudo por minha culpa.

— Você não pode se culpar. — Palavras simples e honestas.

E totalmente falsas.

Elas o fizeram voltar, mais eficazmente do que jogar um balde de água fria.

Chaol afastou-se do seu toque.

Ele não deveria ter contado a ela, não deveria ter trazido isso a tona. No aniversário dela, deuses acima. Enquanto eles deveriam concentrar-se em encontrar qualquer tipo de informação que pudesse ajudá-los.

Ele trouxera a espada e a adaga, e enquanto coxeava entre as palmeiras, deixando Yrene segui-lo, ele as verificou para garantir que ambas estivessem ainda afiveladas em sua cintura. Verificou-as porque tinha que fazer *algo* com suas mãos trêmulas, com a ferida interna.

Ele dobrou as palavras, as memórias, de volta para dentro de si. Profundamente. Selou-as longe enquanto verificava suas armas, uma após a outra.

Yrene apenas o seguiu, sem dizer nada enquanto entravam mais fundo na selva.

O local era maior do que muitas aldeias, e, no entanto, pouco do verde tinha sido domado – certamente nenhuma trilha para ser encontrada, ou indicação de uma cidade dos mortos abaixo deles.

Até que pilares pálidos caídos começaram a aparecer entre as raízes e os arbustos. Um bom sinal, ele supunha. Se houvesse uma caverna, talvez estivesse próxima – talvez como uma habitação antiga.

Mas o nível de arquitetura que eles escalaram e caminharam por cima, forçando-o a selecionar seus passos com cuidado...

— Estas não eram algumas pessoas que habitavam cavernas e que enterravam seus mortos em buracos — observou, bengala raspando sobre a pedra antiga.

— Hasar disse que era uma cidade dos mortos — Yrene franziu o cenho para as colunas ornamentadas e lajes de pedra esculpida, incrustada com a vida da floresta. — Uma necrópole alastrando-se logo abaixo de nossos pés.

Ele estudou o chão da selva.

— Mas pensei que o povo do khagan deixasse seus mortos à céu aberto no coração de seu território de origem.

— Eles fazem isso — Yrene passou as mãos por um pilar esculpido com animais e criaturas estranhas. — Mas... esse local é anterior ao khaganato. À Torre e à Antica, também. A quem estava aqui antes. — Um conjunto de degraus nas ruínas levou a uma plataforma onde as árvores cresceram através da própria pedra, derrubando colunas esculpidas à sua volta. — Hasar afirmou que os túneis são todos

armadilhas inteligentes. Ou projetados para manter saqueadores fora, ou manter os mortos dentro.

Apesar do calor, os pelos em seus braços se ergueram.

— Você está me dizendo isso agora?

— Assumi que Nousha quis dizer algo diferente. Que seria uma caverna, e se fosse conectado a estas ruínas, ela teria mencionado. — Yrene entrou na plataforma e suas pernas protestaram enquanto ele a seguiu. — Mas não vejo nenhum tipo de formações rochosas aqui, nenhuma suficientemente grande para uma caverna. A única pedra... vem daqui. — A entrada dando para a necrópole abaixo, como Hasar havia afirmado.

Eles examinaram o complexo destruído, os enormes pilares agora quebrados ou cobertos de raízes e vinhas.

O silêncio era tão pesado quanto o calor. Como se nenhum dos pássaros cantores ou insetos zumbidores do oásis ousassem se aventurar por aqui.

— É inquietante — ela murmurou.

Eles tinham vinte guardas à distância de um grito e, no entanto, ele encontrou sua mão livre indo em direção à espada. Se uma cidade dos mortos descansava sob seus pés, talvez Hasar estivesse certa. Eles deveriam deixá-los dormir.

Yrene virou-se, examinando os pilares, as esculturas. Nenhuma caverna - nada.

— Nousha conhecia a localização, porém — ela refletiu. — Deve ter sido importante - o local. Para a Torre.

— Mas sua importância foi esquecida ao longo do tempo, ou distorcida. Então, apenas o nome, o sentido de sua importância, permaneceu.

— Os curandeiros sempre foram atraídos para esse domínio, sabe — disse Yrene, distante, passando uma mão sobre uma coluna. — A terra apenas... abençoou-os com a magia. Mais do que qualquer outro tipo. Como se este fosse algum terreno propício à cura.

— Por quê?

Ela traçou um entalhe em uma coluna mais comprida do que a maioria dos navios.

— Por que algo prospera? As plantas crescem melhor em certas condições - as mais vantajosas para elas.

— E o continente do sul é um lugar onde os curandeiros prosperam?

Algo capturara seu interesse, fazendo suas palavras soarem abafadas quando ela disse:

— Talvez fosse um santuário.

Ele se aproximou, estremeando com a dor subindo por sua espinha dorsal. Ela foi esquecida quando Chaol examinou os entalhes sob a palma da mão dela.

Duas forças opostas estavam gravadas na frente larga da coluna. À esquerda: guerreiros altos de ombros largos, armados com espadas e escudos, com chama ondulante e água que explodia, animais de todos os tipos no ar ou em seus joelhos. Orelhas pontudas – eram orelhas pontudas nas cabeças das figuras.

E enfrentando-os...

— Você disse que nada é coincidência — Yrene apontou para o exército de frente para os feéricos.

Menor que os feéricos, seus corpos mais volumosos. Garras e presas e lâminas de aparência perversa.

Ela murmurou uma palavra.

Valg.

Deuses santos.

Yrene correu para os outros pilares, arrancando vinhas e pó. Mais rostos feéricos. Figuras.

Alguns foram retratados em batalhas individuais contra os comandantes valg. Outros derrubados por eles. Alguns triunfando.

Chaol se moveu com ela tanto quanto conseguiu. Olhando, olhando...

Lá, mergulhado nas sombras densas de palmeiras largas. Um quadrado, uma estrutura em ruínas. Um mausoléu.

— Uma caverna — murmurou Yrene. Ou o que poderia ter sido interpretado como uma quando o conhecimento se confundiu.

Chaol arrancou as videiras para ela com a mão livre, as costas doendo. Rasgou e rasgou para procurar o que havia sido esculpido nos portões da necrópole.

— Nousha disse que a lenda afirmava que alguns daqueles pergaminhos vieram daqui — lembrou Chaol. — De um lugar cheio de marcas de Wyrd, de representações dos feéricos e dos valg. Mas esta não era uma cidade viva. Então eles tiveram que remover de túmulos ou arquivos abaixo dos nossos pés. — Da entrada logo além deles.

— Eles não enterraram humanos aqui — murmurou Yrene.

Porque as marcas nos portões fechados, de pedra...

— A Língua Antiga.

Ele vira aquilo no rosto e no braço de Rowan.

Este era um local de enterro de feéricos. Feéricos – não humanos.

— Pensei que apenas um grupo de feéricos tivesse deixado Doranelle — Chaol falou — para se estabelecer em Terrasen, com Brannon.

— Talvez outros tenham se estabelecido aqui durante o que quer que tenha sido essa guerra.

A primeira guerra. A primeira guerra dos demônios, antes que Elena e Gavin nascessem, antes de Terrasen.

Chaol estudou Yrene. Seu rosto sem cor.

— Ou talvez eles desejassem esconder algo.

Yrene franziu a testa para o chão como se pudesse ver os túmulos abaixo.

— Um tesouro?

— De um tipo diferente.

Ela encontrou seus olhos ao seu tom – sua quietude. E medo, puro e afiado, deslizou em seu coração.

— Não entendo. — Yrene falou baixinho.

— Mágica feérica é transmitida através de suas linhagens. Não aparece aleatoriamente. Talvez eles tenham vindo aqui. E então foram esquecidos pelo mundo, forças do bem e do mal. Talvez eles soubessem que este lugar estava longe o suficiente para permanecer intocado. Que as guerras seriam realizadas em outro lugar. Por eles. — Ele empurrou o queixo para uma escultura de um soldado valg. — Enquanto o continente do sul permaneceria principalmente mortal. Enquanto as sementes plantadas aqui pelos feéricos seriam criadas nas linhagens humanas e cresceriam em um povo dotado e propenso à magia de cura.

— Uma teoria interessante — disse com voz rouca — mas você não sabe o que isso poderia representar.

— Se você quisesse esconder algo precioso, não o esconderia à vista? Em um lugar onde estaria disposto a apostar que uma força poderosa surgiria para defendê-lo? Como um império. Muitos deles. Cujos muros não foram violados por conquistadores externos pela totalidade de sua história. Que veria o valor de seus curandeiros e pensaria que seu dom era algo bom, mas nunca saberia que poderia ser um tesouro esperando para ser usado em outro tempo. Uma arma.

— Nós não matamos.

— Não — disse Chaol, seu sangue esfriando — mas você e todos os curandeiros aqui... Há apenas outro lugar assim no mundo. Guardado tão fortemente, protegido por um poder tão poderoso.

— Doranelle – os curandeiros feéricos em Doranelle.
Guardados por Maeve. Ferozmente.

Quem lutaram naquela primeira guerra. Quem lutaram contra os valg.

— O que isso significa? — ela sussurrou.

Chaol teve a sensação de que o chão fugia debaixo dele.

— Eu fui enviado aqui para conseguir um exército. Mas eu me pergunto... me pergunto se alguma outra força me trouxe para recuperar outra coisa.

Ela pegou a mão dele, uma promessa silenciosa. Uma em que ele pensaria mais tarde.

— Talvez seja por isso que aquilo que vigiava a Torre estava me caçando — murmurou Yrene. — Se eles realmente são enviados de Morath... não querem que percebamos nada disso. Através da sua cura.

Ele apertou seus dedos.

— E aqueles pergaminhos na biblioteca... ou foram tirados ou levados daqui, esquecidos, a não ser da lenda sobre onde eles vieram. Onde os curandeiros desta terra podem ter se originado.

Não da necrópole – mas dos feéricos que a construíram.

— Os pergaminhos — ela falou — se retornarmos e encontrarmos alguém para traduzi-los...

— Eles podem explicar isso. O que os curandeiros poderiam fazer contra os valg.

Ela engoliu.

— Hafiza. Me pergunto se ela sabe o que são esses pergaminhos, de alguma forma. A Alta Curandeira não é apenas uma posição de poder, mas de sabedoria. Ela é uma biblioteca ambulante, coisas são ensinadas por seu antecessor que ninguém mais conhece na Torre. — Ela enrolou um cacho em torno do dedo. — Vale a pena mostrar a ela alguns dos textos. Ver se ela sabe o que são.

Uma aposta compartilhar as informações com qualquer outra pessoa, mas valia a pena tentar. Chaol assentiu.

O riso de alguém atravessou até mesmo o pesado silêncio do oásis.

Yrene soltou sua mão.

— Nós precisaremos sorrir, nos divertir entre eles. E depois sairemos à primeira luz.

— Enviar uma mensagem para Nesryn retornar. Assim que voltarmos. Não tenho certeza de que podemos aguardar por mais tempo pela ajuda do khagan.

— Nós tentaremos convencê-lo novamente de qualquer maneira — prometeu. Ele inclinou a cabeça. — Você ainda terá que vencer esta guerra, Chaol — disse ela calmamente. — Independentemente do papel que possamos desempenhar.

Ele passou um polegar sobre sua bochecha.

— Não tenho intenção de perder.

Não foi tarefa fácil fingir que não haviam tropeçado em algo enorme. Que algo não tinha os sacudido até os ossos.

Hasar ficou entediada com a piscina e pediu música, dança e almoço. O que se transformou em horas de descanso na sombra, ouvindo os músicos, comendo uma variedade de iguarias que Yrene não tinha ideia de como conseguiram levar até ali.

Mas, à medida que o sol se punha, todos se dispersaram em suas tendas para se trocar para o jantar. Depois do que ela aprendera junto com Chaol, mesmo estar sozinha por um tempo a deixava nervosa, mas Yrene lavou-se e trocou para o vestido púrpura translúcido fornecido por Hasar.

Chaol a esperava do lado de fora da tenda.

Hasar também lhe trouxera roupas. Um lindo azul profundo que iluminava o ouro em seus olhos castanhos, o bronzeado trazido pelo verão de sua pele.

Yrene corou quando o olhar dele deslizou ao longo de seu decote, até as faixas de pele que as dobras do vestido revelavam ao longo de sua cintura. Suas coxas. Prata e contas claras foram costuradas no tecido, fazendo o vestido brilhar como as estrelas agora cintilando para a vida no céu noturno acima deles.

Tochas e lanternas iluminavam a área em torno da piscina do oásis, para onde mesas, sofás e almofadas foram trazidos.

Música tocava, as pessoas já se perdiam no banquete servido nas várias mesas, com Hasar mantendo a corte, real como qualquer rainha de seu lugar na mesa mais próximo do fogo – uma piscina dourada.

Ela viu Yrene e sinalizou para ela. Para Chaol também.

Dois assentos haviam sido deixados vagos à direita da princesa. Yrene poderia ter jurado que Chaol os dimensionou a cada passo, como se examinasse as cadeiras, os que estavam ao seu redor, o oásis em si por quaisquer armadilhas ou ameaças. A mão dele roçou a tira de pele

exposta na base de sua coluna vertebral – como se confirmando que tudo estava limpo.

— Não acha que esqueci minha convidada de honra, não é? — Hasar perguntou, beijando suas bochechas.

Chaol curvou-se para a princesa o máximo que conseguiu, e reivindicou seu assento do outro lado de Yrene, apoiando sua bengala contra a mesa.

— Hoje foi maravilhoso — disse Yrene, e não estava mentindo. — Obrigada.

Hasar ficou calada por uma batida, observando Yrene com suavidade incomum.

— Sei que não sou uma pessoa fácil de lidar, ou uma amiga fácil de se ter — disse ela, seus olhos escuros finalmente encontrando os de Yrene. — Mas você nunca me fez sentir assim.

A garganta de Yrene se apertou com as palavras. Hasar inclinou a cabeça, acenando para uma festa à sua volta.

— Isso é o mínimo que posso fazer para homenagear minha amiga. — Renia deu um tapinha suave no braço de Hasar, como se em aprovação e compreensão.

Yrene inclinou a cabeça.

— Não tenho interesse em amigos fáceis – pessoas fáceis. Acho que confio menos do que nos difíceis, e são muito menos atraentes, também.

Isso trouxe um sorriso para o rosto de Hasar. Ela se inclinou sobre a mesa para examinar Chaol.

— Parece muito belo, lorde Westfall — falou lentamente.

— E a senhorita está linda, princesa.

Hasar, enquanto bem-vestida, nunca foi chamada de tal forma. Mas ela aceitou o elogio com um sorriso de gato que de alguma forma lembrou Yrene daquela estranha em Innish – esse conhecimento de que beleza era fugaz, enquanto poder... poder era uma moeda muito mais valiosa.

O banquete se desdobrou, e Yrene sofreu com um brinde não tão sem defesas de Hasar para sua *querida, leal e inteligente amiga*. Mas ela bebeu com eles. Chaol também. Vinho e cerveja de mel, suas taças preenchidas antes de Yrene notar o braço quase silencioso dos criados servindo.

Demorou trinta minutos antes de começar a conversa sobre a guerra.

Arghun primeiro. Um brinde zombeteiro à segurança e à serenidade em tempos tão tumultuados.

Yrene bebeu, mas tentou esconder sua surpresa ao encontrar Chaol fazendo o mesmo, um sorriso vago grudado no rosto.

Então Hasar começou a discutir se os Desertos Ocidentais, com todos tão focados na metade leste do continente, era um alvo para as partes interessadas.

Chaol apenas deu de ombros. Como se tivesse chegado a uma conclusão nessa tarde. Algumas realizações sobre a guerra e o papel dos membros da realeza nela.

Hasar também percebeu. E apesar de que tudo isso deveria ser uma festa de aniversário, a princesa ponderou em voz alta para ninguém em especial:

— Talvez Aelin Galathynius devesse arrastar sua autoestima para cá e selecionar um de meus irmãos para se casar. Talvez, então, pensemos em ajudá-la. Se tal influência permanecesse na família.

Significando que toda aquela chama, todo aquele poder bruto... preso a este continente, criando uma linhagem, nunca seria uma ameaça.

— Meus irmãos teriam que aguentar estar com alguém assim, é claro — Hasar continuou — mas eles não são homens de sangue fraco como você pode acreditar. — Um olhar para Kashin, que pareceu fingir não ouvir, mesmo quando Arghun bufou.

Yrene se perguntou se os outros sabiam quão versado Kashin era de afugentar suas provocações – que ele nunca se abateu por causa disso simplesmente porque não se incomodava em se importar

Chaol respondeu Hasar com igual brandura:

— Tão interessante quanto seria ver Aelin Galathynius lidar com todos vocês... — Um sorriso secreto e deliberado, como se Chaol pudesse apreciar bastante essa visão. Como se Aelin pudesse muito bem fazer um esporte sanguíneo com todos eles. — O casamento não é uma opção para ela.

As sobrancelhas de Hasar se ergueram.

— Com um homem?

Renia lhe deu um olhar afiado que Hasar ignorou.

Chaol riu.

— Com ninguém. Além de seu amado.

— Rei Dorian — disse Arghun, girando seu vinho. — Estou surpreso que ela possa aguentar a *ele*.

Chaol endureceu, mas balançou a cabeça.

— Não. Outro príncipe estrangeiro e poderoso.

Todos os membros da realeza silenciaram. Mesmo Kashin olhou para eles.

— E quem, pelo amor, seria esse? — Hasar sorveu seu vinho, aqueles olhos afiados escurecendo.

— Príncipe Rowan Whitethorn, de Doranelle. Ex-comandante da Rainha Maeve e membro da família real.

Yrene poderia jurar que o sangue drenou completamente do rosto de Arghun.

— Aelin Galathynius vai se casar com Rowan Whitethorn?

Pela maneira como o príncipe disse o nome... ele realmente ouvira falar desse Rowan.

Chaol mencionou Rowan mais de uma vez de passagem – Rowan, que conseguiu curar muito do dano de sua coluna vertebral. Um príncipe feérico. E o amado de Aelin.

Chaol deu de ombros.

— Eles são *carranam*, e ele fez o juramento de sangue para ela.

— Ele fez esse juramento a Maeve — retrucou Arghun.

Chaol recostou-se no assento.

— Ele fez. E Aelin conseguiu que Maeve o libertasse para que ele pudesse jurar a ela. Bem na cara de Maeve.

Arghun e Hasar trocaram olhares.

— Como? — exigiu o primeiro.

Um canto da boca de Chaol se ergueu.

— Pela mesma maneira como Aelin alcança todos os seus fins. — Ele levantou suas sobrancelhas. — Ela cercou a cidade de Maeve com fogo. E quando Maeve lhe disse que Doranelle era feita de pedra, Aelin simplesmente respondeu que seu povo, não.

Um arrepio serpenteou pela espinha de Yrene.

— Então ela é uma bruta e uma louca — Hasar fungou.

— É? Quem mais assustou Maeve e saiu andando, e muito menos conseguiu o que queria?

— Ela teria destruído uma cidade inteira por um homem — disse Hasar.

— O macho feérico de sangue puro mais poderoso do mundo — disse Chaol, simplesmente. — Um recurso digno para qualquer corte. Especialmente quando se apaixonaram um pelo outro.

Embora seus olhos dançassem enquanto falava, um tremor de tensão correu sob as últimas palavras.

Mas Arghun aproveitou as palavras.

— Se é uma jogada de amor, eles arriscam que seus inimigos vão atrás dele para puni-la. — Arghun sorriu como se quisesse dizer que já estava pensando em fazê-lo.

Chaol bufou, e o príncipe endireitou-se.

— Boa sorte para quem tentar ir atrás de Rowan Whitethorn.

— Porque Aelin vai queimá-los e deixá-los em cinzas? — Hasar perguntou com uma doçura envenenada.

Mas foi Kashin que respondeu suavemente:

— Porque Rowan Whitethorn sempre será aquele que se afastará desse encontro. Não o agressor.

Um momnto de silêncio.

— Bem, se Aelin não pode representar seu continente, talvez nós procuremos em outro lugar — Hasar falou então. Ela sorriu para Kashin. — Talvez Yrene Towers possa ser oferecida no lugar da rainha.

— Eu não sou nascida nobre — disse Yrene. — Ou da realeza. — Hasar perdera a cabeça.

— Tenho certeza de que lorde Westfall, como Mão, pode conseguir-lhe um título. Fazer de você uma condessa ou duquesa ou qualquer um dos termos que vocês usem. Claro, nós saberíamos que você é pouco mais do que uma leiteira vestida em joias, mas se ficasse entre nós... Tenho certeza de que há alguns aqui que não se importariam com seu começo humilde. — Ela fizera tanto com Renia – para Renia.

A diversão desapareceu do rosto de Chaol.

— Parece que agora quer ser parte desta guerra, princesa.

Hasar acenou com a mão.

— Estou apenas meditando sobre as possibilidades. — Ela examinou Yrene e Kashin, e a comida no estômago de Yrene ficou como chumbo. — Eu sempre disse que vocês teriam crianças tão bonitas.

— Se tivessem permissão do seu futuro khagan para viver.

— Uma pequena consideração – a ser tratada mais tarde.

Kashin inclinou-se para frente, com a mandíbula apertada.

— O vinho sobe à sua cabeça, irmã.

Hasar revirou os olhos.

— Por que não? Yrene é a herdeira não dita da Torre. É uma posição de poder – e se lorde Westfall lhe atribuísse um título real... digamos, contasse uma historinha de que sua linhagem real foi descoberta recentemente, ela poderia muito bem casar com você, Ka...

— Ela casará.

As palavras de Chaol eram lisas. Duras.

Cor manchou o rosto de Kashin enquanto perguntava suavemente:

— E por que, lorde Westfall?

Chaol segurou o olhar do homem.

— Ela não se casará com você.

Hasar sorriu.

— Acho que a moça pode falar por si mesma.

Yrene queria arrastar a cadeira para a piscina e afundar até o fundo. E morar lá, sob a superfície, para sempre. Ao invés de encarar o príncipe que esperava por uma resposta, a princesa que sorria como um demônio e o lorde cujo rosto estava duro de raiva.

Mas se fosse uma oferta séria, se fazer algo assim pudesse levar o pleno poder dos exércitos do continente do sul para ajudá-los, salvá-los...

— Nem sequer considere isso — disse Chaol, calmamente. — Ela está cheia de merda.

As pessoas engasgaram. Hasar ladrou uma risada.

— Você vai falar com respeito à minha irmã, ou vai se encontrar novamente com pernas que não funcionam — Arghun falou.

Chaol os ignorou. As mãos de Yrene tremiam o suficiente para que as deslizasse para debaixo da mesa.

Teria a princesa a trazido aqui para encurralá-la a concordar com essa ideia absurda ou foi simplesmente um capricho, um pensamento ocioso para provocar e atormentar lorde Westfall?

Chaol parecia estar prestes a abrir a boca para dizer mais, para afastar essa ideia ridícula de sua cabeça, mas ele hesitou.

Não porque concordasse, percebeu Yrene, mas porque queria dar-lhe espaço para escolher por si mesma. Um homem que costumava dar ordens, ser obedecido. E, no entanto, Yrene teve a sensação de que isso, também, era novo para ele. A paciência; a confiança.

E ela confiou nele. Para fazer o que ele precisava. Para encontrar uma maneira de sobreviver a esta guerra, fosse com este exército ou outro. Se não acontecesse aqui, com essas pessoas, ele navegaria para outro lugar.

Yrene olhou para Hasar, para Kashin e para os outros, alguns sorrindo, alguns trocando olhares desgostosos. Arghun acima de todos. Revoltado ao pensamento de sujar a linhagem de sua família.

Ela confiava em Chaol.

Não confiava nessa realeza.

Yrene sorriu para Hasar, depois para Kashin.

— Esta é uma conversa séria demais para o meu aniversário. Por que eu deveria escolher um homem esta noite, quando tenho tantos

belos em minha companhia agora?

Ela poderia ter jurado que um estremecimento de alívio passou por Chaol.

— De fato — Hasar falou, seu sorriso afiado. Yrene tentou não recuar às presas invisíveis reveladas naquele sorriso. — Noivados são coisas bastante odiosas. Olhe para a pobre Duva, presa com aquele tedioso príncipe de olhos tristes.

E então a conversa mudou. Yrene não olhou para Kashin ou para os outros. Ela olhou apenas para seu cálice constantemente reabastecido – e bebeu. Ou para Chaol, que parecia meio inclinado a dar a volta em Yrene e virar a cadeira de Hasar na piscina.

Mas a refeição passou, e Yrene continuou bebendo, o suficiente para que, quando parou após a sobremesa, ela não tivesse percebido exatamente o quanto tinha bebido. O mundo inclinou-se e balançou, e Chaol a estabilizou com uma mão no cotovelo, mesmo que ele não estivesse tão firme em seus pés.

— Parece que eles não aguentam muito licor no norte — Arghun comentou com um resmungo.

Chaol riu.

— Eu recomendaria nunca dizer isso a alguém de Terrasen.

— Suponho que não haja mais nada a se fazer além de beber quando se vive entre neve e ovelhas — Arghun falou arrastado, descansando em sua cadeira.

— Pode ser — disse Chaol, colocando um braço nas costas de Yrene para guiá-la para as árvores e tendas — mas não impedirá que Aelin Galathynius ou Aedion Ashryver bebam mais que você numa mesa.

— Ou numa cadeira? — Hasar murmurou para Chaol.

Talvez fosse o vinho. Talvez fosse o calor, ou a mão em suas costas, ou o fato de que este homem ao seu lado tivesse lutado e lutado e nunca se queixado sobre isso.

Yrene pulou para a princesa.

E embora Chaol pudesse ter decidido não empurrar Hasar para a piscina atrás dela, Yrene não tinha tantas dúvidas sobre fazê-lo ela mesma. Em um momento, Hasar estava sorrindo para ela.

No seguinte, suas pernas, saias e joias foram para o céu, seu grito atravessava as dunas enquanto Yrene empurrava a princesa, com cadeira e tudo, na água.

Capítulo 45

Yrene sabia que ela era uma mulher morta.

Sabia no momento em que Hasar atingiu a água escura e todos se puseram em pé, gritando e sacando lâminas.

Chaol tinha Yrene atrás de si em um instante, a espada meio desembainhada – uma lâmina que ela nem o vira alcançar antes de estar na mão dele.

A piscina não era profunda, e Hasar rapidamente colocou-se em pé, encharcada e furiosa, com os dentes à mostra e os cabelos totalmente escorridos quando apontou para Yrene.

Ninguém falou.

Ela apontou e apontou, e Yrene preparou-se para a ordem da morte.

Eles a matariam e depois matariam Chaol por tentar salvá-la.

Ela sentiu que ele avaliava todos os guardas, os príncipes, os vizires. Todas as pessoas que se interporiam no caminho para os cavalos, todas as pessoas que poderiam lutar.

Mas um som baixo, efervescente, soou atrás de Yrene.

Ela olhou para ver Renia segurando a barriga, a outra mão sobre a boca, enquanto olhava para sua amante e *uivava*.

Hasar girou para Renia, que apenas esticou um dedo, apontando e rugindo com gargalhadas. Lágrimas saíam dos olhos da mulher.

Então Kashin inclinou a cabeça para trás e gritou de diversão.

Yrene e Chaol não se atreveram a se mexer.

Não até Hasar empurrar um criado que se lançou na piscina para ajudá-la, recuou para a borda pavimentada, e se virou para Yrene com morte nos olhos e a ira total de todos os poderosos khagans antes dela.

Silêncio de novo.

Mas então a princesa bufou.

— Eu estava me perguntando quando você criaria coragem.

Ela se afastou, água pingando, Renia uivando novamente.

Yrene pegou o olhar de Chaol – observou-o lentamente soltar a mão da espada. Observou suas pupilas se encolherem novamente. Observou-o perceber..

Eles não morreriam.

— Com isso — Yrene falou baixinho — acho que é hora de ir para a cama.

Renia pausou a risada o suficiente para dizer:

— Eu iria antes que ela volte.

Yrene assentiu e conduziu Chaol pelo pulso de volta para as árvores escuras e as tochas.

Ela não podia deixar de se perguntar se a risada de Renia e Kashin tinha sido, em parte, diversão verdadeira, mas também um presente. Um presente de aniversário, para mantê-los fora da força. Das duas pessoas que melhor entendiam quão mortal o humor de Hasar poderia ser.

Manter a cabeça, decidiu Yrene, era um presente de aniversário muito bom.

Seria fácil para Chaol rugir para Yrene. Exigir como ela pôde *pensar* em arriscar sua vida. Meses atrás, ele teria feito isso. Inferno, ele ainda estava debatendo.

Mesmo quando entraram na espaçosa tenda, ele continuou acalmando os instintos que vieram berrando para a superfície no momento em que aqueles guardas pressionaram e alcançaram suas espadas.

Uma pequena parte dele estava profundamente agradecida, quase de joelhos, que nenhum desses guardas fosse um daqueles com que ele treinara nas últimas semanas – que ele não tinha sido forçado a fazer essa escolha, cruzar essa linha entre eles.

Mas ele viu o terror aos olhos de Yrene. No momento em que ela percebeu o que estava para acontecer, o que teria acontecido se a amante da princesa e Kashin não tivessem entrado para desarmar a situação.

Chaol sabia que Yrene tinha feito isso por ele.

Pelo sarcasmo e insulto odioso.

E pelo jeito como ela entrou na própria tenda, dirigindo-se para os sofás e mesas e almofadas...

Chaol também sabia que ela estava bem ciente do resto.

Ele tomou um assento no braço entalhado de uma cadeira, inclinando a bengala ao lado, e esperou.

Yrene girou em direção a ele, deslumbrante naquele vestido roxo que quase o derrubou de joelhos quando ela emergiu pela primeira vez da tenda. Não apenas por quão bem ela se adequava a ele, mas as faixas de pele exposta. As curvas. A luz e a cor dela.

— Antes que comece a gritar — declarou Yrene — devo dizer que o que aconteceu é prova de que eu não deveria casar com um príncipe.

Chaol cruzou os braços.

— Tendo vivido com um príncipe durante a maior parte da minha vida, eu diria o contrário.

Ela acenou com a mão, passando a andar mais.

— Eu sei que foi estúpido.

— Incrivelmente.

Yrene sibilou – não para ele. A memória. O temperamento.

— Não me arrependo.

Um sorriso puxou sua boca.

— É uma imagem que provavelmente me lembrarei pelo resto da minha vida.

Ele lembraria. A maneira como os pés de Hasar haviam passado por cima de sua cabeça, o rosto gritando antes de acertar a água...

— Como você pode estar tão entretido?

— Oh, eu não estou. — Seus lábios estavam realmente formando um sorriso. — Mas certamente é divertido ver que esse seu mau temperamento se voltando contra alguém que não eu.

— Eu não tenho mau temperamento.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Conheci um número razoável de pessoas com mau temperamento, e o seu, Yrene Towers, está entre os maiores.

— Como Aelin Galathynius.

Uma sombra passou por seu rosto.

— Ela teria gostado muito da visão de Hasar dando uma cambalhota forçada na piscina.

— Ela realmente vai se casar com esse príncipe feérico?

— Talvez. Provavelmente.

— Você está chateado com isso?

E embora ela perguntasse casualmente, aquela máscara de curandeira, um retrato de calma e curiosidade, ele escolheu suas palavras cuidadosamente.

— Aelin foi muito importante para mim. Ela ainda é – embora de uma maneira diferente. E por um tempo... não foi fácil mudar os sonhos que planejei para o meu futuro. Especialmente os sonhos com ela.

Yrene inclinou a cabeça, a luz da lanterna dançando em seus cachos suaves.

— Por quê?

— Porque quando conheci Aelin, quando me apaixonei por ela, ela não era... Ela usava outro nome. Outro título e identidade. E as coisas entre nós desmoronaram antes que eu soubesse a verdade, mas... acho que sabia. Quando eu soube que ela era na verdade Aelin. Eu sabia que entre ela e Dorian, eu...

— Você nunca deixaria Adarlan. Ou ele.

Ele brincou com a bengala ao lado dele, passando as mãos pela madeira lisa.

— Ela também sabia disso. Muito antes de mim. Mas ela ainda... Ela saiu, em um ponto. É uma longa história, mas ela foi para Wendlyn sozinha. E foi lá que conheceu o Príncipe Rowan. E por respeito a mim, porque não tínhamos realmente terminado, ela esperou. Por ele. Ambos fizeram. E quando ela voltou para Forte da Fenda, terminou. Entre nós, quero dizer. Oficialmente. Pessimamente. Eu lidei muito mal com isso, e ela também, e só... Nós só selamos nossa paz antes de nos separarmos há alguns meses. E eles partiram juntos. Como deveria ser. Eles são... Se você os conhecer, entenderá. Como Hasar, ela não é uma pessoa fácil de

se estar, de entender. Aelin assusta a todos. — Ele bufou. — Mas não ele. Acho que é por isso que ela se apaixonou por ele, contra suas melhores intenções. Rowan viu tudo o que Aelin era e é, e não estava com medo.

Yrene ficou quieta por um momento.

— Mas você estava?

— Foi um... período difícil para mim. Tudo o que sabia foi destruído. Tudo. E ela... acho que coloquei uma grande carga de culpa sobre ela. Comecei a vê-la como um monstro.

— E ela é?

— Depende de quem está contando a história, suponho. — Chaol estudou o padrão intrincado do tapete vermelho e verde sob suas botas. — Mas eu não penso assim. Não há mais ninguém em quem eu confiaria para lidar com essa guerra. Ninguém mais em quem eu confiaria contra toda Morath, além de Aelin. Até mesmo Dorian. Se houver algum jeito de vencer, ela vai descobri-lo. Os custos podem ser altos, mas ela pagará. — Ele balançou a cabeça. — E é o seu aniversário. Provavelmente devemos falar de coisas mais agradáveis.

Yrene não sorriu.

— Você esperou por ela enquanto ela foi embora. Não foi? Mesmo sabendo o que – quem – ela realmente era.

Ele não admitira isso nem mesmo para si próprio.

Sua garganta apertou.

— Sim.

Ela estudou agora aquele tapete tecido debaixo deles.

— Mas você... você ainda a ama?

— Não — ele disse, e era verdade. Ele acrescentou suavemente: — Nem Nesryn.

Ela ergueu as sobrancelhas, mas ele passou a mão pela bengala, gemendo suavemente enquanto se levantava e abria caminho para ela. Ela examinou cada movimento, incapaz de deixar a cura, seus olhos percorrendo as pernas, o tronco, o jeito como ele segurava a bengala.

Chaol parou a um passo de distância, puxando um pequeno pacote para fora do bolso. Silenciosamente, ele o estendeu a ela, o veludo preto ondulando como as dunas atrás deles.

— O que é isso?

Ele apenas estendeu o tecido dobrado.

— Eles não tinham uma caixa que eu gostasse, então usei o pano.

Yrene tirou-o de sua mão, seus dedos tremendo levemente quando dobrou as bordas do pacote que ele carregara o dia todo.

À luz do lampião, o medalhão de prata cintilava e dançava ao ser erguido entre seus dedos, os olhos arregalados.

— Não posso aceitar isso.

— É melhor aceitar — ele disse enquanto ela abaixava o medalhão oval na palma da mão para examiná-lo. — Mandei gravar suas iniciais nele.

De fato, ela já traçava as letras que ele pedira ao joalheiro em Antica para gravar na frente. Ela virou-o para a parte de trás...

Yrene colocou uma mão na garganta, bem sobre aquela cicatriz.

— Montanhas. E mares — ela sussurrou.

— Para que você nunca esqueça que as escalou e os atravessou. Que você – você sozinha – conseguiu chegar aqui.

Ela soltou uma risada pequena e suave – um som de pura alegria. Ele não podia permitir-se identificar outro som dentro disso.

— Eu o comprei — afirmou Chaol — para que você possa guardar seja lá o que sempre carrega no bolso. Assim não precisa continuar movendo-o de vestido para vestido. O que quer que seja.

Surpresa iluminou seus olhos.

— Você sabe?

— Eu não sei o que é, mas vejo você segurando algo lá o tempo todo.

Ele calculou que fosse pequeno e baseou o tamanho do medalhão nisso. Nunca viu uma forma ou peso em seus bolsos para sugerir o seu volume, e estudou outros objetos que ela colocou lá dentro enquanto trabalhava nele – papéis, frascos – contra a pouca espessura do objeto. Talvez fosse uma mecha de cabelo, alguma pedrinha...

— Não é nada tão bom quanto uma festa no deserto...

— Ninguém me deu um presente desde os meus onze anos.

Desde sua mãe.

— Um presente de aniversário, quero dizer — ela esclareceu. — Eu...

Ela deslizou a fina corrente de prata do medalhão sobre a cabeça, os elos enroscando nos cachos perdidos e brilhosos. Ele observou-a levantar a massa de seus cabelos sobre a corrente, e arrumando o cabelo até o medalhão repousar no alto de seus seios.

Contra o mel de sua pele, o medalhão era como mercúrio. Ela passava seus dedos finos sobre a superfície gravada.

O peito de Chaol apertou enquanto ela levantava a cabeça, e ele encontrou prata alinhando seus olhos.

— Obrigada — ela falou suavemente.

Ele deu de ombros, incapaz de responder.

Yrene apenas se aproximou, e ele se mexer, preparou-se enquanto as mãos lhe seguravam o rosto. Como ela olhou nos olhos dele.

— Fico feliz — ela sussurrou — que você não ame essa rainha. Ou Nesryn.

Seu coração trovejou por cada centímetro dele.

Yrene ergueu os dedos dos pés e lhe deu um beijo, leve como uma carícia, na boca. Nunca quebrando o olhar dele.

Ele leu as palavras não ditas lá. Se perguntou se ela também leu aquelas que não foram expressas por ele.

— Eu o apreciarei para sempre — Yrene falou, e ele sabia que ela não falava sobre o medalhão. Não quando ela abaixou uma mão de seu rosto para seu peito. Em cima de seu coração furioso. — Não importa o que aconteça ao mundo. — Outro beijo de leve. — Não importa os oceanos, montanhas ou florestas no caminho.

Nada mais o segurava. Deixando sua bengala bater no chão, Chaol passou uma mão ao redor de sua cintura, seu polegar acariciando a pele desnuda revelada pelo vestido. O outro, ele mergulhou naquele cabelo lindo e pesado, agarrando a parte de trás da cabeça dela enquanto

inclinava seu rosto para cima. Para estudar aqueles olhos castanhos dourados, a emoção que fervilhando neles.

— Também fico feliz por não amá-las, Yrene Towers — ele sussurrou em seus lábios.

Então sua boca estava sobre a dela, e ela se abriu para ele, o calor e a seda dela trazendo um gemido do fundo de sua garganta.

As mãos dela acariciaram seus cabelos, os ombros, o peito e o pescoço. Como se ela não pudesse tocá-lo o suficiente.

Chaol se divertiu com os dedos que ela cravou em suas roupas, como se fossem garras à procura de carne. Ele deslizou a língua contra a dela, e seu gemido enquanto ela se empurrava contra ele...

Chaol recuou-os em direção à cama, os lençóis brancos quase brilhando à luz do lampião, sem se importar como seus passos desiguais, vacilantes. Não com esse vestido pouco mais do que teias de aranha e névoa, não quando ele nunca tirou a boca da dela, permanecia incapaz de tirar a boca da dela.

Os joelhos de Yrene atingiram o colchão atrás deles, e ela afastou seus lábios o suficiente para protestar:

— Suas costas...

— Eu lidarei com isso. — Ele inclinou a boca sobre a dela novamente, seu beijo atingindo sua própria alma.

Dele. Ela era dele, e ele nunca tivera nada que pudesse chamar assim. Que quisesse chamar assim.

Chaol não conseguiu arrancar a boca da de Yrene o suficiente para perguntar se ela o considerava dela. Para explicar que ele já sabia sua própria resposta. Talvez tivesse sabido desde o momento em que ela entrou na sala de estar e não olhou para ele com piedade ou tristeza.

Ele a cutucou com uma pressão de seus quadris, e ela deixou que ele a colocasse sobre a cama gentilmente – e reverentemente.

O puxão que ela lhe deu, levando-o para cima dela, era qualquer coisa menos gentil.

Chaol bufou uma risada contra seu pescoço quente, a pele mais macia que seda, enquanto ela remexia seus botões, suas fivelas. Ela se contorceu contra ele, e enquanto ele colocava seu peso sobre ela, cada parte dura dele se alinhando com tantas partes suaves dela...

Ele ia voar para fora de sua pele.

A respiração de Yrene era forte e irregular contra sua orelha, suas mãos puxando desesperadamente a camisa, tentando deslizar para trás.

— Eu pensaria que você estava cansada de tocar minhas costas.

Ela o calou com um beijo que o fez esquecer como falar por um tempo.

Esquecer seu nome e seu título e tudo menos ela.

Yrene.

Yrene.

Yrene.

Ela gemeu quando ele passou a mão pela sua coxa, mostrando sua pele sob as dobras desse vestido. Quando ele fez isso com a outra perna. Quando beliscou a boca e traçou círculos preguiçosos com os dedos sobre aquelas lindas coxas, começando ao longo de sua borda externa e arqueando para...

Yrene não apreciou a brincadeira.

Não enquanto ela envolveu uma mão ao redor dele, e todo o corpo dele se curvou ao toque, à sensação.

Não apenas uma mão acariciando-o, mas *Yrene* fazendo isso...

Ele não podia pensar, não podia fazer nada, além de aproveitar e tocar e se render.

E ainda...

Ele encontrou palavras. Encontrou como falar novamente. Tempo suficiente para perguntar:

— Você já...

— Sim. — A palavra era um ofego áspero. — Uma vez.

Chaol empurrou contra a ondulação da escuridão, a linha naquela garganta. Ele apenas a beijou. Lambeu.

Então perguntou contra sua pele, sua boca contornando a mandíbula:

— Você quer...

— *Continue.*

Mas ele fez uma pausa. Forçou-se se levantar para olhar o rosto dela, as mãos sobre as suas coxas lisas e a mão dela ainda agarrando-o, acariciando-o.

— Sim, então?

Os olhos de Yrene eram chamuscas douradas.

— Sim — ela respirou. Ela se inclinou, beijou-o gentilmente. Não leve, mas docemente. Abertamente. — Sim.

Um estremecimento passou por ele às palavras, e ele agarrou sua coxa bem no encontro de seu quadril.

Yrene soltou-o para levantar os quadris, arrastando-se sobre ele. Sentindo-o, com apenas seu fino vestido entre eles. Nada abaixo.

Chaol deslizou-o para o lado, acumulando o material em sua cintura. Ele mergulhou a cabeça, ansioso para procurar o máximo, então tocar e experimentar e aprender o que fazia Yrene Towers perder completamente o controle...

— Mais tarde — implorou Yrene com voz rouca. — Mais tarde.

Ele não conseguiu negar nada a ela. Essa mulher que segurava tudo o que ele era, tudo o que ele tinha, em suas mãos lindas.

Então, Chaol tirou a camisa, suas calças a seguindo com algumas manobras mais complicadas. Então ele removeu aquele vestido dela, deixando-o em pedaços no chão ao lado da cama.

Até que Yrene usava apenas esse medalhão. Até que Chaol examinou cada centímetro dela e encontrou-se incapaz de respirar.

— Eu a apreciarei para sempre — sussurrou Chaol enquanto deslizava para dentro dela, lenta e profundamente. Prazer ondulou em sua espinha dorsal. — Não importa o que aconteça ao mundo. — Yrene beijou seu pescoço, seu ombro, sua mandíbula. — Não importa os oceanos, montanhas ou florestas no caminho.

Chaol segurou o olhar de Yrene enquanto se acalmava, deixando-a se ajustar. Permitindo que *ele* se ajustasse à sensação de que todo eixo do mundo havia mudado. Olhando para aqueles olhos dela, nadando com brilho, ele se perguntou se ela sentia o mesmo.

Mas Yrene beijou-o novamente, em resposta silenciosa. E quando Chaol começou a se mover dentro dela, percebeu que aqui, entre as dunas e as estrelas... Aqui, no coração de uma terra estrangeira... Aqui, com ela, ele estava em casa.

Capítulo 46

Aquilo a quebrou, a desfez, e a fez renascer.

Espalhada sobre o peito de Chaol horas depois, ouvindo seus batimentos cardíacos, Yrene ainda não tinha palavras para o que aconteceu entre eles. Não a união física, não os assaltos repetidos, mas simplesmente a sensação *dele*. De pertencimento.

Ela não sabia que poderia ser assim. Sua rápida e não impressionante primeira vez, fora apenas no último outono, e a deixou sem pressa de tentar novamente. Mas isso...

Ele se certificara de que ela encontrasse seu prazer. Repetidamente. Antes de procurar o seu próprio.

E, além disso, as *coisas* que ele a fez sentir...

Não apenas como resultado de seu corpo, mas quem ele era...

Yrene pressionou um beijo preguiçoso no músculo esculpido do peito de Chaol, saboreando os dedos que ele ainda passava por sua coluna, para cima e para baixo.

Era segurança, alegria e conforto, e conhecimento de que, não importa o que acontecesse... Ele não reclamaria. Não quebraria. Yrene roçou seu rosto contra ele.

Era perigoso, ela sabia, sentir essas coisas. Ela sabia o que havia em seus olhos quando olhava para ele. O coração que ela ofereceu sem dizer mais. Contudo, ver aquele medalhão que ele de alguma forma descobrira e pensara tanto sobre... Suas iniciais estavam lindamente gravadas, mas as montanhas e as ondas... era um trabalho impressionante, feito por um mestre joalheiro em Antica.

— Eu não fiz isso sozinha — murmurou Yrene contra sua pele.

— Hmm?

Ela passou os dedos pelos sulcos do estômago de Chaol antes de se apoiar em um cotovelo para estudar o rosto dele na escuridão. Os lampiões há muito haviam sido apagados, e o silêncio se instalara no acampamento, substituindo o zumbido dos besouros nas palmeiras.

— Chegar aqui. As montanhas sim, mas os mares... Alguém me ajudou.

O alerta envolveu aqueles olhos saciados.

— É?

Yrene abriu o medalhão. Entre assaltos de amor, quando ela moveu a bengala dele para fácil alcance a partir da cama, ela deslizara o pequeno bilhete para dentro do compartimento. O ajuste tinha sido perfeito.

— Eu estava presa em Innish, sem como sair. E uma noite, essa estranha apareceu na pousada. Ela era... tudo o que eu não era. Tudo o que eu tinha esquecido. Estava esperando um barco, e durante as três noites em que esteva lá, acho que *queria* que os mercenários tentassem roubá-la – ela estava provocando uma briga. Mas ela manteve distância. Fiquei para limpar tudo sozinha naquela noite...

A mão de Chaol ficou tensa em suas costas, mas ele não disse nada.

— E os mercenários que me deram uma hora difícil mais cedo naquela noite me encontraram no beco.

Ele ficou completamente quieto.

— Eu acho – eu *sei* o que eles queriam... — Ela sacudiu o aperto gelado de horror, mesmo todos esses anos depois. — A mulher, menina, seja lá o que fosse, interrompeu antes que pudessem tentar. Ela... lidou com eles. E quando terminou, me ensinou a me defender.

A mão dele começou a acariciá-la novamente.

— Então foi assim que você aprendeu.

Ela passou a mão pela cicatriz no pescoço.

— Mas outros mercenários, amigos dos primeiros, voltaram. Um segurou uma faca contra a minha garganta para que ela soltasse suas armas. Ela se recusou a fazê-lo. Então usei o que ela me ensinou para desarmar e incapacitar o homem.

Ele soprou uma respiração impressionada que bagunçou seus cabelos.

— Para ela, foi um teste. Ela estava ciente do segundo grupo circulando e me disse que queria que eu tivesse uma experiência *controlada*. Eu nunca tinha ouvido nada mais ridículo. — A mulher tinha sido brilhante ou louca. Provavelmente ambos. — Mas ela me falou... me falou que era melhor ser infeliz nas ruas de Antica do que em Innish. E se eu quisesse vir pra cá, deveria vir. Que se eu quisesse algo, deveria tomar. Me disse para lutar pela minha vida miserável.

Yrene tirou o cabelo suado da frente dos olhos.

— Eu a curei e ela seguiu seu caminho. E quando voltei ao meu quarto... Ela havia deixado uma bolsa de ouro. E um broche dourado com um rubi do tamanho de um ovo de ganso. Para pagar minha passagem para cá, e qualquer taxa de matrícula na Torre.

Ele piscou de surpresa. Yrene sussurrou, a voz quebrando:

— Acho que ela era uma deusa. Eu... eu não sei quem faria isso. Tenho pouco ouro restando, mas o broche... Eu nunca o vendi. Ainda o tenho.

Ele franziu a testa para o colar, como se tivesse julgado mal seu tamanho.

— Não é o que eu mantenho no bolso. — Yrene acrescentou. As sobranceiras dele se ergueram. — Eu deixei Innish naquela manhã. Peguei o ouro e o broche e embarquei em um navio para cá. Então cruzei as montanhas por mim mesma, sim, mas o Mar Estreito... — Yrene traçou as ondas no medalhão. — Eu o atravessei por causa dela. Ensino as mulheres na Torre porque ela me disse para compartilhar o conhecimento com qualquer mulher que quisesse ouvir. Ensino porque isso me faz sentir que a estou pagando de volta, de alguma maneira.

Yrene passou o polegar sobre as iniciais na frente do colar.

— Eu nunca aprendi o nome dela. Ela só deixou um bilhete com duas linhas. *Para onde precisar ir – e mais um pouco. O mundo precisa de mais curandeiros.* É isso o que fica no meu bolso, aquele pequeno pedaço de papel. O que agora está aqui dentro. — Yrene tocou o medalhão. — Eu sei que é bobo, mas me deu coragem. Quando as coisas foram difíceis, ele me deu coragem. Ainda dá.

Chaol tirou os fios de cabelo de sua sobranceira e beijou-a.

— Não há nada bobo sobre isso. E quem quer que ela seja... Eu serei eternamente grato.

— Eu também — murmurou Yrene enquanto ele deslizava a boca sobre a mandíbula dela e seus dedos dos pés se enrolavam. — Eu também.

Capítulo 47

A passagem entre os picos gêmeos de Dagul era maior do que parecia.

Continuava por muito tempo, um labirinto crescente de rochas irregulares.

Nesryn e Sartaq não se atreveram a parar.

Teias às vezes bloqueavam seu caminho, ou pairavam acima, mas ainda assim eles seguiam adiante, buscando qualquer caminho para cima. Para onde Kadara poderia levá-los para o céu.

Já aqui embaixo, com as paredes estreitas da passagem, a ruk não conseguia alcançá-los. Se fosse para ter uma chance de serem resgatados, eles teriam que encontrar um caminho para cima.

Nesryn não se atreveu a deixar Falkan sair – ainda não. Não quando tantas coisas ainda podiam dar tão erradas, e deixando as aranhas saberem o tipo de carta que tinham na manga... Não, ainda não arriscaria usá-lo.

Mas a tentação a atiçava. As paredes eram lisas, mal adaptadas para escalar, e quando se apressavam através da passagem, hora após

hora, as respirações úmidas e laboriosas de Sartaq ecoavam na rocha.

Ele não estava em forma para escalar. Mal conseguiu ficar ereto ou segurar sua espada.

Nesryn manteve uma flecha pronta para voar enquanto dobravam esquina após esquina, olhando para cima constantemente.

A passagem era tão apertada em certos pontos que eles tinham que se apertar, o céu um gotejamento aquoso acima.

Eles não falaram, não se atreviam a fazer mais do que respirar enquanto mantinham seus passos leves.

Não fez diferença. Nesryn sabia que isso fez pouca diferença.

Uma armadilha havia sido armada para eles, e eles haviam caído. As *kharankui* sabiam onde eles estavam. Provavelmente os seguiam, organizavam-se.

Passaram-se horas desde que ouviram pela última vez a batida das asas de Kadara.

E a luz... estava começando a desaparecer.

Uma vez que a escuridão caísse, uma vez que o caminho ficasse escuro demais para saberem por onde iam... Nesryn apertou uma mão em Falkan, ainda em seu bolso. Quando a noite começasse, ela decidiu, seria quando o usaria.

Eles atravessaram uma passagem particularmente apertada entre dois pedregulhos, Sartaq grunhindo atrás dela.

— Temos que estar perto do fim — ele respirou.

Ela não lhe disse que duvidava que as aranhas fossem estúpidas o suficiente para permitir que eles corressem de um lado ao outro da passagem e entrassem nas garras de Kadara. Se a ruk machucada pudesse até mesmo aguentar o peso deles.

Nesryn apenas empurrou para dentro, a passagem se tornando uma fração mais larga, contando suas respirações. Elas eram provavelmente umas das últimas...

Pensar dessa forma não ajudava nada e ninguém. Ela vira a morte neste verão, quando aquela onda de vidro quebrara em sua direção. A viu descer, e tinha sido salva.

Talvez ela tivesse sorte de novo, também.

Sartaq tropeçou atrás dela, respirando com dificuldade. Água. Eles precisavam desesperadamente de água e bandagens para suas feridas. Se as aranhas não os encontrassem, então a falta de água no caminho árido poderia muito bem matá-los primeiro. Muito antes que qualquer ajuda chegasse do rukhin Eridun.

Nesryn forçou um passo na frente de outro, o caminho estreitando novamente, a rocha tão apertada quanto um torno. Ela se virou de lado, atravessando, suas espadas raspando.

Sartaq grunhiu e depois soltou um xingamento dolorido.

— Estou preso.

Ela o achou realmente preso atrás dela, seu peito e ombros largos travados entre as paredes. Ele se forçou para frente, sangue escorrendo de suas feridas enquanto ele empurrava e puxava.

— Pare — ela ordenou. — Pare, volte para trás se você puder. — Não havia outro caminho e nada para escalar, mas se eles tirassem as armas...

Seus olhos escuros encontraram os dela. Ela viu as palavras se formando.

Você continua.

— Sartaq — ela respirou.

Eles ouviram então.

Garras clicando em pedra. Deslizando para perto.

Muitas delas. Muitas. Vindo por trás, fechando-os.

Nesryn agarrou a mão do príncipe, puxando.

— Empurre — ela ofegou. — *Empurre.*

Ele resmungou de dor, as veias em seu pescoço saltando enquanto tentava se espremer, suas botas raspando na pedra solta...

Nesryn plantou os pés no chão, apertando os dentes enquanto o puxava para frente.

Clique, clique, clique...

— Mais forte — ela ofegou.

Sartaq inclinou a cabeça, empurrando contra a rocha que o segurava.

— É um bocado grande, nosso convidado — sibilou uma voz feminina macia. — Tão grande que nem pode se encaixar na passagem. Como faremos festa.

Nesryn fez força e mais força, seu aperto traiçoeiramente escorregadio com suor e sangue de ambos, mas ela apertou seu pulso com força suficiente para sentir os ossos se moviam por baixo...

— Vá — ele sussurrou, esforçando-se para atravessar. — Corra.

Falkan se mexia em seu bolso, tentando emergir. Mas com a pedra pressionando seu peito, a passagem era apertada demais para ele passar até a cabeça.

— Um par bonito — aquela fêmea continuou. — Como seu cabelo brilha como uma noite sem lua. Nós devemos levar ambos de volta à

nossa casa, nossos convidados de honra.

Um soluço subiu a garganta de Nesryn.

— Por favor — implorou, examinando a rocha acima deles, a borda no limite superior do passe estreito, os chifres curvos dos picos, puxando e puxando o braço de Sartaq. — *Por favor* — ela implorou, implorou a qualquer um.

Mas o rosto de Sartaq ficou calmo. Tão calmo.

Ele parou de empurrar, parou de tentar passar para frente.

Nesryn balançou a cabeça, puxando o braço dele.

Ele não se moveu. Nenhum centímetro.

Seus olhos escuros encontraram os dela. Não havia medo neles.

Sartaq disse para ela, de maneira clara e firme:

— Ouvi as histórias dos espiões sobre você. A mulher sem medo de Balruhni no Império de Adarlan. Flecha de Neith. E eu sabia...

Nesryn soluçou, puxando e puxando.

Sartaq sorriu para ela – gentilmente. Docemente. De uma forma que ela ainda não tinha visto.

— Eu te amei antes de tê-la visto — ele falou.

— Por favor — chorou Nesryn.

A mão de Sartaq apertou a dela.

— Eu gostaria que tivéssemos tempo.

Um silvo atrás dele, um volume crescente de patas brilhantes e pretas, então o príncipe se foi. Arrancado de suas mãos.

Como se nunca tivesse estado lá.

Nesryn mal podia ver através das lágrimas enquanto contornava e se apertava pela passagem. À medida que se precipitava entre as rochas, braços se esforçando, pés infalíveis.

Continue. A palavra era uma música em seu sangue, seus ossos, enquanto ela mergulhava para dentro da passagem.

Continue e saia; encontre *ajuda*...

Mas a passagem finalmente se abriu aberta em uma câmara mais ampla. Nesryn cambaleou pelo espaço que lhe foi aberto, arquejando, o sangue de Sartaq ainda cobrindo suas palmas, seu rosto ainda nadando diante dela...

A passagem se curvou para frente, e Nesryn tropeçou por ela, voltando a mão para onde Falkan agora colocava a cabeça.

Ela soluçou ao vê-lo, soluçou enquanto os cliques e os silvos começaram a soar novamente atrás dela, aproximando-se mais uma vez.

Tinha acabado. Estava feito, era como se ela o tivesse matado. Ela nunca deveria ter fugido, nunca ter feito nada disso...

Ela correu para a curva na passagem, pedras espalhando-se debaixo de suas botas.

Levar ambos de volta à nossa casa...

Vivos. A aranha tinha falado como se fossem levá-los vivos para seu covil. Para uma breve abertura antes de o banquete começar. E se ela tivesse falado verdade...

Nesryn bateu uma mão sobre um Falkan que se retorcia, ganhando um grito de indignação.

— Ainda não. Ainda não, meu amigo — ela falou, suave como o vento através da grama.

E quando Nesryn desacelerou seus passos, parando completamente, ela sussurrou seu plano para ele.

As kharankui não tentaram esconder sua chegada.

Sibilando e rindo, dobraram a esquina da passagem.

E pararam quando viram Nesryn ofegante de joelhos, sangue saindo dos cortes em seus braços, na clavícula, enchendo o ar apertado com seu perfume. Ela viu as criaturas tomarem o cenário ao redor dela, seu sangue manchando as pedras.

Como se tivesse levado uma queda feia. Como se não pudesse continuar.

Clicando, comunicando-se umas com as outras, elas a cercaram. Uma parede de membros e presas antigas e abdômen inchado, bulboso. E os olhos. Mais olhos do que ela poderia contar, seu reflexo em todos eles.

Seu tremor não foi fingido.

— Uma pena que não tenha dado muito esporte — uma comentou.

— Teremos isso depois — respondeu outra.

Nesryn estremeceu.

Uma suspirou.

— Quão fresco o sangue dela cheira. Quão limpo.

— P-por favor — implorou.

As kharankui apenas riram.

Então a que estava atrás dela saltou.

Derrubando-a contra o xisto, pedra cortando seu rosto, as mãos, Nesryn gritou contra as garras que pressionaram suas costas. Gritou quando conseguiu olhar por cima do ombro para ver as feiras pairando acima das pernas dela.

Para ver a seda que saindo delas, pronta para ser tecida. Para embrulhá-la firmemente.

Capítulo 48

Nesryn acordou com a mordida afiada.

Ela recuou, um grito em seus lábios...

Que morreu quando sentiu os pequenos dentes mordendo seu pescoço, a orelha. Despertando-a.

Falkan. Ela estremeceu, sua cabeça latejando. Bile subiu em sua garganta.

Não estavam devorando-a. Mas a seda prendia seu corpo, os fios grossos soltando um cheiro forte. E a caverna em que ela estava...

Não, não uma caverna. Mas uma seção coberta da passagem. Pouco iluminada pela lua.

Ela examinou a escuridão ao redor, o arco de pedra acima deles com mais de dez metros de largura, mantendo sua respiração estável...

Ali. Esparramado no chão próximo, coberto dos pés ao pescoço com seda. Seu rosto coberto com sangue, olhos fechados...

O peito de Sartaq subiu e desceu.

Nesryn estremeceu com a força de manter seu soluço contido enquanto Falkan deslizava por seu corpo, mastigando os fios com seus dentes afiados.

Ela não precisava dizer ao metamorfo que se apressasse. Examinou a passagem vazia, observou as fracas estrelas além.

Onde quer que estivessem... Era diferente aqui.

A rocha era lisa. Polida. E esculpida. Inúmeras esculturas foram gravadas no espaço, antigo e primitivo.

Falkan mastigava e mastigava, a seda rompendo fita por fita.

— Sartaq — Nesryn ousou sussurrar. — Sartaq. — O príncipe não se mexeu.

Cliques soaram além do arco.

— Pare — ela murmurou para Falkan. — *Pare*.

O metamorfo parou em seu caminho pelas costas dela. Grudou em seus couros enquanto uma sombra mais escura do que a noite surgiu vindo de trás. Ou à frente – ela não tinha ideia de onde estava o norte

verdadeiro. Se eles ainda estavam dentro da passagem em si, ou em outro pico.

A aranha era um pouco maior do que as outras. Sua escuridão mais profunda. Como se a luz das próprias estrelas achassem repugnante tocá-la.

A *kharankui* parou quando notou que Nesryn olhava para ela.

Nesryn controlou sua respiração, reunindo sua mente para encontrar algo para comprar tempo, comprar tempo para Sartaq e Falkan...

— Vocês foram aqueles que se intrometeram em lugares esquecidos — disse a aranha em halha, sua voz linda, lírica.

Nesryn engoliu uma vez, duas vezes, tentando e não conseguindo umedecer sua língua seca como papel.

— Sim. — Ela conseguiu sussurrar.

— O que procuram?

Falkan beliscou suas costas em advertência e ordem. Mantenha-a distraída. Enquanto ele mastigava.

— Nós fomos pagos por um comerciante — Nesryn falou — que negociou com suas irmãs do norte, as aranhas estíguas...

— Irmãs! — A aranha sibilou. — Nossas parentas de sangue, pode ser, mas não verdadeiras irmãs de alma. Tolas gentis, negociando com comerciantes mortais, quando nascemos para *devorar* vocês.

As mãos de Nesryn tremiam atrás de suas costas.

— F-foi por isso que ele nos enviou. Ele não estava impressionado com elas. D-disse que elas não estavam à altura da lenda... — Ela não tinha ideia do que saía de sua boca. — Então ele desejou ver vocês, ver se poderiam neg-g-gociar.

Falkan roçou seu braço em um confortar silencioso.

— Negociar? Não temos nada para negociar, além dos ossos dos seus iguais.

— Não há Seda de Aranha aqui?

— Não. Embora adoremos provar seus sonhos, seus anos. Antes de terminarmos com você.

Elas já tinham feito isso com Sartaq? Era por isso que ele não se mexia? Nesryn se forçou a perguntar enquanto os fios atrás dela eram tão lentamente cortados:

— Então... então o que vocês fazem aqui?

A aranha deu um passo à frente, e Nesryn se preparou. Mas a aranha levantou uma perna fina com garras e apontou para uma das paredes polidas e esculpidas.

— Nós esperamos.

E quando seus olhos finalmente se ajustaram à escuridão, Nesryn viu para o que a aranha apontou.

Uma escultura de um arco – um portão.

E uma figura coberta por uma capa de pé dentro dele.

Ela apertou os olhos, esforçando-se para descobrir quem estava ali.

— Q-quem vocês esperam?

Houlun havia dito que valg já haviam passado por aqui...

A aranha limpou a sujeira sobre a figura. Revelando cabelos longos e fluidos gravados lá.

E o que ela pensava ser uma capa... Era um vestido.

— Nossa rainha — disse a aranha. — Esperamos que a Sua Majestade das Trevas retorne finalmente.

— Não... não Erawan? — servas de uma coroa escura, Houlun tinha dito...

A aranha cuspiu, o veneno acertando o chão perto dos pés cobertos de Sartaq.

— Ele não. Nunca *ele*.

— Então quem...

— Esperamos pela Rainha dos valg — a aranha ronronou, esfregando-se contra a escultura. — Que neste mundo chama a si mesma de Maeve.

Capítulo 49

Rainha dos valg.

— Maeve é rainha dos feéricos — respondeu Nesryn cuidadosamente.

A aranha riu, baixa e perversamente.

— Assim ela os fez acreditar.

Pense, pense, pense.

— Que... que rainha poderosa deve ser — balbuciou Nesryn. — Para reger ambos. — Falkan mastigou furiosamente, cada fio cedendo tão, tão lentamente. — Você vai... vai me contar? A história?

A aranha a estudou, aqueles olhos sem profundidade como poços do inferno.

— Isso não comprará sua vida, mortal.

— Eu... eu sei. — Ela estremeceu ainda mais, as palavras se apressando para sai. — Mas histórias... Sempre amei histórias - dessas terras especialmente. Buscadora do Vento, minha mãe me chamava, porque sempre estava à deriva de onde o vento me levava, sempre sonhando com essas histórias. E aqui... o vento me trouxe aqui. Então eu gostaria de ouvir uma última história, se me permitir. Antes de encontrar meu fim.

A aranha permaneceu silenciosa por um batimento. Outro. Então ela se instalou sob a escultura do arco - o portão de Wyrð.

— Considere um presente - por sua ousadia por pedir.

Nesryn não disse nada, o coração trovejando em todas as partes do corpo.

— Há muito tempo — disse a aranha suavemente naquela linda voz — em outro mundo, outra vida, existia uma terra de escuridão, frio e

vento. Governado por três reis, mestres da sombra e dor. Irmãos. O mundo nem sempre foi assim, não nasceu desse jeito. Mas eles travaram uma guerra poderosa. Uma guerra para acabar com todas as guerras. E esses três reis venceram. Transformaram uma terra devastada num paraíso para aqueles que moravam na escuridão. Por mil anos, governaram, iguais em poder, seus filhos e filhas espalhados pela terra para assegurar seu domínio contínuo. Até que uma rainha apareceu – seu poder, uma nova canção escura do mundo. Que maravilhas ela podia fazer com seu poder, tão horrivelmente maravilhosas...

A aranha suspirou.

— Todos a desejaram, esses reis. Perseguiram-na, cortejaram-na. Mas ela se dignou a aliar-se apenas com um, o mais forte deles.

— Erawan — murmurou Nesryn.

— Não. Orcus, o mais velho dos reis valg. Eles se casaram, mas Maeve não estava contente. Inquieta, nossa rainha passou longas horas refletindo sobre os enigmas do mundo – de outros mundos. E com seus dons, ela encontrou uma maneira de ver. Perfurar o véu entre os mundos. Ver reinos verdes, de luz e música. — A aranha cuspiu, como se tal coisa fosse abominável. — E um dia, quando Orcus saiu para ver seus irmãos, ela tomou um caminho entre reinos. Saiu do seu mundo e entrou no seguinte.

O sangue de Nesryn ficou frio.

— C-como?

— Ela tinha observado. Tinha aprendido sobre tais fendas entre mundos. Uma porta que poderia se abrir e fechar aleatoriamente, ou se alguém conhecesse as palavras certas. — Os olhos escuros da aranha cintilavam. — Nós viemos com ela – suas amadas servas. Nós pisamos com ela nesse... lugar. Neste mesmo ponto.

Nesryn olhou para a pedra polida. Até Falkan pareceu parar para fazer o mesmo.

— Ela nos mandou ficar – para guardar o portão. Para que ninguém pudesse segui-la. Pois ela decidiu que não gostaria de voltar. Para o marido, para o mundo dela. Então ela foi, e nós só ouvimos sussurros que nossas irmãs e parentes menores carregaram ao vento.

A aranha ficou em silêncio.

— O que vocês ouviram? — Nesryn perguntou.

— Que Orcus chegou, seus irmãos a reboque. Que Orcus soube que a esposa o deixou e descobriu como ela fez isso. Foi além do que ela tinha feito e encontrou uma maneira de controlar o portão entre os

mundos. Forjou chaves para isso, compartilhando-as com seus irmãos. Três chaves, para os três reis.

Eles foram de um mundo para o outro, abrindo os portões quando queriam, varrendo seus exércitos e devastando esses reinos enquanto caçavam por ela. Até que chegarem a este mundo.

Nesryn mal conseguiu respirar para perguntar:

— E eles a encontraram?

— Não — disse a aranha, algo como um sorriso na sua voz. — Sua Majestade Sombria deixara estas montanhas, encontrara outra terra e se preparou bem. Ela sabia que um dia seria encontrada. E planejava se esconder à plena vista. Assim ela fez. Ela encontrou um povo belo e de vida longa – quase imortais – governado por duas rainhas-irmãs.

Mab e Mora. Deuses santos...

— E usando seus poderes, ela as enganou. As fez acreditar que tinham outra irmã, uma irmã mais velha para governar com elas. Três rainhas – para os três reis que poderiam vir um dia. Quando voltaram para o palácio delas, ela destruiu a mente de todos aqueles que moravam lá também. E de qualquer um que aparecesse. Plantando o pensamento que uma terceira rainha sempre existiu, sempre governou. Se eles de alguma forma resistiam ao poder dela, ela encontrava maneiras de acabar com eles.

Uma risada perversa.

Nesryn tinha ouvido as lendas. Do poder escuro e sem nome de Maeve – uma escuridão que podia devorar as estrelas. Que Maeve nunca revelara uma forma feérica, apenas aquela escuridão mortal. E ela vivera muito mais do que qualquer feérico conhecido. Viveu tanto tempo que a única vida a se comparar era... Erawan.

Uma vida valg. Para uma rainha valg.

A aranha novamente parou. Falkan quase alcançara suas mãos, mas ainda não o suficiente para liberá-las.

— Então os reis valg chegaram, mas não souberam quem os enfrentou na guerra? — Nesryn perguntou.

— Precisamente. — Um ronronar encantado. — Disfarçada em um corpo feérico, eles não a reconheceram, os tolos. Mas ela usou isso contra eles. Sabia como derrotá-los, como seus exércitos funcionavam. E quando percebeu o que eles tinham feito para chegar aqui, as chaves que possuíam... ela as queria. Para bani-los, matá-los e usar as chaves como achava conveniente dentro deste mundo. E em outros. Então ela as pegou. Juntou-as e as levou, cercado-se de guerreiros feéricos para que outros não perguntassem como exatamente ela sabia de tantas

coisas. Oh, a inteligente rainha afirmou que era da comunhão com o mundo espiritual, mas... ela sabia. Havia dirigido acampamentos de guerra. Sabia como funcionavam os reis. Então roubou as chaves. Armou para enviar dois desses reis de volta, Orcus sendo um deles. E antes que ela pudesse ir atrás do último, o mais jovem que amava seus irmãos tão profundamente, as chaves foram tiradas dela. — Um silvo.

— Por Brannon — Nesryn respirou.

— Sim, o rei do fogo. Ele viu a escuridão nela, mas não a reconheceu. Ele se perguntou, suspeitou, mas tudo o que ele sabia dos valg, nosso povo, era dos soldados *machos*. Os grunhidos de príncipes e reis. Ele não sabia que uma mulher.. Quão diferente, quão extraordinária uma fêmea valg é. Até *ele* foi enganado por ela; ela encontrou caminhos em sua mente para evitar que ele percebesse de fato. — Outra risada suave e adorável. — Até agora, quando tudo deve estar claro para seu espírito intrometido... Mesmo agora, ele não sabe. Para a chegada de sua ruína – sim, a sua ruína, e dos outros.

Uma náusea atravessou Nesryn. *Aelin*. Ruína de Aelin.

— Mas, enquanto não adivinhou corretamente sobre as origens da nossa rainha, ainda sabia que seu fogo... Ela temia muito o seu fogo. Como todos os verdadeiros valg temem. — Nesryn guardou a informação. — Ele foi embora, construindo o seu reino muito longe, e ela também construiu suas defesas. Tantas defesas inteligentes, Erawan deveria ascender novamente e perceber que a rainha que procurava para seu irmão, que conquistou mundos para encontrar, estava aqui o tempo todo. Que ela construía exércitos de feéricos, e os deixaria batalhar uns contra os outros.

Uma aranha em uma teia. Isso é o que Maeve era.

Falkan alcançou as mãos de Nesryn, mastigando a seda lá. Sartaq permaneceu inconsciente, perigosamente perto da aranha.

— Então vocês esperaram esses milhares de anos... pela volta dela para essas montanhas?

— Ela nos ordenou que mantivéssemos a passagem, para proteger a fenda no mundo. Assim nós fizemos. E assim faremos, até ela nos convocar novamente para seu lado.

A cabeça de Nesryn girava. Maeve – ela pensaria nisso mais tarde. Se vivessem até lá.

Ela moveu os dedos para Falkan, sinalizando para ele.

Silenciosamente, mantendo-se nas sombras, o metamorfo correu para o escuro.

— E agora você sabe – como a Vigília Negra veio morar aqui. — A aranha levantou-se com um poderoso impulso. — Espero que tenha sido uma última história apropriada para você, Buscadora do Vento.

Nesryn abriu a boca quando a aranha avançou, girando os pulsos atrás de suas costas...

— Irmã — uma voz feminina sibilou da escuridão além. — Irmã, uma palavra.

A aranha parou, girando seu corpo bulboso em direção à entrada do arco.

— *O quê.*

Um pulsar de medo.

— Há um problema, irmã. Uma ameaça.

A aranha correu em direção à sua igual, estalando:

— Diga-me.

— Ruks no horizonte do norte. Pelo menos vinte...

A aranha sibilou.

— Guarde os mortais. Eu vou lidar com os pássaros.

Clicando as pernas, pedras deslocando-se ao redor dela. O coração de Nesryn martelou enquanto flexionava seus dedos doloridos.

— Sartaq — ela sussurrou.

Os olhos dele abriram-se. Alertas. Calmos.

A outra aranha se aproximou, menor que a líder. Sartaq ficou tenso, os ombros esticados como se tentasse explodir a seda que o segurava.

Mas a aranha apenas sussurrou:

— Depressa.

Capítulo 50

Sartaq perdeu a firmeza quando a voz de Falkan quando veio da boca hedionda da *kharankui*.

Nesryn tirou as mãos da teia, engolindo seu grunhido de dor quando as fibras rasgaram a pele. A boca e a língua de Falkan tinham que estar doendo...

Ela olhou para a aranha pairando sobre Sartaq, cortando a seda que prendia príncipe com as garras. De fato, onde aquelas pinças roçavam, sangue escorria.

— Rápido — o metamorfo sussurrou. — Suas armas estão ali.

Ela poderia apenas vislumbrar o leve brilho da luz das estrelas na curva de seu arco, ao longo da prata nua de sua espada Asterion curta.

Falkan cortou as últimas tiras de Sartaq e o príncipe estava livre, afastando a teia. Ele oscilou enquanto ficava de pé, apoiando uma mão na pedra. Sangue, havia tanto sangue sobre ele...

Mas ele correu para ela, rasgando os fios ainda cobrindo seus pés.

— Você ferida?

— Mais rápido — disse Falkan, olhando para a entrada em arco atrás. — Não demorará muito para ela perceber que ninguém está vindo.

Os pés de Nesryn ficaram livres, e Sartaq ergueu-a.

— Você ouviu o que ela falou sobre Maeve?

— Oh, eu ouvi — Sartaq respirou quando eles correram para suas armas. Ele entregou-lhe o arco e aljava, a lâmina feérica. Agarrou suas próprias adagas Asterion enquanto sibilava para Falkan, — Para onde?

O metamorfo correu para frente, depois da escultura de Maeve.

— Aqui - há uma inclinação para cima. É logo do outro lado da passagem. Se conseguirmos ir subir...

— Você já viu Kadara?

— Não — disse o metamorfo. — Mas...

Eles não esperaram para ouvir o resto enquanto se arrastavam em pés silenciosos pelo arco, entrando na parte preenchida com luz das estrelas. Com certeza, uma inclinação áspera de pedra solta subia do chão, como se fosse um caminho para as próprias estrelas.

Eles estavam a meio caminho do declive traiçoeiro, Falkan uma sombra escura às suas costas, quando um grito subiu da montanha além. Mas os céus estavam vazios, nenhum sinal de Kadara...

— Fogo — respirou Nesryn enquanto se precipitavam em direção ao ápice do pico. — Ela disse que todos os valg odeiam o fogo. Eles temem fogo. — Para as aranhas devoradoras de vida, devoradoras de almas... Eles eram tão valg quanto Erawan. Aclamadas pelo mesmo inferno escuro. — Pegue a pederneira do seu bolso — ela ordenou ao príncipe.

— E colocar fogo em quê? — Seus olhos se dirigiram para as flechas nas costas dela quando pararam no topo do ápice estreito do pico - o chifre curvo. — Estamos presos aqui. — Ele verificou o céu. — Pode não ajudar em nada.

Nesryn retirou uma flecha, segurando seu arco enquanto rasgava uma tira de sua camisa abaixo de sua jaqueta e de seus couros e voar. Ela arrancou toda a bainha, cortou a peça em duas e enrolou uma em volta da cabeça da flecha.

— Precisamos de ignição — disse ela, enquanto Sartaq retirava a pederneira de seu bolso.

Uma faca brilhou, e então uma seção da trança de Sartaq estava em sua mão estendida.

Ela não hesitou. Apenas enrolou a trança ao redor do tecido, segurando a flecha para quando ele começou a bater a pederneira de novo e de novo. Faíscas voaram, à deriva...

Pegou. O fogo acendeu. Assim que a escuridão derramou-se na passagem abaixo. Ombro a ombro, as aranhas surgiram entre as paredes. Duas dúzias, pelo menos.

Nesryn encaixou a flecha, puxando a corda e mirando para cima.

Não diretamente para elas. Mas um tiro no céu, alto o suficiente para perfurar as estrelas frias.

As aranhas pararam, observando a flecha alcançar o seu apogeu e depois mergulhar.

— Outra — disse Nesryn, pegando a segunda tira de tecido e enrolando-a novamente em torno da cabeça da próxima flecha. Apenas três restavam em sua aljava. Sartaq cortou um segundo pedaço de sua trança, perdendo o laço na ponta. A pederneira soou, as faíscas brilharam e, à medida que aquela primeira flecha despencava em direção à dispersão de aranhas em seu caminho, ela atirou sua segunda flecha.

As aranhas estavam tão distraídas olhando para cima que não olharam para frente.

A maior delas, aquela que falou com ela por tanto tempo, menos ainda.

E quando a flecha ardente de Nesryn acertou seu abdômen, cravando fundo, o grito da aranha fez tremer as próprias pedras abaixo delas.

— Outra — Nesryn respirou, tirando sua próxima flecha enquanto Sartaq rasgava o tecido da camisa. — Rápido.

Sem nenhum lugar para ir, nenhuma maneira de mantê-los à distância.

— Metamorfo — ela chamou Falkan, que monitorava as aranhas em pânico, que estagnaram à ordem gritada de sua líder para apagar o fogo em seu abdômen. — Se vai mudar para algo, faça agora.

O metamorfo virou o rosto da aranha hedionda para eles. Sartaq cortou outra parte de sua trança e deslizou sobre a cabeça da terceira flecha.

— Eu vou segurá-las — disse Falkan.

Faíscas voaram, a chama acendeu naquela terceira flecha flamejante.

— Um favor, capitã — disse o metamorfo.

Tempo. Eles não tinham *tempo*...

— Quando eu tinha sete anos, meu irmão mais velho fez uma filha bastarda em uma pobre mulher em Forte da Fenda. Abandonou ambas. Passaram-se vinte anos desde então, e desde quando tive idade suficiente para ir à cidade, para começar meu comércio, procurei por ela. Encontrei a mãe depois de alguns anos – em seu leito de morte. Ela mal podia falar o suficiente para dizer que expulsou a garota. Ela não sabia onde estava minha sobrinha. Não se importava. Ela morreu antes que pudesse me dar um nome.

As mãos de Nesryn tremiam quando apontou a flecha para a aranha tentando passar por sua irmã ardente.

— Rápido — Sartaq advertiu.

— Se ela sobreviveu, se ela cresceu, também pode ter o dom dos metamorfos — Falkan continuou. — Mas não importa se ela tem ou não. O que importa... Ela é minha família. Tudo o que eu tenho. E eu procurei por ela durante muito tempo.

Nesryn disparou a terceira flecha. Uma aranha gritou quando encontrou seu alvo. As outras recuaram.

— Encontre-a — disse Falkan, dando um passo em direção aos horrores agitando-se abaixo. — Minha fortuna, tudo fica para ela. E talvez eu tenha falhado com ela nesta vida. Mas não em minha morte.

Nesryn abriu a boca, não acreditando, as palavras subindo, mas Falkan correu pelo caminho. Saltou bem na frente daquela linha ardente de aranhas.

Sartaq agarrou seu cotovelo, apontando para a inclinação abaixo do pico minúsculo.

— Esse...

Num momento, ela estava de pé. No seguinte, Sartaq a atirara para trás, sua espada brilhando.

Ela tropeçou, os braços abertos para mantê-la em equilíbrio quando percebeu o que havia subido do outro lado do pico. A aranha agora sibilava para eles, enormes presas pingando veneno na pedra.

Ela pulou para Sartaq com as duas pernas dianteiras.

Ele se esquivou e girou a lâmina, acertando-a em cheio.

Sangue preto pulverizou, a aranha gritou – mas não antes de fincar a garra profundamente na coxa do príncipe.

Nesryn se moveu, sua quarta flecha voando, diretamente em um daqueles olhos. A quinta e última flecha voou mais tarde, na boca aberta da aranha enquanto gritava.

Ela mordeu a flecha, quebrando-a no meio.

Nesryn largou o arco e pegou a lâmina feérica.

A aranha sibilou.

Nesryn entrou entre Sartaq e a aranha. Abaixo, as *kharankui* guincharam e gritaram.

Ela não ousou olhar para ver o que Falkan estava fazendo. Se ele ainda lutava.

A lâmina era uma fatia de luz da lua entre ela e a aranha.

A *kharankui* avançou um passo. Nesryn cedeu um, Sartaq lutando para se levantar ao seu lado.

— Eu farei você implorar pela morte — disse a aranha, avançando de novo.

Recuou, preparando-se para atacar.

Faça valer a pena; faça o impulso valer...

A aranha saltou.

E caiu no penhasco quando um ruk escuro a acertou, rugindo em fúria.

Não Kadara. Mas Arcas.

Borte.

Capítulo 51

Num turbilhão de fúria, Arcas se levantou, então mergulhou novamente, o grito de batalha de Borte ecoando nas pedras enquanto ela e sua ruk miraram a *kharankui* na passagem abaixo. Para a aranha segurando-as, sangue – sangue vermelho – escorrendo dela.

Outro grito dividiu a noite, um que ela conhecia bem como a própria voz.

E Kadara estava ali, voando rapidamente para eles, dois outros ruks em seu rastro.

Sartaq soltou o que poderia ter sido um soluço enquanto um dos outros ruks se separou, mergulhando para onde Borte varria e pulverizava e destruía fileiras de *kharankui*.

Um ruk de penas marrons mais escuras... e um jovem em cima dele. Yeran.

Nesryn não reconheceu o outro cavaleiro que vinha atrás de Kadara. Sangue manchava as penas douradas da ruk, mas ela voou firme, pairando sobre a cabeça deles quando o outro ruk se aproximou.

— Mantenha-se quieta e não tenha medo da queda. — Sartaq sussurrou, passando a mão sobre a bochecha de Nesryn. À luz do luar, seu rosto estava coberto de sujeira e sangue, seus olhos cheios de dor e ainda...

Então havia uma parede de asas, e garras poderosas abertas.

Elas envolveram sua cintura e a parte de cima de suas coxas, elevando-a no ar, Sartaq foi pego pela outra, e então o grande pássaro disparou na noite.

O vento rugiu, mas o ruk os elevou mais alto. Kadara entrou em posição atrás deles – protegendo a retaguarda.

Através de seus cabelos, Nesryn olhou de volta para a passagem alinhada pelo fogo.

Onde Borte e Yeran agora se elevavam, uma forma escura apertada entre as garras do ruk de Yeran. Completamente ferida.

Borte não tinha terminado.

Uma luz acendeu-se sobre o ruk. Uma flecha flamejante.

Borte atirou alto no céu.

Um sinal, Nesryn percebeu quando inúmeras asas encheram o ar ao redor deles. E quando a flecha de Borte pousou no topo de uma teia, o fogo se espalhando, centenas de luzes acenderam no céu.

Cavaleiros em seus ruks. Cada um carregando uma flecha acesa. Cada um agora apontando para baixo.

Como uma chuva de estrelas cadentes, as flechas caíram sobre a escuridão de Dagul. Aterrando nas teias e nas árvores. E pegaram fogo. Uma após a outra, continuamente.

Até que a noite estava acesa, até a fumaça subir, misturando-se com os gritos crescentes dos picos e da floresta.

Os ruks viraram para o norte, Nesryn tremendo enquanto apertava as garras que a seguravam. Do outro lado, Sartaq encontrou seu olhar, seu cabelo agora na altura dos ombros ondulando no vento.

As chamas abaixo fizeram as feridas em seu rosto, suas mãos e seu pescoço ficarem ainda mais horríveis. A pele era pálida, seus lábios brancos, os olhos pesados com exaustão e alívio. E ainda...

Sartaq sorriu, pouco mais que uma curva em sua boca. As palavras que o príncipe confessara flutuando no vento entre eles.

Ela não podia tirar os olhos dele. Não podia desviar o olhar.

Então Nesryn sorriu de volta.

E abaixo e atrás deles, profundamente na noite, os Montes Dagul queimavam.

Capítulo 52

Chaol e Yrene galoparam de volta para Antica no amanhecer.

Eles deixaram um bilhete para Hasar alegando que Yrene tinha um paciente gravemente doente que precisava ser verificado, e galoparam através das dunas sob o sol nascente.

Nenhum deles dormira muito, mas se o que tinham adivinhado sobre os curandeiros fosse verdade, não arriscariam demorar-se.

As costas de Chaol doíam graças à cavalgada do dia anterior, assim como a... cavalgada noturna. Várias cavalgadas. E quando os minaretes e as paredes brancas de Antica apareceram, ele estava sibilando pelos dentes.

Yrene franziu a testa para ele por todo o doloroso caminho pelas ruas cheias até o palácio. Eles não tinham discutido arranjos para dormir, mas ele não se importava se tivesse que subir cada uma das escadas da Torre. Para a cama dela ou a dele. O pensamento de deixá-la, mesmo por um instante...

Chaol estremeceu quando desceu de Farasha, a égua negra suspeitamente bem comportada, e aceitou a bengala da mão estável mais próxima que pegara com Yrene.

Ele deu alguns passos na direção dela, sua coxa dolorida, mas Yrene levantou uma mão de advertência.

— *Não* pense em tentar me tirar desse cavalo, ou me carregar ou qualquer coisa.

Ele olhou para ela com ironia, mas obedeceu.

— *Qualquer coisa?*

Ela ficou num lindo tom de escarlata enquanto deslizava da égua, passando as rédeas para o rapaz do estábulo à espera. O homem soltou um suspiro de alívio, absolutamente agradecido por não ter a tarefa de lidar com a impetuosa Farasha, que avaliava o pobre homem que tentava arrastá-la para o estábulo como se fosse almoçá-lo. Cavalo de Hellas, de fato.

— Sim, *qualquer coisa* — disse Yrene, alisando suas roupas amassadas. — É provável que por casa desse *qualquer coisa* você esteja mancando mais do que antes.

Chaol deixou que viesse para o seu lado, e equilibrou-se em sua bengala o suficiente para pressionar um beijo em sua têmpora. Ele não se importava com quem viu. Quem recebesse um relatório sobre isso. Todos poderiam ir para o inferno. Mas, atrás deles, ele poderia jurar que Shen e os outros guardas sorriam de orelha a orelha.

Chaol piscou para ela.

— Então é melhor você me curar, Yrene Towers, porque eu pretendo fazer uma grande quantidade de *qualquer coisa* com você esta noite.

Ela corou ainda mais profundamente, mas inclinou o queixo para cima, afetada e dona de si.

— Vamos nos concentrar nesses pergaminhos primeiro, seu velhaco.

Chaol sorriu largo e sem restrições, e sentiu alegria em cada centímetro de seu corpo dolorido enquanto caminhavam de volta para o palácio.

Qualquer alegria durou pouco.

Chaol percebeu que alguma coisa estava errada no momento em que entraram em sua ala silenciosa.

No momento em que viu os guardas murmurando, os criados fugindo. Yrene apenas trocou um olhar com ele, e eles se apressaram o mais rápido que puderam. Fios de fogo dispararam ao longo de suas costas, abaixo das coxas, mas se algo tivesse acontecido...

As portas de sua suíte estavam entreabertas, com dois guardas parados do lado de fora que lhe deram um olhar cheio de piedade e temor. Seu estômago revirou-se.

Nesryn. Se ela tivesse voltado, se algo tivesse acontecido com aquele valga caçando-os...

Ele invadiu a suíte, seu corpo protestante sendo esquecido, sua cabeça ficando silenciosa.

A porta de Nesryn estava aberta.

Mas nenhum corpo estava esparramado na cama. Nenhum sangue manchava o tapete ou salpicava as paredes.

O quarto dele também. Mas ambos estavam... destruídos.

Em pedaços, como se algum grande vento tivesse quebrado as janelas e atacado o espaço.

A sala de estar era pior. Seu habitual sofá dourado estava destruído. Os quadros, a arte fora arrancada, rachada ou cortada.

A mesa fora saqueada, os tapetes virados...

Kadja estava ajoelhada no canto, juntando os cacos de um vaso quebrado.

— Tenha cuidado — sibilou Yrene, caminhando para a garota enquanto recolhia os cacos com as próprias mãos — Arranje uma vassoura e pá em vez de usar suas próprias mãos.

— Quem fez isso? — perguntou Chaol calmamente.

O medo brilhava nos olhos de Kadja quando ela se levantou.

— Estava assim quando cheguei nesta manhã.

— Você não ouviu nada? — Yrene exigiu.

A dúvida afiada dessas palavras deixou-o tenso. Yrene não confiava na criada nem por um instante, sempre inventando tarefas que a manteriam longe, mas Kadja fazer isso...

— Como não estava aqui, meu senhor, eu... eu usei a noite para visitar meus pais.

Ele tentou não se encolher. Uma família. Ela tinha família aqui, e ele nunca se incomodara em perguntar.

— E seus pais podem jurar que você esteve com eles a noite toda?

Chaol girou.

— *Yrene.*

Yrene nem olhou para ele enquanto estudava Kadja. A criada murchou sob aquele olhar feroz.

— Mas suponho que deixar a porta destrancada para alguém teria sido mais inteligente.

Kadja se encolheu, os ombros se curvando para dentro.

— Yrene, poderia ter sido qualquer coisa. Qualquer um...

— Sim, qualquer um. Especialmente alguém que procurava por algo.

As palavras clicaram no mesmo momento em que tomou a desordem da sala.

Chaol se virou para a criada.

— Não limpe mais a bagunça. Tudo aqui pode oferecer alguma prova de quem fez isso. — Ele franziu a testa. — Quanto você já conseguiu limpar?

Pelo estado da sala, não muito.

— Eu apenas comecei. Pensei que o senhor não voltaria até esta noite, então eu não...

— Está bem. — Quando ela se encolheu, ele acrescentou: — Vá para seus pais. Tire o dia de folga, Kadja. Fico feliz que não estivesse aqui quando isso aconteceu.

Yrene fez uma careta para ele que dizia que a garota poderia muito bem ter sido a causa daquela bagunça, mas manteve a boca calada. Dentro de um minuto, Kadja partiu, fechando as portas do corredor com um clique silencioso.

Yrene passou as mãos pelo rosto.

— Eles levaram tudo. Tudo.

— Será? — Ele coxeou até a mesa, olhando para as gavetas enquanto apoiava uma mão na superfície. As costas doeram e se contorceram...

Yrene foi para o sofá dourado, levantando as almofadas arruinadas.

— Todos os livros, os pergaminhos...

— Era de conhecimento comum que estaríamos fora. — Ele se inclinou completamente contra a mesa, quase suspirando com o peso saindo de suas costas.

Yrene traçou um caminho pela sala, inspecionando todos os lugares onde havia escondido os livros e pergaminhos.

— Eles levaram tudo. Até mesmo *A Canção do Princípio*.

— E o quarto?

Ela foi para lá na mesma hora. Chaol esfregou as costas, sibilando suavemente.

— Rá!

Ela emergiu novamente, acenando uma de suas botas no ar.

— Pelo menos eles não encontraram isso.

Aquele primeiro pergaminho. Isso trouxe um sorriso para sua boca.

— Pelo menos sobrou isso.

Yrene segurou a bota no peito como se fosse um bebê.

— Eles estão ficando desesperados. Isso torna as pessoas perigosas. Não devemos ficar aqui.

Ele examinou o dano.

— Você está certa.

— Então iremos diretamente para a Torre.

Ele olhou através das portas abertas para o vestíbulo. Para o quarto de Nesryn.

Ela devia voltar em breve. E quando voltasse, encontrá-lo fora, com Yrene... Ele a tratara de forma abominável. Ele se deixara esquecer o que prometeu, o que deixou implícito, em Forte da Fenda. No navio até aqui. E Nesryn talvez não o segurasse a nenhuma promessa, mas ele havia quebrado muitas delas.

— O que foi? — A pergunta de Yrene era apenas mais do que um sussurro.

Chaol fechou os olhos. Ele era um bastardo. Ele arrastara Nesryn até aqui, e foi assim que ele a havia tratado. Enquanto ela estava fora procurando respostas, arriscando sua vida, enquanto procurava um pouco de esperança para criar um exército... Ele enviaria a mensagem imediatamente. Para ela retornar o mais rápido possível.

— Não é nada — disse Chaol finalmente. — Talvez você deva ficar na Torre esta noite. Há guardas suficientes lá para fazer qualquer um pensar duas vezes. — Ele acrescentou quando a dor cintilou em seus olhos: — Eu não posso parecer estar fugindo. Especialmente com a realeza agora começando a pensar que eu poderia ser alguém de interesse. Que Aelin continua a ser uma fonte de preocupação e intriga... talvez eu deva usar isso para minha vantagem. — Ele brincou com a bengala, jogando-a de uma mão para outra. — Mas eu deveria ficar aqui. E você, Yrene, deveria ir.

Ela abriu a boca para se opor, mas fez uma pausa, endireitando-se. Um brilho de aço entrou em seus olhos.

— Eu mesma levarei o pergaminho para Hafiza, então.

Ele odiou a rispidez da voz dela enquanto assentia, o escurecimento daqueles olhos. Ele também falhou com ela.

Em não terminar antes as coisas com Nesryn, deixar claro. Ele fez uma confusão.

Um tolo. Ele tinha sido um tolo em pensar que poderia passar por cima disso. Mudar para além da pessoa que tinha sido, os erros que cometeu.

Um tolo.

Capítulo 53

Yrene subiu tempestuosamente os degraus da Torre, com cuidado para não esmagar o pergaminho em seu punho.

A bagunça do quarto dele o sacudiu. Também a chacoalhou, mas...

Não era medo de dano ou morte. Algo mais o abalou.

Na outra mão, ela apertou o medalhão, o metal quente contra sua pele.

Alguém sabia que eles estavam perto de descobrir o que quer que quisessem manter em segredo. Ou ao menos suspeitava que eles pudessem aprender algo e destruíram quaisquer fontes possíveis. E depois que eles começaram a juntar as peças nas ruínas em Aksara...

Yrene controlou seu temperamento quando alcançou o andar mais alto da Torre, o calor sufocando-a.

Hafiza estava em sua oficina particular, reclamando para si mesma sobre um tônico que ondulava com fumaça espessa.

— Ah, Yrene — disse ela sem olhar para cima enquanto media uma gota de líquido. Frascos, bacias e taças cobriam a mesa, espalhados entre os livros abertos e um conjunto de ampulhetas de bronze de várias medidas. — Como foi sua festa?

Reveladora.

— Adorável.

— Suponho que o jovem lorde finalmente tenha entregado seu coração.

Yrene tossiu.

Hafiza sorriu quando finalmente levantou a cabeça.

— Ah, eu sabia.

— Nós não estamos... isto é, não há nada oficial...

— Esse medalhão sugere o contrário.

Yrene colocou a mão sobre ele, as bochechas esquentando.

— Ele não é... ele é um lorde.

Às sobrancelhas erguidas de Hafiza, o temperamento de Yrene se inflamou. Quem mais sabia? Quem mais tinha visto e comentado e

apostado?

— Ele é um Senhor de Adarlan — ela esclareceu.

— É mesmo?

— *Adarlan*.

— Pensei que você tivesse passado disso.

Talvez ela tivesse. Talvez ela não.

— Não é nada para se preocupar.

Um sorriso conhecido.

— Bom.

Yrene respirou fundo pelo nariz.

— Mas, infelizmente, você não está aqui para me dar todos os detalhes suculentos.

— Ai. — Yrene fez uma careta. — Não.

Hafiza mediu outras poucas gotas em seu tônico, a substância dentro girando. Ela pegou uma ampulheta de dez minutos e virou-a, areia branca como osso caindo na base antiga. Uma proclamação de uma reunião começada antes de Hafiza dizer: — Suponho que tenha algo a ver com esse pergaminho em sua mão?

Yrene olhou para o corredor aberto e depois correu para fechar a porta. Em seguida, as janelas abertas.

Quando terminou, Hafiza baixou o tônico, o rosto incomumente grave.

Yrene contou do saque nos aposentos de Chaol. Os livros e pergaminhos levados. As ruínas do oásis e sua teoria de que talvez os curandeiros não tivessem simplesmente surgido aqui, mas tinham sido *plantados* ali, em segredo.

Contra os valg e seus reis.

E pela primeira vez desde que Yrene a conheceu, o rosto moreno da velha mulher pareceu ficar branco. Seus olhos claros se tornaram largos.

— Você tem certeza – que estas são as forças que se acumulam no seu continente? — Hafiza estabeleceu-se na cadeira pequena atrás da mesa de trabalho.

— Sim. Lorde Westfall viu-os ele mesmo. Os combateu. É por isso que ele veio. Não para levantar um exército contra meros homens leais ao império de Adarlan, mas um exército para combater demônios que usam os corpos de homens, demônios que criam monstros. Tão vasto e terrível que até o pleno poder de Aelin Galathynius e Dorian Havilliard não são suficientes.

Hafiza balançou a cabeça, o ninho de cabelos brancos se movendo.

— E agora vocês dois acreditam que os curandeiros têm algum papel a desempenhar?

Yrene passou o ritmo.

— Possivelmente. Fomos perseguidos implacavelmente em nosso próprio continente, e sei que não soa como qualquer coisa para seguir em frente, mas se um grupo de feéricos com tendência para a cura começou uma civilização aqui tanto tempo atrás... *Por quê?* Por que deixar Doranelle, por que chegar tão longe, e deixar tão poucos vestígios, mas garantir que a cura e o legado sobrevivessem?

— Foi por isso que você veio – e trouxe esse pergaminho.

Yrene colocou o pergaminho diante da Alta Curandeira.

— Já que Nousha conhecia apenas lendas vagas e não sabia ler a língua escrita aqui, pensei que a senhora pudesse ter a verdade. Ou me contar o que esse pergaminho contém.

Hafiza desenrolou cuidadosamente o pergaminho, prendendo seus cantos com vários frascos. Letras negras e estranhas tinham sido escritas lá. A Alta Curandeira traçou um dedo enrugado sobre alguns dos símbolos.

— Eu não sei ler essa língua. — Ela passou a mão sobre o pergaminho novamente.

Os ombros de Yrene caíram.

— Mas isso me lembra... — Hafiza examinou as estantes em sua oficina, algumas delas fechadas em vidro. Ela se levantou, passando para uma caixa fechada no canto sombrio da sala. As portas não eram de vidro, mas de metal. Ferro.

Ela retirou uma chave ao redor de seu pescoço e a abriu. Acenou para Yrene.

Meio tropeçando pela sala em sua pressa, Yrene alcançou o lado de Hafiza. Em algumas das lombadas, quase desfazendo-se com a idade...

— Marcas de Wyrđ — murmurou Yrene.

— Foi-me dito que estes não eram livros para olhos humanos – que era melhor o conhecimento ser mantido trancado e esquecido, para que não encontre seu caminho para o mundo.

— Por quê?

Hafiza deu de ombros, estudando, mas não tocando os textos antigos arquivados diante delas.

— Isso foi tudo o que minha predecessora me disse: *não são para olhos humanos*. Oh, uma vez ou outra, fiquei bêbada o suficiente para debater abrir os livros, mas toda vez que retiro essa chave... — ela brincou com o longo colar, a chave do ferro negra pendurada nele. A

única que correspondia com o gabinete. — Eu reconsidero. — Hafiza pesou a chave na palma da mão. — Não sei como ler esses livros, nem o que esse idioma é, mas se esses pergaminhos e livros estavam na própria biblioteca, então o fato de que estes foram trancados aqui... Talvez este seja o tipo de informação pela qual vale a pena matar.

Gelo escorria por sua espinha.

— Chaol – lorde Westfall conhece alguém que pode ler essas marcas. — Aelin Galathynius, ele havia contado a ela. — Talvez devêssemos levá-los para ela. O pergaminho, e esses poucos livros.

A boca de Hafiza apertou quando fechou as portas de ferro do armário e trancou com um forte clique.

— Devo pensar nisso, Yrene. Os riscos. Se esses livros devem sair.

Yrene assentiu.

— Sim, claro. Mas temo que possamos não ter muito tempo.

Hafiza deslizou a chave de ferro de volta para baixo de suas vestes e voltou para a mesa de trabalho, Yrene seguindo-a.

— Eu conheço um pouco da história — admitiu Hafiza. — Pensei que fosse um mito, mas... minha predecessora me contou, quando cheguei aqui. Durante o festival da Lua de Inverno. Ela estava bêbada, porque eu a enchia com álcool para revelar seus segredos. Mas, em vez disso, ela me deu uma lição de história cheia de divagações. — Hafiza bufou, sacudindo a cabeça. — Eu nunca esqueci, principalmente porque estava tão decepcionada que três garrafas de vinho caro – compradas com todo o dinheiro que tive – me conseguiram tão pouco.

Yrene se inclinou contra a antiga mesa de trabalho enquanto Hafiza estava sentada e entrelaçou os dedos no colo.

— Ela me contou que há muito tempo, antes que o homem viesse para cá, antes dos senhores dos cavalos e dos ruks acima das estepes, esta terra pertencia aos feéricos. Um pequeno reino, aqui sua capital. Antiga foi construída em cima de suas ruínas. Mas eles ergueram templos para seus deuses além das muralhas da cidade – nas montanhas, perto do rio, nas dunas.

— Como a necrópole em Aksara.

— Sim. E ela me disse que não queimaram seus corpos, mas os abrigaram dentro dos sarcófagos, nem martelo ou outra ferramenta não podem abri-los. Foram selados com feitiços e fechaduras inteligentes. Para nunca serem abertos.

— Por quê?

— A tola bêbada me disse que era porque eles viviam com medo de alguém entrar. Pegar seus corpos.

Yrene estava feliz por estar encostada na mesa.

— Da maneira como os valg agora possuem os humanos.

Um aceno de cabeça.

— Ela balbuciou sobre como eles deixaram seu conhecimento de cura para nós encontrarmos. Que eles tinham roubado de outro lugar, e que seus ensinamentos constituíram a base da Torre. A própria Kamala foi treinada em suas artes, seus registros descobertos em túmulos e catacumbas há muito perdidos para nós. Ela fundou a Torre com base no que ela e sua pequena ordem aprenderam. Adorou a Silba porque ela era a deusa da cura deles também. — Hafiza fez um gesto para as corujas esculpidas em toda a sala de trabalho, na Torre em si, e esfregou a têmpora. — Então, sua teoria poderia ser válida. Nunca aprendi como os feéricos chegaram aqui, onde eles foram e por que desapareceram. Mas eles estiveram aqui, e de acordo com a minha predecessora, eles deixaram alguns tipos de conhecimento ou poder por trás. — Um olhar franzido para aquela estante de livros trancada.

— Que alguém está tentando apagar. — Yrene engoliu. — Nousha vai me matar quando ouvir que aqueles livros e pergaminhos foram levados.

— Oh, ela pode muito bem fazer isso. Mas provavelmente vai caçar primeiro quem quer que tenha feito isso.

— O que tudo isso significa? Por que ter tantos problemas?

Hafiza voltou para seu tônico, para a ampulheta quase vazia.

— Talvez seja para você aprender. — Ela adicionou mais algumas gotas de líquido ao seu tônico, pegou o vidro de um minuto e o virou. — Eu devo considerar os livros, Yrene.

Yrene voltou para o quarto, abriu a janela para deixar entrar a brisa na câmara sufocante e sentou-se na cama por um minuto antes de voltar a andar.

Ela deixou o pergaminho com Hafiza, pensando que estaria mais seguro na estante de livros trancada do que em qualquer outro lugar, mas não eram pergaminhos ou livros antigos que encheram sua cabeça quando saiu e desceu as escadas.

Progresso. Eles fizeram progressos na lesão de Chaol de forma significativa, e voltaram a encontrar seu quarto destruído.

O quarto *dele*, não deles. Ele deixara claro o suficiente mais cedo.

Os passos de Yrene eram inabaláveis, mesmo que suas pernas doessem de quase dois dias de equitação. Tinha que haver alguma conexão – seu progresso, esses ataques.

Ela nunca conseguiria pensar em sua sala silenciosa e abafada. Ou na biblioteca, não quando saltaria a cada passo ou miado curioso de um gato de Bastet.

Mas havia um lugar, silencioso e seguro. Um lugar onde ela poderia trabalhar através dos fios emaranhados que os levava até al.

O Útero estava vazio.

Depois que Yrene se lavou e vestiu o fino robe lavanda pálido, ela entrou na câmara cheia de vapor, incapaz de deixar de olhar para aquela banheira na parede mais distante. Onde a curandeira tinha chorado poucas horas antes de sua morte.

Yrene esfregou as mãos sobre o rosto, respirando com força.

Banheiras acenavam de ambos os lados, as águas borbulhantes convidativas, prometendo acalmar seus membros doloridos.

Mas Yrene permaneceu no centro da câmara, em meio a todos aqueles sinos tocando suavemente, e encarou a escuridão acima.

De uma estalactite muito longe na escuridão para ver, uma gota de água caiu, pousando em sua sobrancelha. Yrene fechou os olhos para o respingo frio e forte, mas não fez nenhum movimento para limpar a água.

Os sinos cantaram e murmuraram, as vozes de suas irmãs há muito tempo mortas. Ela se perguntou se aquela curandeira que morreu... Se sua voz agora cantava aqui.

Yrene olhou para a corda mais próxima de sinos pendurados na câmara, vários tamanhos e tipos. O próprio sino dela... Com os pés nus e silenciosos, Yrene foi até a pequena estalagmite brotando do chão perto da parede, até o corredor entre ela e outro pilar a poucos metros de distância. Sete outros sinos estavam pendurados, mas Yrene não precisava de um lembrete para saber qual era o dela.

Yrene sorriu para o pequeno sino prata, comprado com o ouro daquela estranha. O nome dela estava gravado na lateral – talvez pelo mesmo joalheiro de quem Chaol comprara o amuleto pendurado em seu pescoço. Mesmo aqui, ela não queria se separar dele.

Gentilmente, ela passou o dedo pelo sino, pelo nome e pela data em que entrou na Torre.

Um toque fraco e doce saltou na direção de seu toque. Ele ecoou nas paredes das rochas, mais alto que outros sinos. Fazendo alguns deles tilintarem como se em resposta.

Ao redor, o som de seu sino dançou, e Yrene virou-se, como se pudesse seguir o com.

E quando o som arrefeceu...

Yrene tocou o sino novamente. Um som mais alto e mais claro.

O toque voltou pela sala, e ela observou, rastreou.

Ele desapareceu mais uma vez. Mas não antes que seu poder cintilasse em resposta.

Com mãos que não pertenciam inteiramente a ela, Yrene tocou o sino pela terceira vez.

E quando seu canto encheu a sala, Yrene começou a andar.

Para todo lugar que o toque ecoou, Yrene seguiu.

Seus pés descalços batendo contra a pedra úmida, ela rastreou o caminho do som através do Útero, como se fosse um coelho correndo à frente.

Ao redor das estalagmites subindo do chão. Evitando as estalactites que descendo cima.

Atravessando a sala; escorregando pelas paredes; deixando as velas tremendo. Continuamente, ela rastreou esse som.

Passou pelos sinos de gerações de curandeiras, todos cantando em seu rastro.

Yrene também passou os dedos ao longo deles.

Uma onda de som respondeu.

Vá onde você teme pisar.

Yrene caminhou, os sinos tocando, tocando, tocando. Ainda assim ela seguiu o som de seu próprio sino, aquela doce, canção clara acenando para frente. Puxando-a.

Essa escuridão ainda habitava nele; em sua ferida. Eles tinham forçado bastante contra ela, mas ainda assim permaneceu.

No dia anterior ele contou coisas que quebraram seu coração, mas não toda a história.

Mas se a chave para derrotar esse fragmento da escuridão de valg não estava em só enfrentar as memórias, se as explosões de sua magia não fizeram nada...

Yrene seguiu o toque do sino prata para onde parou: Um antigo canto da sala, as correntes enferrujadas com a idade, alguns dos sinos verdes da oxidação.

Aqui, o som de seu sino ficou em silêncio.

Não, não silencioso. Mas esperando. Cantarolando contra a pedra.

Havia um pequeno sino, pendurado no final de uma corrente. Tão oxidado que a escrita era quase impossível de ler.

Mas Yrene leu o nome lá.

Yafa Towers.

Ela não sentiu a dor da pedra quando caiu de joelhos. Ao ler esse nome, a data... duzentos anos atrás.

Uma mulher Towers. Uma curandeira Towers. Aqui – com ela. Uma mulher Towers tinha cantado nesta sala durante os anos em que Yrene morou aqui. Mesmo agora, mesmo tão longe de casa, ela nunca havia estado sozinha.

Yafa. Yrene falou o nome, uma mão em seu coração.

Vá onde você teme pisar...

Yrene olhou para a escuridão do Útero acima.

Alimentando. O poder do valg estava se alimentando dele...

Sim, a escuridão acima parecia dizer. Não havia um gotejamento; nem um sino tocava.

Yrene olhou para as mãos, caídas ao seu lado. Convocou o leve brilho branco de poder. Deixou-o encher a sala, ecoando na rocha a música silenciosa. O eco daqueles sinos, as vozes de milhares de suas irmãs, a voz da Towers antes dela.

Vá onde você teme pisar...

Não o vazio que espreita dentro dele. Mas o vazio dentro de si mesma.

Aquele que tinha começado no dia em que soldados se reuniram em torno de sua casa, puxando-a para fora por seus cabelos na grama brilhante.

Será que Yafa sabia, aqui nesta câmara tão longe sob a terra, o que aconteceu naquele dia através do mar? Será que ela assistiu os últimos dois meses e enviou sua antiga música enferrujada no silêncio urgindo?

Não eram todos homens maus, Yrene.

Não, eles não eram. Os homens que ele havia comandado, com quem havia treinado, que usaram o mesmo uniforme, se curvavam ao mesmo rei que os soldados que vieram naquele dia...

Não eram homens maus. Havia pessoas em Adarlan que valia a pena salvar – valia a pena lutar. Eles não eram seus inimigos, nunca tinham sido. Talvez ela soubesse disso bem antes de ter revelado sua história no oásis ontem.

Talvez ela não quisesse saber.

Mas o que permanecia dentro dele, aquele fragmento do demônio que havia ordenado tudo...

Eu sei o que você é, disse Yrene em silêncio.

Pois era o mesmo que habitou dentro dela esses anos, tirando dela, mesmo enquanto a sustentava. Uma criatura diferente, mas ainda a mesma.

Yrene guardou sua magia de volta, o brilho se esvaindo. Ela sorriu para a doce escuridão acima. *Eu entendo agora.*

Outra gota de água beijou sua sobrancelha em resposta.

Sorrindo, Yrene estendeu a mão para o sino de sua antepassada. E o tocou.

Capítulo 54

Chaol acordou na manhã seguinte e mal conseguiu se mover.

Seu quarto havia sido consertado, guardas extras foram adicionados e, quando a realeza finalmente retornou das dunas ao pôr-do-sol, tudo estava em ordem.

Ele não viu Yrene pelo resto desse dia, e se perguntou se ela e a Alta Curandeira tinham de fato encontrado algo de valor naquele pergaminho. Mas quando o jantar veio e ela ainda não apareceu, ele enviou Kadja para pedir a Shen um relatório.

O próprio Shen veio – corando um pouco, sem dúvida, graças à beleza da criada que o trouxe aqui – e revelou que ele tinha certeza de que a notícia recebida da Torre era que Yrene havia retornado com segurança e não deixou a torre desde então.

Ainda assim, Chaol debatera chamar Yrene quando suas costas começaram a doer até o ponto de ser insuportável, quando mesmo a bengala não podia ajudá-lo a atravessar a sala. Mas a suíte não era segura. E se ela comesse a ficar aqui, e Nesryn voltasse antes que ele pudesse explicar...

Ele não conseguiu tirar o pensamento de sua mente. O que ele tinha feito, a confiança que havia quebrado.

Então ele conseguiu tomar um banho, esperando aliviar seus músculos doloridos, e praticamente se arrastou para a cama.

Chaol acordou ao amanhecer, tentou pegar a bengala ao lado da cama e engoliu o seu grito de dor.

Pânico o atingiu, selvagem e afiado. Ele apertou os dentes, tentando lutar através dele.

Os dedos do pé. Ele podia mover os dedos dos pés. E seus tornozelos. E seus joelhos...

Seu pescoço arqueou em agonia ondulante enquanto movia seus joelhos, suas coxas, seus quadris.

Oh, deuses. Ele tinha forçado demais, ele...

A porta se abriu, e lá estava ela, naquele vestido roxo.

Os olhos de Yrene se arregalaram, depois se acomodaram – como se estivesse prestes a lhe dizer algo.

Em vez disso, aquela máscara de calma constante deslizou sobre o rosto dela enquanto ela prendia metade de seu cabelo para trás e se aproximou em seus pés incansáveis.

— Você consegue se mexer?

— Sim, mas a dor... — Ele mal podia falar.

Deixando cair sua sacola no tapete, Yrene enrolou as mangas.

— Você pode virar?

Não. Ele tentou, e...

Ela não esperou por sua resposta.

— Descreva exatamente o que você fez ontem, desde o momento em que eu saí até agora.

Chaol fez. Falou tudo, até o banho...

Yrene praguejou viciosamente.

— Gelo. Gelo para ajudar os músculos tensos, não calor. — Ela soprou uma respiração. — Preciso que você role. Vvai doer como o inferno, mas é melhor se você fizer isso de uma só vez...

Ele não esperou. Apertou os dentes e fez isso.

Um grito saiu de sua garganta, mas Yrene estava instantaneamente lá, as mãos na bochecha, no cabelo, a boca contra o sua têmpora.

— Bom — ela soprou em sua pele. — Homem corajoso.

Ele não tinha se incomodado em vestir mais do que cuecas para dormir, então ela tinha pouco a fazer para prepará-lo enquanto passava as mãos sobre suas costas, rastreando o ar acima de sua pele.

— Ele... se deslocou — ela respirou.

— Não estou surpreso — ele disse através dos dentes. De modo nenhum.

Ela baixou as mãos para os lados.

— Por quê?

Ele traçou um dedo sobre a camisola bordada.

— Simplesmente faça o que precisa.

Yrene fez uma pausa à resposta dele – então pegou algo em sua bolsa. O couro. Ela segurou-o nas mãos, no entanto, em vez de deslizar para dentro da boca dele.

— Eu vou entrar — ela disse calmamente.

— Certo.

— Não, eu vou entrar, e vou terminar isso. Hoje. Agora mesmo.

Demorou um momento para que as palavras se afundassem. Tudo o que isso implicaria. Ele ousou perguntar:

— E se eu não puder?

Enfrentar, aguentar?

Não havia medo nos olhos de Yrene, nem hesitação.

— Esta não uma questão para eu responder.

Não, nunca fora. Chaol viu a luz do sol dançar em seu medalhão, sobre aquelas montanhas e mares.

O que ela poderia agora testemunhar dentro dele, o quanto ele falhou, uma vez depois da outra...

Mas eles haviam caminhado muito longe nessa estrada. Juntos. Ela não se afastou. De nada.

E ele também não.

— Você pode se machucar se ficar tempo demais — a garganta estava apertada, mas Chaol conseguiu falar.

Novamente, nenhuma onda de dúvida ou terror.

— Eu tenho uma teoria. Quero testá-la. — Yrene deslizou o couro entre seus lábios, e ele apertou levemente. — E você... você é a única pessoa em quem eu posso tentar.

Ocorreu a Chaol, logo que ela colocou as mãos sobre sua espinha desnuda, por que ele era o único que podia ser testado. Mas não havia nada que ele pudesse fazer quando a dor e a escuridão caíram sobre ele.

Não havia como parar Yrene enquanto ela mergulhava em seu corpo, sua magia uma luz branca e enrolada ao redor deles, dentro dele.

Valg. Seu corpo tinha sido manchado por seu poder, e Yrene...

Yrene não hesitou. Ela atravessou-o, descendo a escada da espinha, pelos corredores de seus ossos e sangue.

Ela era uma lança de luz, atirou-se diretamente no escuro, visando aquela sombra pairando que se esticava mais uma vez. Que tentava recuperar seu espaço.

Yrene bateu na escuridão e rugiu.

Aquilo estrondeou de volta, e ambos se enroscaram, lutando.

Era estranho, frio e vazio; estava cheio de podridão e vento e ódio.

Yrene se atirou nela. Toda a última gota.

E acima, como se a superfície de um mar noturno-escuro os separasse, Chaol berrou com agonia.

Hoje. Terminava hoje.

Eu sei o que você é.

Então, Yrene lutou, e a escuridão enfureceu-se.

Capítulo 55

A agonia o atravessou, interminável e profundamente.

Ele apagou por um minuto. Deixando-o cair livremente neste lugar.

Este poço.

O fundo da descida.

O inferno oco embaixo das raízes de uma montanha.

Aqui, onde tudo estava trancado e enterrado. Aqui, onde tudo vinha para se enraizar.

O fundamento vazio, minado e cortado, desmoronou em nada além desse poço.

Nada.

Nada.

Nada.

Sem valor e nada.

Ele viu seu pai primeiro. Sua mãe e seu irmão e aquela montanha fria. Viu as escadas encrustadas com gelo e neve, manchadas de sangue. Viu o homem para quem ele se vendeu com prazer, pensando que deixaria Aelin em segurança. *Celaena* em segurança.

Ele enviou a mulher que amava para a segurança de outro assassinato. A enviou para Wendlyn, pensando que seria melhor do que Adarlan. Para *matar* sua família real.

Seu pai emergiu do escuro, o espelho do homem que ele poderia ter se tornado, poderia ser um dia.

Aversão e desapontamento apareceram no rosto de seu pai enquanto ele o contemplava, o filho que poderia ter sido.

O preço do pedido de seu pai... ele pensava que seria uma sentença de prisão.

Mas talvez tenha sido um tiro na liberdade – para salvar seu filho inútil e rebelde do mal que ele provavelmente suspeitava que estivesse prestes a ser desencadeado.

Ele havia quebrado essa promessa a seu pai.

Ele o odiava, e, no entanto, seu pai – aquele horrível e miserável bastardo – sustentou seu lado da barganha.

Ele... ele não.

Perjuro. Traidor.

Tudo o que ele tinha feito, Aelin viera para acabar. Começando com sua honra.

Ela, com sua fluidez, aquela área obscura na qual morava... Ele havia quebrado os seus votos por ela. Partido tudo o que ele era por causa dela.

Ele podia vê-la, no escuro.

Os cabelos dourados, os olhos turquesa que tinham sido a última pista, a peça final do quebra-cabeça.

Mentirosa. Assassina. Ladra.

Ela estava deitada no sol em uma espreguiçadeira na varanda da suíte que tinha ocupado no palácio, um livro no colo. Inclinando a cabeça para o lado, ela o olhou com aquele meio sorriso preguiçoso. Um gato agitando-se de seu repouso.

Ele a odiava.

Ele odiava esse rosto, a diversão e a precisão. O temperamento e a maldade que poderiam destruir alguém apenas com uma palavra – apenas um olhar. Apenas um momento de silêncio.

Ela gostava dessas coisas. Deliciava-se.

E ele tinha sido tão enfeitiçado por isso, por essa mulher que era uma fogueira viva. Estava disposto a deixar tudo para trás. A honra. Os votos que fez.

Por essa mulher ativa, arrogante e moralista, havia quebrado partes de si mesmo.

E depois ela foi embora, como se ele fosse um brinquedo quebrado.

Direto para os braços daquele príncipe feérico, que emergiu do escuro. Que se aproximou daquela poltrona na varanda e sentou-se em sua ponta.

O meio sorriso dela se tornou diferente. Os olhos se acenderam.

O interesse letal e predatório se afiou no príncipe. Ela pareceu brilhar mais. Tornar-se mais consciente. Mais centrada. Mais... viva.

Fogo e gelo. Um fim e um começo.

Eles não se tocaram.

Apenas se sentaram naquela espreguiçadeira, uma conversa tácita passando entre eles. Como se tivessem finalmente encontrado algum reflexo de si mesmos no mundo.

Ele os odiava.

Os odiava por essa facilidade, essa intensidade, essa sensação de conclusão.

Ela o tinha destruído, destruído sua vida e depois passou para este príncipe, como se estivesse indo de um quarto para outro.

E quando tudo foi para o inferno, quando ele virou as costas para tudo o que conhecia, quando mentiu para quem mais importava para manter os segredos dela, ela não estava lá para lutar. Para ajudar.

Ela só havia retornado meses depois, e jogou no rosto dele.

Sua inutilidade. Como ele era nada.

Você me lembra como o mundo deveria ser. O que o mundo pode ser.

Mentiras. As palavras de uma menina que lhe agradecia por oferecer sua liberdade, por empurrar, até que ela estava rugindo no mundo novamente.

Uma garota que parou de existir na noite em que descobriram aquele corpo na cama.

Quando ela atacou seu rosto.

Quando tentou mergulhar aquela adaga em seu coração.

A predadora que ele tinha visto naqueles olhos... tinha sido libertada.

Não havia amarras que pudessem mantê-la contida. E palavras como *honra e dever e confiança*, tinham ido embora.

Ela destruíra aquele cortesão nos túneis. Deixou o corpo do homem cair, fechou os olhos e pareceu exatamente como era durante aqueles momentos de paixão. E quando ela abriu os olhos novamente...

Assassina. Mentirosa. Ladra.

Ela ainda estava sentada na espreguiçadeira, o príncipe feérico ao seu lado, ambos observando aquela cena no túnel, como se fossem espectadores em um esporte.

Olhando Archer Finn caindo para as pedras, o sangue escorrendo, rosto tenso com choque e dor.

Observando Chaol ficar lá, incapaz de se mover ou falar, enquanto respirava a morte diante dela, a vingança.

Enquanto Celaena Sardothien terminava, estilhaçando completamente.

Ele ainda tentou protegê-la. Afastá-la. Reconciliar-se.

Você sempre será meu inimigo.

Ela rugiu essas palavras como se fossem de dez anos de raiva.

E ela quis dizer isso. Quis dizer como qualquer criança que perdeu e sofreu na mão de Adarlan diria.

Como Yrene.

O jardim apareceu em outro bolso da escuridão. O jardim e a casa de campo e a mãe e a criança rindo.

Yrene.

O que ele não viu chegando. A pessoa que ele não esperava encontrar.

Aqui na escuridão... aqui estava ela.

E ainda assim ele havia falhado. Não tinha feito bem a ela, nem a Nesryn.

Ele deveria ter esperado, deveria ter respeitado as duas o suficiente para terminar com uma e começar com outra, mas supôs que também falhara nisso.

Aelin e Rowan ficaram naquela espreguiçadeira ao sol.

Ele viu o príncipe feérico gentilmente, reverentemente, pegar a mão de Aelin, virando-a. Expondo o pulso ao sol. Expondo as fracas marcas de grilhões.

Ele viu Rowan esfregar o polegar sobre essas cicatrizes. Viu o fogo nos olhos de Aelin.

Uma e outra vez, Rowan acariciou aquelas cicatrizes com o polegar. E a máscara de Aelin desapareceu.

Havia fogo nesse rosto. E raiva. E malícia.

Mas também tristeza. Medo. Desespero. Culpa.

Vergonha.

Orgulho e esperança e amor. O peso de um fardo da qual fugira, mas agora...

Eu te amo.

Eu sinto muito.

Ela tentara explicar. Falara tão claramente quanto podia. Tinha lhe dado a verdade, assim ele poderia juntar as peças quando ela partisse e entender. Ela quis dizer essas palavras. *Eu sinto muito.*

Sinto muito pelas mentiras. Pelo o que tinha feito com ele, com sua vida. Por ter jurado que o escolheria, escolheria a ele, não importa o quê. *Sempre.*

Ele queria detestá-la por essa mentira. Essa falsa promessa, que ela havia descartado nas florestas enevoadas de Wendlyn.

E ainda.

Lá, com esse príncipe, sem a máscara... aquele era o fundo de seu poço.

Ela veio a Rowan com a alma mancando. Tinha ido até ele como era, como nunca fora com ninguém. E ela voltou inteira.

Ainda esperava – esperava para estar com ele.

Chaol desejava Yrene, a tinha levado para sua cama sem nem pensar em Nesryn, e no entanto, Aelin...

Ela e Rowan olharam para ele agora. Ainda como um animal na floresta, ambos. Mas seus olhos cheios de compreensão. Entendimento.

Ela se apaixonou por outra pessoa, queria outra pessoa – tanto quanto ele queria Yrene.

E, no entanto, Aelin, ímpia e irreverente, o honrou. Mais do que ele honrou Nesryn.

O queixo de Aelin abaixou como se para dizer sim.

E Rowan... O príncipe a deixou voltar para Adarlan. Para fazer o certo pelo seu reino, mas também para decidir por si mesma o que queria. Quem ela queria. E se Aelin tivesse escolhido Chaol em seu lugar... Ele sabia, no fundo, que Rowan teria se afastado. Se tivesse feito Aelin feliz, Rowan teria ido embora sem nunca contar o que sentia.

A vergonha o pressionava, doentia e oleosa.

Ele a chamou de monstro. Por seu poder, suas ações e ainda...

Ele não a culpava.

Ele entendia.

Que talvez ela tivesse prometido coisas, mas... ela mudou. Os caminhos mudaram.

Ele entendia.

Ele prometeu a Nesryn – ou tinha implicado isso. E quando mudou, quando o caminho havia sido alterado; quando Yrene apareceu...

Ele entendeu.

Aelin sorriu suavemente para ele enquanto ela e Rowan ondulavam em um raio de sol e desapareciam.

Deixando um chão de mármore vermelho, o sangue se juntando.

Uma cabeça batendo com um som oco sobre azulejos lisos.

Um príncipe gritando em agonia, em raiva e desespero.

Eu te amo.

Vá.

Isso – se houvesse um momento de virada, era esse.

Quando ele se virou e correu. E deixou seu amigo, seu irmão, naquele salão.

Quando fugiu daquela luta, daquela morte.

Dorian o perdoou. Não usou contra ele.

No entanto, ele ainda correu. Ainda foi embora.

Tudo o que ele havia planejado, trabalhado para salvar, tudo desmoronou.

Dorian estava de pé diante dele, com as mãos nos bolsos, um sorriso fraco no rosto.

Ele não merecia servir tal homem. Tal rei.

A escuridão avançou ainda mais. Revelando aquela sala de conselho vermelha. Revelando o príncipe e o rei que ele serviu. Revelando o que tinham feito. Com seus homens.

Naquela câmara sob o castelo.

Como Dorian sorriu. Sorriu enquanto Ress gritava, enquanto Brullo lhe cuspiu no rosto.

Sua culpa – tudo isso. Cada momento de dor, essas mortes...

A escuridão mostrou as mãos de Dorian enquanto manejavam aqueles instrumentos embaixo do castelo. Enquanto sangue escorria e o osso se separava. Mãos firmes, limpas. E aquele sorriso.

Ele sabia. Ele sabia, tinha adivinhado. Nada acertaria isso. Com os homens dele; com Dorian, deixado para viver com as recordações.

Com Dorian, que ele abandonou naquele castelo.

Naquele momento, uma e outra vez, a escuridão lhe mostrou.

Enquanto Dorian segurava seu chão. Como ele revelou sua magia, tão boa quanto uma sentença de morte, e comprou a ele tempo para correr.

Ele tivera tanto medo – medo da magia, da perda, de *tudo*. E esse medo... foi o que o fez agir. Que o fez correr. Ele se agarrou tanto a ele, lutou contra ele e isso lhe custou tudo. Tarde demais. Demorou, era tarde quando viu claramente.

E quando o pior aconteceu; quando viu aquele colar; quando viu seus homens balançando nos portões, seus corpos partidos bicados por corvos...

Isso o transformou em seu cerne. Neste poço oco sob a montanha que ele tinha estado.

Ele desmoronou. Se deixara perder de vista.

E encontrou um pouco de paz em Forte de Fenda, mesmo após a lesão, e ainda...

Era como aplicar um remendo sobre uma ferida de faca no intestino.

Não curava. Sem amarras e raivoso, ele não *queria* se curar.

Na verdade não. Seu corpo, sim, mas mesmo isso...

Uma parte dele tinha sussurrado que era merecido.

E a lesão da alma... Ele estava satisfeito em deixá-la apodrecer.

Fracassado, mentiroso e quebrador de juramentos.

A escuridão inchou, um vento envolvendo-o.

Ele poderia ficar aqui para sempre. No escuro.

Sim, a escuridão sussurrou.

Ele poderia permanecer, e sentir raiva, odiar e se encurralar em nada além de sombra.

Mas Dorian permanecia diante dele, ainda sorrindo fracamente. Esperando.

Esperando.

Por... ele.

Ele tinha feito uma promessa. Não a quebrara ainda.

De salvá-los.

Seu amigo, seu reino.

Ele ainda os tinha.

Mesmo aqui no fundo deste inferno escuro, ele ainda os tinha.

E a estrada que viajou até agora... Não, ele não olharia para trás.

E se continuarmos, apenas para mais dor e desespero?

Aelin sorriu à sua pergunta, naquele telhado em Forte de Fenda. Como se tivesse entendido, muito antes dele, que ele encontraria esse poço. E descobriria a resposta por si mesmo.

Então não é o fim.

Este...

Este não era o fim. Esta fenda nele, esse fundo, não era o fim.

Ele ainda tinha uma promessa.

Esta ele manteria.

Não é o fim.

Ele sorriu para Dorian, cujos olhos de safira brilharam com alegria – com amor.

— Eu vou para casa — ele sussurrou para seu irmão, seu rei.

Dorian apenas inclinou a cabeça e desapareceu na escuridão.

Deixando Yrene de pé atrás dele.

Ela estava brilhando com luz branca, brilhante como uma estrela recém-nascida.

— A escuridão pertence a você — Yrene disse calmamente. — Para moldar no que quiser. Para dar poder ou torná-la inofensiva.

— Alguma vez foi dos valg para começar? — Suas palavras ecoaram em nada.

— Sim. Mas é sua para manter agora. Este lugar, esse núcleo final.

Permaneceria nele, uma cicatriz e um lembrete.

— Será que vai crescer de novo?

— Somente se você deixar. Somente se não preenchê-la com coisas melhores. Somente se não perdoar. — Ele sabia que não significava

apenas aos outros. — Mas se você for bom consigo mesmo, se você... se você se ama... — A boca de Yrene tremia. — Se você se ama tanto quanto eu o amo...

Algo começou a bater em seu peito. Um ritmo de tambor que tinha silenciado aqui.

Yrene ergueu uma mão em sua direção, sua iridescência ondulando na escuridão.

Não é o fim.

— Será que vai doer? — ele perguntou com voz rouca. — O caminho de volta – a saída?

O caminho de volta à vida, para si mesmo.

— Sim — murmurou Yrene. — Mas apenas esta última vez. A escuridão não quer perdê-lo.

— Temo que não possa dizer o mesmo.

O sorriso de Yrene foi mais brilhante do que o brilho que ondulava em seu corpo. Uma estrela.

Ela era uma estrela caída.

Ela estendeu a mão novamente. Uma promessa silenciosa – do que esperava do outro lado da escuridão.

Ele ainda tinha muito a fazer. Juramentos para manter.

E olhar para ela, para aquele sorriso...

Vida. Ele tinha uma vida para aproveitar, para lutar.

E a quebra que começara e terminara aqui... Sim, pertencia a ele. Ele fora *permitido* a quebrar, para que essa forja pudesse começar.

Para que ele recomeçasse.

Ele devia a seu rei, seu país.

E devia a si mesmo.

Yrene assentiu como se dissesse sim.

Então, Chaol se levantou.

Ele examinou a escuridão, esse pedaço dele. Não travou diante dela.

E sorrindo para Yrene, ele pegou sua mão.

Capítulo 56

Era agonia, desespero e medo. Era alegria, risada e descanso.

Era a vida, tudo isso, e à medida que aquela escuridão pulava para Chaol e Yrene, ele não a temeu.

Apenas olhou para o escuro e sorriu.

Não estava quebrado.

Foi feito de novo.

E quando a escuridão o viu...

Chaol deslizou uma mão contra sua bochecha. Beijou sua testa.

A escuridão afrouxou seu aperto e caiu de volta naquele poço. Enrolou-se no chão rochoso silenciosamente, com cuidado, e assistiu-o.

Ele tinha a sensação de se levantar, de ser sugado através de uma porta muito fina. Yrene o segurou, arrastando-o junto com ela.

Ela não soltou. Não vacilou. Ela os lançou para cima, uma estrela correndo para a noite.

A luz branca bateu contra eles...

Não. Luz do dia.

Ele apertou os olhos contra o brilho.

A primeira coisa que sentiu foi nada.

Sem dor. Sem entorpecimento. Sem agonia nem exaustão.

Suas pernas estavam... Ele moveu uma. Ela se mexeu e virou sem um triz de dor ou tensão.

Suave como a manteiga.

Ele olhou para a direita, para onde Yrene estava sentada.

Ela estava simplesmente sorrindo para ele.

— Como? — perguntou com a voz rouca.

Alegria acendeu seus deslumbrantes olhos.

— Minha teoria... eu explicarei mais tarde.

— A marca está...

Sua boca apertou.

— Menor, mas... ainda está lá. — Ela cutucou um ponto na coluna vertebral. — Embora eu não sinta qualquer coisa quando toco. Nada mesmo.

Um lembrete. Como se algum deus quisesse que ele lembrasse disso, lembrar do que aconteceu.

Ele se sentou, admirando a facilidade, a falta de rigidez.

— Você me curou.

— Acho que ambos temos crédito considerável desta vez. — Seus lábios e pele estavam muito pálidos.

Chaol roçou a bochecha dela com o nó dos dedos.

— Você está se sentindo bem?

— Estou cansada. Mas bem. E *você*, está se sentindo bem?

Ele pegou Yrene no colo dele e enterrou a cabeça no pescoço dela.

— Sim — ele respirou. — Mil vezes, sim.

Seu peito... havia uma leveza nele. Em seus ombros.

Ela bateu nele.

— Você ainda precisa ter cuidado. Estando recém-curado, você ainda pode se ferir. Dê tempo ao seu corpo para descansar – para deixar a cura se estabelecer.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— O que, exatamente, descansar implica?

O sorriso de Yrene tornou-se perverso.

— Algumas coisas que apenas pacientes especiais descobrem.

Sua pele apertou os ossos, mas Yrene deslizou de seu colo.

— Você pode querer tomar um banho.

Ele piscou, olhando para si mesmo. Para a cama. E se encolheu.

Aquilo era vômito. Nas cobertas, em seu braço esquerdo.

— Quando...

— Não tenho certeza.

O pôr-do-sol dourava o jardim, espremendo a sala com longas sombras.

Horas. Eles estiveram aqui o dia todo.

Chaol afastou-se da cama, admirando-se a maneira como deslizava pelo mundo como uma lâmina através da seda.

Ele sentiu que ela o observava enquanto caminhava para a sala de banho.

— Água quente é segura agora? — Ele perguntou por cima do ombro, tirando sua roupa íntima e entrando no banho deliciosamente quente.

— Sim — ela respondeu. — Você não está cheio de músculos tensos.

Ele mergulhou debaixo da água, esfregando-se. Todo movimento... deuses sagrados.

Quando voltou à superfície, tirando a água do rosto, ela estava parada no arco da porta de entrada.

Ele ficou imóvel com a embriaguez de seus olhos.

Lentamente, Yrene desfez os laços da frente daquele pálido vestido roxo. Deixou-o escorregar para o chão, junto com suas roupas íntimas.

Sua boca ficou seca quando ela manteve seus olhos sobre ele, os quadris balançando a cada passo que deu para a piscina. Para a escada.

Yrene entrou na água e seu sangue rugiu em seus ouvidos.

Chaol estava sobre ela antes de alcançar o último degrau.

Eles perderam o jantar. E a sobremesa.

E *kahve* da meia-noite.

Kadja entrou durante o banho para mudar os lençóis. Yrene não conseguiu ficar mortificada pelo o que a criada provavelmente tinha ouvido. Eles certamente não foram silenciosos na água.

E certamente não foram silenciosos durante as horas seguintes.

Yrene estava cambaleando com exaustão quando se separaram, suada o suficiente para que outra ida ao banho fosse iminente. O peito de Chaol subia e descia em respirações poderosas.

No deserto, tinha sido inacreditável. Mas agora, curado – além da espinha, as pernas; curado naquele escuro, o lugar apodrecido dentro de sua alma...

Ele pressionou um beijo em sua sobrancelha suada, seus lábios pegando os cachos perdidos que haviam aparecido graças ao banho. A outra mão desenhava círculos na parte inferior das costas.

— Você disse algo naquele poço — ele murmurou.

Yrene estava cansada demais para formar palavras além de um “Mmm” baixo.

— Você disse que me ama.

Bem, isso a despertou.

Seu estômago apertou.

— Não se sinta obrigado a...

Chaol silenciou-a com aquele olhar constante e imperturbável.

— É verdade?

Ela traçou a cicatriz de sua bochecha. Não tinha visto muito do começo, só entrou em suas lembranças a tempo de ver aquele homem bonito de cabelos escuros – Dorian – sorrindo para ele. Mas ela sentia, sabia quem havia lhe dado aquela cicatriz recente.

— Sim. — E embora sua voz fosse baixa, ela quis dizer isso com cada centímetro de sua alma.

Os cantos da boca dele se ergueram.

— Então é uma coisa boa, Yrene Towers, que eu te ame também.

Seu peito ficou tenso; ela ficou cheia demais para seu corpo, para o que a atravessou.

— Desde o momento em que você entrou na sala de estar no primeiro dia — disse Chaol. — Acho que eu sabia, mesmo então.

— Eu era uma estranha.

— Você me olhou sem pena. Olhou para *mim*, não para a cadeira ou para a lesão. Você me viu. Foi a primeira vez que eu me senti... visto. Senti-me acordado, em muito tempo.

Ela beijou seu peito, bem no coração.

— Como eu poderia resistir a estes músculos?

Sua risada retumbou em sua boca, seus ossos.

— A profissional consumada.

Yrene sorriu em sua pele.

— As curandeiras nunca me deixarão em paz. Hafiza já está fora de si com alegria.

Mas ela se endureceu, considerando a estrada à frente. As escolhas.

— Quando Nesryn retornar, eu planejo deixar as coisas claras — Chaol disse depois de um momento. — Embora eu pense que ela saberá antes de eu falar..

Yrene assentiu, tentando lutar contra a agitação que se arrastou sobre ela.

— E, além disso... A escolha é sua, Yrene. Quando vai sair. Como vai sair. Se realmente deseja deixar tudo.

Ela se preparou.

— Mas se você quiser... haverá um lugar para você no meu navio. Ao meu lado.

Ela deixou escapar um *hum* e desenhou um círculo ao redor de seu mamilo.

— Que tipo de lugar?

Chaol esticou-se como um gato, enfiando os braços atrás da cabeça enquanto dizia:

— As opções usuais: arrumadeira, cozinheira, lavadora de pratos...

Ela espetou suas costelas e ele riu. Era um som bonito, rico e profundo.

Mas seus olhos castanhos suavizaram quando ele segurou seu rosto.

— Qual lugar você gostaria, Yrene?

Seu coração trovejou à pergunta, ao timbre de sua voz. Mas ela sorriu e disse:

— Qualquer um que me dê o direito de gritar com você se você se esforçar demais. — Ela passou a mão pelas suas pernas, suas costas. Cuidado – ele teria que ser tão, tão cuidadoso por um tempo. Um canto da boca de Chaol levantou, e ele a puxou sobre si.
— Acho que conheço a posição certa.

Capítulo 57

O abrigo de Eridun estava uma loucura quando eles voltaram.

Falkan estava vivo – por pouco – e causou tanto pânico na chegada dos ruks a Altun que Houlun teve que saltar na frente da aranha tépida para evitar que os outros ruks o destruíssem.

Sartaq conseguiu ficar de pé tempo suficiente para abraçar Kadara, pedir que um curandeiro viesse para ela imediatamente, então envolveu seus braços em torno de Borte, que estava salpicada de sangue preto e sorria de orelha à orelha. Então Sartaq colocou os braços em Yeran, a quem Borte ignorou, o que Nesryn supôs que fosse uma melhoria da hostilidade absoluta.

— Como? — Sartaq perguntou a Borte enquanto Nesryn pairava perto da forma inconsciente de Falkan, ainda não confiando nos ruks para se controlarem.

Yeran, sua companhia de ruks Berlad tendo retornado ao seu próprio abrigo, afastou-se de sua montaria e respondeu:

— Borte veio me buscar. Disse que estava indo em uma missão estúpida e perigosa e eu poderia deixá-la morrer sozinha ou vir junto.

Sartaq riu.

— Você estava proibida — ele disse a Borte, olhando para onde Houlun se ajoelhava ao lado de Falkan, a mãe de coração, de fato,

parecia dividida entre alívio e raiva absoluta.

Borte fungou.

— Pela minha mãe postiça *daqui*. Como no momento estou noiva de um capitão do Berlad... — dando ênfase *no momento*, para desgosto de Yeran, parecia — também posso reivindicar lealdade parcial da mãe de *lá*. Que não teve dúvidas sobre deixar-me passar algum *tempo de qualidade* com meu noivo.

— Nós teremos uma conversinha, ela e eu — Houlun olhou-a se levantando e caminhou, ordenando a várias pessoas para levarem Falkan mais adiante no corredor. Cambaleando com o peso da aranha, obedeceram com cautela.

Borte deu de ombros, virando-se para seguir Houlun para onde o metamorfo seria remendado da melhor maneira possível no corpo da aranha.

— Pelo menos o senso de tempo de qualidade da mãe postiça dele é compatível com a minha própria — ela disse e saiu.

No entanto, quando saiu, Nesryn poderia ter jurado que Borte deu a Yeran uma piscadela, um pequeno sorriso.

Yeran a encarou por um longo momento, depois se virou para eles. Deu-lhes um sorriso torto.

— Ela prometeu marcar uma data. Foi assim que fez minha mãe aprovar. — Ele piscou para Sartaq. — Que pena eu não disse a ela que não aprovarei a data.

E com isso, ele foi atrás de Borte, dando alguns passos apressados para alcançá-la. Ela girou para ele, palavras afiadas já saindo de seus lábios, mas permitiu que ele a seguisse até o corredor.

Quando Nesryn se virou para Sartaq, foi a tempo de vê-lo oscilar.

Ela pulou para frente, seu corpo dolorido protestando quando segurou o príncipe. Alguém gritou por um curandeiro, mas Sartaq se firmou mesmo que mantivesse seus braços sobre ela.

Nesryn encontrou-se incapaz de tirar seus próprios braços da cintura dele.

Sartaq olhou para ela, aquele sorriso suave e doce em sua boca novamente.

— Você me salvou.

— Pareceu um fim triste para as histórias do Príncipe Alado — ela respondeu, franzindo o cenho para o ferimento na perna dele. — Você deveria estar sentado...

Do outro lado do corredor, luz brilhou, pessoas gritaram... e então a aranha desapareceu. Substituída por um homem, coberto de cortes e

sangue.

Quando Nesryn se virou para ele, o olhar de Sartaq estava em seu rosto.

Sua garganta se fechou, a boca pressionando em uma linha trêmula quando percebeu que estavam aqui. Eles estavam aqui e vivos, e ela nunca conheceu tão verdadeiro terror e desespero como nos momentos em que ele foi levado para longe.

— Não chore — ele murmurou, inclinando-se para limpar com a boca as lágrimas que escaparam. Disse contra a pele dela: — O que eles diriam sobre a Flecha de Neith, então?

Nesryn riu apesar de si mesma, apesar do que aconteceu, e apertou-o tanto quanto ousou, descansando a cabeça contra seu peito.

Sartaq simplesmente acariciou seus cabelos e abraçou-a de volta.

O Conselho dos Clãs se reuniu dois dias depois, ao amanhecer.

As mães e seus capitães de cada abrigo reuniram-se no salão, tantos que o espaço estava cheio.

Nesryn tinha dormido todo o dia anterior.

Não em seu quarto, mas enrolada na cama ao lado do príncipe agora de pé com ela diante do grupo.

Ambos cuidaram de seus ferimentos e tomaram banho, e embora Sartaq a tivesse apenas beijado... Nesryn não se opôs quando ele a conduziu pela mão e mancara para o quarto dele.

Então eles dormiram. E quando acordaram, quando colocaram bandagens em suas feridas, eles saíram para encontrar o salão cheio de cavaleiros.

Falkan estava sentado contra a parede mais distante, o braço em uma tipoia, mas os olhos limpos. Nesryn sorriu para ele quando entrou, mas agora não era o momento para essa reunião. Ou as possíveis verdades que ela carregava.

Quando Houlun terminou de receber todos, quando o silêncio caiu no salão, Nesryn ficou de pé ombro a ombro com Sartaq. Era estranho vê-lo com o cabelo mais curto – estranho, mas não horrível. Voltaria a crescer, ele disse quando ela franziu a testa naquela manhã.

Todos os olhos se deslocaram entre eles, alguns calorosos e acolhedores, outros preocupados, alguns duros.

Sartaq se dirigiu ao grupo se reuniu.

— As *kharankui* se agitaram de novo. — Murmúrios e pessoas se mexendo pelo salão. — E embora a ameaça tenha sido tratada de forma valente e feroz pelo clã Berlad, as aranhas provavelmente retornarão. Elas ouviram um chamado obscuro através do mundo. E estão preparadas para responder.

Nesryn deu um passo à frente. Elevou o queixo. E embora as palavras a enchessem de medo, falar aqui parecia tão natural quanto respirar.

— Aprendemos muitas coisas na Passagem de Dagul — disse Nesryn, sua voz soando nos pilares e pedras do corredor. — Coisas que mudarão a guerra no norte. E mudarão esse mundo.

Cada olho estava sobre ela agora. Houlun assentiu com a cabeça perto de Borte, que sorria em encorajamento.

Yeran sentado perto, meio observando sua noiva.

Os dedos de Sartaq roçaram os dela. Uma vez – em estímulo. Uma promessa.

— Nós não enfrentamos um exército de homens no continente do norte — continuou Nesryn. — Mas de demônios. E se não nos levantarmos para enfrentar esta ameaça, se não nos levantarmos para encontrá-la como um povo, de todas as terras... Então encontraremos nossa condenação.

Então ela contou a eles. A história completa. De Erawan. E Maeve.

Ela não mencionou a busca das chaves, mas, quando terminou, o salão estava agitado, os clãs sussurrando uns com os outros.

— Deixo essa escolha para vocês — disse Sartaq, com a voz inalterada. — Os horrores nos Montes Dagul são apenas o começo. Eu não julgarei de nenhuma maneira se optarem por permanecer. Mas todos os que voarem comigo, nós o faremos sob a bandeira do khagan. Nós os deixaremos para debater entre vocês.

E com isso, pegando Nesryn pela mão, Sartaq a levou do salão, Falkan os seguindo. Borte e Houlun permaneceram com os chefes do clã Eridun. Nesryn sabia de que lado ficariam, que eles voariam para o norte, mas os outros...

Sussurros se tornaram um debate completo quando chegaram a um dos espaços de encontro privados da família. Mas Sartaq ficou na pequena sala por apenas um momento antes de se dirigir para as cozinhas, deixando Nesryn e Falkan com uma piscadela e uma promessa de trazer comida.

Sozinha com o metamorfo, Nesryn caminhou até o fogo e aqueceu as mãos.

— Como você está se sentindo? — Ela perguntou, olhando por cima do ombro para onde Falkan relaxava em uma cadeira de madeira de encosto baixo.

— Tudo dói. — Falkan fez uma careta, esfregando a perna. — Lembre-me de nunca fazer nada heroico novamente.

Ela riu sobre o crepitar do fogo.

— Obrigada... por fazer isso.

— Eu não tenho ninguém que sentiria minha falta, de qualquer maneira.

Sua garganta apertou. Mas ela perguntou:

— Se voarmos para o norte - para Antica, e finalmente para o continente do norte... — Ela não conseguia mais dizer a palavra. *Casa*. — Você virá?

O metamorfo ficou em silêncio por um longo momento.

— Você quer que eu vá? Qualquer um de vocês?

Nesryn virou-se do fogo finalmente, os olhos ardendo.

— Tenho algo para lhe contar.

Falkan chorou.

Colocou a cabeça entre as mãos e chorou quando Nesryn lhe contou o que suspeitava. Ela não sabia muito da história pessoal de Lysandra, mas a idade, a localização, correspondiam. Apenas a descrição não.

A mãe havia descrito uma garota comum e morena. Não uma beleza de cabelos negros e olhos verdes.

Mas sim, sim, ele viria. Para a guerra, e para encontrá-la. Sua sobrinha. Seu último fragmento de família no mundo, por quem ele nunca parou de procurar.

Sartaq voltou com comida, e trinta minutos depois, a notícia veio do salão.

Os clãs haviam tomado sua decisão.

As mãos tremendo, Nesryn caminhou até a porta, onde Sartaq estendeu a mão.

Seus dedos se entrelaçaram, e ele a levou para o salão agora silencioso. Falkan levantou dolorosamente de sua cadeira, gemendo enquanto afastava suas lágrimas e mancava atrás deles.

Eles deram alguns passos antes que uma mensageira entrou no corredor.

Nesryn se afastou de Sartaq para deixá-lo lidar com a garota ofegante de olhos selvagens. Mas foi para Nesryn que a mensageira estendeu a carta.

As mãos de Nesryn tremiam quando reconheceu a caligrafia nela.

Ela sentiu Sartaq endurecer quando também percebeu que a escrita era de Chaol. Ele recuou, os olhos fechando, para deixá-la ler.

Ela leu a mensagem duas vezes. Teve que tomar uma respiração firme para evitar vomitar.

— Ele... ele solicita minha presença em Antica. *Precisa* dela — ela falou, o bilhete balançando em sua mão trêmula. — Ele nos suplica que voltemos imediatamente. Tão rápido quanto os ventos possam nos levar.

Sartaq pegou a carta para ler por si mesmo. Falkan ficou em silêncio e atento enquanto o príncipe lia. E praguejava.

— Algo está errado — disse Sartaq, e Nesryn assentiu.

Se Chaol, que nunca pedia ajuda, nunca quis ajuda, pediu que eles se apressassem... Ela olhou para o conselho, ainda aguardando para anunciar sua decisão.

Mas Nesryn apenas perguntou ao príncipe:

— Em quanto tempo podemos estar no ar?

Capítulo 58

A manhã veio e se foi, e Yrene não estava com pressa para se levantar da cama. Nem Chaol. Eles tiveram um almoço tranquilo na sala de estar, sem se incomodar com roupas adequadas.

Hafiza decidiria em seu próprio tempo, se lhe daria aqueles livros. Então eles teriam que esperar.

E então esperar encontrar Aelin Galathynius novamente, ou qualquer outra pessoa que pudesse decifrá-los. Chaol disse o mesmo, depois que Yrene contou o que Hafiza confirmara.

— Deve haver alguma informação considerável dentro desses livros. — refletiu Chaol enquanto mastigava sementes de romã, a fruta como pequenos rubis em sua boca.

— Se eles são tão antigos quanto pensamos — disse Yrene — se tantos desses textos vieram da necrópole ou de locais similares, pode ser um achado. Sobre os valg. Nossa conexão com eles.

— Aelin teve sorte em Forte da Fenda, quando tropeçou naqueles poucos livros.

Ele havia contado a ela na noite passada – da assassina chamada Celaena, que acabou por ser uma rainha chamada Aelin. Toda a história dela, a descoberta. Longa e triste. Sua voz ficou rouca quando ele falou sobre Dorian. Do colar valg do príncipe. Daqueles que perdeu. De seu próprio papel, os sacrifícios que fez, as promessas que havia quebrado. Tudo isso.

E se Yrene já não o amava, ela o amou então, sabendo a verdade. Vendo o homem que ele estava se tornando, se transformando, depois de tudo isso.

— O rei, de alguma forma, os deixou passar durante a sua busca e purga iniciais.

— Ou talvez algum deus se certificou que ele os deixasse — pensou Yrene. Ela levantou uma sobrancelha. — Suponho que não haja qualquer gato de Bastet naquela biblioteca.

Chaol balançou a cabeça e pousou a casca vazia de romã.

— Aelin sempre teve um deus ou dois empoleirados em seu ombro. Nada me surpreenderia neste momento.

Yrene considerou.

— O que aconteceu com o rei? Se ele tinha aquele demônio valg.

O rosto de Chaol escureceu quando se recostou no sofá não tão confortável que substituíra o dourado destruído.

— Aelin o curou.

Yrene sentou-se mais reta.

— Como?

— Ela o queimou dele. Bem, ela e Dorian.

— E o homem – o verdadeiro rei – sobreviveu?

— Não. Inicialmente, sim. Mas nem Aelin nem Dorian queriam falar muito sobre o que aconteceu. Ele sobreviveu o tempo suficiente para explicar o que tinha feito, mas acho que ele estava desaparecendo rapidamente. Então Aelin destruiu o castelo. E o rei junto.

— Mas o fogo destruiu o demônio valg dentro dele?

— Sim. E acho que ajudou a salvar Dorian também. Ou, pelo menos, comprou-lhe liberdade suficiente para lutar contra. — Ele inclinou a cabeça. — Por que pergunta?

— Por essa teoria que tive... — O joelho de Yrene balançou. Ela verificou a sala, as portas. Ninguém nas proximidades. — Eu acho... — Ela se inclinou mais perto, agarrando seu joelho — acho que os Valg são parasitas. Infecções.

Ele abriu a boca, mas Yrene avançou.

— Hafiza e eu tiramos uma solitária de Hasar quando vim aqui pela primeira vez. Elas se alimentam de seus hospedeiros, semelhante à forma dos valg. Dominam as necessidades básicas – como fome. E eventualmente matam seus hospedeiros, quando todos os recursos tiverem sido usados.

Chaol ficou absolutamente quieto.

— Mas estas não são larvas sem consciência.

— Não, e foi o que eu quis ver com você ontem. Quanta consciência a escuridão tinha. A extensão do seu poder. Se tinha deixado algum tipo de parasita em sua corrente sanguínea. Não deixou, mas... havia outro parasita se alimentando de você, dando controle.

Ele ficou em silêncio.

Yrene limpou a garganta, acariciando o pulso dele com o polegar.

— Percebi na noite passada. Que eu tinha um dos meus. Meu ódio, minha raiva, medo e dor. — Ela afastou um cacho solto. — Eles eram todos parasitas, alimentando-se de mim durante esses anos. Sustentando-me, mas também se alimentando de mim.

E uma vez que ela entendeu isso – que o lugar que ela mais temia pisar era dentro de si mesma, onde teria que reconhecer o que, exatamente, habitava dentro dela...

— Quando percebi isso, entendi o que os valg realmente são, no fundo. O que suas sombras são. *Parasitas*. E suportá-las durante essas semanas não era o mesmo que enfrentá-las. Então as ataquei como faria com qualquer outro parasita; examinei em torno delas. Fiz com que fossem até *você* – atacá-las o mais forte possível para sair de perto de *mim*. Para que *você* pudesse enfrentá-las, vencê-las. Para que então *você* pudesse ir para onde teme pisar, e decidir se, finalmente, estava pronto para lutar.

Seus olhos estavam claros, brilhantes.

— Essa é uma grande realização.

— Certamente foi. — Ela considerou o que ele havia relatado – sobre Aelin e o demônio dentro do rei morto. — O fogo limpa. É purificante. Entre as artes da cura, não é usado muitas vezes. Difícil demais de manejar. Água é mais bem ajustada à cura. Mas existem dons de cura pura. Como o meu.

— Luz — disse Chaol. — Pareciam luzes surgindo contra a escuridão.

Ela assentiu.

— Aelin conseguiu libertar Dorian e seu pai. Grosseiramente, e um não sobreviveu. Mas e se um curandeiro com meu tipo de dom fosse

tratar alguém possuído – infectado por valg? O anel, o colar, são dispositivos de implantação. Como água ruim, ou comida contaminada. Simplesmente um portador de algo pequeno, o núcleo desses demônios, que então crescem dentro de seus hospedeiros. Removê-lo é o primeiro passo, mas você disse que o demônio pode permanecer mesmo depois.

Seu peito começou a subir em um ritmo desigual enquanto ele assentia.

— Acho que posso curá-los — Yrene sussurrou. — Acho que os valg... acho que são parasitas, e posso tratar as pessoas que estão infectadas.

— Então todos que Erawan capturou, mantidos com anéis e colares...

— Potencialmente, poderíamos libertá-los.

Ele apertou sua mão.

— Mas você teria que se aproximar deles. E o poder deles, Yrene...

— Eu presumiria que é aí que Aelin e Dorian entrariam. Para segurá-los.

— No entanto, não há como testar essa teoria. Sem riscos consideráveis. — Seu maxilar apertou. — Tem que ser o motivo do agente de Erawan que a está caçando. Para apagar esse conhecimento. Para evitar que você perceba por meio da minha cura. E o transmita a outros curandeiros.

— Se esse for o caso, porém... Por que agora? Por que esperar tanto tempo?

— Talvez Erawan nem considerasse a possibilidade. Até Aelin ter expulsado o valg de Dorian e do rei. — Ele esfregou o peito. — Mas existe um anel. Era de Athril, amigo do rei Brannon e Maeve. Ele concedia imunidade dos valg a Athril. Estava perdido para a história, o único de seu tipo. Aelin o encontrou. E Maeve o queria o suficiente para trocar Rowan por ele. A lenda diz que a própria Mala forjou para Athril, mas... Mala amava Brannon, não Athril.

Chaol disparou do sofá, e Yrene o observou andar.

— Havia uma tapeçaria. No quarto antigo de Aelin. Uma tapeçaria que mostrava um veado e escondia a entrada que levava até ao tumba onde a chave de Wyrd tinha sido escondida por Brannon. Foi a primeira pista de Aelin que a colocou nesse caminho.

— E? — A palavra era pouco mais que um impulso de ar.

— E havia uma coruja entre os animais da floresta. Era a forma de Athril. Não a de Brannon. Tudo aquilo foi codificado – a tapeçaria, a

tumba. Símbolos sobre símbolos. Mas a coruja... Nós nunca pensamos. Nunca consideramos.

— Consideraram o quê?

Chaol parou no meio da sala.

— Que a coruja não era apenas a forma animal de Athril, mas de sua lealdade por outra pessoa.

E, apesar do dia quente, o sangue de Yrene esfriou enquanto dizia:

— Silba.

Chaol assentiu lentamente.

— A Deusa da Cura.

— Mala não forjou esse anel de imunidade — Yrene sussurrou.

— Não. Ela não. Silba.

— Precisamos ir a Hafiza — disse Yrene em voz baixa. — Mesmo que ela não nos deixe levar os livros, devemos perguntar se podemos vê-los – ver por nós mesmos o que poderia ter sobrevivido todo esse tempo. O que esses curandeiros feéricos podem ter aprendido naquela guerra.

Ele fez sinal para ela se levantar.

— Vamos agora.

Mas as portas da suíte se abriram e Hasar entrou, seu vestido dourado e verde fluindo.

— Bem — ela disse, sorrindo à falta de roupas deles, seus cabelos desgrenhados. — Pelo menos vocês dois estão confortáveis.

Yrene teve a sensação de que o mundo estava prestes a ser derrubado por baixo dela enquanto a princesa sorria para Chaol.

— Nós tivemos algumas notícias. De suas terras.

— O quê. — As palavras eram um grunhido.

Hasar cutucou suas unhas.

— Ah, só que o exército da rainha Maeve conseguiu encontrar Aelin Galathynius, que foi tão sorrateira. Aconteceu uma bela batalha.

Capítulo 59

Chaol debateu estrangular a princesa sorridente. Mas ele conseguiu manter as mãos ao seu lado, conseguiu manter o queixo alto apesar do fato de estar vestindo apenas a calça e disse:

— O. Que. Aconteceu.

Uma batalha naval. Aelin contra Maeve. Ele esperou que a espada pendurada caísse. Se ele estivesse atrasado demais...

Hasar ergueu os olhos das unhas.

— Foi um espetáculo, aparentemente. Um exército de feéricos contra uma força humana remendada...

— Hasar, por favor — murmurou Yrene.

A princesa suspirou ao teto.

— Bem. Maeve foi derrotada.

Chaol afundou no sofá.

Aelin – graças aos deuses, Aelin conseguiu encontrar um jeito...

— Embora tenha havido alguns detalhes interessantes. — Então a princesa sacudiu os fatos. Os números. Um terço da armada de Maeve, que trazia bandeiras Whitethorn, se virou e juntou-se à frota de Terrasen. Dorian lutou – manteve a linha de frente com Rowan. Em seguida, um grupo de serpentes aladas apareceu – para lutar por Aelin.

Manon Bico Negro. Chaol estaria disposto a apostar sua vida que de alguma forma, fosse através de Aelin ou Dorian, aquela bruxa lhes fizera um favor, e possivelmente alterara o curso desta guerra.

— A magia, eles dizem, foi impressionante — Hasar continuou. — Gelo e vento e água. — Dorian e Rowan. — Até o boato de uma metamorfa. — Lysandra. — Mas nenhuma escuridão. Ou com o que quer que Maeve lute. E nenhuma chama.

Chaol envolveu os joelhos com os antebraços.

— Embora alguns relatórios afirmem terem avistado chamas e sombras na costa – muito longe. Ondulações de ambos. E ninguém viu Aelin ou a Rainha Sombria na frota.

Era a cara de Aelin, mover a batalha entre ela e Maeve para a costa. Para minimizar baixas, para que ela pudesse liberar todo o seu poder sem hesitação.

— Como falei — continuou Hasar, esfregando as saias de seu vestido — eles foram vitoriosos. Aelin foi vista voltando para seu exército horas depois. Eles estavam navegando para o norte, aparentemente.

Ele murmurou uma oração de agradecimento a Mala. E uma oração de agradecimento a qualquer deus que tivesse cuidado de Dorian também.

— Quaisquer grandes baixas?

— Para seus homens, sim, mas nenhum dos jogadores interessantes — disse Hasar, e Chaol a odiou. — Mas Maeve... estava lá e se foi, nenhum sussurro restou. — Ela franziu a testa para as janelas. — Talvez ela navegue para cá para lamber suas feridas.

Chaol rezou para que não fosse assim. No entanto, se a armada de Maeve ainda estivesse no Mar Estreito quando eles tornassem a atravessar...

— Mas os outros navegam para o norte agora - para onde? — *Onde posso encontrar meu rei, meu irmão?*

— Eu assumiria Terrasen, agora que Aelin tem seu exército. Ah, exércitos.

Hasar sorriu para ele. Esperando a questão - o pedido.

— Que exércitos? — Chaol se forçou a perguntar.

Hasar deu de ombros, caminhando pela sala.

— Acontece que Aelin reclamou uma dívida. Para os Assassinos Silenciosos do Deserto Vermelho.

Os olhos de Chaol queimaram.

— E para Wendlyn.

Suas mãos começaram a tremer.

— Quantos navios — ele respirou.

— Todos eles — disse Hasar, chegando a porta. — Toda a armada de Wendlyn veio, comandada pela coroa do próprio Príncipe Galan.

Aelin... O sangue de Chaol acendeu, e ele olhou para Yrene. Os olhos dela estavam arregalados, brilhantes. Brilhantes com esperança, esperança preciosa.

— Acontece que — refletiu Hasar, como se fosse um pensamento passageiro — há algumas pessoas que pensam dignamente dela. E que acreditam no que ela está vendendo.

— Que seria? — sussurrou Yrene.

Hasar deu de ombros.

— Suponho que seja o que ela tentou vender para mim, quando me escreveu uma mensagem semanas atrás, pedindo minha ajuda. De uma

princesa para outra.

Chaol respirou fundo.

— O que Aelin prometeu a você?

Hasar sorriu para si mesma.

— Um mundo melhor.

Capítulo 60

Chaol estava eriçado ao lado de Yrene enquanto se apressavam pelas ruas estreitas de Antica, abarrotadas de pessoas indo para casa durante a noite. Não com raiva, ela percebeu, mas com propósito.

Aelin reunira um exército, e se eles conseguissem se juntar a eles, levando alguma força do khaganato...

Yrene viu a esperança em seus olhos. O foco.

Uma chance para esta guerra. Mas apenas se pudessem convencer a realza.

Um último empurrão, ele declarou a ela quando entraram no interior frio da Torre e se apressaram pelas escadas.

Ele não se importava se tivesse que rastejar na frente do khagan. Ele faria uma última tentativa de convencê-lo.

Mas primeiro: Hafiza. E os livros que poderim conter uma arma muito mais valiosa que espadas ou flechas: conhecimento.

Seus passos não vacilaram quando entraram no interior infinito da Torre. Mesmo com tudo o que pesava sobre eles, Chaol ainda murmurou em seu ouvido:

— Não é de admirar que essas suas pernas sejam tão bonitas.

Yrene bateu nele, seu rosto aquecendo.

— Safado.

A esta hora, a maioria das acólitas já começava a jantar. Várias sorriram para Chaol quando passaram por ele na escada, algumas mais jovens, rindo. Ele lhes lançou sorrisos calorosos e indulgentes que as fez perderem o controle sobre suas risadinhas.

Dela. Ele era dela, Yrene queria dizer para nelas. Este homem bonito, corajoso e altruísta – era dela.

E ela iria para casa com ele.

Foi aquele pensamento que a fez voltar a si ligeiramente. A sensação de que essas caminhadas sem fim no interior da Torre agora poderiam ser limitadas. Ela não sentiria o cheiro da lavanda e do pão assado por muito tempo. Não ouviria essas risadinhas.

A mão de Chaol acariciou a dela como se quisesse dizer que ele entendia. Yrene apenas apertou seus dedos com força. Sim, ela deixaria uma parte de si aqui. Mas o que levaria consigo ao sair... Yrene sorria quando chegaram ao topo da Torre.

Chaol ofegava, apoiando uma mão na parede. A porta do escritório de Hafiza entreaberta, deixando a última sombra do pôr-do-sol aparecer.

— Quem construiu isso era um sádico.

Yrene riu, batendo na porta do escritório de Hafiza e empurrando-a para abri-la totalmente.

— Essa seria Kamala. E o rumor diz que ela... — Yrene parou, encontrando o escritório da Alta Curandeira vazio.

Ela o contornou e atravessou o local, caminhando para a sala de trabalho – a porta apenas encostada.

— Hafiza?

Não houve resposta, mas ela abriu a porta de qualquer maneira.

Vazio. A estante de livros, misericordiosamente, ainda trancada.

Provavelmente fazendo rondas, ou jantando, então. Embora tenham visto todos descerem para o jantar, ao bater do sino, e Hafiza não estivesse entre eles.

— Espere aqui — disse Yrene, e desceu as escadas para o próximo andar, um nível acima do próprio quarto de Yrene.

— Eretia — chamou ela, entrando na pequena sala.

A curandeira grunhiu em resposta.

— Vi um traseiro agradável passar por aqui há pouco.

A tosse de Chaol soou de cima.

Yrene bufou, mas disse:

— Você sabe onde Hafiza está?

— Em sua sala de trabalho. — A mulher nem se virou — Ela esteve lá o dia todo.

— Você... tem certeza?

— Sim. Eu a vi entrar, fechar a porta, e não saiu mais.

— A porta estava aberta agora.

— Então ela provavelmente passou por mim.

Sem dizer uma palavra? Essa não era a natureza de Hafiza.

Yrene coçou a cabeça, observando o patamar atrás dela. As poucas portas ali. Ela não se incomodou em se despedir de Eretia antes de bater nelas. Uma estava vazia; outra curandeira disse o mesmo: Hafiza estava em sua sala de trabalho.

Chaol esperava no topo das escadas quando Yrene subiu de volta.

— Sem sorte?

Yrene bateu no pé no chão. Talvez ela estivesse paranoica, mas...

— Vamos verificar o refeitório — foi tudo o que ela disse.

Ela pegou o brilho nos olhos de Chaol. A preocupação e o aviso.

Eles desceram dois níveis até Yrene parar em seu próprio andar.

A porta dela estava fechada – mas havia algo cravado debaixo dela.

Como se um pé tivesse chutado algo por baixo.

— O que é isso?

Chaol tirou a espada tão rápido que ela nem o viu se mover, cada movimento de seu corpo, sua lâmina, uma dança. Ela se curvou e puxou o objeto para fora. Metal raspou em pedra.

E ali, pendurada em sua corrente... A chave de ferro de Hafiza.

Chaol estudou a porta, as escadas, enquanto Yrene puxava o colar sobre a cabeça com os dedos trêmulos.

— Ela não escorregou a chave ali por acidente — disse ele.

E se ela pensou em esconder a chave aqui...

— Ela sabia que algo estava vindo atrás dela.

— Não houve sinal de entrada forçada ou ataque no andar de cima — ele respondeu.

— Ela poderia ter ficado assustada, mas... Hafiza não faz nada sem pensar.

Chaol colocou uma mão na parte inferior de suas costas, levando-a para a escada.

— Precisamos avisar a guarda – juntar um grupo de buscas.

Ela ia passar mal. Ia vomitar pelos degraus.

Se ela tivesse trazido isso sobre Hafiza...

O pânico não ajuda ninguém. Nada.

Ela se forçou a respirar. Mais uma vez.

— Precisamos ser rápidos. Suas costas podem...

— Consigo lidar com elas. Me sinto bem.

Yrene avaliou sua posição, seu equilíbrio.

— Então depressa.

Girando e girando, eles voavam pelos degraus da Torre. Perguntando a quem passasse se viram Hafiza. *Em sua sala de trabalho*, todos disseram.

Como se ela simplesmente tivesse desaparecido para o nada. Em sombras.

Chaol vira o suficiente, suportara o suficiente, para ouvir seu instinto.

E seu instinto lhe disse que algo aconteceu ou estava se desenrolando.

O rosto de Yrene era branco de osso com medo, aquela chave de ferro saltando contra seu peito a cada um de seus passos. Eles chegaram à base da Torre, e Yrene alertou o guarda mais próximo em questão de palavras, calmamente explicando que a Alta Curandeira estava desaparecida.

Mas os grupos de busca demoraram muito para se organizar. Qualquer coisa poderia acontecer no período de minutos. Segundos.

No corredor movimentado do nível principal da Torre, Yrene perguntou a alguns curandeiros sobre a localização de Hafiza. Não, ela não estava no refeitório. Não, ela não estava nos jardins de ervas. Eles tinham acabado de passar por ali e não a viram.

Era um complexo enorme.

— Nós cobriremos mais terreno se nos dividirmos — pensou Yrene, verificando o corredor.

— Não. Eles podem estar por esperando isso. Nós ficamos juntos.

Yrene esfregou as mãos sobre o rosto.

— Histeria generalizada pode fazer.. a pessoa agir mais rápido. Mantemos isso entre nós. — Ela baixou as mãos. — Por onde começamos? Ela poderia estar na cidade, poderia estar mo...

— Quantas saídas conduzem da Torre para as ruas?

— Apenas o portão principal, e um pequeno na lateral para as entregas. Ambos muito bem guardados.

Eles visitaram ambos em um período de minutos. Nada. Os guardas foram bem treinados e mantiveram um registro de todos que entraram e saíram. Hafiza não tinha sido vista. E nenhuma carroça entrou ou saiu desde o início da manhã. Antes que Eretia a viu pela última vez.

— Ela tem que estar em algum lugar por perto — Chaol falou, examinando a torre acima, o complexo dos médicos. — A menos que você possa pensar em outra maneira de entrar ou sair. Talvez algo que possa ter sido esquecido.

Yrene ficou completamente imóvel, seus olhos brilhantes como chama no crepúsculo afundando.

— A biblioteca — ela respirou, e se lançou em uma corrida.

Veloz — ela era rápida, e tudo o que podia fazer era tentar acompanhá-la. Correr. Deuses santos, ele estava correndo e...

— Há rumores de túneis na biblioteca — disse Yrene, levando-o a um corredor familiar. — Bem abaixo. Eles se ligam ao exterior. Para onde, não sabemos. Dizem que eles foram selados, mas...

Seu coração trovejou.

— Isso explicaria como puderam ir e vir despercebidos.

E se a velha tivesse sido levada para lá...

— Como eles conseguiram que ela fosse? Sem que ninguém percebesse?

Ele não queria responder. Os valg podiam invocar sombras se desejassem. E se esconder dentro delas. E essas sombras poderiam se tornar mortais em um instante.

Yrene derrapou e parou na frente da mesa principal da biblioteca, a cabeça de Nousha se elevando. O mármore era tão liso que Yrene teve que se agarrar nas bordas da mesa para não cair.

— Você viu Hafiza? — ela perguntou bruscamente.

Nousha olhou de um para o outro. Observou a espada que ele ainda carregava.

— O que está errado?

— Onde ficam os túneis? — exigiu Yrene. — Os que foram fechados, *onde ficam?*

Atrás dela, um gato de Bastet cinzento saltou de sua vigília na lareira e correu para a biblioteca.

Nousha olhou para um velho sino do tamanho de um melão sobre a mesa. Um martelo estava ao seu lado.

Yrene colocou a mão sobre o martelo.

— Não. Isso os alertará, saberão que sabemos.

A pele morena da mulher pareceu desbotar.

— Vá até o nível inferior. Caminhe direto para a parede. Vire para a esquerda. Siga a parede mais distante até o fim. Onde a pedra é áspera e não polida. Vire à direita. Você vai vê-los.

O peito de Yrene pesava, mas ela assentiu, murmurando as instruções para si. Chaol as memorizou, plantou-as em sua mente.

Nousha levantou-se.

— Devo convocar a guarda?

— Sim — disse Chaol. — Mas silenciosamente. Envie-os atrás de nós. O mais rápido possível.

As mãos de Nousha tremiam quando as dobrou a sua frente.

— Esses túneis foram deixados intocados por muito tempo. Esteja atento. Mesmo nós não sabemos o que está lá embaixo.

Chaol debateu mencionar a inutilidade de avisos críticos antes de mergulhar na batalha, mas simplesmente entrelaçou os dedos nos de Yrene e se lançou pelo corredor com ela.

Capítulo 61

Yrene contava cada passo. Não que isso ajudasse, mas seu cérebro apenas produziu os números em um inventário infinito.

Um, dois, três... Quarenta.

Trezentos.

Quatrocentos e vinte e quatro.

Setecentos e vinte e um.

Eles seguiram para baixo e para baixo, examinando todas as sombras e corredores, todas as alcovas, salas de leitura e recantos. Nada.

Somente acólitos trabalhando em silêncio, muitos guardando as coisas para a noite. Nenhum gato de Bastet – nenhum.

Oitocentos e trinta.

Mil e três.

Eles chegaram ao fundo da biblioteca, as luzes diminuíram. Quase sonolentas.

As sombras mais alertas. Yrene viu rostos em todas elas.

Chaol mergulhou adiante, espada brilhando como mercúrio enquanto seguiam as instruções de Nousha.

A temperatura caiu. As luzes ficaram cada vez mais distantes.

Os livros de couro foram substituídos por pergaminhos esfarelado. Pergaminhos foram substituídos por placas esculpidas. Prateleiras de madeira deram lugar a estantes de pedra. O chão de mármore não fora cortado. Assim como as paredes.

— Aqui — Chaol respirou, e puxou-a para uma parada, sua espada levantando-se.

O salão diante deles estava iluminado por uma única vela. Deixada para queimar no chão.

E depois: quatro portas.

Três seladas com uma pedra pesada, mas a quarta... Aberta. A pedra estava rolada de lado. Outra vela solitária queimava diante dela, iluminando a escuridão além.

Um túnel. Mais profundo que o Útero – mais profundo do que qualquer nível da Torre.

Chaol apontou para a poeira da passagem à frente.

— Trilhas. Dois conjuntos, lado a lado.

Com certeza, o chão havia sido perturbado.

Ele girou para ela.

— Você fica aqui, eu...

— Não. — Ele pesou a palavra, sua posição, quando ela acrescentou: — Juntos. Nós faremos isso juntos.

Chaol tomou outro momento para considerar, depois assentiu. Com cuidado, ele a conduziu, mostrando-lhe onde pisar para evitar ruídos altos em pedras soltas.

Uma vela acenou pela porta do túnel aberto. Um farol. Um convite.

A luz dançava ao longo de sua lâmina enquanto a inclinava diante a entrada do túnel.

Nada além de blocos de pedra e uma passagem escura infinita os cumprimentaram.

Yrene respirou através do nariz, pela boca. Hafiza. Hafiza estava lá. Machucada ou pior, e Chaol segurou a mão dela e a levou para o escuro.

Eles avançaram em silêncio por minutos incontáveis. Até que a luz da única vela desapareceu atrás deles – e outra apareceu. Fracamente, longe. Como se em um canto distante.

Como se alguém estivesse esperando.

Chaol sabia que era uma armadilha.

Sabia que a Alta Curandeira não tinha sido o alvo, mas a isca. Mas se eles tivessem chegado tarde demais...

Ele não permitiria que isso acontecesse.

Eles avançaram para aquela segunda vela, a luz tão boa quanto o toque do sino do jantar.

Ele avançou, no entanto, Yrene seguindo o ritmo ao lado dele.

A única vela ficou mais brilhante.

Não uma vela. Uma luz dourada na curva além. Dourando a parede de pedra que dava para a passagem.

Yrene tentou se apressar, mas ele manteve o ritmo lento. Tranquilo como a morte.

Embora não tivesse dúvida de que quem que fosse, já sabia que eles estavam vindo.

Eles alcançaram a curva no túnel, e ele estudou a luz na parede mais distante, tentando ler quaisquer sombras ou interrupções. Somente luz.

Ele olhou na esquina. Yrene também fez isso.

Sua respiração ficou pesada. Ele tivera algumas visões no ano anterior, mas isso...

Era uma câmara, tão grande quanto toda a sala do trono do palácio de Forte da Fenda, talvez maior. O teto segurado por pilares esculpidos, recuando na escuridão, um conjunto de escadas levando para baixo do túnel no piso principal. Ele sabia por que a luz dourada estava sobre as paredes.

Iluminado pelas tochas que queimavam... *Ouro*.

A riqueza de um antigo império enchia a câmara. Cofres, estátuas e artefatos de ouro puro. Armaduras. Espadas.

E espalhados entre tudo aquilo havia sarcófagos. Feitos não de ouro, mas de pedra impenetrável.

Uma tumba – e um tesouro. E mais para trás, em cima de um estrado elevado...

Yrene deixou escapar um pequeno som à visão da curandeira amordaçada e atada sentada em um trono dourado. Mas era a mulher de pé ao lado da curandeira, uma faca descansando sobre sua barriga redonda, que fez o sangue de Chaol gelar.

Duva. A filha mais nova do khagan.

Ela sorriu para eles enquanto se aproximavam – e a expressão não era humana.

Era valg.

Capítulo 62

— Bem — disse a coisa dentro da princesa — certamente levou tempo suficiente.

As palavras ecoaram na enorme câmara, batendo em pedra e ouro.

Chaol avaliou cada sombra, cada objeto por que passaram. Todas as armas possíveis. Todas as rotas possíveis.

Hafiza não se moveu quando se aproximaram, andando pela ampla passagem entre o interminável brilho de ouro e sarcófagos. Uma necrópole.

Talvez uma enorme cidade subterrânea, que se estendia do deserto até aqui.

Quando eles visitaram Aksara, Duva ficou para trás. Afirmando que sua gravidez...

O silvo de Yrene disse que ela percebeu o mesmo.

Duva estava grávida – e o valg a dominou.

Chaol dimensionou as chances. Uma princesa infestada de valg, armada com uma faca e magia negra, a Alta Curandeira amarrada ao trono...

E Yrene.

— Porque a vejo calculando, lorde Westfall, eu o pouparei do problema e colocarei suas opções para você. — Duva traçou linhas suaves e ociosas sobre seu útero cheio com aquela faca, apenas perturbando o tecido do vestido. — Veja, você terá que escolher. Eu, a Alta Curandeira, ou Yrene Towers. — A princesa sorriu e sussurrou novamente: — *Yrene*.

E essa voz...

Yrene estremeceu ao seu lado. A voz daquela noite.

Mas Yrene ergueu o queixo enquanto paravam na base daqueles degraus íngremes e disse à princesa, inalterável como qualquer rainha:

— O que é que você quer?

Duva inclinou a cabeça, os olhos completamente pretos. O ébano dos valg.

— Você não quer saber como?

— Tenho certeza que vai nos contar, de qualquer maneira — disse Chaol.

Os olhos de Duva se estreitaram de aborrecimento, mas ela soltou uma pequena risada.

— Estes túneis correm entre o palácio e a Torre. Aqueles feéricos imortais enterraram seus membros da realeza aqui. Renegados da linhagem nobre de Mora. — Ela varreu um braço para abranger a sala. — Tenho certeza de que o khagan ficaria fora de si se soubesse quanto ouro tem sob seus pés. Outra cartada para jogar quando o tempo exigir.

Yrene olhou e olhou para Hafiza, que assistia tudo com calma.

Uma mulher pronta para o fim. Que agora só queria assegurar-se de que Yrene não pensasse que ela estava assustada.

— Eu estava esperando que descobrissem que era eu — Duva falou. — Quando destruí todos aqueles preciosos livros e pergaminhos, pensei que certamente notariam que eu era a única que não tinha ido à festa. Mas então percebi... como poderiam suspeitar de mim? — Ela colocou uma mão em seu útero cheio. — Foi por isso que ele a escolheu, para começar. Duva era encantadora e gentil. Gentil demais para ser uma candidata para o trono. — Um sorriso de cobra. — Sabiam que Hasar tentou pegar o anel primeiro? Ela o viu no casamento, foi enviado por Perrington e o quis. Mas Duva agarrou-o antes que ela pudesse. — Ela ergueu o dedo, revelando o largo anel de prata.

Nem um vislumbre da pedra de Wyrđ.

— Está embaixo — ela sussurrou. — Um truque inteligente para escondê-lo. E no momento em que ela fez seus votos para aquele doce e apaixonado príncipe humano, isto veio para a mão dela. — Duva sorriu. — E ninguém nem notou. — Um brilho de seus dentes brancos. — Exceto a irmãzinha de olhos afiados. — Ela estalou a língua. — Tumelun suspeitou que algo estava errado. Me pegou revirando lugares esquecidos. Então eu a peguei também. — Duva riu. — Ou não, eu acho. Já que a empurrei daquela varanda.

Yrene sugou uma respiração.

— Uma princesa tão selvagem e impetuosa — comentou Duva. — Propensa a tais modos. Eu não poderia deixá-la procurar seus amados pais e me denunciar, poderia?

— Sua *cadela* — Yrene estalou.

— Foi do que ela me chamou — respondeu Duva. — Disse que eu não parecia *certa*. — Ela esfregou uma mão sobre a barriga, depois bateu um dedo na lateral da própria cabeça. — Vocês deveriam ter ouvido como ela gritou. Duva — como Duva gritou quando empurrei a pirralha da varanda. Mas eu a calei rápido o suficiente, não? — Ela novamente trouxe aquela faca até a barriga e a passou sobre a seda.

— Por que você está aqui? — Yrene respirou. — O que quer?

— Você.

O coração de Chaol tropeçou na palavra.

Duva endireitou-se.

— O Rei Escuro ouviu sussurros. Sussurros que uma curandeira abençoada com os dons de Silba tinha entrado na Torre. E isso o tornou muito, muito cauteloso.

— Porque eu posso arrancá-los como os parasitas que vocês são?

Chaol disparou a Yrene um olhar de advertência.

Mas Duva afastou o punhal do ventre e estudou a lâmina.

— Por que acha que Maeve tem juntado seus curandeiros, nunca permitindo que deixem suas fronteiras patrulhadas? Ela sabia que retornaríamos. Ela queria estar pronta – estava se protegendo. Seus favoritos, aqueles curandeiros de Doranelle. Seu exército secreto.

Duva zumbiu, fazendo um gesto com a faca para a necrópole.

— Quão inteligentes eram aqueles feéricos, que escaparam de suas garras após a última guerra. Eles correram todo o caminho até aqui – os curandeiros que sabiam que sua rainha os manteria engaiolados como animais. E então criaram a magia na terra, em seu povo. Encorajou os poderes certos a se desenvolverem, para garantir que esta terra sempre fosse forte, defendida. E então desapareceram, levando seus tesouros e histórias para baixo da terra. Garantindo que fossem esquecidos, enquanto seus pequenos jardins eram plantados acima.

— Por quê? — foi tudo o que Chaol disse.

— Para dar àqueles que Maeve não considerava importantes uma chance de luta, se Erawan retornasse — Duva estalou a língua. — Tão nobre, aqueles feéricos renegados. E assim a Torre cresceu – e Sua Majestade Sombria de fato ressurgiu, e depois caiu, e depois dormiu. E até mesmo ele esqueceu o que alguém com os dons certos pode fazer. Mas então acordou mais uma vez. E se lembrou dos curandeiros. Então assegurou-se de purgar os que receberam os dons das terras do norte. — Um sorriso para Yrene, odioso e frio. — Mas parece que uma pequena curandeira escorregou da mesa do açougueiro. E fez o caminho para esta cidade, com um império para guardá-la.

A respiração de Yrene saía aos trancos. Ele viu a culpa e o medo se instalarem. Que, ao chegar aqui, ela trouxe a desgraça sobre eles. Tumelun, Duva, a Torre, o khaganato.

Mas o que Yrene não percebeu, Chaol pôde ver por ela. Viu com o peso de um continente, um mundo sobre si. Viu o que tinha aterrorizado Erawan o suficiente para despachar um de seus agentes.

Porque Yrene, madura com poder e encarando esse demônio valg que discursava... Esperança.

Era a esperança que estava ao lado dele, escondida e protegida esses anos nesta cidade, e nos anos anteriores. Escondida pela terra, pelos próprios deuses, escondida das forças preparadas para destruí-la.

Um núcleo de esperança.

A mais perigosa de todas as armas contra Erawan, contra a antiga escuridão valg.

O motivo pelo qual ele fora trazido aqui, para recuperar para sua pátria, seu povo. Para proteger. Mais preciosa do que soldados, do que

qualquer arma. Sua único chance de salvação.

Esperança.

— Por que não me mata, então — exigiu Yrene. — Por que apenas não me mata?

Chaol não ousou perguntar ou pensar na questão.

Duva descansou a faca em sua barriga outra vez.

— Porque você é muito mais útil para Erawan viva, Yrene Towers.

Yrene estava tremendo. Em seus ossos, ela estava tremendo.

— Eu não sou ninguém — Yrene respirou.

A lâmina, aquela lâmina pousada em cima do útero. E Hafiza permanecia imóvel e vigilante, sempre calma, ao lado de Duva.

— Não? — A princesa cantarolou. — Dois anos é um ritmo *excepcionalmente* rápido para escalar tão alto na Torre. Não é, curandeira?

Yrene queria vomitar enquanto o demônio dentro de Duva olhava para Hafiza.

Hafiza encontrou seu olhar inquisitivamente.

Duva riu calmamente.

— Ela sabia. Sabia quando eu a levei de sua sala mais cedo. Que eu estava vindo atrás de você. Herdeira de Silba.

A mão de Yrene deslizou para o medalhão. Para o bilhete dentro.

O mundo precisa de mais curandeiros.

Foi a própria Silba que veio naquela noite em Innish, que a mandou para cá, com uma mensagem que ela entenderia mais tarde?

O mundo precisa de mais curandeiros – para lutar contra Erawan.

— Foi por isso que Erawan me enviou — disse Duva. — Para ser seu espião. Para ver se um curandeiro com esses dons – *os dons* – poderim de fato surgir na Torre. E para evitar que você aprenda demais. — Um pouco dar de ombros. — É claro que, matar essa princesa pirralha e a outra curandeira foram... erros, mas tenho certeza de que Sua Majestade Sombria me perdoará quando eu voltar com você a reboque.

Rugido encheu sua cabeça, tão alto que Yrene mal podia ouvir sua própria quando ela criticou:

— Se pretende me levar para ele, por que matar a curandeira que confundiu comigo? E por que não matar todos os curandeiros nesta cidade e se poupar do problema?

Duva bufou, acenando com aquela faca.

— Porque isso levantaria muitas questões. Por que Erawan estaria visando o seu tipo? Certos jogadores-chave poderim ter começado a ponderar. Então, a Torre deveria ficar só – em sua ignorância. Morando aqui, separada do norte, nunca deixando estas costas. Até que seja hora do meu senhor lidar com este império. — Um sorriso que fez Yrene gelar. — Quanto a essa curandeira... o modo como ela se parecia com você não tinha importância. Ela estava no lugar errado na hora errada. Bem, na hora certa para mim, já que eu estava com muita fome e não conseguia alimentar-me exatamente sem ser notado. Mas também para despertar algum medo em você, para fazê-la perceber o perigo e deixar de trabalhar com esse idiota adarlaniano, parar de se intrometer em assuntos tão antigos. Mas você não ouviu, não é?

As mãos de Yrene se tensionaram em garras.

— Que pena, Yrene Towers. Que pena. A cada dia que você trabalhou com ele, curou-o, tornou-se claro que você, de fato, era única. Aquela que meu Rei Sombrio quer. E depois que os próprios espões de Duva no palácio contaram que você o curou completamente, uma vez que ele estava caminhando novamente e você provou sem dúvida que era quem fui enviada para encontrar... — Ela zombou para Hafiza, e Yrene queria rasgar essa expressão do seu rosto. — Eu sabia que um ataque definitivo seria complicado. Mas atraí-la para cá... Muito fácil. Estou um pouco desapontada. Então — ela declarou, girando a faca em sua mão — você virá comigo, Yrene Towers. Para Morath.

Chaol entrou na frente de Yrene.

— Você está esquecendo uma coisa.

Duva ergueu uma sobrelanceira bem preparada.

— Estou?

— Você ainda não ganhou.

Vá, Yrene quis dizer a ele. Vá.

Pois era um poder escuro começando a se enrolar nos dedos de Duva, ao redor do punho da faca.

— O que é divertido, lorde Westfall — falou Duva, olhando para eles de cima do estrado — é você pensar que pode comprar tempo até que os guardas venham. Mas até lá, você estará morto, e ninguém ousará questionar a minha palavra quando eu lhes disser que você tentou nos matar aqui. Para levar este ouro de volta ao seu pobre reinozinho depois de ter desperdiçado o seu próprio ao ordenar aquelas armas ao vizir de meu pai. Por que você poderia comprar mil exércitos com isso.

— Você ainda tem a *nós* para lutar — Yrene sibilou.

— Suponho que sim — Duva puxou algo do bolso. Outro anel, feito de pedra tão escura que engolia a luz. Sem dúvida enviado diretamente de Morath. — Mas uma vez que você colocar isso... fará o que eu mandar.

— E por que eu deveria?

Duva apoiou a faca contra a garganta de Hafiza.

— Por isso.

Yrene olhou para Chaol, que avaliava a sala, as escadas e as saídas.

O poder das trevas em torno dos dedos de Duva.

— Então — Duva disse, dando um passo no estrado. — Vamos começar.

Ela deu um segundo passo antes de acontecer.

Chaol não se moveu. Mas Hafiza sim.

Ela jogou seu corpo, cadeira e tudo, todo o peso desse trono dourado, degraus abaixo.

Em cima da Duva.

Yrene gritou, correndo para eles, Chaol se lançando em movimento.

Hafiza e o bebê, o bebê e Hafiza...

A idosa e a princesa caíram naqueles degraus íngremes, madeira estalando. Madeira, não metal. O trono era pintado, e agora quebrou enquanto rolavam, Duva gritando e Hafiza tão silenciosa, mesmo quando sua mordança saiu...

Elas atingiram o chão de pedra com um baque que Yrene sentiu em seu coração.

Chaol estava instantaneamente lá, indo não para Duva, esparramada no chão, mas para Hafiza, mole e sem se mover. Ele a puxou para trás, estilhaços e cordas se agarrando a ela, a boca aberta...

Olhos se abriram...

Yrene soluçou, agarrando Hafiza pelo outro braço e ajudando-a a sair do caminho, em direção a uma estátua imponente de um soldado feérico.

Assim que Duva se levantou nos cotovelos, os cabelos soltos ao redor de seu rosto, e fervendo:

— Sua pilha podre de *merda*...

Chaol pulou de pé, espada erguida diante deles enquanto Yrene tentava invocar sua magia para curar o corpo frágil.

A velha conseguiu levantar o braço o suficiente para segurar o pulso de Yrene. *Vá*, ela parecia dizer.

Duva se levantou, longos estilhaços presos em seu pescoço, sangue escorrendo de sua boca. Sangue preto.

Chaol lançou a Yrene um olhar por cima do ombro. *Corra.*

E levar Hafiza com ela.

Yrene abriu a boca para dizer-lhe que não, mas ele já havia se virado novamente. A princesa avançou um passo.

Seu vestido estava rasgado, revelando a barriga firme e redonda abaixo. Uma queda assim com um bebê...

Um bebê.

Yrene agarrou Hafiza sob seus ombros magros, puxando seu leve peso pelo chão.

Chaol não a mataria. Duva.

Yrene soluçou através de seus dentes cerrados enquanto arrastava Hafiza para trás e voltava a atravessar aquela passagem dourada, as estátuas assistindo de forma insensível.

Ele nem mesmo feriria Duva, não com aquele bebê no ventre.

O peito de Yrene afundou ao baixo zumbido de poder que encheu a sala.

Ele não lutaria de volta. Ele compraria tempo a Yrene.

Para pegar Hafiza e correr.

— Isso provavelmente vai doer muito — Duva ronronou.

Yrene virou-se para trás assim que as sombras ligadas à princesa foram direcionadas a Chaol.

Ele rolou para o lado, a explosão avançando e atingindo a estátua atrás da qual ele se escondeu.

— Tão teatrais — Duva comentou, e Yrene apressou-se, deslizando Hafiza para aquelas escadas distantes. Deixando-o - deixando-o para trás.

Mas movimento chamou sua atenção e então...

Uma estátua foi atirada na princesa.

Duva a explodiu com o poder. Ouro choveu pela sala em pedaços que atingiram o topo dos sarcófagos, o som ecoando pela câmara.

— Você está tornando isso chato — Duva lançou uma mão cheia de escuridão para onde ele estava.

Yrene tropeçou quando a sala estremeceu, mas manteve-se ereta.

Outro golpe.

Outro.

Duva sibilou, circulando o sarcófago, onde pensava que Chaol estava escondido. Ela liberou seu poder cegamente.

Chaol apareceu, escudo na mão.

Não um escudo – um espelho antigo.

O poder atingiu o metal, quebrando o vidro, mesmo quando rebateu para a princesa.

Yrene viu o sangue primeiro. Em ambos.

Então viu o medo no rosto dele quando Duva foi atirada para trás, batendo contra um sarcófago de pedra com tanta força que seus ossos se quebraram.

Duva bateu no chão e não se moveu.

Yrene esperou uma respiração. Duas.

Ela baixou Hafiza no chão e correu. Correu para Chaol, onde ele ofegava, boquiaberto com a mulher caída.

— O que eu fiz? — ele sussurrou, recusando-se a tirar os olhos da princesa. Sangue escorria de seu rosto dos fragmentos do espelho, mas nada grande, nada letal.

Duva, no entanto...

Yrene passou por ele, por sua espada, para a princesa no chão. Se ela estivesse apagada, ela poderia potencialmente tirar o demônio valg, talvez tentar consertar seu corpo...

Ela virou Duva.

E encontrou a princesa sorrindo para ela.

Aconteceu tão rápido. Muito rápido.

Duva pulou para seu rosto, sua garganta, faixas pretas de poder pulando de suas palmas.

Então Yrene não estava mais lá. Estava nas pedras, jogada para o lado quando Chaol se atirou entre ela e a princesa.

Sem escudo, sem arma.

Apenas as costas dele, totalmente expostas, quando empurrou Yrene para longe e recebeu o peso total do ataque do valg.

Capítulo 63

Agonia rugiu por sua coluna. Por suas pernas. Seus braços. Em seus próprios dedos.

Pior do que no castelo de vidro.

Pior do que nas sessões de cura.

Mas tudo o que ele podia ver, tudo o que tinha visto, era Yrene, aquele poder lançado para o coração dela...

Chaol bateu no chão, e o grito de Yrene o despedaçou através da dor.

Levante levante levante

— Que pena que todo o trabalho duro não adiantou nada — Duva disse, e apontou um dedo para a espinha dele. — Suas pobres, pobres costas.

Aquele poder sombrio acertou em sua espinha novamente.

Algo rachou.

E de novo. E de novo.

A sensação em suas pernas desapareceu primeiro.

— *Pare* — Yrene soluçou, de joelhos. — *Pare!*

— Corra — ele respirou, forçando as palmas das mãos sobre as pedras, forçando os braços a empurrar, erguê-lo...

Duva apenas enfiou a mão no bolso e puxou aquele anel preto.

— Você sabe como isso termina.

— *Não* — ele rosnou, e suas costas gritaram enquanto tentava e tentava se erguer em suas pernas...

Yrene deu um passo. Outro. Olhos indo entre eles.

De novo não. Ele não suportaria ver isso, suportar *viver* mais uma vez.

Mas então ele viu o que Yrene segurava em sua mão direita.

Em direção a que ela rastejava.

Sua espada.

Duva riu, pisando em suas pernas esticadas e imóveis, enquanto avançava para Yrene. À medida que Yrene se elevava em seus pés e levantava a espada dele entre as duas.

A lâmina tremia, assim como os ombros de Yrene quando ela soluçava por entre os dentes.

— O que você acha que pode fazer — Duva grunhiu — contra isso?

Chicotes de poder escuro, desdobrados das palmas da princesa.

Não. Ele gemeu a palavra, gritou para o corpo dele, as feridas surgindo em seu corpo, a agonia arrastando-o para baixo. Duva levantou o braço para atacar...

E o Yrene atirou a espada. Um lance direto, sem mira e selvagem.

Mas Duva se abaixou...

Yrene correu.

Veloz como uma corça, ela se virou e correu, entrando no labirinto de corpos e tesouros.

E como um caçador capturando um cheiro, Duva grunhiu e perseguiu sua presa.

Ela não tinha nenhum plano. Ela não tinha nada.

Sem opções. Nada.

A espinha de Chaol...

Se fora. Todo esse trabalho... fragmentado.

Yrene percorreu as pilhas de ouro, procurando, procurando...

As sombras de Duva explodiram em torno dela, enviando fragmentos de ouro voando no ar. Dourando cada respiração que Yrene tomou.

Ela arrancou uma espada curta de um baú transbordando de tesouros enquanto corria, a lâmina zumbindo pelo ar.

Se ela pudesse prendê-la, derrubar Duva por tempo suficiente...

Um golpe de poder quebrou o sarcófago de pedra diante dela. Pedacos de pedra voaram.

Yrene ouviu o baque antes de sentir o impacto.

Então sua cabeça gritou de dor, e o mundo inclinou-se.

Ela lutou para ficar de pé com cada batimento cardíaco, cada pedaço de foco que já dominara.

Yrene não deixou seus pés tropeçarem. Ela continuou se movendo, comprando qualquer tipo de tempo. Circulando uma estátua, ela...

Duva estava diante dela.

Yrene forçou-se a parar, aquela espada curta tão próxima do intestino da princesa, do útero...

Ela esticou os dedos, deixando cair a arma. Duva ficou firme, braços arrebatando o pescoço de Yrene. Imobilizando-a.

A princesa sibilou, empurrando-a de volta para a passagem central:

— Este corpo não gosta de correr tanto.

Yrene se debateu, mas Duva manteve seu aperto firme. Muito forte – para alguém de seu tamanho, ela era muito forte.

— Quero que você veja. Que ambos vejam — Duva zombou em seu ouvido.

Chaol tinha rastejado metade do caminho. Rastejado, sangue escorrendo, suas pernas não respondendo. Para ajudá-la.

Ele parou, sangue escorrendo de sua boca quando Duva entrou no corredor central, pressionando Yrene contra si.

— Devo fazer você me ver matá-lo, ou fazê-lo assistir enquanto coloco esse anel em você?

E mesmo com aquele braço empurrado contra a garganta, Yrene rosou:

— *Não toque nele.*

Sangue em seus dentes cerrados, os braços de Chaol se esticaram e se curvaram enquanto tentava se levantar.

— É uma pena eu não ter dois anéis — Duva meditou para Chaol. — Tenho certeza de que seus amigos pagariam maravilhosamente por você. — Um grunhido. — Mas suponho que sua morte seja igualmente devastadora.

Duva afrouxou o braço eio de Yrene para apontar para ele...

Yrene se moveu.

Ela pisou no pé da princesa. Direto no peito do pé.

E enquanto a princesa balançava, Yrene bateu a palma da mão no cotovelo da mulher, soltando o braço de sua garganta.

Então, Yrene podia girar e dirigir o cotovelo diretamente no rosto de Duva.

Duva caiu como uma pedra, jorrando sangue.

Yrene pulou para a adaga na cintura de Chaol. A lâmina cantou enquanto a desembainhava e se jogou em cima da princesa atordoada, empurrando-a.

Puxou a lâmina para cima, para mergulhá-la no pescoço da mulher, para cortar a cabeça. Aos poucos.

— Não — Chaol disse rouco, a palavra cheia de sangue.

Duva o destruía – destruiu *tudo*.

Pelo sangue que saía de sua boca, de sua garganta...

Yrene chorou, a adaga sobre o pescoço da princesa.

Ele estava morrendo. Duva quebrara algo dentro dele.

As sobrancelhas de Duva começaram a se contrair enquanto ela se movia.

Agora.

Ela tinha que fazer isso agora. Usar esta lâmina. Terminar.

Terminar, e talvez ela pudesse salvá-lo. Parar aquele sangramento interno letal. Mas a coluna, sua *coluna*...

Uma vida. Ela fez um juramento de nunca tirar uma vida.

E com esta mulher diante dela, a segunda vida em seu ventre...

A adaga baixou. Ela faria isso. Ela faria isso, e...

— Yrene — Chaol respirou, e a palavra estava tão cheia de dor, tão baixa...

Era tarde demais.

Sua magia podia senti-la, sua morte. Ela nunca tinha falado sobre aquele terrível dom – que os curandeiros sabiam quando a morte estava próxima. Silba, senhora das mortes gentis.

A morte que ela daria a Duva e seu filho não seria esse tipo de morte.

A morte de Chaol não seria esse tipo de morte.

Mas ela...

Mas ela...

A princesa parecia tão jovem, mesmo enquanto se mexia. E a vida em seu ventre...

A vida diante dela...

Yrene deixou a faca cair no chão.

Seu tilintar ecoou sobre o ouro, a pedra e os ossos.

Chaol fechou os olhos no que ela poderia ter jurado ser alívio.

Uma leve mão tocou seu ombro.

Ela conhecia aquele toque. Hafiza.

Mas enquanto Yrene olhava, enquanto se virava e soluçava...

Dois outros estavam atrás da Alta Curandeira, segurando-a na posição vertical. Deixando Hafiza se debruçar ao lado de Duva e soprar uma respiração no rosto da princesa, enviando-a para o sono imperturbável.

Nesryn. Seu cabelo soprado de vento, suas bochechas rosadas e rachadas...

E Sartaq, seu próprio cabelo muito mais curto. O rosto do príncipe estava tenso, os olhos arregalados quando viu sua irmã inconsciente e sangrando. Quando Nesryn murmurou:

— Nós chegamos tarde demais...

Yrene pulou pelas pedras para Chaol. Seus joelhos se esfolaram na rocha, mas ela mal sentiu, mal sentia o sangue que escorria pela sua têmpora enquanto pegava a cabeça em seu colo e fechava os olhos, levantando o poder.

Um lampejo branco, mas havia vermelho e preto em todos os lugares.

Demais. Muitas coisas quebradas e rasgadas e devastadas...

Seu peito quase não subia. Ele não abriu os olhos.

— *Acorde* — ela ordenou, sua voz quebrando. Ela mergulhou em seu poder, mas o dano... Era como tentar remendar buracos em um navio que naufragava.

Demais. Demais e...

Gritos, passos ao redor deles.

Sua vida começou a se transformar em névoa em torno de sua magia. A morte circundava, uma águia com um olho sobre eles.

— *Lute* — Yrene soluçou, sacudindo-o. — Você, homem teimoso, *lute contra isso*.

Qual era o objetivo, o motivo de tudo isso, se agora, quando importava...

— Por favor — ela sussurrou.

O peito de Chaol levantou-se, uma nota alta antes da última respiração...

Ela não podia suportar isso. Não suportaria...

Uma luz cintilou. Dentro daquela massa fraca de vermelho e preto.

Uma vela se acendeu. Um florescimento de branco.

Então outra.

Outra.

Luzes floresceram ao longo desse interior quebrado. E onde eles brilhavam...

Carne se juntava. Osso suavizava.

Luz após luz após luz.

Seu peito continuou a subir e a descer. Subir e descer.

Mas dentro da dor e no escuro e na luz...

Uma voz de mulher familiar e estrangeira. Uma voz que era tanto de Hafiza quanto de... outra.

Alguém que não era humano, nunca foi. Falando pela própria Hafiza, suas vozes se misturando à escuridão.

O dano é grande demais. Deve haver um custo para ser reparado.

Todas aquelas luzes pareciam hesitar àquela voz do outro mundo.

Yrene roçou ao longo delas, atravessou-as como um campo de flores brancas, as luzes balançando e balançando neste lugar calmo da dor.

Não luzes... mas curandeiras.

Ela conhecia suas luzes, suas essências. Eretia – essa mais próxima dela era Eretia.

A voz que era tanto de Hafiza quanto da Outra dissenovamente, *Deve haver um custo*.

Pelo que a princesa fez com ele... Não havia retorno.

Eu pagarei. Yrene disse dentro da dor e do escuro e da luz.

Uma filha de Charco Lavrado pagará a dívida de um filho de Adarlan?

Sim.

Ela poderia ter jurado que uma mão suave e quente acariciou seu rosto.

E Yrene sabia que não pertencia a Hafiza ou a Outra. Não pertencia a nenhuma curandeira viva.

Mas de alguém que nunca a abandonou, mesmo quando foi transformada em cinzas ao vento.

A Outra disse: *Você oferece por sua própria vontade?*

Sim. Com todo o meu coração.

Tinha sido dele desde o início, de qualquer maneira.

Essas mãos amorosas e fantasmas roçaram sua bochecha novamente e desapareceram.

A Outra disse: *Eu escolhi bem. Você deve pagar a dívida, Yrene Towers. E espero que veja isso pelo o que é de verdade.*

Yrene tentou falar. Mas a luz acendeu, suave e calmante.

Ela a cegou, dentro e fora. Deixou-a encolhendo-se sobre a cabeça de Chaol, seus dedos segurando a camisa dele. Sentindo seus batimentos cardíacos trovejando nas palmas de suas mãos. O raspar de sua respiração contra sua orelha.

Havia mãos em seus ombros. Dois conjuntos. Eles apertaram, um comando silencioso para levantar a cabeça. Yrene o fez.

Hafiza estava atrás dela, Eretia ao seu lado. Cada uma com uma mão no ombro dela.

Atrás delas estavam duas curandeiras. Cada uma com as mãos nos ombros delas.

Atrás delas, mais duas. E mais. E mais.

Uma corrente de poder vivo.

Todas as curandeiras da Torre, jovens e velhas, estavam naquela sala de ouro e osso.

Todas conectadas. Todas canalizando para Yrene, até o local que ainda segurava em Chaol.

Nesryn e Sartaq estavam a poucos metros de distância, a primeira com uma mão sobre a boca. Porque Chaol...

As curandeiras da Torre baixaram as mãos, cortando a ponte de contato, enquanto os pés de Chaol se moviam.

Então seus joelhos.

E então seus olhos se abriram, e ele estava olhando para Yrene, as lágrimas dela caindo em seu rosto incrustado de sangue. Ele levantou uma mão para tocar seus lábios.

— Morto?

— Vivo — ela sussurrou, e baixou o rosto para o dele. — Muito vivo.

Chaol sorriu contra sua boca, suspirando profundamente quando disse:

— Bom.

Yrene ergueu a cabeça, e ele sorriu novamente para ela, o sangue seco soltando de seu rosto com o movimento.

E onde aquela cicatriz uma vez marcara sua bochecha... apenas pele sem marcas permanecia.

Capítulo 64

O corpo de Chaol doía, mas era a dor da novidade. De músculos doloridos, não quebrados.

E o ar nos pulmões... não queimava para respirar.

Yrene o ajudou a se sentar, sua cabeça girando.

Ele piscou, encontrando Nesryn e Sartaq diante dele quando os curandeiros começaram a se afastar, seus rostos sombrios.

A trança longa do príncipe tinha sido cortada em favor de cabelos soltos, na altura dos ombros, e Nesryn... eram couros para montar ruks que ela usava, seus olhos escuros mais brilhantes do que ele já tinha visto – mesmo com a gravidade de sua expressão.

— O que... — Chaol tentou falar.

— Você enviou uma carta para eu voltar — disse Nesryn, o rosto pálido. — Nós voamos o mais rápido possível. Nos disseram que você veio para a Torre mais cedo esta noite. Os guardas estavam logo atrás

de nós, até os ultrapassamos. Ficamos um pouco perdidos aqui, mas então... os gatos lideraram o caminho.

Um olhar perplexo sobre o ombro dele, onde meia dúzia de gatos com olhos de berilo estavam sentados nos degraus do túnel. Eles notaram a atenção humana e se espalharam, as caudas erguidas.

— Nós também achamos que curandeiras podiam ser necessárias — Sartaq acrescentou, sorrindo fracamente — e pedimos que algumas nos seguissem. Mas, aparentemente, um grande número quis vir.

Considerando o número de mulheres saindo depois que os gatos desapareceram... Todas elas. Todas elas tinham vindo.

Atrás de Chaol e Yrene, Eretia cuidava de Hafiza. Viva, olhos límpidos, mas... frágil.

Eretia estava sobre a mulher idosa, censurando-a por tal heroísmo. Mas, mesmo assim, os olhos da mulher brilhavam de lágrimas. Talvez mais, enquanto Hafiza roçava um polegar sobre a bochecha de Eretia.

— Ela está... — Sartaq começou, empurrando o queixo em direção a Duva, esparramada no chão.

— Inconsciente — Hafiza murmurou. — Dormirá até que a despertemos.

— Mesmo com um anel valg? — Nesryn perguntou enquanto Sartaq se movia para sua irmã do chão de pedra.

Ela o bloqueou com um braço no peito, ganhando um olhar incrédulo do príncipe. Havia cortes e cicatrizes em ambos, Chaol percebeu. E a maneira como o príncipe se movia... com um manquejar.

Algo havia acontecido...

— Mesmo com o anel, ela dormirá — disse Hafiza.

Yrene olhava para a princesa, a adaga no chão próximo.

Sartaq a viu também. E disse calmamente a Yrene:

— Obrigado, por poupá-la.

Yrene apenas apertou o rosto contra o peito de Chaol. Ele passou uma mão pelo seu cabelo, encontrando-o molhado...

— Você está sangrando...

— Estou bem — disse ela na camisa.

Chaol se afastou, examinando seu rosto. A têtpora sangrendo.

— Isso é tudo menos bem — disse ele, movendo a cabeça para Eretia. — Ela está machucada.

Eretia revirou os olhos.

— É bom não ver nada disto o deixa fora de seu espírito habitual.

Chaol deu à mulher um olhar fixo.

Hafiza olhou por cima do ombro de Eretia e perguntou com ironia a Yrene:

— Você tem certeza de que esse homem teimoso valeu o custo?

Antes que Yrene pudesse responder, Chaol exigiu:

— Que custo?

Um silêncio rastejou sobre eles, e até Yrene olhou para Hafiza enquanto a mulher se desenroscava do cuidado de Eretia. A Alta Curandeira disse calmamente:

— O dano era grande demais. Mesmo com todas nós... A morte o segurou pela mão.

Ele se virou para Yrene, medo crescendo no estômago.

— O que você fez — ele respirou.

Ela não encontrou seu olhar.

— Ela provavelmente fez uma negociação de tolo, é isso — disse Eretia. — Ofereceu pagar o preço sem sequer ser informada sobre o que era. Para salvar seu pescoço. Todas ouvimos.

Eretia estava perto de perder seu próprio pescoço, mas Chaol disse com tanta calma quanto podia:

— Pagar o preço a *quem*?

— Não é um pagamento — corrigiu Hafiza, colocando uma mão no ombro de Eretia para silenciá-la — mas uma restauração de equilíbrio. Para aquela que gostaria de vê-lo intacto. Que falou através de mim quando todas nós reunimos em você.

— Qual foi o custo. — Chaol exigiu novamente. Se ela tivesse desistido de qualquer coisa, ele encontraria uma maneira de recuperar. Ele não se importaria com o que teria que pagar, ele...

— Para manter sua vida amarrada neste mundo, tivemos que ligá-la a outra. Com a dela. Duas vidas — Hafiza esclareceu — agora compartilhando uma trama. Mas mesmo com isso... — Ela gesticulou para as pernas, o pé a qual ele deslizou no chão. — O demônio quebrou muitas, muitas partes de você. Muitas. E, para salvar a maioria delas houve um custo, também.

Yrene ficou quieta.

— O que você quer dizer?

Hafiza voltou a olhar entre eles.

— Ainda há algum dano na coluna vertebral – impactando as partes mais baixas das pernas. Isso nem nós conseguimos reparar.

Chaol olhou entre Hafiza e as pernas, atualmente em movimento. Ele chegou tão longe para colocar algum peso sobre eles. Elas aguentaram.

— Com o vínculo de vida entre vocês — Hafiza prosseguiu — com o poder de Yrene fluindo para você... Isso atuará como um suporte. Estabilizando a área, permitindo que você use suas pernas sempre que a magia de Yrene estiver no máximo.

Ele se preparou para o *mas*. Hafiza sorriu duramente.

— Mas quando o poder de Yrene estiver esgotado, ou ela estiver cansada, sua lesão recuperará o controle, e sua capacidade de andar novamente será prejudicada. Exigirá que você use uma bengala, pelo menos – em dias difíceis, talvez muitos dias, a cadeira. Mas a lesão em sua espinha permanecerá.

As palavras se estabeleceram nele. Flutuaram e se instalaram.

Yrene estava completamente em silêncio. Tão parada que ele se virou para ela.

— Não posso apenas curá-lo novamente? — ela inclinou-se para ele, como se prestes a fazer exatamente isso.

Hafiza balançou a cabeça.

— É parte da balança – o custo. Não tente a compaixão da força que lhe concedeu.

Mas Chaol tocou a mão de Yrene.

— Não é nenhum fardo, Yrene, — ele disse suavemente. — Receber isso. Não é uma carga.

No entanto, a agonia encheu o rosto dela.

— Mas eu...

— Usar a cadeira não é uma punição. Não é uma prisão — disse ele. — Nunca foi. E eu sou tão homem naquela cadeira, ou com essa bengala, ou enquanto estou de pé. — Ele afastou a lágrima que escorregou na bochecha dela.

— Eu queria curá-lo — ela sussurrou.

— Você curou — ele disse, sorrindo. — Yrene, em todos os sentidos que realmente importam... Você curou.

Chaol secou as outras lágrimas que caíram, dando um beijo na bochecha quente.

— Há outra peça nesse vínculo de vida, nessa barganha — acrescentou Hafiza gentilmente. Eles se voltaram para ela. — Quando for a hora, se a morte for gentil ou cruel... Ela reivindicará vocês dois.

Os olhos dourados de Yrene ainda estavam revestidos de prata. Mas não havia medo em seu rosto, sem arrependimento – nenhum.

— Juntos — disse Chaol calmamente, e entrelaçou suas mãos.

A força dela seria a força dele. E quando Yrene se fosse, ele iria também. Mas se ele fosse antes dela...

Medo enrolou-se em seu intestino.

— O verdadeiro preço de tudo isso — disse Hafiza, lendo o pânico — não é o temor pela sua própria vida, mas o que a perda de sua vida fará com o outro.

— Sugiro que você não vá à guerra — grunhiu Eretia.

Mas Yrene sacudiu a cabeça, os ombros se endireitaram quando declarou:

— Devemos ir à guerra. — Apontando para Duva, ela olhou para Sartaq. Como se ela não tivesse apenas oferecido sua própria vida para salvá-lo... — Isso é o que Erawan fará. Com todos vocês. Se não formos.

— Eu sei — disse Sartaq calmamente. O príncipe virou-se para Nesryn e, enquanto segurava seu olhar... Chaol viu. O vislumbre entre eles. Um vínculo, novo e puro. Mas estava lá, bem junto com os cortes e feridas que ambos tinham. — Eu sei — disse Sartaq novamente, seus dedos roçando os de Nesryn.

Nesryn encontrou os olhos de Chaol. Ela sorriu suavemente para ele, olhando para onde Yrene agora perguntava a Hafiza se ela poderia se levantar.

Ele nunca vira Nesryn aparecer tão... resolvida. Tão silenciosamente feliz.

Chaol engoliu em seco. *Me desculpe*, ele disse em silêncio.

Nesryn balançou a cabeça quando Sartaq pegou sua irmã em seus braços com um grunhido, o príncipe equilibrando o peso dela na perna boa. *Acho que me saí bem.*

Chaol sorriu. *Então fico feliz por você.*

Os olhos de Nesryn se arregalaram quando Chaol finalmente se levantou, levando Yrene consigo. Seus movimentos eram como tão suaves quanto qualquer manobra que poderia ter feito se não tivesse um suporte invisível da magia de Yrene fluindo entre eles.

Nesryn limpou as lágrimas quando Chaol fechou a distância entre eles e a abraçou com força.

— Obrigado — ele falou na orelha de Nesryn.

Ela o apertou.

— Obrigada por me trazer aqui. Para tudo isso.

Para o príncipe que agora olhava Nesryn com uma emoção silenciosa e ardente.

Ela acrescentou:

— Temos muitas coisas para lhes contar.

Chaol assentiu.

— E nós, a vocês.

Eles se separaram, e Yrene se aproximou – jogando seus braços em torno de Nesryn também.

— O que vamos fazer com todo esse ouro? — exigiu Eretia, levando Hafiza para longe, quando guardas formaram um caminho vivo para eles para fora da tumba. — Esse lixo brega — ela cuspiu, franzindo o cenho para uma estátua imponente de um soldado feérico.

Chaol riu e Yrene se juntou a ele, deslizando o braço ao redor de sua cintura enquanto seguiam atrás das curandeiras.

Vivo, Yrene disse-lhe. Ao sair do escuro, Chaol finalmente sentiu que era verdade.

Sartaq levou Duva para o khagan. Chamou seus irmãos e irmãs.

Porque Yrene insistiu que eles estivessem lá. Chaol e Hafiza também.

O khagan, no primeiro cintilar de emoção que Yrene já vira, pulou para a inconsciente Duva coberta de sangue quando Sartaq coxeou para o salão onde eles esperavam. Vizires pressionaram. Hasar soltou um suspiro que Yrene poderia ter jurado ser de verdadeira dor.

Sartaq não deixou que o pai a tocasse. Não permitiu que ninguém além de Nesryn se aproximasse quando ele colocou Duva em um sofá baixo.

Yrene manteve alguns passos para trás, silenciosa e assistindo, Chaol ao seu lado.

Esse vínculo entre eles... Ela podia senti-lo, quase. Como uma ligação viva de luz fresca e sedosa que fluía dela – para ele.

E ele realmente não parecia se importar que uma parte de sua coluna, de seus nervos, conservasse danos permanentes enquanto vivessem.

Sim, ele agora poderia mover as pernas com um movimento limitado, mesmo quando sua magia estivesse drenada. Mas ficar em pé – nunca seria uma possibilidade naqueles tempos. Ela supôs que logo aprenderiam como e quando o nível de seu poder se correlacionaria a ele precisar da bengala, da cadeira ou de nenhuma delas.

Mas Chaol estava certo. Se ele estava de pé, com bengala ou sentado... não o mudava. Quem ele era. Ela tinha se apaixonado por ele bem antes de ele ter andado. O amaria não importava como ele atravessasse o mundo.

E se brigarmos?, Yrene perguntou-lhe no caminho para cá. O que será então?

Chaol apenas beijara sua têmpora. *Nós já brigamos o tempo todo. Não será nada novo.* Ele acrescentou: *Acha que eu gostaria de estar com alguém que não chuta minha bunda regularmente?*

Mas ela franziu a testa. Ele continuou. *E esse vínculo entre nós, Yrene... não muda nada. Você e eu. Você precisará do seu próprio espaço; eu vou precisar do meu. Então, se pensar por um momento que ficará livre para dar frágeis desculpas para nunca sair do meu lado...*

Ela o cutucou nas costelas. *Como se eu desejasse ficar ao seu redor o dia inteiro como uma garota apaixonada!*

Chaol riu, apertando-a com mais força. Mas Yrene apenas deu um tapa em seu braço e disse: *E acho que você pode cuidar de si mesmo.*

Ele apenas beijou sua testa novamente. E foi assim.

Agora, Yrene passou os dedos contra os dele, a mão de Chaol se curvando na sua, enquanto Sartaq limpava a garganta e segurava a mão magra de Duva. Para exibir a aliança de casamento ali.

— Nossa irmã foi escravizada por um demônio enviado por Perrington na forma deste anel.

Murmúrios e pessoas se mexendo.

— Absurdo — Arghun cuspiu.

— Perrington não é um homem. Ele é Erawan — declarou Sartaq, ignorando seu irmão mais velho, e Yrene percebeu que Nesryn devia ter contado tudo a ele. — O rei valg.

Ainda segurando a mão de Yrene, Chaol acrescentou para todos ouvirem:

— Erawan enviou esse anel como um presente de casamento, sabendo que Duva iria colocá-lo, sabendo que o demônio a capturaria. No dia de seu casamento. — Eles deixaram o segundo anel na Torre, trancado dentro de um dos cofres antigos, para ser eliminado mais tarde.

— O bebê — o khagan exigiu, os olhos naquela cintura inchada, as marcas arruinando seu pescoço onde Hafiza já havia removido os piores dos estilhaços.

— Estas são mentiras — Arghun ferveu. — De pessoas desesperadas e trapaceiras.

— Não são mentiras — Hafiza cortou, queixo erguido. — E nós temos testemunhas que dirão o contrário. Guardas, curandeiras e seu próprio irmão, o príncipe, se não acreditar em nós.

Desafiar a palavra da Alta Curandeira... Arghun fechou a boca.

Kashin foi para a frente da multidão, ganhando uma encarada de Hasar enquanto passava por ela.

— Isso explica... — Ele olhou para a irmã adormecida. — Ela não tem sido a mesma.

— Ela era a mesma — disse Arghun.

Kashin lançou um olhar para seu irmão mais velho.

— Se você se dignasse a passar algum tempo com ela, teria percebido as diferenças. — Ele balançou a cabeça. — Pensei que o mau humor fosse pelo casamento arranjado, depois a gravidez. — Sofrimento inundou seus olhos quando encarou Chaol. — Ela fez isso, não fez? Ela matou Tumelun.

Uma onda de choque atravessou o salão enquanto todos os olhos estavam fixos sobre ele. Mas Chaol voltou-se para o khagan, cujo rosto estava pálido e devastado de uma maneira que Yrene ainda não tinha visto, e não podia imaginar. Perder uma filha, suportar isso...

— Sim — respondeu Chaol, inclinando a cabeça para o khagan. — O demônio confessou, mas não foi Duva. O demônio fez parecer que Duva lutava contra cada segundo – furiosa com a morte da sua filha.

O khagan fechou os olhos por um longo momento.

Kashin levantou as palmas para Yrene no pesado silêncio.

— Você pode curá-la? Se ela ainda permanecer lá dentro? — Um pedido quebrado. Não de um príncipe para uma curandeira, mas de um amigo para outro. Como já haviam sido, como ela esperava que fossem novamente.

A multidão estava focada em Yrene agora. Ela não deixou um pingo de dúvida curvar sua coluna quando respondeu:

— Eu vou tentar.

— Há coisas que o senhor deve saber, Grande Khagan — Chaol acrescentou. — Sobre Erawan. A ameaça que ele apresenta. O que você e essa terra podem oferecer contra ele. E podem ganhar no processo.

— Você pensa em planejar em um momento como este? — Arghun criticou.

— Não — Chaol disse claramente, sem hesitação. — Mas considere que Morath já chegou a estas margens. Já matou e prejudicou aqueles que você gosta. E se não nos levantarmos para encarar essa ameaça... — Seus dedos apertaram os de Yrene. — A princesa Duva será apenas a primeira. E a princesa Tumelun não será a última vítima de Erawan e dos valgs.

Nesryn deu um passo à frente.

— Nós chegamos com notícias graves do sul, Grande Khagan. As *kharankui* estão voltando novamente, chamadas pela... força sombria que as comanda. — Muitos se agitaram com o termo que ela usara. Mas alguns se entreolharam, confusão em seus olhos, e Nesryn explicou: — Criaturas da escuridão do reino valg. A guerra já vazou para estas terras.

Murmúrios silenciosos e farfalhar de trajés.

Mas o khagan não afastou os olhos de sua filha inconsciente.

— Salve-a — disse ele. Palavras dirigidas a Yrene.

Hafiza assentiu sutilmente para Yrene, fazendo um gesto para frente.

A mensagem era suficientemente clara: um teste. O final. Não entre Yrene e a Alta Curandeira. Mas algo muito maior.

Talvez o que realmente tivesse chamado Yrene para essas margens. A guiado por dois impérios, sobre montanhas e mares.

Uma infecção. Um parasita. Yrene enfrentou-os antes.

Mas esse demônio dentro... Yrene se aproximou da princesa adormecida.

E começou.

Capítulo 65

As mãos de Yrene não tremeram quando as ergueu diante dela.

A luz branca brilhava ao redor de seus dedos, encaixando-os, protegendo-os enquanto pegava a mão da princesa. Era tão leve, tão delicada, em comparação com os horrores que tinham sido feitos com ela.

A magia de Yrene ondulou e curvou-se quando ela alcançou o falso anel de casamento. Como se fosse uma espécie de magneto, distorcendo o mundo em torno dele.

A mão de Chaol se acomodou em suas costas em apoio silencioso.

Ela se preparou, respirando fundo enquanto seus dedos se fechavam ao redor do anel.

Foi pior.

Muito pior do que o que estivera dentro de Chaol.

Onde o dele fora uma mera sombra, este era uma piscina de tinta preta. Corrupção. O oposto de tudo neste mundo.

Yrene ofegou através dos dentes, a magia que cavava em torno de sua mão, a luz uma barreira, uma luva entre ela e aquele anel, e puxou.

O anel saiu.

E Duva começou a gritar.

Seu corpo se arqueou do sofá, Sartaq e Kashin indo para as pernas e os ombros, respectivamente.

Os dentes apertados, os príncipes prenderam sua irmã enquanto ela lutava contra eles, gritando sem palavras enquanto o feitiço de sono de Hafiza a mantinha inconsciente.

— *Você a está machucando* — disse o khagan.

Yrene não se incomodou em olhar para ele enquanto estudava Duva. O corpo que a princesa jogava para cima e para baixo, uma e outra vez.

— *Cale-se* — murmurou Hasar a seu pai. — Deixe-a trabalhar. Alguém traga um ferreiro para abrir esse maldito anel.

O mundo além deles desapareceu em borrão e som. Yrene estava vagamente ciente de um jovem homem...

O marido de Duva – correndo até eles. Cobrindo a boca com um grito; sendo mantido à distância por Nesryn.

Chaol apenas continuou ajoelhado ao lado de Yrene, tirando a mão de suas costas com uma última carícia calmante, enquanto ela olhava e olhava para Duva enquanto se contorcia.

— Ela vai machucar a si mesma — Arghun ferveu. — Pare com essa...

Um verdadeiro parasita. Uma sombra viva dentro da princesa. Preenchendo seu sangue, plantada em sua mente.

Ela podia sentir o demônio valg dentro, furioso e guinchando.

Yrene levantou as mãos diante dela. A luz branca encheu sua pele. Ela se tornou essa luz, mantida dentro das fronteiras agora fracas de seu corpo.

Alguém engasgou quando Yrene alcançou as mãos brilhantes e cegas para o peito da princesa, como se guiada por algum puxão invisível.

O demônio começou a entrar em pânico, sentindo sua abordagem.

Distante, ouviu Sartaq xingar. Ouviu madeira quebrando quando Duva dirigiu seu pé contra o braço do sofá.

Havia apenas o valg remexendo contra o poder. Somente suas mãos incandescentes alcançando a princesa.

Yrene colocou as mãos brilhantes no peito de Duva.

Luz aumentou, brilhante como um sol. As pessoas gritaram.

Mas tão rapidamente como apareceu, a luz sumiu, sugada para Yrene – onde suas mãos se encontraram no peito de Duva. Sugada para a própria princesa.

Junto com Yrene.

Era uma tempestade escura lá dentro.

Fria e furiosa e antiga.

Yrene sentiu aquilo enganchado lá. Enganchado em toda parte. Uma infecção de fato.

— *Vocês todos morrerão* — o demônio valg começou a silvar.

Yrene desencadeou seu poder.

Uma torrente de luz branca inundou cada veia e osso e nervo.

Não era um rio, mas uma onda de luz composta pelos inúmeros núcleos de seu poder – tantos que eram um legião, todos caçando cada canto escuro e furioso, cada fenda gritante de malícia.

Longe, além deles, um ferreiro chegou. Um martelo atingiu o metal.

Hasar grunhiu, o som ecoado por Chaol, bem no ouvido de Yrene.

Meio ciente, viu a pedra negra e brilhante que se encontrava dentro do metal enquanto passavam com cuidado para o lenço de cabeça de um vizir.

O demônio valg rugiu quando sua magia o sufocou, afogou-o. Yrene ofegou contra a revidada. Forçando-a.

A mão de Chaol novamente começou a esfregar as costas em linhas suaves.

Mais do mundo desapareceu.

Não tenho medo de você, disse Yrene no escuro. *E você não tem para onde correr.*

Duva se debateu, tentando soltar do aperto de Yrene. Yrene pressionou mais forte em seu peito.

O tempo diminuiu e se curvou. Ela estava vagamente consciente da dor nos joelhos, o peso nas costas. Pouco ciente de Sartaq e Kashin se recusando a oferecer sua posição à outra pessoa.

Ainda assim, Yrene enviou sua magia para Duva. Preenchendo-a com aquela luz devoradora.

O demônio gritou o tempo todo.

Mas pouco a pouco, ela explodiu de volta, explodiu mais fundo.

Até que viu, enrolado em seu núcleo.

Sua verdadeira forma... era tão horrível quanto imaginara.

A fumaça rodopiava e enrolava-se sobre aquilo, vislumbres reveladores de membros e garras, pelos cinza, pele lisa e olhos escuros anormalmente grandes de raiva enquanto o olhava.

Verdadeiramente olhava para ele.

Grunhiu, revelando dentes pontudos e afiados. *Seu mundo deve cair. Como os outros já caíram. Como todos os outros cairão.*

O demônio fincou garras profundamente na escuridão. Duva gritou. — Patético — disse Yrene.

Talvez tenha falado a palavra em voz alta, pois o silêncio caiu.

Distante, aquele vínculo fluindo... diminuiu. A mão em suas costas se afastou.

— Totalmente patético — repetiu Yrene, sua mágica se acumulando atrás dela em uma onda poderosa e branca — para um príncipe prender uma mulher indefesa.

O demônio revirou-se contra a onda, agarrando o escuro como se fosse cavar um túnel através de Duva.

Yrene empurrou para frente. Deixou sua onda cair.

E quando seu poder bateu no último remanescente do demônio, ele riu. *Não sou nenhum príncipe, garota. Mas uma princesa. E minhas irmãs logo a encontrarão.*

A luz de Yrene entrou em erupção, triturando e escorando, devorando qualquer último pedaço de escuridão...

Yrene voltou para seu corpo, caindo contra o chão. Chaol gritou seu nome.

Mas Hasar estava lá, levantando-a enquanto Yrene se segurava em Duva, com as mãos brilhando...

Duva tossiu, sufocando, tentando virar de lado.

— Virem-na — gritou Yrene aos príncipes, que obedeceram. No mesmo momento Duva levantou e vomitou sobre a borda do sofá. Salpicou os joelhos de Yrene, cheirando o inferno mais profundo. Mas ela examinou a bagunça. Comida, principalmente comida e manchas de sangue.

Duva vomitou novamente, um som profundo e estrangulado.

Somente fumaça preta saiu de seus lábios. Ela se esforçou para vomitar de novo e de novo.

Até que uma gavinha caísse nos pisos de esmeralda.

E enquanto as sombras escorriam dos lábios de Duva... Yrene o sentiu. Mesmo enquanto sua magia se esticava e deformava, sentiu quando o demônio valg desapareceu no nada.

Como orvalho dissolvido pelo sol.

Seu corpo estava frio e dolorido. Vazio. Sua magia drenada até sobrar quase nada.

Ela piscou para a parede de pessoas de pé ao redor do sofá.

Os filhos de khagan agora ladeavam o pai, as mãos em suas espadas, os rostos sombrios.

Letais – com raiva. Não de Yrene, nem de Duva, mas do homem que enviara aquilo para sua casa. Para sua família.

O rosto de Duva relaxou com uma respiração exalada, a cor voltando em suas bochechas.

O marido de Duva tentou chegar novamente a ela, mas Yrene o deteve com uma mão.

Pesada – sua mão estava tão pesada. Mas ela manteve o olhar em pânico do jovem. Que não estava no rosto de sua esposa, mas na barriga. Yrene assentiu para ele como se quisesse dizer, *vou olhar*.

Então ela colocou as mãos naquele útero redondo e alto.

Enviou sua sonda mágica, dançando ao longo dela, a vida lá dentro.

Algo novo e alegre respondeu.

Alto.

Seu pontapé despertou Duva com um *uf*, as pálpebras se abrindo.

Duva piscou para todos. Piscou para Yrene, para a mão que ela ainda mantinha na barriga dela.

— Ele é... — As palavras um sussurro rouco.

Yrene sorriu, ofegando suavemente, e aliviou um peso esmagador em seu peito.

— Saudável e humano.

Duva apenas olhou para Yrene até que as lágrimas se acumularam e fluíam daqueles olhos escuros.

Seu marido afundou em uma cadeira e cobriu o rosto, os ombros tremendo.

Houve um movimento apressado, e então o khagan estava lá.

E o homem mais poderoso da terra caiu de joelhos diante do sofá e alcançou a sua filha. Abraçou-a com força.

— É verdade, Duva? — Arghun exigiu da ponta do sofá, e Yrene resistiu ao desejo de gritar com ele sobre dar à mulher algum espaço para assimilar tudo o que suportou.

Sartaq não tinha reservas. Ele rosnou para o irmão mais velho:

— Cale a sua boca.

Mas antes que Arghun pudesse chiar uma réplica, Duva ergueu a cabeça do ombro do khagan.

As lágrimas escorriam por suas bochechas enquanto examinava Sartaq e Arghun. Então Hasar. E Kashin. E por último, o marido que levantou a cabeça de suas mãos.

Sombras ainda alinhavam aquele rosto encantador, mas eram sombras humanas.

— É verdade — sussurrou Duva, sua voz quebrando quando ela olhou de volta para seus irmãos e irmãs. — Tudo isso.

E enquanto tudo o que a confissão implicava começava a se assentar, o khagan envolveu-a novamente, balançando-a suavemente enquanto chorava.

Hasar permaneceu na outra ponta do sofá enquanto seus irmãos se pressionavam para abraçar sua irmã, algo como saudade no rosto dela.

Hasar percebeu o olhar de Yrene e articulou a palavra: *Obrigada*.

Yrene apenas inclinou a cabeça e recuou para onde Chaol esperava. Não ao seu lado, mas sentado em sua cadeira ao lado de um pilar próximo. Ele deve ter pedido a um criado para trazê-la de sua suíte quando o laço entre eles ficou fino enquanto lutava dentro de Duva.

Chaol dirigiu-se para ela, examinando seu rosto. Mas o próprio rosto dele não tinha nenhuma dor, nenhuma frustração.

Apenas admiração e tanta adoração que lhe tirou o fôlego. Yrene se sentou no colo dele e foi abraçada enquanto beijava sua bochecha.

Uma porta se abriu no corredor, e pés e saias apressadas encheram o ar. E soluços. A Grande Imperatriz soluçava enquanto se atirava para a filha.

Ela estava a um passo de Duva quando Kashin entrou em cena, segurando sua mãe pela cintura, o vestido branco balançando com a força de sua corrida interrompida. Ela falou em halha, rápido demais para Yrene entender, a pele acinzentada contra a cachoeira negra de seus cabelos longos e retos. Ela não parecia notar ninguém além da filha diante dela quando Kashin murmurou uma explicação, sua mão acariciando as costas delgadas de sua mãe em toques calmantes.

A Grande Imperatriz apenas caiu de joelhos e pegou Duva em seus braços.

Uma velha dor agitou-se em Yrene à visão de mãe e filha, à visão de ambas chorando de tristeza e alegria.

Chaol apertou seu ombro em uma compreensão tranquila enquanto Yrene saía de seu colo e eles se viraram para sair.

— Qualquer coisa — o khagan falou por sobre o ombro para Yrene, o homem ainda ajoelhado ao lado de Duva e sua esposa quando Hasar finalmente foi abraçar a irmã. A mãe delas apenas envolveu as duas princesas, beijando as irmãs em suas bochechas, sobranceiras e cabelos enquanto elas se mantinham unidas. — Qualquer coisa que desejar — disse o khagan. — Peça, e é seu.

Yrene não hesitou. As palavras saíram de seus lábios.

— Um favor, Grande Khagan. Gostaria de lhe pedir um favor.

O palácio estava em tumulto, mas Chaol e Yrene conseguiram se encontrar sozinhos com Nesryn e Sartaq. Sentados, de todos os lugares, na suíte deles.

O príncipe e Nesryn se juntaram a eles na longa caminhada de volta ao quarto, Chaol conduzindo a cadeira ao lado de Yrene. Ela oscilava em seus pés e era teimosa demais para mencionar isso. Até chegou a avaliar a *ele* com olhos afiados de curandeira, perguntando sobre as costas, as pernas. Como se fosse *ele* quem drenara o poder até as migalhas.

Ele sentiu a mudança dentro de seu corpo enquanto poderosas ondas do poder dela fluíam para Duva. Sentiu a tensão crescer em pontos de suas costas e pernas. Só então saiu do lado dela durante a cura, seus passos cambaleantes quando se encostou no braço de madeira de um assento nas proximidades e pediu em voz baixa ao criado mais próximo que trouxesse sua cadeira. Depois que retornaram, ele precisava dela – suas pernas ainda eram capazes de algum movimento, mas não de ficar de pé.

Mas isso não o frustrou, não o constrangeu. Se esse fosse o estado natural do seu corpo pelo resto de sua vida... não era um castigo, nem um pouco.

Ele ainda pensava nisso quando chegaram à suíte deles, refletindo sobre como poderiam resolver sua agenda – as batalhas e a cura.

Pois ele iria lutar. E se o poder dela fosse drenado, ele lutaria mesmo assim. Fosse montado num cavalo ou na própria cadeira.

E quando Yrene precisasse curar, quando a magia em suas veias a convocasse para aqueles campos de batalha e seu vínculo afinasse... ele conseguiria uma bengala ou a cadeira. Ele não se encolheria diante disso.

Se ele sobrevivesse à batalha. A guerra. Se *eles* sobrevivessem.

Ele e Yrene encontraram seus lugares na deplorável substituição do sofá dourado – o qual ele estava, honestamente, debatendo levar de volta a Adarlan com ele, em pedaços e tudo – enquanto Nesryn e o príncipe sentaram, com cuidado, em cadeiras separadas. Chaol tentou não se dar conta ou divertir-se com isso.

— Como sabiam que estávamos com problemas? — Yrene perguntou finalmente. — Antes de encontrarem com os guardas, quero dizer.

Sartaq piscou, tropeçando nos seus pensamentos. Um canto de sua boca ergueu-se.

— Kadja — ele falou, fazendo um movimento de queixo para a criada que servia chá diante deles. — Ela foi a única que viu Duva sair... para os túneis. Ela está... a meu serviço.

Chaol estudou a criada, que não deu nenhum sinal de que tinha ouvido.

— Obrigado — ele falou.

Mas Yrene deu um passo além, pegando a mão da mulher e apertando-a.

— Nós temos uma dívida de vida com você — ela disse. — Como podemos pagá-la?

Kadja apenas balançou a cabeça e afastou-se da sala. Eles a encararam por um momento.

— Arghun, sem dúvida, está debatendo se deve puni-la por isso — pensou Sartaq. — Por um lado, ela salvou Duva. Por outro... ela não falou nada para ele.

Nesryn franziu a testa.

— Nós precisamos encontrar uma maneira de protegê-la, então. Se ele é tão ingrato.

— Oh, ele é — disse Sartaq, e Chaol tentou não piscar para a casualidade entre eles, ou o uso do termo *nós*. — Mas pensarei nisso.

Chaol se absteve de revelar aquela notícia a Shen, Kadja teria um protetor fiel para o resto de sua vida.

— E agora? — Yrene apenas perguntou.

Nesryn passou a mão por seus cabelos escuros. Diferente. Sim, havia algo completamente diferente nela. Ela olhou para Sartaq – não em busca de permissão, mas... como se se assegurasse de que ele estava lá. Então disse as palavras que deixaram Chaol feliz por estar sentado.

— Maeve é uma rainha valg.

Tudo foi contado então. O que ela e Sartaq aprenderam nessas últimas semanas: aranhas estíguas, que eram na verdade infantaria valg. Um metamorfo que poderia ser o tio de Lysandra. E uma rainha valg que se mascarara como feérica há milhares de anos, escondendo-se dos reis demoníacos que ela atraiu para esse mundo ao tentar escapar deles.

— Isso explica por que os curandeiros feéricos também podem ter fugido — murmurou Yrene quando Nesryn ficou em silêncio. — Por que o próprio complexo de curandeiros de Maeve fica na fronteira com o mundo mortal. Talvez não para que possam alcançar humanos que precisam de cuidados... Mas como uma patrulha fronteira contra os valg que tentarem invadir seu território.

Quão perto os valg foram involuntariamente quando Aelin lutou contra aqueles príncipes em Wendlyn.

— Também explica por que Aelin disse ter visto uma coruja ao lado de Maeve quando se encontraram pela primeira vez — disse Nesryn, gesticulando para Yrene, cujas sobrancelhas se uniram.

— A coruja deve ser a forma feérica de um curandeiro — Yrene falou. — Um curandeiro que ela mantém por perto – como um guarda-costas. Permitiu que todos acreditassem ser algum animal de estimação...

A cabeça de Chaol girava. Sartaq lançou-lhe um olhar como se quisesse dizer que entendia bem o sentimento.

— O que aconteceu antes de chegarmos? — perguntou Nesryn. — Quando os encontramos...

A mão de Yrene apertou a dele. E foi a vez dele de dizer o que eles aprenderam, o que tinham suportado. Independentemente do que Maeve poderia planejar para fazer... Permanecia Erawan para enfrentar.

Até que Yrene murmurou:

— Quando eu curava Duva, o demônio... — Ela esfregou o peito. Ele nunca tinha visto qualquer coisa tão notável quanto aquela cura: o brilho cegante de suas mãos, a expressão quase sagrada no rosto dela. Como se ela fosse a própria Silba. — O demônio me disse que não era um príncipe valg... mas uma princesa.

Silêncio.

— A aranha. Ela alegou que os reis valg tinham filhos e filhas. Príncipes e princesas — Nesryn lembrou.

Chaol amaldiçoou. Não, suas pernas não o sustentariam agora, com Yrene recuperando lentamente o seu poder ou não.

— Nós precisaremos de uma Portadora do Fog o, parece — disse ele. E para traduzir os livros que Hafiza disse que entregaria com prazer à causa deles.

Nesryn mordeu o lábio.

— Aelin agora navega para o norte até Terrasen, um exército com ela. As bruxas também.

— Ou apenas as Treze — respondeu Chaol. — Os relatórios eram turvos. Talvez nem seja Manon Bico Negro.

— É ela — disse Nesryn. — Eu apostaria tudo nisso. — Ela dirigiu sua atenção para Sartaq, que assentiu com a cabeça – silenciosa permissão. Nesryn apoiou os antebraços sobre os joelhos. — Nós não voamos sozinhos quando voltamos para cá.

Chaol olhou entre eles.

— Quantos?

O rosto de Sartaq se contraiu.

— Os rukhin são vitais internamente, só pude arriscar trazer a metade. — Chaol esperou. — Então eu trouxe mil.

Ele estava realmente feliz por estar sentado. Mil cavaleiros ruk... Chaol coçou a mandíbula.

— Se conseguirmos nos juntar ao exército de Aelin, somando com as Treze e quaisquer outras Dentes de Ferro que Manon Bico Negro possa trazer para o nosso lado...

— Teremos uma legião aérea para combater Morath — terminou Nesryn, com os olhos brilhando. Com esperança, sim, mas algo como medo, também. Como se ela tivesse percebido o que seria o combate. As vidas em jogo. Ainda assim, ela se virou para Yrene. — E se você puder curar aqueles infectados pelos valg...

— Ainda precisamos encontrar uma maneira de derrubar seus hospedeiros — disse Sartaq. — O suficiente para Yrene e outros curandeiros possam curá-los.

Sim, também havia isso.

— Bem, como você disse, temos Aelin Portadora de Fogo lutando por nós, não é? — Yrene acrescentou. — Se ela pode produzir chama, certamente pode produzir fumaça. — Sua boca se curvou para o lado. — Posso ter algumas ideias.

Yrene abriu a boca como se fosse dizer mais, mas as portas da suíte se abriram e Hasar entrou.

Hasar pareceu parar quando viu Sartaq.

— Parece que estou atrasada para o conselho de guerra.

Sartaq apoiou o tornozelo sobre um joelho.

— Quem disse que é o que estamos discutindo?

Hasar reivindicou um assento para si e ajustou o cabelo que caía sobre um ombro.

— Você quer me dizer o que os ruks defecando nos telhados estão aqui só para fazê-lo parecer importante?

Sartaq sorriu calmamente.

— Sim, irmã?

A princesa apenas olhou para Yrene, depois para Chaol.

— Eu vou com vocês.

Chaol não se atreveu a se mover.

— Sozinha? — Yrene perguntou.

— Não sozinha. — A diversão zombeteira desapareceu de seu rosto. — Você salvou a vida de Duva. E a nossa, se ela ficasse mais ousada. — Um olhar para Sartaq, que a assistia com leve surpresa. — Duva é a melhor de nós. O melhor de mim. — A garganta de Hasar balançou. — Então eu irei com você, com quaisquer navios que eu puder levar, de modo que minha irmã nunca mais olhará por sobre o ombro com medo.

Exceto pelo medo dos irmãos, Chaol se absteve de dizer.

Mas Hasar pegou as palavras em seus olhos.

— Não ela — ela disse calmamente. — Todos os outros — ela acrescentou com um olhar para Sartaq, que assentiu sombriamente. — Mas nunca Duva.

Uma promessa não dita, Chaol percebeu, entre os outros irmãos.

— Então ainda terá que sofrer com minha companhia por um tempo, lorde Westfall — Hasar falou, mas aquele sorriso não era mais tão cortante. — Porque por minhas irmãs, vivas e mortas, vou marchar com meu *sulde* até os portões de Morath e fazer que o demônio bastardo pague. — Ela encontrou o olhar de Yrene. — E por você, Yrene Towers, pelo o que fez por Duva, eu a ajudarei a salvar sua terra.

Yrene levantou-se, as mãos tremendo. E nenhum deles falou uma palavra quando Yrene chegou ao assento de Hasar e jogou os braços ao redor do pescoço para abraçar a princesa com força.

Capítulo 66

Nesryn estava totalmente drenada. Queria dormir por uma semana. Um mês.

Mas, de alguma forma, encontrou-se caminhando pelos corredores, visando o minarete de Kadara. Sozinha.

Sartaq tinha ido ver seu pai, Hasar se juntando a ele. E, embora não tenha sido estranho com Chaol e Yrene... Nesryn deu-lhes a sua privacidade. Ele esteve no limiar da morte, afinal. Ela tinha poucas ilusões sobre o que provavelmente aconteceria naquela suíte.

E que ela teria que encontrar aposentos para si.

Nesryn supôs que teria que encontrar quartos para algumas pessoas esta noite – começando com Borte, que se maravilhou com Antica e o mar, mesmo enquanto eles viajavam tão rápido quanto os ventos podiam carregá-los. E Falkan, que de fato veio com eles, andando como um rato no bolso de Borte, Yeran nada satisfeito sobre isso. Ou assim ele parecera na última vez que o viu no abrigo Eridun, Sartaq pedindo às várias mães postiças e aos capitães para reunir seus rukhin e voar para Antica.

Nesryn chegou à escada que levava ao minarete quando a carta a encontrou. O menino estava ofegante, mas conseguiu dar uma reverência graciosa enquanto lhe entregava uma carta.

Estava datada há duas semanas. Na caligrafia de seu tio.

Os dedos dela tremiam quando quebrou o lacre.

Um minuto depois, ela estava correndo pela escada do minarete.

As pessoas gritaram com admiração e surpresa quando o ruk avermelhado voou sobre os edifícios e casas de Antica.

Nesryn murmurou para o pássaro, orientando-o para o bairro Runni enquanto voavam em uma brisa beijada pelo sal tão rápido quanto suas asas poderiam levá-los.

Ela o reivindicara ao deixar Eridun.

Tinha ido direto aos ninhos, onde ele ainda esperava por um cavaleiro que nunca mais voltaria, e olhou profundamente em seus olhos dourados. Disse-lhe que o nome dela era Nesryn Faliq, e ela era filha de Sayed e Cybele Faliq, e que seria sua cavaleira, se ele a aceitasse.

Ela se perguntou se o ruk, cujo último cavaleiro o chamara de Salkhi, sabia se a queimação em seus olhos não tinha sido do vento rugindo quando ele inclinou a cabeça para ela.

Então ela o montou, Salkhi seguindo o ritmo com Kadara na frente da legião enquanto o rukhin voava para o norte. Voava para Antica.

E agora, quando Salkhi pousou na rua na frente da casa de seu tio, alguns vendedores abandonaram seus carrinhos em terror absoluto, algumas crianças deixaram cair seus brinquedos para admirar, então sorriram – Nesryn deu um tapinha em seu ruk de pescoço largo e desmontou.

Os portões da frente da casa do tio se abriram.

E quando ela viu seu pai parado ali, quando sua irmã passou, os filhos dela gritando...

Nesryn caiu de joelhos e chorou.

Como Sartaq a encontrou duas horas depois, Nesryn não sabia. Embora ela supusesse que um ruk sentado na rua de um bairro extravagante de Antica com certeza causaria agitação. E seria fácil de detectar.

Ela chorou e riu e abraçou sua família por minutos incontáveis, bem no meio da rua, Salkhi assistindo.

E quando seu tio e sua tia os chamaram para *pelo menos chorar com uma boa xícara de chá*, sua família contou-lhe sobre suas aventuras. Os mares selvagens que haviam navegado, os inimigos que seu navio

havam evitado em sua viagem até aqui. Mas eles haviam conseguido – e aqui ficariam quando a guerra explodisse, disse seu pai, ao balançar a cabeça para os tios dela.

Quando finalmente saiu dos portões da casa, seu pai reivindicou a honra de escoltar Nesryn até Salkhi – depois de ter mandado a irmã cuidar de todas aquelas crianças – mas Nesryn parou tão subitamente que seu pai quase se chocou contra suas costas.

Porque ao lado de Salkhi estava Sartaq, um meio sorriso no rosto. E do outro lado de Salkhi... Kadara esperava pacientemente, os dois ruks um par orgulhoso.

Os olhos de seu pai se arregalaram, como se reconhecessem o ruk diante do príncipe.

Então, seu pai se curvou. Profundamente.

Nesryn tinha contado a sua família – com detalhes moderados – o que aconteceu entre os rukhin. Sua irmã e a tia a encararam quando as várias crianças começaram a declarar que elas também seriam cavaleiros ruk.

E depois correram pela casa, gritando e balançando os braços, pulando móveis como animais selvagens.

Ela esperava que Sartaq permanecesse no lugar para ser abordado, mas o príncipe viu seu pai e avançou. Então estendeu a mão e apertou a dele.

— Ouvi dizer que a família da capitã Faliq finalmente chegou em segurança — Sartaq falou como saudação. — Pensei em vir eu mesmo recebê-lo.

Algo inchou em seu peito até o ponto de doer quando Sartaq inclinou a cabeça para o pai.

Sayed Faliq parecia que poderia muito bem morrer, fosse pelo gesto de respeito ou pela mera presença de Kadara mais atrás. Na verdade, várias pequenas cabeças agora apareceram atrás das pernas dele, avaliando o príncipe, então os ruks e depois...

— *KADARA!*

O filho mais novo dos tios – não mais do que quatro anos – gritou o nome da ruk alto o suficiente para que qualquer um na cidade que não soubesse que o pássaro estava nesta rua agora estivesse bem ciente.

Sartaq riu quando as crianças empurraram o pai de Nesryn, correndo para o pássaro dourado.

Sua irmã estava em seus calcanhares, advertência saltando de seus lábios...

Até que Kadara se abaixou no chão, Salkhi seguindo o exemplo. As crianças pararam, a reverência os maravilhando enquanto estendiam as mãos para os dois ruks e acariciaram-nos gentilmente.

A irmã de Nesryn suspirou com alívio. Então percebeu quem estava diante de Nesryn e seu pai.

Delara ficou vermelha. Espanou o vestido, como se de alguma forma fosse esconder as recentes manchas de comida, cortesia de seu filho mais novo. Então ela voltou lentamente para a casa, fazendo uma reverência enquanto se afastava.

Sartaq riu quando ela desapareceu – mas não antes de Delara dar a Nesryn um olhar afiado que dizia: *Oh, vocês estão tão apaixonados que nem sequer vale a pena rir.*

Nesryn deu a sua irmã um gesto vulgar atrás de suas costas que seu pai escolheu não ver.

— Peço desculpas se meus netos e sobrinhos tomarem algumas liberdades com seu ruk, príncipe — seu pai disse para Sartaq.

Mas Sartaq sorriu amplamente – um sorriso mais brilhante do que qualquer que ela tivesse visto antes.

— Kadara finge que ser uma nobre montaria, mas ela é mais uma galinha mãe do que qualquer outra coisa.

Kadara soprou suas penas, ganhando gritos de felicidade das crianças.

O pai de Nesryn apertou o ombro dela antes de dizer ao príncipe:

— Acho que vou impedi-los de tentar voar sobre ela.

E então eles estavam sozinhos. Na rua. Do lado de fora da casa do tio. Toda a Antica agora olhando para eles.

Sartaq não pareceu notar. Certamente, não quando perguntou:

— Caminha comigo?

Engolindo, com um olhar para trás onde seu pai agora supervisionava o bando de crianças tentando escalar Salkhi e Kadara, Nesryn assentiu.

Eles dirigiram-se para a ruela silenciosa e limpa atrás da casa do tio, caminhando em silêncio por alguns passos.

Até que Sartaq disse:

— Falei com meu pai.

E ela se perguntou, então, se esse encontro não seria bom. Se o exército que eles trouxeram seria ordenado a voltar aos abrigos. Ou se o príncipe, a vida que ela viu por si mesma naquelas lindas montanhas... se talvez a realidade disso também o tivesse encontrado.

Pois ele era um príncipe. E por tudo que ela amava sua família, por tudo o que a fazia tão orgulhosa, lá não havia uma gota nobre de sangue em sua linhagem. Seu pai apertando a mão de Sartaq era o mais próximo que qualquer Faliq já havia chegado da realeza.

— Oh? — Foi o que Nesryn conseguiu dizer.

— Nós... discutimos coisas.

Seu peito se afundou às palavras cuidadosas.

— Entendo.

Sartaq parou, a ruela zumbindo com as abelhas vibrantes circulando sobre o jasmim que crescia nos muros dos pátios externos. E atrás deles o pátio dos fundos, privado, pertencente à família. Ela queria que poder pular o muro e se esconder. Em vez de ouvir.

Mas Nesryn se forçou a encontrar os olhos do príncipe. Viu-o observando seu rosto.

— Eu disse a ele — Sartaq falou finalmente — que eu planejava liderar o rukhin contra Erawan, com ou sem o seu consentimento.

Pior. Isso estava piorando. Ela desejou que o rosto dele não fosse tão ilegível.

Sartaq respirou fundo.

— Ele me perguntou por quê.

— Espero que você tenha dito que o destino do mundo poderia depender disso.

Sartaq riu.

— Eu disse. Mas também disse a ele que a mulher que eu amo planeja entrar em guerra. E eu pretendo segui-la.

Ela não deixou que as palavras fossem absorvidas. Não se deixou acreditar nelas, até que ele terminasse.

— Ele me respondeu que você é nascida comum. Que um futuro herdeiro do khagan precisa casar com uma princesa, ou uma dama, ou alguém com terras e alianças para oferecer.

Sua garganta se fechou. Ela tentou desligar o som, as palavras. Não queria ouvir o resto.

Mas Sartaq pegou sua mão.

— Eu disse a ele que se isso era o necessário para ser escolhido herdeiro, eu não queria. E saí.

Nesryn prendeu a respiração.

— Você ficou *louco*?

Sartaq sorriu fracamente.

— Eu certamente espero que não, pelo bem desse império. — Ele a puxou para perto, até que seus corpos estavam quase se tocando. —

Porque meu pai me nomeou herdeiro antes que eu pudesse sair da sala.

Nesryn deixou seu corpo. Só pôde respirar.

E quando ela tentou fazer uma reverência, Sartaq agarrou seus ombros firmemente. Parou-a antes que sua cabeça pudesse abaixar.

— Nunca de você — ele disse em voz baixa.

Herdeiro – ele fora feito herdeiro. Para tudo isso. Esta terra que ela amava, essa terra que ela ainda desejava tanto explorar que doía.

Sartaq levantou a mão para cobrir sua bochecha, seus calos raspando a pele dele.

— Nós voamos para a guerra. Muita coisa é incerta à frente. Menos isso. — Ele roçou a boca contra a dela. — Menos o que eu sinto por você. Nenhum exército demoníaco, nenhuma rainha ou rei sombrio, mudará isso.

Nesryn estremeceu, deixando as palavras assentarem.

— Eu... Sartaq, você é *herdeiro*...

Ele se afastou para estudá-la novamente.

— Vamos à guerra, Nesryn Faliq. E quando acabarmos com Erawan e seus exércitos, quando a escuridão for finalmente banida deste mundo... Então você e eu voltaremos para cá. Juntos. — Ele a beijou novamente – uma carícia de sua boca. — E assim devemos permanecer pelo resto de nossos dias.

Ela ouviu a oferta, a promessa.

O mundo que ele colocou a seus pés.

Ela tremia por isso. Ao que ele deu tão livremente. Não o império e a coroa, mas... a vida. Seu coração.

Nesryn se perguntou se ele sabia que seu coração era dele desde aquele primeiro voo em cima de Kadara.

Sartaq sorriu como se dissesse sim, ele sabia.

Então ela envolveu os braços ao redor de seu pescoço e o beijou.

Foi experimental, suave e cheio de admiração, aquele beijo. Ele tinha gosto de vento, como uma primavera na montanha. Ele tinha gosto de lar.

Nesryn apertou seu rosto entre as mãos enquanto se afastava.

— Para a guerra, Sartaq — ela sussurrou, memorizando cada linha de seu rosto. — E então veremos o que vem depois.

Sartaq deu-lhe um sorriso sabido e arrogante. Como se tivesse decidido completamente o que viria depois e que nada poderia dizer o contrário.

E do pátio a apenas um muro de distância, sua irmã gritou, alto o suficiente para todo o bairro ouvir:

— *Eu te disse, pai!*

Capítulo 67

Duas semanas depois, mal tinha amanhecido quando Yrene encontrou-se no convés de uma embarcação bela e maciça e assistiu o sol subir por Antica pela última vez.

O navio estava agitado com a atividade, mas ela ficou na balaustrada e contou os minaretes do palácio. Correu um olho em cada quarteirão brilhante, a cidade se movendo na nova luz.

Os ventos de outono já chicoteavam os mares, o navio balançando e sacudindo debaixo dela.

Casa. Eles navegariam para casa hoje.

Ela não tinha feito muitas despedidas, não havia necessidade. Mas Kashin a encontrou assim que ela pisou nas docas. Chaol deu ao príncipe um aceno de cabeça antes de levar sua égua ao navio.

Por um longo momento, Kashin olhou para o navio – para os outros se reunindo no porto. Então disse em voz baixa:

— Eu gostaria de nunca ter falado uma palavra nas estepes naquela noite.

Yrene começou a balançar a cabeça, sem saber o que dizer.

— Eu senti sua falta – como minha amiga — continuou Kashin. — Não tenho muitos deles.

— Eu sei — ela conseguiu dizer. E depois acrescentou: — Eu também senti falta sua como meu amigo.

Pois ela sentia. E o que ele estava agora disposto a fazer por ela, seu povo...

Ela pegou a mão de Kashin. Apertou-a. Ainda havia dor em seus olhos, iluminando seu rosto bonito, mas além disso... compreensão. E um brilho claro e impávido enquanto contemplava o horizonte do norte.

O príncipe apertou sua mão de volta.

— Obrigado novamente – por Duva. — Um pequeno sorriso em direção àquele céu do norte. — Nós nos encontraremos novamente, Yrene Towers. Tenho certeza disso.

Ela sorriu de volta para ele, além das palavras. Mas Kashin piscou, puxando sua mão.

— Meu *sulde* ainda sopra para o norte. Quem sabe o que posso encontrar na estrada à frente? Especialmente agora que Sartaq carrega a responsabilidade como herdeiro, e sou livre para fazer o que quiser.

A cidade estava em alvoroço por isso. Comemorando, debatendo – ainda se enfurecendo. O que os outros irmãos reais pensavam, Yrene não sabia, mas... havia paz nos olhos de Kashin. E nos olhos dos outros, quando Yrene os viu. E parte dela se perguntou se Sartaq firmara alguns acordos que iam além de *Nunca Duva*. Para talvez *Nunca nós*.

Yrene sorriu de novo para o príncipe – para o seu amigo.

— Obrigada, por toda a sua bondade.

Kashin apenas se curvou para ela e foi embora na luz cinzenta.

E desde então, Yrene ficara no convés deste navio, observando silenciosamente o despertar da cidade ficando para trás enquanto os outros preparavam coisas ao seu redor e sob seus pés.

Durante longos minutos, ela respirou o mar e as especiarias e os sons de Antica sob o sol nascente.

Segurou-os profundamente nos pulmões, deixando-os assentar. Deixou seus olhos beberem a totalidade das pedras cor de creme da Torre Cesme subindo acima de tudo.

Mesmo no início da manhã, a torre era um farol, uma lança sobressalente de esperança e calma.

Ela se perguntou se a veria novamente. Porque o que estava a frente deles...

Yrene apoiou as mãos na balaustrada enquanto outra rajada de vento balançava o navio. Um vento do interior, como se todos os trinta e seis deuses de Antica soprassem uma respiração coletiva para enviá-los para casa.

Através do Mar Estreito – e para a guerra.

O navio começou a se mover, o mundo uma mistura de ação e cor e som, mas Yrene permaneceu lá. Observando a cidade diminuir cada vez mais.

E mesmo quando a costa era pouco mais do que uma sombra, Yrene poderia jurar que ainda podia enxergar a Torre acima dela, brilhando branca ao sol, como se fosse um braço levantado em despedida.

Capítulo 68

Chaol Westfall não desconsiderou nenhum de seus passos. Mesmo os que o enviaram correndo para um balde para expulsar o conteúdo do seu estômago durante os primeiros dias no mar.

Mas uma das vantagens de viajar com uma curandeira era que Yrene aliviava facilmente as dores em seu estômago. E depois de duas semanas no mar, esquivando-se de tempestades ferozes que o capitão só chamava de Provocadora de Naufrágios... seu estômago finalmente se acalmou.

Ele encontrou Yrene na balaustrada da proa, olhando para a terra. Ou onde a terra estaria, se eles ousassem navegar perto o suficiente. Eles estavam mantendo-se longe enquanto contornavam a costa do continente, e de acordo com o encontro que tivera com o capitão momentos antes, eles estavam em algum lugar perto do norte de Eyllwe. Perto da fronteira de Charco Lavrado.

Nenhum sinal de Aelin ou seu exército, mas era de se esperar, considerando quanto tempo eles estiveram atrasados em Antica antes de sair.

Mas Chaol afastou isso de sua mente enquanto deslizava os braços em torno da cintura de Yrene e pressionava um beijo na curva de seu pescoço.

Ela nem ficou rígida ao ser tocada por trás. Como se tivesse aprendido a cadência de seus passos. Como se também não desconsiderasse nenhum deles.

Yrene recostou-se nele, seu corpo descansando com um suspiro ao mesmo tempo em que em que colocava as mãos em cima das dele, que descansavam sobre o estômago dela.

Levou um dia inteiro após a cura de Duva antes de ele conseguir caminhar com a bengala – embora rigidamente e de forma desigual. Como aconteceu naqueles primeiros dias de recuperação: suas costas

se esforçaram ao ponto de doer, cada passo exigindo toda a sua atenção. Mas ele apertou os dentes, Yrene murmurando encorajamentos quando ele teve que fazer vários movimentos. Um dia depois, a maior parte da dor nas coxas tinha diminuído, embora ele tivesse mantido a bengala; e um dia depois, ele caminhava com um desconforto mínimo.

Mas mesmo agora, depois destas duas semanas no mar com pouco para Yrene curar além de estômagos nauseados e queimaduras de sol, Chaol manteve a bengala em sua cabine e a cadeira guardada abaixo do deque, para quando forem necessárias.

Ele olhou por cima ombro de Yrene, para os dedos entrelaçados. Para os anéis gêmeos agora em suas mãos.

— Observar o horizonte não nos fará is mais rápido — ele murmurou em seu pescoço.

— Nem provocar sua esposa sobre isso.

Chaol sorriu contra sua pele.

— De que outra maneira devo divertir-me durante as longas horas do que com provocações, lady Westfall?

Yrene bufou, como sempre fazia ao título. Mas Chaol nunca ouvira nada mais belo, além dos votos falados no templo de Silba na Torre há duas semanas e meia. A cerimônia tinha sido pequena, mas Hasar insistiu em um banquete que envergonhou todos os outros que tiveram no palácio.

A princesa podia ser muitas coisas, mas certamente sabia dar uma festa.

E como liderar uma armada.

Os deuses o ajudassem quando Hasar e Aedion se encontrassem.

— Para alguém que odeia ser chamado lorde Westfall — divagou Yrene — você certamente parece que gosta de usar o título em mim.

— Você é adequada para ele — ele disse, beijando novamente o pescoço dela.

— Sim, tão adequada que Eretia não para de zombar de mim com sua reverência.

— Eretia é alguém que eu poderia ter deixado de bom grado em Antica.

Yrene riu, mas beliscou seu pulso, saindo do abraço dele.

— Você ficará feliz por ela quando chegarmos a terra.

— Eu certamente espero que sim.

Yrene beliscou-o novamente, mas Chaol pegou sua mão e plantou um beijo em seus dedos.

Esposa – sua esposa. Ele nunca vira o caminho à frente com tanta clareza como naquela tarde três semanas atrás, quando ele a viu sentada no jardim e só... soube.

Ele sabia o que queria, e então foi até o banco, ajoelhou-se diante dela, e simplesmente pediu.

Você se casará comigo, Yrene? Será minha esposa?

Ela jogou os braços em volta do pescoço dele, derrubando-os na fonte. Onde eles tinham permanecido para o aborrecimento dos peixes, beijando-se até que um criado tivesse tossido com força ao passar.

E olhando para ela agora, o ar do mar fazendo os seus cabelos flutuarem, trazendo as sardas no nariz e bochechas... Chaol sorriu.

O sorriso de resposta de Yrene era mais brilhante do que o sol refletindo no mar à sua volta.

Ele trouxe aquele maldito sofá dourado junto, almofadas rasgadas e tudo. Isso lhe rendeu um sortimento de comentários de Hasar quando foi levado para o depósito de carga, mas ele não se importou. Se eles sobrevivessem a esta guerra, ele construiria uma casa para Yrene em torno da maldita coisa. Junto com um estábulo para Farasha, atualmente aterrorizando os pobres soldados encarregados de cuidar de sua baía a bordo do navio.

Um presente de casamento de Hasar, juntamente com o próprio cavalo Muniqi de Yrene.

Ele quase disse à princesa que ela poderia ficar o cavalo de Hellas, mas havia algo a ser dito sobre a perspectiva de levar os soldados ao pé de Morath em cima de um cavalo chamado Borboleta.

Ainda encostada nele, Yrene envolveu uma mão ao redor do medalhão que ela nunca tirava, salvo para tomar banho.

Ele se perguntou se poderia modificá-lo para refletir suas novas iniciais.

Não mais Yrene Towers, agora Yrene Westfall.

Ela sorriu para o medalhão, a prata quase branca no sol do meio-dia.

— Suponho que não eu preciso mais dele.

— Por quê?

— Porque não estou sozinha — disse ela, passando os dedos pelo metal. — E porque encontrei minha coragem.

Ele beijou sua bochecha, mas não disse nada quando ela abriu o medalhão e cuidadosamente removeu o papel amarelado. O vento tentou arrancá-lo de seus dedos, mas Yrene manteve-o apertado, desdobrando o fino bilhete.

Ela observou o texto que lera mil vezes.

— Eu me pergunto se ela voltará para esta guerra. Quem quer que ela seja. Ela falou do império como... — Yrene sacudiu a cabeça, mais para si mesma, e o dobrou novamente. — Talvez ela volte para casa para lutar, para onde quer que tenha embarcado. — Ela lhe ofereceu o papel a ele e voltou a encarar o mar à frente.

Chaol pegou o bilhete de Yrene, o papel de macio como veludo das inúmeras vezes que ela leu e dobrou e manteve no bolso, segurando-o durante todos esses anos.

Ele desdobrou o bilhete e leu as palavras que já sabia que estavam dentro:

Para onde precisar ir – e mais um pouco. O mundo precisa de mais curandeiros.

As ondas se acalmaram. O próprio navio pareceu parar.

Chaol olhou para Yrene, sorrindo serenamente para o mar, depois para o bilhete.

Para a caligrafia que conhecia tão bem quanto a dele.

Yrene ficou imóvel com as lágrimas que ele não conseguiu impedir que escorressem pelo rosto.

— O que está errado?

Ela teria dezesseis, quase dezessete anos então. E se ela esteve em Innish...

Estaria a caminho do Deserto Vermelho, para treinar com os Assassinos Silenciosos. Os ferimentos que Yrene descreveu... O espancamento que Arobynn Hamel lhe aplicou, uma punição por libertar os escravos de Rolfe e destruir a Baía da Caveira.

— Chaol?

Para onde precisar ir – e mais um pouco. O mundo precisa de mais curandeiros.

Ali, na caligrafia dela...

Chaol ergueu os olhos, piscando as lágrimas enquanto olhava o rosto de sua esposa. Todos os lindos traços, aqueles olhos dourados.

Um presente.

Um presente de uma rainha que tinha visto outra mulher no inferno e pensou em estender a mão. Sem nenhum pensamento de conseguir algo em troca. Um momento de bondade, um puxão em um fio...

E mesmo Aelin não podia saber disso ao salvar uma garçonele daqueles mercenários, ensinando-a a se defender, dar-lhe ouro e esse bilhete...

Mesmo Aelin não poderia ter sabido, sonhado ou adivinhado como esse momento de bondade seria respondido.

Não apenas por uma curandeira abençoada pela própria Silba, capaz de limpar os valgs do corpo humano.

Mas por trezentas curandeiros que tinham vindo junto.

As trezentas curandeiras da Torre, agora espalhadas pelos mil navios do khagan.

Um favor, Yrene pediu ao homem em troca de salvar sua filha mais querida.

Qualquer coisa, o khagan havia prometido.

Yrene se ajoelhou diante do khagan. *Salve meu povo.*

Isso foi tudo o que ela pediu. Tudo o que ela implorou.

Salve meu povo.

Então o khagan respondeu.

Com mil navios da armada de Hasar, e os dele. Cheio de soldados de Kashin e a cavalaria Darghan.

E acima deles, atravessando o horizonte muito atrás do navio com a bandeira que Chaol e Yrene agora navegavam... Acima deles voavam mil rukhins liderados por Sartaq e Nesryn, de todos abrigos e ninhos.

Um exército para desafiar Morath, com mais por vir, ainda se reunindo em Antica sob o comando de Kashin. Duas semanas, Chaol dera ao khagan e Kashin, mas com as tempestades de outono, ele não queria arriscar esperar por mais tempo. Então, esse exército inicial... Apenas metade. Apenas metade, e ainda a extensão que navegava e voava atrás dele...

Chaol dobrou o bilhete ao longo de suas linhas bem lidas e colocou-o cuidadosamente dentro do medalhão de Yrene.

— Guarde-o um pouco mais — ele disse suavemente. — Acho que há alguém que vai querer ver isso.

Os olhos de Yrene se encheram de surpresa e curiosidade, mas ela não perguntou nada quando Chaol deslizou os braços ao redor dela mais uma vez e abraçou-a com força.

Cada passo, todos eles, o trouxeram até aqui.

Desde a fortaleza nas montanhas nevadas onde um homem com um rosto tão duro quanto a rocha que os rodeava e o jogou no frio; para aquela mina de sal em Endovier, onde uma assassina com olhos como fogueiras tinha sorrido para ele, inteira apesar de um ano no inferno.

Uma assassina que encontrou sua esposa, ou elas se encontraram, duas mulheres abençoadas por deusas vagando pelas sombras do mundo. E que agora detinham o destino do mundo.

Cada passo. Cada curva na escuridão. Cada momento de desespero, raiva e dor.

Isso o levou até exatamente onde precisava estar.

Onde queria estar.

Um momento de bondade. De uma jovem mulher que acabava com vidas para uma jovem que as salvava.

Aquele fragmento de escuridão dentro dele encolheu ainda mais. Retrocedeu e fraturou em nada além de poeira que foi varrida pelo vento do mar. Passou pelos mil navios navegando orgulhosos e inflexíveis atrás dele. Passou pelas curandeiras dispersas entre soldados e cavalos liderados por Hafiza, que vieram quando Yrene também pediu que salvassem seu povo. Passou pelos ruks subindo pelas nuvens, procurando qualquer ameaça à frente.

Yrene o observava cautelosamente. Ele a beijou uma – duas vezes.

Ele não se arrependia. Ele não olhava para trás.

Não com Yrene em seus braços, ao seu lado. Não com o bilhete que ela carregava, aquela pequena prova... aquela pequena prova de que ele estava exatamente onde deveria estar. Que ele sempre esteve indo para lá. Aqui.

— Será que ouvirei uma explicação para essa reação dramática — Yrene falou finalmente, estalando a língua — ou você só vai me beijar pelo resto do dia?

Chaol retumbou uma risada.

— É uma longa história. — Ele escorregou um braço em torno da cintura dela e olhou para o horizonte. — E você pode querer se sentar primeiro.

— Esse é o meu tipo favorito de história — disse ela, piscando.

Chaol riu novamente, sentindo o som em todas as partes de seu corpo, deixando que soasse claro e brilhante como um sino. Um último e alegre ressoar antes da tempestade da guerra começar.

— Vamos — disse ele a Yrene, acenando com a cabeça para os soldados trabalhando ao lado dos homens de Hasar para manter os navios navegando rapidamente para o norte – para a batalha e o derramamento de sangue. — Eu vou te contar durante o almoço.

Yrene se ergueu na ponta dos pés para beijá-lo antes de seguirem para a sua cabine espaçosa.

— Essa história, é melhor valer a pena — ela falou com um sorriso irônico.

Chaol sorriu de volta para sua esposa, a luz a quem ele seguiu inconscientemente durante toda a sua vida, mesmo quando não

conseguiu vê-la.

— Sim — ele respondeu baixinho para Yrene. — Ela vale.

Capítulo Bônus

Coração de fogo

Eles a tinham fechado num caixão de escuridão e ferro.

Ela dormiu, porque eles a forçaram – fumaça doce espiralou através dos buracos para respirar escondidos na superfície de ferro acima. Ao redor. Abaixo.

Um caixão construído por uma rainha antiga para prender o sol dentro.

Envolta em ferro, encaixotada, ela dormiu. Sonhou.

Através dos mares, através da escuridão, através do fogo. Uma princesa de nada. Sem nome.

A princesa cantou para a escuridão, para a chama. E eles cantaram de volta.

Não havia começo, fim ou meio. Somente a música, o mar e o caixão de ferro que se tornou sua residência.

Até que eles se foram.

Até que a luz ofuscante inundou o sono adormecido e quente. Até o vento atingi-la, forte e trazendo cheiro de chuva.

Ela não podia senti-lo em seu rosto. Não com a máscara de morte ainda acorrentada a ela.

Seus olhos se abriram. A luz queimou todas as formas e cores depois de tanto tempo nas profundezas escuras.

Mas um rosto apareceu diante dela, acima dela. Olhando por cima da tampa que havia sido puxada de lado.

Cabelos escuros e fluídos. Pele pálida à luz da lua. Lábios tão vermelhos como sangue.

A boca da rainha antiga se separou em um sorriso.

Dentes brancos como ossos.

— Você está acordada. Bom.

Encantadora e fria, era uma voz que podia devorar as estrelas.

De algum lugar da luz cegante, mãos ásperas e cheias de cicatrizes chegaram ao caixão.

Puxaram as correntes que a prendiam. O caçador da rainha; a lâmina da rainha.

Ele puxou a princesa para cima, seu corpo distante, dolorido. Ela não queria deslizar de volta para esse corpo. Lutou contra isso, agarrando a chama e a escuridão que agora se afastavam dela como uma maré da manhã.

Mas o caçador puxou-a mais perto daquele rosto cruel e lindo, assistindo-a com um sorriso de aranha.

E ele a manteve imóvel enquanto a rainha antiga ronronava:

— Vamos começar.

